This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

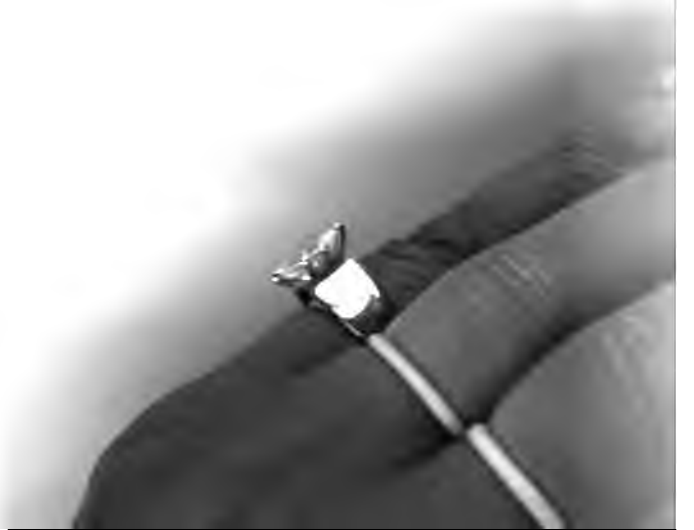
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

056.5
R45

STANFORD·UNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION



REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO OITAVO

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
31, TRAVESSA DO OUVIDOR, 31

1896

REVISTA

J C Branner

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO OITAVO

NG LIBRARY

JANEIRO
vista Brazileira
ro ouvidor, 31

896

REVISTA

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO OITAVO

LIBRARY
EIRO
ta Brazileira
UVIDOR, 31
6

056.5
R45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO OITAVO

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
81, TRAVESSA DO OUVIDOR, 81

1896

REVISTA

BRAZILEIRA

SEGUNDO ANNO

TOMO OITAVO

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
31, TRAVESSA DO OUVIDOR, 31

1896

समाप्त

HENRIQUETA RENAN

Um spartano, convidado a ouvir alguem que imitava o canto do rouxinol, respondeu friamente: Já ouvi o rouxinol. O mesmo dirás tu, se leste *Henriqueta Renan*, a quem quer que se proponha falar desta senhora que tamanha influencia teve no autor da *Vida de Jesus*. A differença é que aqui ninguem te convida a ver imitar o inimitavel. Renan é o proprio rouxinol; ninguem poderá dizer nada depois do estylo incomparavel e da grande emoção daquellas paginas. Assim é que não venho contar o que leste ou podes ler nessa lingua unica, mas trazer sómente, com os subsidios posteriores, um esboço da amiga pia e discreta, intelligencia fina e culta, vontade forte e louga, capaz de esforços grandes para cumprir deveres altos, ainda que obscuros. Os renanistas da nossa terra, aliás poucos, são como todos os devotos de um espirito eminente; não lhe amam só os livros e actos publicos, mas tudo o que a elle se refere, seja goso intimo ou tristeza particular. De um seu eu, que talvez por vir tambem do seminario, é o mais absoluto de todos. Esse, si estivesse agora na antiga Byblos, iria até á aldêa de Amschit, onde descançam os restos da irmã querida do mestre. Sentar-se-ia ao pé das palmeiras para evocar a sombra daquella nobre creatura. A memoria lhe traria novamente os passos de uma vida feita de sacrificio e de trabalho, começada em uma cidadesinha da Bretanha, continuada em Pariz, na Polonia e na Italia, e acabada no recanto modesto de um pedaço da Asia.

A vida de Henriqueta Renan completa-se pelas cartas trocadas entre os dois irmãos, ella nos confins da Polonia, elle na provincia e em Paris. Destas me servirei principalmente. A impressão original do opusculo de Renan, feita em 1862, não foi divulgada: cem exemplares bastaram para recordar Henriqueta ás pessoas que a tinham conhecido. No prologo dos *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, Renan declara que não queria profanar a memoria da irman juntando aquelle opusculo a este livro. «Inserindo essas paginas em um volume posto á venda, andaria tão mal como si levasse o retrato della a um leilão.» Não obstante, autorizou a reimpressão depois delle morto. A reimpressão fez-se integralmente em 1895, trazendo os retratos de ambos. Não imagines, si não viste o della, que é uma formosa creatura moça. Aos dezenove annos, segundo o irmão, fôra em extremo graciosa, de olhos meigos e mãos finissimas. O retrato representa uma senhora idosa, com a sua touca de folhos, atada debaixo do queixo, um vestido sem feitio; mas a doçura que elle tanto louva lá se lhe vê na gravura, copia da photographia. Conta o proprio irmão que, em 1850, voltando da Polonia, Henriqueta estava inteiramente mudada; trazia as rugas da velhice prematura, «não lhe restando da graça antiga mais que a deleitosa expressão da sua ineffavel bondade.»

Camões, mestre em figuras poeticas, disse do filho de Semele, que era nascido de duas mãis, — e não dá o proprio nome de Baccho sinão por allusão áquelle que traz a perpetua mocidade no rosto. De Renan, eterno moço, se póde dizer igual coisa; mas aqui a imagem pagan e graciosa, não menos que atrevida, é uma austera e doce verdade. Henriqueta, mais velha que elle doze annos, dividiu com a mãi de ambos a maternidade do irmãosinho. «Uma das tuas mãis», escreve-lhe ella em 28 de fevereiro de 1845, dia em que elle fazia vinte e dois annos. Já antes (carta de 30 de outubro de 1842) havia-lhe dito que era seu filho de adopção. Os primeiros tempos da infancia de Ernesto são deliciosos sem alegria, unicamente pela affeição reciproca, pela docilidade daquella moça, que deixava de ir ter com as amigas, para não affligir o pequeno que a queria só para si. Henriqueta é que o leva á igreja, agazalhadinho em sua capa, quando era inverno. Um dia, como o visse disfarçar envergonhado o casaquinho surrado pelo uso, não poude reter as lagrimas. Já então haviam perdido o pai, — naufrago

ou suicida,—que não deixara de si mais que dividas e saudades. Um mez inteiro gastaram a esperar alguma noticia ou o cadaver. Parece que esses dramas são communs na costa bretan; lembrai-vos do pescador da Islandia e das angustias da pobre Maud, á espera que voltem Yann e o seu barco, e vendo que todos voltam, menos elles.

— Já vieram todos os de Trignier e Saint-Brieuc, diz á pobre Maud uma das mulheres que tambem iam esperar á praia.

Trignier é justamente a cidadesinha em que nasceu Renan. O navio do pai voltou, ao envez da *Leopoldine* de Yann, mas voltou sem o dono, e só depois de longos dias é que o cadaver foi arrojado á praia entre Saint-Brieuc e o cabo Fréhel. Os pormenores e o quadro são outros; da invenção de Loti resultou um livro; da realidade de 1828 nasceu e cresceu a nobre figura de Henriqueta. Ella enfrentou com o trabalho, disposta a resgatar as dividas do pai e acudir ás necessidades da familia. Rejeitou um casamento rico, unicamente pela condição que trazia de deixar os seus. Abrio uma escola, mas foi obrigada a fechal-a, e pouco depois aceitou emprego em uma pensão de meninas em Paris. Renan diz que as suas estréas na capital foram horriveis, e pinta o contraste da provincianna, e particularmente da bretan, com aquelle mundo novo para ella, feito de «sequidão, de frieza e de charlatanismo.» Henriqueta aceitou a direcção de outro collegio, onde trabalhou descommunalmente sem prosperidade, mas onde fez crescer a sua propria instrucção, que chegou a ser excepcional; é a palavra do irmão. Este viera então a Pariz, a chamado della, para entrar no seminario dirigido por Dupanloup, e continuar os estudos começados em um collegio de padres da cidade natal. Era em 1838. Dois annos depois, não podendo tirar da vida de mestra em Pariz os meios necessarios para liquidar as dividas do pai, contratou Henriqueta os seus serviços de professora em casa de uma familia polaca, e começou novo exilio, mais longo (dez annos) e mais remoto, em um castello da Polonia, a sessenta leguas de Varsovia.

Aqui entra naturalmente a correspondencia (*Lettres intimes*), publicada agora em volume, uma collecção que vai de 1842 a 1845. Ha outras cartas (1845—1848), dadas mais recentemente em uma revista franceza; não as li. A correspondencia que tenho á vista mostra, ainda melhor que a narração de Renan, o sentimento raro

[illegible]

Transcrevo-a [illegible] e [illegible] sem [illegible] [illegible] [illegible]

das gentes, as saudades dos seus, maiores que as da terra natal; não esqueças a distancia no espaço, que é enorme, e no tempo que parece infinito, e comprehenderás que em toda a correspondencia de Henriqueta não haja o reflexo de um sorriso. O sentimento que tem da vida, aos trinta annos, aqui o dá ella ao irmão, uma vez que fala de o ver feliz: «Feliz! Quem é feliz nesta terra de dores e desassocegos? E, sem contar os lances da sorte e as acções dos homens, não é certo que em nosso coração ha uma fonte perenne de agitações e de miserias?» Entretanto, a melancolia de Henriqueta não lhe abate as forças, não é daquella especie que faz da alma uma simples expectadora da vida. Henriqueta não se contenta de gemer; a queixa não parece que seja a sua voz natural. Aconselha ao irmão que lute, e que conte com ella para ajudal-o. Exhorta-o a ser homem. Um dia, achando-lhe resolução, louva a força de vontade, «sem a qual não passamos de creançolas.» Henriqueta tira do sentimento do dever, não menos que do amor, a energia necessaria para amparar Renan, primeiro nas duvidas, depois nos estudos e na carreira nova.

Ha um ponto na narrativa de Renan, que as cartas de Henriqueta completam e explicam: é o que se refere aos laços de affeição e estima existentes entre ella e a familia do conde Zamosky com quem contratára os seus serviços de preceptora; taes laços que lhe faziam esquecer a tristeza da posição e o rigor do clima. As cartas de Henriqueta não deixam tão simples impressão. Si a queixa não parece ser a sua voz natural, alguma vez, como na carta de 12 de março de 1843, referindo-se ás faculdades de cada um, e á liberdade interior, confessa que só com grande luta se consegue fazer crêr *áquelles que pagam* que ha coisas de que só se dão contas a Deus e á consciencia. Foi nessa mesma carta que falou do dinheiro pedido ao pai das educandas, a que alludi acima; era para mandal-o á mãi, e não conhecia outra pessoa. O conde demorou-se em satisfazel-a, por fim ausentou-se e ainda não voltára «sem má intenção» acrescenta; o que não a impede de exclamar: «Deus meu! Porque é que os grandes não pensam naquelles que só tem o fruto do seu trabalho, e que este lhes é preciso receber regularmente!» E conclue com esta maxima, que porventura resgatará o que achares banal naquella exclamação: «E' que o homem não póde comprehender sinão as penas que já

a affeição profunda, e a dedicação sem apparato daquella boa e grave Henriqueta. As cartas desta senhora são a sua propria alma. Escrevem-se muitas para o prelo, algumas para a posteridade; nenhum desses destinos podia attrail-a. Fala do irmão ao irmão. Raro trata de si, e quando o faz é para completar um conselho ou uma reflexão. Tambem não conta o que se passa em torno della. Comquanto a vida fosse solitaria, algum incidente interior, alguma observação do meio em que estava, podia cair no papel, por desabafo siquer, não digo por malicia; nada disso. Uma vez falará de dinheiro pedido ao pai das educandas, para explicar a demora de uma remessa. Outra vez, em poucas linhas, dirá do camponio polaco que é o mais pobre e embrutecido que se possa imaginar, e notará os excessos de fanatismo e de odio religioso entre os judeus que enchem as cidades e os christãos, e entre os proprios dissidentes do christianismo. Pouco mais dirá na longa correspondencia de quatro annos. A distancia era tamanha que não dava tempo a desperdiçar papel com assumpto alheio. Todo elle é pouco para tratar sómente do irmão. Henriqueta aperta as linhas e as letras, aproveita as margens das folhas para não acabar de lhe falar. « Custa-me deixar-te » conclue a primeira carta impressa. Era inutil dizel-o; todas as seguintes fazem sentir que mui difficilmente Henriqueta suspende a mão do papel. São verdadeiramente cartas intimas, medrosas de apparecer, receiosas de violação. Desde logo revelam a força do affecto e a gravidade do espirito. Nenhum floreio de rhetorica, nenhum arrebique de sabichona, mas um alinho natural, muita simpleza de arte, fino estylo e commoção sincera. As expressões de ternura são intensas e abundantes. Meu filho, meu amado, meu querido, meu bom e mil vezes querido, são umas de tantas palavras inspiradas por um amor unico.

Henriqueta Renan é melancolica. Segundo o irmão, herdou essa disposição do pai; a mãi era vivaz e alegre. A tristeza, em verdade, resumbra das suas cartas. O meio em que vive era apropriado a aggravar essa inclinação de nascença. Nem o interior do castello nem as temporadas de Varsovia podiam trazer-lhe a alegria que não vinha della. Querendo dar idéa da terra em que habita, fala de « immensas e monotonas planicies de areia que fariam pensar na Arabia ou na Africa, si interminaveis pinhaes, interrompendo-as, não viessem lembrar a vizinhança do norte.» Junta a isso a extranheza

das gentes, as saudades dos seus, maiores que as da terra natal; não esqueças a distancia no espaço, que é enorme, e no tempo que parece infinito, e comprehenderás que em toda a correspondencia de Henriqueta não haja o reflexo de um sorriso. O sentimento que tem da vida, aos trinta annos, aqui o dá ella ao irmão, uma vez que fala de o ver feliz: « Feliz! Quem é feliz nesta terra de dores e desassocegos? E, sem contar os lances da sorte e as acções dos homens, não é certo que em nosso coração ha uma fonte perenne de agitações e de miserias?» Entretanto, a melancolia de Henriqueta não lhe abate as forças, não é daquella especie que faz da alma uma simples expectadora da vida. Henriqueta não se contenta de gemer; a queixa não parece que seja a sua voz natural. Aconselha ao irmão que lute, e que conte com ella para ajudal-o.. Exhorta-o a ser homem. Um dia, achando-lhe resolução, louva a força de vontade, « sem a qual não passamos de creançolas.» Henriqueta tira do sentimento do dever, não menos que do amor, a energia necessaria para amparar Renan, primeiro nas duvidas, depois nos estudos e na carreira nova.

Ha um ponto na narrativa de Renan, que as cartas de Henriqueta completam e explicam: é o que se refere aos laços de affeição e estima existentes entre ella e a familia do conde Zamosky com quem contratára os seus serviços de preceptora; taes laços que lhe faziam esquecer a tristeza da posição e o rigor do clima. As cartas de Henriqueta não deixam tão simples impressão. Si a queixa não parece ser a sua voz natural, alguma vez, como na carta de 12 de março de 1843, referindo-se ás faculdades de cada um, e á liberdade interior, confessa que só com grande luta se consegue fazer crêr *áquelles que pagam* que ha coisas de que só se dão contas a Deus e á consciencia. Foi nessa mesma carta que falou do dinheiro pedido ao pai das educandas, a que alludi acima; era para mandal-o á mãi, e não conhecia outra pessoa. O conde demorou-se em satisfazel-a, por fim ausentou-se e ainda não voltára « sem má intenção » acrescenta; o que não a impede de exclamar: « Deus meu! Porque é que os grandes não pensam naquelles que só tem o fruto do seu trabalho, e que este lhes é preciso receber regularmente! » E conclue com esta maxima, que porventura resgatará o que achares banal naquella exclamação: «E' que o homem não póde comprehender sinão as penas que já

padeceu; tudo o mais não existe para elle. » Noutro lugar, respondendo a um reparo do irmão, concorda que a vida para muitos é passada no meio de pessoas com quem só ha relações de fria polidez, e « nem tu nem eu somos desses a quem taes relações bastem.» Uma organização dessas poderia conquistar a estima da familia, e mui provavelmente a affeição das educandas, mas não esquecia tão de leve a tristeza do officio nem a aspereza dos ares. Henriqueta ia de um lado para outro sem levar saudades; é que tudo lhe era extranho no campo e na cidade, e bem póde ser que quasi tudo lhe fosse aborrecido. A paixão grande e real estava fóra d'ali. Assim se explicam os dez annos de exilio para concluir a obra contratada com outros e com a sua consciencia.

Durante metade desse prazo, Renan frequentou os seminarios de Issy e de Saint-Sulpice. Daquelle, aliás dependencia deste, data a primeira carta da collecção, respondendo a outra da irman, que não vem nella. Comquanto o livro dos *Souvenirs* nos conte abreviadamente a estada em ambos os seminarios, é certo que melhor se sentem na correspondencia as hesitações e duvidas do autor da *Vida de Jesus* em relação á carreira ecclesiastica e ao proprio fundamento da igreja. As cartas acompanham o movimento psychologico do homem, fazem-nos assistir ás alterações de um espirito destinado pela familia ao serviço do altar e á gloria catholica, ao mesmo tempo que nos mostram a influencia de Henriqueta na alma do seu querido Ernesto. « Minha irman (*Souvenirs*, pag. 321) cuja razão era desde annos como a columna luminosa caminhando ante mim, animava-me do fundo da Polonia com suas cartas cheias de bom senso.» Não ha propriamente iniciativa ou tentação da parte della. E' certo que nunca desejou vel-o padre; assim o declara mais tarde (28 de fevereiro de 1845), quando as confissões de Renan estão quasi todas feitas; diz-lhe então que previra as duvidas que ora o assediam, e acrescenta que ninguem a quiz ouvir, e não podia resistir sosinha. Mas então, como antes, como depois, a arte que emprega é tal que antes parece ir ao encontro dos novos sentimentos do irmão que suggerir-lh'os.

A este respeito as duas cartas de 15 de setembro e 30 de outubro de 1842 são cheias de interesse. Renan conta naquella os effeitos do primeiro anno de philosophia e mathematicas. A primeira destas disciplinas fal-o julgar as coisas de modo diverso que antes,

e troca-lhe uma porção de suppostas verdades em erros e preconceitos; ensina a ver tudo e claro. Assim disposto á reflexão, e com o socego e a liberdade de espirito que lhe dá o seminario, Renan pensou sobre si e o seu futuro. Fala demoradamente da influencia que tem sobre este os actos iniciaes da vida; não se arrepende dos seus, e, si tivesse de escolher novamente uma carreira, não escolheria outra sinão a ecclesiastica. Mas, em seguida confessa os inconvenientes desta, que declara immensos; coisas ha que metteram na cabeça do clero, e que jamais entrarão na delle; allude tambem á frivolidade, á duplicidade, ao caracter cortezão de alguns « seus futuros collegas », e finalmente á submissão a uma autoridade por vezes suspicaz, á qual não poderia obedecer. Taes inconvenientes encontral-os-ia em qualquer carreira, e ainda maiores que esses, verdadeiras impossibilidades; louva o retiro, a independencia, o estudo, e affirma a execração que tem á vida social com as suas futilidades. Não fala assim por zelo de devoção espiritual, diz elle... « Oh! não! é defeito que já não tenho; a philosophia é bom remedio para cortar excessos, e, si ha nella que receiar, será antes uma violenta reacção. » Emfim, chega a conclusão inesperada em um seminarista: « ainda que o christianismo não passasse de um devaneio, o sacerdocio seria divino. » Mais uma vez lastima que o sacerdocio seja exercido por pessoas que o rebaixam, e que o mundo superficial confunda o homem com o ministerio; mas logo reduz isto a uma opinião, « e, graças a Deus, creio estar acima da opinião. » Parece que esta palavra é definitiva? Não é; na parte seguinte e final da carta declara á irman que continúa a pensar naquelle grave negocio a ver si se esclarece, e pede que não escreva á mãi sobre as suas hesitações.

Ha duas explicações para esse vae-vem de idéas e de impressões, — ou hesitação pura ou calculo. Mas ha uma terceira, que é talvez a unica real. Creio juntamente na hesitação e no calculo. Uma parte da alma de Renan vacilla deveras entre a vida mundana, que lhe não offerece as delicias intimas, e a vida ecclesiastica, onde a condição terrena não corresponde muita vez ao seu ideal christão. A outra parte calcula de modo que a confissão lhe não saia tão accentuada e decisiva que destoe do espirito geral do homem, e desminta a compostura do seminarista. Ao cabo, é já um esboço de renanismo. Entretanto, si examinarmos bem as duas tendencias

alternadas, veremos que a negação para a vida ecclesiastica é mais forte que a outra ; falta-lhe vocação. Tambem se sente que a duvida relativamente ao dogma começa de ensombrar a alma do estudante de philosophia. Renan confessa a Henriqueta « gostar muito dos seus pensadores allemães, posto que um tanto scepticos e pantheistas. » Recommenda-lhe que, si fôr a Könisgberg, faça por elle uma visita ao tumulo de Kant. O pedido de nada dizer á mãi, repetido em outras cartas, é porque a mãi conta vel-o padre, e vive dessa esperança velha.

Que esses dois espiritos eram irmãos vê-se bem na carta que Henriqueta escreve a Renan, em 30 de outubro, respondendo á de 15 de setembro. Tambem ella, sem dizer francamente que não deseja vel-o padre, sabe insinual-o ; menos ainda que insinual-o, parece apenas repetir o que elle balbuciou. A carta della tem a mesma ondulação que a delle. Henriqueta declara estremecer ao vel-o tratar tão graves questões em idade geralmente descuidosa; entretanto, gosta que elle encare com seriedade o que outros fazem leviana ou apaixonadamente. Concorda que as estréas da vida influem no resto della, e insinua que « ás vezes de modo irreparavel. » Tem para si que elle não deve precipitar nada; não quer aconselhal-o para que lhe fique a liberdade de escolha. Quando allude á vida retirada e independente, diz-se mais que ninguem capaz de entendel-o; mas pergunta logo onde encontral-a? Crê que a raros caiba, e não póde esperar que o irmão a encontre numa sociedade hierarchica, onde já antevê a autoridade suspicaz. Tambem ella acha suspicaz a autoridade, mas acrescenta que o mesmo se dá com todas as profissões; e quando parece que esta fatalidade de caracter deva enfraquecer qualquer argumento contra o ministerio ecclesiastico, lembra interrogativamente o vinculo perpetuo do juramento. Quer que elle pense por si, que escolha por si, appella para a razão e a consciencia do irmão. Insiste em lhe não dar conselhos; mas já lhe tem dito que, se uma parte do clero é pessoal e ambiciosa, elle Renan, póde vir a ser a mesma coisa. A frase em que o diz é velada e cautelosa : « o numero e o costume não levarão atraz de si a minoria e o dever? » Essa pergunta, todas as demais perguntas que lhe faz pela carta adiante, trazem o fim evidente de evocar uma idéa ou attenuar outra, e porventura crear-lhe novos casos e motivos de repugnancia á milicia da igreja. E' uma serie de suggestões e de esquivanças.

A differença de um a outro espirito é que Henriqueta, insinuando as desvantagens que o irmão possa achar na carreira ecclesiastica, entre palavras dubias e alternação de pensamentos, aceital-o-ia sacerdote, sinão com igual prazer, certamente com igual dedicação. Nem lhe quer impôr o que julga melhor, nem lhe doerá a escolha do irmão, si fôr contraria aos seus sentimentos, uma vez que o faça feliz. Certo é, porém, que as preferencias de Renan, que ora vemos a meio seculo de distancia, á vista da carta impressa, ella mesma as sentiria lendo a carta manuscripta. Com effeito, por mais que equilibre os sentimentos, Renan está inclinado á vida leiga. Não importa que a situação se prolongue por vinte mezes. Em 1844, Renan communica á irman (16 de abril) que havia dado o primeiro passo na carreira ecclesiastica. Hesitou até á ultima hora, e ainda assim não se decidiu sinão porque o primeiro passo não era irrevogavel; exprimia *a intenção actual*. Parte dessa epistola é destinada a explicar o ajuste entre o sentimento e o acto, entre o alcance deste e a liberdade effectiva. Não fazia mais que renunciar ás frivolidades do mundo. A 11 de julho escreve-lhe que deu um passo mais na carreira, menos importante que o primeiro, sem vinculo novo, pelo que não lhe custou muito; é um complemento daquelle, — um annexo, como lhe chama. O terceiro, o sub-diaconato, é que seria definitivo, mas, como o prazo era longo, um anno mais tarde, a anciedade era menor. Durante esse tempo, o seminarista entrega-se aos estudos hebraicos, ás linguás orientaes, e, mais tarde, á lingua alleman. Pelos fins de 1844, é encarregado de leccionar hebreu, porque o professor effectivo não podia com os dois cursos; aceitou a posição, já pela vantagem scientifica que lhe trará, já «porque póde leval-o a alguma coisa.» Assim começara o então professor da Sorbonna.

Tres mezes depois, a 11 de abril de 1845, escreve Renan a carta mais importante da situação. Resolveu não atar naquelle anno o laço indissoluvel, o sub-diaconato, e solta a palavra explicativa: não crê bastante para ser padre. Expõe assim, e mais longamente, o estado em que se acha ante o catholicismo e os seus dogmas, dos quaes fala com respeito, proclamando que Jesus será sempre o seu Deus; mas, tendo procedido ao que chama «verificação racional do christianismo» descobriu a verdade. Descobriu tambem um meio termo, que exprime a natureza moral do futuro

exegeta: o christianismo não é falso, mas não é a verdade absoluta. Não repareis na contradicção do seminarista, para quem o sacerdocio era divino, ha vinte mezes, ainda que o christianismo fosse um devaneio, e agora encontra na meia verdade da igreja razão bastante para deixal-a. Ou reparai nella, com o unico fim de entender a formação intellectual do homem. Contradicção aqui é sinceridade.

Não ha espanto da parte de Henriqueta, quando Renan lhe faz a confissão de 11 de abril. Tinha soletrado a alma delle, á medida que lhe recebia as letras, assim como tu e eu podemos lel-a agora de vez e integralmente. Tambem não ha no primeiro momento nenhuma manifestação de alegria, que alguns possam dizer impia. A alma desta senhora conserva-se fundamentalmente religiosa, cheia daquella caridade do Evangelho que falava ao coração de Rousseau. Demais, além de conhecer o estado moral do irmão, foi ella propria que o aconselhou a adiar o sub-diaconato. Não sabe,—pelo menos não lh'o contou elle nas cartas do volume.— não sabe da scena que occorreu no seminario de Issy, muito antes da confissão de 11 de abril, que é datada de Saint-Sulpice. Foi após uma das argumentações latinas, que o professor Gottofrey, desconfiando das inclinações de Renan, em conversação particular, á noite, concluio por estas palavras que o aterraram : « Vós não sois christão !» (*Souvenirs*, pag. 260). Já antes disso sentia Renan em si mesmo a negação do espiritualismo ; mas elle explica a conservação do christianismo, apezar da concepção positiva do mundo que ia adquirindo « por ser moço, inconsequente e falho de critica » (*Souvenirs*, pags. 251—262). De resto, a confissão á irman não foi unica ; elle escreveu por esse tempo outras cartas a varios, uma ao seu director, apenas designado por * * *, em 6 de setembro de 1845, outra a um de seus companheiros, Cognat, que mais tarde tomou ordens, em 24 de agosto, ambas datadas da Bretanha. Henriqueta, ao que se póde suppor, teve as primicias da confissão ; foi para ella que elle rompeu, antes que para extranhos, os véus todos da incredulidade mal encoberta. Ficou entendido que occultariam á mãi a resolução nova e ultima. Trataram dos meios de acudir á necessidade presente, si aceitar um lugar de preceptor na Allemanha, si adoptar estudos livres; o fim era proceder de modo que a renuncia da carreira ecclesiastica se fizesse cautelosamente sem

dor para a mãi nem escandalo publico. Ha aqui uma divergencia de datas em que não vale a pena insistir; segundo a carta de Renan de 13 de outubro de 1845, á irman, foi na noite de 9 que elle deixou o seminario para ir morar na hospedaria proxima; segundo o livro dos *Souvenirs* (pag. 324) foi a 6. [1]

A alma delicada de Henriqueta manifesta-se vivamente no que respeita ao dinheiro. Henriqueta custeia as despezas todas da vida e dos estudos do irmão. A vida deste, antes da saida do seminario, quasi não passa dos livros; mas, depois da saida, é preciso alojamento e alimentação, é preciso que elle ande « vestido como toda gente, » e Henriqueta não esquece nada. Não esquecer é pouco; um coração daquelle melindre tem cuidados que escapariam á previsão commum. « Espero de Varsovia uma letra de cambio de mil e quinhentos francos; mandal-a-ei a Pariz a uma pessoa de confiança, *que acreditará que esta somma é só tua...*» Em que é que podia vexar ao irmão esse auxilio pecuniario? Henriqueta quer poupar-lhe até a sombra de algum acanhamento. Conhecendo-lhe a nenhuma pratica da vida, a absorpção dos estudos, a mesma indole da pessoa, desce ás minucias derradeiras, ao modo de entrar na posse do valor da letra, por bimestre ou trimestre, segundo as necessidades; é o orçamento de um anno. Manda-lhe outras sommas por intermedio do outro irmão, a quem incumbe tambem da tarefa de comprar a roupa em Saint-Malo, por conta della; a razão é a inexperiencia de Ernesto. Mas ainda aqui prevalece o respeito á liberdade; si este preferir compral-a em Pariz, Henriqueta recommenda que lhe seja entregue mais um tanto em dinheiro. Que te não enfadem estas particularidades, grave leitor amigo; aqui as tens ainda mais infimas. Henriqueta desce á indicação da côr e forma do vestuario, uma sobrecasaca escura, o resto preto, é o que lhe parece mais adequado. Ao pé disto não ha falar de conselhos

---

[1] E' mais interessante citar uma coincidencia. Na carta que Renan escreveu ao collega Cognat, datada de 12 de novembro de 1845, e na que escreveu a irman em data de 13 de outubro, a narração da chegada e saida do seminario de Saint-Sulpice é feita com as mesmas palavras, pouco mais ou menos (Conf. *Lettres intimes*, pags. 316—317, e *Souvenirs*, appendice, pags. 392—393). E' mais que coincidencia, é repetição de textos. O sentimento final é expresso em ambos os lugares com este mesmo suspiro: *Que de liens, mon ami* (*ma bonne amie*) *rompus en quelques heures*!

sobre hospedagens e tantas outras miudezas, intercaladas de expressões tão d'alma, que é como si vissemos uma joven mãi ensinando o filhinho a dar os primeiros passos.

A influencia de Henriqueta avulta com o tempo e as necessidades da carreira nova. O zelo cresce-lhe na mesma proporção. Pelo outro irmão, por uma amiga de Pariz, Mlle. Ulliac e pelas cartas, Henriqueta governa a vida de Renan, e não cuida mais que de lhe incutir confiança e de lhe abrir caminho. O que lhe escreve sobre o bacharelado, Escola Normal, estudo de linguas orientaes e o resto é apoiado pela amiga. Uma e outra suscitam-lhe protecções e auxiliares de boa vontade. Renan faz daquella amiga da irman excellente juizo ; não o diz só nas cartas do tempo, mas ainda no opusculo de 1862. Era uma senhora bella, virtuosa e instruida. Com grande arte, ao que parece, insinuou-lhe ella que lhe era preciso relacionar-se com alguma senhora boa e amavel. « Ri-me, escreve Renan a Henriqueta, mas não por mofa. » E confessando que não é bom que o homem esteja só, pergunta si alguem está só tendo uma irman (carta de 31 de outubro de 1845). Henriqueta é-lhe necessaria á vida moral e intellectual. De novembro em diante insta com a irman para que volte da Polonia. A amiga falou-lhe da saude de Henriqueta como estando muito alterada, e deu-lhe noticias que profundamente o affligiram; « desvendou-lhe o mysterio » é a expressão delle. Foi na noite de 3 de novembro que Mlle. Ulliac abriu os olhos a Renan, confiando-lhe que Henriqueta tivera grandes padecimentos, dos quaes nem elle nem a mãi souberam nada. Não se deduz bem do texto si eram molestias recentes, si antigas; sabe-se que eram caladas, e por isso ainda mais tocantes. As cartas do volume não passam de 25 de dezembro daquelle anno; as instancias repetem-se, um longo silencio da irman assusta o irmão; afinal vimos que ella só voltou da Polonia cinco annos depois, em 1850. Trazia uma laryngite chronica. Tudo, porém, estava pago.

Os sacrificios é que não estavam cumpridos. A vida desta senhora tinha de continuar com elles, e acabar por elles. O maior de todos foi o casamento do irmão. Quando Renan resolveu casar, Henriqueta recebeu um grande golpe e quiz separar-se delle. Essa irman e mãi tinha ciumes de esposa. Renan quiz desfazer o casamento ; foi então que o coração de Henriqueta cedeu, e consentiu em vel-o feliz com outra. A dôr não morreu: o irmão confessa que o nascimento do

seu primeiro filho é que lhe enxugou a ella todas as lagrimas, mas foi só dias antes de morrer que, por algumas palavras della, reconheceu haver a ferida cicatrizado inteiramente. As palavras seriam talvez estas, transcriptas no opusculo: « Amei-te muito; cheguei a ser injusta, exclusiva, mas foi porque te amei como já se não ama, como talvez ninguem deva amar. » Viveram juntos os tres; juntos foram em 1860 para aquella missão da Phenicia, a que o imperador Napoleão convidou Renan. A esposa deste regressou pouco depois; Renan e Henriqueta continuaram a jornada de explorações e de estúdos, durante a qual ella padeceu largamente, trabalhando longas horas por dia, curtindo violentas dôres nevralgicas, até contrair a febre perniciosa que a levou deste mundo. As paginas em que Renan conta a viagem, a doença e a morte de Henriqueta são das mais bellas que lhe sairam das mãos. Morreu trabalhando; os ultimos auxilios que prestou ao irmão foi copiar as laudas da *Vida de Jesus*, á medida que elle as ia escrevendo, em Ghazir.

Renan confessa que lhe deveu muito, não só na orientação das idéas, mas ainda em relação ao estylo, e explica porque e de que maneira. Antes da missão da Phenicia trabalhavam juntos, em materia de arte e de archeologia; além disso, ella compunha trabalhos para jornaes de educação; mas os seus melhores escriptos diz elle que eram as cartas. Moralmente, tinham ambos alcançado as mesmas vistas e o mesmo sentimento; ainda ahi porém reconhece Renan alguma superioridade nella.

Que impressão final deixa a correspondencia daquelles dois corações? O de Henriqueta, mais exclusivo, era tambem mais terno e o amor mais profundo. As cartas de Henriqueta são talvez unicas, como expressão de sentimento fraternal. Mais de uma vez lhe diz que a vida delle e a sua felicidade são o seu principal cuidado, e até unico. Não temos aqui o que escreveu á mãi; mas não creio que a nota fosse mais forte, nem talvez tanto. Renan ama a irman, é-lhe gratissimo, ia-lhe sacrificando o consorcio; mas, emfim, poude amar outra mulher, e, feliz com ambas, viver dessas duas dedicações. Henriqueta, por mais que Renan nos affirme o contrario, tinha um fundo pessimista. Que amasse a vida, creio, mas por elle; si « podia sorrir a um enfeite, como se póde sorrir a uma flôr », estava longe da inalteravel bemaventurança do irmão. O scepticismo optimista de Renan nunca seria entendido por ella; temperamento e experiencia

tinham dado a Henriqueta uma philosophia triste que se lhe sente nas cartas. Todos conhecem a confissão geral feita pelo autor dos *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Renan affirma ter sido tão feliz que, si houvesse de recomeçar a vida, com direito de emendal-a, não faria emenda alguma. Henriqueta, si tivesse igual sentimento, seria unicamente para servil-o e amal-o, e, caso pudesse, creio que usaria do direito de eliminar, quando menos, as molestias que padeceu. Renan tinha da vida e dos homens um sentimento que, apezar das agrúras dos primeiros annos, já lhe apparece em alguma parte da correspondencia. « Um livro,—diz elle na ultima carta do volume, —é o melhor introductor no mundo scientifico. A sua composição obriga a consultar uma porção de sabios, que nunca ficam tão lisongeados como quando se lhes vai prestar homenagem á sciencia delles. As dedicatorias, fazem amigos e protectores elevados. Tenciono dedicar o meu ao Sr. Quatremère. » Na confissão dos *Souvenirs*, é já o sabio que fala em relação aos estreantes: « Um poeta, por exemplo, apresenta-nos os seus versos. E' preciso dizer que são admiraveis; o contrario equivale a dizer-lhe que não valem nada, e fazer sangrenta injuria a um homem cuja intenção é fazer-nos uma fineza. » Um classico da nossa lingua, Sá de Miranda, põe na boca de um personagem de uma das suas comedias alguma coisa que resume toda essa arte e polidez ahi recommendadas: « A mór sciencia que no mundo ha assim é, saber conversar com os homens; bom rosto, bom barrete, boas palavras não custam nada, e valem muito... Vou-me a comer. »

« Vou-me a comer », applicado a Renan, é a gloria que lhe ficou das suas admiraveis paginas de escriptor unico. A gloria de Henriqueta seria a contemplação daquella, o goso intimo de uma adoração e de um amor, que a vida achou realmente excessivos, tanto que a despegou de si, com um derradeiro e terrivel soffrimento, talvez mais inutil que os outros.

MACHADO DE ASSIS

A PENA ENTRE OS HEBREUS

A pena é uma necessidade da ordem juridica. Onde ha direito, apparece a pena em repulsa á aggressão. E' a aggressão que provoca a reacção, e deste modo se póde dizer que o crime engendra a pena. A reacção, porém, póde operar-se no momento da aggressão, assumindo a fórma de defesa, ou ter lugar depois della tomando a feição de vingança.

A vingança, em germen, não passa de um caso de defesa, tendo o offendido em vista o futuro, para que a aggressão não se reproduza. Nos organismos collectivos, como é a sociedade humana, a reacção opera-se quer pela communhão, quer pelos individuos, que a compõem. E' um phenomeno ao mesmo tempo individual e social. Mas a proporção que se sobe na escala zoologica, nota-se, além da existencia de uma defesa commum ao lado da defesa individual, a organização de uma defesa superior, que se manifesta por um orgão especial, encarregado de acautelar os interesses da communhão. Tal é o caso do chefe de rebanho, encarregado do ministerio punitivo nas sociedades animaes.

A vingança primitiva foi durante muito tempo indeterminada; não é sinão em um periodo de civilização já avançado, que ella passa a ter limites. Entre os musulmanos sómente um seculo antes de Mahomet, vemos o preço de sangue fixado em cem camelos. [1]

---

[1] Vide Rodolphe Dareste, *Études d'histoire du droit*, pag. 61.

Aqui assistimos ao vivo á primeira transformação do direito de punir. E' a metamorphose da vingança na composição, que é a satisfação dentro de certos limites, servindo de medida os bens.

A vida tem então uma medida, e esta medida é a propriedade. O pagamento do preço de sangue era costume entre os israelitas, os Persas, os Egypcios, os Celtas e os Germanos. Na Bohemia um estatuto do rei Othon, de 1229, dispõe que o assassino pagará 200 dinheiros á Côrte, e deixará o paiz até que tenha pago á familia da victima o preço da compensação. Entre os Polacos o preço de sangue não foi abolido sinão no seculo XV por um estatuto de Casimiro Jagellão. Nos assassinatos commettidos sobre as grandes estradas, além da composição que era de cincoenta marcos para um cavalheiro, e de trinta para um aldeão, o assassino pagava ao rei uma multa de 50 marcos. Os Ossetas, afóra a composição paga pelo assassino, impõem um banquete de reconciliação aos parentes do criminoso. Na Russia a *Russkaia—Pravda* ou o codigo de Iaroslav, consagra o preço de sangue, que é de quarenta *grivnas*, seja qual fôr a condição do assassino, russo ou estrangeiro, nobre ou plebeu. Reformada pelos filhos de Iaroslav, a *Russkaia—Pravda* alterou a taxa em relação a qualquer assassino.

Em regra, a familia é responsavel pelo preço de sangue. O pai responde pelo filho, o irmão pelo irmão, os parentes pelos parentes. Sendo a compensação um meio de restabelecer a paz e reconciliar as familias, tanto assim que entre alguns povos, os antigos Suecos, por exemplo, o assassino deve deixar o paiz, até que satisfaça a familia do morto, não é de estranhar que varias legislações deixem impunes os crimes commettidos no seio da propria familia. E' que entre membros de uma mesma familia é impossivel a satisfação penal, sob a fórma illimitada da vingança ou limitada da compensação. Por isso, nada mais logico do que varias leis, a maneira do codigo de Solon, guardarem silencio sobre o parricidio, pois que não impondo ellas outra penalidade sinão a compensação, esta não póde ter lugar no seio da propria familia. O mais que póde acontecer, é a expulsão daquelle que perturbou a paz domestica.

Hermann Post considera o sacrificio como o primeiro estadio da pena. «Não é raro affirmar, escreve o citado jurista, que primitivamente pena e sacrificio humano foram uma e mesma coisa, e que

desta arte a origem do direito de punir deve ser procurada nesse mesmo sacrificio.»

Mas a idéa de sacrificio importa a de expiação, de purificação. Imposto pelos homens ou pelos deuses, o sacrificio é sempre um exorcismo. O conceito do sacrificio ou expiação é muito mais espiritualizado do que o da defesa ou vingança.

Não é sinão quando o crime vem a ser considerado sob o ponto de vista psychico, em relação á vontade, que a pena assume a feição de sacrificio ou expiação. Os animaes defendem-se ou vingam-se dos outros animaes; mas não sacrificam em expiação da culpa commettida por algum membro da communhão. Sómente quando o homem tem attingido a um certo grau de cultura, é que vem a considerar o crime como uma macula, da qual deve purificar-se por meio do sacrificio; antes disto o crime não passa de uma simples aggressão, da qual não tem sinão que defender-se ou vingar-se.

Proal gasta não poucas palavras para mostrar o equivoco de Littré traduzindo em Homero e Herodoto como compensação o que não significa sinão sacrificio, expiação.[1] Em relação á *Iliada* oppõe o autor do *Crime e a pena* as traducções de Dugast — Montbel, Leconte de l'Isle e de Planche, em que a palavra que para Littré significa compensação, é traduzida por expiação. Da mesma sorte, insiste Proal, em Herodoto a mesma palavra não póde ter o sentido que lhe attribue Littré, e sim o de expiação. Dado que a palavra pena primitivamente significasse compensação, como entende Littré, ou que ella se derivasse do sanscrito *punia*, cuja raiz é *pu*, que significa *purificar*, uma ou outra etymologia não prova sinão que os Aryas tinham chegado á concepção de uma pena — compensação, ou, ainda mais, de uma pena — expiação. Não quer, porém, dizer que o primeiro momento historico da pena fosse a compensação ou a expiação, pois que uma e outra suppõem a existencia das instituições da propriedade e da religião, que são posteriores á necessidade não sómente social, mas biologica, da defesa e da vingança. Mais de accôrdo com a realidade dos factos está, portanto, a interpretação de Littré; porém ella não exprime toda a verdade.

---

[1] *Le crime et la peine*, cap. XV.

Na origem da civilização humana a propriedade surge e se desenvolve antes da religião, e assim é natural quo a pena antes de basear-se sobre a religião, se funde sobre a propriedade. Mas, antes de qualquer concepção de propriedade e de religião, os individuos que vivem em sociedade, têm precisão de defender-se ou de vingar-se contra as aggressões presentes ou passadas. D'ahi a origem da pena. Não falta quem pense que o crime foi sempre considerado como uma macula e a pena como uma expiação. Mas, uma e outra coisa suppõem a responsabilidade moral, a voluntariedade da acção, e é sabido que varios povos primitivos e selvagens punem tantó os crimes voluntarios como os involuntarios. Os musulmanos puniam o assassinato involuntario com um maior ou menor numero de camelos ou de *dinars*, conforme o crime tinha sido preterintencional ou casual.

Em face de taes documentos não se póde affirmar que primitivamente a pena fosse uma expiação.

Pretender que o caracter da pena foi primitivamente a expiação, é desconhecer que a propriedade é o mais geral dos phenomenos sociaes, que ella constitue a base de toda evolução hyperorganica. A vida humana tinha a principio um valor puramente economico, e a pena era a justa medida deste valor. O assassino se resgatava do crime, pagando uma certa quantia a familia do morto. « Acreditou-se por muito tempo, escreve D'Arbois de Jubainville, que este processo de pacificação, ainda em uso no direito internacional era especial aos Gregos. Em nossos dias demonstrou-se que elle foi geral no direito privado das populações aryanas, e que foi conhecido fóra deste grupo: por exemplo, entre os Hebreus, os Arabes, os Hungaros. A lei de Moysés prohibe receber o preço de sangue; decide que o assassino será punido de morte. E' uma innovação. Moysés é um reformador; mas sua legislação offerece ainda do antigo direito alguns vestigios, que Dareste recolheu. »[1]

Realmente, entre os Hebreus o homem que desfechava golpes em uma mulher gravida, si esta morria, era punido com a morte; si, porém, não morria, era obrigado a pagar uma compensação. O senhor daquelle boi que matava um homem, era punido com a pena de morte, si, prevenido, em tempo, do que pudesse succeder, não tomava as necessarias providencias; mas podia resgatar a sua vida

---

[1] *Cours de litterature celtique*, par D'Arbois de Jubainville, pag. 76.

pagando uma compensação. Dado que o morto fosse um escravo, a compensação era invariavelmente de trinta siclos de prata. O seductor de uma virgem era obrigado a dar ao pai della o preço, que teria de pagar por uma noiva, caso si tratasse de um casamento. O criminoso de contusões e ferimentos, além das despezas de medico, era obrigado ao pagamento de uma compensação.

A idade média offerece um curioso phenomeno: é a venda das indulgencias, que em summa não é outra coisa sinão o systema das composições, applicado entre o homem e a Divindade. Entre os Hebreus já se havia realizado igual phenomeno: emquanto Moysés, por um lado, prohibia o uso das compensações para o caso de homicidio, por outro lado no *Levitico* encontra-se todo um capitulo, cujo assumpto não é outro sinão o resgate, por meio de compensações, de votos feitos a Deus.

O que possuimos sobre egyptologia ainda não nos permitte fazer a historia do direito penal e egypcio; mas o *Livro dos mortos*, a que se costuma recorrer para provar que desde a mais remota antiguidade o crime foi considerado macula, não póde servir de argumento em favor da primitiva qualidade expiatoria da pena. Basta considerar que trata-se de uma collecção de orações, e a oração marca um adiantado grau na escala das medidas expiatorias, conforme teremos occasião de vêr.

Si porém, ignoramos o desenvolvimento do direito penal no Egypto, não se dá o mesmo em relação aos Hindus, Gregos e aos Romanos. « Quando os Aryas, ensina Dareste, desceram das montanhas do noroeste ás planicies do Hindus e do Ganges, se pareciam com os heróes de Homéro. A compra da mulher era a fórma do casamento, e o direito criminal consistia todo elle em uma série de composições exactamente taxadas conforme a gravidade do damno. O preço de sangue se pagava em um certo numero de vaccas com um touro. Guatama não conhece outra moeda ».[1]

Na Grecia proto-historica competia á familia vingar a morte dos parentes. A principio este direito pertencia a todos os membros do *clam*; mas Dracon restringiu-o aos parentes. Os costumes, porém, não prohibiam as composições. Sómente quando o preço do sangue

---

Cit. Darest, pag. 71.

não era pago ou não era aceito, o assassino tinha necessidade de exilar-se para evitar a morte.

Entre os Gregos dos tempos heroicos o crime nada tinha de infamante. A ninguem repugnava acolher um homicida. Assim, quando Telemaco estava para deixar o Peloponeso, na occasião em que á margem do mar praticava um sacrificio em homenagem a Athené, sua deusa protectora, viu approximar-se um desconhecido, Theoclymenes, propheta, que lhe disse : « Venho de Argos, minha cidade natal, onde tirei a vida a um de meus concidadãos, pertencente á mesma tribu que eu. Em Argos, que nutre muitos cavallos, o finado deixou irmãos e amigos omnipotentes ; escapei á morte e ao negro destino, com que me ameaçavam ; eu fujo, estou para sempre, fatalmente, condemnado a errar entre os homens. Recebe-me em teu navio pois que, exilado, eu te supplico, impedirás meus inimigos matarem-me, porquanto acredito que elles me perseguem.» Telemaco não hesitou aceitar Theoclymenes em seu navio, fel-o assentar ao seu lado, e o propheta pagou a hospitalidade predizendo a realeza para Telemaco e para sua posteridade.

Em Athenas, no quinto e no quarto seculo, nos informa D'Arbois de Jubainville, o assassinato premeditado era punido com a morte e a confiscação dos bens do assassino ; si, porém, não tinha havido premeditação, os parentes do finado podiam optar entre o pagamento de uma composição ou o exilio do homicida.

Si pela Lei das XII Taboas era *sacer* o condemnado á morte, justamente como no *Levitico* é santo o animal dado em voto a Jehovah, não é menos exacto que a mesma Lei das XII Taboas contém texto fixando em trezentos *as* a compensação devida pela fractura de um membro, quando o offendido é um homem livre, e cento e cincoenta, quando é um escravo. « *Manu fustive, si os fregit libero, C C C ; si servo, C L pœnam subito.*

O conceito da expiação suppõe a existencia de um Deus e a intervenção desse Deus como factor de moral na vida de um povo. Por isso nenhuma fonte mais fecunda para o estudo do conceito da expiação do que a historia do povo de Israel.

ARTHUR ORLANDO

O MINISTERIO PARANÁ

IV

O MINISTRO DA JUSTIÇA

A operosidade de Nabuco fôra grande, póde-se dizer que ainda não se tinha visto ministro trabalhar tanto. O presidente do Conselho queixava-se continuamente de ter que o desculpar com o imperador, tanto falhava elle ao despacho e ás cerimonias da côrte; os pretendentes queixavam-se de ser elle invisivel, porque não lhes dava sinão o tempo indispensavel para saber o que queriam; em compensação, a Secretaria queixava-se de não o poder acompanhar. Os papeis não se demoravam em seu poder e não descançando elle não deixava descançar. Nabuco todas as vezes que foi ministro tomou a pasta da justiça, era a sua esphera propria, sentia que podia fazer mais nella do que em qualquer outra, tinha sido juiz, era jurisconsulto, e para elle a repartição póde-se dizer da liberdade individual era em nosso paiz a mais importante de todas, as outras lhe deviam ser secundarias. O seu pensamento na justiça era antes de tudo organizar a magistratura. D'ahi a sua reforma

---

Vêja a *Revista* de 1 de agosto, 1 e 15 de setembro.

O presente artigo bem como os anteriores do mesmo autor publicados na *Revista* sob o titulo *O Ministerio Paraná* fazem parte da obra de que temos dado outros extractos, *Um Estadista do Imperio, J. Th. Nabuco de Araujo*.

judicial que vimos antes tão disputada, causa de tanta celeuma, e que ver-se-á resurgir em legislaturas posteriores. As suas idéas de 1854 levam umas dez annos, outras de dezesete a vinte, para se tornarem lei, poucas foram rejeitadas; póde-se dizer que tudo quanto se fez em materia judiciaria depois foi tirado dos seus relatorios de 1854 a 1857 e de 1866 e do programma liberal de 1869 por elle exclusivamente redigido. [1]

A segunda grande reforma tentada por Nabuco (1854—1856) foi a hypothecaria. Segundo seu methodo, sujeitou logo o projecto a diversas autoridades. Teixeira de Freitas manda um estenso parecer. « No projecto organizado, diz elle, eu diviso o minucioso trabalho do paciente jurisconsulto, os conhecimentos do legista, e sobretudo as noções de economia social, as largas vistas do homem de Estado, que sabe comprehender as verdadeiras necessidades de seu paiz. Uma nação peculiarmente agricola, que póde tirar o melhor partido de sua immensa riqueza territorial, cuja propriedade immovel e rural se acha amortecida e não inspirando a necessaria confiança torna a condição dos proprietarios summamente desvantajosa em relação á de outras classes da sociedade, que maior beneficio póde esperar do seu governo do que uma boa legislação hypothecaria? »

« E na verdade quando se observa que o nosso direito patrio jámais conhecera o systema da publicidade das hypothecas, apenas um dos nossos jurisconsultos deu noticia delle (Mello Freire), quando se sabe que só em 14 de novembro de 1846 tivemos um mesquinho regulamento para o registro das hypothecas, ao qual sobrevem a invasora legislação do abundante Codigo do Commercio, onde apparece a cerebrina denominação de hypotheca e penhor mercantil, é natural o desejo de melhorar sem demora a nossa legislação hypothecaria.» O remedio, porém, tem que vir de mais longe, é preciso refundir a lei civil toda para se ter depois uma boa lei hypothecaria. « *Além de que tudo o que póde occupar a intelligencia humana se*

---

[1] O cotejo das differentes idéas sobre reforma judiciaria até 1869 foi habilmente feito por Figueira de Mello nos esclarecimentos que acompanham um seu projecto daquelle anno na Camara. Ver a collecção de projectos com o titulo *Reforma Judiciaria* publicada em 1869 na Typographia Nacional.

liga e se encadeia, em materia de legislação cujo fim se reduz a marcar o justo limite de todos os direitos, assegurando a cada um delles seu legitimo exercicio, a alliança se torna mais pronunciada.» E' preciso reter a frase em italico, porque contém o segredo da organização mental de Teixeira de Freitas, a planta do seu systema juridico, e tambem a futura fenda da sua poderosa intelligencia.

«Si para ter uma boa lei hypothecaria cumpre que no variado concurso de direitos haja dados seguros e certos que as outras materias da legislação nos devem fornecer, como será possivel desempenhar bem a pretendida reforma sem rever ao mesmo tempo toda a legislação civil que nos rege, alterando-a profundamente, fixando-a em muitos pontos, e supprimindo todas as suas lacunas?» Nabuco era um espirito de ordem differente; bem ou mal, desde que era preciso melhorar uma parte do edificio apenas, elle resumia o seu esforço e a sua attenção nesse ponto e procurava desempenhar a sua tarefa o melhor possivel. Si se fosse esperar pelo Codigo Civil para introduzir qualquer melhoramento na legislação, ella nunca teria sido reformada até hoje. De certo, uma revisão completa da legislação civil seria preferivel, não se devera tratar de garantir do modo o mais efficaz nenhum direito sem primeiro se ter firmado a sua verdadeira concepção; Nabuco, porém, não queria esperar indefinidamente e entendia bem que se podia proteger solidamente os direitos actuaes, ficando livre ao codificador futuro fundil-os em outros moldes mais perfeitos.

Não foi difficil ao ministro da justiça justificar o projecto. No seu primeiro discurso, em 20 de agosto de 1856, fel-o em poucas palavras:

«Direi tudo, dizendo-vos que o nosso contrato hypothecario é um contrato aleatorio, sujeito ás contingencias de hypothecas occultas, posteriores, infinitas e arbitrarias. Digo infinitas e arbitrarias, porque já a vossa Commissão vos demonstrou que a lei de 20 de julho de 1774 não dá privilegio sómente ás hypothecas que ella refere, sinão tambem a todas aquellas que por identidade de razão se acharem no mesmo caso. Lobão no seu tratado de execuções enumera muitos casos comprehendidos na identidade de razão da lei de 1774, e vós sabeis que muitos outros casos se podem ainda admittir, porque a subtileza do raciocinio, as argucias da

chicana hão de achar necessariamente perfeita analogia em cada hypothese, em todas as hypotheses.

« Temos é verdade um registro creado pelo decreto de 1846 para as hypothecas convencionaes, mas este registro não é sinão um epigramma ; que importa que elle advirta ao emprestador que não ha outras hypothecas convencionaes, se podem occorrer como de emboscada hypothecas privilegiadas e occultas ? Temos um registro que nos diz que a propriedade que se vai hypothecar já está hypothecada, mas não temos um registro que nos diga que a propriedade que se vai hypothecar já está alienada, que a propriedade hypothecada foi depois alienada, para que o credor possa exercer o seu direito de sequela e excutir o immovel onde quer que elle se ache. Temos um registro que previne uma especie de estellionato, que consiste na hypotheca da cousa já hypothecada, mas não temos um registro que previna outra especie de estellionato mais prejudicial, que consiste em hypothecar a coisa já alheada.

« Poucas palavras, acrescentou elle, caracterizam a nossa situação : a presumpção de insolvabilidade, o descredito e o desar acompanham o agricultor e o proprietario que hypotheca os seus bens. E' muito comesinho dizer-se :—Fulano está perdido, porque hypothecou os seus bens. O inverso deste quadro é o que devemos desejar. »

Era demasiado desejar que a lavoura pudesse estar toda hypothecada e prospera, correspondendo o seu empenho a novas culturas ; é preciso, porém, não esquecer que Nabuco se propunha a ser o fundador de um genero de credito ainda desconhecido e que, como para todos os que imaginam um novo systema de credito, a má divida era para elle um mero accidente sem importancia em uma vasta expansão. Depois de longos debates a reforma passou na Camara e foi remettida para o Senado em setembro de 1855. Ali permanecerá ella até 1864 em que se torna lei. Nós veremos ao estudar esta ultima phase que foi Nabuco o relator das commissões que a aperfeiçoaram, assim como foi elle quem redigiu os regulamentos que a puzeram em vigor. Veremos tambem que si foi elle o creador do credito territorial em nosso paiz, nenhuma alliança teve com as utopias que inutilizaram esse grande motor da actividade agricola.

Outra reforma de Nabuco foi a dos tribunaes de commercio, tornando-os tribunaes de 2ª instancia. E' delle o projecto de lei e

o regulamento [1] que organizou a nova jurisdicção contenciosa. A instituição de negociantes juizes foi combatida na Camara por Ferraz e outros como inconstitucional; Nabuco tinha, porém, muita esperança nessa especialidade, acreditava que o tribunal assim composto seria mais pratico e competente, que o commerciante teria menos motivo de queixar-se sendo julgado por seus pares, e que estes não seriam menos independentes do que os juizes vitalicios. Em 1871 elle rendia-se na materia mais por espirito de uniformidade judicial do que por superstição da letra da Constituição. « Advertido pela experiencia, dirá elle, não quero hoje os tribunaes do commercio que institui em 1855, e não quero esses tribunaes por conformidade e coherencia com um principio que constitue o grande *desideratum* de nosso povo, isto é, que a jurisdicção definitiva no paiz só seja exercida por juizes vitalicios.» (Sessão de 3 de agosto de 1871).

Tambem consegue Nabuco fazer passar na Camara em 1854 o seu projecto para a punição de crimes commettidos em paiz estrangeiro. O projecto primitivo era um de Wanderley, de 1850, um artigo curto: « As leis criminaes do Imperio são applicaveis áquelles de seus subditos que commetterem qualquer delicto em paiz estrangeiro e se refugiarem no territorio do mesmo Imperio.» Não se póde, entretanto, legislar assim, com essa facilidade apparente; si ao leigo o projecto parece habil por ser curto, para o jurisconsulto suscita questões interminaveis. Naquellas poucas linhas, por exemplo, estava revogada boa parte do direito internacional.

A commissão de justiça teve que reduzir a generalidade da medida a certos crimes contra a nação e aos de falsidade e moeda falsa e mais crimes particulares contra Brazileiros, excluindo os casos em que tivesse havido processo e julgamento no outro paiz. A questão, porém, ainda assim não era tão simples, é de facto uma das mais complicadas que se possam figurar, sendo praticamente desconhecido até hoje o processo desses crimes praticados no estrangeiro. Na terceira discussão Nabuco e Ferraz assignam

---

[1] Para o regulamento dos tribunaes de commercio ouviu como sempre grande numero de autoridades da época, Marcellino de Brito, Machado Nunes, Eusebio, Teixeira de Freitas, Bulhões Ribeiro, Souza Franco, José de Alencar e principalmente Vaz Vieira.

com a commissão uma emenda substitutiva que é adoptada. Tambem esse projecto terá que esperar no Senado onze annos até ser convertido em lei e, como se verá, é ainda a Nabuco principalmente que ha de caber o trabalho de emendal-o e de sustental-o. Conforme o seu costume o projecto de 1854 vinha inçado de autorizações ao governo para legislar sobre materias connexas, como, por exemplo, sobre a execução das sentenças civeis dos tribunaes estrangeiros, sobre o julgamento dos crimes commettidos no alto mar ou em porto estrangeiro a bordo de navios brazileiros, sobre o modo de preparar no estrangeiro o processo de responsabilidade dos agentes do governo. Ambicioso de trabalho e sabendo que era impraticavel apresentar projectos especiaes sobre todas as lacunas de nossa legislação e mais ainda englobal-os, Nabuco pedia logo de uma vez em cada lei autorização para prover a tudo que lhe fosse referente. Era exactamente o opposto das *carretilhas* de Eusebio; era o systema, póde-se dizer, dos comboios.

Esses projectos todos, entretanto, não manifestavam sinão para algum observador superficial o desejo de tudo reformar, cada um delles correspondia a uma difficuldade insuperavel que o ministro havia encontrado, á necessidade de remover algum obstaculo na administração do paiz.

Essa lei, por exemplo, da repressão dos crimes commettidos por Brazileiros fóra do paiz entrava no systema geral da repressão do crime que para Nabuco, segundo vamos vêr e em parte já vimos por occasião da reforma judiciaria, formava um dos grandes objectos do ministerio. Defendendo-a em 3 de junho de 1854, elle dirá: « As cedulas falsas procedem de paizes estrangeiros, principalmente de Portugal, onde ha fabricas de moeda falsa em grande escala; para ahi vão os Brazileiros interessar-se neste fabrico criminoso e de lá vêm pessoas interessadas especular a respeito das facilidades e meios de importação e circulação da moeda falsa que fabricam. E' preciso por conseguinte punir rigorosamente os Brazileiros e os estrangeiros que desta maneira transtornam e compromettem a fortuna social e particular do Imperio.» Como a moeda falsa, assim o trafico de africanos. « Ninguem dirá que o projecto é um luxo de legislar, que as hypotheses são raras e gratuitas. »

A todos os presidentes Nabuco escreve sempre que devem cuidar antes de tudo da repressão dos crimes. A indifferença da

população diante dos crimes os mais atrozes, a convivencia de todos com criminosos de morte, o systema de vingança, o barbaro feudalismo que transformava o morador em *capanga* ou em *espoleta* do potentado local, collocavam a sociedade em muitos pontos do interior em uma especie de estado de sitio permanente. Nabuco por vezes esboçara na Camara esse quadro de impunidade, a sobranceria das influencias que se encastellavam nas suas propriedades e desafiavam a justiça que lá não ousava penetrar. Contra esse estado no estado o ministerio estava disposto a reagir. A José Bento (21 de setembro de 1854) recommenda Nabuco: « Aonde as influencias fôrem hostis ou indifferentes a este grande pensamento do governo nomeia delegados estranhos com gratificações razoaveis. » O *grande pensamento* era a repressão a todo custo. A Costa Pinto, presidente da Parahyba, (10 de dezembro de 1855) elle escreve: « Fico inteirado da noticia que me dá de uma morte commettida pela famigerada familia. . . da Lagôa Nova e da indifferença com que se houve a autoridade na presença desse facto. Já está demittida e substituida essa autoridade? Convém antes não ter autoridades, que tel-as desse caracter. »

Era preciso, com effeito, attender á situação moral do paiz que as cartas dos presidentes revelavam. «Não ha nada de novo nesta *santa* terra, escrevia-lhe por exemplo Wanderley, sinão *um ou outro tirinho lá por fóra*, o que ha de continuar, porque todos sabem que não serão punidos; os taes *jurados* hão de nos dar cabo da pelle.»

Quando a sociedade fica assim paralyzada, dominada pelo poder do crime, desmoralizada por effeito da impunidade, é preciso á autoridade de qualquer modo quebrar o prestigio dos facinoras. Nabuco incitava os presidentes a preoccuparem-se sobretudo dos resultados, a não terem escrupulo de algum excesso que pudessem commetter. Alguns presidentes comprehendem a necessidade de subordinar tudo, melhoramentos materiaes, interesses de partido e até as fórmas da lei, a esse pensamento capital. Um delles é Saraiva, então presidente das Alagôas, a quem Nabuco escreve (12 de dezembro de 1853): « A energia e actividade que V. Ex. tem ostentado na perseguição do crime, o tino politico com que vai marchando em sua administração, muito me tem agradado, e certo e sem lisonja lhe digo que muito contentes estamos com V. Ex.; » e em 22 de dezembro ainda: « Affirmo-lhe que não será

por falta de meu apoio que V. Ex. arrefecerá o patriotico ardimento e a actividade com que tem tomado sobre si o empenho de fazer punir o crime e perseguir os criminosos.» Saraiva tanto sabe que essa é a idéa fixa do ministro da justiça que, removido no anno seguinte para S. Paulo, escreve a Nabuco: «Quando encetar a minha acção acerca da segurança individual eu hei de gastar dinheiro, e portanto diga-me V. Ex. si posso contar com toda a sua disposição a respeito.»

Esta carta de Saraiva, de 31 de dezembro de 1853, mostra quanto elle estava compenetrado do seu papel:

«Já disse a V. Ex. alguma coisa a respeito da comarca da Atalaia, de que faz parte o municipio da Imperatriz. Essa comarca tem sido o quartel general de todos os movimentos sediciosos desta provincia, é nella que apparece o primeiro grito de revolta e resistencia á acção da autoridade sempre que a provincia tem de soffrer alguma alteração em sua tranquillidade... Começando a minha administração demitti o delegado de policia que achei, por fraco, substituindo-o pelo juiz municipal nomeado ultimamente pelo meu antecessor. Em menos de um mez demitti a esse juiz da delegacia porque era tambem fraco e vi-me na necessidade de ir ás fontes do mal, porque emquanto a sua origem permanecesse, eu acharia fracos e ruins quantos delegados e commandantes de destacamento mandasse para ali, pois que os delegados nomeados soffriam como todo o povo o mal que arruinava aquelles lugares, o medo de meia duzia de miseraveis. Assim combinei com o Chefe de Policia a prisão de todos os facinorosos influentes e protectores de criminosos dos municipios da Imperatriz e da Atalaia, e por ora sómente daquelles que embaraçavam a marcha da administração, porque tirados estes tudo mais era vencido pela marcha regular da policia local exercida pelas autoridades estranhas, que eu tenho o proposito de conservar ali. Meu antecessor aplainou o terreno para mim, pois que moderou os antigos odios e nullificou os partidos velhos, sem deixar novos, porque não considero partido politico uma sucia de capadocios a quem alguns antigos *cabelludos* e *lisos* descontentes agradam, como muita gente agrada o instrumento que fere os seus inimigos.»

Nabuco de certo não admittia que a parcialidade politica fosse um privilegio nem confiava na sinceridade dos que se diziam

amigos da situação para usufruil-o. «Assente, porém, V. Ex., dizia elle a Costa Pinto (9 de janeiro de 1856) que em geral ser governista é uma especulação, como é outra proteger o crime: o typo da nossa época é ficar bem e não se comprometter com quem póde fazer mal.»

Em ponto algum a vigilancia do governo é mais activa do que em relação ao trafico de Africanos. Eusebio havia vibrado em 1850 o seu tremendo golpe nesse commercio. Em março daquelle anno o consul inglez no Rio de Janeiro envia a Lord Palmerston uma extensa lista dos individuos que na capital negociavam com a costa da Africa; os principaes delles eram Bernardino de Sá e Manoel Pinto da Fonseca. A influencia desse alto commercio africanista era preponderante, as fazendas estavam-lhe hypothecadas e iam caindo de dia a dia em seu poder. [1] A antiga classe dos proprietarios territoriaes mudava assim rapidamente de constituição e de caracter, ao passo que a força do africanismo duplicava por essa solidariedade da agricultura devedora no interior com o commercio credor da capital. A attitude, porém, da Inglaterra tornara-se de repente ameaçadora, ella resolvera perseguir os navios negreiros, que no oceano lhe escapavam, dentro mesmo dos nossos portos, nas aguas territoriaes da costa onde se preparava o desembarque. E' querer illudir-nos a nós mesmos por uma ficção de patriotismo dizer-se que sem essa attitude da Inglaterra no mar o trafico teria sido parado repentinamente em 1850 como o foi. O grande merecimento de Eusebio consiste em ter affrontado o poder todo dos capitaes, na sinceridade da sua energia que não recuava diante de nenhuma consideração, e sobretudo na coragem de ter emprehendido essa obra no momento mesmo em que o patriotismo nacional susceptibilizado pelo procedimento do cruzeiro inglez estimaria talvez que o governo pudesse adiar a sua acção decisiva para quando a Inglaterra se sentisse impotente e appellasse para elle em vez de se lhe querer impôr. E', porém, irrisorio pensar que sem o terror do cruzeiro inglez teriamos podido aniquilar o poder do trafico quasi de um golpe.

---

[1] «Assim a nossa propriedade territorial ia passando das mãos dos agricultores para os especuladores e traficantes.» Eusebio, discurso de 16 de Julho de 1852. Os especuladores eram os que compravam Africanos aos traficantes para os revender aos lavradores.

O trafico era uma especulação entre nós, quasi exclusivamente, portugueza, a medida mais efficaz contra elle era assim a deportação, e Eusebio deportando os principaes traficantes, e desorganizando desse modo o commercio, conseguiu ainda mais do que com as medidas criminaes da lei de 4 de setembro.

Quando Nabuco entrou para o ministerio em 1853 o trafico estava subjugado, não estava ainda morto; a menor mostra de indifferença por parte do governo fal-o-ia de repente renascer com mais força; elle conservava ainda os seus quadros, o seu vasto apparelho nautico, o seu mechanismo commercial tanto no Brazil como na costa d'Africa; o capital ainda não havia abandonado a especulação por impraticavel, acompanhava os movimentos do cruzeiro inglez, mas sobre tudo observava o governo. Ainda em 7 de abril de 1856 o chefe de policia da côrte, Sinimbú, relatava assim as forças conhecidas do trafico:

«No porto de Ambriz da costa d'Africa ha tres feitorias de escravos, uma pertencente a Manoel Pinto da Fonseca, outra a Ferraz & Correia, negociantes da Bahia, e a terceira a Thomaz Ramos conhecido por antonomasia Maneta, por só ter um braço. Esta ultima é a mais poderosa, o referido Maneta está em Lisbôa, mas tem na Costa o seu correspondente, cujo appellido é Fonseca. No rio Congo existem duas feitorias, uma que prepara escravos para Havana e pertencente a Zulueta, cujo correspondente na Costa é José Ojea, e outra que pertencia ao mesmo Manoel Pinto da Fonseca. No rio Quicombo ha uma feitoria pertencente a Rivarosa. No Cabo Lopes ha tres feitorias, uma pertencente á Havana é dirigida por um tal José Pernéa, a outra era de José Bernardino de Sá e a terceira é do mesmo Rivarosa, cujo irmão reside na Havana. Dizem-que José Antunes de Carvalho e Cortes foi algum tempo administrador e socio de Rivarosa, e que si elle não estiver nesta côrte é provavel que se ache na feitoria. No Porto Novo o unico proprietario e que exclusivamente prepara africanos para importar no Imperio é Domingos José Martins, sobre o qual ha razões de suspeitar que continue a fazer novas tentativas de trafico. Em Onin o mais notavel traficante é Luiz Laminier que sendo francez de nascimento naturalizou-se hespanhol. Os pontos da nossa costa em que mais numerosos desembarques se tem effectuado são Rio de Ostras, Macahé, Cabo-Frio, Ponta dos Busios e Itapemirim. Consta que ultimamente de Lisbôa tem saido varios navios para

a Costa e que desses, dois deram desembarque em Havana e os outros se destinavam ao Imperio. »

O ministro da justiça era obrigado por seus agentes a uma vigilancia continua para evitar que se désse um desembarque, porque bastava um desembarque para produzir complicações da maior gravidade, comprometter tudo quanto se tinha feito, fazer duvidar da firmeza do governo ou da sua sinceridade. Por isso tambem Nabuco está sempre a recommendar aos agentes do governo uma actividade incançavel e é preciso reconhecer que elle se viu quasi sempre admiravelmente auxiliado, sem falar dos presidentes e chefes de policia, pelos magistrados a quem se confiava, entre os quaes José Caetano de Andrade Pinto, Pindahyba de Mattos, Barbosa da Cunha, Bernardo Gavião, Tavares Bastos. « Dou os parabens a V. Ex. pelo seu triumpho; escrevia elle a este ultimo, que tal póde considerar esse processo formado apezar de tudo e contra todos. » (maio de 1856). O Imperador, os ministros, os presidentes, os juizes de direito de comarcas do littoral mais expostas a desembarques, vivem em continua alerta; nem a Legação Ingleza os deixa descançar. Com os seus consules, os seus agentes secretos, os seus navios, as informações que lhe transmittem da costa Africana, ella está constantemente a denunciar tentativas, tramas urdidos dentro e fóra do paiz, movimentos de embarcações estrangeiras suspeitas ou de individuos a soldo dos traficantes.

O ministro da justiça escrevendo aos presidentes formulava o seu programma nestes termos: « *Segurança individual e trafico*, conte com toda a minha coadjuvação e apoio. » (Carta a Sá e Albuquerque, 24 de outubro de 1854). Elle dilata o poder das autoridades nessa questão. A Saraiva por exemplo, diz (carta de 31 de dezembro de 1854): « Approvo o arbitrio que V. Ex. propõe de fazer sentir a... a resolução em que está o governo de perseguir com a lei e fóra da lei, pela lei e contra ou além della, aquelles, quaesquer que sejam, que se empregarem no trafico... » Avisando a Pindahyba de que um palhabote se aproxima da Marambaia: « Veja bem que encarrego a V. S. de providenciar em qualquer paragem que seja, ainda que fóra de sua jurisdicção. » (17 nov. 1855) Os ministros não descançavam, si o da justiça respondia pela policia do littoral, o da marinha tinha que ter sempre navios promptos ao primeiro signal e era o de estrangeiros que tinha de responder aos avisos diarios da Legação Ingleza.

«Valha-me Deus com os seus *patachos*! escrevia numa dessas occasiões Wanderley a Nabuco. Não vê que não é crivel similhante coisa? Comtudo logo que recebi a sua primeira carta (ás 2 horas) dei ordem para sair uma embarcação que fosse visitar o patacho suspeito... Tranquillise-se que não ha de ser nada.» O Imperador está tambem sempre inquieto, um novo desembarque queria dizer recrudescencia da actividade Ingleza, novas humilhações. De uma vez elle escreve a Nabuco: «E' preciso muito cuidado para que os traficantes de escravos não façam algum desembarque, e a carta do chefe de policia da Bahia não me tranquilliza.» Pela primeira vez talvez a Legação Ingleza escrevendo ao Foreign Office reconhecia os esforços feitos pelo Governo Brazileiro para a suppressão do trafico, mas ainda assim ella tinha choques repetidos com o gabinete.

Uma vez, por exemplo, Mr. Jerningham queria que se mandasse apprehender um vapor norte-americano, e Nabuco escrevia familiarmente ao seu collega de estrangeiros que lhe transmittira o desejo da Legação: «Que grande entalação! Mandar eu proceder a uma busca e detenção do vapor americano simplesmente por uma denuncia verbal para ao depois ser eu causa de reclamações e indemnisações! Não, senhor. Apoiado na decisão do nosso Presidente nada farei sem a certeza do facto.»

O ministerio todo estava unido nesse pensamento. O seu primeiro acto póde-se dizer foi o projecto de lei redigido de accordo com o ministro da justiça e apresentado por Paraná no Senado, logo em 1853, ampliando a competencia dos auditores de marinha para processar e julgar os traficantes de escravos e seus cumplices mesmo quando a perseguição fosse posterior ao desembarque e longe da costa. A lei de Euzebio, de 4 de setembro de 1850, não bastava, o mecanismo do crime era outro, era preciso armar de outro modo a autoridade. Em 1854 foi esta uma das medidas que Nabuco conseguiu da Camara, sustentando-a como indispensavel (17 de maio):

«Em 1850, vós o sabeis, o grande mercado dos escravos era nas costas; é ahi que havia grandes armazens de deposito, onde todos iam comprar; mediante essa lei de 4 de Setembro de 1850 essas circumstancias se tornaram outras, os traficantes mudaram de plano. Apenas desembarcados os africanos são para logo por caminhos impervios e por atalhos desconhecidos levados ao interior do paiz. A' face destas novas circumstancias, que póde o governo fazer

com a lei de 4 de setembro de 1850, cuja acção é sómente restricta ao littoral ? Si desejamos sinceramente a repressão, si não queremos sophismal-a, devemos, senhores, seguir os africanistas em seus novos planos ; convém que contra elles o governo não fique impotente, que não seja o responsavel sem os meios necessarios para perseguil-os.»

Neste trecho reflecte-se bem o espirito do homem politico :

« Falaram os nobres deputados nos perigos que as disposições deste projecto podem produzir. Não ha medida por vantajosa e necessaria que não tenha inconvenientes ; convém confiar na execução, porque, senhores, o governo é uma garantia desses perigos, o governo que faz parte do paiz, e que, dada uma subversão, será victima tambem responsavel. Um governo, a menos que desconheça a sua missão, não póde por amor de um interesse comprometter os outros interesses da sociedade ; é na combinação de todos elles que consiste o grande problema da administração publica. Não é para abusar que o governo quer estas disposições, porque para abusar eram bastantes e poderosos os meios que estão hoje á sua disposição. »

Ainda uma vez Nabuco se pronuncía então pela effectividade da justiça, de preferencia á superstição da fórma popular do jury :

« Eu vos disse, senhores, que o governo tinha o desejo sincero de reprimir o trafico e não queria sophismar a repressão ; não será sophismar a repressão o encarregar ao jury o julgamento deste crime? Sem querer fazer injuria ao tribunal do jury, dir-vos-ei que não é elle o mais proprio para punir esses crimes ; o jury será habilitado para punir os crimes que o senso intimo reconhece, que repugnam ao coração, que são para assim dizèr fulminados pela lei natural e importam infamia ; não é porém, o mais proprio para punir aquelles que são creados pelas necessidades e interesses da sociedade. Senhores, os africanistas não hão de deixar de procurar para o desembarque aquelles sitios em que a opinião fôr favoravel ao trafico, não hão de internar os africanos sinão para os lugares em que acham protecção e o jury desses lugares, os cumplices, os interessados, os conniventes no crime podem julgal-o ? Diremos ás nações que comnosco cooperam para esse empenho da civilização e da humanidade que o jury é satisfactorio ? Isto seria um epigramma, isto não é querer a repressão, é sophismal-a. »

A lei de 5 de junho de 1854 completa a serie das medidas legislativas contra o trafico. O fim de toda essa previsão, desse reforço

das leis repressivas, era impedir que se reproduzisse o facto de Bracuhy em que Africanos fossem desembarcados e logo internados, misturados com o resto da escravatura; era conseguir a revogação da lei Aberdeen destruindo-se as suspeitas e mostrando ao mundo que era impossivel em nosso vasto littoral a renovação do trafico de escravos. Infelizmente não se pôde conseguir que não houvesse ainda um desembarque, mas esse foi o ultimo.[1]

Ao trafico prendiam-se numerosas questões relativas a Africanos e mesmo á escravatura já nascida no paiz. A legação ingleza assumira no Brazil o papel da Anti-Slavery Society, rebater a escravidão era a sua funcção unica, o lugar de ministro da Rainha quadraria talvez melhor entre nós a um director daquella sociedade do que a um diplomata de carreira. Continuava sempre a grande questão a respeito dos Africanos importados depois da lei de 1831 e que a Inglaterra considerava livres em virtude da convenção de 1826. Além dessa havia a questão dos Africanos reconhecidos livres pelo governo por terem sido apprehendidos no acto do desembarque, questão que se decompunha em duas: a dos Africanos entregues, de facto dados a particulares[2] e a dos que estavam ainda a serviço do governo. Além dessas, tudo que interessava aos escravos parecia entrar no dominio da legação britannica.

E' assim que vemos em 1857 Mr. Scarlett empenhando-se com Paranhos por ordem de Lord Clarendon a favor de uma medida contra o commercio costeiro de escravos. Paranhos escreve a Nabuco (12 janeiro de 1857): « Diz-se que ha maior deshumanidade nesse trafico, que assim alimenta o espirito do que com elle se parece e as leis condemnam. Não podemos fazer alguma cousa em nosso

---

[1] Segue-se o historico desse ultimo desembarque effectuado a 13 de outubro de 1855 em Serinhaem (Pernambuco), e cujo processo deu lugar á aposentadoria forçada de dois desembargadores do Recife.

[2] Em relação aos africanos livres arrematados por particulares é de Nabuco o decreto de 28 de dezembro de 1853, que lhes concedeu a emancipação depois de quatorze annos de serviços. Esse decreto libertava desde logo todos os africanos que já tivessem o tempo e annualmente operaria a emancipação dos que o fossem completando. Em 1864, quando Furtado (decreto de 21 de setembro) deu por vencido o prazo de quatorze annos, restavam sómente, no maximum, para os raros africanos tres annos de serviço; na quasi totalidade, porém, o decreto de Nabuco os havia já gradualmente emancipado.

proprio interesse, visto que o Norte vai ficando sem braços, e que ao mesmo tempo nos livre dessas importunações do Foreign-Office? O trafico, meu caro collega, ha de ser por muito tempo a alavanca ingleza contra nós. Tiremos a essa alavanca o maior numero de pontos de apoio que nos fôr possivel tirar. » Era o projecto que Wanderley apresentara em 1854 prohibindo o transporte de escravos de uma provincia para outra, e que fundamentara com a mais penetrante intuição do futuro sem todavia, infelizmente, instar pela idéa. A linguagem de Wanderley a respeito da escravidão era nesse tempo tão humanitaria quanto politica :

« E' um horror, senhores, dizia elle (1° de setembro de 1854), vêr crianças arrancadas das mãis, maridos separados das mulheres, os pais dos filhos! Ide á rua Direita, esse *novo Valongo*, e ficareis indignados e compungidos com o espectaculo de tantas miserias! E isto passa-se na côrte do Imperio!... Eu mesmo, que não propendo muito para o sentimentalismo, confesso que me irrito, que me horroriso, quando considero em todas as consequencias deste trafico tão barbaro, tão inhumano, e direi ainda mais barbaro, mais inhumano do que era o trafico da costa d'Africa. » Referindo-se á impossibilidade de colonizar o sul emquanto este tivesse o mercado de escravos do norte e á perspectiva do norte empobrecido, sem escravos e sem os meios de promover a colonização, difficil com o seu clima, esboçava elle este quadro que talvez por bem pouco tenha deixado de realizar-se em todas as suas previsões: « A consequencia de uma mudança radical nas condições do trabalho das provincias será o antagonismo politico entre as provincias do sul e as provincias do norte; porque estas, logo que não tiverem escravos, se empenharão para que os não haja no sul, as provincias do sul quererão o contrario, e veriamos saltar deste choque de interesses entre nós os mesmos perigos que têm ameaçado a União dos Estados-Unidos da America; e esses perigos não se antolham aos illustres deputados em um futuro mais ou menos remoto? » [1]

---

[1] Ao mesmo tempo (1° de setembro) apresentava elle outra medida tambem de caracter philanthropico, ainda que mais restricta, declarando que a alforria concedida a escravos que se não pudessem sustentar por si mesmos em consequencia de velhice ou doença não isentava os senhores da obrigação de os alimentar.

«Nenhuma duvida tenho hoje de propôr a medida legislativa, respondia Nabuco a Paranhos, ou de fazer adoptar o projecto do nosso collega Wanderley que existe na Camara, si nisso assentarmos.» Si o ministerio Paraná-Caxias não se tivesse retirado, seria essa uma das leis da sessão de 1857 e o problema servil, mais tarde seria mais facil de resolver, graças á antecedencia daquella medida preparatoria que o decomporia e por assim dizer distribuiria igualmente por todo o paiz os impulsos e as resistencias.

JOAQUIM NABUCO

PLENILUNIO

Além nos ares, tremulamente,
Que visão branca das nuvens sai!
Luz entre as franças, fria e silente;
Assim nos ares, tremulamente,
Balão acceso subindo vai...

Ha tantos olhos nella arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes e enamorados,
Golphão de scismas fascinador!

Astro dos loucos, sol da demencia,
Vaga, noctambula apparição;
Quantos, bebendo-lhe a refulgencia,
Quantos por isso, sol da demencia,
Astro dos loucos, loucos estão!

Quantos á noite, de alva sereia
O fallaz canto na febre a ouvir,
No argenteo fluxo da lua cheia
Allucinados se deixam ir!...

Tambem outr'ora, num mar de lua,
Voguei na esteira de um louco ideal;
Exposta aos euros a fronte nua,
Dei-me, ao relento, num mar de lua,
Banhos de lua que fazem mal.

Ah! quantas vezes, absorto nella,
Por horas mortas postar-me vim,
Cogitabundo, triste á janella,
Tardas vigilias passando assim!

E assim, fitando-a noites inteiras,
Seu disco argenteo n'alma imprimi;
Olhos pisados, fundas olheiras,
Passei fitando-a noites inteiras,
Fitei-a tanto, que enlouqueci!

Tantos serenos tão doentios,
Friagens tantas padeci eu!
Chuva de raios de prata frios
A fronte em braza me arrefeceu!

Lunarias flores, ao feral lume,
— Caçoilas de opio, de embriaguez —
Evaporavam lethal perfume...
E os lençóes de agua, do feral lume
Se amortalhavam na lividez...

Fulgida nevoa veiu offuscante
De um pesadelo de luz me encher,
E a tudo em roda, desde esse instante,
Da cor da lua começo a ver.

E erguem por vias enluaradas
Minhas sandalias chispas á flux...
Ha pó de estrellas pelas estradas...
E por estradas enluaradas
Eu sigo ás tontas, cego de luz...

Um luar amplo me alaga, e eu ando,
Em visionaria luz a nadar,
Por toda a parte, louco, arrastando
O largo manto do meu luar...

RAYMUNDO CORREA

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza; seus factores pre-historicos e historicos

VI — OS CARTHAGINEZES

Entre as nações que os romanos devastaram, Etruscos, Samnitas, Gaulezes, Celtiberios, Carthaginezes, estes ultimos foram os que mais soffreram. A destruição da republica africana foi completa. Não ficou pedra sobre pedra. Tal a razão fundamental porque não nos restam documentos para reconstruir a historia da famosa colonia de Tyro, a não serem as poucas e lacunosas referencias que a seu respeito se encontram nos escriptores gregos e latinos. Mas estes trataram apenas das relações que tiveram com os seus odiados adversarios e referiram sómente o que lhes interessava. Nestas condições, pouco sabemos da organização interna da republica libyphenicia, de sua historia anterior ás guerras punicas, de suas conquistas na Iberia.

Os modernos historiadores, quer portuguezes, quer hespanhoes, Coelho da Rocha, Herculano, Oliveira Martins, Lafuente, Tapia,

---

Veja a *Revista* de 1 de janeiro, 1 e 15 de fevereiro, 1 de abril, 1 de junho, 15 de julho e 15 de novembro de 1895.

Tubino, quasi nada nos dizem sobre tão interessante assumpto. O allemão H. Schäffer e o francez R. Saint-Hilaire acham-se nas mesmas condições. Não seremos nós, pois, afastados por milhares de leguas dos meios naturaes de investigação, que poderemos preencher as lacunas de tão illustres mestres. Contamos apenas com certo methodo na exposição e certa maneira de interpretar os factos, que nos é propria.

A dominação dos Carthaginezes na Hespanha teve tres diversos periodos. O primeiro, que vai do anno 950 antes de Christo ao V seculo, se confunde com o proprio dominio dos Phenicios. Estes eram os chefes, os senhores; porém a mór parte dos colonizadores com que contavam para manter-se no sólo hispanico eram Liby-phenicios. Caindo Tyro em poder dos Babylonios em 574 e pouco mais tarde sob o jugo dos Persas em 537, Carthago proclamou-se independente e manteve-se na Hespanha por sua propria conta. E' o segundo periodo, que durou poucos annos, cedendo os conquistadores africanos o passo aos Celtas, que os rechassaram de quasi todos os pontos que occupavam; mas não de todos. Em varias paragens os Carthaginezes conservaram-se senhores do terreno e sustentaram colonias, que vieram a ser a base da forte irrupção que fizeram pela mór porção da peninsula dos annos 248 a 219.[1]

Foi então que se abriu o terceiro periodo do dominio punico, que era destinado tambem a pouco durar; porque logo depois daquelle ultimo anno começava a segunda grande guerra entre Roma e a republica africana, guerra que lhe havia de custar a perda de suas possessões hespanholas. Alexandre Herculano, no excesso de sua celtophobia, querendo demonstrar que o sangue dos famosos gaulezes pouco póde ter predominado nas populações hispanicas exagerou a influencia de Phenicios, Carthaginezes e povos que posteriormente senhorearam aquellas regiões. Entretanto, suas investigações nesse terreno são demasiado lacunosas. Além de não escrever uma palavra das populações primitivas, anteriores aos Iberos, quasi nada disse destes e não lhes comprehendeu a immensa importancia na historia peninsular.

A tenacidade invencivel do povo hespanhol, que ainda hoje assombra o mundo, a energia dessa gente exemplar, que fez em

---

[1] Jubainville, *Les Premiers Habitants de l'Europe*, I, pags. 61, 65.

nosso seculo a epopéa admiravel da resistencia a Napoleão, o facto portentoso da luta contra os Arabes por oito dilatados seculos, a opposição por duzentos annos ás legiões romanas, a luta porfiada contra os Visigodos, todos estes factos deveriam ter aberto os olhos ao illustre historiador portuguez, indicando que sob os varios accidentes das conquistas permaneceu sempre ali o coração de ferro do povo iberico. Este sim, este é o verdadeiro peninsular. Nem os Phenicios, nem os Ligurios, nem os Gregos, nem em parte os Celtas, nem os Carthaginezes o puderam nunca dominar de todo.

Alguns fundaram feitorias nas costas, outros mantiveram colonias mais ou menos estaveis no interior; porém nunca chegaram a dominar amplamente as Hespanhas. Os Celtas espalharam-se um pouco mais; porque alliaram-se ás tribus indigenas em cerca de metade da peninsula. Só dois povos, portanto, conseguiram senhoreal-a completamente, os Romanos e os Visigodos, aquelles depois de duzentos annos de lutas porfiadas e do emprego de sua politica sem par, os outros, após annos e annos de guerras de exterminio, protegidos pela desordem da decadencia do imperio e pelo auxilio indirecto que anteriormente lhes prestaram alanos, suevos, vandalos e silingos. Nenhuma outra raça conseguiu curvar inteiramente a cerviz dos Iberos, e mais que qualquer outra era para isto impotente a gente carthagineza. Como verdadeiros negociantes estendêram elles suas feitorias pela peninsula e o dominio n'alguns pontos. Em seus exercitos entravam como mercenarios os infantes luzitanos, os cavalleiros andaluzes e os fundibularios baleares, como se contavam os Gaulezes, os Numidas, os Syrios, os Cappadocios, os Egypcios; porém aquillo não significava predominio para com uns nem para com outros. Nestas condições, quando, depois da derrota da primeira guerra punica, perdidas a Scicilia e a Sardenha, amedrontados diante da grandeza crescente de Roma, quizeram firmar pé em Hespanha, conquistando-a definitivamente, já era bem tarde. A politica dos Barcas, queremos dizer, a destreza dos homens mais intelligentes de Carthago, servida pelo valor pessoal de Amilcar, Asdrubal e Annibal, teve apenas na historia a funcção de preparar na peninsula o caminho que devia trilhar o povo-rei.

Mal acabava a ultima façanha do maior general carthaginez na Hespanha em 219, e já no anno seguinte começava a segunda guerra de exterminio entre as duas republicas rivaes. O poder de

Carthago tinha de ser instavel; sua propria vida pouco mais tinha de durar, e não tardaria a hora de desapparecer ella propria da face da terra. Alguns historiadores fantasistas, instruidos de não sabemos que miragens ethnographicas, quando chegam ao tempo dos dominadores punicos em terras hespanholas, soltam os diques ao enthusiasmo e cantam um hymno a esse *novo affluxo* de sangue semitico que veio sobrepôr-se á velha achega *phenicia* e deverá mais tarde ser reforçado pelos turbilhões *arabes*, tudo isto para chegarem á formula, algum tanto metaphysica, de que o *genio hespanhol consiste em vasar um'alma semitica, sinão africana, em moldes aryanos*...

Sentimos não comprehender cabalmente essa especie de charada historica, e preferimos caracterizar o mestiço peninsular por outra fórma, onde exactamente os semitas, quer Phenicios, quer Carthaginezes, quer Arabes e Mouros pouco têm que ver. No mestiçamento do ibero da peninsula, celtas, romanos e godos possuem quota mais ampla do que aquelles. Dest'arte não nos parece fundada a idéa de dever-se aos homens de Carthago o inicio da unidade hespanhola. Esta opinião não tem o apoio dos factos nem supporta as inducções da historia.

Como quer que seja, foi durante a segunda guerra punica que os Romanos invadiram as regiões carthaginezas de Hespanha. A sorte das armas teve a principio rumo vario, sendo por vezes derrotados Cneu Scipião e seu irmão Publio, até que a chegada do joven Cornelio Scipião, mais tarde cognominado o *Africano*, mudou a fortuna das armas em favor dos Romanos. «Os Carthaginezes, escreveu Laurent, tinham conquistado a Hespanha; ahi, como, aliás, em todos os paizes que se lhes tinham submettido, mostraram-se crueis e avarentos. Emquanto seu dominio esteve ameaçado pelos Romanos, affectaram doçura e humanidade; logo, porém, que as victorias de Annibal na Italia e as derrotas dos generaes remanos na propria Hespanha parecia ter-lhes consolidado o poder, não puzeram mais freio algum ás suas más paixões. Mas acreditaram bem antes de tempo na firmeza de seu imperio; alguns annos bastaram a Scipião para pôr-lhe um termo. A humanidade do general romano attraiu-lhe todos os povos. Depois da tomada de Carthagena, deixou sair livres os prisioneiros hespanhoes; estes mal podiam acreditar em tanta felicidade, derramavam lagrimas de alegria e o saudavam como um deus salvador. Scipião achou na cidade refens de todas as tribus da

Hespanha. Acolheu-os com bondade e prometteu-lhes envial-os para as suas terras; acariciou os meninos e deu-lhes presentes ao gosto de sua idade. Quando a velha esposa do chefe Mandonio veiu pedir-lhe para mandar tratar as mulheres com mais doçura, elle suppoz a principio que se tratava de sua subsistencia, porém, quando viu a captiva chorar, referindo os ultrajes que ellas tinham soffrido, poz-se tambem a derramar lagrimas. Estes signaes de delicadeza e humanidade são talvez mais admiraveis do que a continencia tão gabada do moço general. Os Hespanhoes foram celebrar por toda parte as virtudes de Scipião, heroe, similhante aos immortaes, vindo á Hespanha para tudo subjugar pelas armas, pela clemencia e pela generosidade.»[1]

Resta-nos dizer alguma coisa sobre a organização de Carthago e até que ponto poderia ter ella influido em Hespanha e Portugal.

O governo daquella gente era uma dessas republicas aristocraticas da antiguidade, demasiado differentes das organizações congeneres da idade média e dos tempos modernos. Aristoteles o elogiava como o modelo das republicas por enxergar nelle tres poderes que se contrabalançavam: os suffetas, o senado e o povo.

Mas é preciso convir que a parte do povo era ahi extraordinariamente reduzida. A verdadeira direcção publica pertencia de facto á uma nobreza de dinheiro. A administração real pertencia aos dois suffetas e ao senado que comprehendia um conselho de anciãos. A eleição dos magistrados cabia ao povo. O poder legislativo era funcção dos suffetas e do senado. O poder civil era distincto do militar, e os generaes em campanha eram sempre acompanhados por deputados do senado que lhes davam ordens.

Com o correr dos tempos o receio do despotismo militar trouxe certa modificação á organização do Estado. Creou-se então um supremo tribunal, composto de cem cidadãos, tendo por fim conter as demasias dos poderosos. Mais tarde esse mesmo famoso tribunal dos *cem* descambou para uma horrivel oligarchia.

« A organização das finanças de Carthago, escreve Eyriès, é pouco conhecida. Parece que as principaes fontes da renda publica eram: 1° os tributos pagos pelas cidades alliadas e pelos povos reduzidos a dominio em Africa, pagando as primeiras em

---

[1] *Histoire du Droit des Gens*, III, pag. 120.

dinheiro e os outros em generos, cuja quantidade era mui arbitrariamente determinada; 2° os tributos das ilhas e outras provincias exteriores, pagos pelo mesmo modo dos precedentes; 3° os tributos das hordas nomadas, quer do paiz proximo das Syrtes, quer dos cantões a oeste da republica; 4° os direitos de alfandegas e de transito cobrados por toda parte com extremo rigor; 5° os productos das minas, nomeadamente as de Hespanha, riquissimas em metaes preciosos. » [1]

Similhante organização politico-social só poderia exercer na Hespanha a influencia puramente exterior que costumam produzir as relações meramente commerciaes. O Carthaginez, como o Phenicio, não possuia a alta capacidade politica dos povos directores. Suas instituições não medraram na Iberia, nem poderiam medrar.

SYLVIO ROMÉRO

---

[1] *Encyclopédie Moderne* de Firmin Didot Frères, T. VII, pag. 679.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

DOS ESTADOS UNIDOS

IV

Um jornal americano iniciou a publicação de uma galeria deveras interessante, a dos archimillionarios que de pobreza franciscana subiram á opulencia de Monte Christo. Lendo as suas biographias, nellas encontramos um traço commum e saliente, a força de vontade, caracteristico de ha longo tempo apontado com razão como essencialmente nacional e sobre o qual Bourget insistiu particularmente nas paginas do seu *Outre-mer*. O principal ricaço dos Estados Unidos é hoje, após a dispersão das fortunas legendarias de Vanderbilt e Jay Gould, o Sr. John Rockefeller, que ha 30 annos passados era um guarda livros sem vintem e agora possue 200 milhões de dollars ou um milhar de milhões de francos, a saber, é senhor de um rendimento de 20,000 dollars diarios. Ninguem ignora que si todos sem excepção são exuberantemente energicos, os millionarios americanos são tambem no geral intelligentemente generosos, repartindo suas dadivas pelos estabelecimentos de caridade e de instrucção já existentes e fundando novos. Rockefeller, por exemplo, gasta annualmente 500,000 a um milhão de dollars, ou dois milhões e quinhentos

Veja a *Revista* de 15 de julho, 15 de agosto e 15 de setembro.

mil francos a cinco milhões, em obras de caridade. Tem um empregado, vencendo 10.000 dollars, cuja occupação exclusiva — e não deve ser uma sinecura — é fiscalizar aquella distribuição de graças para que della se não aproveitem pessoas ou fundações pouco merecedoras. Em assumptos de educação é igualmente liberal. Sómente á Universidade de Chicago, instituição *baptista*, religião de que Rockefeller é ardente sectario, tem elle dado perto de oito milhões de dollars.

A sua vida é instructiva. Filho de emigrantes escossezes, nasceu e criou-se na herdade paterna, recebendo instrucção na cidade de Cleveland. Com pouco mais de 20 annos e depois de uma rapida aprendizagem commercial como guarda-livros, em que apurou 500 dollars, estabeleceu com um socio uma casa de commissões, a qual rendia-lhe, ao cabo de oito annos, 5.000 dollars de economias. Julgando escasso e moroso o ganho proveniente das commissões, pretendeu, com a audacia mercantil peculiar aos anglo-saxonios, arriscar um negocio mais rendoso e, formando nova sociedade, montou uma refinação de petroleo. Data d'ahi o começo da sua crescente e finalmente vertiginosa prosperidade, não porém sem que a casa tivesse atravessado, mercê do arrojo dos interessados, uma phase melindrosa, que pôz á prova a perseverança, a *self confidence* — termo britannico que é a base do caracter individual na raça de Rockefeller. Acabou por descobrir um outro socio com algum capital, que liberou a firma e, dizem, emprestou á empreza o egoismo, a falta de compaixão, a dureza na luta pelo *dollar* que escasseava aos antigos associados, e sem o qual a tenacidade e a vivacidade que elles possuiam em tão larga escala, não lograra edificar uma riqueza monstruosa. A Companhia de Petroleo absorveu aos poucos as companhias ou emprezas rivaes, estendeu os seus tentaculos de polvo e monopolizou a producção do petroleo americano, tentando até abarcar a producção do russo. Distribue hoje um dividendo de 12 %. De par com o petroleo, Rockefeller, congenitamente temerario, abalançava-se entretanto a outros negocios e tornou-se, por exemplo, proprietario de todas as minas de ferro do Lago Superior, das principaes de Cuba, além de importantissimas partes nas companhias mineiras do Sul e Oeste. Converteu-se no rei do petroleo e do ferro, titulo com que o gratificou a admiração dos seus concidadãos: não comtudo rei constitucional, peado pelos ministros e pelo parlamento, antes monarcha

absoluto, soberano dictador do preço daquelles dois productos em um continente.

São nos centos os exemplos de constancia e de audacia entre os homens de negocio americanos. Citemos Jay Cooke, que vive actualmente retirado nos arredores de Philadelphia, o financeiro da União durante a tremenda guerra civil, o promotor dos grandes, dos indispensaveis emprestimos de então, perdendo a fortuna depois dos 50 annos na construcção de linha ferrea *Norther Pacific* e reconquistando-a intrepida e nobremente em explorações agricolas, em minas e novas vias-ferreas, pagando aos seus credores o ultimo centavo. «Este nosso mundo americano, disse elle um dia, é cheio de riqueza: a questão é sómente trabalhar para encontral-a.» Recordemo-nos desse extraordinario Cyrus Field, o lançador do primeiro cabo submarino entre o Novo e o Velho Mundo, fallecido ha quatro annos e á quem seu filho acaba de dedicar um curioso volume de memorias. [1] A' custa de mil esforços, mau grado pungentes desillusões e perdas collossaes, com uma ousadia de meios que não excluia, antes comportava a mais meticulosa honradez na gerencia dos capitaes que lhe andavam confiados, o Colombo do seculo XIX, como publicamente o sagrou John Bright, levou a cabo a sua tentativa e morreu numa das ruins alternativas da fortuna, que elle tantas vezes conhecera prospera e adversa.

A honestidade não é tão pouco vulgar entre os financeiros americanos quanto muitos imaginam. Não sei quanto para isso contribuem o velho fundo puritano e o sincero sentimento religioso de raça, mas certamente collaboram em boa proporção. Ha sem duvida na organização das fortunas prodigiosas algumas manchas inevitaveis; existem especulações ruinosas para os concurrentes, enxerga-se, em proveito de uma só, o esmagar de muitas outras actividades. Estes senões são inseparaveis, constituem a trama da eterna contenda sobre que Darwin edificou o seu systema de philosophia natural. O fervor no trabalho e a honradez na concepção e execução são porém, em geral sufficientes para fornecer a impressão de saude moral que este paiz incontestavelmente produz, fortificada por numerosos factos.

---

[1] *Cyrus W. Field*: His Life and Work (1819—92). Edited by Isabella Field Judson. 1896.

Diziam os antigos: *mens sana in corpore sano*, e é conhecido a que ponto o desenvolvimento physico occupa a attenção americana. Os Estados Unidos são o paiz de todos os *sports*, desde a velocipedia até a aeronautica, desde o pugilato até o *boxball*. A saude do povo não se revela porém apenas na solida musculatura e na agilidade dos movimentos: denota-se na alegria do temperamento, na paixão da natureza, na innocencia dos divertimentos. Estou veraneando num dos muitos *summer resorts* do estado de Nova York, e os cem hospedes do hotel em que resido distraem-se quotidianamente em longos passeios a pé, ascensões ás montanhas, excursões a carro, pescarias, digressões nos lagos, partidas. Não exaggero escrevendo que ainda não vi sombra de má lingua, que ainda não ouvi uma critica menos isenta de maldade, que ainda não dei fé de uma intriga, que ainda não presenciei uma conversação entre homens na qual a senhora mais recatada não pudesse tomar parte. Nota-se nas acções uma commum candura que realça a extrema affabilidade do trato, e excellente educação que preside ás relações sociaes. O proprio *flirt* não passa da mais ingenua, da menos maliciosa, posto que não a menos encantadora das distracções.

Nas relações internacionaes o espirito leal e franco do americano igualmente se manifesta. Engana-se muito quem o lobrigar sempre á espreita de uma occasião para augmentar o seu já tão consideravel territorio.

A politica de extensão territorial, hoje que as fronteiras se acham consolidadas, raríssimos defensores encontra entre as classes [illegible] e directivas — si assim as podemos qualificar nesta [illegible] republica democracia. A guerra do Mexico não é espectaculo a que a nossa geração corra risco de assistir. O enthusiasmo pela independencia de Cuba não esconde vulgarmente desejos de [illegible]; é antes uma caracteristica expansão do americanismo, a [illegible] das sementes de amor da liberdade que a guerra [illegible] da Independencia depositou na alma nacional, e [illegible] o desenvolvimento patrio tem fornecido continua e adequada atmosphera. Si não pretende ser o unico, o povo americano [illegible] satisfeito de ser o primeiro no seu continente, porventura, o primeiro no mundo, e similhante pretenção firma-se de [illegible] com argumentos producentes. O Estados Unidos constituem o [illegible] organismo politico de que temos conhecimento, nação

dotada de recursos immensos, de admiravel estructura administrativa, de vigorosas qualidades privadas, raça inventiva, possante, apta para a dominação.

O bem conhecido *Scientific American* publicou ha poucos dias o numero commemorativo do quinquagesimo anniversario da sua fundação, numero em que compendia as conquistas do genio americano no campo das descobertas mecanicas que tanto especializam o seculo XIX. E' uma leitura altamente suggestiva a daquellas 72 paginas em que condensa-se a historia da capacidade inventiva deste povo, em que se descreve o seu pugnar diario, armado o individuo de todas as armas da sciencia, contra os obstaculos naturaes e as trevas da ignorancia. Para avaliar-se o seu esforço collectivo, bastará lembrar que, si até o fim de 1845 o *Patent Office* havia concedido 3.873 patentes de invenção, 50 annos depois, no fim de 1895, o numero dellas tinha subido a 531.619, pertencendo poucas a estrangeiros. Além de capacidade inventiva, o espirito pratico. Os caminhos de ferro foram, ninguem o desconhece, o grande instrumento de civilização nos Estados Unidos, com o qual os estados de leste organizaram essa admiravel conquista do oeste que o historiador Roosevelt está presentemente descrevendo em interessantissimos volumes. (*The Winning of the West*).

A população porém seguiu a via ferrea, em vez da via ferrea procurar a população, como acontece na Europa. Urgia portanto, fazer muito, depressa e barato, pois que de começo mal poderia o trafego compensar as avultadas despezas. Foi este estimulo, esta necessidade que obrigou os engenheiros americanos a tentativas e ensaios que deram em resultado achados valiosos e excellentes. O material renovou-se mais tarde, aperfeiçoaram-se os leitos e os trilhos, emprehenderam-se as obras custosas, a principio habilmente evitadas, á medida que a população foi augmentando de densidade e desenvolvendo-se, e que o trafego se foi tornando remunerador, o que aliás aconteceu tão rapidamente, que a rede ferro-viaria, que em 1846 abrangia apenas 4.930 milhas, comprehende actualmente 181.082!

No mar, isto é, nos problemas da navegação oceanica, os melhoramentos devidos ao genio americano não terão sido tão sensiveis porque o commercio do paiz desenvolve-se sobretudo dentro

Diziam os antigos: *mens sana in corpore sano*, e é conhecido a que ponto o desenvolvimento physico occupa a attenção americana. Os Estados Unidos são o paiz de todos os *sports*, desde a velocipedia até a aeronautica, desde o pugilato até o *boxball*. A saude do povo não se revela porém apenas na solida musculatura e na agilidade dos movimentos: denota-se na alegria do temperamento, na paixão da natureza, na innocencia dos divertimentos. Estou veraneando num dos muitos *summer resorts* do estado de Nova York, e os cem hospedes do hotel em que resido distraem-se quotidianamente em longos passeios a pé, ascensões ás montanhas, excursões a carro, pescarias, digressões nos lagos, partidas. Não exaggero escrevendo que ainda não vi sombra de má lingua, que ainda não ouvi uma *critica* menos isenta de maldade, que ainda não dei fé de uma intriga, que ainda não presenciei uma conversação entre homens na qual a senhora mais recatada não pudesse tomar parte. Nota-se nas acções uma commum candura que realça a extrema affabilidade do trato, e excellente educação que preside ás relações sociaes. O proprio *flirt* não passa da mais ingenua, da menos maliciosa, posto que não a menos encantadora das distracções.

Nas relações internacionaes o espirito leal e franco do americano igualmente se manifesta. Engana-se muito quem o lobrigar sempre á espreita de uma occasião para augmentar o seu já tão consideravel territorio.

A politica de estensão territorial, hoje que as fronteiras se acham consolidadas, rarissimos defensores encontra entre as classes cultivadas e directivas — si assim as podemos qualificar nesta ciosa e robusta democracia. A guerra do Mexico não é espectaculo a que a nossa geração corra risco de assistir. O enthusiasmo pela independencia de Cuba não esconde vulgarmente desejos de incorporação: é antes uma caracteristica expansão de americanismo, a florescencia das sementes de amor da liberdade que a guerra gloriosa da Independencia depositou na alma nacional, e ás quaes o desenvolvimento patrio tem fornecido continua e adequada atmosphera. Si não pretende ser o unico, o povo americano orgulha-se entretanto de ser o primeiro no seu continente, porventura o primeiro no mundo, e similhante pretenção firma-se de resto em argumentos producentes. O Estados Unidos constituem o mais acabado organismo politico de que temos conhecimento, nação

dotada de recursos immensos, de admiravel estructura administrativa, de vigorosas qualidades privadas, raça inventiva, possante, apta para a dominação.

O bem conhecido *Scientific American* publicou ha poucos dias o numero commemorativo do quinquagesimo anniversario da sua fundação, numero em que compendia as conquistas do genio americano no campo das descobertas mecanicas que tanto especializam o seculo XIX. E' uma leitura altamente suggestiva a daquellas 72 paginas em que condensa-se a historia da capacidade inventiva deste povo, em que se descreve o seu pugnar diario, armado o individuo de todas as armas da sciencia, contra os obstaculos naturaes e as trevas da ignorancia. Para avaliar-se o seu esforço collectivo, bastará lembrar que, si até o fim de 1845 o *Patent Office* havia concedido 3.873 patentes de invenção, 50 annos depois, no fim de 1895, o numero dellas tinha subido a 531.619, pertencendo poucas a estrangeiros. Além de capacidade inventiva, o espirito pratico. Os caminhos de ferro foram, ninguem o desconhece, o grande instrumento de civilização nos Estados Unidos, com o qual os estados de leste organizaram essa admiravel conquista do oeste que o historiador Roosevelt está presentemente descrevendo em interessantissimos volumes. (*The Winning of the West*).

A população porém seguiu a via ferrea, em vez da via ferrea procurar a população, como acontece na Europa. Urgia portanto, fazer muito, depressa e barato, pois que de começo mal poderia o trafego compensar as avultadas despezas. Foi este estimulo, esta necessidade que obrigou os engenheiros americanos a tentativas e ensaios que deram em resultado achados valiosos e excellentes. O material renovou-se mais tarde, aperfeiçoaram-se os leitos e os trilhos, emprehenderam-se as obras custosas, a principio habilmente evitadas, á medida qne a população foi augmentando de densidade e desenvolvendo-se, e que o trafego se foi tornando remunerador, o que aliás aconteceu tão rapidamente, que a rede ferro-viaria, que em 1846 abrangia apenas 4.930 milhas, comprehende actualmente 181.082 !

No mar, isto é, nos problemas da navegação oceanica, os melhoramentos devidos ao genio americano não terão sido tão sensiveis porque o commercio do paiz desenvolve-se sobretudo dentro

do continente, chegando os caminhos de ferro, com a estensão das suas linhas, a reduzir a navegação fluvial do Mississipi, por exemplo, d'antes typica e florescente. Em tantissimos outros dominios hão sido todavia decisivos os triumphos americanos. Testemunham-no os nomes de Morse, inventor do telegrapho electrico; Bell, do telephone; Colt, do revolver: Ericsson, do monitor; Edison, do phonographo; e outras muitas maravilhas, Howe, da machina de costura; Mac Corwick, da machina de ceifar. Uma nação que além de outros muitos predicados conta uma tão illustre pleiade de inventores tem o direito de mostrar-se orgulhosa. E é tão poderoso e caracteristico este orgulho nacional, que nelle se vai sobretudo filiar o movimento em favor da livre cunhagem da prata que está presentemente agitando os Estados Unidos e fórma a questão maxima da proxima eleição presidencial. O povo americano julga-se em condições de tentar todas as experiencias, de arriscar todos os ensaios, mormente os que podem provar a sua completa autonomia de Europa.

A tremenda guerra civil de 1861—64 sem as previstas consequencias de desorganização nacional, ou pelo menos de pretorianismo hispano-americano, antes seguida da dissolução do exercito vencedor e de um periodo de excepcional actividade e prosperidade, mais robusteceu tal convicção do proprio valor.

A prata é um producto domestico: convém protegel-o e forçar a sua entrada em circulação numa dada e fixa relação com o valor do ouro, independente de todo e qualquer conchavo com outros paizes. Os Estados Unidos produzem todos os frutos da terra, todos os resultados da industria; podem portanto, como a China, isolar-se financeira e economicamente do resto do mundo, segregar-se dentro de uma muralha feita de prejuizos e vaidades. Por isso veja-se que é a Oeste mais vehemente o movimento, emquanto que a Leste, na costa voltada para a Europa, nos estados onde predominam as intelligencias esclarecidas e fortificadas pelo intercurso mental com os paizes de além do Atlantico, prevalecem as idéas de moderação e de harmonia internacional.

OLIVEIRA LIMA

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Em uma das sessões da « English Goethe Society » o presidente, professor Dowden, rompendo com a tradição que o obrigava a apologia do grande poeta allemão, a cujo estudo e glorificação se vota aquella sociedade, fez contra elle um verdadeiro libello.

Affirma o professor Dowden que a respeito de Goethe o publico inglez, que adoptou sem prevenções Cervantes e Dante, conservou sempre duvidas e escrupulos. A Goethe faltou um objectivo, uma determinação. « Apenas por pouco tempo, nos seus primeiros annos, concentrou-se na mais alta das suas obras. Deixou-se arrastar pelos acasos da vida e desviar por elles, em vez de abrir o seu caminho em vista do seu objectivo. D'aqui a massa desordenada de producções inferiores. Seus mais importantes escriptos são fragmentarios ou mal organizados. Elle alterou a fórma de muitos como um amador experimentando, não como um artista que sabe o que quer, e fal-o de vez e definitivamente. O *Fausto* foi abandonado por annos, tomado, abandonado e retomado mais uma vez; de modo que não tem columna vertebral, ou tem talvez muitas, mas nenhuma completa, e fôra uma felicidade si elle houvesse cessado de escrever dez annos antes de acabal-o. A vida de Goethe, como as suas principaes obras, carece tambem de unidade e de organização. E' antes uma serie de differentes vidas, todas incompletas, postas uma ao cabo da outra, do que uma vida só compendiando uma grande idéa e realizando uma obra superior. Sua carreira como artista, como a sua vida como homem, não é nem simples, nem homogenea; é de facto, uma successão de avanços e recuos. Goethe não tinha uma grande tradição a determinar-lhe o caminho e impellil-o para a frente. Elle experimentou finalmente a creação de uma nova literatura alleman; mas uma literatura nasce expontaneamente, não é a obra de uma cultura intencional. A que esco'a de architectura pertence o seu altar artistico? Não se poderia dizer que elle é traçado no estylo franco-anglo-persico-greco-romano-allemão? » — Referindo-se ás relações de Goethe com as mulheres diz o professor Dowden: « As relações de Goethe com as mulheres foram defendidas pelo engenhoso Escocez, o fallecido professor Blakie, com um argumento ingenuo. Um poeta, diz elle, apaixona-se por bellas coisas, e destas coisas uma bella mulher é a mais attraente, por ser a mais bella obra no mundo das creaturas racionaes.» «Ninguem se escandalize, pois, quando digo — escreve

aquelle professor — que Goethe estava sempre a apaixonar-se, o que considero isto um bello rasgo do seu caracter. » Nós gostariamos de saber a opinião de Frederica Brion e da Sra Von Stein sobre este argumento masculino. Nós não censuramos Goethe por ser apaixonado, mas ao contrario, pela sua carencia de paixão.» — Goethe, segundo o Sr. Dowden, com todo o seu genio, não possuia comprehensão. As notas das suas viagens nol-o mostram singularmente cego para as galerias de Florença e o genio de Gioto. Não apreciou Dante. Taxou o « Inferno » de detestavel, o « Purgatorio» de confuso, o « Paraiso » de fatigante. Goethe era um homem do seculo XVIII e como tal a sua apreciação de arte classica jámais se ergueu acima do nivel do seu seculo »— Suas principaes obras são assim julgadas pelo professor Dowden « Werther é construido sobre as areias de uma paixão fingida. » Wilhelm Maester, tem como idéa central « um sentimento mais definido da proporção, e d'ahi o seu desenvolvimento verdadeiro.— A sabedoria da vida média em Goethe era uma sabedoria prosaica, seus escriptos sobre optica são uma advertencia para aquelles que pretendem entrar na sciencia por outra via que não a porta direita e augusta.» A immoralidade das *Affinidades Electivas* é mais profunda do que um ataque ao casamento, é um ataque á liberdade da vontade racional. Quando a Europa lutava pela liberdade Goethe punha-se ao lado dos oppressores.» Sua mais elevada concepção da liberdade politica era a que se podia gozar sob o despotismo benevolo. Elle não teve um canto para a Allemanha resurgente.

Referindo-se finalmente a vaidade de Goethe de que sua obra dá a liberdade interior, replica o professor Dowden: «Goethe tem inquestionavelmente razão ; seu discipulo adquire uma certa liberdade interior ; move-se entre idéas e homens procurando comprehender tudo e recusando-se a prender-se a nada. Liberta-se da tyrannia das crenças, da escravidão de enthusiasmo, da devoção a uma causa, da sujeição á paixão. E' universalmente tolerante, e em se não exigindo muito, é mesmo sympathico. Goethe ajuda a emancipal-o de todas as fórmas de captiveiro, excepto de uma, o captiveiro de si mesmo».

— A Exposição de Bellas-Artes não merece este anno um artigo especial. Pela quantidade como pela qualidade é inferior ás que a precederam. Si fosse licito, tratando de pintura e esculptura, falar da arte brazileira, poder-se-ia dizer que a presente exhibição revela retrocesso ou decadencia em a nossa arte. Não existindo, porém, arte, sinão um numero limitadissimo de artistas, entre os quaes alguns ha de talento, mas nenhum que seja uma verdadeira personalidade, e sobretudo não existindo nenhuma corrente artistica, nenhuma feição especial, nenhum aspecto caracteristico nas nossas artes plasticas, fôra exagerado, sinão pretencioso, falar em decadencia, parada ou retrocesso.

A exposição compõe-se de 158 numeros, entrando algumas ruins lithographias e alguns maus desenhos a *crayon*, dois trabalhos sem grande merito em terra cozida e os excellentes camapheus do Sr. Girardet. Não ha em toda ella, póde-se affirmar sem exagero, um quadro de valor e muito menos qualquer symptoma ou revelação favoravel ao desenvolvimento da nossa arte. Os proprios trabalhos dos nossos principaes pintores estão abaixo da capacidade por elles revelada em exposições anteriores. Os Srs. Amoedo e Brocos apenas expõem retratos, e a nenhum delles se póde chamar uma boa pintura. Tres paizagens do segundo são boas, mas sem nenhuma superioridade. O Sr. Henrique Bernardelli tem um bom pastel *(Paquita)* e nenhum dos sete quadros do Sr. Felix Bernardelli é realmente notavel. O Sr. Aurelio de Figueiredo expoz muito, com grave detrimento da sua reputação. Com excepção de umas tres paizagens, *Bananeiras*, *Jacarépaguá*, *Mocambo na roça*, o mais é

inferior, sendo que o *Paraiso fin de siècle* é detestavel como titulo, como concepção e como pintura. O Sr. Madruga Filho tem um soberbo retrato, cheio de alma e vida, talvez, apezar de algum defeito de desenho, a melhor coisa da exposição. A Sra. Bertha Worms tem quatro quadros, sem distincção, e o Sr. Berard alguns retratos, dos quaes dois muito expressivos. Os trabalhos do Sr. Visconti são bons como estudos, mas não ha ainda entre elles um só quadro. O retrato do maestro A. N. deve ser notado; prejudica-o talvez um pouco o que tem de demasiado dramatico ou emphatico, si quizerem. Os dois quadros do Sr. Weingartner, *Jantar a bordo* e a *Nova Estrella* são ruins; o Sr. Weingartner é simplesmente um paizagista, as suas figuras são sempre más. O Sr. Lopes Rodrigues, pensionista na Europa, não enviou nada que mereça elogios. As paizagens do Sr. Baptista da Costa têm sempre a mesma expressão, a mesma coloração verde, as mesmas qualidades de exactidão photographica, que dão a todas, como as do Sr. Fachinetti, com as quaes se não parecem aliás, o mesmo ar de familia que acaba por tornal-as monotonas.

Dos mais expositores não ha nada a dizer, de bom ao menos. E' mesmo inconcebivel como foram admittidos á exposição certos quadros que lá figuram e que apenas estariam bem na exhibição de fim de anno de um collegio de meninas.

— Nos fasciculos de 1 a 15 de agosto da *Nouvelle Revue*, de Paris, publicou o nosso collaborador, Sr. Oliveira Lima, um interessante estudo com o titulo *Sept ans de république au Brésil*. — O n. de 22 de agosto da *Revue Scientifique* traz um artigo do Sr. L. Cruls, *Le climat du Brésil*, em que o nosso collaborador procura mais uma vez combater, com dados scientificos, o preconceito estrangeiro contra o nosso clima.

BIBLIOGRAPHIA

81.— **As Regiões Amazonicas.** Estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas, pelo Barão de Marajó, Lisboa, 1895, in-8º, 404 pags. e 7 mappas

Este livro, creio que publicado a expensas do estado do Pará, nada adianta ao conhecimento da região amazonica; ainda assim seria prestadio, si como obra de vulgarização que parece era seu intento ser, fosse escripto com mais clareza e coordenado com mais methodo. Ao A. não fallecem os requisitos para da massa enorme de documentos geographicos que existem sobre a Amazonia tirar uma summula util aos que desejando conhecer a esplendida região, não podem ou não querem se dar ao trabalho de estudal-a nas fontes originaes. E esta é o primeiro dos reparos que fazemos ao Sr. B. de M., que podendo e devendo fazer o seu livro com aquellas fontes, já que não queria ou não podia fazel-o com o conhecimento pessoal que possa ter ou pudesse adquirir das regiões estudadas, revele uma tão singular ignorancia dessas fontes, que parece apenas conhecer de segunda mão, ou que pelo menos sómente de segunda mão cita.

O livro é uma compilação de outras compilações, ás quaes aliás o A. não devia prestar o apoio da sua sciencia das coisas amazonicas. A maior parte delle é quasi o traslado ou quando muito o transumpto do trabalho que ha annos um jornalista paraense publicou sob o titulo *A Amazonia* num diario local, e no qual se limitou a traduzir ou transcrever os viajantes ou exploradores mais conhecidos da região. A esse trabalho allude mais de uma vez no seu livro o Sr. B. de M. ora citando-o expressamente, ora apenas referindo-se a elle, mas sem jámais sujeital-o á critica que requeria, não só pelas mesmas condições em que foi feito e circumstancias que o promoveram, como porque a sua competencia é certamente muito maior que a do autor daquelles artigos. E tão pouca attenção poz nisto que transcreve por extenso a trivial exposição do systema orographico brazileiro, que qualquer compendio elementar de geographia dá, como concepção original do Sr. José Gualdino. (p. 72). E si a este, jornalista de talento, mas absolutamente incompetente no assumpto, era licito em 82 ou 83 ter de nossa orographia aquellas noções, ao Sr. B. de M. escrevendo um livro de «estudos corographicos» não era permittido aceital-as taes e quaes em 1896. Ao mesmo descuido no exame das compilações de que se serviu levou o Sr. B. de M. a perfilhar esta

singular affirmativa do livro *O Estado do Pará*, publicado para a Exposição de Chicago: « Desde Christovão da Cunha, que provou a improcedencia da supposição de Humboldt, em attribuir a formação do Amazonas á reunião, etc.» (p. 49), o que faz Christovão da Cunha combatendo Humboldt duzentos annos antes deste ter escripto. Não se admitte que o que foi certamente um lapso de redacção daquelle livro feito apressadamente seja reproduzido sem rectificação pelo Sr. B. de M. escrevendo com vagar. E' verdade que o Sr. Moreira Pinto tambem o copiou tal qual. Outros erros não fôra difficil apontar no volume, mas não pertencendo elles ao Sr. B. de M., si não aos autores que seguiu ou trasladou para a sua obra, podemos deixar de notal-os.

Para o cap. II do seu livro serviu-se o Sr. B. de M. além dos referidos artigos do Sr. José Gualdino, da ultra indigesta compilação que sob o titulo *Pará e Amazonas* publicou em 1874 o Sr. Conego Bernardino de Souza e o mesmo acontece com o cap. III, o que torna a leitura do seu livro fastidiosa, pois sente-se em todo o texto a falta da precisa assimilação e não se póde ter confiança num accumulo de citações sem critica, nem escolha, de fontes e procedencias de desigual valor. Não é dissimilhante o processo com que foi redigido o resto do livro, o que é para sentir pois ao A. não falta sem duvida competencia para a obra que não quiz fazer, mostrando nesta ainda uma concepção atrazada dos estudos geographicos e tomando paginas e paginas com listas de nomes, absolutamente desvaliosas.

Os mappas que a acompanham, si exceptuarmos o do Rio Branco, de Lobo de Almeida, que apezar do tempo conserva o seu valor geographico, não têm nenhum prestimo. A carta do estado do Amazonas é cópia *fac simile* do mappasinho rudimentar que acompanha a *Chorographia* do Sr. Moreira Pinto, com os erros que elle contém. A do rio Amazonas e seus tributarios é tambem reproducção da que vem no livro do Sr. L. R. Cavalcanti de Albuquerque *A Amazonia em 1895*. A do Tocantins quasi que só tem valor historico, que na especie é nenhum, e a da ilha de Marajó carece absolutamente de qualquer valor, maxime si considerarmos que esse monstro cartographico foi posto em um livro que pretende vulgarizar a geographia amazonica em 1896.

E' pena, em summa, que o Sr. B. de M. não tenha querido escrever sobre a Amazonia o livro que tinhamos o direito de esperar delle. Continúa, pois, a ser ainda no velho Baena e em Ferreira Penna que havemos de estudar a formosa e opulenta região — o que não podemos fazel-o nos seus viajantes antigos e modernos.—J. V.

82. —**Livro das Noivas**, por Julia Lopes de Almeida, desenhos de E. Casanova, Roque Gameiro, Julião Machado e outros, Rio de Janeiro, 1896, in-8º, 222 pags.

Livro bonito, como convinha ao assumpto e ao titulo, e bom livro, tanto mais de apreciar quando os da natureza deste são raros, si é que os ha, em a literatura da nossa lingua. Afóra paginas esparsas da Sra. D. Maria Amalia e do Sr. Ramalho Ortigão — e de ambos se encontram reminiscencias na fórma e nos conceitos do *Livro das Noivas*, não nos lembra agora nada em portuguez neste genero. A deliciosa *Carta de guia dos casados*, de D. Francisco Manoel de Mello, é já obsoleta pelas idéas e pela linguagem, e o commum dos leitores não a supportaria. Tem, pois, o merito de ser util e opportuno o livro da Sra. D. J. L. de A. Um philosopho rabugento ou um moralista meticuloso talvez achasse que dizer de algumas das suas doutrinas, e restricções a fazer á propriedade de certos conceitos e de certas estampas. Um reparo que acaso

não escaparia a um e a outro é que, apezar do capitulo « saber ser pobre », este livro parece principalmente feito para os que não o são ou não sabem sel-o. Um delles notaria nelle certos aphorismos, cuja verdade, si são verdadeiros, reçuma um pessimismo improprio tambem de um livro como o das *Noivas*. Este por exemplo : « Fica certa de que, quanto mais longe morares das tuas amigas, melhor te darás com ellas. » O conselho não partiu felizmente de um homem. Mas, não quero estar a fingir de philosopho, nem de moralista ; já disse que o livro — sem ter nada de notavel — é um bom livro e uma util vulgarização ou recordação da trivial mas importante sciencia domestica. Da sua redacção só notarei, com pezar, que superabundam escusadamente nelle termos e expressões francezas, cujo uso immoderado revê a frequentação da literatura ligeira e jornalistica portugueza, que parece de mais em mais ignorar ou menosprezar o falar vernaculo.—J. V.

---

* Giovannina, romance dialogado, por Affonso Celso, Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães, editor, 1896, 227 pags.

* Estudos sobre o Amazonas. — Limites do estado. Primeira parte, 2ª serie, por Torquato Tapajós, Rio de Janeiro, 1896, in-8°, 235 pags.

O Saneamento, pelo mesmo, Rio de Janeiro, 1896, in-8°, 199 pags.

Este novo trabalho do operosissimo Sr. T. T. é um livro de polemica sobre a momentosa questão do saneamento do Rio de Janeiro. Do seu trabalho anterior sobre o mesmo assumpto, livro de doutrina e discussão, já tiveram os leitores da *Revista* relação pelo nosso collaborador Dr. Carlos Seidl (Fasciculo de 1 de agosto). O presente é a « analyse do projecto do Sr. Revy », tocando o A. incidentemente em varios pontos da controvertida questão.

* Chorographia do Brazil, resumo didactico, por R. Villa Lobos, 3ª edição, Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1896, in-8°, 249 pags.

* Historia do Brazil, resumo didactico pelo mesmo, 4ª edição, illustrada, Laemmert & C. editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1896, in-8°, 191 pags.

A POLITICA

O projecto do Sr. General Glycerio, que a muita gente se afigura uma ameaça de desorganização do ensino superior em nosso paiz, não obedece a um principio democratico, não é um projecto politico, é apenas um meio de fazer economias e compensar no orçamento a desordem que reina em nosso mundo economico e financeiro. E' para alliviar o governo federal da despeza annual de algumas centenas de contos de réis, que S. Ex. pensou em transferir aos Estados e á Municipalidade no Districto Federal os estabelecimentos de ensino superior, esquecido de que a Constituição da Republica tomou um compromisso, e que não são os Estados que hão de desempenhar-se delle.

Por mais que se argumente com a incompatibilidade que ha entre o ensino official e a indole do regimen democratico, por mais que se procure dar elasticidade ao direito de livre exercicio de profissões garantido pela nossa lei fundamental, ha umas tantas questões de sciencia, não já abstractas, mas movendo-se no terreno pratico da observação e da experiencia, que constituem um precioso cabedal, de que não ha esperar frutos materiaes immediatos, e que, principalmente em paizes novos como o nosso, difficilmente podem ser estudadas, si fôrem supprimidos estes centros, onde os homens, que a taes estudos se dedicam, têm, para compensal-os da vida modesta a que se resignam, as honrarias da posição que occupam e as garantias da propria subsistencia.

E acresce que taes estabelecimentos, dando á União uma supremacia relativa sobre os Estados, são outros tantos pontos de contacto que temos com estes, e esses não são tão frequentes que agora possam ser desprezados; pelo contrario, a autonomia como tem sido entendida, e como querem cada vez amplial-a mais, muito tem contribuido para tornal-os raros e insubsistentes. A economia que se quer fazer será mais importante, que os inconvenientes que podem resultar da escolha de meios de que se pretende lançar mão para chegar a esse fim? Veja-se a questão da immigração e colonização, que está hoje em ordem do dia. Falou-se primeiro, por espirito de economia, para restabelecer o equilibrio desfeito e visivel que se estava dando, o governo federal a lutar com embaraços e os governos locaes nadando em abundancia, em passar o serviço de immigração e colonização aos Estados, a quem elles aproveitavam. Nada mais justo, e realmente não podia o governo federal, com os recursos para que todos os Estados igualmente concorrem, fazer uma despeza que a alguns de todo não aproveitava, que a outros aproveitava um pouco, e que quasi a um só aproveitava muito.

Veiu depois a questão dos protocollos italianos e viu-se o perigo da accumulação de individuos de uma só nacionalidade, e mais o erro que se praticava pagando passagem a uns tantos individuos que vêm para as cidades explorar paixões e incitar á desordem os seus compatriotas pacificos e laboriosos.

E já se annullou o contrato da Metropolitana e já se cogita de prohibir a immigração estipendiada e já se vai pôr em pratica o primitivo projecto de entregar esse serviço aos Estados.

Assim deve ser, mas ha uma consideração que talvez não seja para desprezar: não incorrerão alguns Estados no erro em que tem incorrido até aqui o governo geral, permittindo que se accumulem em certas extensões do territorio nacional milhares e milhares de cidadãos de um só paiz, e que se gabam de conservar aqui as suas nacionalidades, os seus usos e costumes e até a propria lingua natal? Não será conveniente a influencia do governo central, que é no fim de contas quem virá a soffrer as consequencias que de taes factos podem resultar? Quem está hoje a braços com as difficuldades que surgiram entre o Brazil e a Italia? Não é, de certo, o governo de S. Paulo, onde, aliás vivem para

mais de 600,000 italianos, em cuja capital mais de metade da população é italiana, e foi isso provavelmente que levou os agitadores, á cuja frente se collocou tão desastradamente o Sr. Conde Brichanteau, a fazerem demonstrações, que talvez não fizessem, si não se sentissem tão numerosos.

No Paraná ha localidades em que todas as funcções publicas são exercidas por allemães que só falam allemão. Este abuso não é recente, vem do tempo do imperio e tem-se prolongado. Não seria conveniente que, ao lado da instrucção primaria, gratuita e obrigatoria, ministrada com o espirito nacional, pelo ensino da lingua e da historia patria, pelos governos locaes, houvesse tambem algo de intervenção do governo federal, para que o colono sentisse que não ha só o Estado em que elle trabalha, ha tambem a grande nação de que esse Estado faz parte?

Este serviço de immigração e colonização, que realmente deve passar aos Estados a quem aproveita, não deve passar a elles inteiramente, para que se não desfaça mais um dos poucos élos que ainda prendem as grandes partes de que se compõe este todo, e que justamente porque são grandes, têm a vaidade da sua grandeza, sentem-se capazes de agir, e mover-se por conta propria, e podem, em um momento dado, esquecer-se de que é justamente a união que constitue a sua maior força.

Provavelmente não ha outra probabilidade de reatar ligações politicas sinão as que dimanam destes factores, a instrucção superior, a instrucção artistica, que tambem se anda pensando em sacrificar, a instrucção profissional, a direcção geral e superior da colonização, que é o nucleo das novas gerações destinadas a povoar o nosso immenso territorio. Sem esses elementos, o que nos fica aos cuidados do governo federal? Ficam as relações exteriores, para resolver conflictos provocados as mais das vezes por elementos para cuja introducção o governo federal não tem concorrido; para fazer tratados de commercio, cujo alcance não comprehenderá, desde que não conheça a constituição das camadas novas que a colonização a cargo de cada um dos Estados tiver estabelecido; ficará a força armada regular, élo ficticio, salvo a fazermos enormes e inuteis sacrificios, porque nunca o governo federal póde pretender dominar pela força toda a extensão do nosso territorio, ou defendel-a sem o auxilio dos elementos locaes.

Convém não esquecer que se partiu o grande élo que se estendia a todos os cantos do paiz, a religião, que si não prendia todas as consciencias, ligava todos os interesses, estava nos costumes de todos. Partiu-se a cadeia da justiça unica, centralisada, como a cadeia administrativa, mais centralisada ainda, tanto, que era asphyxiante e absorvente. Si nesse despegar de antigas ligações houve muito de util, e os factos ahi estão mostrando quão diversa é a vida dos Estados do que era o vegetar das provincias, não vamos agora ás consequencias extremas, julgando que todas ellas serão igualmente profícuas. Não basta que em momento de crise, um mesmo espírito percorra o paiz todo do norte ao sul, do mar aos Andes, fazendo esquecer sentimentos partidarios e dissensões ; é preciso que alguma cousa haja de perenne que nos ligue sempre, que haja um ponto do paiz para o qual convirjam os olhos de todos com igual sympathia e igual confiança, que o espírito nacional não seja uma coisa abstracta, mal definida, que só se caracterize nas horas urgentes, mas que viva sempre tendo pelas sciencias, pelas artes, pela industria, pelo trabalho, nacionaes ou nacionalizados, um culto que não repugne a nenhuma consciencia, e que todos guardemos religiosamente como um patrimonio que se deve transmittir aos filhos, não dissipado, mas accrescido.

Fernando de Araujo

AGARENO

II

(*Continuação*)

Nada perturbava a felicidade serena do casal — a vida corria facil e suave por entre sorrisos e beijos, num ininterrompido idyllio. Corina, si Julião estava em casa, estudando no seu gabinete, arrastava uma cadeira para junto da mesa, tomava um romance e, emquanto o marido ia annotando os grossos volumes de pathologia, conservava-se immovel, de olhos baixos, os pésinhos cruzados; de repente, porém, marcando as paginas com um pedaço de papel, um phosphoro, um cartão, o que primeiro encontrava, fechava o livro e punha-se a contemplar o marido sorrindo, extasiada; levantava-se, atirava-lhe os braços ao pescoço, derreava-lhe a cabeça e punha-lhe na bocca um beijo longo, cobrindo-lhe o busto com os seus abundantes cabellos louros. As mais das vezes Julião attraia-a apaixonado. Uma manhan, porém, como ella si levantasse sorrateiramente sorrindo, elle, sem desviar os olhos da pagina que estudava, estendeu o braço como para impedir que ella se approximasse. Corina deteve-se estupefacta:

— Estás zangado commigo?

— Não, filha; disse elle continuando a leitura.

— Então porque me repelles?

— Preciso estudar. Deixa-me aqui ver uma coisa, sim? Corina encostada á mesa, apertando os olhos, mordendo os labios, fitava-o;

Veja a *Revista* de 1 de junho, 1 e 15 de julho.

por fim disse, num suspiro: — Eu já esperava por isso. Bem mo disse D. Juliana; eu é que fui tôla.

— Mas que é? Que tens? Queres então que eu viva constantemente nos beijos comtigo? Não hei de ler? Não hei de estudar?

— Pois sim. Mas á noite eu não venho interromper os teus estudos, entretanto, você fica ahi, horas e horas esquecidas, a olhar um retrato. Julião empallidecou e fitou-a.

Ella, com os olhos cheios d'agua, continuou: — E' a outra sempre; você só pensa nella. Bem me disse D. Juliana! Então eu não sei que você tem o retrato della ahi na gaveta? Infelizmente, agora é tarde! suspirou.

Julião, [illegible] sem uma palavra; por fim perguntou:

— Tu viste-[illegible]?

E ella, [illegible]: — Sim, vim descalça uma noite para [illegible] tarde e vi — você estava com o retrato na [illegible].

— E como sabes que era o da minha primeira mulher?

— Sei porque vi no dia seguinte, quando você saiu: a gaveta [illegible].

Julião, [illegible] o livro e levantou-se. Corina, vendo-o [illegible], pelo [illegible] nervosamente o bigode, perguntou [illegible]:

— [illegible] zangado?

— Não! Zangado porque?

— Tu, sai, não é?

— Sim, [illegible] mal, podias ter apanhado qualquer coisa: des[illegible], alta noite...

— Por isso não...

Ia [illegible], porém, Julião voltou-se: — Quanto ao retrato não [illegible] guardo o de Lucia como guardo o de meu pai. Foi uma [illegible] esposa, muito dedicada, é natural que eu della me [illegible], não achas?

— Sim, balbuciou Corina contrafeita. Mas... tu não te lembras [illegible], Julião, tu pensas nella, é sempre, tenho notado. A proposito [illegible] trazes o seu nome; porque Lucia fazia isso, porque Lucia [illegible] aquillo. Eu não estou zangada, não penses; fiquei sentida porque me repelliste.

— Sim, comprehendo, não estás zangada, é apenas ciume. Mas tem graça, Corina, a tua idéa. Como se póde ter ciume de uma defunta? Pensas que, á hora alta da noite, o pobre espirito deixa a sua habitação para procurar-me? Ah! minha amiga, estou certo de que, si tal succedesse, elle não viria passar as noites aqui, iria, de preferencia, para junto do Paulo. Deixa-te disso. O ciume é natural porque o amor é egoista e avaro, mas ciume da Morte... por Deus!

Corina, com um momo, disse ingenuamente: — Pois eu tenho. Póde ser tolice, mas eu tenho. O ciume é uma desconfiança e, já que me provocaste, Julião, eu vou dizer a verdade: desconfio de ti.

— Ah! desconfias?!

— Sim, desconfio; com *ella*.

— Lucia?

— Sim. O teu espirito está lá com ella, tu o deixaste enterrado. Eu observo. Sempre que me approximo de ti no primeiro momento sinto-te, mas logo outra se vem collocar entre nós dois e eu passo a ser apenas uma effigie — recebo os teus beijos certa, porém, de que vêm com intenção á outra bocca. Já uma vez trocaste o meu nome, si fosse pelo duma desconhecida não sei que teria feito, mas resignei-me, humilhei-me e chorei em silencio para não affligir-te.

— E por que nome troquei o teu?

— Pelo della. Isso deu-me a certeza terrivel de que ainda não a esqueceste materialmente. Não é só a saudade que existe no teu coração, ha mais alguma coisa.

— Mas, Corina, tu estás a fazer romance.

— Não ha tal, estou a falar de factos verdadeiros. Nos primeiros dias viveste como em uma embriaguez, mas, dissipada a impressão, tornaste ao passado, com frenezi. Acredita que ha nos meus carinhos mais que uma expansão de amor, ha piedade: tenho pena de ti e busco distrair-te. Tu tens o coração habitado por um espectro, o teu amor é um assombramento.

— Realmente, disse Julião sorrindo, tens mais observação do que eu. Achas então que sou um assombrado? que vivo em succubato com uma especie de empusa. Pena tenho eu do que tudo isso exista apenas no teu espirito. Leste, com certeza, algum romance fantastico e estás ainda com as idéas do autor. Vivamos no real, o

sonho é um excellente conductor da loucura. Sejamos reaes na vida real, nada de larvas, nada de sombras, nada de allucinações; o sol ahi está radiante, vivamos á luz do sol. Ora, tem graça! eu a dar entrevistas nocturnas a almas do outro mundo, um Hamlet amoroso... Tem graça, palavra de honra. E rindo passou o braço pela cintura da esposa attraindo-a ao seu beijo.

— Não sei si tem graça, disse ella acolhida no peito do marido, fazendo-se muito meiga, não sei si tem graça, eu asseguro, porém, que é verdade.

— Não, Corina, não é esta a verdade. Tu não tens ciume da morta, tens ciume de tudo que me distrai: dos meus clientes, dos meus livros, da minha penna, do sol, das estrellas. Si alguma coisa me attrai a attenção vês nella uma rival perigosa. Para a mulher o amor é uma servidão reciproca. Si eu me demoro mais tempo no gabinete arranjas um pretexto qualquer e vens buscar-me; queres que a minha unica e constante preoccupação sejas tu, essa é a verdade.

— Ah! sim. Vocês é que somos as incomprehensiveis. Si fazemos ciúmes somos repellidas por importunas, si o não fazemos somos accusadas de indifferentes e suspeitadas. Como havemos de viver?

— Normalmente.

— Não, ha um meio infallivel de vermos sempre preso ao nosso coração o esposo: é o temor. A mulher só é forte quando é desejada ou temida; a mulher deve se fazer temer, é a sua unica defesa contra o esquecimento. É necessario trazer sempre o espirito do esposo em sobresalto para que delle não desappareça o amor que tem um pouco ignorado, e que só se consagra com a suspeita. Quem vigia não perde de vista, não esquece. A sciencia da mulher está em não entregar-se toda de chofre, mas em deixar-se ir conquistando lentamente, de modo que o marido descobra sempre num olhar, num sorriso, num gesto, na alegria ou na tristeza a necessidade de nova lida, de nova acquisição. O homem é forte, a luta para elle é uma necessidade. A mulher entende mal o amor—não é uma resignação como tem vontade, d'ahi, a superioridade da amante sobre a esposa.

— Mas que linguagem é essa, Corina? decoraste algum philosopho?

— Acha que por ser mulher não posso pensar? Penso, Julião, e ordinarias a lagrimas os meus pensamentos. Até nisso somos

inferiores: o pensamento dos homens illumina o universo, o pensamento da mulher corre silenciosamente, fundido em pranto.

— Ouve a minha opinião, Corina. Teu pai levou muito longe a tua educação, destruiu grandes e preciosas qualidades do teu espirito para edificar, substituiu o melhor da tua alma que era o sentimento ingenuo pela sciencia das professoras. O espirito do homem quanto mais cultivado melhor — elle é o campo das sementeiras fecundas da Lei, da Arte e da Sciencia. O espirito da mulher deve ser virgem como uma selva, conservando os dotes primitivos do amor e da abnegação, da Esperança, que é o balsamo da vida, da Fé que é a consolação na morte. No espirito da mulher devem cantar as aves dos sonhos e não devem gemer os ideaes que são os lavradores do campo do espirito do homem. Pensar é soffrer. A floresta é a Mãi. Si abatessem as selvas o mundo, mesmo transformado num immenso parque, perderá o melhor da belleza e da saude e as aves desapparecerão porque de lá é que ellas vêm. Das selvas sairam todas as raças com as suas religiões; a mulher deve ser florestal. A selva é a mãi eterna dos germens, mas nem por isso ella quer ser trigal ou olivedo, campo de linho ou de milho: ella é a genese grande, forte, magnifica, inconsciente; a mulher deve ser como a selva — a germinadora. Ganhaste com o desbravamento do teu espirito? não, nem és campo nem és selva, és como um capoeirão, semearam sobre raizes e dentro em pouco a grande e vigorosa alma sentimental repontará bravia como repontam dos troncos abatidos os novos galhos que fazem o toldo verde das florestas. Mulher quer dizer natureza. Deixa-te de preoccupação: sê mulher. Dentro em breve toda essa sabedoria desapparecerá e tu voltarás a ser primitiva dando o teu carinho, como uma larga e bemfazeja sombra, para o berço do teu filho. Fecha os compendios, abre o teu piano e canta: o beijo e a benção não são assumptos de livros. Sê mulher.

— Concluiste o folhetim...?

— Sim, conclui...

— Devias ter procurado uma camponia já que aprecias tanto a natureza. Está bem, não quero furtar mais tempo á sciencia: a floresta faz sombra ao campo e a tua sementeira póde resentir-se: adeus! Fica ao sol dos livros, eu vou susurrar. E com uma gargalhada dirigiu-se para a porta, mas Julião avançou e, tomando-lhe as mãos, perguntou carinhosamente: — Mas, não vais zangada?

— Não. Já viste uma floresta zangar-se? Qual! Mas vê lá, arranja um sarcedote para que benza o campo do teu espirito porque andam por elle almas do outro mundo. E, com outra gargalhada deixou-o.

Depois que Corina saiu Julião, no meio do gabinete, mal ouviu o primeiro accorde do piano, rompeu furiosamente:—E' isto! E um homem que estude, que pense, que faça alguma coisa, sempre constrangido nos braços da mulher. Decididamente o casamento foi instituido como complemento para as almas incompletas. O excesso de carinho mata como o excesso de sol, mas as mulheres não comprehendem assim. Ha de um homem viver exclusivamente para a ternura insaciavel.

Sentou-se e, recostando-se, ficou a pensar e intimamente dizia, espantado da sua descoberta: «Mas eu já não a procuro como procurava d'antes, essa é a verdade. Acho-a, entretanto, mais bella que Lucia... E, numa evocação sensual, comparou detidamente os dois corpos: o da morta e o de Corina. Que differença entre as carnes flaccidas da tysica e a carnação opulenta e viçosa da sua nova companheira de vida. Todavia o seu desejo accendia-se, como um cirio, perto do tumulo, era a finada que os seus sentidos exaltados recordavam numa saudade forte de antigas volupias. Afugentando taes idéas ridiculas disse, acompanhando um novo pensamento:—E' demais! O que me entedia e justamente esse excessivo cuidado, essa preoccupação constante, essa solicitude ininterrompida. Porque não havemos de viver como dois seres independentes? Nem sempre o espirito está disposto a essa molicie; a solidão é necessaria á alma. O carinho me faz mal, vexa-me, humilha-me principalmente porque não sei corresponder, não sei, não está em mim, por mais que eu queira. Mas si eu fôr dizer taes coisas hão de pensar que sou indifferente e vêm logo as queixas: que sou ingrato e mais isto e mais aquillo. Decididamente a vida é uma grande hypocrisia. Pois eu hei de jugular-me para ter tranquillidade? Sinceramente... Demais agora com essa mania que lhe appareceu de fazer frases... é impossivel! Eu estava doido! Agarrou a cabeça com ambas as mãos e ficou algum tempo pensativo; pouco depois tornou:— Si saio á noite vêm as desconfianças de sorte que nem para acudir aos chamados tenho liberdade porque minha mulher vê em cada cliente um cumplice do

que ella chama a « sua infelicidade » e são amores que eu tenho lá fóra e mulheres que me mandam buscar, a horas altas da noite, a pretexto de molestia. Ora francamente... Agora é com a pobre da defunta. Nem sei como ainda permitte que eu vá ver meu filho. Um dia lembra-se de o considerar inimigo e então... Ah! loucura, loucura! Não poder o homem dominar as impressões materiaes... Afinal esse meu casamento é o resultado dum impulso, nasceu como nasceria um crime e eu o tenho rudemente expiado. Foi uma affinidade de espiritos que nos ligou? não, foi um desejo que nos impelliu um para outro, eis o resultado: o tedio, porque eu não amo, nunca amei, essa é a verdade, tenho uma lacuna no coração: o sentimento atrophiou-se muito cêdo por falta de funcção. Não amo, habituo-me e hei de ser, á força, um amoroso—mas, por Deus, não se contraria as disposições duma alma como se desvia o curso de um rio—não sei ser meigo, não tenho geito, mesmo não gosto de meiguice; queria a mulher como uma companhia apenas mas nunca como uma pluma a fazer-me cocegas. Elle mesmo sorriu do seu pensamento e repetiu alto o que ouvira interiormente:—Uma pluma, é isso mesmo... Ouvindo rumor na escada conteve-se. O creado, á porta, annunciou o Sr. Amancio.

— Manda entrar. Elle mesmo foi ao patamar da escada recebel-o :— Suba !

CORLHO NETTO

(*Continúa*)

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

VII

Além de tudo quanto pela educação primaria de José Mauricio a muito custo fez carinhosa mãi, cujos sacrificios e dedicação, na humillima esphera em que vivia, temos o dever hoje de deixar bem salientes, a essa corajosa mulher deve o Brazil inteiro o mais importante e valioso serviço. Conhecendo, desde logo perspicuamente e admirando a disposição natural do estremecido filho pela musica, afagou com orgulho aquella vocação, que devia tornal-o tão grande, e não descançou emquanto o não matriculou na aula do professor Salvador José, ignoramos si gratuitamente, si por modica retribuição.[2]

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de novembro e 15 de dezembro de 1895; 15 de janeiro, 15 de fevereiro e 15 de março.

No ultimo capitulo VI, á pag. da *Revista* de 15 de março, onde se lê: os dois *padres* Marcos e Simão Portugal deve ser os dois *irmãos* etc.

[2] Parece que o preço para os alumnos pagantes era de dois *cobres* por mez — menos de quatro vintens ou 80 réis na moeda actual. Tambem se dizia dois *patacos*. Começou o patacó valendo 10 réis e soffreu oscillações abaixo e acima daquella estimativa. No tempo de D. João VI cunharam-se dessas moedas em bronze que valiam 40 réis. Em meiados do seculo passado devia o *patacó* estar entre 30 e 40 réis. A *patacó*, moedinha de prata, era no Brazil orçada em 320 réis.

Na excellente monographia historica do Dr. Marques Pinheiro, por elle modestamente denominada *Relatorio sobre a irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e suas repartições, côro, caridade e hospital dos Lazaros* (2 vols. — 1894 e 1895) encontram-se, bem documentados, alguns dados sobre preços vigentes no Rio de Janeiro em meiados e fins do seculo passado. Um frango custava 80 réis, uma gallinha 160, a arroba de carne secca 1$700, o saco de arroz ou de

Nessa aula, foram os progressos do menino tão rapidos e de tal ordem, que não só angariou a amizade do mestre, como novos horizontes se lhe abriram possiveis ao espirito vivaz e ancioso de saber.

E' provavel que, já naquelle tempo, 1783 e 1784, a arte, em que tanto se ia distinguindo, o ajudasse, embora escassamente, sinão a vivver sobre si, pelo menos a concorrer para as despezas da casa materna, pois si teve boa mãi, foi sempre excellente filho. Affirma o conego Januario da Cunha Barboza, no breve elogio necrologico de 1830 (*Diario Fluminense* de 7 de maio), que o seu primeiro e mais ardente empenho fôra mostrar efficaz gratidão ás duas pessoas, que por elle tanto haviam feito, mãi e tia.

Apezar da pouca idade, começou a ganhar algum dinheiro, tocando instrumentos de varias qualidades, já de corda, já de sopro, em bandas de musica e orchestras das festas de igreja ou então a cantar, com a sua voz afinadissima, ao violão ou machete chulas e modinhas, que se chamavam solãos, *seguidilhas* e *xacaras*,[1] por casas particulares em noites de reunião, como ainda acontece hoje nas nossas cidades do interior, com os artistas de mais nomeada na localidade.[2]

---

feição 18$700, um queijo de Minas 160 réis, etc. (Vol. II, pag. 161). Os predios ns. 24, 25, 26 e 27 da rua do Ouvidor davam de aluguel 28$400 mensaes; em outras ruas menos. O mais caro era de 108$000 á rua da Lapa (continuação hoje da do Ouvidor, para lá da de 1º de março. (Vol. II, pag. 18.)

Os capellães que ensinavam latim e musica a meninos de *sangue limpo* (é isto faz-nos crêr que Salvador José, que abrira aula particular desta ultima materia era mulato) ganhavam 28$000 mensalmente.

A retribuição annual do organista não passava de 30$000.

Todos estes pareos honorarios, mantinham, aliás, relação com a baraleza da vida. Si não laboro em equivoco, o vice-rei do Brazil percebia 6:000$ por anno, o governador e capitão-general de Matto-Grosso, nos principios deste seculo, recebia 4:800$000. (*Revista* do I. H. G. B. Tomo XX pags.)

[1] No Brazil tomou este termo singular ampliação e multiplicou-se, servindo para denominar quinta, sitio, lugares de recreio nas cercanias das cidades, etc., naturalmente porque ahi eram mais frequentes taes divertimentos e descantes. Em Portugal o vocabulo conservou a primitiva significação.

[2] Não ha muitos annos, assisti a uma dessas especies de *canzondas* ou serenas musicaes numa villa de Minas Geraes, assentados todos os convidados em cadeiras na calçada fóra da vivenda, emquanto nos céus brilhava sereno luar. Chamava-se Valmont o cantor e possuia voz muito sympathica. No Rio de Janeiro a rua das Bellas Noites gozava de grande fama nesses serões musicaes. Passou-se essa rua a denominar-se das Marrecas por causa das aves de bronze, de cujos bicos jorravam jachis de agua no chafariz monumental da rua dos Barbonos (Evaristo da Veiga hoje) ha pouco tempo destruido á bem do alargamento do quartel de policia.

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

VII

Além de tudo quanto pela educação primaria de José Mauricio a muito custo fez carinhosa mãi, cujos sacrificios e dedicação, na humillima esphera em que vivia, temos o dever hoje de deixar bem salientes, a essa corajosa mulher deve o Brazil inteiro o mais importante e valioso serviço. Conhecendo, desde logo perspicuamente e admirando a disposição natural do estremecido filho pela musica, afagou com orgulho aquella vocação, que devia tornal-o tão grande, e não descançou emquanto o não matriculou na aula do professor Salvador José, ignoramos si gratuitamente, si por modica retribuição.[2]

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de novembro e 15 de dezembro de 1895; 15 de janeiro, 15 de fevereiro e 15 de março.

No ultimo capitulo VI, á pag. da *Revista* de 15 de março, onde se lê: os dois *padres* Marcos e Simão Portugal deve ser os dois *irmãos* etc.

[2] Parece que o preço para os alumnos pagantes era de dois cobres por mez — menos de quatro vintens ou 80 réis na moeda actual. Tambem dizia dois *patacos*. Começou o pataco valendo 10 réis e soffreu oscillações abaixo e acima daquella estimativa. No tempo de D. João VI cunharam-se dessas moedas em bronze que valiam 40 réis. Em meiados do seculo passado devia o *pataco* estar entre 30 e 40 réis. A *pataca*, moeda de prata [illegible] Brazil orçada em 320 réis.

Na excellente monographia historica do Dr. Marques Pinheiro [illegible] modestamente denominada *Relatorio sobre a irmandade do Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e [illegible] tições, côro, caridade e hospital dos Lazaros* (2 vols. — [illegible] contram-se, bem documentados, alguns dados sobre preços [illegible] de Janeiro em meiados e fins do seculo passado. Um [illegible] uma gallinha 160, a arroba de carne secca 1$700, [illegible]

Nessa aula, foram os progressos do menino tão rapidos e de tal ordem, que não só angariou a amizade do mestre, como novos horizontes se lhe abriram possiveis ao espirito vivaz e ancioso de saber.

E' provavel que, já naquelle tempo, 1783 e 1784, a arte, em que tanto se ia distinguindo, o ajudasse, embora escassamente, sinão a viver sobre si, pelo menos a concorrer para as despezas da casa materna, pois si teve boa mãi, foi sempre excellente filho. Affirma o conego Januario da Cunha Barboza, no breve elogio necrologico de 1830 (*Diario Fluminense* de 7 de maio), que o seu primeiro e mais ardente empenho fôra mostrar efficaz gratidão ás duas pessoas, que por elle tanto haviam feito, mãi e tia.

Apezar da pouca idade, começou a ganhar algum dinheiro, tocando instrumentos de varias qualidades, já de corda, já de sopro, em bandas de musica e orchestras das festas de igreja ou então a cantar, com a sua voz afinadissima, ao violão ou machete chulas e modinhas, que se chamavam soláos, *segnidilhas e xucaras*,[1] por casas particulares em noites de reunião, como ainda acontece hoje nas nossas cidades do interior, com os artistas de mais nomeada na localidade.[2]

60$000 1$700, um queijo de Minas 160 réis, etc. (Vol. II, pag. 161). Os predios nos. 24, 25, 26 e 27 da rua do Ouvidor davam de aluguel 2$400 mensaes; em outras ruas menos. O mais caro era de 10$000 á rua da Lapa (continuação hoje da do Ouvidor, para lá da de 1º de março. (Vol. II, pag. 18.)

Os capellães que ensinavam latim e musica a meninos de *sangue limpo* (o isto faz-nos crêr que Salvador José, que abrira aula particular desta ultima materia era mulato) ganhavam 2$000 mensalmente.

A retribuição annual do organista não passava de 30$000.

Todos estes pareres honorarios, mantinham, aliás, relação com a bárateza da vida. Si não laboro em equivoco, o vice-rei do Brazil percebia 6:000$ por anno. O governador e capitão-general de Matto-Grosso, nos principios, desse seculo, recebia 4:800$000. (*Revista* do I. H. G. B. Tomo XX pags.)

* No Brazil tomou este termo singular ampliação e modificou-se, servindo para denominar quinta, sitio, lugares de recreio nas cercanias das cidades, etc. [illegible] porque ahi eram mais frequentes taes divertimentos e [illegible] vulgo conservou a primitiva significação.

[illegible] a uma dessas especies de *consoadas* ou [illegible] assentados todos os convidados [illegible] quanto nos céus brilhava serena [illegible] voz muito sympathica. No [illegible] [illegible] Marrecas por causa das [illegible] gua no chalariz monumental [illegible] ha pouco tempo [illegible] a

por fim disse, num suspiro: — Eu já esperava por isso. Bem me disse D. Juliana; eu é que fui tôla.

— Mas que é? Que tens? Queres então que eu viva constantemente aos beijos comtigo? Não hei de ler? Não hei de estudar?

— Pois sim. Mas á noite eu não venho interromper os teus estudos, entretanto, você fica ahi, horas e horas esquecidas, a olhar um retrato. Julião empallideceu e fitou-a.

Ella, com os olhos razos d'agua, continuou: — E' a outra sempre; você só pensa nella. Bem me disse D. Juliana! Então eu não sei que você tem o retrato della ahi na gaveta? Infelizmente, agora é tarde! suspirou.

Julião, livido, fitava-a sem uma palavra; por fim perguntou:

— Tu vieste espiar-me?

E ella, sorrindo, com lagrimas: — Sim, vim descalça uma noite para chamar-te porque era muito tarde e vi — você estava com o retrato na mão olhando fixamente.

— E como sabes que era o da minha primeira mulher?

— Sei porque vi no dia seguinte, quando você saiu: a gaveta ficou aberta.

Julião fechou lentamente o livro e levantou-se. Corina, vendo-o passear pelo gabinete, cofiando nervosamente o bigode, perguntou com timidez:

— Você está zangado?

— Não! Zangado porque?

— Fiz mal, não é?

— Sim, fizeste mal, podias ter apanhado qualquer coisa: descalça pelo corredor, alta noite...

— Por isso não...

De repente, porém, Julião voltou-se: — Quanto ao retrato não tens razão: guardo o de Lucia como guardo o de meu pai. Foi uma excellente esposa, muito dedicada, é natural que eu della me lembre, não achas?

— Sim, balbuciou Corina contrafeita. Mas... tu não te lembras della, Julião, tu pensas nella, é sempre, tenho notado. A proposito de tudo trazes o seu nome: porque Lucia fazia isso, porque Lucia fazia aquillo. Eu não estou zangada, não penses: fiquei sentida porque me repelliste.

— Sim, comprehendo, não estás zangada, é apenas ciume. Mas tem graça, Corina, a tua idéa. Como se póde ter ciume de uma defunta? Pensas que, á hora alta da noite, o pobre espirito deixa a sua habitação para procurar-me? Ah! minha amiga, estou certo de que, si tal succedesse, elle não viria passar as noites aqui, iria, de preferencia, para junto do Paulo. Deixa-te disso. O ciume é natural porque o amor é egoista e avaro, mas ciume da Morte... por Deus!

Corina, com um momo, disse ingenuamente: — Pois eu tenho. Póde ser tolice, mas eu tenho. O ciume é uma desconfiança e, já que me provocaste, Julião, eu vou dizer a verdade: desconfio de ti.

— Ah! desconfias?!

— Sim, desconfio; com *ella*.

— Lucia?

— Sim. O teu espirito está lá com ella, tu o deixaste enterrado. Eu observo. Sempre que me approximo de ti no primeiro momento sinto-te, mas logo outra se vem collocar entre nós dois e eu passo a ser apenas uma effigie — recebo os teus beijos certa, porém, de que vêm com intenção á outra bocca. Já uma vez trocaste o meu nome, si fosse pelo duma desconhecida não sei que teria feito, mas resignei-me, humilhei-me e chorei em silencio para não affligir-te.

— E por que nome troquei o teu?

— Pelo della. Isso deu-me a certeza terrivel de que ainda não a esqueceste materialmente. Não é só a saudade que existe no teu coração, ha mais alguma coisa.

— Mas, Corina, tu estás a fazer romance.

— Não ha tal, estou a falar de factos verdadeiros. Nos primeiros dias viveste como em uma embriaguez, mas, dissipada a impressão, tornaste ao passado, com frenezi. Acredita que ha nos meus carinhos mais que uma expansão de amor, ha piedade: tenho pena de ti e busco distrair-te. Tu tens o coração habitado por um espectro, o teu amor é um assombramento.

— Realmente, disse Julião sorrindo, tens mais observação do que eu. Achas então que sou um assombrado? que vivo em succubato com uma especie de empusa. Pena tenho eu de que tudo isso exista apenas no teu espirito. Leste, com certeza, algum romance fantastico e estás ainda com as idéas do autor. Vivamos no real, o

sonho é um excellente conductor da loucura. Sejamos reaes na vida real, nada de larvas, nada de sombras, nada de allucinações; o sol ahi está radiante, vivamos á luz do sol. Ora, tem graça! eu a dar entrevistas nocturnas a almas do outro mundo, um Hamlet amoroso... Tem graça, palavra de honra. E rindo passou o braço pela cintura da esposa attraindo-a ao seu beijo.

— Não sei si tem graça, disse ella acolhida ao peito do marido, fazendo-se muito meiga, não sei si tem graça, eu asseguro, porém, que é verdade.

— Não, Corina, não é esta a verdade. Tu não tens ciume da morta, tens ciume de tudo que me distrai: dos meus clientes, dos meus livros, da minha penna, do sol, das estrellas. Si alguma coisa me attrai a attenção vês nella uma rival perigosa. Para a mulher o amor é uma servidão reciproca. Si eu me demoro mais tempo no gabinete arranjas um pretexto qualquer e vens buscar-me; queres que a minha unica e constante preoccupação sejas tu, essa é a verdade.

— Ah! sim. Nós é que somos as incomprehensiveis. Si fazemos carinhos somos repellidas por importunas, si o não fazemos somos accusadas de indifferentes e suspeitadas. Como havemos de viver?

— Naturalmente.

— Não, ha um meio infallivel de termos sempre preso ao nosso coração o esposo: é o temor. A mulher só é forte quando é desejada ou temida; a mulher deve se fazer temer, é a sua unica defesa contra o esquecimento. E' necessario trazer sempre o espirito do esposo em acção para que delle não desappareça o amor que tem um fundo egoista, e isso só se consegue com a suspeita. Quem vigia não perde de vista, não esquece. A sciencia da mulher está em não entregar-se toda ao victorioso, mas em deixar-se ir conquistando lentamente de sorte que o marido descubra sempre num olhar, num sorriso, num gesto, na alegria ou na tristeza a necessidade de nova luta, de nova seducção. O homem é forte, a luta para elle é uma necessidade. A mulher entende mal o amor—não é uma resignação é antes um combate, d'ahi, a superioridade da amante sobre a esposa.

— Mas que linguagem é essa, Corina? decoraste algum philosopho?

— Achas que por ser mulher não posso pensar? Penso, Julião, e reduzo a lagrimas os meus pensamentos. Até nisso somos

inferiores: o pensamento dos homens illumina o universo, o pensamento da mulher corre silenciosamente, fundido em pranto.

— Ouve a minha opinião, Corina. Teu pai levou muito longe a tua educação, destruiu grandes e preciosas qualidades do teu espirito para edificar, substituiu o melhor da tua alma que era o sentimento ingenuo pela sciencia das professoras. O espirito do homem quanto mais cultivado melhor—elle é o campo das sementeiras fecundas da Lei, da Arte e da Sciencia. O espirito da mulher deve ser virgem como uma selva, conservando os dotes primitivos do amor e da abnegação, da Esperança, que é o balsamo da vida, da Fé que é a consolação na morte. No espirito da mulher devem cantar as aves dos sonhos e não devem gemer os ideaes que são os lavradores do campo do espirito do homem. Pensar é soffrer. A floresta é a Mãi. Si abaterem as selvas o mundo, mesmo transformado num immenso parque, perderá o melhor da belleza e da saude e as aves desapparecerão porque de lá é que ellas vêm. Das selvas sairam todas as raças com as suas religiões; a mulher deve ser florestal. A selva é a mãi eterna dos germens, mas nem por isso ella quer ser trigal ou olivedo, campo de linho ou de milho: ella é a genese grande, forte, magnifica, inconsciente; a mulher deve ser como a selva—a germinadora. Ganhaste com o desbravamento do teu espirito? não, nem és campo nem és selva, és como um capoeirão, semearam sobre raizes e dentro em pouco a grande e vigorosa alma sentimental repontará bravía como repontam dos troncos abatidos os novos galhos que fazem o toldo verde das florestas. Mulher quer dizer natureza. Deixa-te de preoccupação: sê mulher. Dentro em breve toda essa sabedoria desapparecerá e tu voltarás a ser primitiva dando o teu carinho, como uma larga e bemfazeja sombra, para o berço do teu filho. Fecha os compendios, abre o teu piano e canta: o beijo e a benção não são assumptos de livros. Sê mulher.

— Concluiste o folhetim...?

— Sim, conclui...

— Devias ter procurado uma camponia já que aprecias tanto a natureza. Está bem, não quero furtar mais tempo á sciencia: a floresta faz sombra ao campo e a tua sementeira póde resentir-se; adeus! Fica ao sol dos livros, eu vou susurrar. E com uma gargalhada dirigiu-se para a porta, mas Julião avançou e, tomando-lhe as mãos, perguntou carinhosamente:—Mas, não vais zangada?

— Não. Já viste uma floresta zangar-se? Qual! Mas vê lá, arranja um sarcedote para que benza o campo do teu espirito porque andam por elle almas do outro mundo. E, com outra gargalhada deixou-o.

Depois que Corina saíu Julião, no meio do gabinete, mal ouviu o primeiro accorde do piano, rompeu furiosamente:—E' isto! E um homem que estude, que pense, que faça alguma coisa, sempre constrangido nos braços da mulher. Decididamente o casamento foi instituido como complemento para as almas incompletas. O excesso de carinho mata como o excesso de sol, mas as mulheres não comprehendem assim. Ha de um homem viver exclusivamente para a ternura insaciavel.

Sentou-se e, recostando-se, ficou a pensar e intimamente dizia, espantado da sua descoberta: «Mas eu já não a procuro como procurava d'antes, essa é a verdade. Acho-a, entretanto, mais bella que Lucia... E, numa evocação sensual, comparou detidamente os dois corpos: o da morta e o de Corina. Que differença entre as carnes flaccidas da tysica e a carnação opulenta e viçosa da sua nova companheira de vida. Todavia o seu desejo accendia-se, como um cirio, perto do tumulo, era a finada que os seus sentidos exaltados recordavam numa saudade forte de antigas volupias. Afugentando taes idéas ridiculas disse, acompanhando um novo pensamento:—E' demais! O que me entedia é justamente esse excessivo cuidado, essa preoccupação constante, essa solicitude ininterrompida. Porque não havemos de viver como dois seres independentes? Nem sempre o espirito está disposto a essa molicie; a solidão é necessaria á alma. O carinho me faz mal, vexa-me, humilha-me principalmente porque não sei corresponder, não sei, não está em mim, por mais que eu queira. Mas si eu fôr dizer taes coisas hão de pensar que sou indifferente e vêm logo as queixas: que sou ingrato e mais isto e mais aquillo. Decididamente a vida é uma grande hypocrisia. Pois eu hei de jugular-me para ter tranquillidade? Sinceramente... Demais agora com essa mania que lhe appareceu de fazer frases... é impossivel! Eu estava doido! Agarrou a cabeça com ambas as mãos e ficou algum tempo pensativo; pouco depois tornou :— Si saio á noite vêm as desconfianças de sorte que nem para acudir aos chamados tenho liberdade porque minha mulher vê em cada cliente um cumplice do

que ella chama a « sua infelicidade » e são amores que eu tenho lá fóra e mulheres que me mandam buscar, a horas altas da noite, a pretexto de molestia. Ora francamente... Agora é com a pobre da defunta. Nem sei como ainda permitte que eu vá ver meu filho. Um dia lembra-se de o considerar inimigo e então... Ah! loucura, loucura! Não poder o homem dominar as impressões materiaes... Afinal esse meu casamento é o resultado dum impulso, nasceu como nasceria um crime e eu o tenho rudemente expiado. Foi uma affinidade de espiritos que nos ligou? não, foi um desejo que nos impelliu um para outro, eis o resultado: o tedio, porque eu não amo, nunca amei, essa é a verdade, tenho uma lacuna no coração: o sentimento atrophiou-se muito cédo por falta de funcção. Não amo, habituo-me e hei de ser, á força, um amoroso—mas, por Deus, não se contraria as disposições duma alma como se desvia o curso de um rio—não sei ser meigo, não tenho geito, mesmo não gosto de meiguice; queria a mulher como uma companhia apenas mas nunca como uma pluma a fazer-me cocegas. Elle mesmo sorriu do seu pensamento e repetiu alto o que ouvira interiormente:—Uma pluma, é isso mesmo... Ouvindo rumor na escada conteve-se. O creado, á porta, annunciou o Sr. Amancio.

— Manda entrar. Elle mesmo foi ao patamar da escada recebel-o :— Suba !

COELHO NETTO

(*Continúa*)

O PADRE JOSÉ MAURICIO[1]

VII

Além de tudo quanto pela educação primaria de José Mauricio a muito custo fez carinhosa mãi, cujos sacrificios e dedicação, na humillima esphera em que vivia, temos o dever hoje de deixar bem salientes, a essa corajosa mulher deve o Brazil inteiro o mais importante e valioso serviço. Conhecendo, desde logo perspicuamente e admirando a disposição natural do estremecido filho pela musica, afagou com orgulho aquella vocação, que devia tornal-o tão grande, e não descançou emquanto o não matriculou na aula do professor Salvador José, ignoramos si gratuitamente, si por modica retribuição. [2]

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de novembro e 15 de dezembro de 1895; 15 de janeiro, 15 de fevereiro e 15 de março.

No ultimo capitulo VI, á pag. da *Revista* de 15 de março, onde se lê: os dois *padres* Marcos e Simão Portugal deve ser os dois *irmãos* etc.

[2] Parece que o preço para os alumnos pagantes era de dois *cobres* por mez — menos de quatro vintens ou 80 réis na moeda actual. Tambem se dizia dois *patacos*. Começou o pataco valendo 10 réis e soffreu oscillações abaixo e acima daquella estimativa. No tempo de D. João VI cunharam-se dessas moedas em bronze que valiam 40 réis. Em meiados do seculo passado devia o *pataco* estar entre 30 e 40 réis. A *patacá*, moedinha de prata, era no Brazil orçada em 320 réis.

Na excellente monographia historica do Dr. Marques Pinheiro, por elle modestamente denominada *Relatorio sobre a irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e suas repartições, côro, caridade e hospital dos Lazaros* (2 vols. — 1891 e 1895) encontram-se, bem documentados, alguns dados sobre preços vigentes no Rio de Janeiro em meiados e fins do seculo passado. Um frango custava 80 réis, uma gallinha 160, a arroba de carne secca 1$760, o sacco de arroz ou de

Nessa aula, foram os progressos do menino tão rapidos e de tal ordem, que não só angariou a amizade do mestre, como novos horizontes se lhe abriram possiveis ao espirito vivaz e ancioso de saber.

E' provavel que, já naquelle tempo, 1783 e 1784, a arte, em que tanto se ia distinguindo, o ajudasse, embora escassamente, sinão a viver sobre si, pelo menos a concorrer para as despezas da casa materna, pois si teve boa mãi, foi sempre excellente filho. Affirma o conego Januario da Cunha Barboza, no breve elogio necrologico de 1830 (*Diario Fluminense* de 7 de maio), que o seu primeiro e mais ardente empenho fôra mostrar efficaz gratidão ás duas pessoas, que por elle tanto haviam feito, mãi e tia.

Apezar da pouca idade, começou a ganhar algum dinheiro, tocando instrumentos de varias qualidades, já de corda, já de sopro, em bandas de musica e orchestras das festas de igreja ou então a cantar, com a sua voz afinadissima, ao violão ou machete chulas e modinhas, que se chamavam soláos, *seguidilhas e xacaras*,[1] por casas particulares em noites de reunião, como ainda acontece hoje nas nossas cidades do interior, com os artistas de mais nomeada na localidade.[2]

---

feijão 1$700, um queijo de Minas 160 réis, etc. (Vol. II, pag. 161). Os predios ns. 24, 25, 26 e 27 da rua do Ouvidor davam de aluguel 2$400 mensaes; em outras ruas menos. O mais caro era de 10$000 á rua da Lapa (continuação hoje da do Ouvidor, para lá da de 1° de março. (Vol. II, pag. 18.)

Os capellães que ensinavam latim e musica a meninos de *sangue limpo* (e isto faz-nos crêr que Salvador José, que abrira aula particular desta ultima materia era mulato) ganhavam 2$000 mensalmente.

A retribuição annual do organista não passava de 30$000.

Todos estes parcos honorarios, mantinham, aliás, relação com a barateza da vida. Si não laboro em equivoco, o vice-rei do Brazil percebia 6:000$ por anno. O governador e capitão-general de Matto-Grosso, nos principios, deste seculo, recebia 4:800$000. (*Revista* do I. H. G. B. Tomo XX pags.)

[1] No Brazil tomou este termo singular ampliação e modificou-se, servindo para denominar quinta, sitio, lugares de recreio nas cercanias das cidades, etc., naturalmente porque ahi eram mais frequentes taes divertimentos e descantes. Em Portugal o vocabulo conservou a primitiva significação.

[2] Não ha muitos annos, assisti a uma dessas especies de *consoadas* ou saraus musicaes numa villa de Minas Geraes, assentados todos os convidados em cadeiras na calçada fóra da vivenda, emquanto nos céus brilhava sereno luar. Chamava-se Valmont o cantor e possuia voz muito sympathica. No Rio de Janeiro a rua das Bellas Noites gozava de grande fama nesses serões musicaes. Passou-se essa rua a denominar-se das Marrecas por causa das aves de bronze, de cujos bicos jorravam jactos de agua no chafariz monumental da rua dos Barbonos (Evaristo da Veiga hoje) ha pouco tempo destruido a bem do alargamento do quartel de policia.

Poude afinal José Mauricio matricular-se e frequentar com assiduidade a aula publica de latim dirigida pelo professor regio Elias e nella se conservou tres annos seguidos, patenteando tambem ahi tão grande applicação e tal aproveitamento que, no fim daquelle tempo, o mestre o declarou prompto na difficil disciplina e no caso até de ensinal-a aos condiscipulos. Quanto caminho andado desde o dia em que a desprotegida mãi fôra levar o triste meninosinho, mulato quasi negro, á primeira lição de Salvador José! Uma vez de posse do latim, base da educação daquelles tempos e que lhe desvendava as innumeras e nunca assás admiradas preciosidades e riquezas da antiguidade, e tendo já por duas vezes attraido as vistas e sympathias de pessoas de relativa importancia social, devia José Mauricio considerar-se salvo dos maiores obstaculos que podiam oppôr-se á expansão das suas bellas faculdades nativas.

Fôra, com effeito, difficuldade bem sèria transpor essas primeiras e elevadas muralhas erguidas em torno de si, em época de tanto obscurantismo e numa colonia portugueza mantida em ferrenho e proposital atrazo, pelos preconceitos de côr e pelas dolorosas condições de pobreza em que ficara desde os mais tenros annos.

Na vida de homens como este, ha periodos que figuram de cabo tormentorio, assignalado mais por irremediaveis desastres, do que por esperanças realizadas, mau grado toda a energia e tenacidade dos que buscam vencel-o, a conquistar as Indias. Muito mais frequentemente triumpham os tropeços e impedimentos identificados na torva e minaz figura de Adamastor, o feroz guarda dos largos e luminosos mares cobiçados.

Eis, porém, o adolescente já em vereda segura e um tanto desbastada de urzes. Conhecendo a fundo latim e cultivando sempre com afinco a arte musical em que fôra ganhando nome, vemol-o inscripto entre os alumnos da aula de philosophia racional e moral e novamente se distanciando por modo notavel dos condiscipulos. Ouvia então as lições de um mestre formado na Universidade de Coimbra o Dr. Goulão, que o propoz, no fim do curso, para seu substituto na cadeira régia, tal o apreço consagrado ao distincto alumno, como aliás se déra com os professores anteriores.

Nessa occasião e quasi homem feito foi que José Mauricio tornou real e completo o pagamento da immensa divida de gratidão contraida para com as suas duas protectoras naturaes. Recusou a nomeação

offerecida afim de ter mais tempo e liberdade para chamar a si o encargo exclusivo da familia e sustental-a com o seu trabalho de musico, pondo em contribuição a sua habilidade, cada vez mais espalhada e applaudida, de improvisador á viola e ao orgão. Consta, entretanto, que, ou então ou depois, chegou a lecionar philosophia e com muito brilho, porquanto o conego Luiz Gonçalves dos Santos, habil pregador e chronista do Rio de Janeiro, tirava motivos de orgulho de havel-o tido por mestre, conforme refere Porto-Alegre.

Em 1790 perdeu José Mauricio a querida tia, um dos seus anjos tutelares, mas cujo nome infelizmente não chegou até nós. Mais commovedora ainda se torna essa mysteriosa figura, cujo influxo foi tão poderoso e tanto concorreu para salvar uma das glorias desta nação. Nesse ponto da sua vida decidiu-se elle a abraçar a carreira religiosa. Vocação real ou simples conveniencia social, não sabemos ao certo — vocação irresistivel, naturalmente absorvente, superior a tudo, tinha uma — a musica. Assim é de crêr, que noutro paiz que não uma dependencia do velho Portugal, avassalado á influencia religiosa e até ao fanatismo mantido pelas praticas da Inquisição, ainda bastante poderosa e vigilante, houvesse com franqueza e desassombro trilhado a carreira simplesmente artistica. Era, porém, ella possivel no Brazil de então, quando hoje, quasi decorrido um seculo inteiro, tão acanhados são ainda os seus horizontes, tão apertado o seu circulo de acção, tão deficientes e falhos os meios de se fazer valer e dar singelos recursos de subsistencia aos infelizes e torturados espiritos que a abraçaram illudidos e confiantes e se lhe conservam fieis, muito embora os amargos desalentos? Depois, sobrelevava outra consideração e de muito peso: a côr. José Mauricio, mulato como era e mulato bem caracterizado, precisava buscar fazer desapparecer a desigualdade original que o collocava, aos olhos dos concidadãos e filhos da mesma patria, em posição naturalmente inferior e retraida; e nenhuma carreira para tanto lhe convinha como a clerical.

Com razão pondera Porto Alegre: «naquella época, as vestes religiosas tinham o prestigio e o privilegio de serem respeitadas desde a sala do vice-rei até a mais pobre habitação. O habito substituia a idade, o nascimento, a riqueza e o saber» ao que acrescentaremos e mais a côr branca.

Além disto, provavel é que José Mauricio, frequentando com assiduidade pelos misteres da sua profissão as igrejas e acompanhando de muito perto todas as festas e officios sacros, fosse acrysolando o sentimento religioso que era em seu tempo geral e predominante e se sentisse inclinado para bem preencher os deveres de sacerdote, que de fórma alguma contrariavam os seus enthusiasmos e estudos artisticos.

Pelo contrario, a importancia que lhe deviam dar—como effectivamente deram —os trajes talares, facilitou o desenvolvimento dos seus talentos e da sua natureza de escól, collocando-o á testa das melhores orchestras do Rio de Janeiro e grangeando-lhe bom numero de discipulos de familias conhecidas e gradas e até discipulas, com as quaes, pela confiança que inspirava, passava, conta Porto Alegre « horas seguidas no ensino e exercicios de musica. »

Para, porém, poder ser padre e receber ordens era preciso possuir algum patrimonio e José Mauricio, apezar de toda a actividade nas lições particulares e funcções publicas mal ganhava para viver com decencia. Peculio não tinha. Adquirira, comtudo, boas e solidas relações sociaes pela amenidade do trato, sisudez de modos, moderação de palavra e grande modestia que mais lhe realçava o muito saber, e entre esses amigos se achou um, negociante abastado e chamado Thomaz Gonçalves, que lhe fez generosa doação da casa da rua das Marrecas, a qual, segundo affirma o Dr. Moreira de Azevedo,[1] tem hoje o n. 14.

Bem haja o tal amigo! Tirou do superfluo que possuia uma parte, talvez para elle insignificante, afim de ir em auxilio de um homem digno e superior, bella iniciativa que salvou do absoluto esquecimento o seu nome, aliás bem modesto, tornando-o credor da gratidão de todos os brazileiros. Graças a esse adjutorio, poude José Mauricio receber, em 1792, as ordens de diacono e, pouco depois da sua iniciação na vida sacerdotal, cantar missa solemne. Tinha de idade 25 annos.

Era padre.

---

[1] *Revista* do Instituto H. e G. B. Tomo XXXIV, parte 2ª, pag. 295.

VIII

Nesse anno de 1792, de capital importancia na vida do nosso grande compositor, gozava elle já da mais larga nomeada no Rio de Janeiro. Ninguem podia tomar-lhe o passo na maestria com que manejava o orgão, tirando desse bello mas difficillimo instrumento os mais estupendos effeitos e incutindo funda admiração em quantos o ouviam extaticos nas solemnidades e officios da igreja, pela felicidade e opulencia da improvisação.

Provavel é começasse então a reunir a estensa e preciosa collecção de musicas e operas, que chegou a possuir, sobretudo de procedencia alleman, quando na patria germanica fulgiam, acima de tantos outros, os nomes de Haendel, Sebastião Bach, Haydn, Mozart e já começava a emergir, nos vastos horizontes da symphonia, como astro de inexcedivel brilho, o sublime Beethoven. Tomou essa verdadeira bibliotheca musical tal expansão, que causou pasmo a Sigismundo Neukomn, quando este chegou em 1816 ao Rio de Janeiro.

Imagine-se quanto não devia custar qualquer encommenda destas para fazel-as vir dos centros artisticos da Europa. Póde-se asseverar, que nelles nada apparecia, que logo não fosse requisitado pelo padre.

E por intuição do mais elevado alcance, José Mauricio manuseava com verdadeiro fanatismo, noite e dia, os grandes mestres allemães e delles hauria essa valente contextura, essa poderosa energia polyphonica, essa variedade admiravel, esse cuidado meticuloso nos minimos *detalhes*, essa repulsão do banal e da corriqueira facilidade, que tornam muitas das suas obras dignas incontestavelmente da immortalidade.

Já dissemos, é elle filho immediato dos grandes classicos germanicos, cujo prestigio de dia a dia vai em augmento e ascensão, ao passo que se afundam em olvido cada vez mais accentuado e definitivo triumphadores de outras escolas, sobretudo da italiana, que os contemporaneos, nos começos deste seculo, acclamaram de posse de virentes louros para sempre conquistados. Já muito é que

do irreparavel desastre se salvem simplesmente os nomes, como éco esvaido do brilhante e ruidoso passado.

Com quem, porém, aprendeu tão a fundo José Mauricio harmonia e contra-ponto ? Comsigo mesmo. Mestre abalisado em canto-chão, conhecendo todos os segredos do ritual gregoriano, arroubado enthusiasta das immensas bellezas que elle encerra, como inexcedivel expressão da fé e uncção religiosas, na continua e absorvente meditação dos modelos que estudava e interpretava assentava as seguras bases do mais solido saber musical.

E' certo, que já antes desse anno de 1792, havia grangeado reputação de notavel compositor e fizera executar, nos grandes dias da igreja, inspiradas producções suas ; mas, sem duvida alguma, maiores facilidades para tanto lhe ficaram proporcionadas pela entrada nas ordens sacras.

Na collecção Gabriella Neves [1] que ha pouco tempo tivemos ensejo de compulsar e cuja relação nos apressámos a copiar, apparece-lhe datada de 1790 a *Symphonia funebre* e marcada com o numero 4, o que faz crêr que a *Missa de grande orchestra*, que tem o algarismo 3 lhe haja sido anterior. Com falta da numeração intermedia figuram uma *Missa grande* (6), *Officio de defuntos pequeno*, reduzido a quatro vozes (7) e *Missa pequena* (9).

Qual, porém, a composição de vulto, e para grande instrumental que primeiro escreveu ?

---

[1] Compõe-se esse importante acervo de 112 composições de José Mauricio, algumas por letra propria do padre, muitas simples cópia, e acha-se, a pedido da proprietaria, depositado na casa de meu amigo o Sr. Commendador José Botelho de Araujo Carvalho (rua da Imperatriz n. 116). Provém da herança que a essa sua sobrinha, Gabriella Neves, deixou o cantor da antiga Capella Imperial, Bento das Mercês, regente tambem de orchestra, fallecido ha muitos annos e um dos castrados, affirmavam, trazidos em 1807 de Lisboa pelo rei D. João VI, em sua comitiva. Talvez, fosse cabido indagar si era e é regular a posse de tantas composições do padre José Mauricio. Não teriam sido na maior parte abusivamente tiradas do archivo daquelle templo? Pelo menos, parece inconcusso que as obras originaes deveriam ter-lhe pertencido. Algumas cópias são valiosas, e o estado de conservação de toda a collecção nada deixa a desejar, tudo numerado segundo, talvez, as datas em que foram escriptas essas musicas, marcado, o preço de cada uma dellas em avaliação baixa. A dona, ou como tal tida, pede hoje por tudo aquillo a somma de 12.000$000.

Não nos é dado hoje saber; coisa aliás difficil de apontar na vida dos maiores artistas, e sobretudo no caso presente quando deste não existe ainda hoje, parece incrivel! nenhuma obra impressa, nem nada consta de apontamentos autobiographicos.

Assegurou-me, ha não poucos annos, o fallecido e eminente medico parteiro Dr. José Mauricio Nunes Garcia, filho do nosso biographado, que nos papeis do pai devia haver exacta indicação do facto, pois tinha espirito altamente methodico e de tudo tomava cuidadosas notas diarias. Na occasião, pedi-lhe com a maior instancia procedesse á busca de tão precioso archivo; mas, apezar das continuas promessas, nada fez. Aliás, a casa em que vivia vida de philosopho misanthropo a seu modo e sobretudo mysogynio e encerrava a sua immensa sciencia, admiravel pratica e infatigavel caridade,era legitimo capharnaum.

Que fim terão levado aquelles papeis, que hoje nos haviam de ser tão preciosos e de tamanho auxilio? Não ha mais como contar com elles — parece indiscutivel — espalhadas e para todo sempre perdidas essas paginas velhas, amarelladas e roidas pelo tempo e que naturalmente de roldão com muitas outras foram varridas e queimadas, como simples e immundo cisco.

Uma vez padre, tomaram as lições de musica de José Mauricio a maior ampliação, entrando elle no interior das mais importantes e recatadas familias, graças ao respeito inherente ás suas vestes sacerdotaes e á sisudez e serenidade de maneiras que muito o recommendavam á sociedade daquelles tempos, desconfiada, mettida comsigo e rigorista.

Fôra, temos por certo, bem curioso sabermos qual o preço daquellas lições particulares a meninas e senhoras; mas nenhuma informação temos a tal respeito — coisa sem duvida muitissimo exigua. Foi comtudo, nessas lições, que o mestre poude estudar o mecanismo do *cravo* ou *espinheta* e aproveitar asadas occasiões para ir adquirindo e desenvolvendo a magistral execução que, annos depois com espanto geral, poude mostrar ao piano, quando appareceram os primeiros desses instrumentos no Rio de Janeiro, pouco tempo antes da chegada do Principe Regente e da Côrte real portugueza.

No ultimo decennio já abundavam na Europa os pianos, embora fossem de creação relativamente recente; mas é bem natural,

que a colonia transatlantica, representada em questões artisticas do modo mais atrazado e rudimentar pela Bahia e por Pernambuco e Rio de Janeiro, não só não possuisse um unico modelo no anno de 1792, como ainda mui poucos *cravos* contasse em seu seio.

Bem se sabe a differença.

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*)

O RISO

Vemos passar um individuo na rua; de repente uma rajada de vento lhe arrebata o chapeu; o homem corre-lhe no encalço com gesto de afflicção e despeito, mas não consegue alcançal-o, taes as caprichosas evoluções que o vento lhe imprime. Nós rimo-nos gostosamente da scena. Em seguida, outro transeunte tropeça num resalto do calçamento, rola pelo chão, fere o rosto e reergue-se todo pintalgado de lôdo. Nós não podemos conter uma gargalhada.

Porque razão? Que póde haver de risivel no facto de ser aquelle surprendido por uma lufada, ou em dar este um passo em falso? Em geral nos rimos, fruindo nisso um verdadeiro prazer, sem absolutamente indagarmos das causas determinantes. Rimo-nos porque achamos graça. Puro empirismo. Entretanto deve forçosamente haver uma theoria que o explique, como para todos os phenomenos da natureza. Não ha duvida que noventa e nove por cento dos homens pouco ou nada se importam com theorias explicativas, comprazendo-se na doce e rotineira ignorancia de tudo que não diga respeito ao seu bem estar e interesse immediatos; em compensação, porém, o um por cento restante constitue a minoria intellectual, a alta fracção pensante da humanidade, a qual dirige, governa, doma, manipula, dispõe e cavalga e faz tudo o que quer dos noventa e nove por cento amorphos e empiricos. Ao pensador não póde ser indifferente a pesquiza das causas dos mais triviaes phenomenos.

Porque nos rimos?

Aristoteles, o bisavô da sabedoria occidental, escreveu o seguinte: « Quando se representam personagens por imitação, deve-se necessariamente pintal-os ou melhores do que somos, ou peiores, ou então similhantes ao commum dos mortaes. Polygnoto pintava os homens mais bellos que o natural; Pauson mais feios; Dionysio, taes como são. Homero augmenta a estatura delles; Cléophon os representa em seu estado ordinario; Hegemon de Thasos, inventor das parodias, e Nicoclarés, autor da *Deliada*, os ridiculizam e rebaixam. A mesma differença existe entre a tragedia e a comedia; esta nos apresenta os homens mais defeituosos, a outra nol-os mostra mais bem dotado do que os vemos. » Depois, acrescenta o grande philosopho macedonio: « A comedia é a imitação do mau, não de toda a especie do *mau*, porém tão somente daquillo em que o mal toma a fórma do ridiculo. O ridiculo com effeito, implica uma certa dóse de mal e consiste nos defeitos secundarios, os quaes não são dolorosos nem inquietadores para a vida do personagem, mas simplesmente inconvenientes; de tal sorte que uma figura feia e bufa faz rir, mas sómente quando a sua deformidade não acarreta soffrimento. »

Para Cicero, o comico era um problema indecifravel. Declara que ninguem será capaz de resolver esse enigma, do qual confessa nada comprehender. « O que é o riso? exclama o famoso orador latino. Como é elle excitado? De onde provém? Qual a sua natureza? Porque razão explode o riso tão repentinamente que ás vezes não o podemos conter? De que modo actúa elle sobre os nossos flancos, sobre o nosso semblante, como se expande em nossa bocca, injecta as veias, humedece-nos os olhos? Não córo em ignoral-o, pois todos que hão tentado explical-o sabem tanto quanto eu. »

E depois: — « O dominio do ridiculo não se encontra sómente numa certa feialdade ou deformidade; rimo-nos sobretudo das coisas que revelam uma deformidade qualquer por meios não disformes. » *Deformidades por meios não disformes!...* Já vê o leitor que entramos no capitulo das definições metaphysicas, as quaes nada explicam nem definem, porquanto, segundo Voltaire, um dos privilegios da logica metaphysica é dizer coisas que não entendemos para que não sejam entendidas pelos outros.

Mestre Quintiliano tambem desanima de comprehender o phenomeno do riso, e sai-se com este circumloquio divagante: « O que

torna difficil de obter exito no genero comico vem a ser que qualquer frase destinada a fazer rir tem algo de bufo, e que a bufonería é sempre comprehendida dos que a ouvem por modo differente, visto como não se julga por uma regra certa e invariavel, mas não sei por que especie de sentimento produzido em nós, que não é possivel especificar; pois supponho que ainda ninguem explicou o que seja o riso, si bem que muitos o hajam tratado.» Mais adiante, o famoso rhetorico desenvolve a mesma observação:—«Indicar agora mais detalhadamente de onde se tiram as causas que excitam o riso, ou onde se as devem procurar, seria difficil tarefa. Si quizessemos percorrer todos os generos, jámais acabariamos, com muita e inutil trabalheira. Com effeito, os episodios que dão logar aos gracejos e pilherias são tão numerosos como as proprias idéas que concebemos sobre qualquer assumpto. Direi apenas que, em geral, o que chamamos *riso* nasce, ou dos defeitos corporaes daquelle de quem chacoteamos, ou dos defeitos do seu espirito, dos quaes avaliamos pelos seus actos e discursos; ou de coisas que estão fóra de sua pessoa, si bem que tenham relação com ella; porquanto toda a censura que se possa fazer dos homens está contida naquelles tres artigos. E esta censura é séria ou risivel, conforme se a exprime gravemente, ou de um modo leve e brincalhão.»

Após Quintiliano o problema do comico foi abandonado por mais de mil e quinhentos annos. Durante toda a Média Idade, os homens riram-se a arrebentar o cós das calças, mas ninguem procurou saber por que motivo se ria. Sómente no decimo sexto seculo, a curiosidade humana foi novamente attraida para o interessante problema. Antes não o fosse. Uma duzia de autores pertencentes áquelle longo collapso do progresso humano, chamado Idade Média, pretendeu explicar o mysterioso e complexo enigma do comico e do riso. Esses psychologistas nebulósos têm por nome: Fracastos, Valeriola, Isaac, Jossim, Isralita, Valerius, e outros de menor importancia.

Policiano, outro philosopho medieval, diz que *não poude aceitar as theorias* dos autores precitados. Não poude aceital-as, por lhe parecerem obscuras ou incompletas.

Agora vejamos a clareza de Policiano: «O riso, escreve elle, é produzido por uma plethora, ou affluencia rapida de espiritos vitaes ao rosto. Ha-os de tres especies: os espiritos animimicos que vêm

do encephalo, os espiritos vitaes propriamente ditos, que vêm do coração, e os espiritos naturaes, que vêm do figado. O baço tambem coopera no trabalho, quando esta viscera attrai fortemente a parte mais espessa e a mais vasosa do sangue, de sorte que o sangue purificado, que é o alimento dos espiritos vitaes, ficà isolado. Para rir muito, é pois necessario comer muito, afim de ter superabundancia daquelles espiritos. As coisas comicas são aquellas que provocam a sua affluencia ao semblante, de sorte que o rosto das pessoas que riem torna-se quente, toma rigidez nas carnes (*facies ridentis calida et rigidula*), e o seu proprio halito se abraza, como se póde verificar collocando a mão em frente de suas narinas. Os espiritos vitaes chegam do coração á face humana pelas arterias, os espiritos animicos pelos nervos, e os espiritos naturaes do figado pelas veias. » Até o seculo XVIII, a melhor definição do comico e do riso, e que obteve grande voga durante longo tempo, foi a do philosopho Hobbes. « A emoção do riso, diz elle, não é outra coisa mais do que um sentimento de orgulho produzido por uma subita concepção de nossa superioridade relativa á inferioridade de outras pessoas, ou á nossa propria inferioridade em uma época precedente; porquanto nos rimos das nossas tolices passadas quando ellas nos vêm á memoria, sem serem acompanhadas de uma vergonha presente. »

Esta theoria não é de todo falsa, nem de todo verdadeira. O sentimento de amor proprio lisongeado, que as scenas comicas nos despertam, não é causa unica, nem o motivo essencial da immensa satisfação que encontramos em uma boa gargalhada. Todavia a definição de Hobbes é a que contém, até áquella data, maior somma de plausibilidade.

Bacttié, contestando-a, propõe outra muito peior. O riso, na sua opinião, é produzido «pela vista de duas partes ou mais, inconsistentes, incongruentes ou incompativeis, consideradas como unidas em um todo complexo, ou adquirindo uma especie de mutua relação, em virtude da maneira especial pela qual dellas se toma conhecimento » (?) Acabando de ler tal embroglio, é o caso de exclamar com Sgnarello : *Et voilà ce qui fait que votre fille est muette !*

Ha cerca de dez annos o escriptor belga Alfredo Michiels expoz, em um notabilissimo livro, a sua explicação philosophica do comico e do riso. O celebre Labiche, mestre da galhofa, declarou que a theoria do Sr. Michiels era completa, perfeita, indiscutivel.

Vamos resumil-a, mui perfunctoriamente.

Eis o seu lemma fundamental: « *Tudo o que é contrario ao ideal absoluto da perfeição humana excita o riso e produz um effeito comico.* »

Ora esse ideal absoluto, pondera elle, abarca todos os aspectos da nossa natureza, todas as nossas relações com o mundo exterior e com os nossos similhantes. Coisa estranha, em verdade!... O homem, creatura fraca e soffredora, é obrigado a possuir os meritos mais differentes, a regular as suas paixões e a sua intelligencia de modo a manter as suas faculdades num perpetuo equilibrio; inda mais, convém que elle sustente a boa harmonia entre si e os seus companheiros de jornada neste mundo, e tambem com as potencias physicas e os objectos que o cercam; tem até a obrigação de governar dextramente o seu corpo. Si não attinge a esse alto grau de excellencia, é immediatamente punido pelo *ridiculo*. Com effeito, o homem deve ser bello; qualquer desvio um pouco forte das leis da bélleza o torna comico. Muita magreza ou muita gordura, pernas ou braços por demais longos, uma corcunda, um nariz volumoso, olhos de toupeira, cabellos hirsutos, provocam o riso e o desejo da chacota. Este effeito produzido pelos vicios do corpo implica para o homem a necessidade de ser bello, por mais bizarra que nos pareça similhante imposição. Mofamos de Falstaff quando elle diz: « Toda a gente me reconhece pelo ventre; é uma linguagem universal que, onde eu appareça, proclama o meu nome. Si eu tivesse um ventre ordinario, seria o malandro mais activo da Europa; porém esta barriga, oh! esta barriga faz a minha ruina! »

Não sómente o homem deve ser bello, de fórmas correctas e proporcionaes, não sómente deve saber dirigir e regular os seus movimentos e gestos, com destreza e geito —para evitar o ridiculo; occultando cuidadosamente as partes menos nobres e as funcções mais grosseiras do seu corpo, mas tambem é obrigado a possuir uma intelligencia bem organizada, a qual conheça toda a natureza e observe fielmente os principios da logica. Qualquer raciocinio falso, qualquer equivoco, todos os actos de ignorancia são comicos. No ideal da natureza humana entra como factor essencial a rectidão do espirito; qualquer fraqueza ou irregularidade do intellecto provoca o riso. Abundam exemplos nas comedias e na vida quotidiana. Ninguem tem o direito de commetter o minimo engano,

o mais leve equivoco, sem incorrer num sorriso zombeteiro dos circumstantes, e ás vezes o proprio individuo ri-se de si mesmo.

Que contrasenso! O homem, ente pintalgado de todas as inperfeições, fraquezas e defeitos, tem um riso de mofa todas as vezes que reconhece não ser impeccavel e perfeito! Mas é assim mesmo, que fazer? De sorte que não ha nada mais frequente, mais vulgar, mais universal do que o riso e o comico, sob todos seus aspectos. Onde quer que estejam duas pessoas juntas, em breve uma dellas fará ou dirá qualquer coisa provocadora de um sorriso.

Os imbecis, os tolos, os nescios são em numero infinito. O Sr. Michiels observa muito bem: A Natureza prodigalizou os imbecis; elles abundam, pullulam, invadem todas as sociedades; que seria dos homens intelligentes, sinão tivessem um preservativo contra essa raça repugnante e aborrecida? Contra essa casta de gente parva que afeia, envilece e deforma todos os assumptos, sentimentos e idéas em que toca?... Ella apagaria o sol e transformaria o amor em nausea, estragaria a vida dos homens superiores, si o *comico* lhes não viesse em soccorro. Graças ao ridiculo, esses seres fastidiosos, pretenciosos, insupportaveis, tornam-se personagens divertidos, bufos, palhaços. Não se os toma a serio, constituem diversão graciosa. Elles regozijam o observador, o fazem alegre, lhe porpocionam pretexto de perpetua distracção. Fornecem á satyra, á canção, ao theatro, um enorme contingente de obras comicas. Molière e Regnard, usam e mesmo abuzam dos sandeus em suas comedias, chegam mesmo a exageral-os, como os Sganarellos da *Escola dos Maridos* e do *Amor Medico*, o Geronte das *Velhacarias de Scapin* e do *Medico á força*.

Shakspeare pensa (não digo *pensou*, porque Shakspeare é um homem vivo, contemporaneo dos seres intellectuaes de todas as gerações) Shakspeare pensa que a estupidez é contagiosa como outra qualquer molestia. Um dos seus personagens, (diz-nos A. Michiels) na segunda parte de *Henrique Quarto* (acto V, scena 1ª) pinta do seguinte modo o juiz Letourneau e os seus acolytos: — « Coisa maravilhosa é a perfeita concordancia que existe entre elle e os seus asseclas; estes, á força de o verem agir, tornam-se tambem juizes imbecis. Elle á força de viver com os seus subalternos, metamorphoseou-se em lacaio com ares de juiz. A perpetua frequentação de uns e outros identificou tão bem as suas intelligencias que se reunem

com prazer, como um bando de patos selvagens. Si eu tivesse que solicitar algo desse magistrado, persuadiria aos servidores de que exercia muita influencia sobre o seu patrão; si precisasse captivar a benevolencia dos seus acolytos, convenceria á Letourneau de que ninguem mais que eu poderia impor-lhes a minha vontade. A sabedoria e a estupidez contraem-se como molestias contagiosas; convém portanto saber escolher as companhias que se frequentam.»

A ignorancia por si só, pondera o autor que resumimos, sem mescla de outro elemento accessorio, provoca o riso, porquanto o ideal da perfeição humana exige que tudo saibamos, que nada nos seja desconhecido. A falta de orthographia, mesmo em pessoas que não têm obrigação de sabel-a, nos desperta gargalhadas. Uma lavadeira, tendo levado a roupa a um freguez, e não o encontrando em casa, escreveu na porta: «*Je suis Venus, avec le linge.*»

O jacto de ridiculo é tambem a falta de attenção; o ideal da perfectibilidade não admitte qualquer distracção do nosso espirito. Seria ocioso citar exemplos de distracção. Todos os conhecem. O Sr. Michiels lembra o episodio occorrido com o sabio francez Babinet, o qual, num passeio que fez pelos arredores de Pariz, agradou-se muito de uma casa campestre, alugou-a, deu 300 francos de signal, mas no dia seguinte não poude absolutamente lembrar-se do lugar onde estava sita a dita casa, nem mesmo da ferro-via que até lá o conduzira. Sabe-se que o grande Balzac, traçando com grande paixão e solicitude o plano do seu predio de *Jardies*, delineou minuciosamente todas as dependencias de uma vivenda principesca, mas esqueceu-se da escada communicando o pavimento terreo com os andares superiores.

A distracção dá lugar a qui-pro-quos muito engraçados. O famoso jurisconsulto Troplong era presidente do senado durante o segundo imperio francez. Um dia lhe entregaram um manuscripto do Sr. Valette, professor de direito, contendo um estudo sobre o artigo 75 da nova constituição, e ao mesmo tempo recebe uma carta do general Millinet, excellente musico como tambem o era Troplong, dentro da qual se achava o ultimo trecho musical composto pelo expeditor. O jurisconsulto responde aos dois, mas baldroca as sobre-cartas, de sorte que o senador general Millinet recebe o bilhete seguinte:

«Meu caro collega.—Agradeço-lhe a sua remessa. Vou mandar imprimil-a em nossos archivos e enviarei um exemplar a todos os

membros da Côrte de Cassassão. » — Um trecho de musica remettido aos magistrados da Côrte Suprema!

O general não podia comprehender quaes as intenções do Sr. Troplong. O Sr. Valette, por seu lado, recebia estas duas linhas: Meu caro collega. — « A sua obra é encantadora. Toquei-a na rabeca. Perfeita! » — Tocar na rabeca um profundo estudo consagrado ao art. 75 da Constituição!

O ideal absoluto da nossa raça requer que um homem nunca se engane, nem sobre o caracter, nem sobre os sentimentos, nem sobre os projectos dos individuos com os quaes se acha em relações, nem sobre a significação das suas palavras. Devemos ser cautelosos, prudentes, sagazes; adivinhar os artificios, as más intenções e nos preservarmos das armadilhas. Descobrir e frustrar as manobras velhacas é uma honra. Os credulos, pelo contrario, são ridiculos. Eis por que os maridos logrados têm fornecido tantos personagens comicos ao theatro.

Que falta, pergunta curialmente o Sr. Michiels, commetteu um homem cuja esposa procurou secretamente prazeres prohibidos? Em que desmereceu elle? Estará diminuido, pervertido na sua intelligencia e na sua vontade? Certo que não. Pessoalmente não soffreu nenhuma ignominia, nenhum descrédito. Mas deixou de prever e de prevenir a sua deshonra conjugal. Basta isso para o expor á chacota da galeria! O marido enganado, si não usar da tragedia para lavar o ultraje, ha de ser forçosamente comico. O estado de patau, de homem imprevidente e mystificado, é tão comico por si mesmo, que o enganador, o embusteiro, o amante perfido e victorioso fica com o bonito papel, attrai o interesse, e a mulher culpada tambem toma parte no triumpho; em volta delles brilha aquella aureola dourada que circumda sempre o bom exito.

Todavia não se deve tomar a sympathia do publico por uma approvação moral, é um phenomeno de esthetica pura, produzido pela illusão do marido bobo, fraco e desprevenido, contrario ao ideal da nossa raça, avesso ao typo supremo que não inventamos, do qual não dispomos, mas que nos domina e se nos impõe, com a inflexivel regularidade do destino.

Com effeito, invertamos os termos; que o amante astucioso, julgando ir ao encontro da victoria, caia num laço, seja mystificado

e chasqueado. A sua posição torna-se absolutamente comica. Provoca o riso a bandeiras despregadas. Si não se trata de um homem casado, mas de um simples amante ou protector financeiro, o comico se torna absoluto, completo, irremediavel.

Do mesmo modo que a intelligencia, as paixões do homem devem ser sabiamente conduzidas e reguladas. Qualquer desvio inoffensivo das leis do sentimento e da paixão produz o phenomeno moral designado pelo nome de ridiculo. Um mancebo apaixonado por mulher velha, um ancião embeiçado por joven donzella, um amor insensato que impede de apreciar as tolices, os habitos grosseiros e os defeitos da pessoa idolatrada, a fatuidade pretenciosa, o falso enthusiasmo dos parvos pelos homens em voga; em summa qualquer sentimento excessivo ou injustificavel, desproporcionado ou mal empregado, provoca o riso e cai no dominio do comico. A propria ternura dos pais deve ser comedida e razoavel; as illusões de uma mãi, extasiando-se perante a fealdade e a sandice de um filho, choca o espectador e lhe desperta um prurido de zombaria.

A idolatria pelo dinheiro, o respeito religioso pelas posições sociaes, sem levar em conta o merito dos seus occupantes, o servilismo politico e social, tem sido assumpto constante para os autores comicos.

Temos sempre na imaginativa o homem perfeito, completo, impeccavel; e comparando-o mentalmente com os homens reaes, os homens viventes e tangiveis, percebemos a inferioridade destes ultimos. Essa impressão de desequilibrio produz o riso.

Todas as acções humanas, boas ou más, são o producto da vontade. A vontade, é portanto, o instrumento essencial da actividade. Todo o homem que *quer* realizar uma coisa, e o não consegue, torna-se mais ou menos ridiculo.

O desejo de fazer triumphar a sua vontade é quem arma o homem com aquelle sentimento heroico que o leva a se obstinar contra os obstaculos e a arrostar os perigos. As difficuldades elevam ao maximum de energia esta potente faculdade. Ella exulta no meio das tempestades e das batalhas, onde o homem mantem firmemente as suas resoluções em face da morte. Mas tambem, por uma

consequencia inevitavel, deter-se em frente de um obstaculo material ou de outra vontade hostil, equivale a uma derrota. Ora, todo exito mau tem por escolta o desgosto e o ridiculo.

Um *fabliau* da Idade Média resa que tendo um villão incorrido no desagrado do seu castellão feudal, o patrão intimou-o a escolher d'entre as tres punições seguintes:

Ou comer cem cabeças de alho.

Ou apanhar cem bastonadas.

Ou pagar cem escudos.

O vassalo escolheu o primeiro castigo.

Com um pouco de coragem e paciencia, contava cumprir a pena. Consegue engolir sem novidade os primeiros alhos, pois tinha a garganta fresca. A acrimonia do legume, entretanto, o vai queimando cada vez a mais. A' trigesima cabeça d'alho, tinha a lingua e o veu palatino em fogo, o esophago ardente, á tal ponto que declarou não poder absorver mais alhos; que preferia as bastonadas. Fizeram-lhe a vontade, e o cacete entrou em scena. Supportou valentemente as primeiras pancadas, porém, depois começou a caretear, dando gritos... E á uma paulada mais dolorosa, mandou fazer alto, declarando que preferia pagar os cem escudos. Este infeliz servo, cuja força de vontade foi tres vezes vencida, soffreu tres castigos em vez de um, e apezar de assistirmos ao seu supplicio, não nos podemos defender de rir á sua custa.

Um cavallo que toma o freio nos dentes e dispara, tendo um homem em cima, torna ridiculo o cavalleiro. A sociedade exige que o cavalleiro saiba suster e dominar um irracional espantado e furioso. E si o animal o atirar ao chão, partindo-lhe as costellas, ainda ha garotos para se rirem.

Tambem é punido pela risota do desdem quem se afasta das prescripções da moral. A moral, diz o nosso autor, é a sciencia das melhores relações a estabelecer entre os homens, no seu interesse commum. E' uma sciencia positiva, real, tendo a sua utilidade por sancção, e não precisando absolutamente de outra sancção. Muito antes das analyses philosophicas, nos povos barbaros, a moral tem por interprete a consciencia, que é a sua theoria instinctiva e innata, o homem a traz comsigo ao nascer. Destinado á vida social elle devia possuir o instrumento da sociabilidade, um codigo primitivo das relações humanas.

São numerosas as prescripções da moral. Probidade, coragem, paciencia, sinceridade, benevolencia, desinteresse, economia, sobriedade, pudor, respeito de si proprio, constancia nas opiniões e nas affeições — ella nos impõe tantas virtudes e meritos, que desesperamos de chegar á tal perfeição. E, entretanto, desde que um mortal d'ahi se afasta, si a falta é grave, soffre o castigo do desprezo, do odio, da indignação; si a falta é leve, pune-o o acicate do ridiculo.

Shakspeare parece ter querido encarnar em Sir John Falstaff todos, ou pelo menos, grande quantidade de ridiculos, physicos, moraes e intellectuaes. E' um typão de uma corpulencia extraordinaria; si caminha um pouco depressa, sua pavorosamente, e a sua graxa estera o solo esteril. O principe de Galles, que com elle se diverte como si fosse um brinco ou um palhaço, prodigaliza-lhe os termos sarcasticos: «Deixem entrar esse bandulho, essa pipa, esse páu de sebo!.. Chama-o de «tonelada de graxa, ucha de bestialidade, balão de hydropesia, saco de tripas». No moral, Falstaff é tão pifio como no physico. Poltrão, lambareiro, glotão, beberrão, frascario, lascivo, cubiçoso, mentiroso, impostor, trapaceiro, gatuno, rodomonte, gabola, basofiador, prodigo, enfatuado, arrogante, cynico, desvergonhado. Entretanto, não votamos odio a Sir John Falstaff... Apenas o achamos immensamente ridiculo!

URBANO DUARTE

A PENA ENTRE OS HEBREUS[1]

O povo hebreu possue um Deus, que não distribue castigos ou recompensas em uma outra vida, é um Deus que não se preoccupa sinão com o destino terrestre do seu povo. O que lhe importa não é a vida futura, tanto assim que para elle a morte é um castigo. O judaismo não é uma religião feita para a alma, para o espirito, e sim para a carne, para a vida.

No *Genesis*, o Senhor diz a Moysés : « Eu resolvi dar cabo de toda a carne. Os homens encheram a terra de iniquidades, e eu os farei perecer com a terra. Eu lançarei as aguas do diluvio sobre a terra para fazer perecer toda a carne, que respira vida. Tudo que existe sobre a terra será consumido. [2] O diluvio é a destruição da carne, a submersão de tudo que tem vida. « Toda a carne, que se móve sobre a terra, foi consumida ; todas as aves, todos os animaes, todas as bestas, e tudo que anda de rastos sobre a terra. Todos os homens morreram, e geralmente tudo que respira vida na terra. Todas as creaturas que existiam sobre a terra, desde o homem até as bestas ; tanto as que andam de rastos, como as que voam pelo ar, tudo desappareceu da terra. Ficaram sómente Noé, e os que estavam com elle na arca». [3]

---

[1] Veja a *Revista* de 1 de outubro.

[2] *Genesis*, cap. VI, vv. 13 e 17.

[3] *Genesis*, cap. VII, vv. 21, 22, 23.

O paraiso dos Hebreus não é, como o de Dante, uma região etherea, habitada por seres immateriaes; é sobre a terra, num delicioso sitio, coberto de arvores, povoado de animaes, encantador jardim, ao mesmo tempo botanico e zoologico.

Os Israelitas conceberam um paraizo; mas elles não têm noção alguma de morada celeste. Emquanto as outras religiões não vivem sinão de mortos, de puros espiritos, o judaismo resuscita os mortos, reencarna os ossos dos finados. Ha em Ezechiel uma pagina admiravel, que dá o traço predominante do jehovismo, religião de carne e osso, si assim podemos nos exprimir, e não uma religião de fantasmas. E' o renascimento de Israel, figurado por ossos seccos, que se aproximam uns dos outros, cobrem-se de musculos, de carne, de pelle, e de novo se animam ao sopro do espirito.

« E elle me disse: Prophetiza acerca destes ossos, e dir-lhes-as: Ossos seccos, ouvi a palavra do Senhor. Eis o que diz o Senhor Deus a estes ossos: Ahi vou introduzir em vós o espirito e vós vivereis. E porei sobre vós nervos, e farei crescer carnes sobre vós e sobre vós estenderei pelle; e dar-vos-ei espirito, e vós vivereis e sabereis que eu sou o Senhor. Eu pois, prophetizei como o Senhor me tinha mandado; e quando eu prophetizava, ouviu-se um ruido, e eis que se fez um reboliço: e os ossos se chegavam uns para os outros, pondo-se cada um na sua juntura. E olhei e vi que vieram sobre os ossos nervos e carnes para os revestirem, e nelles foi estendida a pelle por cima; mas elles ainda não tinham espirito. Então me disse o Senhor; prophetiza ao espirito, prophetiza filho do homem, e dirás ao espirito: Eis o que diz o Senhor Deus: Espirito, vem dos quatro ventos, e sopra sobre estes mortos, para que revivam. Eu, pois, prophetizei, como o Senhor me tinha ordenado; e entrou o espirito naquelles ossos, e viveram, e se levantaram sobre os seus pés, como um exercito feito em grande extremo. E me disse o Senhor: Filho do homem, todos estes ossos são a casa de Israel; elles dizem: os nossos ossos se tornaram seccos, e a nossa esperança se perdeu, e nós fomos cortados do numero dos homens. Prophetiza, pois, e dize-lhes: Eis o que diz o Senhor Deus: povo meu, vou eu abrir os vossos tumulos, tirar-vos-ei de vossos supulcros, e vos farei entrar na terra de Israel.» [1]

---

[1] *Ezechiel*, cap. 37, vv. 4 a 11.

Jehovah é invisivel; mas não cessa de falar com o seu povo pela bocca dos prophetas. Os prophetas Israelitas são os orgãos do pensamento e da vontade de Jehovah. « O propheta, diz Darmesteter, é outra coisa que o padre, que é um personagem sem grande originalidade, ministro de um ritual estabelecido, cujo poder age por si mesmo, sem que a pessoa do padre intervenha em coisa alguma. O propheta é um homem possuido de Deus e por quem Deus se revela aos homens.»

O propheta israelita, porém, era porta-voz do pensamento e da vontade divina, não sómente sob o ponto de vista moral, mas especialmente sob o ponto de vista civil e politico. A sua principal preoccupação eram os negocios publicos. Por isso, se os comparou com razão a tribunos do povo e diz Colani que esta comparação é justa no sentido de que elles tinham por fim esclarecer Israel sobre os seus verdadeiros interesses, e modificar a marcha do governo pelo poder unico da persuasão.

Nem sempre reina harmonia de vistas entre os prophetas; mas todos elles pertencem a um mesmo partido, todos elles advogam a mesma causa — o progresso. O propheta hebreu não é um conservador, um apostolo do passado, e sim um precursor, um missionario do futuro.

Do que fica dito facilmente se deprehende que não se poderia encontrar um norte mais firme, uma fonte mais fecunda para o estudo do conceito da expiação do que a historia do povo eleito e especialmente a historia do seu movimento prophetico.

Segundo Moysés, no *Genesis*, Jehovah, para punir a iniquidade e a corrupção, fez cair sobre a terra o diluvio, afim de destruir toda a creação desde o homem até aos animaes, desde os reptis até ás aves do céu. E' um exterminio geral; pagam culpados e innocentes, racionaes e irracionaes, tudo que tem vida sobre a terra.

Depois do diluvio vem a destruição pelo fogo. Sodoma e Gomorrha são devoradas pelas chammas.

A esta fórma geral de expiação succede o adoçamento do castigo sob a fórma do sacrificio. Para expiar a falta commum é sacrificada a mais preciosa vida da communhão. E quando não é mais a communhão a responsavel pela culpa dos seus membros, as victimas vêm a ser os animaes pertencentes aos individuos culpados. Na Biblia é bem conhecido o caso do bode expiatorio.

Si o sacrificio diminue a effusão de sangue, a compensação a elimina.

A este processo de eliminação de sangue nas relações familiares ou internacionaes corresponde o systema das *indulgencias*, especie de composição paga á divindade, « *wergeld mystico* » no dizer de Tarde.

O jejum, a castidade, a supplica, a confissão, a esmola, são outras tantas metamorphoses da expiação. Amós, encarregado por Jehovah de prophetizar a seu povo, diz : « Ide a Bethel e commettei impiedades, ide a Galgala e multiplicai prevaricações ; e levai lá as vossas victimas desde a manhan, os vossos dizimos todos os tres dias, offerecei com pão levado sacrificios de acção de graças ; e chamai-lhes oblações voluntarias e fazei-as bem publicas, porque assim o quizestes, filhos de Israel, diz o Senhor. »[1] « Eu aborreço e abomino as vossas festas ; e não posso supportar o odor das vossas reuniões. Em vão me offereceis holocaustos e presentes, eu não os aceitarei e não porei os olhos nos sacrificios das hostias pingues, que me offereçais no cumprimento dos vossos votos. Afasta de mim o ruido de teus canticos ; nem ouvirei as arias, que cantares em tua lyra. E os meus juizos se darão contra vós como uma torrente, que transborda, e a minha justiça como uma corrente impetuosa. [2]

Como se vê, não é mais um Deus, que tem fome de victimas e dizimos, um Deus que abranda com festas e cantigas ; mais é um Deus de Justiça, que quer corações puros e não mãos cheias de offerendas.

Em Oséas Jehovah é um personagem terno e amoroso, ao mesmo tempo melancolico e carinhoso, um Deus, que, abominando tudo que é brutal e iniquo, sente necessidade de ser amado com doçura e fidelidade. « Depois disto, eis aqui estou eu que attrairei, a levarei a soledade, e lhe falarei ao coração. E lhe darei vinhateiros do mesmo lugar, e o valle de Achor, para esperança : e ali cantará ella canticos como nos dias da sua juventude, e como nos dias em que fez a sua saida da terra do Egypto. E succedendo isto naquelle dia, diz o Senhor, ella me chamará meu esposo, e não me chamará mais Baali. [3] » « E naquelle dia farei alliança entre elles e as alimarias

---

[1] *Amós*, cap. IV vv. 4 e 5.

[2] *Amós*, cap. V v v. 21 a 24.

[3] *Oséas*, cap. II, v v, 14, 15, 16.

do campo, as aves do céu, e os reptis da terra, despedaçarei o arco e a espada, e supprimirei a guerra de cima da terra: e eu os farei dormir com toda a segurança. E me desposarei comtigo para sempre; me desposarei comtigo com uma alliança de justiça, de juizo, de misericordia, de compaixão. E me desposarei comtigo com uma inviolavel fidelidade, e saberás que eu sou o Senhor. »[1]

As faltas do seu povo não inspiram a Jehovah sinão compaixão e piedade. Si este ameaça de sair ao encontro dos filhos de Israel, como uma ursa. a que roubaram os filhos, e de rasgar-lhes as entranhas até chegar ao figado, não se demora em mostrar-se arrependido, e em prometter-lhes o resgate da morte. Si promette tomar-lhes o trigo e o vinho, a lan e o linho, as vinhas e as figueiras, é para impor-lhes a provação da necessidade, a penitencia do deserto, onde outr'ora vibraram as cordas do amor.

Jehovah não póde abandonar aquella que lhe deu os amores de joven; a attrairá a solidão, e ali a desposará com uma alliança de justiça e misericordia. O mal de Israel não é a miseria: não lhe falta trigo, nem vinho, nem ouro; o que atormenta-a é a duvida, o vago, o indefinido, esse estado de alma, que lembra a situação de espirito de René, de Werther ou de Manfredo. D'ahi esses tocantes accentos lyricos, como não se encontram iguaes sinão no romantismo moderno.

A voz de Jehovah até então grave e severa tem agora a doçura da promessa da vinda daquelle que ha de ensinar a justiça. «Semeai para vós na justiça, e segai na bocca da misericordia, alqueivai os vossos pouzios; o tempo, porém, de buscar o Senhor, será quando tiver vindo aquelle que vos ha de ensinar a justiça. »[2]

Com Isaias continúa a evoluir o conceito da expiação; Jehovah abomina os sacrificios, sobretudo si ao cheiro do sangue ou da gordura das victimas vem juntar-se o perfume de incenso; aborrece as penitencias, revistam ellas a fórma de jejum, abstinencia ou confissão; condemna neomenias, sabbados e calendas; despreza as orações para não attender sinão á pureza de pensamento e a bondade de acção. Para o mal só ha um remedio, é

---

[1] *Oséas*, cap. II vv. 18, 19, 20.

[2] *Oséas*, cap. X. v. 12.

o bem. Proteger o humilde, soccorrer o necessitado, é que torna a alma pura, alva como a neve.

« Ouvi a palavra do Senhor, principes de Sodoma, escutai a lei do nosso Deus, povo de Gomorrha. De que me serve a multidão das vossas victimas? Diz o Senhor, já estou farto dellas: não quero mais holocaustos de carneiros, nem gorduras de animaes nedios, nem sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vinheis á minha presença, quem vos exigiu que trouxesseis estas coisas para entrardes nos meus atrios? Não offereçais mais sacrificios em vão; o incenso é para mim abominação. Neomenia, sabbado e outras festividades não supportarei, as vossas reuniões são iniquas. A minha alma aborrece as vossas calendas e as vossas solemnidades: ellas se me têm tornado molestas, cançado estou de supportal-as. E quando estenderdes as vossas mãos apartarei de vós os meus olhos: e quando multiplicardes as vossas orações, não as attenderei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante de meus olhos a malignidade de vossos pensamentos: *cessai de obrar perversamente, aprendei a fazer o bem: procurai o que é justo, soccorrei ao opprimido, fazei justiça ao orphão, defendei a viuva.* E vinde e argui-me, diz o Senhor, si os vossos peccados fôrem como a escarlata, elles se tornarão brancos como a neve; e si fôrem roxos como o carmezim, ficarão alvos como a branca lan ». [1]

E não é sómente ao seu povo que contra o mal Jehovah prega a pratica do bem, é a todas as gentes. A justiça não é um monopolio nacional, ella se estende á universalidade dos homens. «E nos ultimos dias, sonha o propheta, estará preparado o monte da casa do Senhor no cimo dos montes, e se elevará sobre os outeiros e correrão a elle todas as gentes. E irão muitos povos, e dirão: vinde e subamos ao monte do Senhor e a casa do Deus de Jacob, e elle nos ensinará os seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalem a palavra do Senhor. » Porquanto já um pequenino se acha nascido para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o Principado sobre o seu hombro: e o nome com que se appellide, será Admiravel, Conselheiro, Deus, Forte, Pai do futuro seculo, Principe da paz. O seu imperio se

[1] *Isaias*, cap. I, vv. 10 a 18.

estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: assentar-se-á sobre o throno de David, e sobre o seu reino para o firmar e fortalecer em juizo e justiça, desde então e para sempre: fará isto o zelo do Senhor dos exercitos. »[1]

No tempo de Isaias si ha expiação severa é para as pequenas faltas femininas. Jehovah tem aversão aos artificios da *coquetterie*. O porte e os modos desenvoltos, provocantes, são punidos com as mais rigorosas penas. « Ainda disse mais o Senhor: Pois que as filhas de Sião se elevaram e andaram com o pescoço levantado, fazendo acenos com os olhos, e gestos com as mãos, passeando com ruidosos pés, e caminhando com passo medido, o Senhor tornará calva a cabeça das filhas de Sião, e despojal-as-á o mesmo Senhor do seu cabello. Naquelle mesmo dia tirará o Senhor o adorno dos calçados, as fivellas, os collares, os braceletes, os fios de perolas, as coifas, os crescentes, as ligas das pernas, as cadeias de ouro, os frasquinhos de perfume, os brincos, os anneis, as pedras preciosas, pendentes da fronte, os vestidos de reserva, as charpas, os linhos finos, os alfinetes, os espelhos, delicadas camisas, os listões e as roupas de verão. »[2]

E não satisfeito de despojar as elegantes penitentes do arsenal inteiro da toilette, Jehovah acrescenta: « E em lugar de suave perfume terão mau odor, e por cinta corda, e por cabello frisado calva, e por corpete cilicio. »[3]

Não cessam as iniquidades de Israel; mas nem por isso Jehovah deixa de amal-a com uma afeição sem limites. Da sua parte o castigo não é sinão o começo de um arrependimento ou a promessa de um futuro glorioso.

Ao lado das censuras e ameaças estão as palavras de perdão e esperança. Algumas vezes a felicidade promettida é tão maravilhosa que provoca o riso. « O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará aos pés do cabrito; o novilho, o leão e a ovelha viverão juntos, e uma criança os conduzirá. O novilho e o urso irão comer as mesmas pastagens, as suas crias descançarão umas com as outras, e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito

---

[1] *Isaias*, cap. IX, vv. 6 e 7.
[2] *Isaias*, cap. III, vv. 16 a 23.
[3] *Isaias*, cap. III, v. 24.

sobre a toca do aspide, e na caverna do basilisco metterá a sua mão a que estiver já desmamada.» [1]

E' mais alguma coisa do que o sonho moderno da paz perpetua, é a suppressão da luta pela existencia, porque a terra inteira estará cheia do espirito do Senhor, espirito de sabedoria e de piedade.

O cunho do prophetismo é a fé tenaz de regeneração no seio das tremendas catastrophes. Os prophetas de Israel foram, como diz Colani, optimistas apaixonados, que sustentaram com suas palavras muitos individuos e muitos povos nas horas de desfallecimento. [2]

A primeira vista Jeremias parece um descrente do futuro, um desesperado da sorte. Mas o successor de Isaias, si tem asperezas de palavra, que lembram a linguagem dos modernos nihilistas, si aconselha a destruição nacional, é porque sonha uma patria futura. Já que a nação não póde ser reformada de outro modo, que se recorra ao extremo.

Por patriotismo é que Jeremias insiste em que Jerusalem seja entregue aos Chaldeus. «Julgado por nossas leis e nossos costumes modernos, escreve Darmesteter, Jeremias seria um traidor: elle o era aos olhos dos ultimos chefes do exercito de Jerusalem. Mas o que faz justamente a grandeza inaudita do homem, é que este traidor á patria é o patriota dos patriotas. Jeremias não é o santo ou o fanatico, que destróe a cidade terrestre por uma cidade celeste: O que elle sonha como todos os seus predecessores, é uma patria terrestre, uma patria nacional, uma patria judaica, com uma dynastia nacional, a de David, mas com uma lei de justiça, de piedade, de moralidade, a de Jehovah.» [3]

Pela sua bravura moral, Jeremias soffre perseguições; mas os soffrimentos não alteram uma linha a sua norma de conducta. Fassur, prefeito da casa do Senhor, o mette no tronco, mas o propheta apenas solto, descreve mais detalhadamente a sorte, que aguarda Judá. Sedecias manda consultal-o em relação a Nabuchodonosor, rei da Babylonia, e elle prediz com toda a franqueza os males que estão para succeder a Jerusalem. «E depois disto, diz

---

[1] *Isaias*, cap. XI, vv. 6, 7 e 8.

[2] Vide *Essais de critique historique, philosophique et litteraire*, par T. Colani.

[3] *Les prophetes d'Israel*, por James Darmesteter, pags. 89, 90.

o Senhor: Entregarei Sedecias, Rei de Judá, seus servos, seu povo, e quantos nesta cidade têm escapado da peste, da espada, e da fome nas mãos de Nabuchodonosor, rei de Babylonia, nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procuram tirar-lhes a vida, os quaes passal-os-ão ao fio da espada, e Nabuchodonosor não se dobrará nem perdoará nem se compadecerá. » [1] Prophetizando na casa do Senhor a destruição de Jerusalem, não sómente os sacerdotes, mas tambem os prophetas, o prendem e pedem a sua condemnação á morte. Absolvido pelos Principes e pelo povo, não hesita em ferir o convencionalismo do povo e dos sacerdotes, contestando Hananias, que prophetizava o levantamento e o jugo de Babylonia. Joaquim manda queimar o livro das prophecias, que Baruch havia copiado, e Jeremias dita-as segunda vez a Baruch, ajuntando novas prophecias. O lago de lodo em que foi mettido, por ter aconselhado submissão á Babylonia, e do qual foi salvo por ordem de Sedecias, não serviu sinão para que, consultado pelo rei, lhe respondesse com toda franqueza: « Si fôres entregar-te aos principes do rei de Babylonia, viverá a tua alma, e não arderá em fogo esta cidade, e tu serás salvo e a tua casa. Mas si não fôres entregar-te aos principes do rei de Babylonia, cairá esta cidade nas mãos dos Chaldeus, que a farão arder no fogo: e tu não escaparás das mãos delles. » [2]

Consultado pelos judeus, que desejavam retirar-se para o Egypto aconselha, em nome do Senhor, que não se retirem, e não tendo sido attendido, em Taphnis, para onde fôra conduzido pelo seu povo, annuncia que Nabuchodonosor revestir-se-á da terra do Egypto como se veste o pastor com a sua roupa.

As palavras de Jeremias sôam aos ouvidos dos filhos de Israel como um toque de agonia; mas quando vier o aniquilamento nacional, ellas farão surgir Jerusalem de suas proprias cinzas: ellas serão o sopro que animará a communhão de ossos, de que fala Ezechiel. E quando Israel disser: « Os nossos ossos se tornaram seccos, a nossa esperança se perdeu, » o Senhor responderá: « Povo meu, eis ahi vou eu abrir os vossos tumulos e tirar-vos dos vossos sepulcros; e eu vos restituirei á terra de Israel. » Devido ao desprendimento de

---

[1] *Jeremias*, Cap. 21, v 7.
[2] *Jeremias*, cap. XXXVIII, vv. 17 e 18.

interesses, á intensidade das convicções, á coherencia da conducta, aconselhando sempre a alliança com Babylonia contra o Egypto, se póde dizer que foi Jeremias o fundador da nova patria de Israel.

Ezechiel não é um simples successor, é um continuador de Jeremias: mesma fé inabalavel no renascimento da patria, mesma indignação contra os prophetas insensatos, que não têm a percepção do destino nacional, mesmos conceitos moraes, muitas vezes revestidos das mesmas fórmas, mesma guerra contra a alliança de Pharaó, rei do Egypto, comparado a um crocodillo enorme, que tirado para fóra das aguas do Nilo, será lançado no deserto com todos os peixes do seu rio, afim de servir de pasto aos animaes da terra e ás aves do céu.

Em Ezechiel reina confiança absoluta em Jehovah, consequencia necessaria da ternura sem limites, que o Senhor tem ao seu povo. Israel é a esposa infiel que, apanhada núa no deserto, apenas se vê lavada, ungida com oleo, vestida com roupas bordadas de diversas côres, calçada com jacintho, ornada com preciosos enfeites, braceletes nas mãos, colar ao pescoço, argolas nas orelhas, corôa na cabeça, se prostitue, se entrega a todos os que passam, aos filhos do Egypto, aos filhos da Assyria, a todos os estrangeiros; edifica casa de impudicicia em todas as praças publicas, e corre atraz dos amantes, fazendo-lhes presentes. Apezar de tudo, Jehovah perdôa aquella, com quem fez pacto no deserto, e promette fazer com ella um novo pacto, que então será eterno.

Esta allegoria, que apparece a cada canto da Biblia, é a historia figurada do judaismo; ella representa a ternura immensa, infinita de Jehovah a seu povo, ternura de marido, que perdôa a infidelidade da esposa, ternura que vai além do amor materno.

« O Senhor me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim, » diz Sião. E Jehovah responde pela bocca do grande Anonymo, cuja obra se acha compilada nos capitulos XL a LXVI do Livro de Isaias: « Acaso póde uma mulher esquecer-se do filho, de sorte que não tenha compaixão do fruto de suas entranhas? E quando ella se esquecesse, eu não me esqueceria de ti. »[1]

Mas este Deus de ternura, sempre disposto á indulgencia; este Deus que applaude o Messias, quando este entrega o corpo aos que

---

[1] *Isaias*, cap. XLIX, v. 15.

o ferem, as maçans do rosto aos que lhe arrancam os cabellos da barba, quando não offerece a face aos que o injuriam e lhe cospem em cima; este Deus de clemencia, de piedade, de misericordia, de caridade, conseguiu o triumpho effectivo da justiça sobre a terra?

Quem ousaria affirmar, não obstante as palavras do segundo Isaias? « E bem assim como descem do céu a chuva e a neve, e não tornam para lá d'ahi por diante, mas embriagam a terra, a banham, a fazem brotar, e dão semente ao que semeia, e pão ao que come, assim será a minha palavra, que sair da minha bocca; não tornará para mim vazia, mas ella fará tudo quanto eu tenho querido, e sortirá o seu effeito naquellas coisas, para as quaes eu as enviei. »[1]

Conseguiu effectivamente Jehovah « qnebrar as cadeias da iniquidade, despedaçar os laços da oppressão, apezar de ser este o culto, que lhe agradava? »

A verdade é que o christianismo, appellando para um reino, que não é deste mundo, com a noção de um Deus, que recompensa ou castiga em uma outra vida o homem justo ou culpado, noção inteiramente desconhecida do judaismo, adiou indefinidamente a solução de uma questão, que fez o tormento e ao mesmo tempo a grandiosidade dos prophetas de Israel.

ARTHUR ORLANDO

---

[1] *Isaias*, cap. LV, vv. 10 e 11.

O ADVOGADO

NA LITERATURA E NA VIDA REAL

Quando um individuo qualquer se aproxima do gabinete de um advogado para confiar-lhe ahi os segredos de sua vida, pedir-lhe conselhos sobre a direcção dos seus negocios, ou entregar-lhe a defesa dos seus interesses, si é leigo em assumptos de direito e estranho á vida do fôro, entende na maioria dos casos, que se dirige a um sujeito de honestidade duvidosa, de consciencia regularmente elastica, e cuja funcção social consiste em applicar o seu talento e a sua illustração em embrulhar as leis e os juizes para obter vantagens a favor de quem lhe pagar. O conceito póde ser enunciado com mais ou menos brutalidade, conforme o grau de cultura ou de conhecimento do mundo, mas constitue a regra geral em todas as classes alheias á jurisprudencia. A differença consiste apenas em que para os simples e ignorantes, o advogado é um ser mysterioso, capaz de dar remedio a todas as situações desesperadas, que possue a meada do labyrintho das leis, especie de dedalo tortuoso e obscuro, cujo segredo transcende do conhecimento vulgar e que só elle conhece.

Para a burguezia, a noção é um pouco mais modificada. O advogado é um sophista de talento a quem se paga para defender o cliente de situações falsas, tomando a si o trabalho de descobrir argumentos para tiral-o de qualquer mau passo que tenha dado por malicia ou por inepcia. Neste ultimo quartel de seculo, depois das batalhas travadas nos confins do Codigo Penal entre a tardia desconfiança dos accionistas logrados e a *chimica* solerte dos

grandes organizadores de companhias, este conceito tem sido elevado á altura de um principio, que digamol-o sem rebuços, constitue uma partida não pequena no activo das grandes operações commerciaes.

Si nestes tempos de symbolismo ainda é permittido procurar na literatura a expressão de sentimentos populares, não é difficil documentar a pouco lisongeira opinião que sempre se tem formado da classe. Com effeito desde a antiguidade os advogados têm sido maltratados e poucos são os grandes poetas, romancistas ou dramaturgos, que não tenham feito delles o alvo de suas satyras. Falta-me tempo, espaço e mais do que tudo competencia para fazer aqui um curso de literatura comparada em torno á reputação dos advogados. Como definição porém sempre é bom lembrar a de Voltaire: *Un avocat est un homme qui etudie pendant trois ans les lois de Theodose et de Justinien pour connaître la coutume de Paris et qui enfin etant immatriculé a le droit de plaider pour de l'argent, s'il a la voix forte.*

Theophrasto, Aristophanes, Eschylo, Plauto, Juvenal, Horacio, na antiguidade classica, Shakspeare, Rabelais, Racine, Boileau, Montaigne, Pascal, Lafontaine, Ariosto, posteriormente nos nossos dias, Dickens, Giusti, Macaulay, Manzoni, Taine, Emilio Augier, Sardou, têm feito os advogados passarem bem maus quartos de hora, e note-se que não dei a lista completa dos detractores da classe. As lendas populares estão cheias de allusões ferinas á honestidade dos advogados, desde o Resneck Fuchs do velho *Falklore* germanico, até a embrulhada desopilante do celebre «avocat Patelin.» E para que não lhes faltassem nem os sacramentos da Santa Madre Igreja, ahi temos a ladainha de S. Ivo, o patrono da classe, em que se diz:

Advocatus est non latro,
Res miranda populo.

E' verdade que sobejam aos advogados brilhantes panegyricos, mas por uma deploravel coincidencia elles partem quasi sempre de illustres membros da ordem, desde Cicero até Dupin, e como para se vingarem do mal que delles se tem dito, os discursos dos mais notaveis confrades estão cheios de retumbantes apologias ao *defensor pupilli et viduæ.*

Sem a pretenção porém de esgotar o assumpto, passo a documentar com alguns exemplos os dois conceitos a que acima alludi, diversos na fórma, mas contestes no fundo, sobre a honestidade do advogado.

O conceito popular está perfeitamente explanado nas *Promessi Spozi* de Manzoni na celebre consulta que o camponez Renzo faz ao famoso rabula Azzeca Garbugli. Afflicto para realizar seu casamento com Lucia a despeito da opposição do potentado Don Rodrigo que tinha mandado prevenir ao cura Don Abbondio de que si o realizasse seria um homem morto, vai Renzo consultar o celebre Doutor, não sem levar quatro gallinhas gordas, porque como judiciosamente lhe aconselhara sua futura sogra Agnese: *non bisogna mai andar con le mani vote da quei signori.* O pobre Renzo, louco de amor pela sua noiva, desesperado pela ameaça do seu poderoso rival, emquanto gesticulava furiosamente com grave risco para a sorte dos infelizes gallinaceos que trazia pendurados, estudava em caminho o discurso que devia fazer ao jurisconsulto pedindo-lhe providencias para impedir a violencia do potentado. Tão perplexo, porém, ficou ao entrar no escriptorio do advogado que só poude balbuciar a custo a pergunta: *a minacciare un curato, perché non faccia un matrimonio, cè penale?*

O nosso letrado suppondo que o seu cliente fosse o autor da ameaça e depois de avisal-o de que *all avvocato bisogna raccontar le cose chiare, a noi tocca poi a imbrogliarle,* acaba por atturdil-o com uma pasmosa erudição de leis referentes ao caso, que reputava grave, mas acrescentou que manejando-se bem a lei, ninguem é réu nem innocente. Quando porém o bom Renzo, comprehendendo afinal o *qui pro quo,* explica que elle não era o autor e sim a victima da ameaça, e chega a pronunciar o nome de Don Rodrigo, o advogado muda de physionomia, declara que não quer saber de negocios com crianças, e bota o infeliz pela porta a fóra com gallinhas e tudo.

Daudet no seu delicioso *L'Evangeliste* insiste ainda no mesmo thema da falta de coragem do advogado diante dos ricos e poderosos. A velha Mme. Ebsen, vendo sua filha victima de monomania religiosa, arrastada pelas suggestões da orgulhosa Baroneza de Anethan que a sequestra e occulta e sobre quem recaiam suspeitas de perturbar o cerebro da filha com bebidas venenosas, procura

patrocinada por uma amiga o celebre advogado Raverand. Desta vez trata-se de um verdadeiro homem de salão que recebe as visitantes com todos os requintes de perfeito cavalheirismo, e em um aposento que não tem o aspecto rebarbativo e poeirento com que em geral são descriptos os escriptorios dos advogados. O nosso jurisconsulto ouve com a maior attenção a narrativa da pobre mãi, apaixona-se mesmo pela singular historia, chega até a pensar alto que trata-se de uma bella causa, mas quando lhe é pronunciado o nome da mulher do banqueiro, cai-lhe desanimado o gesto e murmura *oh! alors*... Despede as senhoras com frases esquivas de quem não se quer comprometter, e finalmente desculpa-se dizendo que no correr da causa Eliza seria maior e naturalmente...

Sem falar no crasso erro de officio, ou peior na cobarde mentira, de que a superveniencia da maioridade na moça faria cessar um processo em que havia base para acção criminal, a scena é de todo inverosimil. Com effeito, o que era explicavel naquelles tempos de barbaria no velho rabula, communal do potentado, é imperdoavel em pleno Paris, em 1880, em um notavel profissional duas vezes *batonnier* da ordem, o qual afinal de contas aterra-se sómente pela idéa de ter de iniciar um processo contra a mulher de um banqueiro rico. Si isto fosse possivel seria o caso de repetir o grito desanimador com que Mme. Ebsen afasta-se do seu gabinete: *il n'y a donc pas de justice!*

O immortal Pickwick de Dickens, é um largo repositorio de factos que comprovam a intuição que os burguezes formam dos advogados, desde o principiante Mr. Phunky, que não é habil, porque ainda não sabe fingir, até as principaes figuras do fôro londrino de que o celebre romance é uma viva representação. Como si os factos não bastassem, o proprio Mr. Pickwick, quando é apresentado pelo seu *solicitor* ao celebre advogado Snubbins, o qual na vespera da audiencia perguntava si a causa era boa, resume a opinião popular sobre a classe, que vê sempre o lado mau da natureza humana para exploral-o em favor dos seus clientes. Isto explica no dizer de Mr. Pickwick o conceito vulgar, mas muito geral, de serem os advogados, como corporação, *suspicious, distrustful and overcautious*.

A consulta que o farfante Deão da egreja de Elvas, immortalizado no *Hyssope* de Diniz faz ao doutor Fernandes, revela a

opinião que se póde formar deste sómente pela descripção do seu escriptorio.

Ha d'Elvas na cidade um escriptorio,
Onde assiste a Trapaça e o Pedantismo
Ali os feios monstros consultados,
Do gritador Fernandes pela bocca,
Suas respostas dão á rude plebe.

O grão consulto depois de ter enchido o Lara da poeira dos seus velhos e traçados livros, responde-lhe categoricamente que á Metropole elle deve logo appellar do malevolo accórdão do Cabido que o obrigou a apresentar o hyssope ao Bispo em certa porta escusa. Não é profunda, porém, a confiança do cliente na sciencia do advogado.

Inda assim, replicou o fôfo Lara,
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen, Dupin, Bartholio.
Estes livros louvar e seus autores
Numa douta assembléa tenho ouvido.

Furia do letrado que se escandaliza com estes nomes pagãos que nunca ouviu, e conclue terminantemente:

O que lhe digo faça. Appelle, appelle
E deixe-se do mais que é parvoice.

E depois de aconselhar ao cliente a appellação *coram probo viro*, que quando outra vantagem não tivesse para o Lara, teve para o leitor a de proporcionar-lhe a deliciosa descripção da visita do Deão ao convento dos Capuchos, perante cujo Guardião foi interpor o recurso, conclue orgulhosamente deprimindo os collegas.

Esta lembrança, pois, a dizer torno
Nem todos a teriam; não o Cêa
Não o Dr. Caetano, e récua toda
Dos novos letradinhos á franceza,
Que sem treguas as orelhas nos martelam
Não sei com Noodst, nem com que Strachios.

Si é possivel resumir agora estes quatro typos de advogados, nascidos em climas tão diversos e em situações tão oppostas, e pol-os em confronto com os seus clientes, vê-se que ao passo que Azzecca-Garbugli, Maitre Raverand, Sergeant Snubbin e o Dr. Fernandes mais se preoccupavam com o seu interesse do que em dar

ao cliente um consciencioso conselho, os seus clientes, tirante a pobre Mme. Ebsen, cuja dôr de mãi impedia de pensar em outra coisa, formavam todos da virtude de seus consultores uma opinião muito mediocre.

Preferi citar estes quatro casos em que se apresenta o advogado no silencio do seu gabinete, a sós com o constituinte e procurando formar opinião a respeito da especie, do que as scenas espectaculosas de audiencia em que os advogados despejam a sua interminavel facundia sobre a paciencia dos juizes e assistentes, travando enormes batalhas a respeito de questões insignificantes. Com effeito, não é na tribuna que melhor se póde estudar o caracter do advogado. Os recursos de que elle ahi lança mão são communs a todos os oradores, e longe de serem monopolizados no fôro estão devidamente classificados com a competente etiqueta, entre os instrumentos da arte de convencer.

Assim o Bdecleon das *Vespas* de Aristophanes, Petit-Jean e l'Intimé dos *Plaideurs* de Racine, Figaro e Bartholo na comedia de Beaumarchais, não são advogados, são homens quaesquer que levados pela paixão ou pelo interesse vestem uma becca e peroram. Nada ha nelles do *pli profissionel*.

Até o que Mr. Pickwick chamava *the effect*, o uso de grandes recursos e da enscenação para num debate oral arrastar o auditorio, Petit-Jean tirando do bolço a cabeça e os pés do capão furtado, L'Intimé apresentando a familia consternada o cão que o furtou, da mesma fórma que Hyperides desvendando ao Areopago a esplendida nudez de Phrynéa, ou Cremieux cantando a Marselheza perante o tribunal do jury de Nimes, são recursos communs a todos os oradores, que têm sido e serão eternamente usados desde Antonio mostrando aos romanos as vestes ensanguentadas de Cesar, até Gambetta (aliás advogado) apontando na Camara dos Deputados para Thiers como libertador do territorio francez.

Deixo, portanto, este lado da questão e tratarei sómente do advogado no seu intimo. A's razões expostas acresce ainda que este estudo, sem ser uma auto-psychologia, não póde deixar de resentir-se, si quizer ser consciencioso, da observação do meio, e entre nós, á parte a advocacia criminal, a eloquencia é um mediocre requisito para o exercicio da profissão, por isso que o debate oral

é pouco usado e as batalhas forenses travam-se mais a golpes de penna do que a golpes de lingua.

O advogado politico tão bem caracterizado em Rabagas, a espirituosa comedia de Sardou, pouco tem que ver no nosso caso, mesmo porque, é preciso reconhecel-o, o politico brazileiro é mais *bacharel* do que advogado. Si carrega depois de *cinco annos de estudo, uma carta que não presta enfiada num canudo*, em regra pouco exercita a advocacia, propriamente dita, salvo a *advocacia administrativa* que constituindo mais uma chaga do que uma profissão, leva ao exagero todos os defeitos da forense sem ter a menor das suas virtudes.

Tambem não me occuparei com os casos teratologicos, como por exemplo, os advogados que cultivam o uso do *chantage*, os que emprestam por dinheiro a sua assignatura a papeis feitos por outros, os que se intitulam corretores de sentenças e fazem acreditar aos constituintes que têm certeza de obter julgamento favoravel, os *atravessadores* de causas que farejam pelos cartorios as questões pendentes para irem se offerecer ás partes. Destes ultimos já Horacio deu uma esplendida descripção nos seguintes versos referentes a um advogado que sabendo de uma causa movida por um individuo rico, sem consciencia e sem filhos, contra um pobre diabo mais honesto do que elle, constitue-se seu defensor dizendo-lhe:

Quincte, puta, aut Publi (gaudent prenomine malles
Auriculæ), tibi me virtus tua fecit amicum;
Jus anceps novi; causas defendere possum,
Eripiet quivis oculos citius mihi quam te
Contemptum cassa nuce pauperet; hæc mea cura est,
Ne quid tu perdas, nen sis jocus.

Tomarei pois o typo commum do advogado, aquelle que exerce a profissão com honestidade média, é na vida particular um excellente pai de familia e no mais um honrado cidadão como qualquer mortal e ao qual apenas são imputados defeitos não como homem mas como corporação (*as a body*) conforme lealmente reconhece Mr. Pickwick.

O interesse sordido, o dinheiro dominando a consciencia e avassalando a convicção é o primeiro peccado de que o pobre advogado tem que defender-se. Um advogado pago exerce muito melhor sua profissão do que aquelle que ainda não recebeu seus honorarios; dizem-no Montaigne e Pascal. Shakspeare para justificar

o insuccesso de uma frase do bobo do Rei Lear, faz dizer ao truão: *It is like the breath of an unfeed lawyer; you gave me nothing for it.*

A ser verdadeira a lenda, parece que o contrario é que se devia concluir porque, si o unico movel do advogado fosse o interesse, é da natureza das coisas humanas que já pago e satisfeito, elle pouco se preoccupasse com a sorte do cliente, ao passo que tendo em mira receber seus honorarios mais se esforçasse em trabalhar *pro domo sua.* Sómente por esta observação vê-se que os dois pensadores francezes e o grande dramaturgo inglez nunca tiveram demandas. Vão procurar a mesma observação em Boileau ou Racine que por uma triste experiencia de processos chasquearam com tanta autoridade dos homens e das coisas do fôro!

Que o principal movel dos nossos actos é o interesse, não ha duvida alguma, e quem quer que escolha uma profissão o faz com o intuito de tirar della a maior renda possivel. Porque, pois restringir ao pobre advogado uma qualidade que constitue o triste apanagio do genero humano? A razão é simples. Todas as torpezas, todas as traficancias e manejos de que os homens lançam mão para offenderem-se reciprocamente na honra ou na propriedade, vem a ser liquidadas no fôro, e é o advogado a quem a sociedade destina a triste funcção de lavar esta roupa suja, e apresental-a limpa e brilhante aos olhos do mundo. Elle é pois um homem que para o cliente de má fé apparece sempre como uma figura importuna, lembrando-lhe momentos em que se humilhou perante elle para contar-lhe factos de sua vida que desejaria esquecer, e o que é mais, para recorrer ás suas luzes afim de annullar ou modificar o effeito de taes factos.

O homem honesto, e conseguintemente o cliente de boa fé, vê sempre o advogado com maus olhos. Para elle o advogado é o homem cuja chicana tudo embrulha e atrapalha, é o culpado das delongas dos processos, porque em regra o homem honesto tem medo da justiça, evita-a e propositalmente nada quer saber das coisas do fôro, que só conhece por intermedio do seu advogado.

Assim pois si se perde a causa, a culpa é do advogado que não a estudou bem, ou não se interessou bastante. Si se ganha... não tinha o cliente toda a razão?

Mas por Deus! Raciocinemos um pouco. Si quando o direito do cliente é incontestavel e as suas intenções são puras, o advogado não partilha um atomo desta candura, hão de convir que o facto de ter elle que defender causas más, não o torna por isto desprezivel pois que pelo mesmo principio elle não se identifica com a deshonestidade do cliente. A verdade verdadeira é que si o advogado é deshonesto por ter que tomar em juizo a defesa de más acções, é forçoso concordar que antes delle houve alguem mais deshonesto que as praticou. Parece pois que o mal não vem tanto dos advogados como dos clientes.

Byron, com a sua lucidez de grande poeta, comprehendeu perfeitamente o caso quando comparou os advogados a limpadores de chaminés, que munidos de vassouras vão tirando o sujo que encontram e carregam comsigo algum vestigio de fuligem. São de meditar-se os seguinte versos :

A legal broom's a moral chimney-sweeper
And that's the reason he himself's so dirty.
The endless suit bestows a tint far deeper
Than can be hid by altering his shirt: he
Retain the sable stains of the dark creeper.

Perguntará o leitor como é possivel a um advogado honrado tomar a defesa de uma má causa e por ella interessar-se sem com isto comprometter a sua honestidade. Em primeiro lugar póde-se responder com um notavel advogado inglez a quem se fazia a mesma pergunta, que antes de ser julgada definitivamente uma causa ninguem tem o direito de dizer si é boa ou má. E depois o advogado desde a escola aprende que ha uma distincção radical entre o direito e a moral e embora reserve sua opinião sobre o lado moral das coisas, só se impressiona com a face juridica das questões que lhe são affectas, sem inquirir quem está ou não do lado da moral e sim quem é ou não suffragado pelo direito. Encarando assim os factos sob um ponto de vista estrictamente profissional, é indifferente ao advogado indagar das intenções dos seus clientes. Estas não ultrapassam a esphera da consciencia e estão inteiramente fóra do campo do direito, o qual só se occupa com os factos que tendo uma repercussão no mundo externo, possam influir na coexistencia social. Isto posto, o advogado deixa a moral na porta do seu gabinete, como o padre Secchi deixava Deus na porta do seu

observatorio, não porque tenha perdido o senso moral, da mesma fórma que o sabio jesuita nunca renegou suas crenças, mas porque a moral é um elemento estranho que só póde perturbar inutilmente as questões. Allou, um dos grandes advogados dos tempos modernos, já disse com muita exactidão que a consciencia é um fardo pesado, que custa terrivelmente ao advogado, pois fatiga em vez de sustentar, desanima em vez de animar, enfraquece em vez de fortalecer, e complica com as angustias do remorso todas as difficuldades e perigos da defesa.

E' justamente abafando a voz da consciencia que o advogado póde occupar-se de todas as podridões do mundo social, como o medico das do mundo physico, revolver profundamente todas as fezes do vicio, ouvir as confissões as mais degradantes, sem que fique de leve contaminado por tantas miserias.

Toda a vez que um cliente leva uma causa a um advogado, este procura apurar através da exposição diffusa e embrulhada da parte, não o facto moral mas o caso juridico. Enterra-se na leitura dos documentos, revolve de todos os lados a especie juridica e ao cabo de algum tempo tem elle formado o seu ente de razão, e reproduz o facto não como o seu cliente lhe contou, mas como sua imaginação o pinta, o que motiva ser elle muitas vezes diverso do que se dá na vida real. D'ahi dizer-se que o advogado mente. Não ha maior injustiça.

Apesar do testemunho de Cicero que affirmava ser permittido ao advogado *causam mendacim osculis adspergere*, a mentira é o vicio mais raro no fôro do que se suppõe e o que se dá habitualmente e mesmo constitue uma das mais curiosas caracteristicas da profissão é a perfeita auto-suggestão. Com effeito o advogado uma vez tendo formado sua opinião sobre uma causa, não se pertence mais, completamente dominado pelo assumpto, os argumentos acodem-lhe em borbotões; as leis vistas através do prisma em que se collocou amoldam-se, achatam-se, crescem, diminuem, arredondam-se para tornarem perfeitamente aceitavel o facto em questão; os documentos despem-se da sua amarellenta insensibilidade e como que se esforçam para pôr em relevo as palavras que aproveitam á causa, fazendo imperceptiveis os que podem prejudical-a; os proprios escriptores favoritos como que porfiam em sair das estantes para convencerem o advogado da razão de sua causa, e depois deste

trabalho de elaboração mental em que a imaginação tomou a dianteira, o advogado acaba jurando por sua honra que o facto que elle defende, deu-se realmente pela fórma porque elle conta como si elle proprio fosse o seu autor.

Quantas vezes então acontece que o cliente no fim de um caloroso debate ou depois da leitura de umas fogosas razões finaes, sorri maliciosamente daquillo que elle suppõe ser a credulidade do seu advogado!

O advogado não póde ter do mundo sociàl a mesma intuição que tem o vulgar, a quem não interessa o lado juridico das coisas, porque o desconhece, e ao mesmo tempo é ferido por muitas outras considerações de que o advogado não cogita. O ponto de vista juridico applicado ao mundo social produz para o advogado o effeito do *raio x* da photographia Roentgen, e quando os demais se preoccupam com a face moral e social das questões, elle só vê o seu esqueleto sombrio e descarnado e as grandes linhas escuras que determinam a applicação da lei ao caso occurrente.

Já esta intuição é bastante para cavar um abysmo entre o advogado e o resto do mundo. Ha porém mais ainda. Apresentados assim os factos aos olhos do advogado de um modo inteiramente diverso do que se apresenta aos olhos communs, trata-se de procurar na immensidade das leis quaes as que servem para resolver a questão.

As leis foram sempre o terror dos profanos, pela sua inevitavel obscuridade e pelas mil duvidas a que podem dar lugar. O velho poeta portuguez Sá de Miranda dizia;

Estas leis justinianas
Si não ha quem as bem reja
Fóra de paixões humanas
São um campo de peleja
Com razões francas e ufanas.

Si não ha uma correlação immediata entre a palavra e o pensamento, si as linguas transformam-se e modificam-se segundo as circumstancias de lugar e de tempo, comprehende-se bem quão difficil tarefa é precisar nos contratos a vontade das partes, e nas leis o pensamento do legislador. Reunam-se os dois elementos, tomem-se em consideração as mil circumstancias que podem ter occorrido por occasião de dar-se um facto e servir-lhe de explicação, e por outro lado a infinidade de leis oppostas e com soluções differentes

que podem ser applicadas a um caso e coroando tudo os recursos e expedientes que o processo faculta para ladear as questões, prolongal-as e ter sempre a ultima palavra em qualquer causa e far-se-á uma idéa do vasto campo em que se desenvolve a chicana.

A chicana! o monstro odioso descripto por Boileau.

Sans cesse feuilletant les lois et la coutume
Pour consumer autrui, le monstre se consume,
Et devorant maisons, palais, chateaux entiers,
Rend pour des monceaux d'or des vains tas de papiers.

Grippeminaud o monstro informe que Rabelais descreveu com tres cabeças *d'un lion rugissant, d'un chien flattant, et d'un loup baillant entortillés d'un dragon, se mordant la queue, et de rayons scintillants à l'entour*, e que segundo sua opinião *c'etait le portrait de justice grippeminaudière bien abhorrente.* A arte de fazer do preto branco e do quadrado redondo, indispensavel aos advogados, e principal alimento da Discordia, deusa de quem elles são os ministros, como nota Ariosto nos seguintes versos do Orlando Furioso:

De citatorie piene, e di libelli
D'esamine, e di carte di procure
Havea le mani, e il seno e gran fastelli
Di chiose, di consigli, e di letture,
Per cui le facultá de poverelli
Non sono mai ne le città sicure.
Havea dietro, e dinanzi, e d'ambi i lati
Notai, procurati, ed avvocati.

Como porém está enganado o grande publico sobre a chicana. O que muitas vezes se attribue á malicia do advogado, deve ser levado a conta da imperfeição das leis e das difficuldades do processo. Em absoluto não ha causa justa nem injusta, e toda a sciencia e felicidade do advogado consiste em achar no *gurgite vasto* das leis a que melhor aproveita para levar a causa a bom porto. Sempre é difficil saber no fundo quem tem razão e a respeito de qualquer Codigo se póde dizer o que Scaliger dizia da Biblia:

Hic liber est in quo sua dogmata quisque
Invenit et pariter quoque sua dogmata quisque sua.

A maior parte das questões admittem soluções diversas, podem ser indifferentemente sustentadas, e rara é a these, por absurda

que seja, que não encontre confirmação em um texto de lei ou em uma decisão dos tribunaes.

E em ultima analyse as leis não estão nos livros em que são escriptas, mas, sujeitas ao grande *fieri*, que revolve eternamente o largo circulo da vida, vão-se transformando constantemente de modo que são entendidas diversamente conforme os tempos. Admittida pois a faculdade de interpretar a lei, não precisa mais nada para que um cerebro suggestionado por uma convicção, veja nas palavras della a solução da questão que o impressiona. D'ahi para procurar transmittir aos demais a sua convicção vai só um passo, e este o dá o advogado quando gasta rios de tinta, ou catadupas de eloquencia, a respeito da collocação de uma virgula. Deste peccado porém elle é innocente, pois o maldito hypnotismo judiciario perturba-lhe a visão. Aos leigos que veem as coisas sem os preconceitos do officio, é que compete abrir os olhos para não se dominarem pela enganadora illusão. E si não o fazem por estarem possuidos pela paixão ou pelo interesse, porque accusam o advogado?

Si, porém, no dia seguinte apparece outra causa em sentido opposto, o advogado tem que desaprender o que aprendeu, refazer sua convicção, e os argumentos que antes lhe pareciam irresistiveis vão pouco a pouco se esfumando na penumbra, de onde resurgem nitidos e brilhantes os argumentos contrarios, sobre os quaes é architectada a nova convicção. Com o mesmo calor, a mesma vehemencia o nosso advogado queima o que adorou na vespera, e sustenta imperturbavelmente uma opinião diametralmente opposta! Contradicção, volubilidade! exclama-se.

Mas quem é o homem que se póde gabar de nunca ter mudado de opinião? Só aquelle que em toda a vida apenas tiver tido uma idéa e esta mesmo muito mediocre.

Os casos judiciarios são como as folhas da mesma arvore, não ha dois perfeitamente iguaes, e quando o *profanus vulgus* suppõe haver contradicção, porque o advogado sustenta no caso B uma opinião diversa da que sustentou no caso A, é porque lhe escapam as minudencias que distinguem os dois casos, não havendo no fundo contradicção. Pelo menos é assim que se explicam as suppostas antinomias da Biblia e do Corpus Juris. E' bom attender, porém, que o advogado quando trata do caso B, só se preoccupa com a

hypothese que o traz suggestionado, e o seu adversario, empenhado em achar argumentos em seu favor, tem mais o que fazer do que reler tudo o que disse o *ex-adverso* em outra causa.

E já que falei em *ex-adverso* é notavel accentuar a união que existe em uma classe, cuja propria existencia suppõe sempre a presença de dois membros em opposição. O publico explica maliciosamente esta união pelo proprio facto de haver necessidade em cada causa, pelo menos, de dois advogados e põe na bocca destes a singular prece: *Deus desavenha quem nos mantenha*. O certo é que em nenhuma outra profissão o espirito de classe e de colleguismo é tão forte como na advocacia. Lembro-me de um distincto advogado do nosso fôro em cuja presença se verberavam os actos despoticos de Balmaceda e a deserção de Casimir Perier, com grande opposição sua. Interpellado porque tomava com tanta vehemencia a defesa dos dois presidentes, respondeu ingenuamente que no fim de contas *tratava-se de dois collegas distinctos*.

Do conflicto constante de paixões e interesses que se chocam, e que ás vezes levam ao paroxysmo do furor, si resulta para as partes muitas vezes o odio e até a vergonha, fica para os advogados uma tolerancia reciproca, uma agradavel intimidade que nunca se quebra nas maiores lutas e que constitue um dos encantos da vida do fôro.

J. C. DE SOUZA BANDEIRA

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO.—Calores excessivos. Velocidades dos paquetes. A volta do explorador Nansen. Eclipse do Sol. Aspecto do céu durante o mez de novembro.

Os jornaes nos trouxeram a noticia dos calores descommunaes que, no mez de agosto, houve nos Estados-Unidos e especialmente em Nova-York e região circumvizinha, e suas costumadas consequencias: innumeros casos de insolação, augmento da mortalidade, etc. Houve dias em que o thermometro Fahrenheit subiu a 111°, isto é, cerca de 44° centigrados.

No Rio de Janeiro, em mais de 40 annos de observações, só conhecemos um unico caso de uma temperatura de 39°,0, que teve lugar a 8 de dezembro de 1889; e esta foi de toda excepcional. Geralmente, o maximo annual da capital do Brazil não excede a 37°,5. De todo o paiz, com sua vastissima extensão, segundo os dados, aliás pouco numerosos, porém fidedignos, que possuimos, o ponto, em que as temperaturas mais elevadas hão sido registradas, parece ser Cuyabá. Ahi, a 1° de setembro de 1888, o thermometro centigrado marcou 41 graus! Acreditamos que seja esta a temperatura mais elevada notada no Brazil.

Seria um erro, pensar-se que as temperaturas mais altas dão-se na região tropic[illegible] globo. Na realidade, as temperaturas médias annuaes [illegible] depend[illegible] da latitude do lugar; lei bastante regular, [illegible] de, e algumas outras influencias de menor [illegible] fossem estas causas perturbadoras, as [illegible] os *parallelos* terrestres. [illegible] temperaturas extremas [illegible] cias locaes. [illegible] ses, podem [illegible] ve um [illegible]

pontos do globo. Limitar-nos-emos em citar dois exemplos. Na nossa viagem de volta do estreito de Magalhães, onde fomos observar a passagem de Venus, a 6 de dezembro de 1882, tocamos no porto de Bahia Blanca, ao sul da provincia de Buenos-Ayres, por cerca de 39º de latitude. Ahi soubemos que, no dia 4 de janeiro de 1883, o thermometro centigrado subira a 43° (na sombra). E' bom notar que a observação foi registrada pelo Sr. Caronti, consul da Italia, e que ha muitos annos fazia com toda a regularidade, observações meteorologicas muito exactas. O exemplo mais interessante é o de Werchojansk, situado por 67º de latitude N. na Siberia, onde a temperatura maxima chega a 36° e a minima attinge a 55º centigrados abaixo de zero, apresentando, pois, uma oscillação de 90 graus! O que é mais digno de admiração, é vêr-se o organismo resistir a tamanhos afastamentos thermicos. Assim, pois, não ha motivo para se formularem tantas queixas, como não é raro ouvir, a respeito das excessivas temperaturas, que aqui se experimentam. Seria mais fundada a queixa, si ella se referisse a persistencia do calor, que, de facto, e especialmente para lugares que, como o Rio de Janeiro, se acham quasi que nos tropicos, é excessiva.

Póde-se dizer, com effeito, que a duração do calor, na estação calmosa, é de alguma maneira dependente da distancia zenithal meridiana do sol. Quanto menor fôr esta distancia, e prolongada por mais tempo, de maior duração será o periodo do calor. Considerada a questão debaixo deste ponto de vista, e comparando o Rio de Janeiro com algum lugar situado exactamente sobre o equador, o que vêmos? que nesta cidade, o sol passa a menos de um grau do zenith *por espaço de 40 dias*, entre o dia 1° de dezembro e 10 de janeiro.

Pelo contrario, no equador, embora o sol atravesse esta linha duas vezes ao anno essa duração é reduzida a *cinco dias*, em cada equinoxio. Por ahi é facil vêr quão differente deve ser a influencia deste factor sobre a persistencia do calor, em cada lugar da terra. Si, por um lado, esta excessiva duração torna penoso supportar-se o calor, por outro lado, o organismo reveste-se de uma maior resistencia, e devido a isso, emquanto que os casos de insolação aqui são extremamente raros, em outras regiões, onde os calores excessivos são de curta duração, mas de caracter brusco, estes accidentes, muitas vezes mortaes, são extremamente frequentes.

Os progressos realizados nestes ultimos vinte annos em tudo quanto diz respeito á navegação são verdadeiramente assombrosos. Considerando sómente as velocidades com que os modernos paquetes singram os mares de um continente a outro, vemos que sendo a principio de 10 e 12 milhas por hora, attingiram successivamente a 15, 18, 20 e para alguns vapores

excepcionaes, a 22 milhas por hora, isto é, cerca de 10 metros por segundo!

Embora taes resultados tenham sido obtidos, pelo menos em parte, graças ás successivas transformações introduzidas nas fórmas cada vez mais aperfeiçoadas do casco do navio, procurando realizar a menor resistencia por parte das aguas, e tambem nos grandes progressos que apresentam as recentes machinas, elles o foram mais ainda a custo de immensos sacrificios, um acrescimo consideravel nas despezas provenientes do augmento proporcional da força motora, que se traduz, em fim de contas, por um maior consumo de combustivel. Alguns algarismos nol-o provarão.

A medida que cresce a velocidade do navio, crescem tambem a resistencia, e ainda mais o trabalho necessario para vencel-a. A resistencia que encontra o navio é sensivelmente proporcional ao quadrado da velocidade, isto é, si considerarmos duas velocidades representadas por 1 e 2, as resistencias serão respectivamente 1 e 4. O trabalho motor absorvido cresce, porém, como o cubo dessas velocidades. Si estas, por exemplo são representadas por 1 e 2, os trabalhos motores, são respectivamente 1 e 8. Exemplifiquemos:

Si, para uma velocidade de 10 milhas por hora, é necessario desenvolver uma força motora equivalente a 2.000 cavallos-vapor, serão necessarios 16.000 e 54.000 cavallos-vapor para conseguir uma velocidade de 20 e de 30 milhas por hora. Vê-se que ha, pois, uma desproporção consideravel entre a força motora e a velocidade correspondente.

Podemos, porém, tornar a desproporção ainda mais saliente. Admitamos que, com as velocidades de 10, 20 e 30 milhas por hora se trata de vencer uma distancia de 3.000 milhas. Os respectivos tempos necessarios serão 300, 150, 100 horas, havendo pois, uma reducção de 150 e de 50 horas, quando a velocidade augmenta de 10 a 20 e de 20 a 30 milhas. Mas quanto não deve crescer a força motora necessaria para conseguir semelhante reducção de tempo! Um simples calculo mostra que cada hora que lucrámos, quando a velocidade passou de 10 a 20 milhas, custou um augmento de 94 cavallos-vapor, e quando, de 20 passou a 30 milhas cada reducção de 1 hora no tempo da viagem exigia mais 760 cavallos-vapor!! Vê-se, pois, quão grandes são os sacrificios necessarios para conseguir-se um tão insignificante resultado.

E' o que explica igualmente que nos modernos paquetes de grande velocidade, procura-se reduzir o mais possivel o peso da carga, augmentando-se os preços das passagens e dos fretes.

Em summa, é uma utopia, querer-se conciliar as grandes velocidades com a barateza nos transportes maritimos.

A grande nova, no mundo geographico, é a volta do explorador Nansen, que apenas precedeu de oito dias a chegada do *Fram* [1], o seu valente navio.

Embora não chegasse Nansen até o pólo, é incontestavel que sua expedição constitue um successo sem precedente nos annaes da exploração arctica, pois todas as suas theorias e predicções verificaram-se.

Temos á vista uma narração feita pelo proprio Nansen, em cuja linguagem transparece a natural modestia do explorador, e da qual transcrevemos os mais interessantes topicos:

O *Fram* partiu do estreito de Jugor a 4 de agosto de 1893. Durante o outono e o inverno o navio teve de resistir as mais violentas pressões por parte do gelo, mas graças aos materiaes escolhidos com que fôra construido, e á sua fórma, resistiu victoriosamente. Como o previa Nansen, o unico effeito, devido a acção do gelo sobre os flancos do navio, consistiu em suspendel-o, ficando por esta fórma assentado sobre o banco (*banquise*).

Ao norte do 79º parallelo, as sondagens accusaram profundidades que variavam entre 2.500 e 3.000 metros, e ausencia completa da vida organica no fundo do mar. Fizeram-se numerosas e importantes observações meteorologicas, magneticas, astronomicas, e sobre as auroras boreaes; os exploradores trouxeram grandes collecções botanicas e zoologicas. Verificou-se debaixo da agua congelada da superficie, a existencia de uma corrente d'agua mais quente e salgada: o Gulfstream, cuja temperatura era de + 0º,5.

Em dezembro de 1894, attingiam os exploradores a latitude de 83º,24', a mais alta até então alcançada, pelo tenente Lickwood, em fevereiro de 1883.

Em janeiro de 1895, o *Fram* foi de novo posto a sérias provas por parte do gelo, e ainda desta vez, saíu incolume do assalto.

Tendo Nansen sérios receios de que o navio não passasse a latitude em que se achava em março de 1895, resolveu deixal-o sob o commando de Sverdrup, immediato do *Fram*, e, em companhia do tenente Johansen, resolveu seguir em *trenó*, procurando a direcção do norte. Os dois intrepidos exploradores partiram no dia 14 de março levando comsigo 28 cães, tres trenós e duas pirogas de lona. Achavam-se então por 83º,59' de latitude.

Após difficuldades sem nome, alcançaram no dia 7 de abril a latitude 86º14', a maior attingida até agora, e peiorando cada vez mais o estado do gelo, não havendo possibilidade de usar nem os trenós nem as pirogas, resolveram voltar. A temperatura esteve neste periodo sempre baixa,

---

(1) *Fram*, em sueco significa *Avante*.

oscillando entre—24° e—45°, sendo a mais baixa—de 52°,6', durante o inverno de 93—94. Nodia 8 de abril, Nansen e seu companheiro dirigiram-se para a terra de Francisco José, e a 12, infelizmente, os relogios pararam, impossibilitando assim saber-se, com exactidão, as suas longitudes.

D'ahi por diante, a sua marcha foi cheia de peripecias, necessitando os exploradores desenvolver toda a sua energia afim de resistir ao desanimo, provocado pelas incessantes contrariedades. Os mantimentos foram diminuindo, obrigando-os a sacrificarem os seus cães, a ponto de no dia 22 de junho, ficaram estes, de 28 que eram, antes da partida, reduzidos a *dois* apenas!

No dia 6 de agosto descobriram por 81°38' N e 63° long. E. tres ilhas, cobertas de neve, que chrismaram com o nome de Ilhas Brancas. Em fins deste mez, resolveram invernar, esperando a primavera para tentar alcançar o Spitzberg. Construiram um *rancho*, com pelles de mórso, cobertas de espessa camada de neve. A graxa de phóca servia para cozinhar os alimentos, para aquecerem-se e tambem lhes fornecia luz.

Veiu então a interminavel noite de inverno, e ficaram os dois companheiros seis mezes entre o gelo e o céu, a espera que voltasse a primavera, e com ella os primeiros raios do sol. Durante todo esse tempo só se nutriam com carne de urso branco (ás mais das vezes crúa!) e toucinho de phóca.

No dia 19 de maio do corrente anno, puzeram-se de novo a caminho, e a 18 de junho, encontravam a expedição Jackson, estabelecida na costa do Spitzberg, e finalmente chegaram a Vardö no dia 12 de agosto.

Mas, perguntará o leitor, e o *Fram?* O *Fram*, depois de ter sido arrastado pelos gelos até a latitude 85°,57', isto é, a menos de 32 kilometros do parallelo, onde chegou Nansen, navegou, sempre preso nos gelos, na direcção do noroeste, em seguida para o sul, finalmente para o sudoeste, até o dia 19 de julho, e chegava, oito dias apenas depois de Nansen, em Skjervö, pequeno porto da Finmarka, verificando-se assim a idéa genial da utilização para navegação, da corrente polar!

Que brilhante desforra da sciencia, cuja fallencia, ha tempos, tinha sido proclamada por alguns!

As primeiras noticias remettidas pelas diversas commissões enviadas para observar o eclipse total do Sol, de 9 de agosto proximo passado, são desanimadoras. Nos principaes pontos de observação, distribuidos ao longo da *linha central*, em que era visivel a totalidade do phenomeno e que atravessava a parte boreal da Europa e da Asia, desde a Noruega até o Japão, o tempo esteve pouco propicio. Aguardamos dados mais amplos, afim de informar aos leitores da *Revista Brazileira* quaes

os factos de maior interesse para a astro-physica notados durante o eclipse.

Durante o mez de novembro, ás 8 horas e 29 minutos da noite, as principaes constellações visiveis no Rio de Janeiro e com pequenas differenças, em todo o Brazil, serão:

Quadrante S. O.—Sagittario. Aquario. Indio. Tucano. Pavão. Altar. Triangulo austral. Parte do Scorpião.

Quadrante. S. E. — Eridano. No horisonte apparece a bella constellação do Orion, o cão maior é o Argus.

Quadrante N. E.— Touro. Aries. Perseo, no horizonte.

Quadrante N. O.—Cysne, perto do horisonte. Pegaso e Andromeda, no meridiano.

Estrellas de 1ª grandeza: *Rigel* (bêta do Orion). *Aldebarão* (alpha do Touro). *Altair* (alpha da Aguia). *Fomalhaut* (alpha do Peixe austral). *Achernar* (alpha de Eridano), e *Canopus* (alpha do Navio).

Os planetas:

Mercurio, depois de ter chegado a 23 de outubro a sua maior elongação a oeste do Sol, continúa, como estrella matutina, até fins de novembro.

Venus, é visivel, em condições cada vez mais favoraveis, do lado do poente, após o occaso do Sol.

Marte, é visivel ao norte da constellação do Orion, entre o Touro e os Gemeos.

Jupiter, passa no meridiano entre ás 6 e 7 3/4 da manhan.

Saturno, acha-se em conjuncção com o Sol no dia 13 de novembro, passando de leste ao oeste do Sol.

Urano, segue Saturno a 3° ou 4° de distancia, um ou dous graus mais ao sul.

Neptuno, é observavel na região onde se encontra Marte, alguns graus mais á oeste e ao sul deste planeta.

Na noite de 19 a 20, os planetas *Mercurio*, *Saturno* e *Urano* formarão um triangulo de cerca de dois graus de lado, de modo a serem visiveis simultaneamente no campo de um binoculo. Na noite de 20 e 21 *Mercurio* passará a menos de 11 minutos de grau ao sul de *Urano*.

A data de 27 de novembro é notavel pela apparição de estrellas cadentes, cujo enxame, em connexão com o cometa de Biela, deu lugar, em 1872 e 1885, a uma verdadeira chuva desses meteoros.

L. Cruls

BIBLIOGRAPHIA

24.— **Contos da minha terra** por Armando Erse (João Luso) S. Paulo, Oscar Monteiro, editor, 1896.

Um soneto celebrizou Arvers; um conto deu nome a João Luso. *Serafim Tristonho*, premiado em concurso da *Semana*, tornou conhecido na roda literaria fluminense nome na vespera emparedado no jornalismo paulista. O conto era primoroso e mereceu de juizes competentes elevadissimos encomios. Ao inverso do preceito poetico, *Serafim Tristonho* abriu com chave de ouro a carreira literaria de João Luso, que, desde então, foi lido com sympathia e apreciado por criticos e collegas. A *Serafim Tristonho*, nascido sob tão boa estrella, succedeu uma série de contos, os *Contos da minha terra*, cujo titulo seria uma saudade, exagerada si o autor não promettesse para breve novo volume bem nacional, *Vida paulista*.

Dentre os contos de João Luso *Até a morte* merece especial menção. O assumpto delle é a eterna historia das ingratidões cupidineas. Genoveva andava de amores com o Luiz Netto, que cançado de viver em apertos partiu para o Brasil onde o aguardavam trabalho e dinheiro. Luiz, a principio, escreveu sempre, coração amante livre sobre papel complacente. Seis annos depois ninguem sabia delle. E Genoveva firme. O sigibeismo, velho como as Odes de Horacio e os epigrammas de Marcial, não existem para humildes como Genoveva. Afinal Luiz Netto chega do Brasil, abastado se não rico, mas casado! Genoveva, « num singular socego de idiota, » ouve dos labios do perjuro a fatal nova, e desanda « com extraordinaria calma até acima da ponte. » E ali, depois de um rapido olhar de agonia para o céu, atirou comsigo dum pulo á profundidade medonha e escura do rio em cheia.» Temos, guardadas as proporções, a renovação do salto de Leucade, rejuvenescido por mão segura de quem toma a penna para vêr, sentir e pintar. — *O Carocho*, odysséa dum fiel sendeiro, lembra pela piedade, pela nota emocional, pela comprehensão do papel dos animaes na vida, as paginas profundamente humanas de Zola no *Germinal*, sobre os velhos cavallos das minas. Carocho lembra Bataille, o pobre quadrupede das galerias subterraneas de Voreux, que « tremblant sur ses vieux pieds, faisait d'inutiles efforts pour se rappeller le soleil.» — *Salve senescentem*, não é epitaphio para Bataille ou Carocho, « que o dono chora até hoje ; » até o fim merecem ambos trato, agasalho, e uma pouca de terra misericordiosa sobre os cansados ossos. Não seria curioso um estudo sobre o papel literario dos animaes desde os bichos immortaes de La Fontaine até o nedio suino da *Armande* dos Goncourt?

O estylo de João Luso nos *Contos da minha terra* é o de um bom vernaculo. Elogiemol-o sem rebuço, pois, em geral, não primamos pelo amor á lingua portugueza.

Qualquer que seja o assumpto tomado debaixo da penna, pouco se nos dá periodo isento de manchas estylisticas. E comtudo bem faz grammatica quanto faz. Buscamos estudal-a? Talvez na idéa e no desejo que não na realidade. João Luso, reatando o nosso fio, tem estylo sobrio, vibrante e castiço. Precisa sómente abrazileiral-o, descrever céus e terras do Brasil, céus para cuja gloria basta o Cruzeiro do Sul, terras onde as paizagens são incomparaveis, dignas do extase de todos os artistas do globo. João Luso deite olhos á nossa immensa natureza, aos nossos typos, descreva-os com a rebuscada singeleza da arte que dá completa illusão do real, e não perca de vista o conselho de frei Lourenço a Romeu enamorado: — meu filho, fala simplesmente. *Be plain, good son.* — ESCRAGNOLLE DORIA.

84. — I. **O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral.** — II. **Origem do nome Brasil**, por Augusto de Carvalho, Cap. Fed., typ. de C. G. da Silva & C., Campos, 1896, 8.° de 31 pp.

Com o especial interesse que sempre nos despertam questões que dizem respeito á historia de nossa patria lemos o folheto do Sr. A. de C..; e, si applaudimos os seus esforços empregados em esmerilhar esses assumptos em publicações ulteriores, como promette, tambem somos forçados a confessar que o seu trabalho não leva vantagem a outros conhecidos ha alguns annos e que trataram mais largamente das mesmas theses ahi desenvolvidas. Até mesmo estranhámos não deparar na alludida monographia nenhuma referencia a esses excellentes estudos dignos de acurada leitura na *Rev. Tr. do Inst. Hist. e Geog.* e que parecem desconhecidos do Sr. A. de C.

Perdendo-se o A. em divagações completamente alheias ás proposições estampadas na folha de rosto de sua brochura, transcreve grande cópia de citações que occupam descabidamente espaço consideravel e precioso em sua breve exposição.

Nos topicos que se referem ás viagens maritimas dos portuguezes e onde são exalçados os esforços de D. João II. não contemplou o Sr. A. de C. com a mais simples referencia os relevantes serviços do infante D. Henrique, o fundador da escola de Sagres e verdadeiro propulsor dos lusos emprehendimentos maritimos na ultima metade do XV seculo.

Não nos passou tambem sem reparo que, remontando as suas investigações ao *globo terrestre* de M. Behaim, não fizesse a menor allusão a outros de não menos importancia como o mappa de André Bianco, de 1446, que motivou as ponderações de Herrera para remontar o descobrimento do Brazil a 1447, para não falarmos nas cartas de Pizigano, Munster e Finæus.

Em alguns lugares em que se nos apresenta expendendo conceitos de lavra propria encontramos periodos assim concebidos (pag. 17): «Cabral, para fugir ás calmarias, podia afastar-se quanto quizesse da costa de Guiné: o que *não podia*, porém, era seguir *rumo opposto*, como fez»...

Com que então, afastando-se da costa de Guiné, seguiria Cabral rumo opposto?

Na segunda parte de seu trabalho, depois de apresentar algumas origens para a palavra — Brazil, adopta o vocabulo *Bragia*; as fórmas intermediarias que architecta para chegar á solução do problema não nos parecem satisfazer aos preceitos correntes em philologia moderna, pelo facto de não documental-as de modo a assignalar a sua evolução historica.

Parece-nos que até o presente, apezar do labyrintho de hypotheses formuladas, é o vocabulo Brazil de origem desconhecida.

Oxalá sirvam estas linhas de incentivo ao Sr. A. de C.; que aliás revela qualidades de paciente investigador, para proseguir em suas locubrações! — V. L.

A POLITICA

Não se póde considerar muito alto o nivel do criterio politico dos proceres do partido republicano federal desde que elles resolveram não adiar as eleições, o que era o unico meio de dar ao Congresso o tempo necessario para resolver algumas questões urgentes, e votar conscientemente os orçamentos.

Esses cidadãos sabem que não ha meio de reter aqui os deputados, cuja reeleição não é garantida pela vontade prepotente dos que dispõem de todos os recursos para vencer eleições; não podem ter a pretenção de exigir daquelles de quem não são amigos sacrificios superiores á natureza humana, abnegações que teriam a singularidade de aproveitar principalmente ao prestigio dos adversarios.

E' que além do interesse pessoal e politico que tem cada um em ir disputar palmo a palmo o terreno em que se tem de travar a luta, ha mesmo para os dissidentes, no facto de se retirarem, a vantagem de deixarem a odiosa responsabilidade do que vier a acontecer aos chefes politicos, que não quizerem dar ao mal o unico remedio que ainda era possivel.

O orçamento do anno passado foi votado desordenadamente, e algumas de suas disposições foram sacrificadas, pela impossibilidade em que se achou o governo de dar-lhes execução. O Senado, póde-se dizer que não tomou parte na confecção da lei de meios, e este anno o mesmo succederá, porque só tarde e a más horas lhe será remettido o trabalho da Camara. Isto vicia profundamente o systema, que exige o exame de todas as leis pelas duas casas do Congresso. Acresce que no Senado tambem ha candidatos á

reeleição, e que, além desses, alguns senadores são chefes politicos em seus estados, e precisam ir amparar a eleição de seus amigos, de modo que tambem nessa casa se dará o exodo antes de concluidos os trabalhos parlamentares. E', pois, em vão que os chefes propõem prorogações até meiados de novembro, pois que bem antes dessa época já não haverá numero para as sessões, ou este será tão escasso que as votações ficarão inteiramente á mercê das deputações, aliás numerosas, dos estados mais proximos desta capital, que assim obterão todas as vantagens em favor desses estados, em troca das concessões que fizerem, e até em troca só de sua permanencia.

A opposição, não arregimentada, nem homogenea, reclamara que se fizesse pelo menos alguns retoques na lei eleitoral, mas para isso era indispensavel o adiamento da época eleitoral, para haver tempo de fazer-se a reforma e ser ella conhecida em todos os pontos do nosso vastissimo territorio. Os que dominam recusaram o alvitre, de modo que estamos em uma situação completamente nova em nosso paiz. Não eram melhores que os actuaes os processos eleitoraes no tempo do Imperio, que foram a escola em que aprenderam os homens que hoje nos dirigem, que então protestavam contra aquillo que hoje desembaraçadamente fazem. Não raro tinhamos camaras unanimes, e o terceiro escrutinio das commissões verificadoras de poderes completava a obra dos mandões de aldeia e das actas falsificadas; mas, havia então o poder moderador, que, de annos a annos, quando lhe appetecia, chamava ao governo o partido de opposição, e si não restabelecia o equilibrio, pelo menos deslocava o centro de gravidade. Assim não ficava o paiz perpetuamente sob o dominio dos mesmos homens, regido sempre pelas mesmas idéas. Hoje caminhamos para a perpetuação do dominio de um partido só, do unico que se organizou, que se apoderou de todas as posições officiaes, que elegeu os primeiros magistrados da Republica, que dispõe delles como de coisa sua, e que se mostra decidido a não fazer aos adversarios a menor concessão, nem mesmo esta que elles agora pediam, e que daria aos dominadores esse prestigio, parte do que para elles é simplesmente força, e de que elles abusam tão sem cerimonia.

Ora, o partido dominante lucraria muito em prestigio fazendo aos adversarios alguma concessão no terreno eleitoral, ainda que

d'ahi resultasse não só uma dissidencia republicana convenientemente representada no Congresso, como mesmo alguma representação monarchista, que prestaria o serviço de sua cohesão aos amigos do regimen vigente. Com opposições radicaes, as dissensões partidarias fazem-se no terreno acanhado dos interesses locaes e até pessoaes, que amesquinham as discussões e rebaixam o nivel das resoluções parlamentares Acresce que as minorias, sabendo de sua insignificancia numerica, procuram fazer-se representar pelos membros mais importantes da opposição, o que importa levar ao Congresso homens de valor, que nem em todas as questões fazem opposição systematica, e que em casos de certa ordem fornecem um concurso de luzes que não é para desprezar.

Isto quanto á questão eleitoral em si, quanto á composição do novo Congresso, esse ameaça ser ainda mais que o actual composto de soldados obedientes ás ordens de meia duzia de chefes. Mas ha coisa mais grave e que esses chefes não querem vêr. Com o adiamento, votados de afogadilho orçamentos, ou não votados de todos, é sobre elles que vai recaír a responsabilidade pesadissima de tudo o que possa acontecer. Já não falamos de sua indifferença notavel por uma questão apontada pelo clamor publico como de solução inadiavel, a do saneamento da cidade do Rio de Janeiro. Dizer que os governos federal e municipal não têm dinheiro para enfrentar obras de tal vulto, é faltar á verdade ou desconhecêl-a. Sabem das difficuldades com que lutamos os capitalistas europeus, e no emtanto o dinheiro preciso para taes emprehendimentos é-nos offerecido, está á nossa disposição no momento em que quizermos lançar mão delle, a questão unica é tomarmos o compromisso de empregar tal dinheiro em sanear a capital da Republica, obra que todo o mundo sabe, excepto os homens que nos governam, que será grandemente remuneradora, porque acabará com o espantalho que tão sérias peias põe ao commercio, e que é o unico embaraço da immigração espontanea.

Recursos para pagar juros da divida contraida para esse fim virão da natureza das proprias obras. Desde que ellas melhorem a cidade, dão maior valor á propriedade, e esta póde portanto supportar maiores encargos.

Não insistiremos tão pouco sobre a surdez proposital que ha mais de um anno Governo e Congresso mantêm sobre o caso da

fiscalização das rendas aduaneiras. Quem levantou o brado de alarma foi um insuspeito, um amigo do governo, um membro do partido, o Sr. senador Ramiro Barcellos. E não fez vans declarações, não se trata de um discurso palavroso e vario ; foram accusações documentadas, aliás já conhecidas pelo governo, que, nem antes nem depois, tomou providencias. E' que os accusados são amigos e influencias eleitoraes, e esta consideração vale mais que todas as outras, vale mais que os creditos de moralidade da administração publica, vale mais que a salvação do Thesouro, porque está provado que bem arrecadadas as rendas não haveria *deficit*, e teriamos saldos que nos permittiriam emprehender os melhoramentos de que carecemos.

Deixamos tudo isso de parte, para só relembrar a grave responsabilidade que assumem ainda uma vez os que dirigem os trabalhos do Congresso votando esse novo orçamento como votaram o ultimo, sem estudar as necessidades do Thesouro, e as necessidades das classes contribuintes, deixando estas sob a pressão do cambio baixo, da baixa de preço dos generos de exportação, da elevação de impostos e de tarifas das estradas de ferro.

Entre os que assumem tal responsabilidade, si ha quem pense que tem prestigio pessoal capaz de affrontar a impopularidade que lhe póde vir de tal erro, esse está profundamente enganado, porque nós vamos direito para o caminho em que o povo sente que a dóse de encargos e soffrimentos que lhe toca é superior ás suas forças, e que todos os meios lhe parecem bons para livrar-se della.

FERREIRA DE ARAUJO

O VISCONDE DE PEDRA-BRANCA

ALGUNS PERIODOS DE SUA VIDA

1779—1831

O nome do Visconde de Pedra-Branca está gravado em paginas valiosas da nossa historia politica relativas a um largo trecho da primeira metade deste seculo. Nas Côrtes constituintes da nação portugueza, com os deputados seus compatriotas, ergueu a eloquente voz contra as tentativas de recolonização do Brazil, irmanado em autonomia á antiga metropole. Mostrou-se naquelle congresso um dos acerrimos defensores dos direitos e fóros do reino americano, bem como iniciou reformas tendentes a prosperal-o, suggerindo, além de outras medidas, a extincção do trafico dos Africanos e a emancipação gradual dos escravos. Agente diplomatico do Brazil na França, com destreza e sagacidade soube captar a adhesão do governo de Carlos X á causa da independencia do Imperio. Parlamentar já provecto, foi, pelos votos reiterados da provincia do seu nascimento, enviado ás duas Camaras quando se constituiu a Assembléa Geral legislativa; e, sob o actual reinado, investido no cargo de senador, figurou em successos transcendentes do primeiro periodo regencial.

Nos fastos da nossa literatura tambem lhe cabe eminente lugar. Applicou algum tempo a intelligencia, cultivada pelo estudo, pelas viagens e pelo tracto dos sabios, á propagação de conhecimentos uteis, bebidos nas sciencias naturaes, em que se abalisara. Distinguindo-se pelos seus escriptos instructivos, grangeou como poeta immorredoura fama. Educado no gosto e na admiração das musas

classicas, assistiu depois ao movimento reformador do romantismo, á cuja influencia não foi alheio. Exprimiu, ás vezes de improviso, a espontanea inspiração em versos cheios de mimo, graça e naturalidade, muitos dos quaes, repetidos de bocca em bocca, tornaram-se populares. Nunca nenhum outro poeta rendeu á mulher culto mais delicado e galante do que elle, celebrando os magicos effeitos do amor, desde a quadra da juventude até os dias da extrema velhice, em que se lhe extinguiu com a vida a chamma divina do estro.

Emfim, a pratica invariavel de acções virtuosas durante uma longa existencia, que não deixou de ser posta á prova pela adversa fortuna, esmaltando-lhe os dotes da alma e do espirito, deu-lhe realce ao nobilissimo caracter, de todos venerado. Dilecto da familia, a cujo influxo medraram-lhe no coração os mais elevados sentimentos, foi benemerito da patria, á qual serviu com o desvelo filial de bom cidadão.

I

1779—1795

Domingos Borges de Barros, primeiro barão e primeiro visconde de Pedra-Branca, era de uma antiga familia bahiana, que contava mais de um representante egregio. No seculo XVII, durante a guerra dos Hollandezes, João Borges de Barros, official ao serviço da casa de Bragança, portou-se heroicamente commandando um navio portuguez; seu filho, José Borges de Barros, bacharel em canones e mestre em artes pela Universidade de Coimbra, no mesmo seculo gozou fama de notavel canonista e orador sagrado; outro João Borges de Barros, tambem formado em canones por aquella universidade, no seculo passado foi deão da sé archiepiscopal da Bahia e sobresaiu entre os poetas coevos; emfim, por essa época Salvador Borges de Barros occupou o cargo de capitão-mór, para o qual devia ser eleita pelos officiaes da camara uma pessoa principal do lugar. Filho segundo de Francisco Borges de Barros, sargento-mór de um regimento de milicias, e de D. Luiza Clara de Santa Ritta, ambos parentes consanguineos, o Visconde de Pedra-Branca nasceu a 10 de dezembro de 1779 no engenho S. Pedro, termo de Santo Amaro da Purificação, provincia da Bahia.

Para o norte do Brazil, como é sabido, chama-se engenho o predio rustico apropriado á cultura da canna de assucar e ao fabrico deste producto. Similhantes estabelecimentos, e sobretudo os da Bahia, até ha poucos annos, tiveram extraordinaria importancia.

Abrangendo vasta estensão de terras, amanhadas segundo processos rudimentares, mantinham-se os engenhos, não só á custa do trabalho dos escravos, mas tambem dos serviços de grande numero de empregados, artifices e operarios livres, além da cooperação de muitos lavradores, associados de parceria aos proprietarios. Toda esta gente formava crescida população e vivia á sombra ou na dependencia dos appellidados senhores de engenho, os quaes a mais de um respeito faziam lembrar os antigos barões feudaes. [1]

O engenho S. Pedro, de que tinham sido possuidores os antepassados de Pedra-Branca, veiu a pertencer a seu pai. O reconcavo de Santo Amaro, em que está situado, é um lugar famoso pela amenidade do clima, uberdade do solo e formosura dos sitios; faz parte de uma região em que a natureza tropical parece ter-se esmerado em derramar os seus dons, e da qual, por isto, escreveu um dos nossos modernos historiadores: « E' uma paragem esta da Bahia por muitos titulos analoga á da antiga Grecia, e, si é verdade que a impressão do lugar em que se é creado exerce no homem grande influencia, não se deve estranhar que, em todo o Brazil, os Bahianos se tenham sempre distinguido pelo engenho ». [2]

Quadra mui bem tal conceito ao bahiano de quem falo. Na terra natal Pedra-Branca passou a infancia, parte da puericia e muitos dias de ocio da adolescencia, e, ao cabo de longa separação, duas vezes achou ali propicio abrigo; da primeira, entregue ás alegrias e esperanças juvenis, no auge da felicidade conjugal; da segunda, já entrado em annos, cheio de tristezas e desillusões do mundo. Podiam, pois, os primores daquella estancia privilegiada, onde elle viu escoar-se-lhe quasi metade da vida, deixar de impressionar profundamente o seu espirito contemplativo?

Aos tres annos de idade ficou privado da affeição e desvelos de sua mãi, prematuramente fallecida. Mas, como elle mesmo o diz, [3]

---

[1] Ferdinand Denis, *Brazil*, trad., vol. II, pag. 67.
[2] Visc. de Porto-Seguro, *Historia do Brazil*, vol. I, pags. 238 a 239.
[3] *Poesias offerecidas ás Senhoras Brazileiras, por um Bahiano.*

dispensou-lhe os mimos de outra mãi a senhora com quem seu pai contraira segundas nupcias e de quem teve numerosa prole. Recebeu a primeira educação na casa paterna, que o agazalhou até os dez annos. Em janeiro de 1789, seu pai o mandou estudar á cidade da Bahia. Dedicou-se graciosamente a illustrar-lhe o entendimento o Dr. Antonio Moraes e Silva, que então servia ali o emprego de juiz de fóra. Foi este o primeiro mestre que teve, o qual com a sua pericia de autor do excellente diccionario portuguez, publicado no sobredito anno, iniciou nos segredos da lingua vernacula o seu novel discipulo, que mais tarde soube manejal-a com apuro.

Por esse tempo, na cidade da Bahia, como nas outras mais importantes do Brazil, estava mui longe de ser prospero o estado da instrucção. Depois da expulsão dos jesuitas, em cujos institutos havia de alguma sorte florescido o ensino das boas letras, juntamente com o das sciencias especiaes ao clero, era quasi nulla a instrucção primaria, e, por outra parte, a secundaria, subministrada nos claustros ou nos seminarios e em alguns estabelecimentos dispersos mantidos pelo governo, preenchia muito imperfeitamente os seus fins.

Tendo, pois, durante alguns annos, buscado colher o proveito possivel de tão minguado ensino, Pedra-Branca, a exemplo de outros brazileiros, seus conterraneos, foi completar os seus estudos á Portugal, deliberado a alcançar um diploma scientifico da Universidade de Coimbra.

II

1796—1810

Em principios de março de 1796, Pedra-Branca partiu da Bahia para Lisboa. Nesta cidade frequentou o Collegio dos Nobres, instituição destinada, como se deprehende do seu titulo, á educação dos filhos dos fidalgos portuguezes. Fôra fundado o collegio pelo Marquez de Pombal quando começou a pôr em pratica as reformas da instrucção publica, as mais beneficas talvez a que ligou o seu nome o celebre ministro, que tantas emprehendera. Taes reformas, subsequentes á expulsão dos jesuitas, acabaram de vez com a funesta influencia que elles por longo tempo haviam exercido na direcção literaria e scientifica de Portugal, e, transformando a organização

do ensino graças a melhoramentos conformes ao progresso de outras nações cultas, deram, sobretudo, á diffusão da instrucção popular um impulso efficaz e duradouro. Possuia o Collegio dos Nobres aulas de linguas vivas e mortas, de literatura, philosophia, historia natural, physica, mathematicas, architectura civil e militar, desenho, artes de cavallaria, esgrima e dansa, sendo as principaes disciplinas professadas por mestres da melhor nota.

Ouvindo-lhes as lições, habilitou-se Pedra Branca para os estudos superiores. Isto não impediu que a sua imaginação ao mesmo tempo soltasse os primeiros vôos pelas regiões da poesia. Estando ainda no collegio, começou a fazer versos, dos quaes publicou alguns, traduzidos de Parny, em data de 1801.

No anno seguinte matriculou-se na Universidade de Coimbra. A reforma por que o Marquez de Pombal fizera passar esta universidade em 1772, a erguera do vergonhoso abatimento a que a lançaram varias outras, anteriormente promovidas pela intolerancia e o fanatismo religioso. Ampliaram os novos estatutos o plano de estudos da universidade, acrescentando ás faculdades existentes, de direito, medicina e theologia, duas novas, a de mathematica e a de philosophia. Especialmente as cadeiras destas duas faculdades eram regidas por sabios contratados em paizes estrangeiros. A 3 de agosto de 1804, Pedra-Branca recebeu o grau de bacharel pela Faculdade de philosophia, na qual se ensinavam, além do curso de philosophia propriamente dita, as sciencias physicas e naturaes. Era, porém, deficiente o ensino destas sciencias, comquanto concorresse para desenvolvel-o a applicação experimental em alguns estabelecimentos creados por occasião da reforma da universidade.

Cubiçoso de aprofundar os conhecimentos adquiridos na Faculdade que o laureara, em 1805 Pedra-Branca vai de Portugal para a França, onde o retiveram até 1810 successos extraordinarios, dos quaes adiante se fará menção. Em Pariz, no Museu do Jardim das Plantas, seguiu os cursos do eximio naturalista Cuvier, de chimicos como Thénard e Vauquelin, do botanico Desfontaines, do agronomo Thouin e de outros insignes professores. Reconheceram-lhe todos a aptidão em honrosos documentos, e lhe deram mostras de affectuosa estima.

Do arido labor das investigações scientificas repousava o espirito no remanso das letras, continuando a nutrir o gosto da poesia,

com a qual se deleitava. Para que se empenhasse em cultival-a, assás influiu então Filinto Elysio. Havia muito que este residia em Pariz, onde se refugiara, escapando-se de Portugal, perseguido como herege pela Inquisição. No anno de 1805, attraido pela fama do poeta, com elle travou conhecimento Pedra-Branca. Certo dia, numa entrevista familiar, lhe deu a ler os versos de uma traducção que de longa data começara, deixando-a incompleta. Acolhe-os com elogio Filinto Elysio e anima o traductor a concluir a obra. Este episodio, logo depois de occorrido, Pedra-Branca o refere no seguinte apontamento, por elle escripto com chistosa simplicidade.

« Desde menino gostei da leitura de versos; por saber muitos de cór, era citado entre os meus amigos. Não apanhava um *Polifemo e Galatéa*, um entremez, ou qualquer outro livrinho desta monta, que o não devorasse e o não confiasse á memoria. Que respeito tinha eu por quem fazia versos!... Cresci e, dando-me á carreira das letras ou da pobresa, que são synonimos, sinão obrigado a isso pelas excellentes intenções e amor de meu pai, atirei-me, não só á leitura da alta poesia patria, mas á da estrangeira em linguas vivas e mortas, e o gosto foi a ponto de querer ler Homero no original. Comtudo, occupado com os estudos da minha obrigação, jámais me guindei ao Parnaso sinão por alguma quadrinha amorosa, algum mote de freira e outras ridicularias deste genero. Entretanto, achando-me em Lisbôa mais vadio, Paulo José de Mello, meu particular amigo, metteu-me em cabeça traduzir uma passagem de Raynal em verso portuguez. [1] Traduzi, até com ardor, e elle, que faz lindos versos, vendo isto, mette-me em brios; e não me embaracei de continuar a traducção, comquanto elle pela sua parte fizesse outra do mesmo assumpto. Ora, isto não é nada.

« Venho a Pariz, falo a Francisco Manoel; não sei como diabo lhe haviam dito que eu gostava de garatujar em regrinhas iguaes, e tenho a petulancia de mostrar-lhe a traducção. Preparei-me a ouvir o patriarcha da poesia portugueza, com a franqueza não vulgar

---

[1] A obra de Raynal a cujo trecho se allude é: « *Histoire philosophique des établissements et du commerce des Européens dans les deux mondes.* » — A traducção tem por titulo: *Elisa Draper* e consta das *Poesias ds Senhoras Brazileiras.*

de que é dotado, dizer-me que rasgasse a papeleta. Oh pasmo! Oh riso que ainda me acompanha! Diz-me, depois de reler, que acabe, que achava bem traduzida e que os versos eram bons. »

Docil ao conselho, Pedra-Branca rematou a traducção. D'ahi por diante, sob os auspicios de Filinto, de quem não tardou a ser amigo intimo, poz mãos a varias composições poeticas.

Tornou-se, tambem, adepto de Delille, que naquelle tempo campeava em França, como chefe da escola da poesia descriptiva, não faltando quem o equiparasse a Homero e até sobre este lhe désse primazia. Foi Delille o poeta que mais traduziu. Admirava-o tanto, que não pôde forrar-se ao desejo de entrar com elle em relações pessoaes. As duas visitas que lhe fez são narradas no fragmento autobiographico abaixo transcripto, o qual, além do mais, dá noticia das diligencias mallogradas de Pedra-Branca para que o poeta francez, já traductor emerito, vertesse tambem algumas estancias dos *Lusiadas*, vingando a memoria de Camões das injustiças com que temerariamente a deslustrara Voltaire. Com a data de 5 de janeiro de 1808, diz o documento alludido:

« A leitura das obras de Delille, a reputação que goza de primeiro poeta francez do seu tempo e de excellente moral, num momento de fogo poetico, qnando eu acabava de traduzir uma passagem do seu poema da *Imagination*, tendo lido o da *Pitié*, decidiram-me a ir procural-o. Sem mais recommendação apresentei-me em sua casa, e fui excellentemente recebido. Expenderam-se elogios de parte a parte: e veja bem que um portuguez não falaria a um poeta estrangeiro, sem que o seu Camões viesse á baila. Infelizmente Delille pensava de Camões segundo as injustiças de Voltaire, mas os manes do meu Camões não deviam ficar indefesos, e julguei que nenhum serviço maior lhe poderia prestar, do que fazel-o conhecer, tal qual elle é, a um grande literato estrangeiro. Desabusado este, a outros desabusará, e assim Camões pouco a pouco apparecerá tal qual merece em França. Fui mais feliz do que eu esperava na minha batalha, e saí della com triumpho completo, pois Delille se encarregou de traduzir varias passagens do meu poeta. Retirei-me da casa do traductor de Virgilio e de Milton, ainda mais cheio de respeito por elle, pois a cegueira a que está condemnado, a cruel paralysia ou convulsão que o atormenta, a sua idade avançada, e nada disto impedindo um humor alegre,

vivo e franco, foram outros tantos titulos a augmentar o meu respeito. »

Termina esta narrativa com os pormenores da segunda visita.

« Na segunda visita que lhe fiz, levei-lhe a traducção do poema das *Plantas* de Castel por Bocage, para que elle formasse idéa da lingua de Camões, o que facilmente podia conseguir, sendo a traducção verso a verso. Levei-lhe juntamente o Camões, e lhe traduzi algumas oitavas, que o surprehenderam. Encarreguei-me de traduzir as que elle quizesse pôr em verso francez. Foi nessa visita que lhe repeti o desafio nas duas quadras que tambem, repetindo a Mr. Le Mazurier, este se fez cargo de traduzir. [1] A galanteria do desafio foi muito apreciada por Delille, mormente porque lhe fiz lembrar que já, para traduzir as *Georgicas* de Virgilio, fôra convidado a isso por um desafio de Voltaire.»

Para aquilatar em outros paizes da Europa os progressos das sciencias naturaes, e particularmente da physica, chimica, botanica e agricultura, Pedra-Branca em 1807 viaja pela Allemanha, Hollanda e Belgica, cujas principaes cidades percorre, nellas estudando as mais notaveis instituições relativas áquellas sciencias, e ao mesmo tempo as machinas e processos da industria agricola. A sua nomeada valeu-lhe por esse tempo o titulo de membro correspondente do *Athénée des Arts de Paris*, tendo-lhe grangeado tambem o mesmo titulo da *Société d'Agriculture du Départment de la Seine* e da *Société Académique des Sciences de Paris*. Pouco depois da referida viagem começou para Pedra-Branca uma série de infortunios e desgostos, motivados pelo aperto em que o puzera a elle e a outros Brazileiros, residentes em Pariz, a guerra movida contra Portugal por Napoleão, no apogeu da fortuna.

Por volta daquelle anno de 1807, o systema do bloqueio continental, que no anno anterior fôra decretado em Berlim pelo genio arrojado do imperador dos Francezes, com o fito de anniquilar a preeminencia maritima da Inglaterra, estava aceito por todas as potencias européas alliadas á França, e por ultimo teve de ser applicado a Portugal. Fizera Napoleão intimar ao governo deste paiz que em curto prazo declarasse guerra a Gran-Bretanha, fechando-lhe

---

[1] Estas duas quadras e a traducção acham-se nas *Poesias ás Senhoras Brazileiras*.

aos navios os portos do reino, confiscando-lhe as propriedades e prendendo os subditos inglezes. Convencido de que, se assentisse ao formidavel plano, perderia a protecção da Inglaterra e lhe provocaria as represalias annunciadas em formaes ameaças, e por outro lado, receioso, se contrariasse a vontade imperial, de sacrificar a independencia da nação ao ambicioso conquistador, o governo portuguez soccorreu-se a uma politica vacillante e tortuosa. Bonaparte decide-se, pois, a romper com Portugal, e apoderar-se de mais esta presa, o que aliás fôra desde o principio o seu intento. Ordena o embargo de todos os navios portuguezes ancorados nos portos de França, e recommenda ao general Junot, commandante da expedição recentemente organizada em Bayonna, que accelere a marcha do seu numeroso exercito para Lisboa. Assigna-se logo depois o tratado de Fontainebleau, que, regulando a desmembração e partilha de Portugal, assegura a cumplicidade da Hespanha na guerra aberta contra aquella potencia. Remettem-se entretanto os passaportes ao embaixador portuguez D. Lourenço de Lima, com a clausula de sair promptamente de França.

Em Pariz, assistia Pedra-Branca a taes acontecimentos; confrangia-lhe o coração a perspectiva da desgraça imminente sobre o bello paiz a que ainda o ligavam os vinculos de nacionalidade; e, quando soube da partida repentina da legação portugueza, esforçou-se por acompanhal-a, disposto a participar da sorte dos seus compatriotas. Mas, interceptada a correspondencia com a sua familia, e baldo, no afflictivo lance, de dinheiro preciso para as despezas necessarias de viagem, resignou-se a ficar em Pariz.

« Qual foi a minha posição em paiz estrangeiro » — deixou elle escripto, — « sem meios de subsistir, e sem esperança de os receber, pois que, bloqueados os portos de Lisboa, e existindo um decreto de Bonaparte que pune como grande crime toda a correspondencia com a Inglaterra, por onde receberei noticias dos meus e dinheiro para viver?... Cercado de sustos, temendo todo dia uma prisão, ou que fizessem o que fizeram aos Hespanhoes, obrigando-os a darem juramento de vassalagem, — si bem que o meu partido estava tomado e jamais havia de discrepar da honra, — que estado era o meu e o de todos os Portuguezes então em França? »

Uma vez, ao voltar da casa do poeta Delille, amigo dos Bourbons como elle, ouve, atravessando uma praça, certo sujeito apregoar a venda de uma gazeta, de envolta com certas referencias ao rei de Portugal. A leitura desta gazeta o esclarece de que o principe regente se fôra além do Atlantico refugiar-se na colonia luso-americana. De facto, no dia anterior ao em que Junot, á frente do seu exercito, entrara incolume em Lisboa, D. João VI havia partido com a familia real e a côrte para o Brazil, desenganado do seu governo, que, por actos tardios de adhesão á causa do bloqueio continental, pretendera desarmar a colera de Napoleão. Depois disto, no espaço de cerca de quatro annos, Portugal teve, por intervallos, de soffrer os flagellos e as ignominias das tres invasões francezas, todas as quaes briosamente repelliu o patriotismo portuguez, apoiado na firme alliança da Inglaterra, até que, proseguindo a guerra peninsular, o exercito anglo-luso, após gloriosa marcha, penetrou no meio-dia da França, onde ganhou a ultima victoria contra o despotismo de Bonaparte.

Durante quasi todo o tempo que as tropas francezas infestaram o territorio portuguez, Pedra-Branca, mau grado seu, continuou em Pariz. Sequestrado de communicação com a familia, reduzido aos maiores apuros, sujeito á suspeitosa vigilancia dos espiões da policia, e exposto a ser lançado de uma hora para outra no fundo de um carcere, quanto não devera tudo isto amargural-o! Todavia, com a sua natural jovialidade, que contrastava os golpes da má fortuna, elle pintou em versos galhofeiros a triste situação a que estava reduzido. [1] Distraía-se, ora a estudar, ora a poetar, e buscava consolação na companhia de alguns amigos, com os quaes desabafava o coração, oppresso de tantas maguas. Depois da chegada do marquez de Marialva a Pariz, era na casa deste que se reuniam com algum risco os bons Portuguezes. Ahi discorriam da fundação do futuro reino transatlantico; ahi tambem o marquez traçou o desenho do obelisco que se devia levantar em memoria da chegada do principe regente a Bahia, monumento que, sob o governo do conde dos Arcos, a expensas da camara municipal, se erigiu no passeio publico daquella cidade.

---

[1] *Poesias ás Senhoras Brazileiras.*

Privado, havia muito, dos soccorros pecuniarios de seu pai, Pedra-Branca chegou a tal grau de penuria, que, para ganhar honradamente algum dinheiro, aceitou com seu amigo abbade Corrêa da Serra, o erudito botanico, a proposta, que lhe fizera um livreiro, de comporem um diccionario portatil francez-portuguez e portuguez-francez. Foi ajustado o trabalho por mil e setecentos francos, metade para cada um dos dois autores, e devia ficar prompto com toda a brevidade. Teve começo em outubro de 1809; mas, havendo logo adoecido o abbade Corrêa da Serra, Pedra-Branca foi quem deu conta do diccionario, no qual gastou seis mezes. Da enfadonha composição a sua alacridade inexhaurivel ainda tirou assumpto para fino gracejo em uma composição poetica com que elle festejou o dia de S. José, por obsequio a um amigo que tinha este nome. [1]

Filinto Elysio tambem allude ao diccionario em um dos seguintes versos facetos:

Sonha Brito diplomas e finuras
Da officina politica; o Corrêa
Prazer de priguiceiro e algum bom dito;
Manoel Pedro A mais B, sua lyra o Lima;
Marialva sciencias, honra e brio,
E mais certa coisinha que eu não digo;
Borges apoquentados diccionarios;
Filinto odes de Horacio e trouxas de ovos. [2]

Pôde emfim Pedra-Branca emprehender a sua volta ao Brazil. Quantas difficuldades, porém, não conspiram ainda, até a ultima hora, contra a realização do seu vivo desejo, havia tanto, forçosamente adiada! Depois de muitos passos perdidos, prometteu a policia de Pariz dar-lhe o passaporte, com a condição de que elle não embarcaria sinão em certos portos da França, e só para paiz com que este não se achasse em hostilidade. O acaso deparou-lhe um navio mercante, que estava a sair de Lorient para os Estados-Unidos: chamava-se *Souvarow*; nelle tomou passagem.

---

[1] *Poesias ás Senhoras Brazileiras.*
[2] *Obras completas* de Filinto Elysio, tom. I, p. 127.

Foi-lhe preciso idear um artificio, aliás innocente, para arredar qualquer suspeita da sua viagem á America do Sul. Assim, perante a policia, declarou que para ali se dirigia com o fim de contrair naquella praça relações commerciaes que lhe facilitassem a venda do assucar da sua fabrica no Brazil. Quanto aos embaraços pecuniarios que lhe obstavam ao transporte, foram removidos pela dedicação de alguns amigos, os quaes lhe offereceram as suas bolsas.

No dia 8 de setembro de 1810, Pedra-Branca foi de Pariz para Lorient. De apontamentos autobiographicos seus faço a proposito o seguinte excerpto:

« No sabbado, ás 11 horas da manhan, segui em uma sege para a casa do marquez de Marialva, onde devia estar ao meio-dia. Tinha então de dizer o ultimo adeus ás pessoas a quem devi tudo em França, occultando a minha dor, á qual apenas basta ainda hoje o coração. Em casa do marquez se juntaram os Navarros, o Brito e o Corrêa.

« A's duas horas puzemo-nos á mesa; ás quatro, partimos todos para a diligencia, rua de *Notre Dame des Victoires;* e, apezar de haverem votos de que o marquez não fosse, tirou as suas ordens e foi. Chegámos, e já prompta estava a diligencia Meu Deus, si a amizade é o maior bem que déstes aos homens, si a companhia dos amigos é inapreciavel, insupportavel é tambem a dôr de os deixar.

« Porque não ha um paiz só composto de gente boa? Porque não havemos de viver sempre com aquelles a quem amamos? Vou ver a patria e os amigos, mas deixo outros igualmente caros. Porque os mares separam as terras? Porque vive Bonaparte? Quando chegarei a ver a patria, quando os amigos? Os que deixo tornarei a ver? Recebei estas lagrimas de amizade. Oh Deus! aceitai os votos de um coração puro; amparai os meus amigos; fazei com que juntos vivamos todos para gloria de nossa patria e do nosso soberano. Emfim, todos banhados em lagrimas, demos o mutuo osculo de despedida; e sabbado, 8 de setembro, ás quatro horas da tarde, partimos de Pariz para Lorient, em uma diligencia de cinco lugares.»

Do porto de Lorient, o *Souvarow*, que o recebera a bordo, fez-se ao mar, no rumo do Novo Mundo. Possuido agora das ineffaveis commoções que lhe causava a idéa do regresso á patria,

Pedra-Branca improvisa a ode, que dedica a seu pai, exornada destas estrophes arrebatadoras :

Posso inda ser feliz ! a patria posso
Dar os trabalhos meus, ao pai desvelos,
Amizade aos amigos !
Que ! vou ver os lugares onde infante
Brincava, o lecto patrio, os patrios lares,
As arvores, os campos ?
O' pai querido, posso da velhice,
De filho e amigo dando-vos cuidados,
Atigirar estragos ?
Do coração o jubilo transborda !
De gosto doces lagrimas afastam
Dos olhos tristes lagrimas.
Sente-se, e não se diz o que ora sinto !
Lyra, tu não tens sons com que descantes
D'alma enlevos tão bellos. [1]

A 25 de dezembro desembarcou Pedra-Branca em Nova-York, d'onde depois de alguma demora, se dirigiu a Philadelphia. Nessas duas cidades recebeu acolhimento benigno de alguns Americanos illustres nas sciencias e nas letras, e se inteirou das condições de varios estabelecimentos rusticos, merecendo a escolha de membro da *Society for promoting agriculture*.

BARÃO DE LORETO

(*Continúa*)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

DOS ESTADOS UNIDOS

V

A balda de hypocrita é com frequencia lançada aos Inglezes, e não se póde dizer que sem razão. Na America, porém, é indiscutivel que, a não ser na Nova Inglaterra, cujo estreito puritanismo tem-se aliás modificado extraordinariamente, essa hypocrisia desappareceu. Tomarei como exemplo a discussão que lavra neste momento na imprensa — quero dizer, em alguns jornaes—sobre a supposta impropriedade dos dois sexos banharem-se em commum nas *salsas ondas*, ao envez do que acontece na Inglaterra. As opiniões recolhidas testemunham eloquentemente da carencia de *pruderie* entre os Americanos. Num só hotel de Edgmere (Long Island) 225 hospedes pronunciaram-se unanime e intrepidamente pelo systema de banho nacional. Mui poucos, no total, partilharam do preconceito britannico. Contei apenas um senador (sem ser o famoso Berenger francez), um antigo commissario de policia, o *major* de Newport e um pastor methodista, tudo gente de juizo, muito callejado pelas agruras das respectivas profissões.

Ao contrario, o Dr. Price, deão de um *summer school* de theologia, aponta para o exemplo que elle quotidianamente fornece aos seus discipulos e mais espectadores, atirando-se bravamente ao mar

---

Veja a *Revista* de 15 de julho, 15 de agosto, 15 de setembro e 1 de outubro.

na companhia de sua respeitavel esposa. E não se julgue que é elle o unico *minister* que assim procede e pensa. A porfia defendem os *clergymen* a promiscuidade balnear.

Outras pessoas interrogadas justificam com anecdotas verdadeiras a utilidade e segurança que a presença de bons nadadores offerece ás nadadoras inexperientes ou temerarias. Exclama com bom senso uma senhora que não vê absolutamente que pratique um acto deshonesto apresentando-se na praia em trajes de banho quando todas as tardes enverga trajes de velocipedista e quasi todas as noites enfia um corpo de vestido decotado: e, de resto, porque motivo seria deshonesto aquelle traje diante dos *gentlemen* de sua amizade, e o não seria diante do banhista ou dos homens do salva-vidas? Invocam outros o prazer proporcionado pela distracção tomada em commum, as lições proveitosas de natação dada pelo sexo forte ao fraco, os desafios que tanto dizem ao temperamento americano. A quasi todos pareceu ridiculo e até indecente insinuar-se sombra de malicia onde até agora só se tem visto innocente divertimento e benefico *sport*. Escriptores, homens de negocio, politicos lêm todos pela mesma cartilha.

A separação dos sexos na praia equivaleria á sua separação nos salões de baile, commenta Frank Tyles, o autor dramatico. E' o costume immemorial, é a nossa tradição, que nunca foi levada a mal, que nunca despertou a immoralidade, bradam em côro os demais. Os homens que combatem tal habito, observa com espirito uma *miss*, devem por certo ter feios peccados na consciencia. A mulher que os ajuda nesse prejuizo, ajunta outra *miss*, é sem duvida mal feita ou tem o juizo pouco assente.

E é curioso de notar que, então entre o bello sexo, não ha discrepancias a respeito. Velhas e novas pensam de igual modo, segundo as opiniões recolhidas, ás centenas, em todas as praias, as mais *fashionables* e as mais burguezas, de Nova Jersey, Nova York e Rhode Island. Os casos em detrimento do actual systema balnear hão sido raros, no dizer geral, e recebem sua maior punição na acre censura dos que delles recebem conhecimento. O joio acompanha sempre o trigo, desde o tempo das parabolas da Escriptura. Além de que compete á mulher fazer-se respeitar. A maior liberdade do intercurso social dos dois sexos tem agido poderosamente para augmentar entre o sexo appellidado fraco

esse sentimento de confiança, de segurança, que o torna *self respective*.

Para mais, o systema de promiscuidade é chamado o systema americano, em opposição ao systema de separação ou isolamento, chamado o systema inglez. Ora, o Americano, como todos os povos coloniaes tornados independentes, apega-se com vigor a tudo quanto fôr de natureza a estremal-o da antiga metropole. Com o seu inestimavel bom senso, elle sabe porém conservar do Inglez as grandes qualidades, alterando-lhe as ruins e tratando de supprimir os seus defeitos. A's vezes differenças que não são radicaes, são comtudo elevadas á altura de caracteristicos nacionaes. O Inglez, respondeu uma das *misses* entrevistadas, faz *lots of ffolish things* (uma porção de coisas tolas) que os yankees evitam. O proposto seria uma mudança revolucionaria, pondera por seu lado o Dr. Riggs, outro professor de theologia.

Indecente seria certamente o systema nacional, observa uma *old lady*, si os Americanos usassem os trajes de banhos grotescos e indecentes que estão em moda na Inglaterra e que exigem uma divisão absoluta das zonas balneares, uma muralha bem alta entre elles. Com os trajes em uso, porém, é estupido levantar essa lebre no paiz.

Finalmente, é força lembrar o quanto o Americano é respeitador do sexo feminino. A livre mas honesta convivencia é um dos maiores encantos da vida social deste paiz. Rapazes e raparigas divertem-se sem maldade, passam o que elles denominam o seu *good time*. Para a mocidade as melhores festas, as distracções mais animadas. Em Washington, pouco depois de chegar, tive a honra de ser convidado para assistir ao casamento de um filho do *congressman* A... Após a cerimonia religiosa, e antes dos noivos partirem para Nova York onde iam embarcar para a Europa, na intenção de percorrerem a Hollanda em velocipede, serviu-se um lauto jantar. Na mesa de honra, collocada ao centro da sala e ornada das mais lindas flôres que o mez de maio produz naquella região de galas vegetaes, tomou lugar um bando de moços: os noivos, os seus amigos e amigas da mesma idade, isto é, os *usters*, *brides maids* e *best men*. Nada de conselheiros encanecidos no serviço publico, fazendo brindes compassados e lacrimosos. Nada de rechonchudas e pesadas matronas. Gente nova, gente alegre, para quem a vida

é toda illusão, para a qual o joven casal podia olhar com satisfação e com esperança.

A promiscuidade balnear não é mais do que uma das muitas distracções aqui proporcionadas á mocidade. Longe de estimular para o mal, dá motivo a refinar-se a cortezia, como tem succedido com o systema de educação mixta, isto é, para os dous sexos, e com a convivencia nas lojas e escriptorios. Bryce e outros escriptores que se têm occupado seriamente com os Estados Unidos hão observado a influencia desse constante intercurso sobre as boas maneiras, e mesmo sobre a moralidade nacional.

Notei no começo deste artigo que nas praias onde abordaram os passageiros do *Mayflower*, florescem ainda não poucos resquicios da justamente cognominada hypocrisia ingleza. Eis um facto, deste mez, que comfirmará minha asserção. Mr. Mac-Kin, que levantou a Bibliotheca Publica de Boston, tencionava offerecer um bello bronze de Mac-Monnics, representando uma bacchante, já se sabe, núa, para ser collocada no pateo daquelle soberbo edificio, cuja escada principal é decorada de frescos magnificos de Puvis de Chavannes. Parece todavia que tal offerta se não realizará porque o doador foi avisado a tempo de que os *trustrees* ou administradores a recusariam por immoral!

Si á beira mar o divertimento capital consiste nos prolongados banhos tomados em commum, e nas demoradas estações sobre a fina areia das praias, nas montanhas (White Mountains, Green Mountains, Catskills, Adirondacks) as distracções inclinam-se naturalmente para as ascensões pedestres e o *camping*. As primeiras são amplamente conhecidas: constituem o pão nosso de cada dia na Suissa, no Tyrol, nas outras regiões accidentadas da Europa. O *camping* parece-me porém ser genuinamente americano. Consiste simplesmente no facto de ir acampar durante dias em tendas de lonas em um lugar retirado e solitario no recesso de uma floresta, á beira de uma lagôa ou no pincaro de um morro, bem em contacto, na mais suave intimidade com a natureza virgem, não maculada pelas agglomerações humanas.

Os guias cozinham para o rancho: entretém durante a noite a fogueira que não só livra dos mosquitos, como afugenta os morcegos e mesmo os ursos, que os encontram as vezes, e indicam os atalhos silvestres que conduzem aos pontos de vista soberbos e aos riachos

susurrantes, onde estes se despenham sobre as rochas em torrentes ruidosas. Tão espalhado e favorito é o costume que a filha do argentario Vanderbilt, que acaba de casar-se em Newport com o filho do antigo Secretario da Marinha Whitney, foi passar num *camp* a sua lua de mel.

O *camping* é comtudo uma feição typica da vida dos Adirondacks (estado de New York), região de montes, lagos e bosques que serviu de scenario para os romances de Fenimore Cooper e que, balisada a leste pelos lagos George e Champlain, vai entestar pelo norte com o dominio do Canadá. Mais de mil lagos espelham nos valles que as montanhas procuram estreitar, lançando sobre a grama sempre virente innumeros pelotões de arvores frondosas, precipitando-se pelas encostas, ás quaes dão uma vigorosa tonalidade verde de differentes nuanças, substituidas no outomno, não pelo desconsolado amarello, mas por um vermelho festivo, que converte em um hymno alegre a geral melancolia dessa estação.

Entre as variadas bellezas naturaes da região dos Adirondacks avulta entretanto o *Ausable Chasne*, que já ouvi citar como um espectaculo muito mais rico de impressões do que o das famosas cataractas do Niagara.

O rio Ausable, [1] depois de ter-se durante muitas milhas, ora espreguiçado através os milharaes viçosos, ora arremessado num curso rapido de encontro ás balsas e ás pedras, precipita-se subitamente da altura de vinte e um metros, e o grande lençol d'agua começa a correr numa garganta, cuja largura maxima não excede doze metros e que tem no minimo seis, fazendo parecer ainda mais apertada as enormes formações perpendiculares de grés, que dos dois lados a esmagam com os seus trinta a cincoenta metros de altura.

Estas rochas affectam as fórmas mais imprevistas. Na estensão de duas milhas, que tantas tem o *chasne*, encontramol-as, por exemplo, achegadas numa massa escura e inquietadora que quasi

---

[1] A antiga soberania franceza no Canadá bem como as occupações de territorio mal limitados ao sabor das lutas com a Inglaterra explicam a existencia de muitos nomes francezes na região dos Adirondacks, onde aliás encontram-se hoje numerosos franco-canadianos, falando inglez, mas conservando religiosamente em familia o seu primitivo *patois* francez.

obstrue o rio, *a porta do inferno*; desenhando com extraordinaria parecença a cabeça de um elephante; formando um armario de centenares de escaninhos, *o post office*; avançando numa silhueta angulosa e atrevida, *a sentinella*; agglomerando-se em uma construcção elegante e arrojada, *cathedral rocks*.

Para augmentar o ar sombrio, mysterioso, quasi assustador do *cañon*, saudosos cedros crescem nas fendas das rochas e cobrem de uma vegetação espessa o topo das elevadas paredes, e as cavernas escalvadas e pedegrosas alternam com as grutas formadas de musgo e fetos e decoradas de flores enigmaticas, estranhas.

Lá, bem no fundo, corre impetuosa a agua do Ausable, escura, triste, como que lembrando-se do sol que além a doirava e aqui nunca a beija, atirando-se agora com a velocidade da flecha despedida pelo selvagem do seu arco, revolvendo-se logo em remoinhos de entontecer, furiosa, num desespero louco e inutil de prisioneira.

Em certo ponto o visitante que tem acompanhado o *chasne* a pé por uma estreita vereda parallela ao abysmo, subido e descido escadas de accordo com a disposição das rochas e atravessado a garganta em pontes sob as quaes a corrente ruge impotente, tomam um batel que ora a remo, ora movido pelo unico impulso da agua, os conduz á subida do *chasne*, ao lugar em que o rio, desembaraçado das algemas, acordado do pesadelo, torna a deslisar desafogado, reflectindo os milharaes formosos e as balsas remosas.

OLIVEIRA LIMA

AS ESTRADAS DE FERRO FEDERAES

No decurso da discussão dos orçamentos aventou-se, em emenda, a idéa da alienação das estradas federaes, quer em concurrencia publica quer por meio da cessão feita aos estados. E' pouco provavel que o Congresso Nacional, criterioso como é, se abalance a dar passo tão grave e prenunciador de tão sérias consequencias economicas, qual seja abrir mão de obras já feitas e custeiadas pela União, sem que sobre esse assumpto se estabeleça amplo debate; ora na quadra em que estamos com a sessão legislativa a findar-se e orçamentos atrazadissimos, parece que nem a Camara poderá estudar convenientemente esse gravissimo problema, nem o Senado, condemnado a votar sem emendas o que a outra casa do Congresso tiver adoptado, poderá delle tomar conhecimento siquer. Naturalmente, a emenda, que manda alienar as estradas federaes, será desentranhada do orçamento afim de constituir projecto separado que por não poder passar este anno nas duas casas do Congresso, virá a ser mais detidamente estudado na proxima sessão; desta fórma, não só se evitará que em leis annuas se note a anomalia de figurarem disposições permanentes, que equivalem a uma transformação profunda na nossa organização productora, mas tambem não acontecerá que a opinião do governo, porventura contraria a do Congresso, inutilize a iniciativa deste ramo do poder publico, deixando de cumprir nos prazos em que vigoram os orçamentos as injuncções legislativas. Convém, portanto, aos altos interesses brazileiros que

seja estudado, desde já, o projecto pelo qual a União deixa de explotar vias ferreas; esse projecto, cujo estudo vamos iniciar, envolve questões de tão subida relevancia economica, que sobre elle devem pronunciar-se todos os orgãos de informações, officiaes ou extra-officiaes, de que dispõe a nação, afim de que tão grave medida não seja transformada em lei, sem madura ponderação e sem que cada um assuma a responsabilidade de suas opiniões.

E' o que vamos procurar fazer.

I

Duas faces principaes tem o problema da explotação das vias ferreas pela União: a primeira, toda theorica, é a capacidade do Estado para a gerencia das estradas de ferro — a segunda, occasional, é a vantagem decorrente para a União do arrendamento de algumas estradas e da cessão de outras.

Póde-se, entretanto, affimar que o motivo real da apresentação do projecto que estamos discutindo é o caso especial da Central; que, infelizmente, foi julgado sufficiente para d'ahi deduzir-se uma conclusão, immediatamente applicada a todas as vias ferreas da União, seguindo, neste ponto, mais uma vez, a tendencia tão nossa de tudo generalizar. Ora é totalmente inexacto que o Estado não possa possuir e explotar vias ferreas, e da demonstração desse modo de pensar se incumbem não só os principaes autores, como, ácima de tudo, os proprios dados numericos colhidos na Europa e no Brazil.

Segundo a expressão de Sax (*Handbuch der politischen Oekonomie*) pertencem as estradas de ferro ao dominio da acção publica, não tanto pela incapacidade da acção privada em geril-as, mas porque as necessidades não são nem sufficiente nem convenientemente servidas sinão pela acção publica. A iniciativa particular só constróe, e só póde razoavelmente construir, as linhas remuneradoras ou as que por favores do governo se tiverem tornado artificialmente productivas. Nessas condições, ahi está um primeiro choque entre a iniciativa particular e as necessidades publicas, que exigem desenvolvimento systematico e harmonico das facilidades de communicação em todo territorio. Por outro lado, a construcção de

vias ferreas secundarias, estando ligada á creação das arterias remuneradoras, torna-se menos onerosa e mais bem estudada, porquanto na construcção das grandes rêdes são menores os preços de custo de todas as unidades de obra e são mais cuidadosamente determinados os traçados dos troncos e dos affluentes, pois é certo que todo escoamento de producto é um phenomeno de conjunto, como tal deve ser estudado e sempre é sacrificado pelas soluções parcellares e successivas, oriundas de entregar-se sua solução a diversas emprezas particulares. O mesmo facto notado nos traçados repete-se na explotação e são os resultados economicos desse modo de proceder que explicam o crescimento continuo das grandes rêdes do Estado, pois tudo quanto exceder á remuneração normal do capital é empregado no desenvolvimento da viação, emquanto que, na empreza particular, todos os lucros, salvo os que vão formar o fundo de reserva e de reconstituição de capital, servem para augmentar os dividendos pagos.

Cita Ulrich (*Traité general des tarifs de chemins de fer*) um exemplo decisivo: a Prussia em 1850, creou uma rêde do Estado junto á rêde das emprezas particulares. Em 1879, o Estado tinha 9.107 kilometros e as companhias 9.430 kilometros de vias ferreas; em 1889, o Estado já tinha 23.368 kilometros e as companhias cerca de 2.600; em 1893, o Estado já possuia 39.342 kilometros de linhas suas e explotava 98 kilometros de linhas particulares, emquanto que as companhias só tinham 3.301 kilometros; de 1879 a 1889 a rêde do Estado, além do juro e da amortização do capital de estabelecimento ou de compras, deu saldos de receitas no valor de cerca de 655 milhões de marcos, que foram empregados na construcção de seis a sete mil kilometros de vias ferreas secundarias. Em França, onde quasi todas as vias ferreas pertencem ás companhias, está sendo creada uma rêde do Estado. Apezar das tentativas de Gambetta e do programma de Freycinet, as convenções de 1883 consagraram novamente o poder das emprezas, continuando o Estado a gerir as vias ferreas de menor importancia. Ora, como veremos mais tarde, o Estado explota por preços comparaveis aos das companhias, mesmo nas condições desvantajosas em que se acham suas linhas; porém, como paga annualmente ás companhias o thesouro francez grandes sommas a titulo de despeza de primeiro estabelecimento, quando deveram figurar na conta de garantia de juros

por insufficiencias de trafego (Leroy-Beaulieu, *Economiste français* de 21 février 1891), segue-se que a fortuna publica, em França, paga mais caro os transportes feitos pelas companhias do que os feitos pelo Estado; com effeito, addicionada ao preço de custo da tonelada-kilometro a quota proporcional das sommas pagas pelo thesouro, chega-se a resultados muito contrarios á explotação das vias ferreas francezas pela industria particular. Mesmo sob o ponto de vista estreito das conveniencias do thesouro, vemos que o Estado francez paga grandes sommas, retiradas do producto dos impostos, ás companhias proprietarias de vias ferreas e que as explotam mais caro do que elle, emquanto que os exercicios financeiros da Prussia registram grandes saldos na explotação das estradas de ferro do Estado e esses saldos se applicam á construcção de novas vias ferreas.

A unidade do methodo na organização dos planos de viação, na execução dos traçados e na explotação das linhas é indispensavel, como bem fazem notar Sax, Féolde (*Les transports par chemin de fer*) e outros. E' assumpto sério, entre os que mais o fôrem, estabelecer as rêdes ferro-viarias segundo um plano unico maduramente estudado, diz Ulrich: a proceder de modo differente, entregando ao interesse privado o estabelecimento dessa viação, não só os resultados economicos serão mais elevados, como tambem tem sido demonstrado pela experiencia que os interesses publicos têm soffrido.

As linhas confiadas á industria privada não são construidas de accôrdo com as necessidades publicas, nem quanto aos traçados nem quanto ao tempo das construcções ou a série dellas. A construcção depende do mercado de capitaes, o que torna oscillante o progresso annual da viação, fluctuando este parallelamente ás fluctuações do mesmo mercado; augmentam as rêdes nos periodos de expansão capitalista; retraem-se as obras quando ha crises nos mercados e, entretanto, nessa época seria mais economica a construcção e mais vantajosa a progressão dos trilhos. A unidade de direcção é a unica capaz de dar as vias ferreas uniformidade de bitola, uniformidade de material rodante e das regras de explotação; outras tantas causas de economias immensas, que é desnecessario explanar. As baldeações evitadas, o augmento da extensão trafegada das linhas, a consequente diminuição dos fretes pelo

emprego systematico das tarifas differenciaes, as economias de tempo pela identidade de material e das regras de explotação, decorrem immediatamente da unidade de methodo na direcção. As tarifas, esse grande escolho ao desenvolvimento publico, instrumento principal da potencia commercial das emprezas, mas que só conseguem sel-o em detrimento do publico, as tarifas de que hoje em dia, existem tantas séries quantas são as estradas e ramaes trafegados, essas mesmas serão simplificadas pela adopção de uma série unica, simples e de facil comprehensão, imitando o exemplo que a Prussia deu e que permittiu, desde 1880, estabelecer-se uma série unica de tarifas em toda a extensão de suas rêdes. (*Rapport de la Societé des agriculteurs de France*, apud Malon, *Socialisme Intégral*).

Embora exista a crença geral de que em viação ferrea póde se dar a concurrencia entre diversas linhas, qual ella se dá na economia privada, é liquido hoje que similhante phenomeno ahi não se apresenta, nem mesmo como modalidade da concurrencia peculiar ás estradas de ferro; assim demonstram peremptoriamente Sax, Ulrich, Raffalowitch, Cohn, Franqueville, Aucoc, Seligmann e outros. Sem discutir este ponto, que nos afastaria do nosso objectivo, aceitemol-o como provado.

Não existindo concurrencia, temos o monopolio em mão de um ou mais detentores; de facto, as vias ferreas são monopolios não só pela necessidade de se originarem de uma solução de conjunto de um problema geral, como tambem pelo facto de excluirem qualquer concurrencia que lhes queiram fazer e por serem o instrumento de transporte mais perfeito de que disponhamos. Por esses motivos, si ha de ser entregue á industria privada, cujo movel é o interesse particular, um monopolio esmagador como esse, muito mais natural é que fique o monopolio em mãos do Estado, afim de que o publico aufira lucros delle, coisa que se não dá, antes é repellida, pela organização particularista das companhias de viação. Basta, para proval-o, o confronto, já feito, entre as soluções dadas ao caso pela Prussia e pela França.

As principaes objecções levantadas contra a explotação das estradas de ferro pelo Estado reduzem-se a tres: a preferencia que se deve dar á industria particular, a immobilização de capitaes

pertencentes ao Estado no caso de ser este o constructor das vias ferreas, e a incapacidade industrial do Estado.

Não cabendo no nosso plano estudar especialmente o phenomeno, a que erradamente se chamou a concurrencia entre as estradas de ferro, não nos é possivel expôr aqui os motivos pelos quaes se tem chegado a concluir que as vias-ferreas constituem monopolios, os quaes, explorados pela industria particular, se tornam muito mais onerosos para a fortuna publica do que no caso de ser o Estado o dono e o explotador das vias-ferreas. A immobilização de capitaes seria um argumento occasional (de valor discutivel, posto o problema em seus verdadeiros termos), que se justificaria, caso no regimen das companhias não adviessem encargos ao Estado. Ora, pela garantia de juros, pela subvenção kilometrica, pela isenção de taxas, pelos emprestimos, etc., vem o Estado pecuniariamente em auxilio das companhias, immobilizando por vezes improficuamente (no caso de garantia) os mesmos capitaes que serviriam á acquisição e consequentes rendimentos das vias-ferreas.

Desde que o Estado adopte como norma appellar para as reservas economicas da nação para pôl-as em giro sob a fórma de obras publicas (vias-ferreas, no caso vertente), representa essa operação pelo menos um emprestimo destinado a completar o apparelhamento industrial do paiz, contraido em magnificas condições quanto á taxa de juros, pois da taxa fixada pelo governo virão ser deduzidas as quotas provenientes dos rendimentos proprios das obras publicas. Dessa fórma, a taxa inicial de 6 °/₀ será reduzida a 4, a 2 °/₀ ou, mesmo, o emprestimo virá a produzir resultados directos para o governo, o qual deverá applicar esses lucros ao desenvolvimento ferroviario. Esse systema realiza o ideal dos emprestimos, que é fazer com que as reservas economicas do paiz sejam chamadas a cooperar activa e directamente para o seu desenvolvimento material. Tal systema seria impossivel, caso houvesse impossibilidade organica por parte do governo em gerir certas obras publicas de modo economico. Ora, tal hypothese não se verifica em relação ás vias-ferreas, e, sinão, vejamos o que se tem notado em França e em outros paizes quanto aos resultados da explotação.

Em França, obteve o Sr. Ricour, em 1884, os seguintes resultados (*Annales des ponts et chaussées, septembre 1885*).

	PREÇOS DE CUSTO DE 1000 TONS. KIL. BRUTAS			
	ESTADO 1882	GRANDES COMPANHIAS 1883		ESTADO 1883
		Preço médio	*Preço minimo*	
	francs.	francs.	francs.	francs.
Trens de mercadorias	4,86	4,00	3,80	3,79
Trens de passageiros	6,71	6,55	6,30	5,41
Conjunto dos trens	5,86	5,37	5,17	4,69

Da collecção da *Revue générale des chemins de fer* do anno de 1895 deduzem-se os seguintes resultados, relativos ás despezas de explotação por kilometro de percurso de trem em 1894.

	Francos	
Companhia do Nord	1,964	média frs. 2,293.
» de l'Est	2,291	
» de l'Ouest	2,143	
» d'Orleans	2,287	
» P. L. M	2,609	
» du Midi	2,428	
Estado	2,200	

Referidas as despezas á unidade kilometrica de trafego, teremos, na mesma ordem, os seguintes algarismos 0,$^{cent.}$89 — 0,$^{cent.}$93 — 1,$^{cent.}$04 — 0,$^{cent.}$87 — 0,$^{cent.}$80 — 0,$^{cent.}$89 — 1,$^{cent.}$02.

Das estatisticas de trafego relativas á Austria-Hungria, decorrem os seguintes dados referentes ao anno de 1893 e relativos ao trem-kilometro:

		Francos
Estradas do Estado	rêde austriaca	2,40
	rêde hungara	2,39
Estrada particular	Norte, do imperador Ferdinando	3,10
	Austro Hungara	2,45
	Sul Austriaca	2,45

Na Allemanha, as despezas médias por trem kilometro nas linhas do Estado foram de 2,$^{frs.}$825 em 1892 e de 2,$^{frs.}$700 em 1893.

Na Inglaterra as despezas por trem-kilometro foram de 2,$^{frs.}$087 em 1892 e de 2,$^{frs.}$111 em 1893.

Esse conjunto de dados numericos mostram que o Estado póde gerir as estradas de ferro em igualdade de condições com as emprezas particulares. Em muitos casos leva vantagem a explotação pelo Estado e isso é particularmente significativo quanto á França, sabidos como são a origem e o modo de constituir-se da rêde do Estado nesse paiz.

Os resultados relativos á Allemanha vem derruir mais uma vez o argumento opposto á explotação pelo Estado, por faltar a este o estimulo do lucro. Nesses resultados vemos a melhoria de cerca de 5 °/₀ no custo do trem-kilometro de um para outro anno. O mais curioso, porém, é o que se deduz das estatisticas francezas sobre esse assumpto. Do citado trabalho do Sr. Ricour, transcrevemos os dous quadros seguintes:

	ECONOMIA EM RELAÇÃO ÁS GRANDES COMPANHIAS		Economia em relação á rêde do Estado no exercicio de 1884
	Preço médio	Preço minimo	
Trens de mercadorias.....	5 °/₀	3,09 °/₀	21,9 °/₀
» » passageiros.....	16,9 °/₀	13,9 °/₀	18,4 °/₀
Conjunto dos trens.....	12,9 °/₀	9,3 °/₀	19,9 °/₀

Para demonstrar os melhoramentos continuos experimentados na rêde do Estado, basta inspeccionar o quadro seguinte, que dá o preço de custo de 1,000 toneladas-kilometro brutas:

		Francos
Antes da constituição da rêde.....		7,45
Rêde do Estado.....	Exercicio de 1879.....	6,34
	» » 1880.....	6,10
	» » 1881.....	5,96
	» » 1882.....	5,86
	» » 1883.....	5,69
	» » 1884.....	4,69
Grandes companhias (1883)....	Preço médio.....	5,37
	» minimo.....	5,17

Serve este quadro ainda de resposta áquelles que combatem a explotação pelo Estado, pela falta de estimulo commercial deste. Sobre esse assumpto ainda podemos adduzir a seguinte consideração: nas emprezas industriaes, onde a regra é o salariado, raramente é o pessoal interessado nos resultados commerciaes da explotação; o pessoal dirigente é o que aufere esses lucros. Ora é facil encontrar, e isso tem sido demonstrado innumeras vezes pela experiencia, funccionarios capazes de gerir vias ferreas e outras industrias independentemente do estimulo allegado. Basta para proval-o, citar a maioria dos chefes de serviços que a União tem tido até hoje. A grande questão é saber escolher o pessoal dirigente e dar-lhe liberdade de acção. A propria Estrada de Ferro Central fornece-nos provas desse asserto: emquanto houve pessoal competente á sua frente, ella apresentou resultados que podem, não diremos desafiar a critica, mas, pelo menos, merecer o qualificativo de aceitaveis. Isso é amplamente demonstrado pelo relatorio do ministro da industria e viação, apresentado em 1895, ao Dr. Prudente de Moraes. Si esse relatorio não fosse, infelizmente, mudo quanto aos percursos médios da unidade de trafego da Central, de 1858 até hoje, poderiamos deduzir o preço da tonelada-kilometro bruta.

EXERCICIOS	*Relação do custeio para a renda bruta* %	EXERCICIOS	*Relação do custeio para a renda bruta* %
1858	68,01	1877	55,47
1859	66,66	1878	42,87
1860	63,78	1879	47,50
1861	78,81	1880	43,34
1862	73,75	1881	56,62
1863	80,14	1882	56,62
1864	62,55	1883	56,56
1865	40,53	1884	57,05
1866	43,99	1885	51,73
1867	44,52	1886	56,00
1868	44,98	1887	63,96
1869	42,97	1888	54,72
1870	45,13	1889	64,90
1871	56,75	1890	76,02
1872	55,24	1891	75,37
1873	46,26	1892	86,17
1874	49,15	1893	96,33
1875	54,72	1894	104,29
1876	58,06		

Ainda existe uma hypothese que tem sido formulada e que convém estudar: a construcção pelo Estado e a explotação arrendada a emprezas particulares. Pondo de parte o que ha de singular em não explotar o Estado a sua propriedade, quando não lhe falta competencia para isso (e o quadro supra o demonstra á saciedade), convém lembrar que o arrendamento poderia representar o juro e a amortização do capital dispendido, isso na melhor hypothese; portanto, o lucro excedente iria remunerar a empreza arrendataria, emquanto que no regimen da explotação pelo Estado, esse saldo serviria para o desenvolvimento da viação. Não se póde pensar em receber de uma vez quantia igual ou pouco differente do custo da estrada, porque, nesse caso, mais conveniente seria á empreza construil-a, sujeitando-se a eventuaes lucros na construcção e ficando senhora da estrada por prazo mais longo. Além do que, esse expediente é méro paliativo e não solve definitivamente o problema; quando muito, addia este. Ora isso representa uma perda de tempo, o que em questões sociaes, equivale a uma perda de energia. Está claro que não discutimos, neste momento, a questão da vantagem decorrente de um arrendamento; ou dentro ou fóra do Brazil, uma operação destas equivaleria a um emprestimo sobre hypotheca, dando em garantia a explotação da estrada arrendada; nesse caso muito melhor, economicamente falando e sob o ponto de vista social, seria effectuar claramente um emprestimo em que sómente interviesse o credito do Estado, não alienando este, mesmo por prazo curto, a explotação de um bem publico. Si se considerar essa questão sob o ponto de vista da facilidade maior que existe em effectuar similhante operação e contrair emprestimos directos, ainda assim lembraremos que será gravar o futuro com todas as difficuldades presentes a pagar com capital do Estado, si bem que immobilizado, o serviço que só deveria pesar sobre as rendas federaes, e não ha quem ignore ser esta a peior das operações financeiras.

Existe ainda um ponto que, no Brazil, tem servido de arma contra a explotação das vias-ferreas pelo Estado: a remuneração minima do capital empregado nellas. Ha, porém, dois poderosos argumentos contra essa objecção: em primeiro lugar, a industria particular não constróe, sinão excepcionalmente, logo desde o inicio linhas realmente boas; em geral as estradas particulares

tornam-se mais aceitaveis pelas modificações e melhoramentos feitos com os lucros do trafego, diminuindo assim o capital do primeiro estabelecimento, emquanto que as linhas do Estado já são entregues ao publico em condições regulares, exigindo isso acrescimo de despezas do primeiro estabelecimento—em segundo lugar as principaes vias-ferreas da União foram iniciadas quando esses emprehendimentos ainda estavam no nascedouro entre nós e eram obrigatorios salarios elevadissimos para obter-se pessoal habilitado; hoje os preços são os mesmos e, sinão, comparem-se as construcções feitas, em igualdade de condições, pelos particulares, pela União ou pelos Estados.

A progressiva ingerencia do Estado em dominio que lhe fôra d'antes indevidamente vedado e reservado á industria particular é um phenomeno naturalissimo que S. K. Hamilton perfeitamente estudou (*Le développement des fonctions de l'Etat dans leur rapport avec le droit constitutionel*, *Révue d'Économie Politique*, février 1891), e attribuiu á necessidade de serem certas industrias exploradas em larga escala e com unidade e cohesão reciprocas. Sobre a conveniencia da transformação dos monopolios em serviços publicos, cita o professor Hamilton as seguintes razões que se applicam ás vias-ferreas:

1.º a necessidade de prover de modo cada vez mais completo ás exigencias puramente sociaes e prover a ellas de modo preventivo;

2.º o desenvolvimento technico da industria pela intervenção crescente de agentes mais poderosos (vapor, electricidade, etc.) da qual resulta economia correlata á escala da applicação feita;

3.º o facto, em virtude do qual a crescente estensão das emprezas e a necessidade imposta aos particulares de geril-as com o auxilio de pessoal assalariado diminuem relativamente, as vantagens especificas da industria particular—isto é, a intensidade do trabalho feito sob a pressão do interesse privado—pois não se póde admittir que os funccionarios publicos fiquem a dever aos empregados particulares, quando a situação relativa de cada uma dessas classes em face da administração superior (Estado ou empreza) é a mesma;

4.º os perigos oriundos da monopolização de facto de ramos inteiros da industria, e da consequente pressão nos mercados,

5.º finalmente a necessidade crescente de proporcionar a todos os membros da sociedade os meios de desenvolvimento intellectual

e material, a fim do que, pela gradual elevação do nivel, de civilização de cada um, se possa estabelecer cada vez mais uma verdadeira igualdade humana.

Por essas razões é que Hamilton considera a progressiva intervenção do Estado no outr'ora dominio exclusivo da iniciativa particular, como uma lei do desenvolvimento social.

Leroy Beaulieu (*Traité de la science des finances*) cita exemplos dessa tendencia, quando relembra o monopolio dos correios da casa Tour e Taxis em muitos estados da Allemanha, serviço este hoje monopolizado pelo Estado; o actual serviço telegraphico que das companhias particulares tendo e passar para os governos

Quanto á industria dos transportes, vemos em quasi todos os paizes a mesma tendencia manifestar-se. Na Prussia já vimos o desenvolvimento da viação ferrea do Estado, de 1850 até 1893, anno no qual as vias ferreas particulares não representavam 8 °/₀ da totalidade da extensão trafegada. Na Austria, na Russia, na Italia e na Suissa a mesma tendencia se nota. Em França, do mesmo modo poderiamos citar os esforços de Louis Blanc, Martin (du Nord), Grévy, Proudhon, Vauthier, Gambetta e outros, parcialmente nullificados pelas convenções de 1883, mas que conseguiram fundar a rêde ferrea do Estado pela lei de 18 de maio de 1873.

Em alguns estados do Brazil nota-se evolução parallela a esta socialização das forças productoras. Em Minas, por exemplo, as primeiras concessões feitas pela provincia já consignavam a reversão das vias ferreas em bom estado de conservação, findo o prazo do privilegio. Ultimamente, porém, foram tomadas medidas por tal fórma energicas que nos levam a augurar o começo de nova éra para a viação ferrea mineira e a solução completa do problema da viação consoante ás necessidades e exigencias do interesse publico. E' assim que o poder executivo foi autorizado sucessivamente a emprestar quantias avultadas ás emprezas de viação ferrea, mediante hypotheca dessas estradas (lei n. 64 de 24 de julho de 1893), a entrar em accôrdo com a E. F. Leopoldina encampando-a ou adquirindo-a (lei n. 120 de 18 de junho de 1895), a fazer os estudos de diversas vias ferreas (leis ns. 138 e 139 de 20 de julho de 1895) e, finalmente, a construir as diversas linhas favorecidas por leis anteriores.

Para combater a explotação das vias ferreas pelo Estado, não basta, pois, repetir o velho proloquio que diz não dever o Estado ser

industrial. Nada ha mais discutivel do que esta frase, relativamente á industria dos transportes; e de tudo quanto ácima ficou dito parece rezultar que não só não existe incapacidade funccional do Estado para a gerencia de vias ferreas, como tambem que ha vantagens em ser confiada a explotação dellas ao—representante dos interesses sociaes, transformando-se deste modo um monopolio em serviço publico.

Estudada a face theorica do problema da viação, convém estudarmos quaes as vantagens ou inconvenientes do projecto de alienação das estradas federaes, á luz dos dados praticos colhidos nas escassas estatisticas de trafego ministrados pelos raros documentos officiaes que ao publico é dado conhecer.

J. P. Calogeras

(*Continúa*)

AGARENO

II

(*Continuação*)

Baixando o olhar Julião reconheceu Salustio: — Oh! O mineiro subia vagarosamente parando, de vez em vez, para resfolegar e, quando chegou acima, respirou largamente, confessando «que não podia com escadas, ficava a deitar os bofes pela bocca». E, estendendo a mão ao medico perguntou: — Estás espantado de ver-me aqui tão cedo? — Não, como o copeiro annunciou o Amancio tive apenas uma surpreza... — O rapaz não conhece ainda bem os teus amigos. Julião convidou-o para o gabinete perguntando-o por D. Januaria e pelo pequeno «andava tão sobrecarregado de trabalho que nem lhe sobrava tempo para dar um pulo ao Cosme Velho».

Salustio chegou á sacada, esteve um momento a olhar o parque, lastimando «que deixassem aquillo em tamanho abandono, transformado em horta»; depois, sentando-se, espalmou as mãos nas coxas, passeiou vagamente os olhos pelas paredes, e disse: «Pois o que me traz aqui é o pequeno». Julião, assustado, perguntou: — Que tem elle? — Tem passado mal, veiu-lhe a coqueluche, isso, porém, não me daria cuidado si não fosse uma febresinha aborrecida, disse franzindo a cara e atirando uma palmada ao joelho. Está abatido, impertinente. Passa os dias menos mal, mas ao cair da noite, vem a maldita febre que o prostra; não dorme e queixa-se da cabeça. O Dr. Marçal deu-lhe uma dose mas, para dizer a verdade, eu não creio muito nas taes aguadilhas. Queria que o fosses ver hoje, essas febres

Veja *Revista* de 1 de Junho, 1 e 15 de Julho e 15 de outubro.

nas crianças são perigosas, duma hora para outra tomam um caracter mau... E' o diabo... — Vou vel-o já; é um instante. E como amanheceu hoje?—Abatido, choramingando, tossindo muito. Elle é um menino esperto, alegre e está caidinho, repelle os brinquedos, só quer a Januaria. Eu não tenho receio e, para dizer-te a verdade, é mais para tranquillizar a *velha* do que mesmo pela saude do pequeno que venho cá.— Pois é um instante; vou borrifar o corpo e, em menos de um quarto de hora estou aqui de volta para sairmos. Tem ahi jornaes; eu vou chamar Corina, é um instante. Salustio oppoz-se:—Não, deixa-a lá, está nos seus estudos; eu fico aqui muito bem.

Julião desceu ás pressas. Salustio, só, no gabinete, postou-se diante da larga estante manuelina lendo distraidamente os titulos dos livros, depois examinou as armas arranjadas em tropheus e ia para a sacada, bocejando, quando ouviu a voz de Corina:—Bom dia! Então não me queria falar? Salustio desculpou-se: — Que ella estava no seu estudo... — Que tem o menino? perguntou Corina com interesse e cuidado— Não é coisa de gravidade: uma febresinha; mas está muito aborrecido e a *velha*, quando o vê adoentado, fica que só Deus sabe... E' mais para tranquillizal-a que eu quero levar commigo o Julião.—Ah! sim, disse apenas Corina e Salustio, com um sorriso, perguntou:— Então, como vamos? que ha de novo?— Nada, disse ella encolhendo os hombros.—Como vamos de lua de mel?—Lua de mel?! mas isso já passou. Ainda hoje tivemos uma nuvemzinha no céu. —Oh! fez o mineiro com fingido espanto:—Nuvem de ciume, aposto? — De ciume? não: arrufo. Felizmente passou. Houve uma pausa que ella interrompeu dizendo:— Eu reconheço que a razão está com elle mas, que hei de fazer? sou mulher, não posso contrariar o meu temperamento. Elle entende que deve dar todo o tempo aos livros, eu entendo que elle me deve consagrar um pouco das suas horas de folga, d'ahi a nossa desintelligencia. Riram a custo e Salustio, como si quizesse fugir áquella espontanea confidencia, falou da grande lida do medico:— Estuda de mais, foi sempre assim. Quando andava na academia muitas e muitas noites eu tive necessidade de levantar-me da cama para ir arrancal-o á mesa, ás vezes de madrugada; e andava pallido, pouco comia, tinha vertigens. Isso faz mal; tudo deve ser feito com termos. Sei que um medico deve estudar para acompanhar os progressos diarios da sciencia, mas o espirito precisa tambem de distracções, de descanço; não é só pensar, isso não.—

Elle não quer saber disso, senhor Salustio. Quando lhe falo em sair, vem sempre com uma desculpa: que tem isto e aquillo a fazer, que vai ver um doente grave ou escrever uma observação e não ha convencel-o. Para onde vai leva um livro, uma revista; comendo mesmo lê, nem á mesa conversamos. Quer que eu lhe diga — devo ainda visitas de casamento. Si eu conhecesse a cidade ia só, mas não sei ir á rua do Ouvidor, confesso, sou uma matuta perfeita. — Ora! — Palavra! Nunca saí só e vinha tão poucas vezes ao Rio de sorte que estou em falta com innumeras pessoas que se queixam de mim e com razão; parece que não lhes quero a amizade, que as evito para que me não procurem. Mas, que hei de fazer si o meu marido nunca está disposto a acompanhar-me? attenuou a queixa com um sorriso. E aqui em casa mesmo vivemos separados: elle no seu gabinete, eu ao piano ou lendo.

Salustio sentia-se mal, não sabendo como responder; sorria esfregava o braço do canapé: — Sim, é natural... pois não... e Corina, garrula, sentindo-se apoiada, discorria, num tom entre reprehensivo e terno, accusando e defendendo ao mesmo tempo: porque levava uma vida insipida, mas realmente reconhecia que elle não tinha tempo para acompanhal-a... vinha da rua cançado e, concluiu: — Palavra, eu si tiver um filho, elle poderá seguir todas as carreiras menos a de medico. Não é vida! disse com um mômo de tedio; nem podem estar com a familia, pertencem mais aos outros do que aos seus. — Ah! minha senhora, infelizmente assim é preciso para fazer carreira; é assim que se faz clientela, é assim, á custa desses sacrificios, que um homem consegue alcançar uma posição. A senhora pensa que elle vai satisfeito quando, á noite, um chamado urgente vem arrancal-o do conforto? — A's vezes com chuva, ajuntou ella; e o mineiro continuou: — Para longe! Custa, eu bem sei que custa mas, si elle começar a negar-se a um e a outro acabará por não ser procurado. E' preciso; são os ossos do officio.

Ouvindo passos Corina voltou a cabeça justamente quando Julião apparecia á porta do gabinete, num *jupon* felpudo, com os cabellos erriçados: — Agora é um instante. Já offereceste alguma coisa ao *velho*? perguntou: café, cognac... um calice de cognac? — Nada, não quero nada; mas Julião, adiantando-se, disse: olhe, quer saber uma coisa? aquillo é impaludismo; é daquelle corrego. Eu vou ver e si fôr o que penso trago-o hoje mesmo commigo para passar aqui uns

dias e isso basta.— Talvez seja! disse Salustio.— Tenho certeza, affirmou Julião e, esfregando a cabeça, seguiu pelo corredor.

O mineiro, receioso de que Corina voltasse ás confissões, pediu novas da familia,—Iam todos bem; recebera carta do pai e estava com vontade de ir passar uns dias com elle; tinha saudades da roça. Julião perguntou do quarto:— «Como vai o Helvecio?» Salustio poz-se de pé, esticando as calças e, alto respondeu: — Ora! como ha de ir... Não se separa da seringa; é um caso perdido. «E o nosso Amancio que não tem apparecido, ha mais de um mez? Que será feito delle?» «Não sei; não o tenho visto. Talvez ande por fóra vendo terras porque agora a mania é a lavoura, quer ser lavrador, aquillo tambem não aquece lugar...» «Faz falta...» «Muita!» Corina interrompeu o dialogo dizendo: — Que creatura alegre!—Oh! fez Salustio, não ha tristeza que resista a uma das gargalhadas do Amancio; então quando começa a rir é um nunca acabar e ouve-se a duzentos passos. Os vizinhos sabem quando elle vai lá á casa.— Mas exagera um pouco, disse Corina sorrindo maliciosamente.— Sim senhora, um pouco, mas tem graça. Elle mesmo confessa que não póde contar nada sem um bocadinho de exagero; dão-lhe um caso e elle, antes de o passar adiante, tempera-o com um pouco de sal e de imaginação; elle mesmo confessa. E Salustio riu dizendo com um balanço de cabeça e os olhos em alvo:—Mas é uma perola! a senhora não imagina. E' homem que não póde ver ninguem soffrer.—Eu sei: Julião fala-me sempre — Julião... mas elle mesmo não conhece muitos dos segredos delicados daquella vida ruidosa, minha senhora. E' uma perola, creia; é uma perola! E' capaz de empenhar a camisa do corpo para fazer um beneficio. E não parece. Ninguem dirá que o homem daquellas gargalhadas, o Amancio pantafaçudo é um coração como é.—« E o sitio de Mendes? que tal é?» —« Não sei, Julião... » — « Corina! » — « Hein?! Com licença »...

De novo só, Salustio sentou-se e baixou a cabeça pensativo tamborilando nas bordas do canapé: — Ah! era bem differente da outra... bem differente! Muito cedo começava a queixar-se. Mas tambem porque não havia elle de, uma ou outra vez leval-a a passeio, ao theatro, á sociedade. Para uma moça como ella, nova e ardente, a vida não podia ser estreitamente limitada pelas paredes duma casa mas, coitado! tantos affazeres tinha que as horas mal lhe sobravam para descanço. Emfim! suspirou concluindo o seu

pensamento, melhor fôra que se houvesse deixado ficar como estava. Ouviu passos e Julião apresentou-se vestido: — Prompto! Salustio levantou-se: — Vamos! — Não almoçam? perguntou Corina. — Não, almoço lá. Ella sorriu contrafeita mas disfarçou dizendo: — Vou então mandar arranjar o quarto para o menino. Elle ha de vir com a ama. Ou quem sabe si queres que elle durma comnosco? talvez seja melhor... — Não; si vier ficará no seu quarto, mesmo porque elle precisa de ar. Vamos! Até logo. — Em todo caso, Julião, si não te fôr difficil, caso o não tragas, antes de desceres, passa por aqui para dizer-me como vai elle, sim? — Sim, passo. Salustio despediu-se insistindo com ella para que fosse passar um dia lá em cima. Corina esticou o labio indicando Julião: — Isso é com elle... Sairam. Em caminho Salustio falou a Julião: — Homem, tu precisas sair um pouco com essa menina, não é tel-a em casa encerrada sempre como uma freira. — Ah! ella já deu queixa... logo vi. — Não, não se queixou, conversamos. Fui eu quem me queixei do seu esquecimento porque não nos visita. Ella não conhece a cidade, não ha de sair só nem com uma criada... — Porque não toma um carro? Eu não me opponho a que ella saia, antes insisto com ella para que visite os parentes, as amigas... mas não, ha de ser commigo sempre, entende que devo deixar as minhas obrigações, os meus affazeres para andar de um lado para outro, correndo as casas de Botafogo, de noite e de dia ou palmilhando a rua do Ouvidor para ver as fazendas e as joias das vitrinas, quando tenho chamados urgentes. Isso não é possivel, ou bem uma coisa ou bem outra. Levo-a ao theatro, levo-a a concertos mas comprehende que não posso comparecer a todas as festas mesmo porque não acho prazer nessas coisas. Ha certas verdades que não devem ser confessadas porque são ridiculas, mas eu não tenho reservas com o senhor. Quer saber? não posso com essa vida de sociedade, detesto a sociedade. Sei que isto é um defeito adquirido na minha concentração de tantos annos, reconheço que é um defeito como disse, mas não posso contrafazer-me. Não imagina quanto me aborreço num salão entre damas, a ouvir coisas, na dura obrigação de ser galante, de ter espirito. Não é que me sinta inferior a este ou áquelle, não faço essa injustiça, nem á minha educação, nem á minha intelligencia, tenho tedio. Não posso ficar uma hora a sentir o arôma morno dos salões, a ouvir o frú-frú das sedas e os risinhos e as meias falas, sob a luz quente dos lustres, movendo-me entre

pares que rodopiam, passando por incivil, porque não danso e por macambuzio porque não faço brindes, á mesa; obrigado a dirigir cumprimentos á direita e á esquerda, preoccupado com as caudas que passam lentamente, de rastos, para que não as pise e com respostas que tenho a dar sobre assumptos politicos quando, na maioria das vezes, emquanto o meu interlocutor discorre, eu penso em coisas muito diversas e tenho o espirito longe... levantando-me a todo momento para ser apresentado a fulano, a sicrano, mais um que se agarra a mim para conversar e que me não larga... Do meu corpo é que eu tenho pena, meu caro senhor Salustio, o meu mal estar é todo physico porque, quando vou a esses salões o meu primeiro cuidado é deixar fóra o espirito como deixo no vestibulo o meu pardessus—o que fica afundado numa poltrona ou encravado no vão duma janella é só o corpo, o espirito está longe... Não posso, não está em mim, entedio-me. Sou um urso. Entendo que a vida está ali no meu gabinete. Sou como esse simples camponio suisso para o qual o mundo era o pequeno espaço limitado pelas montanhas do seu cantão. Não posso...— Mas, não é por ti, homem de Deus, é por ella. Comprehendes que uma senhora carece dessas coisas; a alegria da mulher, que é a sua hygiene moral, exige essas futilidades — Pois sim! exclamou parando de repente, mas a verdade é que eu não casei para andar d'aqui para ali com a pelissa de minha mulher no braço. Andaram. Justamente chegando á esquina passava um bond das Larangeiras. Vamos!

D. Januaria recebeu-o queixosa :—Ah! Julião! você está ficando muito esquecido. O pobrezinho ainda hoje de manhan chamou por ti. Julião, depois de beijar a mão enrugada da bôa senhora, desculpou-se :— Não sabia. E como ia elle ? Está agora passando pelo somno ; tomou uma chicara de leite e adormeceu. No mesmo instante, porém, ouviu-se a tosse convulsa da criança. D. Januaria meneou tristemente com a cabeça: — Ah! meu Deus! é sempre assim; logo que elle vai descançando um pouco vem a maldita tosse. Lá está elle chorando... e precipitou-se afflicta ; Julião e Salustio acompanharam-na. O quarto, de janellas cerradas, estava em penumbra. Sobre a commoda uma lamparina accesa alumiava a imagem risonha duma Conceição e varios registros emmoldurados que ornavam a parede formando a guarda divina da criança. Diante da pequenina cama do enfermo a ama, ajoelhada, com os cotovelos fincados no

colchão macio, ciciava ninando. Ao dar com D. Januaria, que entrara em pontas de pés a negra fez um aceno significando que elle readormecêra. Pararam os tres, em grupo; depois, passo a passo, surdamente, aproximaram-se.

Paulo dormia, de costas, os braços abertos, os finos cabellos espalhados pelo travesseiro, a bocca entre-cerrada; via-se-lhe o peitinho baixar e subir accelerado e afflicto e, por vezes, a cabeça, como numa dolorosa agonia, rolava no travesseiro, contraiam-se-lhe os dedos das mãosinhas e a ama, para que elle não despertasse ciciava de novo batendo-lhe, muito de leve, no peito com a mão espalmada. No chão—o corpo dum polichinello sem cabeça; um cavallo sellado e um clown com os braços abertos tendo nas mãos cymbalos doirados, ria, dentro duma carrocinha cheia de caixas de phosphoros.

— Está magrinho; disse em segredo Julião olhando enternecidamente a criança. D. Januaria accentuou :—Tem soffrido tanto! Corta o coração ouvil-o tossir... e, alem da tosse, essa febre morrinhenta de todas as noites. Julião quiz ver os medicamentos e fez cara quando lhe mostraram os vidros de tinturas homœopathicas.— Elle tem tossido muito? perguntou á negra.—A's vezes... Um silvo agúdo fugiu do peito da criança cuja face logo se contraiu soffredoramente; escancellou a bocca e a tosse veiu violenta, longa, angustiosa, tomando-lhe o folego, agitando-o. Abriu os olhos agoniadamente e sentou-se, tossindo; a côr, de pallida, se lhe foi tornando roxa. Cercaram-no piedosamente; a ama tomou-o ao collo, soprando-lhe na bocca como si lhe quizesse transmittir o ar dos seus pulmões sadios e, quando o accesso abrandou, o pobrezinho derreou a cabeça sobre o hombro da negra, chorando debilmente como si já lhe fallecessem as forças. Julião adiantou-se com os braços estendidos, os olhos rasos d'agua: — Então, meu filho... que é isto? A criança, ouvindo a voz do pai, levantou a cabeça e reconhecendo-o sorriu.— Papai... disse D. Januaria com muita ternura.— Papai... repetiu Salustio. Paulo estendeu mollemente os braços para Julião que o tomou ao collo, beijando-o: — Meu filhinho está doente? elle affirmou com a cabecinha.— Muito? Onde é que dóe? conta a papai. Paulo espalmou a mãosinha no peito, depois levou-a á cabeça.— Meu filhinho quer vir com seu papai! A criança procurou com o olhar languido D. Januaria e, logo em seguida, fitou o pai como si impuzesse uma condição;

depois acenou affirmativamente mas de novo o guincho lhe saiu do peito num esforço de inspiração.—Decididamente elle precisa sair d'aqui. E' bem possivel que tudo desappareça com a simples mudança de ar. Elle agora não tem febre...— Você quer leval-o? perguntou assustada D. Januaria. — Sim senhora, por uns seis ou oito dias. Mandei preparar um quarto para elle e a ama.— Mas eu creio que não é preciso, elle agora está muito melhor; não é verdade, Brigida? A negra confirmou: — E', sim, senhora. A' vista desses dias isso não é nada. Não vê que elle ficava tanto tempo assim sem tossir.—Pois então? eu acho que não é preciso... Mas Salustio interveiu: — Não, sempre ouvi dizer que, para essas molestias, não ha como a mudança de ar: concordo com Julião. O pequeno passa lá uns dias, mesmo por causa da febre que me parece uma intermittentesinha manhosa com essa historia de só apparecer a horas certas da noite. Eu sei que te custa mas tem paciencia, é preciso. — Por isso não, si D. Januaria quer vir com elle ha commodos lá em casa. Os dois velhos trocaram rapidamente um olhar de intelligencia e D. Januaria disse: — Não, eu vou todos os dias vêl-o... desde que é preciso... O que eu quero é que elle fique bom... Coitado do meu filhinho e beijou amorosamente a criança; depois com cuidado: E como quer você leval-o? só em um carro fechado e bem agazalhado. — Por certo, concordou Salustio: manda-se vir um carro. — E o quarto? perguntou a velha. — E' magnifico. — Você quer que eu mande a caminha delle? — Não, senhora. Já está tudo arranjado para recebel-o. Corina encarregou-se de mandar preparar o quarto. Mesmo eu acho conveniente que elle não torne a deitar-se nesse colchão. Os velhos olharam para a cama do pequeno como si ali quizessem descobrir alguma coisa e D. Januaria, resignada, disse: — Pois sim, tira-se. E logo em seguida, solicita: — Mas eu acho melhor esperar que o dia aqueça mais, mesmo para dar tempo a que Brigida vá arranjando a roupa que tem de ir. — Sim, depois do almoço; nós vamos almoçar primeiro, disse Salustio, fazendo uma festinha á criança. Paulo, mais alliviado, poz-se a contar uma historia complicada de cães e de soldados que D. Januaria explicou: o cão de casa, saindo á rua, investira contra um soldado da patrulha que, para defender-se, arrancára do refle ferindo o animal que ainda estava em tratamento e inutilizado de uma das patas.

Julião não achou gravidade no estado da criança e, ao almoço, D. Januaria pediu noticias de Corina. Elle disse, sorrindo: — Tivemos hoje o nosso primeiro arrufo. — Já?! exclamou a velha. — E porque! por causa de passeios, explicou Salustio enchendo o copo. —Ah! sim, mas é natural, disse D. Januaria, você parece um monge, Julião, ou um Othelo. — Nem uma coisa nem outra, sou apenas um fatigado. — Houve uma pausa e todos, calados, attentos, ouviram a tosse do pequeno. — Que desespero de tosse! suspirou D. Januaria. — E' horrivel! disse Salustio e Julião, retomando o talher, repetiu lentamente: — Pois é isso: sou apenas um fatigado.

Depois do almoço o Paulo, muito embrulhado, passou pela sala ao collo da ama para o carro que os esperava á porta, Julião procurou D, Januaria para despedir-se: — Que é della? Está lá para dentro; disse Salustio commovido — não quiz vêr sair o pequeno. Até logo! E' bem possivel que, á noite, demos um pulo até lá. Julião ia já á porta quando ouviu a voz tremula da *velha*, vinda do fundo do quarto: — «Agazalha-o bem...» Sim, senhora. Até logo! E Salustio, estendendo-lhe a mão: Vê lá ao desembarcares, aquelle arzinho da barra. — Não ha duvida. Até logo. E Julião bateu com força a portinhola da caleche.

COELHO NETTO

(*Continúa*)

FUNCÇÃO DO SUPREMO TRIBUNAL

Cuidamos de dar perfunctoria noção do papel distribuido, em nossa organização judiciaria, ao Supremo Tribunal Federal.

Succedeu este, como o proprio titulo indica, ao extincto Supremo Tribunal de Justiça, mas com attribuições muito mais amplas e elevadas.

Além dos processos de responsabilidade de certos réus privilegiados, de limitada acção administrativa, dos pedidos de *habeas-corpus*, e da attribuição, de que nenhuma vez usou, de tomar assentos com força obrigatoria para intelligencia das leis civis, commerciaes e criminaes, quando na execução dellas occorressem duvidas manifestadas por julgados divergentes [1], o antigo Supremo Tribunal de Justiça apenas conhecia dos recursos de revista, mediante os quaes mandava revêr, por um tribunal de Relação designado com attenção á commodidade das partes, as sentenças proferidas em ultima instancia, nos casos de injustiça notoria, ou nullidade manifesta, ou, tanto valia, proferidas contra direito expresso, segundo a definição da carta de lei de 3 de novembro de 1763, §§ 2° e 3°.

O Supremo Tribunal Federal, além da competencia para certos processos crimes, de responsabilidade e communs, de réus privilegiados, para acção administrativa referente aos magistrados federaes, e para o *habeas-corpus*, originario ou em grau de recurso,

[1] Dec. legislativo n. 2.684 de 23 de outubro de 1875, art. 2°

conhece, em vez das revistas do antigo processo, hoje abolidas, dos recursos extraordinarios e dos de revisão, ambos creados pelo direito republicano,—os primeiros para as decisões finaes das justiças locaes, dos Estados e do Districto Federal, em casos expressamente declarados na Constituição, em que cumpre manter a autoridade e preeminencia da lei e acção federal ou evitar litigios e reclamações internacionaes [1] — os segundos, nos processos findos, em materia crime, para revêl-os, a qualquer tempo, em beneficio dos condemnados, para reformar ou confirmar a sentença [2].

Até aqui, as attribuições do Supremo Tribunal republicano paral lelas ás do extincto Supremo Tribunal de Justiça; outras, porém, exerce aquelle que este não possuia.

O Supremo Tribunal Federal é segunda e ultima instancia na justiça federal, isto é, para todas as causas julgadas em primeira instancia, em cada Estado e no Districto Federal, pelos juizes de secção.

Taes causas são as enumeradas no art. 60 da Constituição: as em que alguma das partes fundar a acção ou a defeza em disposição da Constituição federal; as propostas contra o governo da União ou fazenda nacional, fundadas em disposições da Constituição, leis e regulamentos do poder executivo, ou em contractos celebrados com o mesmo governo; as provenientes de compensações, reivindicações, indemnisações de prejuizos, ou quaesquer outras, propostas pelo governo da União contra particulares, ou *vice-versa*; o litigio entre um Estado e *cidadãos* de outro, ou entre *cidadãos* [3] de Estados diversos, diversificando as leis destes; os pleitos entre Estados estrangeiros e cidadãos brazileiros; as acções movidas por estrangeiros e fundadas quer em contractos com o governo da União, quer em convenções ou

---

[1] Veja-se o nosso estudo *Do recurso extraordinario*, no 41° fasciculo desta *Revista*.

[2] Const., art. 81, cuja disposição não reproduz a limitação «excepuadas as contravenções», que se encontra no art. 9°, n. III, do dec. n. 848 de 11 de outubro de 1890, limitação que só por inadvertencia se tem guardado em algumas decisões do Supremo Tribunal.

[3] Aqui, e tambem, em nosso entender, no art. 72 § 29, a Constituição empreza o termo *cidadãos* como synonimo, não de *nacionaes*, como na generalidade dos casos, mas de *habitantes* do territorio, o que, para a especie do art. 60, letra d, é manifesto pelo confronto com a disposição do art. 15, letra c, do dec. n. 848 de 1890.

tratados da União com outras nações; as questões de direito maritimo e navegação, assim no oceano, como nos rios e lagos do paiz; as questões de direito criminal, ou civil, internacional; e os crimes politicos.

Vê-se que em todas essas causas domina o interesse federal, que lhes abre o ingresso para as justiças da União. D'ahi provém que aos casos expressamente determinados na Constituição, que acabamos de reproduzir, primeiro a jurisprudencia do Supremo Tribunal e depois a lei que completou a organização da justiça federal, a de 20 de novembro de 1894, acrescentaram novos casos de competencia desta justiça, e, por outro lado, limitaram a estensão injustificavel a que o texto constitucional conduziria, si apenas á letra se lhe attendesse.

Casos de ampliação, por se conterem implicitamente nos poderes expressos da Constituição, temos os dos arts. 20 e 22 da citada lei de 1894, entre os quaes o julgamento dos crimes de moeda falsa, de contrabando e contra o livre exercicio dos direitos politicos.[1]

Exemplo de restricção da competencia constitucional das justiças federaes por lei ordinaria, temos no que se refere ao julgamento dos crimes politicos: este, sem limitação alguma, é pela Constituição attribuido áquellas justiças; mas similhante illimitação offendia, sem duvida, a autonomia e legitima esphera de acção das justiças locaes, unicas a que devia pertencer o processo e julgamento dos crimes politicos que só affectassem algum Estado confederado, sem transcender os limites deste. Porisso, dispoz sábiamente a lei de 20 de novembro de 1894, no art. 83, que « a jurisdicção privativa da justiça federal em relação aos crimes politicos não

---

[1] Um dos descuidos da lei n. 221 de 20 de novembro de 1894 é enumerar, no art. 22, entre as attribuições que ao Supremo Tribunal Federal competem, *além das expressas na Constituição*, a de processar e julgar originaria e privativamente os juizes federaes inferiores nos crimes de responsabilidade, quando tal attribuição já se encontra expressa na Constituição, art. 57 § 2.º

— Não mencionamos entre os casos de jurisdicção da justiça federal, ampliada por lei ordinaria, o do recurso eleitoral estabelecido pelo dec. n. 184 de 23 de setembro de 1895, art. 5º, paragrapho unico, pois é duvidoso que vigore e se observe, porque de nenhum modo se filia ás attribuições constitucionaes do tribunal, de fórma que se possa escudar com a theoria dos *poderes implicitos*.

comprehende os praticados contra as autoridades dos Estados ou contra a ordem e segurança interna de alguns delles por nacionaes ou estrangeiros nelles domiciliados, salvo nos casos dos crimes que fôrem causa ou consequencia de perturbações que, nos termos do art. 6.º da Constituição, occasionem uma intervenção armada federal. »

E' para lastimar que tão razoavel restricção, perfeitamente consoante á indole do systema federativo e á dualidade de justiça em nossa organização judiciaria, esteja ameaçada de cessar pelo projecto do senado n. 46 deste anno, actualmente em segunda discussão naquella casa do Congresso, declarando revogado o art. 83 da lei de 1894.

Outra restricção é a que o art. 23 da mesma lei de 1894 faz á ampla attribuição dada pelo decreto n. 848 de 1890, art. 47, ao Supremo Tribunal Federal, como aos juizes de secção, para a concessão originaria do *habeas-corpus*. Tambem em homenagem ao principio da separação e independencia das justiças locaes e federaes, a temos por acertada e conveniente, e no Supremo Tribunal a temos observado, não conhecendo dos pedidos originarios de *habeas-corpus* em caso de crime commum, si se não verifica alguma das excepções legaes ali previstas—ser o constrangimento exercido contra juiz ou funccionario federal, ou haver imminente perigo de consummar-se a violencia, antes de outro tribunal ou juiz poder tomar conhecimento da especie em 1ª instancia.

Conhecidas assim, *per summa capita*, as attribuições do Supremo Tribunal Federal e o respectivo fundamento, ora constitucional, ora de lei ordinaria, digamos que as mais importantes dellas são as que consistem em julgar inapplicavel á especie controvertida em juizo, por offender a Constituição ou a lei da União, alguma lei ou acto estadual, e em annullar, como illegal, no todo ou em parte, o acto ou decisão de autoridade administrativa da União que offenda qualquer direito do individuo.

Andam até agora mal discriminadas pelo vulgo estas noções: é, pois, util esclarecer a differença que existe entre as attribuições indicadas, as quaes apenas se assemelham pelo destino commum de invigorar um acto official que se opponha á Constituição ou ás leis da Republica, lesando direito de alguem.

Si o acto é lei de legislatura estadual, ou emana do poder executivo de um Estado, quem primeira e originariamente tem de

conhecer delle, por via de acção judicial, é a propria justiça do Estado em que se praticou; da decisão final dessa justiça, si confirma o acto impugnado, é que pertence ao Supremo Tribunal Federal conhecer, em grau de recurso extraordinario. E' attribuição creada pelo dec. n. 848 de 11 de outubro de 1890, art. 9º, n. II, paragrapho unico, e confirmada e modificada pela Constituição, art. 59, § 1º, e art. 61.

Si, porém, se trata de acto ou decisão de autoridade administrativa federal, é caso de competencia exclusiva das justiças federaes, isto é, do juiz seccional em 1ª instancia e do Supremo Tribunal Federal em grau de recurso e em ultima instancia. E' attribuição que tem origem no art. 60 da Constituição, mas especialmente estabelecida, desenvolvida e regulada pelo art. 13 da lei n. 221 de 20 de novembro de 1894.

A acção ahi creada não ha de concluir pedindo, como incorrectamente têm feito alguns autores, a annullação da lei arguida de inconstitucional, mas, sim, a do acto administrativo, lesivo de seu direito, e que se demonstre illegal «em razão da não applicação ou indevida applicação do direito vigente», na frase da ultima disposição citada, § 9º, lettra *a*.

Não póde tampouco a justiça federal, na parte decisoria da sentença, neste caso como no anterior, de recurso extraordinario, annullar lei alguma, sinão, sómente, considerando, nos fundamentos da decisão, respectivamente a cada uma das duas especies de que tratamos, inconstitucional ou contraria ás leis da União a lei estadual em que se funda o acto contra o qual se acciona, ou illegal o acto administrativo federal, ou inapplicavel a lei da União manifestamente inconstitucional ou o regulamento manifestamente incompativel com as leis ou com a Constituição, para, na primeira hypothese, concluir decretando a reforma da sentença recorrida da justiça estadual e fazendo prevalecer a Constituição ou lei federal postergada, e, na segunda hypothese, para assegurar o direito do autor.

Ainda mais: a sentença que annulla, no todo ou em parte, um acto administrativo illegal, ou fundado em lei inconstitucional ou em regulamento contrario á Constituição ou lei federal, não póde, sem abuso e excesso de autoridade, sem invasão da esphera da administração, ir além da nullidade do acto desta: não póde, por exemplo, reintegrar o funccionario publico illegalmente

demittido, aposentado, jubilado ou reformado, nem promover o illegalmente preterido; ha de cingir-se a annullar o acto questionado, condemnando a fazenda nacional a compor ao autor os prejuizos que do acto annullado lhe hajam provindo e emquanto essa causa não houver cessado.

Então, naturalmente, o governo da União, para eximir-se ao onus da indemnisação judicialmente decretada, não se descuidará de pôr termo á situação, reparando, por acto de sua competencia, a infracção do direito, isto é, reintegrando ou promovendo, no caso figurado.

Assim, bem comprehendida esta importante funcção da justiça federal, só proveitosos resultados se hão de colher do seu regular exercicio; nem este, na pratica intelligente e discreta, offerece o menor perigo de collisão e attrito entre o poder judiciario e o administrativo.

LUCIO DE MENDONÇA

A PLANTA DA RESURREIÇÃO

Quando iniciei os meus estudos de botanica cujas primeiras noções me foram dadas pelo mestre insigne e dedicado amigo Dr. André Rebouças, uma das plantas que maior interesse me despertaram foi a curiosa crucifera *Anastatica Jerochuntina* vulgarmente chamada rosa de Jerichó.

Oriunda dos desertos da Arabia e das planicies arenosas do Egypto e da Syria, pequenina, não excedendo no maximo de 10 a 12 centimetros de altura desde a extremidade do raiz á fronde, annualmente, depois que florece, perde as folhas e o vento a transporta até a beira mar onde o europeu a apanha já secca, sem chlorophyla, reduzida á fórma de um novello rigido, para exportal-a para os quatro cantos do mundo, explorando a superstição que a acompanha e transformando-a em um artigo de commercio rendoso por causa das suas notaveis propriedades hygroscopicas.

Possuindo um exemplar da curiosa planta, que ha mais de vinte annos jaz no fundo de uma gaveta mantendo sempre as suas notabilissimas propriedades, muitas vezes, durante o meu tempo de estudante, perguntei a mim mesmo, vendo desabrochar as suas flores seccas e distender os seus ramusculos ao contacto da agua numa verdadeira resurreição, si no Brazil, que possue a mais rica flora do mundo, não haveria uma planta similhante dotada das mesmas propriedades.

Eu já sabia então que, além da rosa de Jerichó, muitas outras plantas existiam, estudadas e classificadas, principalmente cryptogamas das familias dos *Fetos* e *Lycopodiaceas*, que apresentavam os mesmos phenomenos de revivescencia ao contacto da agua, e naturalmente sentia-me inclinado a pensar que na estensa flora cryptogamica brazileira algum genero devia existir com as mesmas propriedades. De mais, á minha mente surgia a imagem de uma

planta americana — O *Polypodium incanum* — féto musgoso, originario da America do Norte, cujas folhas se contraem e enrolam sob a acção do calor, desenrolando-se sob a acção da humidade (hoje acclimado na Europa, onde os argentarios e os amantes de curiosidades a cultivam em jardins no unico intuito de mystificar os ingenuos com resurreições surprehendentes) e o simples facto de ser a planta oriunda da America do Norte me robustecia na fé de existir identica na America do Sul, principalmente no Brazil.

Depois, aos poucos, com o correr dos annos, fui tendo noticia de outras, umas originarias do Mexico, outras do Perú, (existiam portanto na America do Sul), entre ellas a *Selaginella lepidophylla*, que vegeta em toda a vertente leste do cordilheira dos Andes. Até que um dia, passando os olhos pela volumosa *Flora Brasiliensis* de Martius, deparei com a monographia de uma *Selaginella convoluta*, que possue as propriedades hygroscopicas da rosa de Jerichó e que vegeta nos sertões da Bahia e nas cercanias de Pernambuco e do Rio de Janeiro.

Afinal verificava que a minha crença não era uma chimera, o simples sonho de uma mente demasiado fantasista. Mas, onde a planta? Como obtel-a?

Inutilmente a procurei nos arrabaldes do Rio e a muitos amigos residentes na Bahia e em Pernambuco escrevi, pedindo-lhes me déssem noticia do curioso vegetal e, caso possivel, me enviassem um exemplar. Desses a quem escrevi um apenas me informou que, effectivamente, existiam nos pastos do interior de Pernambuco uma planta rasteira, gozando da propriedade de reverdecer em horas ao contacto da humidade, a qual lá era conhecida pelo nome de *Jerichósinho*, não lhe sendo possivel enviar-me um exemplar por não o possuir na occasião. Foi tudo.

Correram annos, e agora, quando menos me preoccupava com a planta descripta na *Flora* de Martius, eis que sou agradavelmente surprehendido com a seguinte carta do Ceará, assignada pelo *padeiro mór* da fecunda associação literaria tão suggestivamente denominada « Padaria Espiritual » — Rodolpho Theophilo que com ser um distincto e infatigavel operario das letras, nem por isso deixa de ser um apaixonado pelas coisas da natureza, um naturalista quasi, tal o amor que dedica ás sciencias naturaes e principalmente á botanica:

« Fortaleza, 8 de agosto de 1896.

Já lhe tinha escripto hontem, quando me chegaram ás mãos, vindos do sertão deste Estado, alguns exemplares da curiosa planta que lhe envio inclusa.

Não é a mesma que V. descreve na sua « Botanica Amorosa », porém muito similhante. Não é uma phanerogama, como a rosa de Jerichó, mas uma cryptogama.

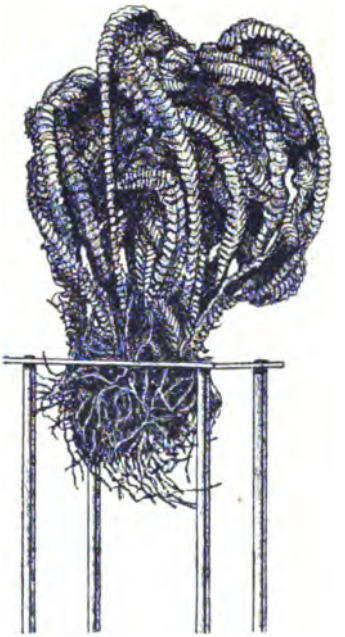
Ponha-a em agua e verá que, ao fim de algumas horas, ella se desenroscará, aprumará os ramusculos e se colorirá de um verde tão lindo como o das folhas viçosas pejadas de chlorophylla.

Não sabia eu da existencia desta planta no Ceará! Sei-o agora, sabendo igualmente que vive entre pedras geralmente sobre os lagins.

E quem dirá, vendo-a fanada, secca, sem um signal de vida, que basta uma gota de agua para fazel-a reviver, resuscitando-a da morte apparente!

Resuscite-a o autor das «Caricias» e verá como são delicados os contornos da filha dos quentes sertões do Ceará.»

Dentro desta amabilissima e promissora carta vinha effectivamente um pequeno novello vegetal, secco, mirrado, achatado pela compressão da sobrecarta, de raizes filiformes, em cabelleira, igualmente seccas (esse mesmo exemplar que com esta noticia envio ao director da «Revista Brazileira» para que o resuscite e o exponha á curiosidade dos estudiosos do Rio de Janeiro)[1] tal como o representa a Estampa I, aliás em tamanho um pouco maior que o natural.



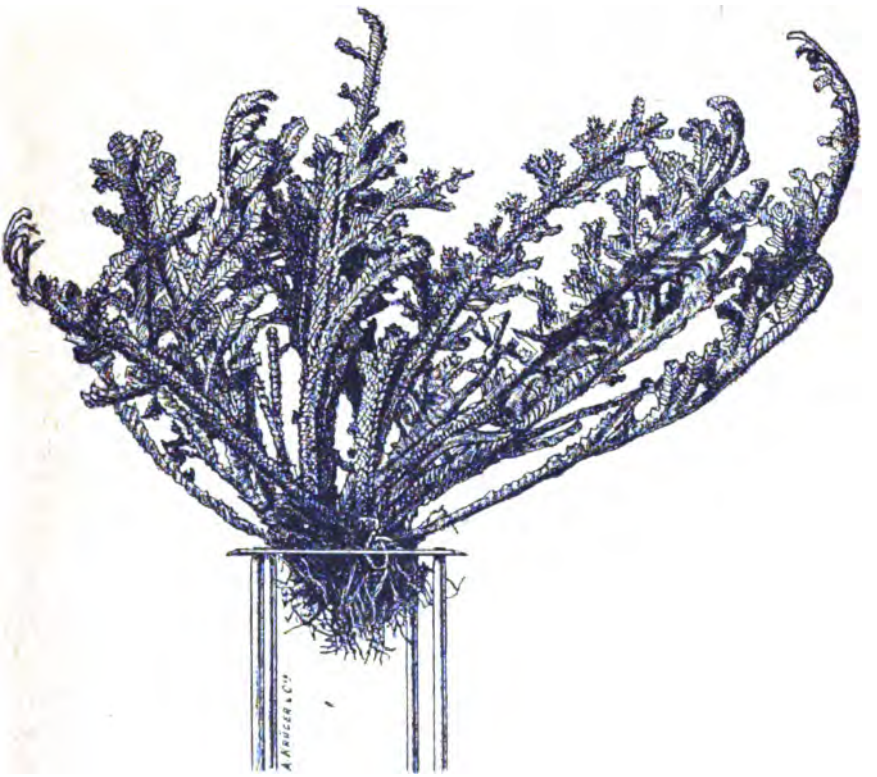
ESTAMPA I.

Selaginella Theophilo Cearensis? A planta secca, fechada. Tamanho um pouco maior que o natural.

1 O exemplar a que se refere o autor póde ser visto no escriptorio da *Revista*.— N. da R.

Imaginem do meu açodamento em metter o novello dentro de um copo d'agua e da minha anciedade esperando que elle resurgisse. A principio julguei que estava em presença de um féto cuja fronde tão caracteristica tem a involução heliçoidal, maximé quando começa a seccar. Mas, aos póucos, á medida que o novello se desenrolava pela absorpção da agua e que os ramos iam apresentando os seus foliolos turgidos, brilhantes, cheios de virente chlorophylla, imbricados, percebi que me havia enganado e que estava ou devia estar em frente a uma lycopodeacea ou selaginella, cuja fronde é mui commummente confundivel com a dos fétos.

Immersa na agua ao anoitecer, só no dia seguinte ás cinco horas da manhan eu vi a planta completamente aberta e rediviva, tal como a representa a Estampa II.



ESTAMPA 2

Selaginella Theophilo Cearensis ? A planta aberta, rediviva. Tamanho natural.

Foi só então que eu tive o indizivel prazer de a admirar em toda sua belleza, vendo, cheio de alegre pasmo, diante de mim, viva, cheia de viço, verdejante e erecta a linda selaginella dos sertões do Ceará que, na vespera á noitinha, eu immergira n'agua, secca, encolhida, sem indicios de chlorophylla, evidentemente morta!

Selaginella era ella, sobre tal não me restava duvida; mas de que especie? Seria a *Selaginella lepidophylla* que habita o Mexico, o Perú e toda a face léste da Cordilheira dos Andes, descripta por A. Braun na monographia «Revisio Selaginellarium Hortencium» (Tomo XIII, Fasc. I de *Annales des sciences naturelles*) e tambem na «Acta horti Belgiani» da Suecia onde se encontra um magnifico desenho colorido dessa cryptogama? Seria a *Selaginella convoluta* descripta por Spring (que era o monographista das lycopodeaceas) na «Flora Braziliensis» de Martius (Vol. I, parte II, pag. 131 e 132) a qual habita os sertões da Bahia e as cercanias de Pernambuco e do Rio de Janeiro?

Estudando, confrontando a planta com as diagnoses e os desenhos assaltaram-me duvidas em reconhecer no exemplar que recebi do Ceará qualquer das duas especies citadas muito embora apresente elle notavel similhança principalmente com a *Selaginella convoluta* de Martius.

Não sendo um phytographista, nunca me havendo dedicado seriamente a esse ramo da botanica, estudando e conhecendo esta sciencia nas suas linhas geraes sem immiscuir-me muito nas minucias da taxonomia, é possivel que esteja em erro recusando-me a reconhecer na planta do Ceará a *Selaginella convoluta* que, segundo Martius, é encontrada em tres estados do Brazil. Mas já o facto de Spring não assignalar o Ceará na sua monographia, seria o bastante para justificar o meu escrupulo, si não encontrasse eu entre o exemplar que me veiu do Ceará e os desenhos e diagnoses de Spring divergencias que justificam o meu escrupulo. Por isso, preferi considerar a planta como uma especie nova, dando-lhe provisoriamente a denominação de *Selaginella Theophilo Cearensis*, que recorda a procedencia e o nome do estudioso, que primeiro a viu e m'a enviou. Que os entendidos, á vista do exemplar remettido ao director da *Revista Brazileira*, decidam o caso, corrigindo o meu erro ou mantendo a minha convicção. Tal foi o intuito que me levou a escrever este artigo.

Mas, resta ainda uma interrogação a fazer: será esta Selaginella o *jericósinho*, de que me deu noticia o amigo pernambucano, planta rasteira que, com alguns borrifos da agua do céu, resurge

transformando de uma hora para outra terrenos na apparencia maninhos em pastos ferteis e virentes?

Que algum dos leitores pernambucanos da *Revista Brazileira* envie alguns exemplares do *jericôsinho* a quem estas linhas traça e a duvida desapparecerá pelo confronto com a planta cearense. E assim ficaremos sabendo si a planta que vegeta nos sertões do Ceará é a mesma que surge, morre e resurge nos campos de Pernambuco e ainda si esta é a *Selaginella convoluta* de Martius. Igual pedido faço aos leitores Cariocas e Babianos. Como esclarecimento, acrescentarei que entre a *Selaginella Theophilo Cearensis* e a *lepidophylla*, que habita o Perú e a face léste dos Andes, onde é conhecida pelos nomes vulgares de *Selaginella rediviva* e *Selaginella semper-virens*, ha os seguntes pontos de similhança: nem uma nem outra supporta uma reviviscencia prolongada, não excedendo geralmente de 48 horas em cada experiencia; (1) ambas redivivem mais rapidamente recebendo pouca agua na raiz e muita na fronde; ambas apresentam o mesmo aspecto, divergindo porém nos foliolos cuja disposição e tamanho são diversos.

Da *lepidophylla* ha exemplares no museu de Stockolmo que, ao fim de 12 annos de guardados, sem terem recebido alimento de qualquer natureza, apresentam as mesmas propriedades hygroscopicas que possuiam quando para ali foram remettidas.

E' cedo ainda para dizer si a nossa *Theophilo Cearensis* manterá essas propriedades por tanto tempo.

GARCIA REDONDO

---

(1) A *S. Theophilo Cearensis* supporta reviviscencia mais prolongada, mas ao fim de 48 horas, si o tempo está quente, começa a seccar pela extremidade das folhas, que enrolam, conservando-se viçosa na parte média das folhas e junto á raiz.

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

— O nosso collaborador Sr. Alberto Löfgren vai fazer uma interessante excursão. De S. Paulo dirigir-se-á ao Jaboticabal e d'ali demandará o porto do Taboado no Rio Grande. A distancia é de cerca de 350 kilometros que o Sr. Löfgren percorrerá a pé, acompanhando o carro de boi com instrumentos e bagagens. Essa região é ainda virgem de taes explorações, cujos resultados nos promette o Sr. Löfgren noticiar na *Revista Brazileira*, que talvez possa publicar tambem vistas da região explorada.

— O Club Naval recomeçou em julho a publicação do seu *Boletim*, nitidamente impresso, in-8º gr. com 20 paginas, em duas columnas.

Os tres primeiros numeros trazem entre outros os seguintes artigos: *Ligeiro estudo sobre as espoletas em uso na Marinha* por A. da Luz;— *Taboas de tiro* por M. ;—*A odontologia na Marinha* por Francisco Gusmão, além de noticias e informações uteis á sua especialidade e uma interessante chronica mensal do clima do Rio de Janeiro por Calheiros da Graça.

— O Sr. Victor Meirelles concluiu e já expoz ao publico o seu novo panorama representando a « entrada da esquadra legal em 23 de junho de 1894, observada da fortaleza de Villegaignon em ruinas. » E' um trabalho digno de ser visto.

— Na capital do Pará realiza-se em janeiro de 1897 um Congresso pedagogico. Os respectivos organizadores publicaram um folheto in-8º de 14 pags. enumerando as theses que ahi devem ser discutidas.

— Sob a direcção do Sr. Arrigo de Zettiry começou a publicar-se em Roma, em agosto ultimo uma «revista illustrada mensal politica, economica, literaria e artistica» com o titulo *Italia e Brazile*, e que tem por fim estreitar as relações reciprocas de toda ordem entre os dois paizes e fazer melhor conhecido o Brazil na Italia.

— O ultimo fasciculo da *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, que encetа o tomo XI dessa util publicação contém o *Descobrimento do Brazil* em 1500 pelo Sr. José A. R. de Oliveira Catramby, acompanhado de dois mappas mostrando os differentes ancoradouros da frota de Pedro Alvares Cabral.

— Em S. Paulo começou a sair em maio ultimo, com o titulo *Revista Azul* e sob a direcção dos Srs. Antonio de Oliveira, Francisco de Castro Junior e B. Capellas, uma publicação mensal, in-16, de sciencias, letras e artes.

— A *Revista Pedagogica*, excellente publicação do *Pedagogium* e que já conta seis annos de existencia util para a diffusão das questões do ensino e noticias escolares em o nosso paiz, começou a publicar a traducção do notavel Relatorio da Commissão de Escolas Secundarias dos Estados Unidos, ali conhecido com o nome de « Commissão dos dez », admiravel trabalho de informação e critica sobre o ensino sscundario naquelle paiz.

O n. 49, ultimo apparecido, traz além da continuação desse relatorio, os resumos das lições professadas nos cursos especiaes do Pedagogium pelos Srs. Drs. Martins Teixeira, Valentim Magalhães e Campos da Paz, e noticias e informações referentes á especialidade da revista.

— Com o fim de preparar a realização do centenario de Anchieta, os promotores dessa idéa organizarão em S. Paulo uma série de dez conferencias assim distribuidas : I—O apostolado catholico, pelo Dr. Paula Rodrigues ; II — O catholicismo, a Companhia de Jesus e a colonização do novo mundo, pelo Dr. Eduardo Prado ; III — Anchieta narração de sua vida, pelo Dr. Brazilio Machado ; IV —Anchieta em S. Paulo, pelo Dr. Theodoro Sampaio ; V — A prégação, o methodo de ensino e de catechese dos indios usado pelos jesuitas e por Anchieta, pelo padre Novaes, da Companhia de Jesus.— VI— Anchieta na poesia e nas lendas brazileiras, pelo Dr. João Monteiro ; VII— Anchieta e a raça e a lingua indigena, pelo general Couto de Magalhães ; VIII —Anchieta poeta e escriptor, pelo Dr. Ruy Barbosa ; IX — A sublimidade moral de Anchieta ; historico e analyse do processo da sua beatificação, pelo conego Manoel Vicente ; X — Papel politico de Anchieta na obra da conquista portugueza e na constituição da sociedade colonial, pelo Dr. Ferreira Vianna ; XI — A bibliographia e a oceanographia de Anchieta e do seu tempo, pelo Sr. Capistrano de Abreu e XII—Da significação nacional do centenario Anchietano, pelo Dr. Joaquim Nabuco.

As quatro primeiras já se effectuaram com grande successo, as outras devem realizar-se successivamente até junho de 1897.

— Para o volume commemorativo do mesmo centenario recebeu a Bibliotheca Nacional as seguintes copias extraidas do Archivo da Bibliotheca Publica Eborense :

1 — Vida do Padre José de Anchieta, V. Provincial que foi... composta pelo Padre Pero Rodrigues, Provincial que tambem foi... Na Bahia a 3 de janeiro de 1607.—*In-folio* da 87 pp.

2 — Informacion de la Provincia del Brasil para nuestro Padre. De la Bahia de todo los Santos, ultimo de Deziembre de 1583.— *Folio* de 34 pp.

3 — Carta do Collegio de Coimbra para os mais da Provincia, escripta a 3 de novembro de 1570. Pelo Padre Pero Rodrigues. — *Folio* de 4 pp.

4 — Carta que o Padre Manoel da Nobrega escreveu aos Irmãos do Collegio de Coimbra andando pregando no bispado da Guarda e lugares visinhos. *S. data. In-folio* de 3 pp.

5 — Informação dos casamentos dos Indios do Brazil (*Por J. de Anchieta*). *In-folio* de 7 pp *S. data.*

— O nosso colllaborador Coelho Netto vai publicar sob o titulo de « Collecção Alva » os seguintes trabalhos seus :

1.° *Sertão,* volume de mais de 300 paginas, contendo as novellas *Céga, Praga, Tapera, Os velhos* e os contos *Peste, Enterro, Firmo, o vaqueiro, Cantilena, O filho, Sangue,* ineditos.

2.° *Inverno em flor*, romance.

3.° *Cancioneiro,* canções em prosa.

4.° *O Paraiso.*

5.° *Agareno,* romance contemporaneo, em via de publicação nesta *Revista*. O Sr. Coelho Netto é o seu proprio editor e a sua tentativa merece toda a sympathia e animação.

— Os editores fluminenses annunciam para breve as seguintes publicações:

H. Garnier, *Memorias do meu tempo*, pelo Conselheiro Pereira da Silva; *Quadros, typos, chronicas*, illustrado, pelo Dr. Mello Moraes Filho; *Ferias* por Max-Fleiuss; *As noites brazileiras*, por Ignez Sabino; *Quadros da historia colonial brazileira*, pelo Conselheiro Pereira da Silva; traducções dos *Elementos de Geometria, de geometria descriptiva, de agrimensura, e da cosmographia* de F. I. C.; das *Sciencias physicas e naturaes*, por Martel; das *Leituras praticas*, por José Humbert; da *Physica* e *Historia natural* de Langlebert; *Diccionario español-portuguez e portuguez-espanhol*, por Wildick.

Laemmert & C: *Codigo commercial commentado*, por Didimo A. da Veiga; *Do recurso extraordinario*, por Lucio de Mendonça; *Flor de sangue*, romance, por Valentim Magalhães; *A Capellinha*, traducção do romance de Alphonse Daudet, *La petite paroisse*; *Tentação*, romance, por Adolpho Caminha; *Guia pratica do compositor typographico*, traducção da Companhia Typographica; *Assessor forense*, parte commercial revista por Godofredo Autran; *Constituição politica*, annotado pelo mesmo; *Revolta da armada*, por Villalba, 3ª edição.

Cunha & Irmão: *Tratado de arithmetica*, por Samuel de Oliveira e Liberato Barroso; *Despachos e sentenças em materia criminal*, pelo Dr. Viveiros de Castro; *Noções de cosmographia*, 3ª edição, por H. Martins.

Alves & C: *Constituições federaes comparadas*, pelo Dr. Rodrigo Octavio e *Direito federal* de Strada, traduzido pelo mesmo, fazendo estas duas obras parte da « Bibliotheca Juridica » e da « Pequena bibliotheca juridica » que vão publicar aquelles editores; *Contos* e *cantos populares do Brazil*, por Sylvio Roméro, nova edição refundida.

J. G. de Azevedo: nova edição da *Grammatica portugueza* de Alfredo Gomes e *Historias de fadas*, livro para crianças, por Figueiredo Pimentel.

— O Sr. Cesario Alvim, ex-ministro do governo provisorio e ex-governador de Minas publicará breve um livro com o titulo *Minha collaboração na Republica* — Está a ser publicado o 2º volume do *Diccionario Geographico Brazileiro* do Sr. Moreira Pinto.

— O nosso collaborador Sr. Joaquim Nabuco foi eleito socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e o nosso director Sr. José Verissimo, socio honorario do Museu paraense de historia natural e ethnographia, e correspondente do Archivo Mineiro.

BIBLIOGRAPHIA

85 — **Chorographia do Brazil.**— Resumo didactico por R. Villa Lobos, 2ª edição, consideravelmente correcta e augmentada, Rio de Janeiro, Laemmert & C., editores, 1896, in—16, XVI — 249 pags.

86 — **Historia do Brazil.** — Resumo didactico, 4ª edição, consideravelmente correcta e augmentada e ornada com 21 gravuras, Laemmert & C., Rio de Janeiro e S. Paulo, in—16, 191 pags. pelo mesmo.

Estes dois livros são neste momento talvez os melhores compendios didaticos do assumpto ; aquelles que afora as qualidades materiaes, de não somenos importancia em livros similhantes, revelam uma tendencia digna de ser animada para uma melhor orientação do estudo da historia e geographia patria, segundo os methodos mais progressivos. Estão entretanto ambos ainda longe de ser o que precisamos para que aquelle estudo se faça nas nossas escolas e gymnasios com intelligencia e gosto. Foi na *Chorographia*, que, parece, o Sr. V. L. poz mais cuidado em nos dar um livro novo, pautado segundo aquelles methodos, e só por isso merece francos elogios. Precede-o de umas *Noções preliminares*, que gostaramos de vêr supprimidas, pois indispõem o leitor contra o seu livro. Ha nellas de par com impropriedades, quiçá erros, de definições, novidades de terminologia geographica, por todos os respeitos condemnaveis. « Continente define o A. é uma massa consideravel de terra firme... occupada por varios paizes», o que não é exacto, pois ainda antes de existirem paizes já havia continentes, nem estes dependem da existencia daquelles. « Paiz é, a região *regularmente* habitada, » é uma definição pelo menos defeituosa, pelo vago do adverbio que griphamos. Vulcão não é, como define o A. um phenomeno de combustão operado no interior da terra, etc. Não é aquelle phenomeno que se chama vulcão, sinão ao ponto, monte ou não, em que elle se dá. Tambem nos não parece certo dizer que as planicies tomam as denominações de *steppes* «quando deshabitadas e cobertas de vegetação rasteira, de *saharas* quando arenosas, desprovidas de vegetação, etc., tornando geraes denominações particulares, locaes. Ninguem se lembrou ainda de chamar *steppe* ao deserto de Atacama, nem *sahara* ao de Gobi, ou siquer a outros desertos da Africa, com os mesmos caracteristicos do que se estende ao norte daquelle continente.

Mais que um simples reparo, parece-nos merecerem condemnação as fantasiosas divisões que da geographia faz o Sr. V. L. em *acroteriographia*, descripção dos cabos e promontorios, *colpographia* dos golphos,

bahias e portos, *limnegraphia*, dos lagos e lagôas, etc. A simples citação desta nomenclatura dispensaria mais commentario, si ella não revelasse um estado de espirito que para bem da pedagogia nacional cumpre combater. E' singular, pelo menos, este prurido de mostrar sciencia e erudição, em gente como nós tão pouco sabedora. Elle revelou-se funestamente primeiro no estudo da lingua nacional, completamente deturpado e pervertido pela falta de espirito critico e de criterio logico que nos levou a introduzir não só no ensino secundario mas até no primario concepções, muitas controvertidas e já hoje abandonadas ou modificadas da philologia — nos paizes de alta cultura destinadas exclusivamente aos cursos superiores. E o que aconteceu foi que essa sciencia, geralmente de segunda e terceira mão, mal assimilada, acha-se exposta, em lingua pouco vernacula, nos compendios destinados aos nossos infelizes filhos. Faz-se mister uma reacção contra esse pedantismo; para que o livro didactico seja o que é em toda a parte onde ha cultura e criterio e o que deve ser: simples, claro, modesto, sem apparato de erudição, nem alarde de novidades que de facto cifram-se em nomes rebarbativos, absolutamente inuteis ou classificações pseudo-scientificas.

A *Chorographia* do Sr. V. L. que é, repito, uma tentativa digna de animação para fazer penetrar o estudo da nossa geographia elementar pelos novos methodos, resente-se infelizmente deste senão, segundo mostra a citação feita.

Aquellas divisões não têm absolutamente valor, nem base scientifica; a mesma razão que as motivou justificaria outras tantas ou o dobro, verbi gratia *poligraphia*, a descripção das cidades, *isthmographia*, ou a descripção dos isthmos, *farcgraphia*, ou a descripção dos estreitos; e assim para cada accidente ou conjunto de accidentes geographicos, um nome grego seguido do suffixo *graphia*. Para isso dá o nosso grego, em terra em que, como é sabido, a lingua da Iliada é pelo menos tão conhecida como a do Ramayanna. Tenho diante de mim dois livros capitaes e recentissimos de geographia, a *Morphologie des Erdoberfläche* por A. Penck e as *Leçons de géographie physique* por Lapparent, ambos destinados ao ensino superior dessa sciencia. Pois bem, nenhum destes scientistas, nem o professor da Universidade de Vienna, nem o sabedor geologo francez, usam para aquellas coisas sinão dos termos communs, da mesma fórma que os Reclus, os Schrader, os Foncin, os Lablache, os Kaltbrunner e todos os mais notaveis geographos. E si os dois acima citados empregam termos como geomorphographia ou geomorphogenia é porque tratam a geographia physica como «a genesis das fórmas geographicas» com o soccorro immediato da geologia, no que esta sciencia tem de mais profundo.

No texto do seu compendio sacrifica ainda o Sr. V. L. a este prejuizo indigena, e a rapazes que não tem nem podem ter a mais leve tintura de geologia, de botanica ou de zoologia, fala elle em «circumstancias geognosticas», em «divisa phytologica» em «melastomaceas e gramineas», em «especies dendrologicas», etc.

Nesta ordem de idéas repararei o emprego da palavra *tapir* para designar a *anta*, quando trata dos mammiferos brazileiros. Ora, essa palavra entre nós é apenas literaria, o povo a desconhece e si alguem falar-lhe em *tapir* ficará sem saber de que animal se trata.

A parte propriamente descriptiva e expositiva do compendio, salva esta reserva da linguagem e alguns pequenos erros e equivocos quasi inevitaveis, é boa, direi mesmo a melhor que presentemente temos.

Convém apontar alguns desses: nos estados do Pará e Amazonas a lingua tupi guarany não é tal a lingua corrente (p. 51), os mamelucos não são de existencia rara (p. 53), ao contrario póde-se affirmar que no N. e centro do Brazil formam ainda a maioria da população; a herva-mate não offerece sensivel competencia nos estados meridionaes com a

exportação da borracha (67), no Pará não chove regularmente todas as tardes (76), nem ali existem as serras dos *corvados*, da *velha*, e dos *gradaús*; á pag. 36 figura o Amazonas nascendo no departamento de Junin, á pag. 78 no de Tarura; a salsa parrilha e o cravo (84), não são objecto de agricultura, e não existem, ao menos a primeira, como objecto de exploração ou commercio no Pará, onde tambem se não cultiva o algodão, de modo a poder figurar entre os generos do Estado; o *carapanã* não é uma especie de mosca que persegue os navegantes (85) é o mosquito, o pernilongo, como lhe chamamos aqui; o Amazonas não produz café nem algodão (216); o Xingú não tem as suas nascentes em regiões pouco conhecidas da Serra Azul (219), suas nascentes são hoje depois da exploração de von den Steinen das melhormente conhecidas.

A *Historia do Brazil*, do Sr. V. L. segue de perto a economia dos nossos compendios mais conhecidos, Macedo e Mattoso Maia. A parte ethnographica tem incorrecções graves, embora em particularidades. O Sr. V. L. ignoramos porque só escreve a alcunha de Diogo Alves *Caramborô* e traduz longamente «o invasor que attrae o raio». Infelizmente não nos dá a razão nem da novidade nem da traducção, que *a priori* se póde affirmar falsa. Tambem aquella nova fórma de *Caramurú* nada a justifica, e quando linguisticamente fosse a boa, ainda assim o seu emprego em um livro dedactico, contrariando o uso secular e já agora irradicavel era descabido. Raro é o nome da historia antiga que devessemos orthographar e pronunciar como o fazemos, entretanto ninguem, salvo em obras de alta erudição e essas poucas, pretende substituir as fórmas verdadeiras ás consagradas.

As duas edições, da casa Laemmert, são nitidas e tornam agradavel o manuseamento destes dois livros que são, em todo caso, um melhoramento.—J. V.

87.— **Estudos sobre o Amazonas Limites do Estado.** Primeira parte, 2ª série por Torquato Tapajós, Rio de Janeiro, 1896, in 8º, 235 pags.

Na *Revista* de 15 de janeiro noticiámos a primeira parte deste trabalho. Essa primeira parte continha a exposição concisa e clara dos limites do estado do Amazonas, particularmente em relação a Mato Grosso, com quem aquelle estado debate neste momento uma questão de limites. Esta segunda parte, que pela clareza e pela força dos argumentos não desmerece da primeira, responde copiosamente e, parece-nos, victoriosamente ás contradictas pelo estado de Mato Grosso oppostas as razões do Sr. T. T. na primeira parte da seu trabalho.

Incontestavelmente o fundamento principal dos limites do Amazonas é a carta régia de 3 de março de 1755, que creou a Capitania de S. José do Rio Negro, dirigida ao Capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, um dos homens que melhor conheceu a Amazonia e que mais fez por ella. Isso mostrou na 1ª parte do seu livro o Sr. T. T. e demonstrou e justificou longamente, com outros elementos historicos e outros argumentos nesta segunda. Si algum defeito ha a notar nesta é a repetição de argumentos e de provas, mas um mestre inexcedivel em quejandos trabalhos, Joaquim Caetano da Silva, no seu livro *L'Oiapoc et l'Amazone*, que é um modelo do genero, notou com razão que, como meio de convicção, a repetição é uma das melhores figuras de rhetorica.

O officio do governo de Mato-Grosso ao do Amazonas sustentando o que julga seus direitos é sujeito pelo Sr. T. T. á uma analyse minuciosa, na qual cumpre evidenciar a demonstração que dá do nenhum valor da allegação dos limites fixados ao estado pela bulla que creou a prelazia de

Cuyabá. Não só tal documento apenas teria um valor subsidiario, como é no caso anachronico, pois fixa limites a uma prelazia creada em 1746 numa capitania creada em 1748.

Mas, nós não temos a rafazer o trabalho tão bem feito pelo Sr. T. T.; de parte o merecimento especial á causa que motiva trabalhos similhantes, taes trabalhos são uma preciosa contribuição para a nossa historia e geographia.—J. V.

Pela Industria Nacional por Vicente Werneck, Rio de Janeiro, 1896, 134 pags.

O Sr. V. W. é um propagandista, o que quer dizer que apaixona-se demais pela sua these e não vê acaso della todos os lados. Na questão que tratou aliás muito bem, e com muito calor, elle, como os que pedem a elevação das tarifas aduaneiras como meio de favorecer as industrias (?) nacionaes, esquece um elemento interessantissimo na questão: o consumidor, que a nosso ver tem tanto ou mais direito á protecção como os industriaes.

Divorcio discurso pronunciado no Senado Federal pelo senador Coelho de Campos, Rio de Janeiro, 1896.

Relatorio da Exposição de Trabalhos Juridicos realisada a 7 de setembro de 1894 pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros, apresentado por Deodato C. Villela dos Santos, Rio, 1895.

Discurso proferido na sessão solemne (mesma data) do Instituto da Ordem dos Advogados pelo mesmo, Rio, 1895.

Sergipe Republicano (Estudo eritico e historico) por Manoel Curvello Rio de Janeiro, 1896, in-16, 179 pags.

Neste opusculo, o Sr. M. C. historía e estuda o movimento da idéa republicana no seu estado desde o seu apparecimento ali. E', pois, uma util contribuição para a futura historia do Brazil republicano.

* Organização Judiciaria, estudo de legislação comparada por Enéas Galvão, Rio de Janeiro, 1896, VII — 381 pags.

* Minha irman Henriqueta por Ernesto Renan, traduzida por Virgilio de Lemos, Bahia, Officinas dos Dois Mundos, 1896, in-8º, 110 pags.

La Passion de Notre Seigneur Emile Zola ou um Messie devant les Jeunes, par Louis Pilate de Brin'Gaubast, Paris, 15 pags.

Este opusculo, escripto num estylo nervoso e por assim dizer torturado, é mais um ataque na campanha levantada em França pelos « jovens » contra o celebre romancista de *Roma*, cujo valor aliás o A. não nega ou esconde.

* Tratado de Hypnotismo, pelo Dr. F. Fajardo, Laemmert & C., Rio de Janeiro e S. Paulo, 1896, in-8º gr. XX — 505 pags.

Viagens e Costumes, por Arthur Guimarães, Porto, 1896, in-8º pag. 154 — II.

Espumas por Garcia Junior, Rio de Janeiro, Jacintho Silva, 1896, 58 pags.

A POLITICA

A situação continúa a ser melindrosa, e não se vê bem que caminho levarão as coisas. O Sr. Presidente da Republica mantem intacta a sua reputação de homem integro, mas em quasi dois annos de governo tem-se mostrado por demais hesitante e timido, de modo que não ha muito a esperar de sua iniciativa. No emtanto, nos primeiros mezes de sua administração S. Ex. pareceu capaz de enfrentar, e enfrentou algumas difficuldades, entre as quaes a pacificação do Rio Grande do Sul. E' certo que nessa occasião collaborou com S. Ex. o Sr. Vice-Presidente da Republica, o que valeu a este a tal ou qual reserva em que se mantêm a seu respeito alguns proceres do partido republicano federal.

De então para cá dado esse primeiro passo affoito, pelas resistencias que se levantaram, e benefico pelos effeitos que produziu, o Sr. Dr. Prudente de Moraes recolheu-se a uma inactividade, que as difficuldades da situação explicam, mas não justificam. Acresceu uma circumstancia: o homem mais activo e o mais preparado do seu ministerio, o Sr. Dr. Carlos de Carvalho, foi levado a retirar-se por causa das reclamações italianas, tendo sido obrigado a tratar questões diplomaticas publicando a cada momento documentos que deviam ficar reservados, e tendo sido obrigado a uma luta que abateria animo menos robusto. A opinião do Dr. Carlos de Carvalho não pesava unicamente nos negocios da sua pasta, e a sua retirada privou o ministerio de sua melhor força.

Hoje é visivel o descontentamento publico. Sem queixar-se abertamente do chefe do Estado, em cuja boa vontade acredita,

lamenta-se principalmente de não ver entre os homens que mais directamente tem a responsabilidade da situação algum que represente uma esperança.

Não é para estranhar que, em um regimen novo, faltem homens que tenham tradições; mas é doloroso não ver entre os chefes algum para quem os olhos se volvam. Por isso fala-se em candidaturas para a presidencia da Republica sem que alguem se dê ao trabalho de discutil-as, porque a discussão só póde versar por parte dos amigos em achar todas as virtudes no candidato do seu grupo, por parte da massa estranha aos interesses partidarios em lembrar erros commettidos por uns candidatos, incompetencias reveladas repetidas vezes por outros.

Si dos individuos passamos aos partidos, a perspectiva não é mais consoladora. Forte só ha um, o partido republicano federal; a elle pertencem todos os mais notaveis homens politicos, os que são considerados chefes, mas entre todos reina completa divergencia. Cada um delles faz a sua côrte ao elemento chamado jacobino, que é o unico que até hoje se tem revelado capaz de acção, e si uns o desejam para dispor dessa força no momento em que fôr preciso agir, outros o lisongeiam só para não o ter contra si. No fundo divergem todos dos processos que o radicalismo prega, e cada um se considera eminentemente conservador. Sómente tem um modo singular de entender o conservatismo, em época que devia ser de organização, e durante a qual o mais que se tem feito é desorganizar. Para esses a organização não é a das forças productoras da nação, não é o estudo attento das nossas necessidades e a adopção das medidas apropriadas; é a collocação dos amigos, a defesa de todos os interesses delles, é a escolha de candidatos, não pela aferição de seus meritos, mas da passividade de sua dedicação, é o engrandecimento dos mediocres, a apotheose dos nullos.

As questões mais vitaes andam por ahi descuradas, e quasi que é caso para a gente louvar-se que não curem dellas, para que não prestem a outras industrias, a outras fontes de receita e de fortuna publica, serviços identicos aos que prestaram nestes ultimos tempos, mandando dizer aos mercados que produziamos mais café do que o necessario para o consumo universal, ou creando repartições como as alfandegas de S. Paulo e Juiz de Fóra.

Daquella primeira luminosa idéa já estamos colhendo os frutos na grande diminuição de receita de exportação dos estados productores, e nos embaraços crescentes com que lutam a lavoura e as classes intermediarias. E como toda a nossa vida economica e financeira assenta sobre esse eixo, quasi unico, toda ella se resente desse grave erro, porque o fazendeiro que mal recebe dinheiro para as suas despezas correntes, consome menos, atraza os pagamentos do que consome, o commercio a retalho do interior não recebendo dinheiro do seu comprador não póde pagar em tempo ao commerciante importador, este não tem com que satisfazer seus compromissos no estrangeiro, encommenda menos, porque o credito esgota-se, e a triste cadeia que começou pela diminuição na receita dos estados exportadores, vem fechar-se na diminuição da receita das alfandegas, de que vive principal ou quasi exclusivamente a União.

Accrescente-se a isto que o que entra não paga os direitos que deve, porque entra por contrabando, dizem uns a metade, digamos nós modestamente um terço dos generos importados, e não nos será difficil comprehender os embaraços da situação.

Toda uma vasta zona do paiz entregou-se á cultura do café, isto é, toda ou quasi toda a zona onde ella era possivel; até 1888, o que em parte constituia um queixume para o agricultor, a necessidade de emprego de parte de capital para acquisição de escravos, tinha por outro lado a vantagem de levar o fazendeiro a utilizar o trabalho desses homens durante todo o anno, de modo que, fóra das épocas de plantação, capina e colheita, os braços eram empregados no cultivo de mantimentos e criação.

Com a solução quasi momentanea da questão servil, o problema mudou inteiramente de face. O trabalhador rural escasseou; ao que quiz ficar ou ao novo que o substituiu foi preciso pagar salario e relativamente elevado. O fazendeiro entendeu então de mais proveito só pagar o trabalho em relação ao precioso producto que dava mais resultado, e abandonou tudo o mais. Começamos então a pesar na balança do commercio internacional com mais esse elemento de importação. Agora vê-se o mal, e quer-se-lhe dar remedio; mas este não vem como nos povos que têm espirito de iniciativa e comprehendem o momento em que se

acham. Não se começou por ensaiar a luta, por tentar em pequena escala o que mais tarde se quer fazer em grande, e pretende-se á força de decretos fazer mudar a face das coisas. Pede-se protecção alfandegaria para industrias que vegetam e para industrias que não existem; quer-se a protecção antes do primeiro esforço, por um pouco pedir-se-ia ao governo garantia de juros sobre os capitaes a empregar no cultivo de generos de primeira necessidade, que tem consumidor certo e avido, porque está pagando caro ao estrangeiro a nossa imprevidencia.

E não se cogita que se trata de uma população, que não está longe de ter fome, que é má conselheira; não se quer ver que estamos com um regimen novo, que ainda não avassallou todas as convicções, e cujos erros são explorados por adversarios despeitados e rancorosos; não se quer ver que, não havendo enthusiasmos pelos homens que nos governam, facilmente se chegará a querer-lhes mal desde que toque ao paroxismo este mal-estar em que nos debatemos. Durante este tempo, do que se cogita é das eleições, que estão á porta; o que preoccupa o espirito dos chefes é a depuração dos poucos que na actual legislatura se não mostraram sufficientemente doceis, o que se quer é manter nas posições os homens, cuja politica está dando os resultados que ahi vemos, e que serão cada vez peiores, porque ha para estas coisas uma triste proporção rapidamente ascendente, e a inquietação de hontem é o estado afflictivo de hoje, com este cambio a 8, absolutamente inesperado, e será o descespero de amanhan, porque já agora tudo é licito prever.

FERREIRA DE ARAUJO

IN EXCELSIS

I

Feliz? O' minha amada!
Feliz? quem mais do que eu? Repenso agora
Em ti, sou todo fé, todo esperança,
A tua mão de fada
O velho tigre do meu tedio amansa;
Já o anceio da morte me não gela
O sangue, nem os nervos me devora
A obsessão demoniaca do nada.
Como não confessar que a vida é bella,
A teu lado, em teu rumo caminhando,
Tudo através dos olhos teus olhando?

II

Mas, emtanto, um pezar em mim persiste,
Um pezar que me leva quasi ao pranto,
E ás vezes t'o revela
O meu sorriso triste,
Quando perguntas: Em que pensas tanto?
E' que do céu radiante a que me eleva
Do teu carinho o incomparavel gozo,
Venho baixando á treva
Da minha natureza. E então me sinto,
Com pasmo doloroso,

Misero pó, que pela terra, á tôa,
Como os reptis se arrasta,
Prêsa de cégo instincto,
Ou doudamente pelos ares vôa,
Quando um vento de colera o vergasta.
Certo, da tosca argilla,
Que, neste mundo de apparencia e de erro,
Lhe é carcere e desterro,
A Psyche interna, a immaculada essencia,
Intenta libertar-se — ou destruil-a...
Outro ambiente sonha, outra existencia,
Outra — mais alta e luminosa, esphera
Possa atingir; as azas de ouro ensaia,
Levanta o vôo, ascende, os ares corta,
Fita o sol que em seus olhos reverbera...
Mas, subito, perturba-se, vacilla,
Enfraquece, desmaia,
Tronca do novo exhausta e semi-morta!

III

Eu, pobre, te offereço
Pobre, pobre, á minha amada! Eis-me: sou homem!
De mesmos males infimos padeço,
Mesmas enfermidades me consomem!
Si souberas, emtanto,
A aspiração heroica, o anhelo santo,
Que na extatica mente se me esboça,
Para que um dia merecer eu possa
A honra suprema de chamar-te minha!
— Hanói de mim toda a paixão mesquinha,
Toda a fraqueza em nosso ser innata,
Toda a miseria desta carne ingrata,
Em que escrava impotente, a alma definha;
Sêr como valioso escrinio de ouro,
Pelo celeste Artifice lavrado,
E de impuros attritos preservado,
Para guardar-te, meu melhor thesouro!

IV

Vês? O nada que eu sou me causa pejo;
Soffrego, o meu espirito se afana,
Da perfeição no mystico desejo!
Ah! pudesse eu, as normas do Destino
Violando, obter a maxima victoria
Do que eu tenho de eterno e de divino
Sobre a fórma terrena e transitoria!
E, em premio deste amor que é minha gloria,
Triumphando de tudo o que profana
Os sentidos e a mente,
Offerecer-te em mim, serenamente,
O grau mais alto da virtude humana!

MAGALHÃES DE AZEREDO

1895.

O PADRE JOSÉ MAURICIO

IX

Bem se sabe a differença entre piano e cravo. Este, *clavicymbalum* ou *gravicymbalum*[1] como era chamado em latim, póde ser considerado pai daquelle e derivação da famosa lyra dos antigos, que ganhou em valor harmonico e melodico o que perdeu em elegancia de fórma. Tinha um teclado de marfim, ás vezes até duplicado, e um systema de cordas esticadas, a principio feitas de tripas, depois ferro ou arame, capazes de produzir os sons das escalas diatonica e chromatica e tangidas por linguetas de madeira, cujas extremidades prendiam bicos de pennas de corvo. Nos typos mais antiquados, a fórma de *espinhos* dava a todo o conjunto a denominação de *espinheta*[2], tendo a classe geral o nome de *instrumentos de penna*.

Era o som do *cravo* aspero e secco, sem as modulações do *forte* e do *piano*; o da *espinheta* mais suave e grato ao ouvido, embora abafado e monotono. Em ambos correspondia a cada nota

---

Veja a *Revista* de 15 de novembro e 15 de dezembro de 1895; 15 de janeiro, fevereiro, março e outubro.

[1] Donde, em francez, *clavecin*. Os portuguezes, destacando as duas primeiras syllabas, fizeram a palavra *cravo*.

[2] Tambem se chamava mais commummente *espineta* do italiano *spinetta*.

uma só corda metallica. O manufactor que substituiu aquelles rudimentares e imperfeitos meios de produzir vibrações ás cordas foi o fabricante francez Marius, no anno de 1710.

Quasi simultaneamente teve um constructor allemão de nome Schraeter identica idéa, a que não deu seguimento e applicação perfeita por carencia absoluta de recursos pecuniarios. Parece, entretanto, certo, que, antes desses dois, um italiano chamado Christofali imaginou o piano tal qual é mais ou menos hoje e a que denominou *Gravicembalo col piano e forte*, pois introduziu no cravo e na espinheta os modos de modificar o som e prolongal-o, avigorando-o ou attenuando-o. Data de 1745 a primeira fabrica de pianos, fundada e dirigida por Silbermann, em Dresda (Saxoniz); eram de cauda e custavam 250 florins, (200$ ao cambio par), preço que foi augmentando com os melhoramentos introduzidos.

Em 1758, appareceu o primeiro piano de mesa. Dois annos depois, um contramestre de Silbermann, chamado Zumpe foi estabelecer-se em Londres, e ahi abriu uma officina que angariou grande e prompta freguezia. Muito embora a formal opposição que lhes faziam os fanaticos do *cravo* e da *espinheta*, por acharem esses instrumentos mais apropriados á distracção intima, meiga e melancolica, foram os pianos acolhidos com grande aceitação e sem demora se generalizaram por toda a Inglaterra.

Daquella officina foi que saiu John Broadwood, discipulo de Zumpe, o qual já em 1783 fabricava excellentes pianos, tão bons que a fama perdura até os nossos dias e recommenda a casa ainda hoje existente, fazendo concurrencia aos da celebre firma Collard-Collard. Na Quinta de S. Christovão existiam, até 1889, instrumentos daquelle autor, vindos de Lisboa com o rei D. João VI e cuja valente construcção desafiava o correr dos annos. Num delles, talvez o mesmo que José Mauricio fez vibrar, conforme já ficou narrado, toquei em 1875 e com agradavel sorpreza achei os sons perfeitos, sobretudo nos graves. Tinha um só pedal e nesse ponto é que havia sensivel desarranjo. Que fim teriam levado aquelles pianos historicos? Que importancia, aliás, podiam merecer esses velhos instrumentos de musica, quando o inesperado vendaval de 1889 destruiu uma das mais formosas instituições monarchicas do mundo, que amparava, com solicitude e estremecimento paternaes, a liberdade e o pundonor dos brazileiros?!..

Em 1777, o grande Mozart, numa carta escripta ao pai, lamentava não poder comprar um piano Stein, fabricante de Augsburgo, por causa do elevado preço «ainda que merecido pelas suas bellas qualidades harmonicas e excellencia de feitura». Por elle pediam 300 florins (240$ ao cambio par) e Mozart, o divino Mozart, que tanto trabalhava, os não tinha.

Quem, porém, deu immenso impulso á fabricação do piano foram os irmãos Erard que, em 1778, abriram officinas logo reputadas em todo o mundo, não sendo as gloriosas tradições ainda desmerecidas pelos descendentes do nome, pois conservaram a preeminencia nesse genero de construcção, em que tanto se distinguiram e se têm distinguido Collard-Collard, Herz (hoje firma extincta), Pape, Debain, Boisselot (tambem extincta), Kingelstein, Rabosek, Chikering e Steuway (americanos), Rönisch, Bechstein e muitos outros. Em 1878, a casa Erard celebrou com grandes festas o seu primeiro centenario. Emprega hoje poderosas machinas a vapor e um pessoal de mais de mil operarios e já fabricou para cima de 200.000 pianos desde o dia da sua fundação.

Quando novo, é o Erard instrumento incomparavel; nem ha artista de nota que, em exhibições e concertos publicos, deixe de se servir delle, nessa época de avelludado primor e delicadeza de sons. Com um anno, porém, de estada e uzo no Brazil, ou pouco mais, torna-se gritador e difficilmente conserva a afinação. Para este clima parece deverem merecer preferencia os pianos Wolf e Pleyel, aliás os mais estimados e procurados entre nós pelas reconhecidas condições de sonoridade e solidez.

Pelo que fica dito e fechando este longo parenthesis, em 1792 não podia, no Rio de Janeiro, o padre José Mauricio exercitar as suas qualidades nativas de grande executante sinão nalgum modesto *cravo* que encontrava na casa das suas discipulas, e tanto assim era, que nem siquer reunira dinheiro bastante para ter um seu proprio. Na aula que, mais ou menos por esse tempo, abriu gratuitamente na sua casa da rua das Marrecas, ensinava — de accôrdo com o que lhe succedera na classe de Salvador José — a lição aos alumnos num simples e unico violão.

Prova incontestavel de grandeza d'alma e incansavel constancia, essa aula, d'onde saiu a maior parte dos cantores e

instrumentistas que, depois, compuzeram a excellente orchestra das pomposas festas de igreja do tempo de D. João VI.

Della tambem provieram compositores de merito, acima de todos Francisco Manoel da Silva, [1] Francisco da Luz [2] e Candido Ignacio da Silva e alguns fanaticos da musica sobretudo classica, padre Manoel Alves Carneiro, [3] Francisco da Motta e outros que ainda viviam em 1860 e que falavam do insigne mestre com ardente enthusiasmo e profunda veneração.

Grandeza d'alma, diziamos, pois no meio das difficuldades da vida collocou antes de tudo e com inexcedivel desinteresse o nobilissimo sentimento de ser util aos seus patricios, facilitando aos desprotegidos da fortuna, lembrado sem duvida dos penosos dias da propria existencia, o auxilio e os conselhos de que tanto necessi-

---

[1] Francisco Manoel da Silva é autor do vibrante hymno nacional, que tanto fala ao coração brazileiro, compositor muito fecundo de innumeras musicas sacras. Tinha real talento e inspiração, mas infelizmente deixou-se demasiado influenciar pela escola italiana de Marcos Portugal, segregando-se da allemã, que lhe ensinára José Mauricio. Aliás, este proprio, o abalisado mestre! não se curvou por fim à imposição da moda? Adiante veremos quão pernicioso lhe foi o influxo do decadentismo italiano. As composições de Francisco Manoel peccam, em geral, pela desnecessaria e causativa ornamentação de *gruppetti* banaes, cadencias e trinados. Ha delle, comtudo, uma ou outra bella pagina. Daquella escola foi, entre nós, ultimo representante o velho Fiorillo, por larguissimos annos regente da musica da Capella Imperial, e que tanto admirava José Mauricio no seu segundo modo de ser (escola italiana) quando o aborrecia no primeiro (escola allemã), quando a inversa é que era o certo e justo. Emfim, não anteciperemos.

[2] O bom e modestissimo Francisco da Luz foi meu professor de solfejo e musica no Collegio de Pedro II. De quantas travessuras não o faziamos victima! Ora puxavamos de leve o velho Collard, cujas roldanas dos pés obedeciam ao menor impulso, e o obrigavamos assim a percorrer uma vasta sala, acompanhando de cada vez o instrumento com o banco do piano, ora lhe davamos com o teclado em pleno estomago, a fim de reprovalos a todos! bradava colerico e todo vermelho. E' o unico meio de criarem estimulo! » E accrescentava logo com meiguice: « Pois bem, sejam travessos; mas, pelo amor de Deus, não desafinem muito! »

[3] Foi Manoel Alves Carneiro por longos annos o padre da confiança de minha familia e confessor nosso. Era enthusiasta inexcedivel de Beethoven, que bestifude quando nos ouvia, a mim e à minha irmã Adelaide, executarmos ao piano a quatro mãos sonatas daquelle classico! Hoje rabequista, para viver com mais folga, fazia parte da orchestra do theatro lyrico. Morreu velhissimo. Que engraçadas historias entre elle e o Luz! Mas isto nos alongaria demais.

Em 1777, o grande Mozart, numa carta escripta ao pai, lamentava não poder comprar um piano Stein, fabricante de Augsburgo, por causa do elevado preço «ainda que merecido pelas suas bellas qualidades harmonicas e excellencia de feitura». Por elle pediam 300 florins (240$ ao cambio par) e Mozart, o divino Mozart, que tanto trabalhava, os não tinha.

Quem, porém, deu immenso impulso á fabricação do piano foram os irmãos Erard que, em 1778, abriram officinas logo reputadas em todo o mundo, não sendo as gloriosas tradições ainda desmerecidas pelos descendentes do nome, pois conservaram a preeminencia nesse genero de construcção, em que tanto se distinguiram e se têm distinguido Collard-Collard, Herz (hoje firma extincta), Pape, Debain, Boisselot (tambem extincta), Kingelstein, Rabosck, Chikering e Stenway (americanos), Rönisch, Bechstein e muitos outros. Em 1878, a casa Erard celebrou com grandes festas o seu primeiro centenario. Emprega hoje poderosas machinas a vapor e um pessoal de mais de mil operarios e já fabricou para cima de 200.000 pianos desde o dia da sua fundação.

Quando novo, é o Erard instrumento incomparavel; nem ha artista de nota que, em exhibições e concertos publicos, deixe de se servir delle, nessa época de avelludado primor e delicadeza de sons. Com um anno, porém, de estada e uzo no Brazil, ou pouco mais, torna-se gritador e difficilmente conserva a afinação. Para este clima parece deverem merecer preferencia os pianos Wolf e Pleyel, aliás os mais estimados e procurados entre nós pelas reconhecidas condições de sonoridade e solidez.

Pelo que fica dito e fechando este longo parenthesis, em 1792 não podia, no Rio de Janeiro, o padre José Mauricio exercitar as suas qualidades nativas de grande executante sinão nalgum modesto *cravo* que encontrava na casa das suas discipulas, e tanto assim era, que nem siquer reunira dinheiro bastante para ter um seu proprio. Na aula que, mais ou menos por esse tempo, abriu gratuitamente na sua casa da rua das Marrecas, ensinava — de accôrdo com o que lhe succedera na classe de Salvador José — a lição aos alumnos num simples e unico violão.

Prova incontestavel de grandeza d'alma e incansavel constancia, essa aula, d'onde saiu a maior parte dos cantores e

instrumentistas que, depois, compuzeram a excellente orchestra das pomposas festas de igreja do tempo de D. João VI.

Della tambem provieram compositores de merito, acima de todos Francisco Manoel da Silva, [1] Francisco da Luz [2] e Candido Ignacio da Silva e alguns fanaticos da musica sobretudo classica, padre Manoel Alves Carneiro, [3] Francisco da Motta e outros que ainda viviam em 1860 e que falavam do insigne mestre com ardente enthusiasmo e profunda veneração.

Grandeza d'alma, diziamos, pois no meio das difficuldades da vida collocou antes de tudo e com inexcedivel desinteresse o nobilissimo sentimento de ser util aos seus patricios, facilitando aos desprotegidos da fortuna, lembrado sem duvida dos penosos dias da propria existencia, o auxilio e os conselhos de que tanto necessi-

---

[1] Francisco Manoel da Silva é autor do vibrante hymno nacional, que tanto fala ao coração brazileiro, compositor muito fecundo de innumeras musicas sacras. Tinha real talento e inspiração, mas infelizmente deixou-se demasiado influenciar pela escola italiana de Marcos Portugal, segregando-se da alleman, que lhe ensinára José Mauricio. Aliás, este proprio, o abalisado mestre! não se curvou por fim á imposição da moda? Adiante veremos quão pernicioso lhe foi o influxo do decadentismo italiano. As composições de Francisco Manoel peccam, em geral, pela desnecessaria e causativa ornamentação de *gruppetti* banaes, cadencias e trinados. Ha delle, comtudo, uma ou outra bella pagina. Daquella escola foi, entre nós, ultimo representante o velho Fioritto, por larguissimos annos regente da musica da Capella Imperial, e que tanto admirava José Mauricio no seu segundo modo de ser (escola italiana) quanto o aborrecia no primeiro (escola alleman), quando a inversa é que era o certo e justo. Emfim, não antecipemos.

[2] O bom e modestissimo Francisco da Luz foi meu professor de solfejo e musica no Collegio de Pedro II. De quantas travessuras não o faziamos victima! Ora puxavamos de leve o velho Collard, cujas roldanas dos pés obedeciam ao menor impulso, e o obrigavamos assim a percorrer uma vasta sala, acompanhando de cada vez o instrumento com o banco do piano, ora lhe davamos com o teclado em pleno estomago. « Hei de reproval-os a todos! bradava colerico e todo vermelho. E' o unico meio de criarem estimulo! » E acrescentava logo com meiguice: « Pois bem, sejam travessos; mas, pelo amor de Deus, não desafinem muito! »

[3] Foi Manoel Alves Carneiro por longos annos o padre da confiança de minha familia e confessor nosso. Era enthusiasta inexcedivel de Beethoven. Que beatitude quando nos ouvia, a mim e á minha irmã Adelaide, executarmos ao piano a quatro mãos sonatas daquelle classico! Bom rabequista, para viver com mais folga, fazia parte da orchestra do theatro lyrico. Morreu velhissimo. Que engraçadas historias entre elle e o Luz! Mas isto nos alongaria demais.

tam nos primeiros passos de qualquer carreira — incansavel e nunca assaz exaltada constancia, porquanto manteve essa aula, elle só, sem apoio nem recompensa, por espaço de *trinta e oito annos*, até quasi os seus ultimos dias, em 1830!

Não foram, de certo, trinta e oito mezes, tempo, aliás, mais que sufficiente para que esmoreçam e se finem enthusiasticas tentativas e as mais firmes intenções. E não se esforçava tão sómente por incutir aos discipulos os principios e segredos da arte que tanto estremecia e em que tão alto subiu, fazia quanto nas forças podia caber para delles arredar todos os tropeços que por ventura se oppuzessem á expansão das suas aptidões e vocação musicaes. Foi assim que, depois e no tempo do valimento do principe regente D. João, conseguiu do governo que os rapazes que frequentassem assiduamente essa aula gratuita, fossem isentos do serviço das armas e escapassem do terrivel e temido recrutamento, favor assignalado e de enorme alcance naquella época de violencias e arbitrariedades. [1] Como distinctivo de tão importante regalia traziam aquelles moços ao chapéu um tope azul e encarnado, devendo, em compensação, prestar-se para irem cantar nas festas da Capella Real, reforçando os córos e a orchestra, quando assim fosse julgado necessario. [2]

X

Padre e professor de musica, já ganhava José Mauricio os estrictos meios de subsistencia para sustentar a si e a familia. Na faina, porém, dos labores quotidianos, não se esquecia de continuar

---

[1] Meu tio Augusto Maria Taunay, nascido em 1768 e fallecido na Tijuca (Brazil) em 1824, esculptor de nomeada, conseguiu, por empenho da Academia das Bellas Artes de Pariz, ser dispensado do serviço militar, por ter tirado em concurso de esculptura o grande premio de Roma. Foi isso, porém, a muito custo obtido, sendo até motivo de um decreto especial do Imperador Napoleão I. O mesmo se deu em relação ao insigne architecto Grandjean de Montigny.

[2] Houve por esse tempo no Rio de Janeiro outra aula de musica afamada, regida por um monge franciscano chamado frei Antonio, pianista, segundo conta Balbi, de grande maestria e cujo talento provocava a admiração de Bachicha, do padre José Mauricio e de G. Neukomm. Bachicha foi tambem artista de notavel execução ao piano. Viera de Portugal com D. João VI. Enlouqueceu e nos momentos de maior desvairamento, improvisava com estupenda inspiração e copiosidade.

a illustrar a intelligencia e o vemos citado por contemporaneos pelo invejavel e consciencioso saber.

Latinista de força, delle diz o conego Januario da Cunha Barbosa, no elogio necrologico de 7 de maio de 1830 do *Diario Fluminense:* « Juntava José Mauricio a todos os estudos necessarios para o presbyterato, vastos e profundos conhecimentos de geographia e de historia, tanto profana, como sagrada, e das linguas franceza e italiana, não sendo hospede na ingleza e grega, que tambem estudara, mas não com tanto afinco.» Acrescenta o Dr. Moreira de Azevedo [1] que conhecia tambem o hebraico.

Tinha elle 30 annos de idade, quando, fallecendo o padre João Lopes Ferreira, mestre de capella da Cathedral e Sé, hoje igreja do Rosario, foi nomeado para esse cargo, com o ordenado annual de 600$, conforme se vê do termo lavrado pelo beneficiado João Gonçalves da Silva Campos a 2 de junho de 1798, com obrigação de occupar o orgão sempre que se tornasse preciso.

Nesse mesmo anno de 1798, adiantou não menos importante passo, pois teve licença de pregar, conseguindo, pelos dotes oratorios e variada instrucção que então pôde manifestar, a consideração e estima de um eminente prelado, bispo depois de Rio de Janeiro, o illustre D. José Caetano da Silva Coutinho. E este não perdia ensejo de encarecer, já não os talentos de José Mauricio como musico — que esses se haviam tornado proverbiaes na capital da grande colonia portugueza—mas sim os seus predicados de virtuoso e esclarecido sacerdote, dos primeiros, sinão o primeiro da sua diocese.

Tambem era um dos mais assiduos frequentadores das palestras literarias quasi diarias, que aquelle bispo organizara á noite no seu palacio episcopal, especie de academia intima que se manteve longos annos e de que foram membros o padre Caldas, Marianno José Pereira da Fonseca, depois marquez de Maricá e outros vultos brazileiros dos começos deste seculo. Conta-nos Porto Alegre, que em 1821 cessaram essas palestras, por ter sido o palacio do bispo vigiado pela policia, de ordem do governo, devido isso a intrigas de um general chamado Nobrega, que accusara o prelado de infenso á causa da Independencia, razão pela qual morreram inimizados sempre D. José Caetano e José Bonifacio.

---

[1] *Revista do Instituto Historico.*

Tempos depois, entretanto, declarara aquelle general que dera a tal denuncia por méro gracejo e para privar o bispo das innocentes reuniões nocturnas a que se mostrava tão affeiçoado. Houvera, comtudo, um antecedente que explicava a tacanha vingança — não ter querido D. José autorizar a familia de Nobrega a entrar livremente no convento da Ajuda e lá passar temporadas em visita a uma freira sua parenta. Mesquinho desforço ou simples caçoada [1] de mau gosto, logrou o seu fim, porquanto o bispo, desde esse tempo, mandou fechar as portas do palacio ás 8 horas da noite em ponto e conservou rigorosamente essa pratica até 1833, data do seu fallecimento.

Voltemos, porém, ao padre José Mauricio.

Pregador desde 1798 e muito applaudido e procurado, embora bem escassamente retribuido — recebia por cada sermão de 5$ a 10$000—ainda ahi, ao dar bellas provas da sua fecunda intelligencia, mostrou quão meticulosa tinha a consciencia e quanto aproveitava qualquer ensejo de se aperfeiçoar cada vez mais, avigorando o seu saber. Vemol-o, com effeito, em 1802 matriculado como simples alumno na aula de rhetorica do Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e frequentando com a maior constancia esse curso por espaço de dois annos, o que foi pelo mestre attestado em honroso documento « *fazendo*, reza elle, *rapidos progressos, que raras vezes se encontram* ».

Não é, de certo, commum, ir-se, já de posse de posição social e insigne num ramo de conhecimentos humanos, sentar-se aos 35 annos de idade nos bancos de uma escola, entre condiscipulos de pouca idade. Como estamos longe das praxes de hoje, em que o tempo parece pouco, não para de continuo aprender e avolumar o cabedal do espirito, mas para usufruir e gozar o escasso e superficial, que atropelladamente e em verdes annos foi mais ou menos estudado nas academias !...

Ora tudo quanto deixámos contado, nos fins do seculo XVIII e começos deste e numa região do mundo que vivia debaixo do jugo

---

[1] Pertence a palavra a Porto Alegre, vocabulo, aliás, outr'ora muito em uzo no Rio de Janeiro e agora quasi abolido. Havia até o becco da Caçoada (hoje rua do Senado prolongada) e ahi foram morar os Beaurepaire e Escragnolle, ao chegarem de Portugal com a côrte do principe regente.

apertado e zeloso da metropole portugueza, eram, para um homem pauperrimo e ainda mais de sangue tão mesclado, estrondosas victorias ganhas a poder de immenso merecimento, que a todos imperiosamente se impunha, disfarçado sob as fórmas da mais rara e recatada modestia.

Já nesse tempo assentara a Revolução franceza por modo inabalavel os grandes principios que constituem na pratica hoje, para todos nós filhos deste seculo, precioso e inalienavel apanagio ; mas naquella época o que as outras nações buscavam era formar em torno dos novos ideaes, tidos por subversivos de todas as instituições divinas e humanas, um verdadeiro e ferreo cordão sanitario.

Portugal, lá do seu cantinho occidental, erguia tambem a voz, vozinha esganiçada e fraca, no côro de maldições e pelo restringimento das suas medidas promettia resistir tenazmente a toda a tentativa de modificação do vetusto systema governamental, em que classes sociaes bem distinctas e gradativamente menos favorecidas de isenções e privilegios repousavam umas em cima de outras, descansando ellas sobre a massa popular, que fazia vezes de alicerces subterraneos destinados só a carregarem o peso de toda essa oppressora construcção moral.

D'ahi bem se comprehende quanto não era aos que estavam debaixo difficil romper por todas essas camadas de organizações seculares para alcançarem uma posição no meio dos felizes, nascidos pelo favor do destino nas alturas e que mui naturalmente consideravam usurpação qualquer lugar mais saliente, ainda que conquistado palmo a palmo. E de tudo isso resultava naquelles mesmos que subiam grande timidez innata, desconfiança de si proprio, a convicção de que precisavam pela prudencia e sincera esquivança fazer desculpavel o valimento da fortuna que, muitas vezes, os levára além de tudo quanto haviam podido ambicionar. D'ahi rasgos que hoje em dia seriam já não pouco criveis, porém sim impossiveis, como, por exemplo , o do grande marechal Catinat, que julgara dever abnegadamente recusar uma distincção honorifica, por não ser de sangue nobre.

Si o eminente guerreiro da França pensava assim de si mesmo, no meio dos triumphos em campos de batalha, de quanta cautela, simplicidade e lhaneza não necessitava o mulato José Mauricio para,

muito embora as vestes sacerdotaes, o incontestavel talento e conservada a justa altivez dos espiritos nobres, conquistar a estima e o respeito de fidalgos portuguezes, ciosos da sua grey, a amizade e convivencia de prelados poderosos e depois a protecção e o apreço de principes e até do rei de Portugal, Algarves e Brazil, no tempo do *quero, posso e mando*?!

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

DOS ESTADOS UNIDOS

VI

NOVA-YORK

Uma estada de uma semana em Nova-York acaba de confirmar na generalidade a impressão que eu de chofre recebera no dia do desembarque, sobre o caracter britannico da grande metropole americana. Como porém nos quadros de Rembrandt, pelos prodigiosos effeitos de luz a que o mestre hollandez era affeiçoado, a nossa attenção concentra-se inevitavelmente sobre o personagem no grupo principal da composição, e só mais tarde podemos enxergar as physionomias e pormenores collocados na penumbra que envolve o resto da tela; assim a demora tornou agora visiveis as differenças que naturalmente hão de estremar Nova-York das cidades inglezas do outro lado do Atlantico, e que no primeiro momento são absorvidas pela tonalidade do conjunto.

Em primeiro lugar, nota-se a apparencia muito mais cosmopolita da população, abrangendo variados typos de loiros e morenos, representantes de diversas emigrações que o tempo não pôde ainda fundir convenientemente num typo a que, posto que impropriamente, se dê o nome de commum ou nacional, como existem os

---

Veja a *Revista* de 15 de julho, 15 de agosto, 15 de setembro, 1 de outubro e 1 de novembro.

typos francez, allemão, ou italiano. A' parte mesmo da população que do Inglez recebeu por via de herança o seu feitio particular, escasseiam algumas das propriedades ancestraes. A robustez sanguinea do Inglez é substituida, por exemplo, por uma energia toda nervosa. Max o'Rell e outros viajantes referem-se repetidamente á pallidez das americanas, effeito que não attribuem a causa alguma definida, que póde ser considerado como resultado das violentas transições climatericas que caracterizam a America Septentrional, ou da voluntaria abstenção de vinhos, licôres e outras bebidas fortes que emprestam á franceza e á ingleza as suas côres de saude. De ordinario o americano é tambem pallido e magro, comquanto um real vigor e uma pasmosa resistencia se occultem sob esse aspecto, devido á extrema tensão nervosa em que vive, já pela agitação febril com que perseguem a riqueza, já pela busca de maior numero de commodidades de vida que a riqueza possa fornecer e a inventiva humana conceber ou realizar.

Por outro lado o Americano possue emoção superior á do Inglez, uma faculdade mais disseminada de colher impressões, um poder de ternura e affecto mais expansivo. Lendo ha poucas semanas um artigo de Hugues Le Roux sobre a organização da familia na Inglaterra, especialmente sobre o desapego que desde elles crianças as mãis testemunham aos filhos, o que permitte a estes, quando adultos, procurarem um ramo de vida trocando com facilidade o sólo da ilha patria por qualquer dos longinquos dominios britannicos — eu pensava simultaneamente que o escriptor francez tem razão em apontar aos seus compatriotas a superioridade da raça colonizadora de além Mancha, mas que não é indispensavel aquelle desapego maternal para dar origem a um sentimento de independencia e confiança tão precioso para o desenvolvimento do *caracter*, o qual, segundo Gustavo Le Bon, vale mais do que a *intelligencia* — a historia o prova — para fundação das grandes e duradouras nacionalidades. As mãis americanas revelam immenso carinho pelos seus filhos, o carinho indulgente e cégo dos latinos e não me parece que a falta da fortificante sequidão britannica haja embaraçado aqui o progresso quer moral, quer material.

Do primeiro já me tenho occupado noutros artigos. Do segundo, em parte alguma melhor do que em Nova-York se consegue receber uma sensação mais aguda. Do alto do *Tower Building*, da torre em

que se faz o serviço meteorologico e que domina todo o porto de Nova-York, a ilha de Manhattan na qual a cidade se apinha e as cidades fronteiras de Brooklyn, á esquerda, e de Jersey á direita, o panorama descortinado é inclvidavel, não de certo pelo aspecto gracioso ou selvatico da paizagem, porquanto esta é quasi toda commercial, substituindo as chaminés, as arvores, as fabricas, os bosques, cedendo a natureza por completo o passo á industria, mas precisamente pelo ingente esforço humano que ella nos revela. A meus pés estendia-se um quieto oceano de telhados, do qual emergiam, como rochedos gigantescos, os edificios de dezeseis e vinte andares, viveiros de escriptorios, bancos e companhias, que dão ás cidades americanas uma tão inconfundivel originalidade. Varios canos fumegavam, não placidamente como os das cabanas perdidas nas matas ou os dos vapores descortinados no horizonte, mas nervosamente, bruscamente, aos arrancos, centenares de chaminés das machinas que guindam os ascensores, dos que geram a electricidade necessaria para a luz que corrige a deficiencia do sol do norte, das que fornecem o calor preciso para combater os rigores do clima. Diante de mim a ponte esguia de Battery, descobrindo-se ao longe as ilhas do porto, em uma das quaes se ergue a estatua symbolica da Liberdade, e dos dois lados da ilha de Manhattan um braço de mar e o rio Hudson, cruzados por um formigueiro de embarcações, particularmente *ferry-boats* transportando no amplo bojo innumeros passageiros, carros, carroças, toda a casta de vehiculos lançados á pressa na outra margem como numa reedição do famoso cavallo de Troya. Pelas ruas da cidade um mundo de transeuntes, trens de ferro silvando doidamente e deslizando velozmente sobre os leitos collocados á altura dos primeiros andares, carros electricos perpassando com rapidez vertiginosa. Poderão outras cidades sem duvida fornecer uma impressão superior de elegancia e de belleza. Pariz, na parte que medeia entre o Louvre e o Arco de Triumpho, Berlim no trecho do Linden que vai da Opera e da Universidade ao *Schloss* imperial, a Ringstrasse de Vienna constituem espectaculo da architectura e magnificencia, em que não podem competir mesmo as soberbas habitações da quinta Avenida e as dezenas de esplendidos edificios que Nova-York encerra. Nesta, falta sobretudo o encanto do passado, a vida retrospectiva e a tradição historica que palpitam em todas aquellas capitaes.

Não conheço porém cidade alguma, nem mesmo Londres com a animação da sua *city* e do Strand, e que dê tanto como a metropole americana a impressão e um agglomerado humano em que o trabalho se traduz sempre em riqueza, a actividade sempre em opulencia.

E' mister reparar que Nova-York é realmente o coração de uma poderosa nação de 70 milhões de habitantes, que é o seu porto mais importante, o seu centro mercantil mais consideravel, e isto em uma proporção muito mais elevada do que qualquer outra cidade do mundo; numa palavra, que o movimento commercial dos Estados-Unidos concentra-se ahi numa escala quasi unica. A França possue além do porto de Marselha, os de Havre e Bordeus, quasi rivaes; a Inglaterra distribue por Londres, Liverpool, Southampton o seu immenso trafico maritimo; Hamburgo, na Allemanha, tem por concorrente Bremen. Nova York é entretanto, apezar do notado e caracteristico desenvolvimento no paiz das grandes e populosas cidades, o porto por onde transitam 60 °/₀ das mercadorias importadas e exportadas da America do Norte, e onde desembarcam tres quartas partes dos innumeros emigrantes que procuram esta região feliz.

Região feliz é o termo. Na noite do proprio dia em que subi ao alto do *Tower Building*, tive occasião de assistir a um dos mais concorridos e interessantes comicios da actual campanha presidencial, e a admiravel tolerancia politica que eu ahi vi demonstrada confirmou-me, dando-me ao mesmo tempo uma das razões dessa felicidade, dessa satisfação que incontestavelmente os Estados-Unidos transudam. Era uma reunião de democratas dissidentes ou fieis ao *sound money*, e no auditorio deviam sem duvida encontrar-se numerosos democratas amigos da livre cunhagem da prata, attraidos pela curiosidade ou pelo candido desejo de instruir-se que o eleitor americano sobejamente manifesta. Falaram seis ou sete oradores, entre elles os candidatos á presidencia e vice-presidencia: pois, mau grado as luzes, o calor do enorme amphitheatro, a banda de musica atacando os compassos das canções nacionaes, e os clamores enthusiasticos do publico, os discursos mantiveram-se todos dentro dos limites da moderação e da cortezia, como do lado do povo não partiu um só grito injurioso, uma só interjeição discordante.

Alguns estudantes de Yale que, caso bem raro! interromperam um dos discursos pronunciados por Bryan, o candidato de Chicago,

na Connecticut, foram asperamente censurados, até pelos adversarios politicos do orador. *A Tribuna* de Nova-York, principal orgão das candidaturas Mac-Kinley-Usbart, assim se exprimiu, relatando o incidente:

« A conducta dos estudantes que, segundo parece, haviam combinado incommodar o orador, não tem desculpa ou defesa e merece severa reprovação. Esta terra é uma terra de liberdade de palavra, e á policia competia tomar as providencias necessarias para que o *Bay orator* (Mr. Bryan) pudesse dirigir-se sem interrupções ao seu auditorio. » Tal sentimento de respeito pelas opiniões alheias é, todos convêm, um traço britannico, tornado entretanto mais pronunciado pela desafogada expansão nacional americana, sem ranços de velhas lutas religiosas ou contendas de raças.

Região feliz porque ainda sabe reunir á tolerancia politica, e deferencia para com as convicções contrarias, tantas outras virtudes, encontrando demais ensejo e tempo—pelo menos na parte della, onde á brusca energia physica já se sobrepujaram os refinamentos da cultura—para buscarem na realização das aspirações artisticas aquillo que empresta elevação e encanto á existencia. O museu de Nova-York é uma surpresa numa cidade do novo mundo. Como quadros possue não só telas dos antigos mestres, alguns Velasquez, Rembrandts, Reynolds, excellentes Franz Hals, como especialmente magnificos exemplares da moderna pintura franceza, de Troyon, Rosa Bonheur, Benjamin Constant, Cabanel, Meissonnier, etc. Os vidros de Veneza, classificados chronologicamente, são simplesmente admiraveis. As tapeçarias de Gobelins, as porcellanas chinezas, honrariam qualquer museu europeu. As antiguidades do Chypre, colligidas e transportadas pelo general Cesnola, têm reputação universal pelo seu alto valor archeologico e ethnologico, evidenciando na opinião dos entendidos, a influencia que por intermedio dos Phenicios os Egypcios e Assyrios exerceram sobre os artistas gregos. No *hall* deparam-se-nos numerosos e escolhidos exemplares da esculptura americana. E nota-se que, para a reunião de tantas priciosidades, o Estado ou a Municipalidade não foram onerados com gastos importantes.

Em grande maioria os objectos expostos foram legados ou doados, ou ainda emprestados em vida dos donos para ornato e importancia do museu. Entre outras pessoas Mr. Wolf deixou por

testamento uma soberba collecção de quadros e tapeçarias, ajuntando-lhe a somma de 200,000 dollars para sua conservação e augmento.

Taes estima e respeito pelas coisas d'arte são geraes e com facilidade as achamos na grande cidade, no theatro por exemplo. Assisti no *Lyceum* á representação de um drama romantico de Stephens intitulado *An enemy to the King* (Um inimigo do Rei), episodio das guerras huguenottes em França, cujo protogonista encarnava o illustre actor americano Sothern. Como producção literaria, pareceu-me a peça bem feita, comquanto se não recommendasse por um merecimento fóra do commum. O espectaculo era porém dos mais agradaveis pelo excessivo cuidado com que se viam reproduzidos fielmente os pormenores de vestuarios, de mobilia, dos costumes aristrocaticos e populares do seculo XVI; pela belleza do scenario, e dos accessorios verdadeiramente realistas, com gorgeios de passaros na floresta, agua nos bebedouros dos animaes no pateo da estalagem, falcões vivos no punho do falcoeiro; finalmente pela interpretação em geral correcta e, por parte do principal personagem, cheio de elegancia, de bravura, de enthusiasmo, desse *panache* cuja ausencia os criticos de Pariz tanto censuram nos artistas francezes de hoje que revivem as creações da grande época romantica.

Não faltavam dramas e operetas nos theatros de Broadway, posto que a estação apenas começasse. Nem eram porém dos que os julgo corresponder exactamente ao caracter dos espectadores. Refiro-me ao *Under the Polar Star* (Debaixo da estrella polar), no qual congregam-se o gosto pueril pelas magicas, commum a todos os publicos, a ponto de discreta ternura tão querida das populações inglezas dos dois lados do Atlantico, e a paixão toda local da invenção, da descoberta do inedito, do aventuroso. Não contarei aos leitores, que as terão parecidas em Julio Verne, as peripecias extraordinarias porque passam o barco fretado pelo milionario Silas Rodman para attingir o Cabo Norte e os que o tripulam; o lobo do mar resoluto que commanda a expedição, o guia esquimau, o traidor desapiedado, o amante leal e generoso, a heroina pouco timida, de uma valentia e decisão inteiramente americanas, sem falar do reporter de Washington e do sabio francez que dão á peça em suas interminaveis discussões a nota comica indispensavel. Apenas desejava apontar como mesmo nas

representações theatraes do agrado do publico é possivel descobrirem-se traços de caracter nacional. No mencionado drama lobrigamos sob as usuaes vestimentas scenicas a ingenuidade, o sentimentalismo reunidos á audacia deste povo optimista, cuja ambição de fortuna e de saber não conhece limites e cujo unico secreto pezar é ter existido, em fim do seculo XV, um certo mystico italiano por nome Christovão Colombo, que com duas ou tres frageis caravellas descobriu o Novo Mundo, não deixando reservada para os americanos a gloria de toparem com o continente que occupam e que tanto honram.

OLIVEIRA LIMA

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza; seus factores pre-historicos e historicos

VII.—ROMANOS [1]

E' bem facil comprehender que nós não vimos fazer neste lugar a historia da conquista da Hespanha e Portugal pelos Romanos e nem até expôr o systema de seu direito, os intrincados meandros de sua legislação. E' trabalho mil vezes já feito e algumas dellas com pronunciado brilhantismo.

Pelo que diz respeito ao direito, que tem em nossos cursos academicos uma cathedra especial, e que fundamentalmente é o mesmo que nos tem regido e ainda hoje rege,aos estudiosos que o queiram aprender em seus traços mais geraes e em seu espirito superior, limitamo-nos a envial-os para a leitura facil, attrahente e compensadora de tres livros classicos, tres monumentos do saber historico de nossos dias : *A Cidade Antiga* de Fustel de Coulanges,

[1] Veja a *Revista* de 1 de Janeiro, 1 e 15 de fevereiro, 1 de abril, 1 de junho, 15 de julho e 15 de novembro de 95 e 1 de outubro de 96.

o *Antigo Direito* de Sumner Maine e o *Espirito do Direito Romano* de Rudolph von Ihering.

Pelas exigencias do plano deste nosso ensaio somos obrigados apenas a mostrar como e até que ponto as gentes romanas entraram para a formação do povo portuguez, e porque fórma o direito deste se achou influenciado pelo direito dos conquistadores latinos. Para tanto havemos de tocar em meia duzia de theses capitaes, e não mais. E vejamos desde logo. Antes de tudo, releva dar uma noção ethnographica daquelle povo duro e egoista, que chegou a senhorear a mór porção do antigo mundo e a quem a leviandade da historia ainda hoje, manejando velhas metaphoras, costuma de chamar o povo-rei. Ethnographicamente sua caracteristica não é das mais invejaveis: uma mistura de raças diversas, um *salmigondis* inextricavel. Não somos nós quem o diz; é a voz geral dos homens mais competentes no assumpto. «Ha enormes difficuldades, escreve o principe dos naturalistas philosophos em nosso tempo, em identificar os povos, entre os quaes os diversos dialectos do grupo latino se desenvolveram, com uma raça qualquer, cujos vestigios se encontrem na Italia nos tempos historicos. A Italia do norte foi povoada, além dos aborigenes primitivos, por Ligurios morenos de cabeça quadrada, por Gaulezes, que, provavelmente em larga escala, eram louros e de cabeça comprida; por Illyrios, de quem nada se sabe. Existia ali, além destes, aquelle povo enigmatico dos Etruscos, que parece foram primitivamente morenos, de cabeça longa. A Italia meridional e a Sicilia offerecem um contingente de *Sikels* phenicios e gregos; e, por cima de tudo isto, em tempos relativamente modernos, houve uma adjuncção de sangue teutão (e celtico, acrescentamos nós.) Os dialectos latinos nasceram, ninguem sabe como, entre as tribus da Italia central, cercados de todos os lados por povos dos mais variados caracteres physicos, que eram gradualmente absorvidos no ventre romano cada vez mais distendido, e ahi, á força de empregar a mesma lingua, tornaram-se o ponto de partida desse espantoso *salmigondis* ethnologico, que, sem motivo sério, tem-se denominado raça latina.» [1] Ainda hoje o espectaculo é este mesmo assignalado pelo sabio naturalista inglez, referindo-se aos antigos tempos. E

[1] Huxley, *La Place de l'Homme dans la Nature*, pag. 325.

para que a vaidade latinisante, ainda muito corrente mesmo entre nós, não venha a suppôr que aquillo são exaggeros anglo-saxonios, ouçamos um dos nossos apostolos, o querido Renan, e em sua propria lingua: « L'Italie est le pays où l'ethnographie est *la plus embarrassée.* Gaulois, Étrusques, Pélasges, Grecs, sans parler de *bien d'autres énémenis*, s'y croisent dans un *indechiffrable mélange.*» [1] Como quer que seja, a gente romana, muito inferior aos Gregos em capacidade artistica e scientifica, aos Judêos em capacidade religiosa, aos Germanos em capacidade poetica, philosophica e industrial, chegara, por motivos varios e diversas contingencias historicas do meio europeu na segunda phase da antiguidade, isto é, depois da brilhante evolução do Egypto, da Assyria, da Babylonia, da Persia e da Grecia, a revelar grande habilidade politica e viu-se senhora do mundo mediterraneo. Depois de avassalada a Italia, chegou a vez de Carthago, da Grecia, da Hespanha, do Oriente, da Gallia e de certa porção da Britannia. Só a Germania escapou, em beneficio futuro da humanidade, á sanha conquistadora do romano cruel e á influencia completa de sua legislação compressora.

Vejamos, dentro dos limites de nosso plano, o que fizera elle ás regiões ibericas.

A primeira apparição deste povo em Hespanha foi a titulo de a defender dos Carthaginezes, desde o anno de 227 a 213 antes de Christo. Deram-se então os feitos dos dois irmãos Publio e Cnœus Scipião, que, com fortuna varia, combateram os famosos Africanos, depois que estes destruiram Sagunto e levantaram contra si a mór porção das tribus hespanholas.

Os triumphos romanos foram rapidos; mas a Hespanha estava ainda bem longe de poder ser considerada uma provincia da Republica. Os dois Scipiões foram destroçados em 213 pelos generaes carthaginezes Asdrubal e Hannon. Immediatamente Lucius Martius vingou-os, não sem muita perfidia contra o inimigo.

Em todo o caso, estava iniciada a subjeição da Iberia.

O pretexto fôra o Carthaginez; a realidade era a conquista.

Mas a velha raça ibera não era coisa para se levar de vencida em um bello passeio militar, como se havia feito na Sabinia.

---

[1] *Discours et Conférences*, pag. 293.

Cerca de duzentos annos levaram os vencedores da Grecia e de Carthago a reduzir a peninsula. Empregaram o melhor de seus generaes, muitos dos quaes se cobriram ali de eterna vergonha, uns por suas delapidações, outros por vilanias de todo genero.

O moço Scipião, filho de Publio, mais tarde cognominado—o *Africano*, proseguiu, com vantagem na senda trilhada por seu pai e por seu tio, a ponto de poder desde 206 ser a Hespanha considerada uma conquista romana. Foi dividida em duas provincias, a Citerior e a Ulterior. Esta ultima encerrava em si a Lusitania, Não se pense, porém, que tudo estava acabado e a peninsula escravizada de uma vez. Bem longe disso; grandes regiões hespanholas não obedeciam ao vencedor, e a luta, como dissemos, teve de protrair-se até aos dias do imperio, ao tempo de Augusto, por duzentos dilatados annos. Os mais famosos generaes romanos, os Lucullus, os Galbas, os Vitellius, os Nigidius, Lolius, Metellus, Unimanus, Plautius, Fabius, Maximus, Servillianus, Pompeius Rufus, Cæpions, Pompilius, Hostilius e o proprio Cesar, tiveram de medir armas com os patriotas ibericos, cujo mais notavel foi o valoroso lusitano Viriato. Feitos heroicos tiveram lugar, sobresaindo a todos a epopéa da defeza e rendição de Numancia, vergonha inapagavel do nome ainda de um Scipião, o Emiliano. Interessante o movimento politico dirigido por Sertorio, que, apezar de tudo, é um typo equivoco da historia. Nestes acontecimentos grande foi a coparticipação da Lusitania.[1] Quatro seculos durou o dominio pacifico dos Romanos nas Hespanhas, que se latinizaram de todo, excepto os altos recessos occupados pelos Bascos. Augusto procedeu ali a nova organização administrativa, fazendo desapparecer a divisão nas duas provincias — Citerior e Ulterior, que foi substituida pela de tres, sob os nomes de Boetica, Lusitania e Tarraconense.

A' Boetica incorporou-se cincoenta e quatro annos mais tarde a Tingitania africana. Constantino— o Magno separou mais tarde da Boetica a Tingitania e desmembrou da Torraconense Carthagena e a Galliza, deixando a Hespanha dividida em seis provincias, a saber: a Boetica, a Lusitania, a Galliza, Tarraconense, Carthaginense e a Tingitania.

---

[1] Vide Paquis, *Histoire d'Espagne et de Portugal*, 1, pag. 23 e segg.

O mesmo Constantino — o Magno dividiu como é sabido, todo o imperio romano em quatro grandes governos ou Prefeituras: Oriente, Illyria, Italia, e Gallias. Cada uma destas Prefeituras foi dividida em Dioceses. A Prefeitura das Gallias tinha tres dioceses: a Gallia, a Hespanha e a Bretanha. A'frente de cada Prefeitura estava um prefeito do Pretorio, e á frente de cada diocese um vicarius do Prefeito, e sob as ordens destas cada provincia tinha seu presidente.

Os antigos governadores das duas provincias, a Citerior e a Ulterior,—escreve um historiador, tinham mando soberano nos negocios civis e militares e chamavam-se *consules* ou *pretores*. Por serem, por sua instituição, annuaes estas dignidades, aquelles que as preenchiam mais de anno chamavam-se *proconsules* ou *propretores*. Sob o reinado de Augusto, os governadores da Lusitania e da Tarraconense tomaram a titulo de *legados imperiaes*, ou *legati Augustales*, ao passo que os da Boetica continuaram a chamar-se proconsules. Cada um destes grandes dignitarios tinha dois ou tres *deputados* ou *vice-legados*, que residiam nas grandes cidades de cada governo. Tal foi o systema que subsistiu até Constantino Magno, que dividiu o mundo romano em quatro governos, dirigido cada um por um Prefeito do Pretorio.

A Hespanha pertencia ao das Gallias, tinha seu vigario, superintendente dos governadores locaes. As appellações eram dirigidas dos tribunaes destes governadores ao do vigario e d'ali ao tribunal do prefeito. Os governadores da Lusitania, da Betica, e subsequentemente da Galliza, foram invariavelmente designados com o titulo de consules, ao passo que os de outras provincias se chamavam presidentes *(præsides)*. Além do vigario, cuja administração se limitava principalmente aos negocios civis, havia o conde, cujas funcções eram de indole militar posto que, as vezes, os proprios assumptos militares fossem tambem submettidos ao vigario. Não se deve, comtudo, suppôr que a autoridade desses officiaes se estendesse a todas as cidades da peninsula.

Algumas eram governadas, até em ultima instancia, por suas proprias leis; outras dependiam immediatamente da capital do mundo romano; outras, emfim, eram livres e abandonadas ás suas antigas leis e antigos tribunaes. Distinguiam-se as *colonias*, os *municipios*, as *cidades romanas*, as *alliadas*, as *tributorias*, as de *fôro latino*. Dest'arte a Tarraconense em setenta e nove cidades tinha doze colonias, treze cidades romanas, dezoito de direito latino, uma alliada e trinta

e cinco tributarias. A Betica encerrava cento e sessenta e cinco cidades: sendo—nove colonias, dezoito municipios, vinte e nove de direito latino, seis livres, tres alliadas, e cento e vinte tributarias. A Lusitania era possuidora de quarenta e cinco cidades, a saber: cinco colonias, um municipio, tres de direito latino, e trinta e seis tributarias.» [1] Que queria isto dizer? Que vem a ser essa variedade na tão decantada unidade romana?

Para responder a tal pergunta é indispensavel lançar um olhar sobre a indole intrinseca, o caracter, o genio do povo romano e respectivamente de seu direito.

O caracter do povo romano é um dos phenomenos mais curiosos da historia universal e essa curiosidade origina-se da contradicção intrinseca em que elle se revolvia. De um lado, egoista, compressor, nativista; doutro lado, tendo, consciente ou inconscientemente, a intuição da unidade geral humana, da universalidade dos povos ligados sob um só dominio, um só regimen, um só direito. Esta dupla qualidade resulta nitida do estudo de seus feitos e de suas instituições. Os mais perspicazes caracteristicos desse povo singular attestam mais ou menos claramente, esse dualismo, que nem todos sabem explicar. O mais eminente de todos elles—von Ihering—escreve um capitulo inteiro nesse intuito, e, apezar de toda a sua destreza de psychologo e analysta, sente-se que a difficuldade do assumpto o assoberba. « Em Roma, assevera elle, o principio do Estado e do direito triumpha do principio da nacionalidade. Descobrimos em Roma, desde sua origem, a idéa que encerra sua importancia ulterior, sua posição e sua missão particulares na historia universal. Não existe nome que tanto como o de Roma desperte a idéa dum conflicto entre o principio de nacionalidade e o principio abstracto do Estado e do direito, ou a idéa do contraste entre a nacionalidade e as tendencias transnacionaes universaes.» Nada mais claro e mais decisivo para quem olha para um dos lados da vida romana; mas o sabio jurista—philosopho seria incompleto, si não lançasse as vistas tambem para a outra parte, o lado tetrico e sombrio do nativismo egoistico do famoso povo—rei. Effectivamente von Ihering as lançou e teve a coragem de encarar o problema em sua fundamental contradicção. A explicação que nos deu, não satizfará a todos; mas é apta a esclarecer,

---

1 Paquis, *Histoire d'Espagne*, I, 46.

até certo ponto, o assumpto. « Collocamos, escreve elle, linhas acima, a importancia de Roma na realização da *universalidade politica e juridica abstracta* em opposição do particularismo do principio nacional. Quem nada sabe do caracter popular de Roma poderia acreditar que a essencia desse caracter consiste na *universalidade cosmopolitica*. Por pouco, porém, que se conheça a gente romana, sabe-se que não existe outro povo que tenha possuido uma nacionalidade tão indestructivel e que a ella se tenha mais intimamente ligado. Esta nacionalidade não tinha precisão de isolar-se para se conservar, nem de repellir os elementos estrangeiros. Provocava, ao envez, todos os povos a medirem-se com ella, acolhia em multidão os elementos estranhos; mas o espirito romano dissolvia-os immediatamente e os assimilava, sem que exercessem sobre elle influencia alguma perniciosa. Esta energia desenvolvida em Roma pelo *principio da nacionalidade*, como concilial-a com a *missão antinacional*, universal do povo romano? A universalidade, responde, o grande escriptor, procede duma propriedade, que é,—ao mesmo tempo, expansiva e universal dum lado, contractiva e exclusiva de outro: *o egoismo*. O egoismo, que se erige em centro do mundo, que refere tudo a si, não corre o risco de esquecer-se, de renunciar á sua particular posição exclusiva: sua universalidade consiste exactamente em querer tudo. Tal força expansiva dos appetites, posto ande sempre ligada á maior estreiteza de espirito, é, todavia, objectivamente, para a historia, um poderoso meio de realizar a idéa de universalidade. Roma fornece-nos disso a prova mais brilhante.» [1]

O celebre jurisconsulto allemão enxergou, pois, as duas qualidades primarias do genio romano; mas para elle não se trata propriamente de conciliar duas coisas antitheticas: universalismo e nacionalismo, intuição geral e egoismo; porque a segunda qualidade é predominante, e que produz a outra pelo seu proprio excesso, pela mania de tudo querer, pelo prurido de tudo dominar. O sonho do romano não era o sacrificio de Roma ao mundo, era, ao contrario, o sacrificio do mundo a Roma; era uma especie de pantheismo a Spinosa que não sumia o universo em Deus, mas fazia a operação opposta, sacrificava Deus ao universo, o mais no menos. Não era má a pretenção. O que resta saber é si existem bons motivos para a

---

[1] R. v. Ihering, *L'Esprit du Droit Romain*, tr. fr. I, *pag*. 309 e 313.

humanidade ser grata a esses despoticos dominadores. O que não admitte duvida — é que de todos os modos, que têm existido de procurar realizar a unidade humana, a dos Romanos pela monarchia universal, a da idade média pela religião, a dos modernos tempos pela sciencia e pela industria, a dos primeiros foi a mais esteril e perniciosa. O que tambem não padece duvida é que de todos os proclamados factores ou elementos de cultura universal que a antiguidade nos legou, a arte e a philosophia dos Gregos, o christianismo dos Judeus e Aryanos, e o direito dos Romanos, este ultimo é que tem sido mais emperrado e malefico em sua imperiosa despotia.

Para comprehender a veracidade desta increpação, não devemos prestar ouvidos a velhos juristas romanisantes, ao gosto de Gravina, que não se cançaram de tecer elogios á justiça da conquista dos Romanos e a sabedoría de seu direito. Sem desconhecer um instante os serviços por esse povo prestados a cultura occidental, para a qual entram com sua quota de idéas juridicas, e com o proprio facto de sua denominação, quasi geral no mundo mediterraneo, julgamos não dever mentir á historia, doirando, como é de costume, os feitos, todos os feitos de sua politica.

Trata-se aqui da acção dos Romanos em Hespanha, e particularmente em Portugal. E', pois, de bom criterio que se estudem os seus feitos peculiarmente especial das relações que costumavam manter com os povos que lhes eram sujeitos, suas provincias, suas colonias.

Geralmente se repete, sob a influencia de Raynouard, Guizot e Aug. Thierry, que Roma fôra por toda a parte nas suas conquistas a introductora e mantenedora da liberdade municipal, que por toda a parte fundara outras Romas, iguaes a mãi-patria, fócos de cultura e romanismo. São canções romanticas pulverizadas por um estudo mais serio dos textos e dos velhos factos. E não precisa ir muito longe. Laurent e Coulanges são mais que sufficientes para dar-nos a vêr os acontecimentos sob luz bem diversa.

Velha cidade municipal, de regimen duramente aristocratico, foi a ultima dos antigos tempos a modificar o primitivo direito, preso á religião, intransigente e exclusivista. Sua historia, por esse lado, é um curioso drama em quatro actos, cheios de tremendas lutas em que o resistente espirito conservador bateu-se desesperadamente. Primeiro a admissão dos plebeus ao direito de cidadãos, depois dos habitantes de Lacio, depois dos da Italia, finalmente dos

das provincias. As peripecias destas quatro immensas lutas dilataram-se por mais de oitocentos annos. Só a ultima nos interessa. Foi na segunda phase do imperio, quando já não era difficil discernir os signaes da decadencia, foi ao contacto continuado de barbaros e estrangeiros que o direito romano se modificou em sentido liberal, deixando de firmar-se no conceito estreito da *civitas* para sentar-se no da *libertas*, e mais tarde ainda no da simples *natura hominis*.

Releva ponderar que toda a má vontade de Roma, obedecendo assim ao velhissimo espirito municipalista que ella foi habil para anniquilar por toda a parte, e muito ciosa em conservar, quanto poude, em seu proprio seio, era contra os estrangeiros. Estes para ella, não tinham direito digno de ser reconhecido, não podiam ter o *commercium* e o *connubium*. Só pela hospitalidade privada e publica puderam elles, no correr dos tempos, gozar de certas liberalidades.

D'ahi os contractos *isopoliticos* em que Roma lhes reconhecia certa capacidade juridica. Nas suas relações internacionaes, tratava-os com as regras estreitas de seu direito. Considerava-os como clientes susceptiveis do *patronato* e da *dedicação*, da alliança ou da sujeição; eram *socii* ou *dedititii*. [1]

SILVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

---

[1] Laurent, *Rome*, 64; F. de Coulanges, *La Cité Antique*, 141.

O VISCONDE DE PEDRA-BRANCA

ALGUNS PERIODOS DE SUA VIDA

1779—1831

III

1811—1821

No brigue denominado *Galeno*, Pedra-Branca seguiu de Nova-York para o Brazil em 16 de março de 1811. D'ahi a pouco tempo chega a Bahia, depois de uma ausencia de cêrca de quinze annos, e com enthusiasmo patriotico saúda exultante o ninho seu paterno:

Salve, ó berço, onde vi a luz primeira!
Risonhos montes, deleitosos ares!
Eu te saudo, oh patria!
Como no peito o coração festeja!
Todo me sinto outro: são delicias
Quanto em torno a mim vejo.

Veja a *Revista* de 1 de novembro.

Tem outro ar o ceu, outro estas arvores!
Por onde adeja, zephiro embalsama!...
Dá que eu te beije, oh terra!
Deste, que só tu dás, prazer tres lustros
Privado, qual proscripto, arrasto a vida
Em forçados errores.
...Aqui foi que eu nasci; devo a existencia,
Devo tudo o que sou a ti, oh patria!
Eis-me, é teu quanto valho.
E' nos trabalhos que no peito ferve
O nobre patriotismo; o braço, o sangue,
Aqui te entrego, oh patria! [1]

Não tardou que novos revezes imprevistos lhe aguassem a renascente ventura. Denunciado como adherente a Napoleão ou como infenso á monarchia portugueza, por suspeita filha da sua demora na côrte do prepotente soberano depois que este movêra guerra a Portugal, suspeita aggravada, talvez, pelo facto da sua digressão pelos Estados-Unidos, Pedra-Branca foi preso e recolhido á cadeia publica da Bahia. Sorte igual tiveram por identico motivo os seus amigos Vicente e Sebastião Navarro de Andrade, e João Pereira de Souza Caldas, os quaes, havendo tambem permanecido em França juntamente com elle, foram seus companheiros de viagem daquelle paiz para a America do Norte e d' ali para o Brazil. O labeu de criminoso de alta traição não lhe quebranta o animo, antes, com serena altivez, elle encara a flagrante injustiça:

Arrastar podem a innocencia aos carceres;
Mas, de constancia armado, o varão justo
Co' o peso dos seus ferros não se curva;
Se o crime opprimem, a virtude adornam. [2]

Transferido posteriormente para bordo do brigue *Tamerlão*, que o devia levar ao Rio de Janeiro, tempéra com indulgencia as brandas queixas que solta:

A familia dispersa, os bens perdidos,
Perdida a cara mãi! resta-me a patria,
Essa dos meus desvelos digno objecto,—
Ao vel-a, disse, sem fitar a ingrata.
Ferros lança nos braços que lhe estende,
Seu regaço é prisão, seu mimo insultos!...
Mas foi a patria? não, que a patria geme. [3]

---

[1] *Poesias ás Senhoras Brazileiras.*
[2] *Obr. cit.*
[3] *Obr. cit.*

No meio do mar, indo preso naquelle brigue, da Bahia para o Rio de Janeiro, a ingratidão, que tanto lhe dóe, não lhe diminue o ardor com que estremece a patria:

A paz buscava
Nos patrios lares.
Achei, por mimos,
Ferros, pezares.
Ingrata patria,
Sempre querida,
Quero deixar-te,
Deixo-te a vida. [1]

A' vista do processo inquisitorio feito pelo intendente geral de policia do Rio de Janeiro, julgou-se improcedente a accusação contra Pedra-Branca e seus companheiros, ficando pois reconhecida a innocencia de todos, que foram mandados pôr em liberdade. E' o que consta do seguinte aviso, dirigido pelo conde de Linhares, ministro de D. João VI, áquella autoridade policial, e publicado na *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 9 de outubro, com o fim de tornar manifesta a reparação do aggravo soffrido.

« Havendo subido á augusta presença de S. A. R. o principe regente nosso senhor, a conta e processos inquisitorios, que V. S. me remetteu em data de 27 de setembro, das pessoas que foram accusadas como suspeitas, e, vendo S. A. R. que a accusação não procede, antes se mostra pelo exame a que se procedeu que todas as pessoas accusadas e detidas, não só estão innocentes, mas deram em toda a parte decididas provas da sua fidelidade e amor ao seu soberano, o melhor dos principes: é o mesmo augusto senhor servido que V. S., não só mande pôr em liberdade os que estão aqui detidos, mas que, tambem, mande praticar o mesmo com um dos Navarros, que ficou ainda na Bahia, e lhes declare que S. A. R. ficou inteiramente convencido da sua innocencia, e que ao pio e virtuoso coração de um tão benigno soberano foi bem doloroso que a necessidade, as criticas circumstancias imperiosas do momento e uma denuncia, que parecia fundada, lhes causassem uma desagradavel detenção, de que comtudo lhes não deve resultar mais incommodo, logo que fica justificada a sua innocencia, e restituidos á graça do seu soberano. O mesmo

---

[1] *Poesias ds Senhoras Brazileiras*

ordena S. A. R., que V. S. pratique a respeito do hespanhol Harreche, pondo-o em inteira liberdade, dando-lhe passaporte para poder seguir a sua viagem para a Bahia e Havana, depois de se lhe restituir tudo o que lhe foi apprehendido.— Deus guarde a V. S. Palacio do Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1811.—*Conde de Linhares*.—Sr. Paulo Fernandes Vianna. »

Restituido á liberdade, Pedra-Branca ficou algum tempo no Rio de Janeiro. Durante o anno de 1813 collabora no *Patriota*, revista literaria a mais antiga das que no Brazil se tem publicado.

Apenas em meiados do seculo findo, sob os auspicios do vice-rei Gomes Freire de Andrade, a iniciativa particular inaugurou no Rio de Janeiro uma typographia; mas esta mesma foi logo destruida por ordem do governo de Lisboa, o qual simultaneamente prohibiu outras officinas analogas na colonia luso-americana, ficando ella privada dos prélos até a época em que se trasladou para o Brazil a séde da metropole. Poucos dias depois da chegada de D. João VI á Bahia, por conselho de um dos filhos illustres daquella cidade, José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú, decretou-se a abertura dos nossos portos ás nações estrangeiras. Encetada assim a nossa emancipação commercial, ao passo que entre nós o poder publico fazia nascer a liberdade de industria e fomentava a agricultura, — cuidava da instrucção superior dos brazileiros, até então condemnados á ignorancia mais profunda.

Nesta esperançosa conjunctura o governo do principe regente, urgido pela necessidade de vulgarizar o conhecimento dos seus actos, fundou, a 13 de maio de 1808, a *Impressão Regia*. Tal foi, abstraindo do que anteriormente o obscurantismo anniquilara, o nosso primeiro estabelecimento typographico, o qual publicou a primeira folha brazileira, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, orgão official. Tres annos depois a Bahia possuiu tambem a sua typographia, onde se tirava outro periodico, *A Idade de Ouro*. O *Patriota*, que se denominava jornal literario, politico e mercantil, foi creado no predito anno de 1813 pelo mathematico bahiano Manuel Ferreira de Araujo Guimarães, então lente da Escola Militar. Ainda pela *Impressão Regia* era dado á estampa.

Entretanto, sopeando a liberdade de pensamento, a censura prévia, a que estavam sujeitas quaesquer publicações, estorvava o progresso da imprensa no Brazil. Editavam-se, pois, raras obras,

e o nosso jornalismo não foi representado, até o anno de 1821, sinão pelos tres referidos periodicos, não falando no *Correio Braziliense*, que, para escapar á Mesa Censoria, como á vindicta dos poderosos, o nosso conterraneo Hypolito José da Costa Pereira publicava em Londres. Logo, porém, que D. Pedro de Alcantara, ao começar a sua regencia, aboliu a censura e favoreceu a liberdade de imprensa, no Rio de Janeiro e em outras cidades appareceram varios jornaes politicos, geralmente redigidos com certa vehemencia de linguagem, propria das controversias suscitadas pela idéa nascente da independencia nacional.

O *Patriota* durou dois annos, e, além de Pedra-Branca, teve por collaboradores José Bonifacio de Andrada e Silva, Mariano José Pereira da Fonseca, Silvestre Pinheiro Ferreira, Manuel Ignacio da Silva Alvarenga e outros varões já distinctos pelos seus talentos e letras. Primava pela variedade e boa escolha dos assumptos, que eram acuradamente discutidos. Pedra-Branca inseriu no *Patriota* monographias sobre trabalhos scientificos experimentaes e algumas composições em verso. Daquellas monographias referem-se umas á botanica agricola e se intitulam « Noções sobre a cultura e fabrico do anil e analyse desta materia colorante e do pastel » ; «Memoria sobre o café, sua historia, cultura e amanhos » ; « Memoria sobre o urucu » ; e « Meio empregado pelos chins para a propagação das arvores » ; a chimica applicada ministrou assumpto ao artigo : « Branqueação da céra » ; na hydraulica fundou-se a «Memoria sobre os meios de desaguar e esgotar as terras inundadas, ou encharcadas, por methodo facil e pouco dispendioso», e a « Memoria sobre o meio que se seguiu no esgotamento de um pantano » ; ha, finalmente, outra « Memoria sobre os muros que servem de sustentar as terras», offerecida ao conde dos Arcos, governador da Bahia, em cuja capital era então frequente o desmoronamento de terras das montanhas. Entre as poesias que Pedra Branca deu a lume no *Patriota* sobresai a *Epistola* em resposta á de Filinto Elysio, e bem assim a traducção do poema de Gabriel Legouvé, *Le Mérite des Femmes*.

Eis como a publicação della foi noticiada pelo dito periodico : [1]

« O *Merecimento das mulheres* por Mr. Legouvé, traduzido por B.

---

[1] *O Patriota*, Fev. de 1813.

E' uma pequena peça na qual o poeta pretende vingar o bello sexo das accusações de Juvenal e de Despreaux. Com uma ligeireza franceza toca levemente nos argumentos que lhe parecem mais acommodados, e algumas vezes recorre a uma comparação que nada prova. Sem um pincel como o dos dois poetas que elle quiz combater, fez um presente á melhor parte do homem, como elle diz, proprio do objecto. O traductor, bem conhecido por suas luzes e a quem este jornal é particularmente obrigado, empregou versos harmoniosos e suaves, acrescentou alguns seus, e neste pequeno trabalho apparece a mão do mestre. »

Ainda no anno de 1813 recolheu-se Pedra-Branca á Bahia. [1] Ali o determinaram as circumstancias a seguir a profissão de agricultor, a mesma dos seus maiores, para a qual o tinham preparado os estudos especiaes a que se déra, e, demais, o convidava a sua inclinação á vida campestre. Na vizinhança do engenho S. Pedro, em cuja posse continuava seu pai, estabeleceu outro engenho, por elle denominado Thebaida, e applicou-se á exploração da sua propriedade. Forçado a utilizar o trabalho servil, com tanta bondade e solicitude tratava o escravo, que deste se tornava sempre querido.

Do mesquinho captivo a sorte illudo...
... Tenho a affeição do pai, si o filho affago,
Tenho a do enfermo, cuja dor minoro;
A justiça o respeito me grangêa,
E já como em familia vivo entre elles. [2]

No emtanto, Pedra-Branca achou na união conjugal a mais appetecivel felicidade. Foram preludios desta anhelada união ternas effusões poeticas do puro amor que em boa hora o captivou. Basta apontar como exemplo as rimas que têm por titulo *A Flor-Saudade,* rapto mavioso de lyrismo brazileiro.

Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor;
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dor.
Recebe este frio beijo:
Beijo da melancolia:
Tem de amor toda a doçura,
Mas não o ardor da alegria.

---

1 *Poesias ás Senhoras Brazileiras.*
2 *Poesias ás Senhoras Brazileiras*

...Si Marilia quer que exprimas
O que ella sente por mim,
Porque murchas? Não me lembres
Que amor tambem passa assim.
Marilia em tudo te iguala,
Linda e delicada flor:
Mas infeliz, si em seu peito
Quanto duras, dura amor. [1]

Em 1814 o poeta casou-se com a celebrada Marilia, a Sra. D. Maria do Carmo de Gouveia Portugal, filha do brigadeiro Pedro Alexandrino de Gouveia Portugal e D. Luiza Rosa de Gouveia. Concorriam na esposa gentil, com a nobreza da linhagem, brilhantes dotes de espirito e o prestigio de raras virtudes. Viuva do rico proprietario Manuel Pereira de Andrade, estava no viço das graças juvenis quando contraiu a segunda alliança, correspondendo aos sentimentos que inspirara ao seu cantor.

D'ahi a pouco tempo os conjuges bemfadados gozavam as delicias da prole. Nasceu-lhes em 1815 o primogenito, que recebeu o mesmo nome do pai, e a 13 de abril do seguinte anno tiveram uma filha, D. Luiza Margarida Portugal de Barros, depois Condessa de Barral e de Pedra-Branca. Durante os seis annos decorridos após o casamento, entendendo no manejo da propria fortuna, acrescida de grossos cabedaes, acolheu-se Pedra-Branca ao asylo encantador da familia, á qual se dedicava como quem sabia devidamente avalial-a

Dos laços da familia dimanaram
Leis que em sociedade ajuntam homens,
Dos laços da familia nasce a honra,
O patriotismo, o brio d'elles nasce.[2]

Das doçuras do lar domestico, porém, veiu chamal-o á vida publica a sua eleição de deputado ás « Côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza », convocadas em consequencia da revolução que, rompendo na cidade do Porto a 24 de agosto de 1820, operou a mudança do regimen politico daquella nação.

BARÃO DE LORETO.

(*Continúa*)

---

[1] *Obr. cit.*
[2] *Obr. cit.*

CANTORES DOUTRO TEMPO

HENRIQUE TAMBERLICK

I

Habent sua fata cantores. Que melhor epigraphe para algumas paginas sobre Tamberlick, fadado a ser obscuro padre e um dos primeiros cantores do mundo?

Henrique Tamberlick era romano. Nascido em 1820 na Cidade Eterna, iniciou estudos até theologia moral no seminario de Montefiascone,[1] preparando-se para seguir a penosa vida ecclesiastica. Espreitava-o, porém, o Destino, o *anankê*, juiz supremo das coisas e dos homens. Tamberlick não tinha de dizer missa nova; as urtigas receberam-lhe a batina mal começaram as suas primeiras lições de canto, que o fizeram estrear logo depois em Napoles, no theatro del Fondo, na opera *I Capuletti*. Cedo poz Tamberlick o pé na escada ascendente da reputação e da gloria monetaria, louras e ouros ganhos na mesma agradavel proporção. Cantava no San Carlo de Napoles (1843), quando Riporto, emprezario do S. Carlos de Lisboa, o contratou vantajosamente.

O clima de Portugal transformou a voz de Tamberlick, bella e sympathica, porém pouco elevada, que de tenor *serio* passou a ser

---

[1] Montefiascone, a 22 k. de Viterbo, a 614 m. acima do nivel do mar, domina a vasta planicie da antiga Etruria, onde, com fundamento, se suppõe ter existido o principal sanctuario dos Etruscos, o *Fanun Voltumnæ*.

tenor *sfogato*. A temporada do S. Carlos de Lisboa foi chave de ouro para outras estações lyricas; Tamberlick cantou successivamente nos theatros Santa Cruz de Barcelona, Circo de Madrid, Covent Garden de Londres, onde se distinguiu no *Guilherme Tell*, no *Roberto o Diabo* e nos *Huguenottes*, creando o papel de Pedro o Grande na opera expressamente escripta para elle por Jullien. [1] O *Propheta* e o *Pardon de Plöermel* foram as credenciaes artisticas de Tamberlick na Russia, onde deixou circulo immenso de admirações, sendo muitissimo apreciado em S. Petersburgo em sessões de musica *di camera*. A instancias de Meyerbeer, a Opera de Pariz procurou contratar Tamberlick, acenando-lhe com um contrato de 144 mil francos. Chegara o ultimo remate. Tamberlick, porém, temia Pariz. Hesitações e desfallecimentos, só vos ignoram imprudencia e ignorancia! Nesse interim surge novo contrato, um pedido, uma promessa do Brazil! Pariz era a syrte ameaçadora; o Rio de Janeiro pareceu a Tamberlick plaga mais serena e amiga.

Da Inglaterra embarcou Tamberlick para o Rio de Janeiro onde chegou a 2 de junho de 1856. [2] Dias depois no *Provisorio*, « surdo, feio, escuro, chato, indecente », segundo maliciosa penna da época, Tamberlick foi, num espectaculo da *Norma* pela La Grua e pela Casaloni, saudar o publico, conhecer a sala, especie de apresentação discreta, quasi tributo, rendido á platéa em proveito do artista.

Tamberlick, apezar de longo tirocinio, era nervoso, impressionavel, e tanto que no ensaio geral do *Othello* [3] (24 de junho) cantou tremula e timidamente a cavatina da opera. Aliás a estréa de Tamberlick (26 de junho), como se esperava, terminou em apotheose. Como a Stoltz ás primeiras notas da *Favorita*, o publico recebeu o mouro de Veneza com attenção e silencio. Tamberlick saudou a platéa muda e queda com as suas mais bellas notas de peito e

---

[1] Jullien foi celebridade no Café Turco de Pariz, no Zoological Garden de Londres e no Palacio da Industria de New-York. Morreu doido, na casa de saude do Dr. Blanche, em Pariz (1860). Jullien, além da opera creada por Tamberlick, compôz uma infinidade de quadrilhas, polkas e valsas.

[2] Chegou pelo paquete inglez *Tay*, que quatro annos antes levara a Stoltz para a Europa, comm. W. Strutt, com 23 $^1/_2$ dias de viagem (76 hs. da Bahia).

[3] *Othello*, opera de Rossini, composta depois do *Barbeiro de Sevilha*, representada pela primeira vez em Napoles (1816). E' a opera mais notavel da segunda maneira do mestre de Pesaro. No genero dramatico rivaliza com *Guilherme Tell* e *Semiramis*.

quebrou-se o encanto. A opera de Rossini fazia de Tamberlick o « poeta da musica e do seu canto uma inspiração. » « No theatro Lyrico podeis vêr um semblante triste, uns olhos vendados pelos longos cilios de seda, uma fronte pensativa e melancolica. »

Assim escrevia Alencar, com a graça borboleteante da penna de folhetinista do *Correio Mercantil* [1], e de certo longos cilios de seda occultavam lagrimas depois do angustioso

Morrò, ma vendicato
Ma dopo lei morrò

vibrado pelo peito possante de Tamberlick.

Quando Heine ouviu representar *O Mercador de Veneza* em Drury Lane, havia no camarote delle uma bella e pallida ingleza que, no fim do quarto acto, desatou em prantos exclamando varias vezes: *The poor man is wronged* (quanto si é injusto para com o pobre homem!) « Era um rosto do mais puro molde grego com grandes olhos negros. Nunca os pude esquecer esses olhos em lagrimas por Shylock! » acrescenta o grande ironico emocionado. [2] Não haveria na balaustrada dos camarotes do *Provisorio*, entre tantas faces enrubescidas e tantos labios bonitos, uma espectadora piedosa como a ingleza de Drury Lane para exclamar diante de Tamberlick rugindo de ciume, mal ferido pela perfidia do honesto Iago — *The poor man is wronged?*

No dia seguinte do *Othello* côro de elogios em toda a imprensa, folhetins inteiros emcimados pelo nome de Tamberlick, cujo repertorio de 130 operas e cuja actividade, nunca estivera um dia sem escriptura, eram encarecidos em todos os tons. « Tamberlick, diziam, é um grande mestre que vem adiantar sinão completar a nossa educação artistica. [3]

Nos *Martyres* [4] cantou pela segunda vez o maravilhoso tenor, confirmando o juizo da estréa a poder de bravos, applausos estrepitosos e lenços fluctuantes, chamadas á scena e ovações dos camarotes repletos de senhoras e moças.

---

[1] *Ao Correr da Penna*, pag. 269.

[2] Henri Heine, *De l'Angleterre*, pag. 163.

[3] *Paginas Menores*, «Correio Mercantil», 2 de julho de 1856.

[4] *Os Martyres*, opera em 4 actos, letra de Scribe, musica de Donizetti representada a 10 de abril de 1840 na Academia Real de Musica de Pariz. O 3º acto da opera é das mais peregrinas inspirações de Donizetti.

Chegou á bilheteria do *Provisorio* uma ondasinha do Pactolo sob a fórma de tantos assignantes que a directoria[1] julgava poder « dormir tres mezes a somno solto », sem embargo da distribuição ampla de bilhetes gratuitos aos pedestres, tão melomanos que depois de meia-noite, segundo o *Jornal do Commercio* de então, « anda a gente por toda a parte na capital sem encontrar uma unica ronda para responder a um *aqui d'el-rei!* ou correr atraz de um gatuno que salta quintaes ou depenna poleiros. » Realmente dormia a somno solto a directoria do *Provisorio*. Pedia, clamava a imprensa para que se mandasse varrer a scena e a platéa, de modo a poupar a roupa dos espectadores e a cauda dos vestidos das primas-donas cujo minimo passo no tablado as envolvia, quaes deusas de Homero, em densas nuvens... de pó. Queixas choviam contra a completa desordem da caixa do theatro[2], desidia da qual provinham não raro bem comicos incidentes. Na ultima representação do *Othello*, um ilhéo, de tamancos, jaqueta de ganga azul e chapéo de palha, atravessou gravemente o fundo da scena justo no momento do *ma dopo lei morrò*.

Não ha *risum teneatis* para multidões; correu pela platéa intenso frouxo de riso, desagradavel para Tamberlick, que, a principio, cuidou o quizessem patear. Apparição tão burlesca foi reproduzida na noite da segunda representação dos *Martyres*. Dois cachorros, desrespeitando auditorio e artistas, sairam dos bastidores da direita e saltitando esconderam-se entre as pernas dos lictores collocados á esquerda![3]

---

[1] Compunha-se de dois directores, os commendadores João Maria do Valle e Manoel Pinto Torres Neves.

[2] Curiosissimo o regulamento theatral de 1800, ainda ha bem poucos annos em vigor nos theatros de Vienna. Quanto lucrariamos com a applicação de alguns de seus paragraphos á policia dos nossos theatros, de ordinario incommodos e barulhentos!

« Os applausos á peça ou aos actores nunca se devem manifestar de modo ruidoso, contrario ás regras da educação; os *bis* tendo o duplo inconveniente de prolongar o espectaculo fatigando os cantores, é prohibida a repetição dos trechos de musica ou de baile. » (Art. 17 do regulamento dos Imperiaes Theatros de Vienna de 1800).

[3] Num regulamento affixado em 1892 na caixa do Theatro Lyrico da Guarda Velha, lemos a prohibição expressa de permanencia na mesma caixa de *cani* e *bimbi latanti*.

II

Trovador e Tamberlick são quasi palavras siamezas no Rio de Janeiro, pois ainda hoje em estirados artigos de critica musical, volta á tela da discussão o famoso tenor em cujos labios o immorredouro adeus a Leonor «se repassava de todas as saudades da vida e do amor» La Grua, Casaloni e Tamberlick no *Trovador!* Quaes os frequentadores do *Provisorio*, dignos de tal nome, que não proclamam até hoje o dogma da sublimidade desse trio? O 3º e o 4º actos do *Trovador*,[1] a 16 de julho de 1856, asseguraram a Tamberlick, melhor que todas as operas por elle cantadas no Rio de Janeiro, a doce e indelevel supervivencia das saudades. A capital fluminense em peso correu a ouvir Tamberlick atirar *alle stelle* o famoso e atroador dó sustenido de peito, de valor esthetico discutivel e que tanto offuscava as suas outras preciosas qualidades de cantor.

Os artistas da grande escola italiana preenchiam, na mór parte, longas carreiras; cantavam trinta ou quarenta annos com voz pura e normal. Rubini, o ultimo e talvez o mais admiravel representante da grande escola italiana do seculo XVIII, cantou durante trinta e quatro annos em todas as capitaes européas sem perder a doçura vocal.

Os cantores modernos exageram a expressão dos sentimentos e a força do som da voz. Era desconhecida no seculo XVIII a voz de peito; os cantores só cultivavam uma voz, a boa, a voz humana; o talento do artista consistia em tornar homogeneos entre si os varios registros percorrendo a escala sem contracções musculares. Segundo Lablache, Rubini cantou com elle por espaço de vinte e quatro annos sem o minimo *couac*. Madame Grassini, immortalizada por varias operas de Rossini, tinha aos 67 annos voz segura, perfeita de justeza, dum timbre encantador, voz flexivel, doce, forte, igual, capaz de terminar um trecho de opera trinando chromaticamente

---

[1] *O Trovador*, a 18ª opera de Verdi, opera em 4 actos, lettra de Cammarano, primeira representação theatro Apollo de Roma, 19 janeiro 1853. Foi cantada pela Penco, pela Goggi, por Boucardé, Guicciardi e Balderi. A Albertini era inexcedivel no papel de Leonor. A mais famosa Azucena foi a Brambilla. Na aria chamada «della pira» Mirate, Fraschini e Tamberlick obraram prodigios.

sobre todas as notas da escala até attingir o lá natural acima da pauta. Alguem observou a Madame Grassini que ella parecia desconhecer o emprego da voz de peito—Voz de peito ? inquiriu a cantora admirada. O interlocutor deu uma nota de peito.—Não cante assim, inutilizará a sua voz, *vous casseriez votre voix*, observou receiosa a illustre cantora.[1]

Tamberlick uzou e abuzou do dó de peito. Depois delle qual de nós, com justificada pena, não tem visto infelizes tenores esguelados, rachando o larynge, em busca da nota inattingivel e desnecessaria ? *Crier n'est pas chanter*, repetia sem cessar Marmontel. As cadeias douradas que, nas figuras antigas, saem da bocca de Mercurio, são o emblema da voz de tenor. Os grandes oradores foram com certeza tenores ou barytonos. O tenor é ardente, insinuante, terno e fogoso. Apollo, Achilles, Heitor e Endymião deviam ter sido tenores.[2] Palavras escriptas para Tamberlick.

Depois do triumpho do *Trovador*, viu-se Tamberlick forçado a cantar *O Ebreo*,[3] pessima imitação de Verdi, sem inspiração, nem novidade, amontoado de duettos e cavatinas mal cerzidas. Toda a medalha tem verso e reverso. Apezar dos esforços de Tamberlick, caíu redondamente a opera, e tanto que na segunda representação da misera e mesquinha era a platéa do *Provisorio* vasto e verdadeiro deserto. A directoria do *Provisorio* conhecia, porém, o valor dos proverbios. Dia de muito, vespera de nada, tal a sorte do *Ebreo* depois do *Trovador*. Para contrabalançar o fiasco do *Ebreo*, surgiu em scena o *Ernani*. Não ha nada como um dia depois do outro. *Ernani* tudo salvou (5 de agosto de 1856). Mau grado a hilariante singularidade do traje de Don Ruy Gomez (Susini), de setim verde, com um manto roxo forrado de seda côr de rosa secca, a récita correu ás mil maravilhas fazendo a directoria esfregar as mãos de contente.[4] « Custasse-nos Tamberlick o dobro e ainda assim seria barato », era o seu elogio.

---

[1] Oscar Comettant, *De l'État actuel de la Musique en France*.

[2] F. Halévy, *Derniers Souvenirs et Portraits*, com um prefacio de P. A. Fiorentino.

[3] *O Ebreo*, opera em 1 prologo e 3 actos, de José Apolloni, representada em Napoles em 1855.

[4] *Ernani*, opera em 4 actos, a 5ª de Verdi, letra de Piuve, cantada a 9 de março de 1844 no theatro Fenice de Veneza, pela Löwe, depois princeza de Lichtenstein, por Guasco, Superchi e Selva.

Novas operas seguiram-se ao *Ernani: Luiza Miller*[1], que só agradou após a terceira representação; *Norma*[2], estrondoso triumpho de Tamberlick, e *Maria Padilha*[3], que subiu á scena a 7 de setembro, dia de festa nacional, começando o espectaculo pelo hymno da Independencia cantado por Tamberlick, pela La Grua Dejean, Casaloni e toda a companhia. No hymno aos dois versos

« Ou deixar a patria livre
Ou morrer pelo Brazil »

Tamberlick, patriota como bom italiano de 1856, deu tal inflexão de energia e enthusiasmo, que a platéa irrompeu em calorosas palmas.

Noite tambem de applausos, flôres, chamadas á scena, foi a do beneficio de Tamberlick, a 29 de setembro, com o 4° acto da *Lucia* e o 2° e 3° actos do *Trovador*. Theatro cheio, apezar do temporal que desabou quasi ao começar o espectaculo, e uma tormenta dessas, digna da penna de um Zola em nova *Page d'Amour*, encharcava o Campo de Sant'Anna, transformando « o barracão provisorio em uma ilha de feio aspecto perdida no meio de um oceano de lama.»

A *Rainha de Chypre*[4] terminou o contrato da directoria do *Provisorio*, cujas portas se fecharam. Muitas foram as difficuldades; houve attritos com o proprio Tamberlick, que se quiz retirar do Rio de Janeiro, figurando entre as altas partes conciliadoras, como desde os tempos da Stoltz, o proprio ministro do Imperio.[5]

---

[1] *Luiza Miller*, opera em 3 actos, a 15ª de Verdi, letra de Cammarano, cantada a 8 de dezembro de 1849 no San Carlo de Napoles, por Guzzarriga, Malvezzi, Salandri, De Bassini e Selva. A opera é extraida do drama de Schiller, *Amor e Hypocrisia*.

[2] *Norma*, opera em 2 actos, poema de Soumet, Belmontet e Romani, cantada em Milão em 1822 pela Pasta, por Giulia Grisi e Donzelli.

[3] *Maria Padilha*, opera de Donizetti, representada em Milão em 1841. A opera encerra um delicioso duetto para vozes de mulher, não raro intercalado em outras operas e cantado com grande exito no Theatro dos Italianos de Pariz, por Mmes Persiani e Castellan.

[4] *A Rainha de Chypre*, opera de Pacini (Turim, 1846). Ha com o mesmo titulo outra opera de Halévy.

[5] Luiz Pedreira do Couto Ferraz, depois barão e visconde do Bom Retiro, ministro do Imperio no gabinete de 6 de setembro de 1853, o celebre gabinete Paraná, o ministerio da *conciliação*, o 12° do segundo reinado, reorganizado a 3 de setembro de 1856 pela morte de Paraná, a quem Caxias, ministro da guerra, substituiu na presidencia do conselho até entregar o poder ao gabinete de 4 de maio de 1857, dirigido por Olinda. O conselheiro Pedreira morava então no Engenho Velho, na chacara do Dutton.

III

Como parenthesis, emquanto reina a discordia em Agramante, não se poderá falar de amizade entre Tamberlick e João Caetano?

Quanto artista pisava o solo fluminense procurava logo entreter relações com o nosso artista querido, filho de si proprio, *ex se natus*, na expressão de Tacito, e Tamberlick não escapou á regra geral. Ouviu João Caetano num de seus melhores papeis, na *Gargalhada*, e quando desceu o panno foi ao palco apertar a mão, entre commovido e admirado, do nosso primeiro actor, até hoje sem discipulos.

No beneficio de Tamberlick, entre os despojos opimos da batalha musical, contou-se uma corôa de prata e ouro, homenagem de João Caetano agradecido.

As coisas tambem falam. Os tres degraos de marmore côr de rosa recordavam-se saudosos da aligera pressão dos sapatinhos das beldades de Versalhes.

« Laquelle était plus légère?
Est-ce la reine Montespan?
Est-ce Hortense avec un roman,
Maintenon avec son bréviaire,
Ou Fontange avec son ruban?

. . . . . .

As-tu vu, comme à l'ermitage
La rondelette Du Barry
Courir, en buvant du laitage,
Pieds nus, sur le gazon fleuri? » [1]

O theatro S. Pedro de Alcantara tambem poderia dizer: vi Tamberlick! Assistiu o celebre tenor á prega da cavilha da ultima tesoura da cumieira do theatro. João Caetano, cercado dos artistas de sua companhia e de numerosos convidados, dirigiu-se ao tecto do theatro e ahi, ao som dum hymno de Dyonisio Vega, deu as pancadas do estylo com um pequeno martello adornado de fitas. Seguiu-se um copo d'agua na sala contigua ao camarote imperial,

[1] Musset, *Poésies Nouvelles*, pag. 302.

sentando-se Tamberlick no lugar de honra, de onde, em resposta a um brinde de João Caetano. ergueu-se para agradecer, em francez, as attenções do publico, da imprensa e de João Caetano, « artista inspirado que soubera resistir e lutar contra todos os golpes do azar, da inveja e talvez da maldade, fazendo duas vezes renascer das cinzas o templo da Arte, [1] » João Caetano e o Dr. Paula Menezes [2], um em nome da arte, e outro no dos brazileiros presentes, corresponderam ao brinde de Tamberlick em termos de cordial sympathia.

Terminou a festa com a saude de honra e de estylo proposta por João Caetano ao Chefe do Estado: « a S. M. o Imperador, ao illustre protector das artes e sciencias, ao pai da pobreza e dos desvalidos. »

ESCRAGNOLLE DORIA

(*Continúa*)

---

[1] Allusão aos incendios do S. Pedro.

[2] Dr. Francisco de Paula Menezes, professor de rhetorica do Imperial Collegio de D. Pedro II. Macedo (*Anno Biographico*, vol. 3°, pag. 551) diz que o Dr. Paula Menezes tinha em alto grau o dom da palavra, imaginação viva e grande felicidade no impeto de improvisos.

SETE ANNOS DE REPUBLICA NO BRAZIL

(A PROPOSITO DE UM FOLHETO)

O Sr. Oliveira Lima, secretario da Legação do Brazil em Washington e que possue a rara originalidade no nosso corpo diplomatico de saber onde fica o mencionado Brazil, acaba de publicar um folheto com o titulo que emcima estas linhas. Este é a reproducção de dois artigos apparecidos na *Nouvelle Revue*, de Paris. O conhecimento que o distincto autor desse trabalho tem da sua terra não se limita ao nome e situação geographica—o que, na sua classe, já seria de um exotismo notavel... E' um estudioso de coisas brazileiras, um pesquizador intelligente e erudito da nossa historia. Que o attestem seus dois livros—um sobre *Pernambuco*, outro sobre os *Aspectos da literatura colonial brazileira*. Escrevendo no estrangeiro, para estrangeiros, comprehende-se que o seu ponto de vista foi, sobretudo, o da benevolencia. Apresentou as coisas pelo seu melhor aspecto.—E' bom, entretanto, dizer que, apezar de tudo, soube guardar a possivel imparcialidade, censurando e louvando com discreção.

Não vale a pena seguir aqui *pari-passu* o trabalho do Sr. Oliveira Lima. Seria melhor, em muitos pontos, copial-o.—E' ao principio a historia dos factores mais directos da proclamação da Republica; é, a seguir, a narração a traços largos dos successos dos ultimos sete annos. Ha apenas, aqui e ali, pequenas injustiças que são antes omissões involuntarias—omissões de observador que estudou de longe uma terra sem imprensa, nem literatura...

I

No trabalho de preparação immediata do 15 de Novembro é injusto falar-se apenas a cada momento da mocidade militar das escolas, esquecendo a civil. As faculdades do Rio, de S. Paulo, da Bahia e Pernambuco não devem ser deslembradas. Que influencia essa mocidade das academias exerce em todas as revoluções é a historia que o attesta. Muito mais numerosa que a das escolas militares, muito mais livre nas suas manifestações, ella foi de 87 a 89 o factor principal—primeiro, da Abolição, depois da Republica.

O trabalho do Imperio de concentrar toda a vida nacional em um só ponto tornou facil á acção nesse ponto unico conseguir resultados que, de outra fórma, não teria attingido. E para levantar os academicos, communicando-lhes o fogo sagrado, que se transmittiu até os collegas das escolas do exercito, o essencial foi a palavra de Silva Jardim, cujo nome anda mais esquecido do que fóra de razão. Sem elle, entretanto, afoitamente se póde dizer, a Republica não teria sido feita.

Só os que estiveram no foco da acção podem lembrar o que foi aquelle homemsinho terrivel! Escriptor detestavel de uns manifestos quasi intragaveis, elle era um excellente, um apaixonado, um vibrantissimo orador. Reunia a isso uma actividade infatigavel. Multiplicava os *meetings*, as conferencias, as viagens ao interior. Sua propaganda epistolar infiltrava-se por toda a parte. Nos ultimos mezes do Imperio se vira forçado a tomar primeiro um e depois dois secretarios, que mal davam vencimento a uma correspondencia de algumas centenas de cartas por dia! Foi elle—elle exclusivamente —que nessa época creou aqui na capital a agitação republicana. Foi elle que não deixou dispersarem-se as actividades irrequietas que o Abolicionismo acabara reunindo e que, depois do 13 de Maio, iam talvez dissolver-se silenciosamente. A calma cidade de outros tempos permaneceu agitada, num incessante renovar de pequenos conflictos, numa exacerbação de animos bem propicia a qualquer germinação revolucionaria. E eram as conferencias de Silva Jardim que mais davam motivos a esses conflictos.

Os representantes officiaes do Positivismo amesquinham ou esquecem systematicamente todo o papel desse grande agitador.

A razão é simples. Querem elles que tudo date de Benjamin Constant, que tudo proceda do seu ensino nas escolas militares. Deste modo, vêm a tomar para a doutrina que defendem toda a gloria do movimento de 15 de Novembro. — E', porém, uma injustiça clamorosa.

A questão militar, que foi o pretexto da revolução, sobrevindo em outro momento, não teria passado de um episodio sem importancia. No maximo, teria ido até a quéda do ministerio. Mas a verdade é que nem questão teria havido. Si a agitação que Silva Jardim provocava não fosse tão intensa, de modo a inspirar receios ao Imperio, o governo Ouro-Preto não teria tomado a attitude que tomou, fazendo com que todos recebessem os seus actos de animo prevenido. Era porque a idéa, a possibilidade da Republica *andava no ar* que ella se tornou não só possivel, como naturalmente indicada. Si, pois, a Benjamin Constant coube sem duvida a acção no momento propicio, a Silva Jardim foi que tocou o preparar-lhe a opportunidade. Que um e outro tivessem apenas aproveitado factores profundos, elaborados lentamente — não se torna preciso dizer: é a Historia. Mas, para que taes factores sejam postos em obra, homens ha indispensaveis no momento proprio, no momento unico que os factos cream e que, passado, as vezes não volta mais.

Esta menos injusta apreciação dos factos não é secundaria. Ella desmente a affirmação de que o elemento militar se deveu exclusivamente a proclamação da Republica. A verdade é que, si esse elemento a levou a termo, foi porque já encontrou o terreno preparado — e preparado pelas classes civis. Foi a agitação das ruas que tornou a revolução provavel e natural. Faltava-lhe a força. Essa — o exercito deu. Deodoro teve hesitações que podiam ser irremissiveis naquella jornada historica. A fatalidade dos acontecimentos empolgou-o, forçando-o a cumprir o papel que lhe estava reservado. No meio de todos os episodios daquelle dia, houve um momento em que nas mãos de um homem esteve posta a sorte da Republica: foi aquelle em que o Visconde de Ouro-Preto ordenou a Floriano Peixoto que fizesse atirar sabre os rebeldes. Que elle tivesse obedecido — e da luta que se travaria podia resultar a quéda do Ministerio, mas não resultaria a Republica. Floriano, como os outros, cedeu á pressão ambiente que a todos arrastava.

II

Feita a Republica, feita a Constituição — o que resta estudar nos seis annos subsequentes de governo é como uma e outra se adaptaram.

O regimen que a Constituição decretou era mal conhecido no seu mecanismo intimo, mesmo pelos chefes republicanos que a elaboraram e na Constituinte exerceram influencia decisiva. Salvas muito raras excepções, essa foi a regra.

Tres razões nos levaram, entretanto, para o presidencialismo. O primeiro motivo foi, de facto como assignala o Sr. Oliveira Lima a repugnancia ao parlamentarismo. E', porém, de notar que a repugnancia era mais nominal do que profunda. Repetiam-se frases feitas, não se firmavam comparações, não se buscava saber si já tinhamos tentado alguma experiencia leal do regimen condemnado. A tal pergunta, como muito bem expõe o autor dos artigos da *Nouvelle Revue*, a resposta seria negativa. Assim na geral ignorancia do mecanismo governamental da União Americana, si se quiz o presidencialismo foi apenas porque elle era *outra coisa*. Um grupo, entretanto, aliás sem que igualmente os seus partidarios conhecessem o assumpto, propendia para a nova fórma de governo por uma razão mais profunda. Os positivistas viam claramente da simples letra da Constituição proposta que ella se aproximava mais do seu ideal de dictadura. E esse foi um dos motivos preponderantes. A terceira razão parecerá sem importancia a muitos observadores, mas foi talvez a decisiva. Grande parte dos mythos religiosos em que assentaram as religiões derivou de simples analogias verbaes, algumas até de verdadeiros *calembours*. Nós tivemos o nosso mytho assim formado. A Republica nascente chamava-se *Estados Unidos do Brazil*. Logo (o simples nome dava lugar a este imperativo: *logo*) o nosso modelo constitucional tinha de ser os Estados-Unidos. Nem se pensou na Suissa. E, tudo o mais, antecedentes historicos, raça, meio — tudo ficou para o segundo plano. Copiou-se.

Houve mesmo um lado interessante da questão. Quando nos Estados Unidos se tratava de fazer a Constituição, uma das preoccupações dominantes era a de harmonizar o nascente estatuto com as theorias de Locke e principalmente de Montesquieu. Esses dois

escriptores, como se sabe, tinham pretendido traçar a philosophia, a theoria abstracta das constituições inglezas. Para esse trabalho, muito naturalmente, como todos os theorizadores, elles tinham abstraido dos detalhes, generalizado do alto certas idéas fundamentaes. Montesquieu, no seu enthusiasmo, tendo estudado superficialmente um certo numero de coisas, apresentou-as erroneamente.

Não se attendeu a isso. Adaptaram-se bem ou mal as suas vistas theoricas ao texto das constituições escriptas. Pouco importou. Unido, porém, pela raça, pelas tradições, com o espirito affeiçoado a certos moldes, o povo americano respeitando embora a letra da Constituição, começou a obra das *interpretações*. Pouco a pouco, certos textos foram tomando um significado diverso do que lhe tinham querido dar os seus autores. Praxes novas que não vinham nem das instituições inglezas taes como de facto, funccionavam, nem do modo por que as julgara vêr funccionar Montesquieu, foram se firmando. E afinal chegou-se ao periodo em que uma constituição é realmente constitucional: quando faz corpo com o espirito popular, passou aos costumes, funcciona sem attritos. Chegada a este ponto, commentadores vieram e por sua vez, como o escriptor francez fizera para a Inglaterra, tiraram tambem a « philosophia » das novas instituições. Generalizaram de fóra, do alto, commettendo equivocos naturaes, exagerando aqui e diminuindo ali a importancia de certos factos.

Ora, foi em geral a esses commentadores — commentadores estrangeiros — que nós recorremos. O que os americanos tinham feito com Montesquieu, nós fizemos com elles. E através dos seus escriptos vimos a Constituição Americana para copial-a, não só na letra, como no que a muitos se afigurava a quint'essencia do seu espirito. — E' preciso um exemplo? Ahi está a disposição taxativa que prohibe aos ministros irem ao Congresso.

Não ha Constituição alguma do mundo que consigne tal medida. A dos Estados-Unidos permittiu ao proprio Washington assistir a sessões do senado e tomar parte nas deliberações. Foi uso corrente a pratica dos representantes dos dois poderes se entenderem pessoalmente, discutirem, tomarem parte activa nos trabalhos. Os presidentes abriam as sessões indo ao Congresso dizer de viva voz as medidas que reclamavam. Um bello dia, porém, Hamilton teve de apresentar uma exposição sobre o estado das finanças nacionaes e

perguntou á Camara si preferia ouvil-a ou queria antes que fosse feita por escripto. Attendendo ao assumpto, á difficuldade de apprehender rapidamente uma questão toda de cifras, que só se comprehende bem examinada cuidadosamente — a Camara decidiu-se pela exposição escripta. Hamilton, d'ahi por diante, adoptou como regra o uso de mensagens. E, como elle creara essa praxe, os seus successores a seguiram.

Com a obsessão dos *papos de tucano* e das interpellações ministeriaes, houve, porém, quem descobrisse entre nós que isso era a base do systema. E fez-se uma disposição formal—um principio!—do que nos Estados-Unidos tinha sido mero accidente, de importancia absolutamente secundaria, porque sem tal prohibição póde tão perfeitamente funccionar o presidencialismo, como com ella florescer em pleno viço o parlamentarismo.

Outro exemplo de que se quiz copiar a philosophia dos commentadores está na parte relativa ao Supremo Tribunal. Lá não existe na Constituição disposição alguma que dê a preeminencia indiscutivel ao Judiciario para interpretar as leis em ultimo recurso. Chegou-se a isto pela circumstancia toda occasional de se haver composto o primeiro tribunal com juizes tão imparciaes, tão integros, tão sabios, que se impuzeram á admiração geral.—Entre nós, não. Decretou-se tudo isso, de fórma categorica. Faltou, porém, decretar que os juizes teriam a rectidão, a sciencia, e sobretudo, o desapêgo ás lutas politicas de momento que dignificaram homens como Marshall... O primeiro presidente do Tribunal foi o autor de um golpe de estado... E que a politica não anda banida das decisões dos actuaes ministros, quem terá a ingenuidade de negar, negando a evidencia ?

Todos, em ultima analyse, reconhecem que a adaptação da Republica e do systema presidencial ainda se não conseguiu. Todos dizem que ainda não se fez do systema «um ensaio leal». E' já uma *chapa* de discursos politicos repetir essa fórmula. Mas a fórmula é van. Tal experiencia nunca se fará. Aos poucos, guardada embora a letra inalteravel da Constituição, as *interpretações* farão a sua obra, de accordo com o nosso meio, a nossa raça, a nossa educação, o nosso convivio intellectual quasi exclusivamente com os povos latinos. Certo, não se voltará ao parlamentarismo — si é que se póde dizer *voltar*, quando elle nunca

floresceu entre nós, sinão talvez em dias da Regencia, rapidamente. Mas o espirito de presidencialismo estreito, geometrico, anguloso, que o texto votado em 91 quiz fazer prevalecer — esse não se poderá manter, ou antes (pois que o *«ensaio leal»* não está feito), não poderá siquer apparecer. O raciocinio de confronto com os Estados-Unidos tem de ser feito de outro modo: *Uma fórma especial de presidencialismo existe nos Estados-Unidos — logo não póde existir no Brazil.* Havemos de crear outra. Para dar força a este *logo*, pesam tantos factores ethnicos e historicos diametralmente oppostos aos que agiram lá, que elle ha de impor a sua conclusão.

Coubesse neste estudo—e mostrar-se-ia aqui como tendencias bem diversas das que animaram a Constituinte já estão operando. Por sobre o texto da Constituição, sem a menor alteração das suas palavras, sem os inconvenientes de uma revisão, novas praxes vão apparecendo e hão de firmar-se.

E' esta evolução que deve chamar o estudo dos observadores perspicazes, como o Sr. Oliveira Lima. E para isso bastará que attenda ao funccionamento do nosso Congresso. Leia os seus regimentos; leia as nossas leis, carregadas de *autorizações;* veja, finalmente, como o Poder Executivo usa do direito de regulamentar as leis — direito desconhecido nos Estados-Unidos — e verá como nós vamos para uma fórma nova, especial, de governo, entre o parlamentarismo de outr'ora e o presidencialismo acanhado e anguloso da Constituição de 91.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

[illegible]

aproximado do sol e passado pelo seu perihelio, afastam-se sempre mais, e nunca tornam a apparecer, voltando assim para o infinito donde tinham vindo.

As differenças geometricas que apresentam as tres curvas que acabamos de mencionar são assás conhecidas para que nos possamos dispensar de entrar em maiores detalhes a seu respeito. O que, porém, o é talvez menos, é a differença que as caracteriza essencialmente sob o ponto de vista da mecanica celeste. Com effeito, a natureza da orbita depende exclusivamente da velocidade inicial do corpo celeste. Tomemos, por exemplo, a terra. Sabemos que sua velocidade média é de cerca de 29.500 metros por segundo, ou, arredondando, 30 kilometros. Pois bem; admittamos que, em consequencia de alguma causa qualquer, fosse dada á terra uma impulsão capaz de transformar esta velocidade de 30 kilometros em outra de cerca de 42 kilometros por segundo. Neste caso, o nosso globo deixaria de percorrer a sua orbita elliptica, (quasi circular), para mover-se em uma parabola. E, si, por ventura, o impulso fosse maior ainda, ou a velocidade superior a 42 kilometros por segundo, a terra percorreria uma hyperbole.

Singular seria o nosso destino, si tal hypothese fosse realizavel!

Afastando-se do sol, a terra iria successivamente cortando as orbitas percorridas pelos outros planetas. No fim de 194 dias, achar-se-ia afastada do sol tanto quanto o planeta Marte. A distancia de Jupiter seria alcançada em um anno e 40 dias.

Seriam necessarios 2 annos e 312 dias para encontrar a orbita de Saturno, e sómente no fim de 6 e de 13 annos, a terra alcançaria respectivamente as orbitas de Urano e de Neptuno.

Embora tudo isto seja puramente hypothetico, os algarismos, entretanto, são verdadeiros e perfeitamente applicaveis ao caso, por exemplo, de um cometa que passasse, em relação ao sol, a mesma distancia do que a terra.

Chegamos agora a um dos factos mais interessantes da astronomia cometaria. Consiste elle na transformação de uma orbita parabolica em elliptica e vice-versa, em virtude da simples attracção do maior dos planetas do nosso systema solar: Jupiter.

O papel perturbador predominante pertence, de facto, a esse planeta, cuja massa é consideravelmente superior a dos outros planetas reunidos. E, a este proposito, lembraremos aqui uma particularidade do nosso systema planetar; é a desproporção que existe entre as massas dos quatro planetas interiores: Mercurio, Venus, Terra e Marte e as dos demais: Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno. Estes ultimos valem, como massa, mais de duzentas vezes os primeiros; e entre todos os

O que acabamos de dizer vem a proposito do cometa Brooks, que ultimamente temos observado aqui no Rio de Janeiro, e aliás com extraordinaria difficuldade; devido ao seu fraquissimo brilho. O caso deste cometa é o mesmo do que o de Lexell. A orbita elliptica que actualmente percorre é pequena, com um tempo de revolução de 7 annos. Ficou, porém, provado que este cometa (Brooks) percorria antigamente uma orbita muito maior, com periodicidade de 31 annos, e, coisa interessante, tendo seu perihelio, onde actualmente existe o aphelio, e coincidindo exactamente com a orbita de Jupiter.

E' pois este planeta gigante que, de novo, exerceu papel predominante para modificar profundamente a orbita deste cometa.

A similhança dos elementos, a analogia das circumstancias em que se deram as modificações das respectivas orbitas, levaram o Dr. Chandler a suspeitar que o cometa Brooks e o de Lexell fosse um só e mesmo astro. Isto, todavia, é duvidoso, porque o intervallo decorrido entre as duas apparições desses cometas, não representa um multiplo do seu tempo de revolução.

Embora a transição talvez seja immensa, deixaremos as alturas sideraes que tão grandes attractivos offerecem ás especulações do espirito humano para dizermos algumas palavras sobre um assumpto, cuja utilidade, infelizmente, continuará a impôr-se, emquanto a paz universal fôr, como é de receiar que seja ainda por muito tempo, e talvez sempre, uma utopia.

Referimo-nos á balistica, uma verdadeira sciencia, toda moderna, o que tem feito, de 20 annos para cá, prodigiosos progressos.

Não basta, com effeito, construir canhões que arremessem projectis de 250 kilogrammas a 20 kilometros de distancia; fuzis que ponham fóra de combate um homem a 4.000 metros, com uma elegante bala de 7 grammas de peso, apenas; inventar novas polvoras e explosivos com effeitos destruidores verdadeiramente assombrosos. E' preciso ainda estudar com precisão a trajectoria desses projectis e sua velocidade; tudo isto com apparelhos delicadissimos e com o auxilio das leis da mecanica.

Trataremos sómente agora da velocidade dos projectis, e de sua determinação. Comprehende-se que, sendo a velocidade das modernas armas de fogo de 500m, 600m, até 800m *por segundo*, torna-se necessario recorrer a apparelhos de grande sensibilidade para *medir*, com rigor, uma certa fracção desse segundo de tempo. Varios são os apparelhos uzados e entre elles citaremos o de Le Boulanger, baseado sobre a lei da queda dos corpos, em virtude da qual, um corpo qualquer, collocado no vacuo, percorre, no primeiro segundo da sua queda, uma altura de 4m,90. Si conseguirmos, pois, medir a altura percorrida por um corpo, solicitada

planetas. Jupiter possue uma massa duas vezes e meia superior ás dos outros todos reunidos.

Assim, pois, em consequencia dessa sua enorme massa, Jupiter exerce uma acção energica sobre qualquer outro estranho que venha atravessar sua esphera de attracção, perturba a sua marcha e chega ás vezes á transformar não sómente as dimensões, ou posição da orbita como a sua propria natureza.

O estudo acurado das orbitas dos cometas, tem sido objecto de particular attenção por parte dos astronomos, e já se podem citar varios exemplos de tão notavel perturbação.

Um cometa, entrando no nosso systema solar, e movendo-se em uma orbita parabolica, isto é, não periodica, ao aproximar-se de Jupiter, póde soffrer por parte deste tão grande perturbação que transforme a sua orbita parabolica em ellipse, tornando assim *periodico* um cometa que não o era antes. Em outros termos, diremos que o astro errante que vinha do infinito, e para elle devia voltar, ficou preso e retido no nosso systema solar. Os astronomos têm estudado as condições em que taes casos podem dar-se, e assentado sobre ellas uma *theoria da captação*.

Depois de ter sido assim *captado*, o cometa póde soffrer novamente outra perturbação, em sentido contrario, transformando outra vez sua orbita elliptica em parabolica, e assim, de novo, ser atirado para as regiões do infinito.

Em 1770 descobriu-se um brilhante cometa, que tomou o nome do astronomo Lexell; achou-se que a orbita era elliptica e o tempo de revolução de 5 1/2 annos. Como explicar que este cometa, brilhante como era e de uma periodicidade pequena, não tivesse sido visto antes? As observações e os calculos deram a explicação de tão singular facto. Ficou provado que em 1767, o cometa aproximara-se consideravelmente do planeta Jupiter, e tivera sua orbita completamente alterada. Esta que, primitivamente, tinha sua distancia perihelia tão afastada do sol que tornara o cometa invisivel, ficou substituida por outra, tambem elliptica, mas cujo perihelio achava-se muito mais perto do sol, ficando, pelo contrario, o aphelio no lugar em que, dantes, encontrava-se o perihelio. O facto, si se limitasse tão sómente a esta primeira alteração, seria já bastante digno de attenção. Aconteceu, porém, que depois de 1770, nunca mais tornou-se a ver o mesmo cometa. E' que, como os calculos o provaram em 1779, o cometa Lexell tinha-se novamente aproximado [illegible] mente de Jupiter, que este, modificara ainda [illegible] bita substituindo á ellipse, do pequeno [illegible] maior, em condições taes o tornou [illegible]

Ficou sendo assim, de algumas [illegible] denominado por alguns astrono[illegible]

O que acabamos de dizer vem a proposito do cometa Brooks, que ultimamente temos observado aqui no Rio de Janeiro, e aliás com extraordinaria difficuldade; devido ao seu fraquissimo brilho. O caso deste cometa é o mesmo do que o de Lexell. A orbita elliptica que actualmente percorre é pequena, com um tempo de revolução de 7 annos. Ficou, porém, provado que este cometa (Brooks) percorria antigamente uma orbita muito maior, com periodicidade de 31 annos, e, coisa interessante, tendo seu perihelio, onde actualmente existe o aphelio, e coincidindo exactamente com a orbita de Jupiter.

E' pois este planeta gigante que, de novo, exerceu papel predominante para modificar profundamente a orbita deste cometa.

A similhança dos elementos, a analogia das circumstancias em que se deram as modificações das respectivas orbitas, levaram o Dr. Chandler a suspeitar que o cometa Brooks e o de Lexell fosse um só e mesmo astro. Isto, todavia, é duvidoso, porque o intervallo decorrido entre as duas apparições desses cometas, não representa um multiplo do seu tempo de revolução.

Embora a transição talvez seja immensa, deixaremos as alturas sideraes que tão grandes attractivos offerecem ás especulações do espirito humano para dizermos algumas palavras sobre um assumpto, cuja utilidade, infelizmente, continuará a impôr-se, emquanto a paz universal fôr, como é de receiar que seja ainda por muito tempo, e talvez sempre, uma utopia.

Referimo-nos á balistica, uma verdadeira sciencia, toda moderna, e que tem feito, de 20 annos para cá, prodigiosos progressos.

Não basta, com effeito, construir canhões que arremessem projectis de 250 kilogrammas a 20 kilometros de distancia; fuzis que ponham fóra de combate um homem a 4.000 metros, com uma elegante bala de 7 grammas de peso, apenas; inventar novas polvoras e explosivos com effeitos destruidores verdadeiramente assombrosos. E' preciso ainda estudar com precisão a trajectoria desses projectis e sua velocidade; tudo isto com apparelhos delicadissimos e com o auxilio das leis da mecanica.

Trataremos sómente agora da velocidade dos projectis, e de sua determinação. Comprehende-se que, sendo a velocidade das modernas armas de fogo de 500^m, 600^m, até 800^m *por segundo*, torna-se necessario recorrer a apparelhos de grande sensibilidade para *medir*, com rigor, uma certa fracção desse segundo de tempo. Varios são os apparelhos uzados e entre elles citaremos o de Le Boulanger, baseado sobre a lei da queda dos corpos, em virtude da qual, um corpo qualquer, collocado no vacuo, percorre, no primeiro segundo da sua queda, uma altura de $4^m,90$. Si conseguirmos, pois, medir a altura percorrida por um corpo, solicitada

livremente pelo seu peso, emquanto que o projectil percorre uma certa distancia, concebe-se que d'ahi poderemos deduzir a sua velocidade.

Isto, quanto á sua trajectoria que percorre no ar.

A determinação da velocidade do projectil dentro da alma do canhão, apresenta porém difficuldades muito maiores, mórmente si se quizer conhecer experimentalmente a lei de tal movimento nestas condições, estudo que pertence ao dominio da *balistica interna*, denominação uzada afim de distinguil-a da *balistica externa*, isto é, quando o projectil move-se no ar.

Além das difficuldades inherentes ás condições em que se deve fazer os estudos da balistica interna, outra provém do percurso limitadissimo do projectil, e portanto, d'ahi a necessidade de se poder medir, com absoluto rigor fracções infinitesimaes do tempo. O photochronographo de Crehore e Squiere, experimentado ha pouco tempo, parece resolver o problema do modo mais satisfactorio.

Não cabem aqui a descripção do apparelho nem a exposição do principios em que se baseia.

Diremos apenas, afim de dar idéa de sua precisão, que elle permitte determinar a velocidade com que o projectil percorre dentro da peça experimentada, distancias de alguns centimetros apenas.

Os tempos são fornecidos em *millionesimos de segundo*, com erros que não excedem a 3 cemmillionesimos.

Parece ser esta a ultima palavra da precisão em materia de balistica interna; e apenas lastimaremos que tão bellas conquistas scientificas tenham por unico fim o aperfeiçoamento dos meios com que se procura, com maior ou menor rigor mathematico, destruir o proximo.

O *tornado* que surprehendeu a 10 de setembro proximo passado, a população de Pariz, é phenomeno que, pela sua excessiva violencia, póde ser considerado como ainda não registrado nos annaes climatologicos dessa cidade.

Seu percurso não excedeu de 3 a 4 kilometros, e a largura maxima da zona devastada fôra apenas de 300 metros; sendo a duração de todo o phenomeno de 2 a 3 minutos sómente. Segundo os testemunhos de Angot e Jaubert, alem do movimento de translação, que era de 40 a 50^{m} por segundo, havia um de rotação, em sentido contrario ao dos ponteiros de um relogio, acompanhado de outro de ascensão, o que vem confirmar pois as idéas de H. Faye sobre as theorias dos cyclones.

Este phenomeno, salva a sua intensidade e seus estragos muito menores, é inteiramente analogo ao que assolou a cidade de S. Luiz, nos Estados Unidos da America do Norte, de que já demos conta nesta *Revista*.

Durante o mez de dezembro, cerca de 8 1/2 da noite, as principaes constellações visiveis nesta Capital e, com pequenas differenças para todo o Brazil, serão:

Quadrante S. O. Pavão. Indio. Grou. Tucano. Phœnix. Aquario. — *Quadrante S. E.* Argos. Cão maior. Lebre. Eridano.—*Quadrante N. E* Touro. Perseo. Cocheiro (no horisonte).—*Quadrante N. O.* Pegaso e Andromeda. Cassiopea (no horisonte).

O triangulo austral acha-se acima do polo sul e do lado de léste, apparece Orion.

As estrellas de 1ª grandeza são: *Achernar* (alpha do Eridano) entre o zenith e o pólo Sul. *Rigel* (bêta do Orion) e *Betelgeuse* (alpha do Orion), que varia entre a 1ª e 1 1/2 grandeza. *Aldebarão* (alpha do Touro), na direcção N. E. *Capella* (alpha do Cocheiro), perto do horizonte N. E. *Canopus* (alpha do Argos), na direcção S. E. *Sirius* (alpha do Cão maior), na direcção de léste, a mais brilhante de todas as estrellas. *Fomalhaut* (alpha do peixe austral), na direcção de O. S. O.

Quanto aos planetas: *Mercurio*, apparece agora ao lado do poente, depois do occaso do sol; *Venus*, cada dia, acha-se em melhores condições de visibilidade do lado do poente. *Marte*, visivel quasi toda a noite; passa pelo meridiano, entre as 10 e 1 hora da noite, a 40º ao norte do zenith (do Rio). *Jupiter*, nasce das 10 horas para a meia-noite; *Saturno* e *Urano* passam no dia 28 a menos de 2 gráus, um do outro. Nascem tarde, das 3 ás 5 horas da madrugada, e encontram-se a alguns graus a oéste da estrella *Antares* do Scorpião. *Neptuno*, encontra-se a 6 graus ao norte da estrella *Bellatrix*, (gamma do Orion).

L. Cruls

BIBLIOGRAPHIA

88. — **Tratado de hypnotismo**, pelo Dr. F. Fajardo. Laemmert & C. Editores, 1896.

O trabalho que acabamos de ler vem pôr entre nós em actualidade a questão do hypnotismo.

Praticado desde antiguidade remota na India pelos fakirs, parece que só foi posto em pratica na Europa, quando o austriaco Mesmer fez convergir para o *magnetismo animal* a curiosidade de leigos e doutos em assumptos de therapeutica. Todo mundo sabe que Mesmer perseguido em sua terra natal installou-se em Paris onde dava consultas e curava pelo magnetismo.

Não tardou que em torno de Mesmer se reunisse logo um grupo de admiradores e dentro de pouco tempo se tornasse um ponto de reunião, onde se encontravam a mais alta aristocracia daquelle tempo. Lá se encontravam o irmão do rei, duque de Orléans, a duqueza de Bourbon, o Sr. de Maurepas, talvez a propria rainha, arcebispos, marquezes, condes, etc. Todos acudiam a consulta para tratarem-se e as mulheres que soffriam de « vapores », hysteria, eram as mais enthusiastas da nova therapeutica.

Em summa o magnetismo animal teve tal repercussão entre os contemporaneos de Luiz XVI, que os medicos e corporações scientificas trataram, mas em vão, desacredital-o. Só a discordia dos membros da *Harmonie universelle*, começada por Deslou, um dos discipulos mais proeminentes de Mesmer e mais tarde o ridiculo que despertaram as peças theatraes *Docteurs Modernes* et *Baquet de Santé*, attribuidos a Baret e Radet, foram capazes de arrefecer o enthusiasmo que se irradiava desses centros de praticas magneticas. D'entre os mesmeristas mais notaveis pelo muito que de si fez falar, deve-se apontar o marquez de Puységur que levou a convicção a quantos duvidosos dos effeitos do magnetismo delle se acercavam.

Esta phase historica que se estende de 1775 a 1841, foi substituida pela nova escola de Braid ou do neurypnotismo. Comquanto fosse o mesmerismo quasi esquecido pela grande massa dos scientistas, houve todavia, alguns investigadores que continuaram pacientemente a estudar as manifestações que tanto impressionaram a imaginação popular. James Braid, cirurgião de Manchester deu á luz em 1842 um trabalho em que refuta a influencia do fluido magnetico e da magnetotherapia, estabelecendo que o hypnotismo é um estado particular do systema nervoso, determinado

por manobras artificiaes. Mas tal foi o descredito em que caíu o magnetismo animal desde Mesmer, que nem o imparcial relatorio da Academia de Medicina de 1831, feito por Husson, nem a famosa descoberta de Braid a que já nos referimos, nem as pesquizas interessantes de Azam, Broca, Demarquay, Velpeau, Verneuil, Richet, etc., teriam levantado a magnetotherapia no conceito publico, si um homem da envergadura scientifica de Charcot não a tivesse tomado para objecto de seus estudos desde 1878 sob a denominação de hypnotismo creada por Braid, e não tivesse como que systematizado os phenomenos observados na hypnotização e cimentado de uma vez em base solida a affirmação de Braid.

Entretanto pouco tempo depois (1882) Bernheim, de Nancy, occupando-se do assumpto, insurgia-se contra a seriação systematica de Charcot e attribuia tudo á suggestão. Actualmente estas duas theorias scindem os hypnotistas em duas escolas: — os que commungam com Charcot e seus discipulos, e os que são pela escola de Nancy.

O A. deste importante trabalho de hypnotismo declara-se francamente pela escola de Nancy e, em seu enthusiasmo pela theoria de Bernheim, deixa muitas vezes de dar o devido relevo áquillo que Charcot e muitos de seus discipulos, com methodos de observação de um rigor indiscutivel, têm estabelecido com bastante justeza. Entretanto é innegavel que o Dr. F. F. teve muito que respigar na riquissima literatura sobre o assumpto, principalmente em relação ás questões de actualidade taes como a physiologia do hypnotismo, a criminologia em face do hypnotismo, etc. e saiu-se desta tarefa com muita circumspecção, dando-nos em seu livro uma noção succinta do que está mais aceito no estado actual da sciencia.

O que mais preoccupa o A, e com justa razão desde que se trata de um medico, é a psychotherapia, capitulo que foi escripto com cuidado e que tem como complemento a terceira parte do livro, ou das observações clinicas. Ha, entretanto, um capitulo que destôa dos outros pela substancia de seus conceitos: — é o denominado « hypnotismo e espiritismo. » A questão do espiritismo é ainda muito obscura, e seria pretenciosa toda a tentativa de emmoldural-a já como um modo de manifestação da suggestão mental. Muitos factos bem averiguados e por autores e observadores da tempera de Ochorowicks e Richet, parecem completamente alheios ao Dr. F. F., que mostra preoccupar-se mais com as praticas desses *ingenuos occultistas bisonhos*. Que nos phenomenos espiritas ha mais do que se tem observado no hypnotismo, prova-o a observação com a Paladina, feita por Ochorowicks e Richet, que são pontifices da igreja em que o Dr. F. F. officia.

Mas dando de barato este e mais alguns pequenos senões, que percebemos na volumosa obra do Dr. F. F., corre-nos o dever de felicitar a nossa literatura medica pela valiosa contribuição que lhe trouxe um de seus distinctos cultores.—M. N.

89. —**Vida Burgueza**, por Antonio d'Oliveira. Typographia Paulista, S. Paulo, 1896

Ha neste livro de contos, que mal se ajusta ao titulo, pois que nada se encontra nelle que caracterize accentuadamente o viver de uma classe, um certo apuro de linguagem e um modo facil de narrar que contrabalança no juizo de quem lê a falta de fixidez do meio e a indecisão dos caracteres. Com effeito a dicção parece-nos bastante cuidada e tanto que temos vontade de lançar á conta do typographo um solecismo que se encontra a pag. 37: « uma dôr constrangia-*lhe*. » O estylo

é natural, sem deixar de ser copioso, e nelle se resume, e já não é pouco, o merecimento destas narrativas de successos que tanto podem imaginar-se no Brazil como em Portugal, porquanto não ha nellas um só recanto de natureza; e, si o A. não prevenisse a quem lê no conto intitulado *O Filho do Mestre Escola* que o caso se passou nas margens do Tiété, qualquer poderia collocal-o indifferentemente á beira do Douro ou do Lima; contribuindo ainda para augmentar a hesitação as referencias feitas no correr dos contos á Raymunda d'Elvas, á Margarida do Pinhal, ao Zé das Novas, á Maria da Eça, nomes que raramente terão escutado as nossas selvas.

Em todo caso, como somos dos que acreditam que para ser escriptor a primeira condição é saber escrever e porque o A. se nos revela um emancipado no tocante á fórma, estamos certos de que não tardará que se emancipe igualmente no que respeita á observação, dando-nos assim uma obra perfeita.—S. R.

Amnistia Inversa Caso de Teratologia Moral, por Ruy-Barbosa, segunda edicção, Rio de Janeiro, 1896, XVIII — 127 pags.

O Estado de S. Paulo, livro destinado á leitura das classes primarias adiantadas por Tancredo do Amaral, Alves & C. editores, Rio de Janeiro e S. Paulo, 1896, in-12, 189 pags., com illustrações.

Anomalias del Sistema Dental. Memoria presentada al 2º Congresso Medico pan-americano, de la Ciudad de Mexico por el Dr. Gaston Alexandre Worms, 1896, 27 pags.

* Aspectos da Literatura Colonial Brazileira, por Oliveira Lima, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1896, in-16, XVI— 301 pags.

Commissão da Carta. Chorographia do Estado do Rio de Janeiro. Relatorio pelo Engenheiro Civil Luiz Alves do Rego, Rio de Janeiro, 1896, in fol. 13 pags. Com annexos e 1 mappa.

O Parteiro (Novella naturalista) por Oscar Leal, Lisboa, 1896, in-12, 159 pags.

Os Peixes da Costa do mar do estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. H. von Ihering, traduzido do allemão, Porto Alegre, 1896, 29 pags. Tiragem a parte do *Annuario* daquelle estado.

Almanak Popular Brazileiro para o anno de 1897, Pelotas e Porto Alegre, Echenique & Irmão, editores, 1896. — E' o 4º anno desta bem feita publicação popular.

A POLITICA

Discutiu-se muito nesta quinzena, a proposito da molestia do Sr. Presidente da Republica, a questão de substituição presidencial. Primeiro que tudo, houve a surpresa da noticia da operação já praticada, quando se fazia crer que esta não seria feita antes do dia 15 de novembro. Com effeito, estabelecendo a nossa Constituição que, dada a vaga da presidencia, antes de decorridos dous annos do periodo presidencial, procede-se á nova eleição, era licito pesar todas as probabilidades de exito, e não atirar o paiz de um momento para outro nas incertezas de uma eleição, sem candidaturas preparadas.

Sob o ponto de vista medico, o que decidiu a urgencia da operação foi o soffrimento do doente; as considerações politicas tiveram de ceder ante essa razão individual, mas valiosa. Surgiu, porém, a questão, da conveniencia de continuar o governo nas mãos do operado, e esta tem a sua importancia. Com a nossa organização politica, o Presidente da Republica, e elle só, representa um dos tres poderes do Estado, e o mais importante, o executivo. Os outros dois poderes são collectivos, e nunca uma razão individual póde invalidal-os, ou interromper as suas funcções. Por isso, a Constituição deu ao Presidente nada menos de quatro substitutos: o vice-presidente da Republica, o presidente do Senado, o presidente da Camara dos Deputados e o vice-presidente do Supremo Tribunal Federal. E por isso tambem previu não só o caso de vaga ou falta, como o de impedimento, encarregando

áquelles altos funccionarios da successão ou substituição, conforme se désse um ou outro caso.

Ora, o caso de molestia do Presidente da Republica importa o impedimento previsto e a substituição temporaria, e sendo as operações cirurgicas, por mais habeis que sejam os cirurgiões, e por mais aperfeiçoados que estejam os processos, sempre sujeitas a accidentes, que põem em risco a vida do doente, aggravando pelo traumatismo as suas condições já precarias pelo facto da molestia que reclama a intervenção operatoria, e além disso pondo o doente na contingencia de submetter-se ás imposições do medico quanto ao repouso physico e moral, é claro que teria sido mais conveniente que o Sr. Dr. Prudente de Moraes tivesse passado o governo ao seu substituto legal antes da operação a que se submetteu. Isto quanto á razão politica; quanto á razão medica, tambem nos parece que para o doente seria mais vantajoso estar ao abrigo de abalos possiveis, que poderia causar-lhe a noticia de algum grave incidente na vida publica, que reclamasse promptas e energicas providencias.

Naturalmente estas considerações não occorreram ao espirito das pessoas que cercaram o illustre enfermo, mas como houve um momento em que o seu estado causou inquietações, ellas acudiram, e resolveu-se fazer o que se deveria ter feito mais a tempo.

A substituição temporaria não é destituida de inconvenientes.

O vice-presidente em exercicio, por motivo de impedimento passageiro do primeiro magistrado da nação, fica reduzido quasi ao despacho de expediente, ás providencias urgentes reclamadas por qualquer perturbação da ordem ou incidente grave, não póde fazer a sua politica, não póde fazer a sua administração, não póde escolher os seus auxiliares. Tem de governar com os ministros que encontrar em exercicio, sem communidade de vistas, podendo mesmo em alguns pontos estar em completa divergencia com elles.

O caso, porém, é inevitavel, porque seria difficil determinar o grau de gravidade ou o tempo de duração de uma molestia curavel, que determinasse a obrigação de renuncia definitiva. No emtanto, no nosso regimen, com as altas attribuições que tem o chefe do Estado, com o papel que cabe aos ministros, que

quasi só se entendem com aquelle chefe, e nenhuma influencia exercem sobre os ontros poderes, não tendo recebido delegação a não ser a da confiança pessoal do Presidente da Republica, o caso tem a sua importancia.

Esta difficuldade, com que ora lutamos, e que, repetimos, é realmente irremediavel, traz a terreno uma outra que as disposições constitucionaes podem fazer surgir. Supponhamos que se dá algum dia o caso de vagar a Presidencia da Republica nas vesperas do dia 15 de novembro, do segundo anno do periodo constitucional. Toma o governo um de seus substitutos, e manda fazer eleições. Os partidos não têm trabalhado nas candidaturas, estas surgirão talvez em grande numero, os votos dividir-se-ão na vasta estensão do paiz, haverá luta renhida, e teremos um presidente eleito por um numero ridiculo de votos, obtidos porém exclusivamente em um grupo de estados, ou em um grande estado. Por outro lado os fortes candidatos talvez desdenhassem de affrontar as urnas para obter um posto em que só poderiam manter-se dois annos.

Ha quem opine pela vantagem de reformar-se a Constituição no sentido, primeiro de supprimir o lugar de vice-presidente da Republica, que não é indispensavel, porque para substituições temporarias bastam os outros substitutos, e em segundo lugar no sentido de não se contar o periodo de quatro annos por épocas fixas, mas fazel-o partir da época da posse fosse ella qual fosse, determinada pela renuncia ou vaga e a subsequente eleição do successor. Dir-se-ia que assim tambem cairiamos no inconveniente das candidaturas não preparadas; mas isto não seria tão grave, desde que se soubesse que de um momento para outro poderia dar-se a vaga definitiva, e que esta abriria diante de si um periodo integral de quatro annos de governo.

E esta reforma só seria completa, si comprehendesse tambem a do modo de eleição do presidente da Republica. Quando se discutiu o projecto de Constituição, houve quem se batesse muito pela idéa de ser o primeiro magistrado da Nação eleito pelo Congresso, em vez da eleição directa por suffragio universal. Essa idéa foi posta de parte. Com a primeira eleição, que se fez pelo systema adoptado, não tivemos occasião de ver os inconvenientes delle. Era candidato unico o Sr. Dr. Prudente de Moraes, estavamos ainda

a braços com a guerra civil, as circumstancias do paiz eram anormalissimas, e a paixão politica era suscitada por causas bem diversas. Um accordo geral, os honrosos antecedentes do candidato, removiam todas as probabilidades de luta, e o actual Sr. Presidente da Republica não foi eleito, foi para bem dizer acclamado.

Mas, em uma nova eleição, teremos os candidatos do Sul e os do Norte, os candidatos dos grandes estados, os candidatos dos partidos que conseguirem formar-se contra o partido unico que tomou todas as avenidas do poder, e durante mezes, nas proximidades da eleição, a vida publica soffrerá grande abalo, talvez graves perturbações se produzam, quando tudo isto se poderia evitar, si a eleição fosse feita pelo Congresso, o que circumscreveria a luta á Capital, e encurtaria a sua duração. De caminho, poder-se-ia tambem modificar a disposição que manda eleger em março o candidato que tem de tomar posse em novembro. Durante mais de oito mezes, ha dois homens no paiz em falsa posição, um que vê decrescer a sua força e outro que anceia por entrar no goso de seus direitos.

Dir-se-á que a nossa situação reclama os cuidados dos homens politicos para outros assumptos mais urgentes; mas como estes entendem com a ordem e a tranquillidade publica, e o bom funccionamento das instituições, nunca é cedo de mais para se tratar delles, porque mais vale prevenir do que ter de remediar.

FERREIRA DE ARAUJO

AGARENO

III

« Meu caro amigo

Não ha ainda cinco dias que nos separamos e já eu começo a sentir a falta dos seus conselhos. Desde que voltei da estrada de ferro, tão acabrunhado por me ver só de companhia e de amizade, entrei por uma tão negra melancolia que nem mesmo sei como ainda vivo, si é que vivo, porque mais de uma vez me tem lampejado no espirito idéas atormentadas de suicidio. A verdadeira causa desse desconforto é a minha imaginação, unica culpada de tudo quanto soffro, unica responsavel por tudo quanto venha ainda a soffrer.

Ando num tédio frenetico que me leva, as vezes, aos limites do desespero—aborreço-me de tudo começando por aborrecer-me de mim; tenho um insupportavel fastio da vida, o que para outros é prazer enerva-me, irrita-me, arrasta-me a crises e, em certas occasiões, a minha superexcitação sobe a tal extremo, vai a tal ponto o meu nojo da vida que fujo, corro a encerrar-me para não ver gente, para não ouvir vozes, nem passos, ruido algum. Sou um possesso, um verdadeiro, um authentico possesso— o demonio que me possue é dos mais crueis. A bem dizer vivo physiologicamente, nada mais; espiritualmente sou um morto. E' cruel!

Minha mulher que, a principio, tão solicita se mostrou junto ao Paulo, disputando á ama o lugar de enfermeira, porque passou com elle uma noite anda a queixar-se de abatimento, com enxaqueca e nauseas, sempre recostada, alquebrada, soffredora. De instante a

Veja a *Revista* de 1 de junho, 1 e 15 de julho, 15 de outubro e 1 de novembro.

instante surge no meu gabinete pedindo uma receita e, si não vem com o pulso para que eu sinta a febre, pede-me que lhe ausculte o peito, que lhe examine a lingua e são suspiros, enjôos, lamentações; raro apparece á mesa, come no quarto e é a negra quem lhe vai delindo a gallinha, porque nem força lhe sobra para destrinçar o bocado que come.

Ah! meu amigo, como o tédio modifica a alma! Nos primeiros tempos esses mesmos languores, que agora tanto me enfezam, como me pareciam bem... Quanta vez, caminhando pé ante pé, fui surprendel-a nesse voluptuoso e passivo abandono, nessa especie de attitude encolhida de panthera que fórma o galão fatal... quanta vez! e agora vel-a assim é um supplicio porque desabrochou em meu coração, esteril outr'ora porque era indifferente, uma flor venenosa que eu chamo suspeita. Suspeita de que? perguntará o meu amigo —de todos, de tudo. Parece-me que nesse estado de alquebramento, nessa mollicie, o sonho é constante e, com que sonha a mulher? com a liberdade e essa liberdade do sonho é uma infamia quando realizada. Que buscarão aquelles olhares vagos, dispersos que ora enlanguecem humidos e ora se accendem lubricos? para onde irão aquelles mal desferidos suspiros? que corpo imaginario buscarão aquelles braços estirados nervosamente em espreguiçamentos? Eu, julgando por mim, desconfio sempre dos que buscam isolar-se: são justamente os que mais querem estar acompanhados. Estou a perder palavras, estou espalhando frases banaes para esconder a verdade, repugna-me similhante procedimento: por que hei de commetter a deslealdade de lhe occultar um segredo? elle ahi vai, dividindo-o terei algum allivio, sempre me ficará menos pesado, vamos pois repartir essa tortura.

Conhece o Cassio Mendes? é um excellente amigo, duma irreprehensivel conducta, lealdade nunca desmentida, grande e solido caracter com uma jaça minima: a velleidade da elegancia; isso, porém, a meu ver, não chega a ser um defeito, é apenas um ridiculo. Cassio Mendes é dos que mais assiduamente frequentam a nossa casa — aqui vem elle estreiar os costumes, as gravatas, as polainas, os chapéus e os calimburgos. Como o recebo com intimidade Corina, certamente para me ser agradavel, trata-o com franqueza, descerimoniosamente, de sorte que o excellente rapaz, sentindo-se acariciado, corresponde com gentileza, algumas vezes excessiva, indo até a

fronteira da liberdade. Essa fronteira é guardada por tres vigias: o respeito, o pudor e o medo, vencido o primeiro difficilmente, os dois outros resistem. De uns tempos á esta parte entrei a observar, desconfiado, (injustamente desconfiado, creio eu) os cuidados de Corina com a casa, com a *toilette* nos dias em que Cassio Mendes deve vir jantar comnosco: não fica uma flôr no jardim e toda ella trescala, tantas são as essencias com que se encharca. Elle tem sempre um mimo para offerecer-lhe: flôres, as primeiras violetas, frutos, um pacotinho de bonbons, uma curiosidade, ás vezes um figurino, uma musica e ella, quando o vê, ella tão concentrada de ordinario, sorri, conversa, torna-se garrula, ameniza-se, e lembrando trechos classicos lá vão os dois para a sala. Guardei discrição recatada sobre as minhas desconfianças; dá-se commigo um estranho phenomeno: — Eu *queria* surprendel-os, queria, um dia, encontral-os em flagrante e chego a imaginar a scena horrivel dessa surpreza; mas quanto soffro, como me dóe essa idéa. A' noite, ás vezes, no escuro, quando ella dorme, volto-me docemente no travesseiro e quieto, contendo o halito, fico á espreita a ver se lhe escapa, através do sonho, uma confissão e, quando ella balbucia palavras inintelligiveis, tremo, fico regelado temendo ouvir o nome do homem. Agora imagine o meu amigo que uma noite, na inconsciencia do sonho, lhe saisse dos labios um nome... que seria de mim? Não poder a gente ver as almas e que horror si as vissemos. Quando ella me abraça penso immediatamente nesse homem, si lhe fito os olhos descubro no fundo claro das suas pupillas alguma coisa como um sarcasmo e nos seus suspiros ha como que uma triste lastima saudosa — entre mim e ella existe sempre esse homem, eu o sinto, meu amigo. Tenho, ás vezes, impetos de repellil-a, repugnam-me os seus carinhos, os seus sorrisos ferem-me.

Ha dias, chegando á casa inesperadamente, fui encontral-a na sala chorando; aberto, na estante do piano estava o *Te souviens tu?*, romance de Tosti, da predilecção de Cassio Mendes, o mesmo que elle costuma cantar acompanhado por ella. Não sei dizer como foi, meu amigo, impetuosamente saíu-me a primeira palavra e, como ao jorrar duma onda todo o rio contido por uma repreza precipita-se desabaladamente, tudo lhe disse, tudo quanto eu ia accumulando penosamente e no tom mais grosseiro e injurioso que póde inspirar a colera do ciume. Ella ficou assombrada, ergueu-se livida, com os

olhos immensos, parados, a bocca meio aberta e, quando eu, allucinado, lhe atirei em rosto o nome de Cassio Mendes, ella, affrontada, respondeu-me com uma palavra de desprezo e saíu. Fiquei atordoado, vasio, ôco como si houvesse despertado dum somno doentio. Não tive coragem de subir; atirei-me ao sofá e ali fiquei fumando e o arrependimento veiu torturar-me, á colera succedeu o remorso. Que provas tinha eu contra ella? que argumentos podia eu allegar contra esse supposto crime? Si ella recebia com intimidade Cassio Mendes o culpado era eu, eu sómente. E si nada houvesse não lhe teria eu posto no espirito essa idéa com a erupção da minha ira? Quanto tempo estive ali naquella sala escura, aterrado, humilhado, envergonhado!... Infelizmente eu sou como as cavernas: chorá por dentro, as minhas lagrimas parecem cair do cerebro sobre o coração e ali ficam crystalizadas em tormentos desesperadores. Emfim resolvi subir e fui lentamente; o quarto estava fechado bati, abriram: ella fazia as malas. Perguntei com voz tremula: — Para onde pretendia ir? Ella levantando a cabeça, lançou-me orgulhosamente um olhar tão forte, tão cheio de colera honesta e de lagrimas reprimidas que estive para me atirar a seus pés pedindo que me perdoasse, mas o meu orgulho agarrou-me a tempo. Caminhei até junto da primeira mala e fechei-a, fiz o mesmo á segunda; ella foi encostar-se á janella e houve então uma scena que não me sinto com forças para narrar. Tomei-a nos braços e docemente, em segredo, pedi-lhe que me perdoasse. Ella arrancando-se dos meus braços, fitou-me de novo e, por entre soluços, numa explosão de pranto disse surdamente: — « Não! Não! Que fiz eu? Não! Não! » Deixei-a e fui para o meu gabinete certo de que, minorado o furor, ella lá iria e foi. Foi para dizer-me, com calma, maiores insultos do que eu lhe dissera no delirio da minha ira. Atirou sobre mim toda a responsabilidade do que succedia — porque era eu quem lhe pedia que fosse amavel com todos os meus amigos, porque fôra eu quem insistira com Cassio Mendes para que cantasse, porque aquella alliança fôra por mim estabelecida, porque eu abandonava-a. E declarou abertamente que nunca mais appareceria a Cassio Mendes não porque temesse succumbir ás suas seducções mas para evitar suspeitas que lhe valiam affrontas vilipendiosas. Tomei no momento, palavras taes como resultantes da superexcitação em que ella estava mas, meu amigo,

duas vezes tem vindo Cassio Mendes jantar comnosco depois disso e Corina mantém o seu protesto. Não me sinto com forças de exigir a sua presença e já me custa mentir a Cassio Mendes que, na ultima noite que aqui esteve, retirou-se sombrio e creio que não voltará mais. Antes assim... não, eu preferia que voltasse, queria vel-os juntos, face a face para analysar, com calma, os olhares de ambos porque agora desconfio mais que nunca. Não estará ella procedendo assim para conquistar em absoluto a minha confiança? Será honestidade ou astucia ? não sei. A verdade é que sou um infeliz que se vai esquecendo da sua personalidade absorvido por uma obcecação. Eu não me preoccupo commigo, mal o tempo me sobra para pensar nelle e nella e rebaixo-me até a espionagem, revolvo papeis, violo cartas, ando sempre com os dedos pelas caixas em que ella costuma guardar os seus pequeninos objectos e já me tem succedido ser por ella apanhado à abrir escrinios e por mais que eu invente desculpas o seu olhar terrivel, cheio de um nobre desprezo humilha-me e a sua indifferença vexa-me: ella bem sabe o que eu procuro. E' horrivel! Mas não me corrijo, volto a esquadrinhar, a rebuscar porque alguma coisa me affirma que sou traido.

Como viver assim? será isto amor? é então verdade que eu amo minha mulher? e porque me entedio a seu lado? Decididamente não sei que é; affirmo, porém, que soffro e muito. A' noite, si alguem me procura, logo a suspeita se levanta em minh'alma e conjecturo: « E' bem possivel que elle tenha combinado com algum miseravel subornando-o para que, a pretexto de doença, me mandasse chamar deixando-lhe assim o campo livre.» Vou, mas revolvendo sempre no espirito esse pensamento e, junto do enfermo, estou tão distante delle como si não me houvesse abalado da cama para ir vêl-o, e, tomando-lhe o pulso, com os olhos inquisidoramente cravados nos seus olhos, procuro ler a perfidia de que se fez cumplice assalariado deshonrando-me duas vezes como homem e como medico. E com que anciosa pressa torno á casa! Si vou de tilbure desço á distancia para que o rumor á porta não lhes dê aviso da minha presença. Entro como um ladrão vagarosamente, sorrateiramente e encontro-a dormindo; pois meu amigo acredite que soffro uma decepção, tal é, no momento o estado do meu espirito. Que horror!

Nas horas calmas, quando a reflexão, tão rara agora, vem repousar minh'alma, cheio de remorsos tenho pena della e lastimando-a é tal o nojo que tenho de mim que chego a injuriar-me. Realmente é cruel o que faço, mas eu vou caminhando a passos largos para a grande familia dos irresponsaveis: eu sou um delirante, um verdadeiro delirante. Ah! a minha melancolia... a minha melancolia! Que hei de fazer? viver com ella é tortural-a, é torturar-me, apartar-me della é impossivel... Que hei de fazer?

O Paulo, completamente restabelecido, já se assenhoreou da casa e refaz-se — ella parece estimal-o, talvez seja tambem uma comedia, mas o que eu vejo é que ella lhe faz todas as vontades, que o acaricia amavelmente, que o traz limpo e mesmo agora anda a bordar um saiote que elle deve vestir no proximo domingo para ir comnosco ás corridas. Sim, vamos ás corridas; é preciso distrail-a, a solidão é suggestiva. D. Januaria tem apparecido sempre e fala-me em retirar o Paulo, eu vou protelando a partida do pequeno não só porque elle é uma companhia, distrae com as suas travessuras, quebra o silencio monotono da casa com o seu alarido, como porque é um tropeço ou antes — uma vigia. Não creio que ella ouse... »

Escrevendo esta frase Julião, com um grande suspiro, suspendeu a penna e mettendo os dedos pelos cabellos, repousando a fronte nas mãos, releu toda a carta. Chegando á frase em que ficara suspirou de novo e ergueu-se caminhando para a janella,

O sol, a pino, abrazava as aguas do mar sereno, as arvores quietas, com as folhas muito seccas, immoveis e duras como de zinco, fulguravam á grande luz que tirava reverberações das claraboias e abrazava a rua deserta onde apenas um cão, de espaço a espaço, ladrava. Um grande paquete entrava, lento e pesado, fumegando com uma bandeira que palpitava no alto do mastro como que acenando festivamente á terra; houve um estampido como de salva e logo um rolar trovejante de pedras numa pedreira proxima e um sino vibrou longamente através do silencio que se tornara mais vasto depois do estampido da mina. Julião voltava a cabeça ora para um extremo, ora para outro, por fim baixou os olhos e poz-se a acompanhar os movimentos do cão que estrafegava um farrapo. Subito, numa resolução firme, retirou-se da janella:

— Não! para que?! Que lucro eu com isso? Que conselhos me póde elle dar e para que hei de eu andar com as minhas vergonhas

de mão em mão? E para que ha de elle ficar tambem suspeitando? não... Tomou as duas folhas de papel que enchera nervosamente duma escripta miúda e rasgou-as; mas, indeciso ainda, esteve algum tempo com as duas metades nas mãos, o olhar vago até que se resolveu e fel-as em pequeninos pedaços qne atirou á cesta; tomou depois o enveloppe já endereçado a « Salustio Pina—Ribeirão Preto, S. Paulo » e rasgou-o igualmente, e respirou então alliviado.

Riram fóra, no corredor: elle foi á porta, abriu-a e deu com o pequenino Paulo de pé, com um gatinho agarrado pelas costas, rindo e Corina a acompanhal-o querendo tomar-lhe das mãos o animal que procurava alcançal-o com as unhas debatendo-se desesperadamente. Vendo-o a criança adiantou-se e deitou o gatinho ao chão; o animal, apanhando-se livre, deitou a correr, precipitando-se pelas escadas.

O gabinete foi invadido, Paulo, vendo a janella aberta, foi logo arrastando uma cadeira, mas Corina oppoz-se : — Não, senhor, nada de gymnasticas. Si quer estar ahi fique quietinho; mas o pequeno amuou, batendo o pé. — Que é isso, Paulo ! ralhou Julião franzindo o sobr'olho. Isso não se faz, é feio. A criança mirou-o espantada e agarrando-se á grade poz-se a balançar uma perna, a cabeça inclinada, de repente rompeu a chorar. — Ora, Julião... para que foste reprehender a criança? Ahi tens... E Corina foi cariciosamente á janella, tomou o pequeno ao collo e alisando-lhe os cabellos : — Papai é mau, não é, meu velho? Papai é muito mau... O pequeno soluçava procurando Julião com os olhinhos arrasados d'agua. — Está bem, acabou, disse elle, venha cá, venha dar um beijo ao seu papai, vamos. Estendeu-lhe os braços mas o pequeno voltou-se impetuosamente, com um momo. Ah! não quer? melhor... Paulo rompeu de novo em pranto e Corina saiu com elle, acalentando-o. — Ah! Julião, tambem você... Não chora não, meu velho. Papai é muito mau... Vamos lá embaixo, sim? você quer ir vêr o gatinho? Através dum soluço o Paulo disse que queria e de improviso, voltando-se para Julião, disse em tom choroso : — Mau !

De novo só elle lançou um longo e demorado olhar á cesta dos papeis, agachou-se, remexeu baralhando os pedaços da carta que rasgára e foi ao quarto para lavar as mãos suadas. Corina chamou-o debaixo : — Vem almoçar, Julião. — Já vou... Mau !

gritou o Paulo e, como se o incitassem continuou : — Feio ! Elle não ouvia, estava diante da cama, de braços cruzados, olhando os lençóes brancos, muito lisos, com um olhar fixo e quieto de idiota. E, lentamente, foi correndo com a vista todos os cantos parando um instante em cada movel e, como visse uma ponta de papel que fugia de traz de um quadro, sobresaltado puxou-o cautelosamente e abriu-o—era um velho programma de concerto. Ficou a contemplal-o algum tempo, rio depois e metteu-o de novo, com as mesmas dobras, no sitio donde o tirára.—Vem almoçar, Julião! chamou de novo Corina e elle suspirou desafogadamente no meio do quarto com os olhos no esplendido azul do céu.

COELHO NETTO

(Continúa)

O VISCONDE DE PEDRA-BRANCA

ALGUNS PERIODOS DE SUA VIDA

1779—1831

IV

1821—1828

A 3 de setembro de 1821, Domingos Borges de Barros foi eleito deputado ás Côrtes portuguezas pela provincia da Bahia, que a ellas ao mesmo tempo enviou: José Lino Coutinho, Alexandre José Gomes Ferrão, Pedro Rodrigues Bandeira, Cypriano José Barata de Almeida, coronel Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, e os padres Marcos Antonio de Souza e Francisco Agostinho Gomes. Todos tomaram assento no congresso a 15 de dezembro.

Os actos legislativos pelos quaes tentaram as Côrtes constituintes fazer o reino do Brazil retrogradar á posição de colonia da metropole, a impugnação que dos deputados brazileiros soffreram estes actos, ao serem decretados, e a resistencia tenaz que á sua execução oppoz, entre nós, o principe regente D. Pedro de Alcantara, formam o assumpto de um capitulo especial.

Elle manifesta a superioridade com que Pedra-Branca desempenhou naquellas Côrtes o mandato de deputado, cuja escusa lhe foi concedida a 29 de março de 1823.

Veja a *Revista* de 1 e 15 de novembro.

Em fevereiro do anno seguinte, começou Pedra-Branca a servir como encarregado de negocios do Brazil junto ao rei de França, cargo para o qual fôra nomeado em lugar de Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, visconde de Itabayana, removido para Londres.

Em outro capitulo, relativo ao reconhecimento da independencia do Brazil pelas nações estrangeiras, mostram-se os efficazes esforços que a tal respeito envidara Pedra Branca na Côrte de Carlos X. Aqui si completará succintamente a noticia deste periodo da sua vida.

Emquanto Pedra-Branca se desvelava por preencher cabalmente, como o conseguiu, os deveres da sua missão, estudava e propunha ao governo imperial alguns melhoramentos consentaneos ao estado social da nossa patria. Mais de uma vez, lhe indicara, de preferencia, a diffusão da instrucção popular e juntamente o ensino literario e o scientifico, a abundancia dos meios de communicação terrestre e maritima, a emancipação gradual dos escravos, de par com a fundação de sociedades de agricultura e de colonização, assumptos estes pelos quaes já se havia interessado como legislador, nas Côrtes constituintes de Portugal. As suas idéas a todos estes respeitos esboçou-as englobadamente no officio de 1 de abril de 1824 ao ministro Carvalho e Mello.

« Encurtar as distancias, — escreveu-lhe, — com estradas e paquetes; para este fim crear escolas de pontes e calçadas, escolas de marinha, e dar grande desenvolvimento á marinha costeira. Hoje, o derramamento de luzes e, mais ainda, de moral e costumes, no meio vario da opinião da extincta assembléa. Acho que não convém universidades por ora, e sim escolas de direito, de sciencias naturaes e de quanto se queira, espalhadas por todo o Imperio. Servem universidades só quando, divulgadas as luzes, não se ha medo dos systemas; antes disso, tornam a nação um composto de bachareis garrulos e de povo ignorante. E' a escravatura empêço para a lavoura, e o que peior é, para a educação; minorar aquella, angariando colonos industriosos, depois de formadas sociedades de colonização e de agricultura, e caixas de resgate, é da primeira importancia. » [1]

---

[1] *Correspondencia do ministerio dos negocios estrangeiros do Brazil*

Tambem, com o nosso governo instava Pedra-Branca para que désse impulso ao estudo das artes liberaes no Brazil. Apezar da boa vontade e esforços do imperador, nessa época era muito imperfeita a organização da Academia de Bellas-Artes, cujas primeiras aulas foram por D. João VI creadas e providas com artistas estrangeiros de vulto. A mestres competentes Pedra-Branca ouviu ácerca do systema que mais apropriado fosse ás instituições de similhantes academias, e ao governo communicou o longo e proveitoso parecer de uma das autoridades a quem consultara, D. A. de Sequeira. [1]

Ainda, na sua correspondencia official, o diplomata brazileiro, encarecia a necessidade da fundação de estabelecimentos de beneficencia, sobretudo de institutos de irmans de caridade, impetrando para estes a protecção da primeira imperatriz. [2] Só muitos annos depois, congregaram-se no Brazil as irmans de caridade, a respeito das quaes em vão Pedra Branca repetira as suas supplicas á imperatriz Senhora D. Amelia. [3] Por elle coadjuvados, os Drs. João Vicente Martins e Alexandre José de Mello Moraes pai, que pela imprensa porfiadamente reclamaram para a Bahia os serviços das piedosas e prestantes senhoras, abriram caminho á admissão dellas naquella provincia, onde, com o fito de manter o instituto, a 19 de julho de 1849 se creou, sob os auspicios do arcebispo marquez de Santa Cruz, a confraria de S. Vicente de Paulo. [4]

Os nossos compatriotas na França receberam sempre do representante do Brazil o mais carinhoso acolhimento. Pedra-Branca, dia e noite, franqueava-lhes a sua casa. A muitos dos que estudavam naquelle paiz prestava-se com recommendações, e aos necessitados até soccorria do seu bolsinho. Ao mesmo tempo advogava, como si fossem proprias, as legitimas reclamações dos Brazileiros que recorriam á sua intervenção official.

---

[1] *Correspondencia do ministerio dos negocios estrangeiros*, 1825.— Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro*, II, pag. 180.

[2] *Correspondencia do ministerio dos negocios estrangeiros*, Officio de Pedra Branca de 7 abril de 1824.

[3] *Discurso de Pedra Branca na sessão do Senado* de 21 de agosto de 1853.

[4] *Os Tumulos*, poema philosophico, de P. S. publicado pelo Dr. Mello Moraes, VII—X.

Cabe-me, [illegible] referir um facto. Os ex-deputados José Bonifacio, [illegible] irmãos Antonio Carlos e Martim Francisco, José Joaquim [illegible] e padre Belchior Pinheiro de Oliveira, desde [illegible] da dissolução da Constituinte, haviam chegado [illegible] Bordéos, [illegible] de longa viagem, cheia de peripecias. O adjunto [illegible] se sitiarem da cidade e a escolherem para [illegible] do interior, pois que o governo francez, equi[illegible] refugiados da Hespanha, onde a expedição milita[illegible] pela restauração do absolutismo, não con[illegible] estabelecessem nos portos de mar e povoações fro[illegible] ameaçados de tal violencia, cont[illegible] ao agente do Imperio, e a revogação [illegible] esperar, graças á solicitude de Pedr[illegible]

[illegible] por seus companheiros agradeceu-lhe José Bonifac[illegible] quanto mais quanto, si porventu[illegible] á sua patria, sujeitando-se embo[illegible] pois, de Bordéos o illust[illegible] a seguinte carta, datada de 13 [illegible] Senhor meu. Acabo de receber a sua ultim[illegible] a participar-me o resulta[illegible] gratuito que contra [illegible] da municipalidade de Bordéos. Si [illegible] V. S. [illegible] fazia, foi porque, morando [illegible] meus irmãos já o teriam fei[illegible] sei que não o fizeram, porque pa[illegible] Rocha, encarregado de lh'o agradecer pess[illegible] Eu agradeço muito o desvelo e zelo [illegible] e em honra do nosso Brazil. Si V. S. [illegible] sua reclamação, eu, apezar de minha má saude, e[illegible] depois da chegada a esta nova Jerusalem [illegible] resolvido a não obedecer á despotica ordem [illegible] meu passaporte para o Rio de Janeiro, pois prefe[illegible] escondido de baratas na fortaleza da Lage, que sof[illegible] insultos de estrangeiros ingratos ao que lhes fi[illegible] malfadado ministerio. . . » [1]

---

[1] [illegible] ministerio dos estrangeiros, 1825.

O turbilhão da vida official não afastara Pedra-Branca do commercio das musas, nem estultos preconceitos impediram que um dia o grave diplomata surgisse como poeta nas alturas do mundo literario. No anno de 1825 publicou em Pariz as suas composições lyricas com o titulo de «Poesias offerecidas ás Senhoras Brazileiras por um Bahiano.»[1] Pelo mesmo tempo José Bonifacio dava á estampa, em Bordéos, a collecção das «Poesias de Americo Elysio», por elle escriptas como lenitivo ás amarguradas e solemnes horas do saudoso desterro. Na homenagem do poeta bahiano ás suas patricias coube escolhido quinhão á predilecta, á esposa, a quem dedicou, precedida de versos inspirados no amor conjugal, a traducção do lindo poema apologetico das mulheres, composto por Legouvé.[2] As ultimas paginas da obra, ungidas de resignação christan, recordam a dor incomparavel do infortunado pai, ferido no intimo do coração pela perda do seu primogenito, criança na qual madrugara a intelligencia, e que falleceu em Pariz a 4 de fevereiro daquelle anno.

Os serviços com que Pedra-Branca realçou o exercicio do seu cargo foram condignamente galardoados pelos seus concidadãos e pelo primeiro imperador. A sua provincia natal, que já o tinha eleito deputado ás Côrtes constituintes da nação portugueza, elegeu-o, simultaneamente, membro da camara temporaria e da vitalicia, na primeira eleição a que se procedeu para a Assembléa geral legislativa, inaugurada em 1826. D. Pedro I escolheu-o senador, agraciou-o com o titulo de barão, e d'ahi a pouco tempo o promoveu a visconde de Pedra-Branca.

Eis como o senador agradeceu a sua nomeação em officio que a 26 de abril do mesmo anno enviou ao nosso ministro dos estrangeiros: — «Quando, em satisfação do meu dever, me não tivesse votado á prosperidade do Brazil e á gloria do imperador; quando as graças recebidas não carregassem ainda mais a obrigação de bem servir, e não penhorassem mais o sentimento de gratidão, o officio de V. Ex., sob o n. 144 e data de 7 de fevereiro do corrente anno, motivo sobejo me daria a tanto. Nelle V. Ex. louva no imperial nome os meus desvelos na guarda do meu posto e me

[1] Pariz, Aillaud, 2 vols. in 32.
[2] Legouvé, *Le mérite des femmes*.

Cabe a proposito referir um facto. Os ex-deputados José Bonifacio, seus irmãos Antonio Carlos e Martim Francisco, José Joaquim da Rocha e padre Belchior Pinheiro de Oliveira, desterrados depois da dissolução da Constituinte, haviam chegado a Bordéos, ao cabo de longa viagem, cheia de peripecias. O adjunto do *maire* intima-os a se afastarem da cidade e a escolherem para residencia um lugar do interior, pois que o governo francez, equiparando-os aos refugiados da Hespanha, onde a expedição militar da França forcejava pela restauração do absolutismo, não consentia que se estabelecessem nos portos de mar e povoações fronteiras. Aquelles Brazileiros, ameaçados de tal violencia, contra ella representaram ao agente do Imperio, e a revogação da iniqua ordem não se fez esperar, graças á solicitude de Pedra-Branca.

Por si e por seus companheiros agradeceu-lhe José Bonifacio os bons officios, os quaes estimou tanto mais quanto, si porventura fossem baldados, teria de voltar á sua patria, sujeitando-se embora aos rigores da antiga prisão. Assim pois, de Bordéos o illustre exilado escreveu a Pedra-Branca a seguinte carta, datada de 13 de agosto de 1824:—«Mui Senhor meu. Acabo de receber a sua ultima carta, em que tem a bondade de tornar a participar-me o resultado dos seus bons officios ácerca do insulto gratuito que contra nós projectou o adjunto do *maire* da municipalidade de Bordéos. Si não respondi logo a V. S., como cumpria, foi porque, morando uma legua fóra da cidade, cuidei que meus irmãos já o teriam feito; porém, agora, com desgosto, sei que não o fizeram, porque partiu para Pariz o amigo Rocha, encarregado de lh'o agradecer pessoalmente. Eu, portanto, lhe agradeço muito o desvelo e zelo que mostrou em nosso bem e em honra do nosso Brazil. Si V. S. não fosse feliz na sua reclamação, eu, apezar de minha má saude, e de de minha cara esposa, depois da chegada a esta nova Jerusalem..., estava firmemente resolvido a não obedecer á despotica ordem: e pedir antes o meu passaporte para o Rio de Janeiro, pois [illegible] tornar a ser comido de baratas na fortaleza da Lage, [illegible] por mais tempo insultos de estrangeiros ingratos, ao que [illegible] tempo do meu malfadado ministerio...» [1]

---

[1] *Correspondencia do ministerio dos estrangeiros*

O turbilhão da vida official não afastara Pedra-Branca do commercio das musas, nem estultos preconceitos impediram que um dia o grave diplomata surgisse como poeta nas alturas do mundo literario. No anno de 1825 publicou em Pariz as suas composições lyricas com o titulo de «Poesias offerecidas ás Senhoras Brazileiras por um Bahiano.»[1] Pelo mesmo tempo José Bonifacio dava á estampa, em Bordéos, a collecção das «Poesias de Americo Elysio», por elle escriptas como lenitivo ás amarguradas e solemnes horas do saudoso desterro. Na homenagem do poeta bahiano ás suas patricias coube escolhido quinhão á predilecta, á esposa, a quem dedicou, precedida de versos inspirados no amor conjugal, a traducção do lindo poema apologetico das mulheres, composto por Legouvé.[2] As ultimas paginas da obra, ungidas de resignação christan, recordam a dor incomparavel do infortunado pai, ferido no intimo do coração pela perda do seu primogenito, criança na qual madrugara a intelligencia, e que falleceu em Pariz a 4 de fevereiro daquelle anno.

Os serviços com que Pedra-Branca realçou o exercicio do seu cargo foram condignamente galardoados pelos seus concidadãos e pelo primeiro imperador. A sua provincia natal, que já o tinha eleito deputado ás Côrtes constituintes da nação portugueza, elegeu-o, simultaneamente, membro da camara temporaria e da vitalicia, na primeira eleição a que se procedeu para a Assembléa geral legislativa, inaugurada em 1826. D. Pedro I escolheu-o senador, agraciou-o com o titulo de barão, e d'ahi a pouco tempo o promoveu a visconde de Pedra-Branca.

Eis como o senador agradeceu a sua nomeação em officio que a 26 de abril do mesmo anno enviou ao nosso ministro dos estrangeiros: — «Quando, em satisfação do meu dever, me não tivesse [illegible] dade do Brazil e á gloria do imperador; quando [illegible] não carregassem ainda mais a obrigação do [illegible] dobrassem mais o sentimento de gratidão, o [illegible] a de 7 de fevereiro do corrente [illegible] nto. Nelle V. Ex. louva no [illegible] guarda do meu posto e me

annuncia que Sua Magestade houve por bem nomear-me senador. A gratidão não é loquaz; e a minha se exprime, supplicando a V. Ex. se digne beijar por mim a mão de S. M. Imperial. »[1]

Em officio de 28 de fevereiro de 1828 communicou Pedra Branca ao governo imperial que havia terminado a sua missão, entregando os archivos da legação ao seu successor João Antonio Pereira da Cunha.[2] Entretanto, honrado tambem por Carlos X, recebeu do ministro dos estrangeiros de França, conde de La Ferronays, a carta constante da seguinte versão:—«Paris, 24 de junho de 1828. Senhor visconde. O rei está extremamente satisfeito da maneira por que desempenhastes, em França, as funcções de encarregado de negocios da côrte do Brazil, e Sua Magestade quiz dar-vos uma prova da sua estima e benevolencia, incumbindo-me de transmittir-vos uma caixa ornada da sua cifra. Cumprindo as ordens do rei, rogo-vos, senhor visconde, estejaes persuadido de que eu soube apreciar as relações que a vossa missão estabelecera entre nós, que pezaroso as vi cessar, e de que me será sempre agradavel renovar-vos os testemunhos da minha distincta consideração.»

V

1829—1831

Depois de ter, no espaço de quatro annos, como representante do Brazil em França, prestado os serviços notaveis que ficam referidos, Pedra-Branca cooperou para um facto, do qual dependia a felicidade domestica do primeiro Imperador, e que, portanto, interessava de perto á nação brazileira: foi a negociação do matrimonio de Sua Magestade com a princeza Amelia de Leuchtenberg.

Havia fallecido em 1826 a imperatriz D. Leopoldina, filha de Francisco I d'Austria, legando ao mundo o exemplo de provadas virtudes, encarecidas pelas excellencias da maternidade. Entretanto o joven principe viuvo, cujo coração sentia necessidade de retemperar-se nos puros affectos da familia, formara o designio de contrair segundas nupcias. Tendo conhecimento de tal projecto, buscaram

---

[1] *Correspondencia do ministerio dos negocios estrangeiros.*
[2] *Ibid.*

influir nelle os gabinetes da Austria e da Inglaterra, com o fim de satisfazer a certos calculos politicos. Offereceram-se pois a coadjuvar a nova alliança de D. Pedro I. Havendo, porém evitado o imperador que os dois gabinetes se ingerissem no arranjo do seu casamento, elles recorreram a intrigas, em que é tão fertil a manhosa diplomacia. Perdido no dedalo dessas intrigas, o marquez de Barbacena, que recebera plenos poderes para escolher a augusta esposa, baldadamente o diligenciara.[1] Em um momento de impaciencia, D. Pedro chegou a escrever-lhe que suspendesse a negociação; mas por ultimo autorizou-o a proseguir nella juntamente com Pedra-Branca, e o preveniu de que, no caso de impedimento, Pedra Branca promoveria o ajuste matrimonial, de accôrdo com o visconde de Itabayana, nosso ministro em Londres.[2]

Nesse meio tempo a duqueza de Leuchtenberg, viuva do principe Eugenio de Beauharnais, tinha accedido á proposta reiterada, que lhe fizera sua irmã a imperatriz d'Austria, ácerca do consorcio de sua filha a princeza Amelia com o imperador do Brazil. Mr. Planat de la Faye, velho amigo e confidente da familia Leuchtenberg, que o encarregara, como plenipotenciario, do ajuste matrimonial,— desde que foi aconselhado o casamento, entendeu-se em Pariz com Pedra-Branca, de quem colheu as necessarias informações. Com elle, depois, em algumas conferencias, ali combinou as estipulações do contracto esponsalicio. Finalmente, em Canterbury, aonde ambos foram reunir-se ao marquez de Barbacena e ao visconde de Itabayana, concluiu-se o tratado para os desposorios a 30 de maio de 1829.[3]

Dirigira-se a negociação debaixo de segredo e precauções taes, que não se veiu a saber della sinão depois de consummada. Com a surpreza do gabinete inglez e do austriaco mesclou-se raivoso despeito, do qual nasceram novas intrigas, tendentes a frustrar a realização do enlace. Foi Pedra-Branca ainda quem as rebateu,

---

[1] *Revue d'Histoire Diplomatique, publiée par les soins de la société d'histoire diplomatique, première année*, n. 2, pag. 222 e 223.

[2] Carta de D. Pedro I ao marquez de Barbacena, de 26 de junho de 1828; carta do marquez de Abrantes ao visconde de Pedra-Branca, de 27 do mesmo mez e anno.

[3] *Revue d'Histoire Diplomatique*, pags. 223 e 224; Pereira Pinto, *Apontamentos*, II, 472.

desvanecendo os receios insufflados pela diffamação quanto a futura felicidade conjugal da princeza que devia comparir a sorte do imperador. [1]

Assim, emquanto o marquez de Barbacena tivesse assignado o tratado de 30 de maio como plenipotenciario do Imperador, Pedra-Branca foi, por parte de Sua Magestade, o negociador de facto. Certifica-o o outro plenipotenciario, Planat de la Faye, em paginas de subido valor. [2] O proprio marquez de Barbacena, tambem, na sua correspondencia epistolar com Pedra-Branca, de quem era amigo, recorda mais de uma vez a intervenção principal deste no segundo casamento de D. Pedro.

Em carta de 7 de julho de 1829, quando a augusta noiva estava prestes a partir para Londres, afim de seguir ao seu destino, disse Barbacena a Pedra-Branca: « Emquanto não vir o precioso thesouro a bordo, estarei em continuado susto, e por isso rogo a V. Ex., que tem a principal parte em tamanha ventura, que concorra de coração e alma para accelerar a partida. »

Porém o documento inedito mais explicito a tal respeito é uma carta que o marquez de Abrantes, ministro da Corôa, a 24 de outubro de 1829 escreveu a Pedra-Branca, seu amigo intimo, e na qual faz-lhe narração minuciosa e pittoresca da chegada da princeza Amelia ao Rio de Janeiro, com a rainha de Portugal D. Maria da Gloria, e bem assim da celebração do casamento imperial. Seguem-se alguns trechos desta carta:

« Parabens a V., a todos nós, ao Imperio em geral. A nossa amavel imperatriz chegou á barra desta cidade no dia 16 do corrente, e tive a honra de lhe beijar a mão, indo a bordo da fragata, que a conduzia, no escaler do imperador, que saiu a encontral-a... Gastámos tres horas a entrar a barra. A manhan era linda. A imperatriz e a sua comitiva, de um tablado que se armou, contemplavam e admiravam as bellezas collossaes do porto. O principe, e sobretudo o velho Mejan estavam encantados com o Pão de Assucar, o Corcovado, a serra dos Orgãos e outras maravilhas naturaes... A entrada da barra foi brilhante. A salva de cento e um tiros de todas as fortalezas e navios de guerra, os numerosos

---

[1] *Revue d'Histoire Diplomatique*, pags. 224 e 225.

[2] *Revue d'Histoire Diplomatique*, *ibid.*

escaleres apinhados de gente, os grupos de espectadores em todas as alturas e praças que tinham vista de mar, os vivas repetidos, as musicas, tudo correspondia á magestade da scena. A comitiva da imperatriz parecia commovida pelas demonstrações de tanto enthusiasmo. A fragata deu fundo ás duas horas e meia da tarde. A côrte, que se achava a bordo, beijou a mão de Suas Magestades e retirou-se, menos eu, que por ordem fiquei para jantar na fragata, d'onde sai ás seis horas, com o bispo de Anemuria, que tinha ido a bordo, e que foi tambem apresentado pelo Imperador com muita distincção...

«Quando saltamos, havia na cidade um movimento incrivel; tudo fervia em preparativos para o desembarque no dia seguinte. Acabavam-se arcos triumphaes á luz de archotes; varriam-se ruas; armavam-se casas; preparavam-se illuminações. Muito me tocou o prazer que mostravam todos. Por fatalidade amanheceu chuvoso o dia 17; e a chuva foi-se augmentando á medida que se aproximava a hora do desembarque, onze da manhan... Com effeito, realizou-se o desembarque; e, não obstante a lentidão que a chuva exigia na marcha do acompanhamento, os augustos noivos chegaram á Capella Imperial por volta de uma hora da tarde. Concluidos a benção nupcial e o *Te-Deum*, Suas Magestades e a côrte recolheram-se pela galeria do Paço da cidade, onde, depois da leitura do decreto que creava a Ordem da Rosa, e do beija-mão á côrte, procedeu-se á benção do leito, e em seguida serviu-se um banquete de cem talheres, o qual acabou á noite.

«No dia seguinte, 18, houve beija-mão publico e audiencia geral, onde a imperatriz deixou a todos encantados pelo seu ar angelico e polidez. Publicaram-se novos despachos. Eu beijei tres vezes a mão do imperador, da parte de V., nomeado grande do Imperio, grão Cruz do Cruzeiro e grande dignitario da ordem da Rosa. Sejam-lhe dados os parabens, não por estes despachos, mas pela seguinte declaração que me fez o imperador, certo do thesouro que possuia e transportado pelos encantos da imperatriz: —«Grande serviço me fez o Pedra-Branca; devo-lhe a minha actual felicidade.» — Por isto, sim, dou-lhe um abraço de parabens...»

Finalmente em um discurso que pronunciou na sessão do senado de 21 de agosto de 1833, Pedra-Branca teve occasião de falar, com a modestia natural e as convenientes reservas, da sua interferencia

na escolha da segunda esposa de D. Pedro I. Defendendo naquelle discurso o projecto pelo qual se arbitravam a S. M. Imperial a duqueza de Bragança as arrhas estipuladas no contracto matrimonial, disse: « Quanto á parte que se me dá no casamento do ex-imperador, tambem não me vestirei com roupas alheias. O plenipotenciario encarregado desse negocio não precisava de ajudante; elle tem as qualidades necessarias para o desempenho das coisas que toma a si. Eu nada mais fiz do que apontar-lhe a princeza que reune o prestigio, que dá uma série não interrompida de avós, ao brilho da maior gloria da nossa idade: estas qualidades, suas graças e virtudes a fizeram sobresair; e de certo já o plenipotenciario o havia notado.

« Todavia, como quizeram attribuir-me serviços, fui sagaz, aproveitando o ensejo; e no mesmo dia em que se assignou o tratado de casamento, dirigi a Sua Magestade, a ex-imperatriz hoje, uma carta ou petição, primeira e unica que em vida minha endereceí a soberano qualquer. Nella pedia remuneração dos taes serviços, e foram os meus pedidos: 1.º Que Sua Magestade mimoseasse o Brazil com a instituição das irmans de caridade, esmero da virtude das mulheres; 2.º Que estabelecesse no Brazil um instituto, como o de S. Diniz, em França, para a educação das meninas brazileiras; 3.º Que creasse uma caixa de resgate para alforria progressiva dos escravos; 4.º Enviei-lhe um exemplar da nossa Constituição, supplicando que fosse o livro por onde aprendesse a nossa lingua. Tudo se me prometteu e nada se fez, e tive de faltar aos meus ajustes com as senhoras que eu havia decidido a virem trazer-nos aquelles bens. Ora, parece que em taes condições não ha saldo contra mim; e, quando houvesse, eu pago as minhas dividas dos meus e não dos dinheiros alheios. »

Durante o anno de 1830 e parte do anno seguinte, Pedra-Branca viajou, com a esposa e a filha, pela Italia e Suissa. Na cidade eterna enlevou-se diante dos monumentos seculares das bellas-artes, e conversou á vontade com as letras. A expensas suas e de seu amigo José Marcellino Gonçalves, enriqueceu-se então a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro com uma obra bem trabalhada de esculptura, a estatua de marmore de D. Pedro I, feita por Benaglio, discipulo de Canova [1]. Os seus fóros de poeta franquearam a

[1] Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro*, tom. II, pag. 197.

Pedra-Branca os cenaculos literarios de Roma. Visitou a Arcadia, cujo palacio foi construido á custa de D. João V. O soberano portuguez, magnifico patrono do progresso moral do seu reino, na celebre academia perpetuara a sua memoria, não só dispensando-lhe a magnificencia real, mas ainda inscrevendo-se na lista dos arcades com o nome de Pastor Albano. No seculo passado tinham-se filiado á Arcadia de Roma, quando nesta cidade se detiveram, insignes poetas brazileiros, como José Bazilio da Gama, que tomou o appellido de Termindo Sepilio, e Claudio Manoel da Costa, que se chamou Glauceste Saturnio. Pedra-Branca foi tambem recebido membro da Arcadia, onde se chrismou Aristophante Mantineu. Além disto o admittiram no seu gremio a Academia Tiberina, a Academia de S. Luca e a Academia *dei Lincei*.

A dedicada intervenção de Pedra-Branca no ajuste dos desposorios da princeza Amelia de Leuchtenberg, sobrinha da ex-rainha de Hollanda, Hortencia, grangeára-lhe as sympathias da querida enteada de Napoleão I, bem como da gran-duqueza de Baden, Estephania de Beauharnais. Por esta foi Pedra-Branca, juntamente com a familia, agazalhado no paço de Manheim; e, quando atravessava a Suissa, recebeu hospedagem da ex-rainha, então duqueza de Saint-Leu, no castello de Arenemberg, onde ella se recolhera, depois de ter brilhado, nos salões de Pariz e de Saint-Leu, pela belleza, pelo espirito e pela graça, rodeada de um sequito reverente de illustres poetas, escriptores e homens politicos. No formoso castello, situado á margem do lago de Constança, iam ainda render preito e menagem á dama senhoril que o habitava alguns dos seus antigos admiradores. Sob o seu tecto Pedra-Branca acertou de encontrar-se com Lamartine, já endeosado como poeta, e Casimiro Delavigne, poeta famoso.

Ali repercutiu o estrondo da queda do throno de Carlos X, derrubado em Pariz, a 29 de julho de 1830, por uma revolução, cujos intuitos liberaes tamanha influencia tiveram na historia politica da França, como na de outros paizes do mundo, incluindo o Brazil. Ao saber dos effeitos da tempestade popular, mal pensava Lamartine que, no fim de dezoito annos, pela força magica da sua palavra inflammada havia de concorrer para a ruina da monarchia de julho e consecutivamente para a fundação da segunda republica franceza. Tão pouco pudera então suspeitar a ex-rainha Hortencia, exilada pelos temores dos adversarios do napoleonismo, que seu filho Carlos Luiz,

o qual tentara, com reincidencia, arrancar a corôa ao rei Luiz Philippe, havia de cingil-a, tomando o titulo de imperador, o mesmo de seu tio Napoleão I, pouco tempo depois de ter governado a França como presidente dessa republica.

De volta da viagem á Italia e á Suissa, Pedra-Branca soffreu o mais pungente revez : a sua esposa finou-se em Pariz a 6 de março de 1831. Cheia de bondade, ternura e dedicação, a veneravel dama, no decurso da longa união conjugal, esmaltara-lhe de ineffaveis attractivos os dias varios da existencia ; como um anjo custodio por toda a parte o seguira; nos prosperos successos com elle se alegrara, dera-lhe consolação e conforto nos transes da adversidade. Que seria delle, si, nas agruras da soledade em que ficou, a seu lado não estivesse para enxugar-lhe as lagrimas a extremosa filha, mimoso fruto que lhe restava de seu abençoado amor ?

Depois do tremendo golpe, levando-a comsigo, abrigou-se a uma quieta e risonha habitação em *Boulogne-sur-mer*, onde lhe fez companhia um amigo de infancia, o visconde de Itabayana. Finalmente, deixando a filha sob a guarda e protecção deste, e entregue aos carinhos de uma honrada familia, partiu Pedra-Branca para o Brazil. A bordo do navio em que embarcara, ligou-se pela affeição ao conde de S. Priest, nomeado ministro plenipotenciario de França para a nossa côrte, e bem assim ao visconde de Barral, addido á legação franceza. Este distincto mancebo estava destinado a ser mais tarde seu genro.

BARÃO DE LORETO

CANTORES DOUTRO TEMPO[1]

HENRIQUE TAMBERLICK

IV

Serenada a tempestade do *Provisorio*, cessaram os amúos de Tamberlick e como no soneto de Garção: *subito o céu azul se ficou vendo.* Reabriu-se o theatro com os *Martyres*, seguindo-se a *Lucrecia Borgia*, [2] a *Rainha de Chypre*, o *Trovador* e de novo a *Lucrecia Borgia* em beneficio do regente Clemente Castagnieri, espectaculo no qual Tamberlick cantou divinamente a aria de D. Octavio do *Don Juan* de Mozart. Na *Favorita* Tamberlick deixou a perder de vista Ribas, o *mio Fernando* de Madame Stoltz.

Trabalhoso e cansativo para Tamberlick foi o fim de novembro de 1856. Além dos espectaculos do *Provisorio*, ora com o *Trovador*, ora com a *Rainha de Chypre*, cantava Tamberlick em concertos num beneficio dum homem de letras, no salão da Phil'Euterpe, [3] perante a côrte imperial. A 27 de novembro beneficio do baixo profundo Agostinho Susini com o *Trovador*. No intervallo do 1º ao 2º acto, o beneficiado e Tamberlick cantaram « uma scena historica, poesia de * * *, musica de Gianini. »

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de Novembro.

[2] *Lucrecia Borgia*, opera em 3 actos, letra de Romani, musica de Donizetti, cantada no Scala de Milão, carnaval 1834, por Lalande, Brambilla e Pedruzzi.

[3] Rua dos Benedictinos, 22.

Tratava-se dum episodio da guerra contra os hollandezes em Pernambuco. Levantava-se o panno sobre o acampamento dos Pernambucanos quando as trombetas chamavam os guerreiros ao combate. Um chefe (Tamberlick) animava os companheiros, entoando todos o hymno nacional. João Fernandes Vieira (Susini) entrava em scena trazendo a bandeira brazileira, [1] era recebido com enthusiasmo pelos soldados da libertação do Brazil que juravam vencer ou morrer e Tamberlick terminava a scena cantando com voz atroadora os seguintes versos:

Amanhan verei o sol
Da divina liberdade!
Neste campo junto a ti *(virando-se para a mulher*
Ou então na eternidade. *que tinha ao lado)*
Restitua esperança
Que accende o valor
Robora o amor
Deifica a pujança;
Pereça o malvado
Covarde e o vil
Que ousar refalsado
Trair o Brazil!
Que é uma esperança
Brazil e Bragança.

---

[1] Creou-se a bandeira nacional por decreto de 18 de setembro de 1822 sendo ministro referendario do decreto o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva. Embora attribuida a Luiz Aleixo Boulanger, rei d'armas da casa imperial, calligrapho e heraldista insigne, fallecido em 1874, cabe ao pintor João Baptista Debret a concepção da antiga bandeira do Brazil. Consultado o barão de Taunay por D. Pedro I sobre a idéa de Debret, o antigo director da Academia das Bellas Artes não gostou nem do desenho, nem das combinações das côres da bandeira. Apresentou objecções, D. Pedro aceitou-as, mas não cedeu não só por causa das côres, symbolos da primavera eterna do Brazil e do ouro, sua principal riqueza, como porque já se lavrara o decreto de sua creação. Vermelho, e não verde, no sentir do barão de Taunay, deveria ser o desenho do escudo intercalado no quadrilatero rhomboidal. Oppoz-se a isso D. Pedro I pela similhança com o escudo portuguez.

O distinctivo das prôas dos vasos de guerra era outr'ora uma bandeira quadrada, azul, com uma cruz formada por estrellas prateadas ou brancas. Foi seu creador o conselheiro Candido Baptista de Oliveira, ministro da marinha do gabinete 22 de maio de 1847, o 7.° ministerio do 2.° reinado, presidido por Manoel Alves Branco, depois visconde de Caravellas, o primeiro

*** o autor dos versos, era Porto Alegre, [1] que se atraiçoava declarando, em discurso na distribuição de premios da Academia de Bellas Artes, que a opera nacional nascera a 27 de novembro de 1856.

Ao tão sympathico beneficio de Susini, seguiu-se o do maestro Gianini, repetindo-se então a scena historica já intitulada *A Vespera dos Guararapes*. Tamberlick cantou depois duas vezes o *Giuramento*, [2] uma vez no classico espectaculo de grande gala a 2 de dezembro.

Tamberlick despedia-se. *Adeus a Tamberlick* era a schottish para piano, de Furtado Coelho, autor da valsa *Homenagem a Tamberlick*, tocada por quanto desafinado Pleyel havia na pianopolis fluminense de 1856. Como ainda hoje, os annuncios de musica do tempo acompanhavam a bôa e a má estrella dos heróes do dia. Sem descançar á sombra dos louros colhidos, Tamberlick cantava a 10 de dezembro, no salão do Congresso Fluminense, [3] no concerto de Giovanni Tronconi; cantava a 12 no concerto em

---

presidente do conselho de ministros, presidencia creada por decreto n. 523 de 20 de julho de 1847 e o fundador e director da primeira *Revista Brazileira*.

A bandeira imperial, arvorada nos palacios do Imperador ou nas embarcações em que navegava, era toda verde com uma corôa imperial de ouro ao centro.

Com a quéda da monarchia alterou-se a bandeira nacional. O Governo Provisorio manteve a tradição das antigas côres nacionaes. A bandeira ficou tendo um losango amarello em campo verde, no meio do losango a esphera celeste azul atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente da esquerda para a direita com a legenda — Ordem e Progresso — e ponteada por 21 estrellas, entre as quaes a constellação do Cruzeiro, dispostas na sua situação astronomica quanto á distancia e a fórma relativas representando os 20 Estados da Republica e o Municipio Neutro. (Decreto n. 4 de 19 de novembro de 1889 publicado no *Diario Official* de 20).

[1] Manoel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, nasceu na então villa do Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul, a 29 de novembro de 1806. Bem conhecido como pintor, orador e poeta, findou os dias (29 de dezembro de 1879) aos 73 annos e 1 mez de idade, como consul geral do Imperio do Brazil, em Lisboa. Foi professor e director da Academia de Bellas Artes; como poeta deixou de si notavel fama com as *Brasilianas* e o poema *Colombo*; como orador, bastam para seu elogio os necrologios feitos como orador do Instituto Historico, cargo exercido durante 14 annos successivos.

[2] *Il Giuramento*, drama lyrico em 4 actos, extraido do drama de Victor Hugo, *Angelo, tyranno de Padua*, letra de Rossi, musica de Mercadante, cantada no Scala de Milão, a 26 de dezembro de 1837, por Cartagenova, Pedrazzi e Mmes. Schoberlechuer e Marietta Brambilla. O libretto recorda o da *Gioconda* da lavra de Arrigo Boito, sob o annagramma de Tobia Gorrio.

[3] Rua do Fogo, hoje dos Andradas, em frente ao largo da Sé.

beneficio dos pobres soccorridos pela Associação de Caridade de Senhoras, sob o patrocinio da Imperatriz, e sob a presidencia da marqueza de Olinda; [1] cantava a 16 de dezembro, pela ultima vez no *Provisorio*, em beneficio do Instituto dos Surdos-Mudos, protegido pelo Imperador, cantava trechos do 1° e do 3° actos do *Trovador* e uma grande scena calcada sobre o thema *sinite parvulos*, letra de * * *, musica de Gianini.

Concorridissima, apezar da copiosa chuva, foi essa representação lyrica, durante a qual recebeu Tamberlick calorosos adeuses do publico. Chamado repetidas vezes á scena, juncada de innumeros ramilhetes, Tamberlick achou-se saudado por bravos e palmas, offerecendo-lhe Castagnieri, em nome da orchestra, linda corôa de pennas de beija-flôr. O nome de Tamberlick figurava ainda no programma do grande concerto, seguido de baile, do professor de oboe Theodoro Van Leeuwen nos salões do Congresso Fluminense, e no concerto de D. José Amat, na Phil'Euterpe, cantando neste o romance e o duetto da opera *Attila* (20 e 22 de dezembro). Cercavam por toda a parte Tamberlick das maiores provas de sympathia e deferencia, partindo o exemplo do alto. O Imperador brindava o illustre tenor com um annel de subido preço, dadiva acompanhada duma carta do mordomo [2] em nome de Sua Magestade.

Manifestação valiosissima, unica, recebeu Tamberlick aceitando das mãos do marquez de Abrantes um pergaminho encerrado numa caixa de velludo encarnado com fechos de ouro. Qual não seria a sorpreza do artista ao lêr sobre o pergaminho as seguintes

---

[1] D. Luiza Figueiredo de Araujo Lima, marqueza de Olinda. Nascida a 30 de maio de 1808, falleceu a 13 de novembro de 1873, datas que se lêm no seu tumulo, sob n. 8466, no cemiterio da Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula, em Catumby, onde se acha sepultada ao lado do marquez de Olinda, fallecido a 7 de junho de 1870, aos 77 annos incompletos de idade, pois nasceu a 22 de dezembro de 1793, no lugar chamado Antas, em Pernambuco, sendo seus pais o capitão Manoel de Araujo Lima e D. Anna Teixeira Cavalcanti.

[2] O conselheiro Paulo Barbosa da Silva, nascido em 1790 na villa de Sabará, em Minas Geraes, e fallecido em 1868 aos 78 annos de idade.

Dispensado José Bonifacio da tutoria do Imperador e de suas irmans, em dezembro de 1833, foi chamado a substituil-o Manoel Ignacio de Andrade Souto-Maior Pinto Coelho, marquez de Itanhaem. (Decreto de 15 de dezembro de 1833 confirmado por acto legislativo de 11 de agosto de 1834). Tutor do imperante menor, o marquez de Itanhaem nomeou mordomo o conselheiro Paulo Barbosa.

palavras: «Ao Sr. H. Tamberlick dirigem os abaixo assignados cordiaes felicitações em testemunho da admiração e prazer que lhes causou a sua visita ao Brazil onde deixou indeleveis recordações como cantor inspirado, tragico sublime, e artista generoso, philanthropico e cavalheiro.»? Que collecção de autographos entre as assignaturas de Abrantes, Eusebio de Queiroz, Nabuco, Pedreira, Monte Alegre, Caxias, Mauá, Wanderley, Muritiba, Olinda, Salles Torres Homem, Souza Ramos, Maranguape, José de Alencar e outros e outros!

Do porto do Rio de Janeiro para Montevidéo e escalas, zarpou, a 24 de dezembro de 1856, o paquete nacional *Tocantins*, sob o commando do então capitão de fragata Gervasio Mancebo, levando a bordo um passageiro illustre, o tenor Tamberlick.

V

Saindo do Rio de Janeiro, cantou Tamberlick em Montevidéo e Buenos Ayres,[1] por 30.000 francos mensaes, tendo quasi sido contratado para a opulenta America do Norte, já nesse tempo amiga de pagar a peso de dollars os artistas celebres da velha Europa.

Cantar em Pariz! sonho dourado de Tamberlick traduzido em realidade em 1858. Cada artista tem idyosincrasias, a do nosso tenor era a *peur bleue* do publico parisiense, levada a tal ponto que só depois de muito applaudido e festejado na *Grande Ville* se resolveu a mandar concluir um esplendido *hôtel pour ses vieux jours*. De Pariz

---

Bons serviços prestou Paulo Barbosa na mordomia da casa imperial, mandando fazer obras no paço da cidade, augmentando e reconstruindo a quinta da Boa Vista. Na fazenda de Santa Cruz ordenou a construcção de grande parte do palacio e do hospital, com capacidade para 200 leitos. Na medida de suas forças, concorreu Paulo Barbosa para a libertação dos escravos da corôa. A colonia allemã em terras da fazenda do corrego Secco, origem da encantadora cidade de Petropolis, nasceu dos planos de Paulo Barbosa e do conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, então presidente da provincia do Rio de Janeiro. Havia em Petropolis, vizinha da estação, uma rua Paulo Barbosa. Chrismaram-na depois com o pomposo, mas inexpressivo e descabido rotulo de avenida Washington.

[1] Tamberlick, finda a estação lyrica no Rio da Prata, voltou ao Rio de Janeiro. Demorou-se alguns dias de passagem para a Europa, seguindo a 14 de junho de 1857 no vapor inglez *Medovay*.

partiu Tamberlick para S. Petersburgo onde o receberam de braços abertos, como amigo velho. Achava-se em Madrid por occasião da deposição da rainha Isabel [1] obtendo na *Muda de Portici* ruidosissimo triumpho ao qual não foi estranho a politica do momento.

Difficil seria seguir *pari passu* a brilhante carreira de Tamberlick cujo apogeu data das noites do Theatro Italiano, das noites immortaes do *Trovador*, do *Poliuto*, do *Othello*, do *Rigoletto*, de *Don Giovanni*, que Scudo assim aprecia — «*j' abandonne à qui voudra la curiosité peu intéressante de l'ut diéze de M. Tamberlick*; *mais ce que j'admire dans ce chanteur vigoureux, c'est sa diction, son accent pathétique, et le style ample et soutenu qui caractérise sa manière. Parfois, M. Tamberlick rappelle Garcia, de vaillante mémoire, et c'est un grand mérite pour un chanteur moderne que de réveiller de pareils souvenirs.*» [2] Excepcional, aliás, o elenco do Theatro Italiano de 1854 a 1863. Mario, Tamberlick, Fraschini e Naudin figuravam entre os tenores; Graziani, Delle Sedie, Cosi, Agnese, Mercuriali e Zucchini entre os barytonos e baixos.

Referindo-se a esses quasi dous lustros de incomparavel esplendor do Theatro Italiano, diz Henri Lavoix, em recente e interessante artigo, que Tamberlick atroando os ares com o famoso dó diésis no duetto do Othello, tornou-se o tenor prodigio, o tenor do dó diésis, o tenor Eiffel (com perdão do anachronismo!). Tamberlick, acrescenta, era superior a fama tão excentrica; cantor habil e de gosto conhecia bem a sua arte e era verdadeiramente inegualavel em certos papeis, no de Poliuto por exemplo. Chegara a Pariz, como muitos outros, após innumeros triumphos em paizes estrangeiros, rico de experiencia, com a voz um pouco fatigada e tremula, *chevrotante*, mas foi um artista de primeira ordem e não um acrobata do

---

[1] Izabel II, primogenita do 4º matrimonio de Fernando VII, obrigado por Napoleão I a abdicar em favor de José Bonaparte, com Maria Christina de Napoles. Izabel II nasceu a 10 de de outubro de 1830; proclamada rainha de Hespanha a 29 de setembro de 1833, foi deposta a 30 de setembro de 1868, após um reinado de 35 annos menos um dia, parte do qual passado sob a regencia ou sob a tutella moral da rainha-mãe Maria Christina, embora houvesse casado aos 16 annos, a 10 de outubro de 1846, com o infante Francisco de Assis, filho do duque de Cadiz. Izabel II abdicou a 25 de junho de 1880, em favor de seu filho Affonso XII, e vive hoje em Pariz.

[2] P. Scudo, *La Musique en l'année 1862*, pag. 76.

dó diésis.[1] Tamberlick não soube ou não quiz retirar-se de scena logo ao primeiro symptoma de decadencia. Lutou, resistiu contra os estragos do tempo e a diminuição da voz cada vez mais sensivel. Era, porém, artista de primeira agua e como tal se impunha, mesmo destituido dos recursos vocaes dos tempos de sua maior gloria.

Tentaram patear uma vez em Lisboa o velho artista nos *Martyres*. Sobe o panno para o 2º acto, decorre a primeira metade do acto e começa a grande scena da destruição dos idolos por Poliuto. Tamberlick aproxima-se do altar e pespega no chão com Jupiter, Marte e toda a côrte do Olympo como se fossem elles que o tivessem pateado momentos antes, e, inflammado ainda com a affronta que recebera, entôa a grande frase *Credo in Dio, re del cielo e della terra* com um estylo, uma largueza, um enthusiasmo, de deixar tudo assombrado. Ainda não articulara a ultima nota e já a platéa era delle, erguida em paroxismos de delirio, acclamando-o com frenesi, obrigando-o a recomeçar e applaudindo-o de novo no fim do trecho em chamadas e chamadas successivas. Quando o panno baixou, todos os artistas se reuniram no palco fazendo circulo em volta do velho tenor e ahi recebeu elle então a mais carinhosa e consoladora ovação de sua longa carreira. *Il leone* já não rugia, chorava enternecido e ao longo de suas faces corriam lagrimas que o carmim e o alvaiade tingiam alternadamente de branco e de vermelho.[2]

Tamberlick resistiu aos avisos da natureza, conservou-se em scena emquanto poude, pois o mesmo amor une artistas e marinheiros ao tablado de seu theatro ou as taboas de seu navio. Como deve ser pungente para um cantor sentir-se envelhecer! Ossificam-se as cartilagens do orgão vocal, as articulações que as ligam umas ás outras se tornam menos flexiveis, os musculos da larynge não obedecem com energia e precisão á vontade do artista, perdem a força de contracção, o folles pulmonar funcciona com menos vigor. « Quando a voz envelhece os musculos laryngianos e o folles pulmonar não podem mais sustentar o esforço necessario á producção correcta do som, a voz torna-se tremula. Eis porque os velhos ou quem sente envelhecer a voz, retomam, servindo-se do registro inferior, por exigir menor esforço, a voz da criança. A acuidade

---

[1] Henri Lavoix., L' Alboni et la Penco, *Nouvelle Revue*, tomo 96, pags. 556 e 557.

[2] *Jornal do Commercio* de 14 de abril de 1889, *Vêr Ouvir e Contar*.

da voz infantil é sobretudo devida á pequena extensão e a finura das cordas vocaes e talvez, mas pouco, ao desenvolvimento dos ventriculos de Morgagni, emquanto que no adulto a acuidade provém da delgadeza da parte vibrante; só no registro inferior o soprano, limitando a porção vibrante das cordas, consegue uma larynge de criança. Nas vozes envelhecidas o registro médio, de ordinario, fica velado e tremulo.» [1] Trabalhos e desgostos assim foram envelhentando Tamberlick, que chegou ao fim da vida de garganta exhausta e mãos vasias.

« Tamberlick era republicano exaltado e não tinha conta o numero de proscriptos que no tempo da dominação austriaca viviam a tripa forra á custa do celebre tenor. Em Veneza já era isto aceito como profissão. Dedicava-se uma pessoa a ser *proscripto de Tamberlick* como se poderia dedicar á advocacia ou ao commercio do *macaroni*.

Como se lhe não bastasse ser generoso e independente, Tamberlick era tambem jogador. A dama de cópas e as suas outras tres collegas levaram-lhe o melhor de seus excellentes proventos de artista querido do publico. Isto sem falar de outras damas, que por não pertencerem a nenhum dos quatro naipes conhecidos, nem por isto deixaram de rivalizar com as outras na tarefa de subtrair a Tamberlick o que este laboriosamente ganhava a muito poder de cavatinas inçadas de dós de peito.»

Emmudeceu por fim Tamberlick para o theatro, calou-se a privilegiada voz da qual poderia dizer Madame de Sévigné, com o seu estylo de tão attico sabor, que era *d'une beauté qu'on ne soutient pas sans larmes*. Em casa do genro,[2] o Dr. Galezowski, conhecido oculista francez de origem polaca, passou Tamberlick, os ultimos dias da bem preenchida existencia. O Dr. Galezowski operára duma catarata a filha de Tamberlick, restituira-lhe a vista e perdera o coração, pois veio a desposal-a pouco depois. [3]

---

[1] Dr. Paul Garnault, *Lições sobre a voz*, pag. 143.

[2] Segundo o *Figaro* de 23 de outubro de 1896 acaba de casar-se Mlle Vanda Galezowski, neta de Tamberlick, com Ardachir Khan Nazare Aga, addido da legação persa em França, filho do general Nazare Aga Yemin Es Saltané, ministro da Persia.

[3] Illusões poeticas não são raras no nosso tempo aliás tão utilitario e positivo. Dépret diz e diz como bom moralista haver no coração do mais grosseiro uma flôr... que o dedo da mulher mais delicada póde esmagar. Essa flôr é o ideal.

Retirado á vida privada, só uma ou outra vez Tamberlick cantou em publico, quasi sempre em ceremonias religiosas. Em 1884 ainda se o ouvia *avec une admirable voix chevrotante de vieillard.* [1] O tempo não perdôa e como o fogo tudo resume a breves cinzas.[2]

Aos 69 annos de idade, a 14 de março de 1889, cessou de existir Henrique Tamberlick, adormeceu do trevoso somno eterno até o dia em que, na bella e consoladora frase biblica de Isaias, a luz resplandecerá sobre quem habitava o paiz da sombra e da morte.

ESCRAGNOLLE DORIA

Em materia de casamentos de artistas, citaremos, pela originalidade, o de Victorien Sardou.

« Um gravador dava voltas por obter a reproducção dum quadro da galeria de Versalhes, foi para isso solicitar não sei que de Soulié, chegando em pleno almoço da familia. Soulié convida-o a almoçar tambem. O gravador desculpa-se allegando que Sardou o espera na porta da rua. Soulié convida-o a fazer subir o autor de *Madame Benoiton.* Sardou vê a moça... E apaixona-se como se enamoraria qualquer personagem de suas peças.»

Journal des Goncourt, vol. V, pag. 51.

[1] Vide *Journal des Goncourt*, nota sobre o enterro do pintor Nittis, vol. VI, pag. 333.

[2] As breves cinzas da gloria de Tamberlick no Rio de Janeiro representam muito trabalho. Não será curiosa uma pequena estatistica? Tamberlick demorou-se entre nós cinco mezes e vinte dias, durante os quaes cantou em 55 espectaculos; 11 em julho, agosto, setembro e novembro; 5 em Outubro e dezembro e 1 em junho. Levou-se á scena nesse lapso de tempo 11 vezes o *Trovador*; 9 *Os Martyres*; 5 a *Rainha de Chypre*; 4 *Ernani*, *Maria Padilha* e *Norma*; 3 *Othello* e *Lucrecia Borgia*; 2 *L'Ebreo*, *Luiza Miller*, *Il Giuramento* e a *Favorita*.

Houve quatro espectaculos variados.

Creações de Tamberlick no Rio de Janeiro.

1 *Othello* — Othello— 26 de junho de 1856.
2 *Os Martyres* — Poliuto — 1 de julho.
3 *Trovador* — Manrico — 16 de julho.
4 *Ebreo* — Adel-Muzza — 29 de julho.
5 *Ernani* — Ernani — 5 de agosto.
6 *Luiza Miller* — Rodolpho — 21 de agosto.
7 *Norma* — Pollião — 26 de agosto.
8 *Maria Padilha* — D. Ruiz de Padilha — 7 de setembro.
9 *Rainha de Chypre* — Gerardo de Coucy — 2 de outubro.
10 *Lucrecia Borgia* — Genaro — 23 de outubro.
11 *Favorita* — Fernando — 30 de outubro.
12 *Il Giuramento* — Viscardo — 2 de dezembro.

O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL

No que toca ás applicações da doutrina de Augusto Comte muito se vai desviando, entre nós, da verdadeira rota a seguir, o espirito publico. E neste particular, menção especial está pedindo o problema do ensino.

O projecto concernente á instrucção superior apresentado ao Congresso pelo Sr. deputado Glicerio, e as apreciações correspondentes na imprensa diaria, são documentos comprobativos destas affirmações. Estatuir, com effeito, que fique o ensino superior entregue á iniciativa e a solicitude de uma empreza mercantil, é incontestavelmente um erro, e declarar similhante solução inspirada no positivismo, tanto vale dizer nas idéas e construcções de Augusto Comte, é sem duvida outro.

Repugna ao grosso bom senso que já não precise o governo da Republica brazileira superintender os negocios da instrucção. Um argumento de valor, no emtanto, vem desde logo fazer vacillar o espirito publico no seu julgamento a respeito : é que, censurando ou approvando um tal projecto, tem-se dito na imprensa que emana elle das theorias comtistas.

Alteou-se por tal modo o grande pensador francez, que ainda os seus mais intransigentes adversarios não deixam de reconhecer-lhe um saber profundo, embora as divergencias nos dominios da synthese e da religião. Dizer-se, pois, que tal ou tal projecto vem amparado pelas idéas do grande philosopho, é collocal-o já sob a guarda de um padrinho respeitavel. Aquelles mesmos a quem as idéas ahi consignadas não pareçam aceitaveis, attribuirão em geral á falta de preparo ou de meditação especial o desaccordo de opiniões.

E isto acontece, sem duvida, ao espirito que, extreme de preconceitos, fôr conduzido pela fatalidade logica da hypothese mais simples. Tal é o que se dá certamente com o referido projecto sobre a instrucção superior.

Não acreditamos, todavia, na sua conversão em lei, apezar dos desatinos que têm caracterizado a nossa vida politica. Si essa tentativa, entretanto, apparece agora pela primeira vez no Congresso, consubstanciada em uma proposta formal, ella não é nova e ha de sem duvida repetir-se. De ha muito, com effeito, quer em escriptos diversos, quer em conferencias, quer em discursos no parlamento, tem sido aventada a idéa da suppressão do ensino official, e vai ella ganhando direito de cidade, a ponto de apparecer já amparada pela falsa base de racionalidade que se lhe empresta, filiando-a ás concepções de Augusto Comte. Discutir similhante cogitação, mostrando que em nada deriva da obra do insigne philosopho, e que convertida em realidade conduzirá ás mais desastradas consequencias, parece-nos, no momento actual, um serviço publico.

Duas partes, pois, vão constituir o trabalho a que nos propomos aqui: uma demonstrar que não é absolutamente suffragado pelas idéas de Augusto Comte o pensamento do abandono do ensino por parte do Estado; outra analysar os multiplos e graves inconvenientes que adviriam pela adopção de similhante medida. A ordem mesmo na qual ficam enunciadas estas duas theses, é a mais conveniente ao seu desenvolvimento, e por isso com a primeira passamos a occupar-nos.

I

O projecto do abandono do ensino pelo governo presta homenagem ás idéas positivistas, murmura-se. E' o caso de perguntar-se em qual dos positivismos se encrava elle? Já em 1875, havia o Sr. Renouvier, um dos menos leaes adversarios da doutrina comtista, descoberto diversos *positivismos*, desde o *psychologico* até o *indifferentista*, passando pelos *evolucionistas* e *negador*, como affirma Semerie.[1]

[1] E. Semerie, *Loi des Trois Etats*.

Será algum destes positivismos a matriz de tal projecto ? De mais, na escola de Augusto Comte ha hoje schismas que não existiam em 1875. Si não é em alguma das *escolas* de Renouvier é então em uma das igrejas comteanas que acham abrigo idéas taes ? Seja como fôr, o certo é que algures, e não nas construcções do Augusto Comte, assentam ellas. Isso vai ficar demonstrado no que segue.

A obra do grande pensador é triplice: fundação da sociologia positiva, fundação da moral positiva, scienciás abstractas e construcção da Religião da Humanidade. Embora de mistura nas mesmas obras, estas tres edificações são distinctas, e erra grosseiramente quem confunde as duas sciencias com a religião, como infelizmente muito acontece. E nessa triplice base inspirado, affirmando que a politica deve ser a ella subordinada e aconselhando medidas a serem applicadas pelo governo da França, indicou, como das mais importantes, profundas modificações no conjunto do ensino. Isto que foi apontado como necessario á França, póde ser lá actualmente applicado e nesse caso cabe tambem aqui ?

Para o problema brazileiro, pelo menos, só a irreflexão poderá responder pela affirmativa; a logica dos factos não. Convém examinar a questão indo buscar a genesis daquelles conselhos.

Integrando o passado, conseguiu Augusto Comte, um homem só, formular a encyclopedia do seculo XIX, realizando assim obra superior áquella que, no seculo XVIII, não pudera sair acabada das mãos de d'Alembert, Diderot e outros encyclopedistas. E' que tambem o grande philosopho, afóra o seu genio, dispoz de materiaes que não estiveram ao alcance dos seus antecessores. Não lhe teria sido sufficiente para elaborar a sua monumental construcção, examinar por completo o passado humano, como o fez, inquerindo os documentos de toda a ordem; não lhe teria bastado perscrutar além disso, com olhos de aguia, no grande arsenal dos conceitos de Aristoteles, o principe dos philosophos, como lhe chamam, a encyclopedia viva, como o denominou a antiguidade; ter-lhe-ia sido mesquinho ainda o cabedal, mesmo depois da homenagem especial prestada, pelo exame attento, aos trabalhos, onde se começa a desenhar a comprehensão da evolução humana, taes os de Hobbes, de Vico, de Montesquieu, de Hume, de Diderot, de Turgot, de Condorcet. Era preciso mais. Encontrou-o nos fundamentos da theoria

cerebral, emanados, no dominio biologico, da grande revolução de Gall, só comparavel á de Galileu no dominio cosmologico, porque assim como o sabio italiano, dando vida ás idéas de Copernico, relativas á concepção heliocentrica do mundo, fundava a verdadeira astronomia positiva, que só precisava ser esclarecida por Newton, deduzindo da legislação de Kepler a explicação dos movimentos celestes, e alcançando, no conceito de Lagrange, uma gloria a que nenhum outro mortal póde attingir, pois só havia um systema do mundo para explicar; assim tambem o grande medico allemão, combinando os dados anatomicos e physiologicos do seu tempo, fundara a positiva physiologia cerebral, assignando á alma; como funcção, uma séde anatomica, em nada diminuindo o valor do seu trabalho os erros de localisação.

Encontrando, pois, estes fundamentos, e sobre elles edificando, Newton da mentalidade, a theoria positiva da alma humana, achou-se Augusto Comte na posse de uma elaboração scientifica, desde os phenomenos mathematicos até os biologicos, que lhe permittiu, senhor tambem das tentativas de construcção, no dominio sociologico, a fundação da Sociologia e da Moral positivas. Estudando na parte estatica da sociologia a estructura do organismo social, pelo exame dos elementos e depois na mesma estatica, apreciada a textura, estudando a existencia social, preparo indispensavel ao exame dynamico do organismo collectivo na sua evolução vital, chega a formulas que devem ser mencionadas aqui como documentos de prova na questão que nos occupa.

Pela luminosa analyse da natureza e do destino das forças sociaes, chega á concepção clara, nunca antes nascida em mente alguma, embora as vistas empiricas de De Maistre, sobre a constituição do governo social, como sendo composto dos poderes espiritual e temporal — um universal, theorico, geral, mental, eterno, — o outro parcial, pratico, especial, material, temporario, systematicamente representados por orgãos inteiramente distinctos. Mostrou então que em cada época, em cada situação é um o poder espiritual quem discute, quem aconselha, quem indica as medidas urgentes, segundo o traçado geral da evolução humana, sendo o outro — o temporal, quem age, quem realiza, quem dispõe, quem reforma.

Mas este estado adulto do organismo social, em que a sua existencia é regulamentada pelo sacerdocio positivo, orgão do

poder espiritual, ainda não foi attingido pela especie humana, mesmo em relação aos povos cuja evolução é mais avançada.

Então o insigne philosopho que, na apreciação estatica, considera o organismo collectivo fóra já das phases da infancia e da adolescencia, em pleno periodo de desenvolvimento completo, vai examinal-o na dynamica para reconhecel-o nos differentes estadios da sua evolução, tendendo lenta, continua e gradualmente, no seu conjunto, embora as oscillações das partes, para aquelle estado adulto ainda nunca attingido. E como principal orgão desse poder espiritual, cuja systematização estabelecia, legislou, não só para o futuro, mas tambem para o presente de então. Esboçou assim a constituição social do organismo collectivo, chegado ao estado normal, e indicou as medidas a serem executadas desde logo para mais depressa conduzirem-no áquelle termo. Tendo aprovado o golpe de estado de 2 de dezembro de 1851, achou Augusto Comte, ao terminar a sua « Politica Positiva » que estavam satisfeitas as duas condições fundamentaes e necessarias para que perdesse o movimento occidental o seu caracter revolucionario desde o seculo XIV apresentado. Suppunha para sempre abolido o parlamentarismo em França, e instituindo uma dictadura empirica, á qual, no concurso com a sua systematização, onde estavam indicadas as funcções do poder espiritual, por si especialmente representado, mudava a transição revolucionaria do occidente na primeira phase do que chamara elle transição organica. As palavras do philosopho são carateristicas a este respeito.

« Esta synthese tinha completamente surgido (refere-se á sua propria systematização representada pela « Philosophia Positiva », pelo primeiro volume da « Politica Positiva », pelas suas circulares, cursos oraes, etc.) quando une a intervenção decisiva não menos opportuna que energica fez prevalecer irrevogavelmente a situação dictatorial sobre o regimen parlamentar. Durante os quatro annos decorridos desde esta transformação, o positivismo construiu definitivamente a religião da Humanidade unica capaz de consagrar e de regular a ordem e o progresso simultaneamente compromettidos pelo theologismo esgotado. Os positivistas, purificados assim de sua origem revolucionaria, podem combinar-se com os conservadores, sufficientemente livres do seu principio retrogrado para instituir a politica destinada a terminar a grande crise. Tal é o fim deste

opusculo que representa a transição final como devendo caracterizar a terceira geração do seculo excepcional, das quaes as duas primeiras foram, uma ao principio revolucionaria depois retrograda; a outra a um tempo retrograda e revolucionaria.

As duas condições, religiosa e politica, desta inauguração, acham-se separadamente executadas; apenas resta combinal-as segundo uma sufficiente harmonia entre a synthese universal e a vontade preponderante. » [1]

« A acclamação imperial não tem outra significação que conferir a plenitude politica aquelle que (Napoleão III) livrando-nos do regimen parlamentar, impelliu a crise final para a sua ultima phase. [2]

E tendo indicado já qual o conjunto de disposições que deviam ser tomadas pelo poder executivo na primeira phase da transição organica, acrescenta:

« Por ter sufficientemente indicado o systema de medidas que completará a liberdade espiritual, cujo concurso com a dictadura temporal funda a transição organica, resta-me caracterizar a abolição necessaria da pretensa propriedade literaria. » [3]

Para que fique bem claro o pensamento de Augusto Comte julgando definitivamente estabelecida a dictadura em França, leia-se ainda: «Devo especialmente applicar estas disposições geraes ao inicio actual da transição organica reservada á terceira geração do seculo excepcional, que será para o positivismo o equivalente do de Constantino e de Theodosio para o catholicismo. As duas gerações precedentes foram necessariamente uma primeira revolucionaria depois retrograda, a outra revolucionaria e retrograda a um tempo, isto é, parlamentar. Bem que este ultimo caracter parece persistir ainda por falta de uma theoria assás conforme á pratica e radicalmente transformado desde o irrevogavel estabelecimento da dictadura no povo central (França). [4]

« Mas o estabelecimento definitivo do principio dictatorial, no meio de uma situação em que as necessidades sociaes irrevogavelmente prevaleceram, deve cedo determinar o surto inalteravel

---

[1] *Appel aux Conservateurs*, préface, XIII.
[2] *Obr. cit.*, 129.
[3] *Polit. Posit.*, IV 392.
[4] *Polit. Posit.*. IV 376.

de uma independencia espiritual, sem a qual toda reconstrucção se tornaria impossivel. [1]

« Não se poderia, pois, ligar bem o futuro ao passado sem buscar no seculo excepcional o ponto de partida da chronologia final. Para conciliar estas duas condições basta collocar a éra positiva no começo da transição organica, reservada a ultima das tres gerações comprehendidas entre a extincção do theologismo e o estabelecimento do positivismo. Fixado chronologicamente no anno de 1855, este ponto de partida acha-se sociologicamente caracterizado pela coincidencia decisiva de uma irrevogavel dictadura com a inteira construcção da Religião da Humanidade.» [2]

Como sendo composta de tres phases considerava elle essa transição organica do ultimo terço do seculo, tal qual se vê do seguinte : « Ambas (philosophia e politica) devem agora em virtude desta conformidade decisiva combinarem-se bastante para instituir directamente a transição destinada a terminar a revolução começada no fim da idade média.

« Em um tal concurso cumpre distinguir dois modos ou graus successivos, um espontaneo, o outro systematico, segundo o sacerdocio regenerador aconselha uma dictadura ainda estrangeira á fé positiva, ou chefes que a tenham adoptado.

« Embora o segundo caso comporte uma influencia mais especial e mais completa é do primeiro que procederão as medidas mais decisivas inspiradas á pratica pela theoria sob a impulsão crescente da situação occidental. Si a intervenção do poder espiritual experimenta então mais obstaculos, fica a um tempo mais pura e mais desembaraçada dos apoios temporaes e mais decisiva, pois seus conselhos não podem ser acolhidos sinão em virtude de sua inteira opportunidade.» [3]

« Eis como o começo da transição final preparará o modo decisivo á medida que o curso natural dos acontecimentos de todos os generos representará a religião da Humanidade como unica apta a terminar a revolução occidental. Mas, além destas duas phases, que tive de fazer primeiro exclusivamente contrastar, cumpre agora

---

[1] *Obr. cit.*, 379.
[2] *Polit. Posit.*, IV 400.
[3] *Polit. Posit.*, IV 376.

reconhecer a necessidade de interpor um grau medio, no qual a dictadura, ainda estrangeira á verdadeira fé, se ache entretanto irrevogavelmente progressiva. » [1]

A cada uma dessas tres phases de duração desigual, sendo a primeira de sete annos, a segunda de cinco e a terceira de vinte e um, correspondem medidas especiaes que devem successivamente conduzir a sociedade ao estado normal. Entre as modificações indicadas para a primeira phase, está a suppressão do orçamento theorico, mas não a titulo de economia, como demonstra o seguinte:

« Depois de ter assim constituido a inteira liberdade de exposição e de discussão, não em virtude de um direito anarchico, mas como garantia de ordem e meio de regeneração, cumpre completal-a pela inteira abolição do orçamento theorico, theologico, metaphysico e scientifico. » [2]

« Esboçada pelos dantonistas a abolição geral do orçamento theorico deve ser agora executada, não a titulo de economia, mas como resultado e condição, com todas as considerações convenientes para com quaesquer pessoas. » [3]

Esta suppressão do orçamento theorico significa que o governo elimina na despeza publica as verbas relativas á manutenção do culto, das altas corporações scientificas e de algumas corporações de ensino (não de todos, note-se bem), porque a dictadura continúa a dirigir a educação primaria, mesmo a scientifica e technica e até a universitaria, apenas introduzindo normas e processos novos. E' o que se vê do seguinte.

« Quanto ás escolas especiaes ellas poderiam desapparecer todas hoje, salvo as escolas *veterinarias*, sem comprometter realmente nenhum serviço publico ou privado. Eu indicarei abaixo como a segunda phase da transição organica deve substituil-as para consolidar e desenvolver os germens de renovação que ellas contêm para a educação e d'onde resultou sempre a sua principal utilidade. » [4]

« Além da substituição acima explicada da escola positivista ao conjunto das escolas especiaes a dictadura franceza preparará a

---

[1] *Polit. Posit.*, IV 411.
[2] *Polit. Posit.*, IV 381.
[3] *Polit. Posit.*, IV 385.
[4] *Polit. Posit.*, IV 388.

regeneração sacerdotal do educador universal estendendo e aperfeiçoando a instrucção primaria.» [1]

« Antes que a dictadura se torne positivista, estas impulsões devem conduzil-a á preparar o desenvolvimento do verdadeiro sacerdocio e a regeneração da educação universal, fundando escolas analogas as do estado normal cujo typo geral será a familiar.»

Embora a sua principal efficacia seja necessariamente philosophica, o governo não poderá instituil-as sinão para preparar para todos os serviços que continuará a dirigir. Esta connexidade aliás propria a previnir ou a rectificar a indeterminação theorica, convém tanto á transição organica como a ultima phase da revolução moderna. Ella proclama, para os casos correspondentes, a ligação geral da systematização pratica á imitação encyclopedica. [2]

Esta eliminação do orçamento theorico indicada de um modo geral e as obrigações impostas depois á dictadura quanto á superintendencia e desenvolvimento da instrucção quer primaria quer superior e technica, significa simplesmente que na phase de transição deve o governo reformar os estabelecimentos de ensino, segundo melhores bases. E o que segue bem confirma isto:

« Destinada a todos os officios a escola positiva desenvolverá sobretudo sua aptidão organica para com os serviços publicos que mais podem secundar a transição occidental systematizando a justiça, a diplomacia e a administração. Posto que as funcções judiciarias devam finalmente tornar-se melhor que na idade média e na antiguidade o annexo normal do patriciado activo, continuarão ellas a suscitar uma classe especial até que os chefes praticos estejam sufficientemente regenerados. Historicamente ligada, desde os pretores romanos ao surto espontaneo de uma moral puramente humana ella approvará a substituição dos seminarios empiricos e declamatorios por escolas onde a sciencia profana conduz á sciencia sagrada para preparar o aprendizado directo dos verdadeiros magistrados. Saidos, como os juizes, da confusão dos dois poderes durante a revolução moderna, os diplomatas acham-se mais bem dispostos a secundar a impulsão religiosa que a deve terminar. Igualmente cansados do scepticismo e da hypocrisia, verificaram

---

1 *Polit. Posit.*, IV 389.
2 *Polit. Posit.*, IV 124.

bastante a insufficiencia das medidas puramente politicas para acolher a regeneração moral emanada de uma synthese que vem honrar e desenvolver seus serviços antes de extinguir a sua profissão. A classe administrativa, porém, é a mais propria para sympathizar com o positivismo, porque o regimen por elle annunciado longe de afastar taes agentes, fal-os-á melhor apreciar pelos patricios cujo officio politico elles perpetuamente auxiliarão. Estes modestos e laboriosos servidores sobre os quaes repousa hoje a constante manutenção da ordem material no meio da desordem espiritual, merecem ser regenerados, recrutando-se nas escolas positivas, por livre concurso, os sub-prefeitos, os commissarios de policia e os empregados.

« Todavia, a principal efficacia, geral e especial, de uma tal instituição deve concernir aos medicos que desde a ruptura do jugo theocratico, tornaram-se de mais em mais os precursores naturaes do sacerdocio sociocratico. »[1]

« Embora uma tal preparação seja realmente independente da instituição dos hospitaes, devendo esta subsistir até o fim da transição occidental, cumpre utilizar seu ultimo modo, ligando a elle o noviciado especial das vocações systematizadas. Cada par dos aspirantes medicos saidos das escolas positivas receberá durante tres annos, a instrucção clinica de um dos quatro medicos de segunda classe addidos ao hospicio. »[2]

E não é só para os medicos que, após os estudos theoricos dados pelo governo na escola positiva serão instituidas aprendizagens praticas, ainda sob a superintendencia do governo. Leia-se :

« Seria superfluo examinar aqui as outras carreiras publicas as quaes a escola positiva fornecerá dignos adeptos. O noviciado especial que exigirá cada uma dellas poderá sempre fazer-se igualmente em tres annos, conforme uma preparação equivalente a que acabo de apreciar em relação ao caso principal. »[3]

(*Continúa*)

LICINIO CARDOSO

---

[1] *Polit. Posit*, IV 426 e 427.
[2] *Polit. Posit*, IV 436.
[3] *Polit. Posit*, IV 438.

EPISODIOS DA GUERRA DO PARAGUAY

OCCUPAÇÃO DA BARRANCA DO TAYI

Lopez ao saber da tomada do desfiladeiro do Potreiro Ovelha, tratou de assegurar a estrada do Tayi, unica que lhe restava para communicar-se com o interior do paiz, d'onde recebia soccorros precisos para manutenção de Humaitá.

No dia 1º de novembro de 1867 á noite mandou chamar-me o inclyto general em chefe marquez de Caxias, e depois de ter-me feito diversas perguntas sobre a barranca do Tayi, disse-me que o inimigo tinha desembarcado ahi dois batalhões e conservara no ancoradouro um vapor e uma chata, declarando-me que eu tinha de partir no dia seguinte com uma commissão de engenheiros, levando o pessoal e a ferramenta de sapa preciso para fortificar a referida barranca; e que já tinha expedido ao general João Manoel Menna Barreto para atacar o inimigo e occupar a barranca.

Não causou-me admiração a occupação dessa barranca pelo inimigo, pelo que declarei no relatorio que apresentei sobre o reconhecimento della, e pelo que disse depois. E não sei o que mais admire, si a nossa falta em não ter occupado e fortificado essa posição, ou a de Lopez, quando devia saber que a nossa occupação lhe traria a perda do rio Paraguay e da estrada que passava pela bocca do rincão do Tayí e ia ter á fortaleza de Humaitá, bem como a do ramal, que penetrando no mesmo rincão dirige-se para Laurel.

No dia seguinte, ás 9 $^1/_2$ horas da manhan, pouco mais ou menos, recebeu o general em chefe marquez de Caxias communicação de ter sido occupada pela expedição, sob o commando do intelligente e impetuoso brigadeiro Menna Barreto, a barranca do Tayi, após um curto combate.

O inimigo deixou no lugar do combate 240 mortos, além dos que morreram afogados no rio; 70 prisioneiros e dois vapores, sendo um incendiado e outro mettido a pique. Nosso prejuizo foi de 31 homens mortos e de 57 feridos.

Segundo Jorge Thompson, que foi encarregado por Lopez de fortificar a barranca, a força paraguaya compunha-se de um batalhão de 400 homens, de tres peças de artilharia de campanha e de tres vapores. Calcule-se qual seria a nossa situação si Lopez tivesse já fortificado a barranca do Tayi?

A's 2 horas da tarde do referido dia 2 de novembro parti para essa barranca com uma commissão de engenheiros sob minha direcção, fazendo parte della o capitão Ayres Ancora e os 1os tenentes Moraes Jardim e Bernardino Madureira. Chegámos ás 7 horas da noite, traçámos e começámos logo a fortificação, auxiliando-nos nesse serviço os 1os tenentes Galvão de Queiroz e Cursino do Amarante, que ahi se achavam com um contingente do batalhão de engenheiros. Trabalhou-se durante toda a noite, e continuou-se sem interrupção a fortificação.

Com a occupação da barranca do Tayi, achando-se Lopez sitiado, esperava-se que elle atacasse essa posição para retomal-a, ou que atacasse Tuyu-Cuê, onde achava-se o commando em chefe, ou Tuyuty, nossa base de operações, e por isso conservou-se a expedição com toda a vigilancia.

Com effeito, o inimigo escolheu de preferencia Tuyuty, e no dia seguinte, 3 de novembro, atacou essa posição com forças superiores, elevando-se a mais de oito mil homens das tres armas de artilharia, cavallaria e infantaria. O 2o corpo do exercito, sob o commando do heroico general visconde de Porto Alegre, de pouco mais ou menos tambem de oito mil homens promptos, cobriu-se de gloria e resistiu com toda coragem ao inimigo, alcançando victoria. O inimigo deixou no campo de batalha 2,227 mortos, grande quantidade de espingardas, muitos estandartes, etc., e fizemos 139 prisioneiros. Nosso prejuizo foi de 228 mortos, 976 feridos e 133 contusos, tendo-se extraviado 14 officiaes e 380 praças.

Sobre tão gloriosa e importante victoria, alcançada pela segunda vez em Tuyuty, refiro-me á respectiva ordem do dia n. 165 de 12 de dezembro de 1867, do commando em chefe. O importante feito d'armas do dia 3 de novembro em Tuyuty, não foi um simples

combate, como diz a ordem do dia, porém uma gloriosa batalha, por ter combatido um corpo de exercito, composto das quatro armas. A victoria alcançada pelo brilhante e intrepido tenente-general visconde de Porto Alegre, salvou a base de operações.

Não obstante tão grande derrota do inimigo, a expedição do Tayi manteve toda vigilancia, continuando a commissão de engenheiros a trabalhar sem interrupção dia e noite até o romper do dia 6 de novembro, em que conseguiu fechar o forte que levantou.

Este forte era estrellado, tendo sobre a margem do rio tres baterias, guarnecidas com dez boccas de fogo raiadas de calibre 12. A do centro foi denominada—2 de novembro—pela victoria que ahi alcançamos nesse dia, a da direita—29 de outubro—pela do Potreiro Ovelha, e a da esquerda—21 de setembro—em memoria do dia em que fui a essa barranca reconhecel-a. O forte foi denominado S. Gabriel, pelo commandante da expedição general João Manoel Menna Barreto, em memoria ao bravo marechal de campo João Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel, o heróe de Paysandú, e podia conter dois mil homens.

A's 8 horas da manhan do referido dia 6 foi içada a gloriosa bandeira brazileira na bateria do centro com a maior solemnidade, formando toda a cavallaria e infantaria, e salvando as tres baterias com 21 tiros.

Durante os dias 6, 7, 8 e 9 continuaram com todo o esforço os trabalhos do forte para dar-lhe mais solidez, e com a derrubada das matas contiguas para evitar qualquer emboscada do inimigo, bem como a obstrucção das picadas, que dirigiam-se ao forte inimigo de Laurel.

No dia 10 á noite chegou ao forte de Tayi o valente e illustrado marechal de campo Argollo, commandante do 1º corpo do Exercito a que eu pertencia como chefe da commissão de engenheiros e deputado do quartel-mestre general, trazendo uma brigada de infantaria e duas boccas de fogo, e assumiu o commando das forças. No dia seguinte o mesmo general depois de ter percorrido o forte e o acampamento, publicou uma ordem do dia elogiando-me e aos outros membros da commissão de engenheiros, bem como aos officiaes do contingente do batalhão de engenheiros pelos trabalhos do forte e outros.

Com pequeno intervallo falleceram na tarde de 16 de cholera-morbus, no acampamento de Tayi, o valente e intelligente 1º tenente

Bernardino de Senna Madureira, distincto membro da commissão de engenheiros, e o bravo coronel André Alves de Oliveira Bello, deputado do ajudante general do 1º corpo do exercito.

Foram duas perdas muito sensiveis, e no 1º tenente Bernardino Madureira perdi um amigo e companheiro de trabalhos, especialmente no reconhecimento da barranca do Tayi, na construcção do forte na mesma barranca, e no combate do Potreiro Ovelha. No cemiterio, junto ao forte, foram elles enterrados, ao lado de outros bravos, ceifados por tão cruel epidemia.

Não obstante a completa derrota do inimigo no dia 3 de novembro em Tuyuty, continuava eu a receiar que Lopez atacasse a nossa posição do Tayi, Tuyú-Cuê ou de novo Tuyuty, por achar-se elle sitiado pela margem esquerda do rio Paraguay, ou então que abrisse communicação pelo Grão Chaco, onde observam-se queimadas, embora fosse esse terreno baixo e alagado, e constar que era até intransitavel; e a respeito me entretive varias vezes com o illustrado general Argollo, que disse-me faria constar ao general em chefe nossa desconfiança; porém nada se intentou então, nem depois que a divisão de couraçados forçou as baterias de Humaitá, achando-se pouco acima do Tayi o rio Vermelho.

Achava-se Lopez com a corda na garganta, e si tivessemos então lançado para o interior uma columna de cavallaria com alguma infantaria e artilharia, talvez a guerra não fosse além, poupando-se o paiz e reduzindo-se o termo da campanha ha mais de dois annos.

Os paraguayos no entretanto não deixavam de rondar nossos acampamentos com o tino e astucia proprios dos selvagens americanos, que não se deixam presentir. Dotados de tal subtileza e de espantosa rapidez de movimentos atravessavam por entre estreitas veredas nos matos, emboscavam-se e atacavam de surpreza algum piquete ou posto nosso e desappareciam apenas se faziam sentir. Nossa gente apezar das repetidas emboscadas e surprezas, continuava a aventurar-se sem tomar todas as cautelas, como se verá pela transcripção de meu Diario.

« 30 (novembro). Depois da descoberta seguiu para a margem opposta (Chaco) um piquete de oito homens, commandado por um subalterno, e logo que desembarcou percebeu-se do forte que tinha sido victima de uma emboscada. As baterias do forte romperam fogo de metralha, seguindo em um escaler outra fórça de protecção.

Regressando o escaler, trouxe tres feridos dos nossos, sabendo-se que o inimigo tinha aprisionado outros tres. Logo após aquelle acontecimento viu-se partir de Laurel duas chalanas, talvez com o fim de levarem os prisioneiros. O general Argollo fez seguir depois para o lugar da emboscada uma força de 50 homens para reconhecel-o, a qual deu sobre outra inimiga, que fugiu, deixando um prisioneiro e um morto. Aquelle declarou, que a força paraguaya tinha ido de Laurel a uma hora da noite em numero de noventa, com o fim de fazer alguns prisioneiros, provavelmente para darem informações.

« 2 (dezembro). Ao romper do dia ouvindo-se tiros de fuzilaria em direcção a Laurel, seguiu o general Argollo, a quem acompanhei para o arroio Caimbocá em cuja margem direita se tinha feito uma picada, que era guarnecida por praças do 26 de voluntarios. Ahi chegando, soubemos que o major Sebastião Tamborim, commandante do batalhão, o fiscal e mais dous officiaes, acompanhados de algumas praças, que foram logo depois da descoberta, além da outra margem do referido arroio, tinham sido victimas de uma emboscada, morrendo todos elles e algumas praças, sendo outras aprisionadas.

« A facilidade com que nossa gente se aventura, tem-lhe sido fatal.

« O mencionado commandante, acompanhado daquelles officiaes e praças, tinha subido a uma casa de cupim no grande rincão, que se estende além da margem esquerda do Caimbocá para Laurel e observava com um binoculo esta posição inimiga, quando foi com todos cercados pelos paraguayos.

« Sobre aquelle arroio, que fica a 1,500 metros de Tayi, tinha eu mandado fazer uma ponte e na retaguarda uma trincheira para defendel-a. »

No dia 4 chegou ao forte o bravo e infatigavel pratico da armada Fernando Etchbarne, trazendo uma grossa corrente para ser atravessada nesse ponto do rio Paraguay, onde elle é estreito. No dia seguinte deu-se começo a sua collocação, embarcando previamente uma força de cem praças para o Grão-Chaco, afim de fazer um reconhecimento. Seguiu depois para o mesmo lugar outra força tambem de cem praças com o referido pratico, e fizeram uma profunda e grande escavação, na qual enterraram um forte madeiro, ligado a uma das extremidades da corrente, ficando terminado o trabalho no dia 14.

No dia 16, apresentei ao general Argollo, a planta do forte de Tayi, levantada pela commissão de engenheiros.

Por esse tempo constava que Lopez havia mandado levantar uma fortificação á margem direita do Tibiquary, pelo que foi incumbido de fazer um reconhecimento o general João Manoel Menna Barreto, e regressando confirmou a noticia. Nesse reconhecimento foi acompanhado pelo 1º tenente Luiz Francisco Monteiro de Barros, membro da commissão de engenheiros do 1º corpo do exercito, então acampado no Tayi. E' de crer que Lopez já não confiasse na sorte da fortaleza de Humaitá, e por isso preparava no rio Tibiquary novos meios de resistencia, tanto mais que sua tentativa sobre Tuyuty não tivera as consequencias esperadas.

A commissão de engenheiros occupou-se depois da chegada do general Argollo, em augmentar a espessura dos parapeitos do forte de Tayi e revestil-os com heras, alargar e aprofundar os fossos, e na collocação de abatizes, e de estrepes no fundo dos mesmos fossos. No dia 25, ordenou-me o referido general Argollo, que fosse apresentar-me ao general em chefe marquez de Caxias. Parti á tarde do Tayi e cheguei a Tuyú-Cuê ás 9 1/2 horas da noite, cumprindo a ordem. Disse-me o general em chefe, que havia-me nomeado interinamente para servir os cargos, que eram exercidos cumulativamente pelo tenente-coronel do corpo de engenheiros Dr. José Carlos de Carvalho, que por doente retirava-se para o Brazil.

O tenente-coronel Carlos de Carvalho era um official valente e illustrado, trabalhava muito, tanto nos campos de batalha, como na organização do material para o exercito. Engenheiro habil e intelligente, fôra debaixo da sua direcção que se levantaram muitas fortificações, como chefe da commissão de engenheiros junto ao commando em chefe. Deputado do quartel-mestre general, tambem junto ao mesmo commando, dia e noite, cuidava em que ás forças nada faltasse, expondo-se a todas as intemperies. Não era muito que sua constituição vergasse a tantas causas, e assim mesmo retirou-se quando já lhe era impossivel qualquer esforço. Não lograra chegar á Patria: morreu em Montevidéo, onde buscara escala para o Brazil.

Tomei immediatamente conta dos respectivos cargos de chefe da commissão de engenheiros e de deputado do quartel-mestre general junto ao commando em chefe.

Não bem descançava das fadigas de viagem, quando por duas horas da madrugada sou despertado pelo estampido de tiros, que partiam da direcção do mangrulho, perto do quartel-general em chefe. Montei á cavallo e já encontrei o general em chefe marquez de Caxias, que se promptificava para seguir para o lugar designado, tendo previamente mandado dar o toque de sentido. Acompanhei-o, e chegando ao lugar, soubemos que os paraguayos, em numero de duzentos, mais ou menos, haviam surprendido o batalhão 30 de voluntarios, que estava de guarnição em um entrincheiramento, que mandei fazer antes de partir para Tayi. Os paraguayos mataram quatro soldados, feriram 18 e fizeram alguns prisioneiros. Tinham aquelles atravessado á esquerda do entrincheiramento o banhado que ficava em frente, sem serem presentidos.

Nesses acommettimentos parece que Lopez já não tinha por fim excitar o ardor de seus soldados, e sim fazer alguns prisioneiros que lhe ministrassem informações do estado de nossas forças, das operações de guerra premeditadas, e mesmo noticias politicas, que pudessem influir no exito da campanha.

Antes da occupação da barranca do Tayi, cria-se que Lopez pelos caminhos que iam do Paraná a Tayi, conseguia entreter relações secretas com individuos residentes no Rio da Prata, mas que depois dessa occupação tinham cessado completamente.

Geralmente só se considera em nossas campanhas a parte de arte militar relativa á tactica de combate, sem considerar-se outras de ordem mais elevada e os preparativos para as batalhas e combates, e por isso deixa-se quasi sempre de mencionar-se os que mais concorreram para as victorias.

PASSAGEM DE HUMAITÁ

Entramos em 1868, no anno da Vó-vó, em que se faria a paz, como diziam nossos soldados em Tuyuty, referindo-se a uma peça, cujo calibre 68 coincidia com o numero de annos do seculo. Essa peça, com a qual o inimigo as vezes bombardeava aquelle nosso acampamento, tinha um ruido especial.

Poucos dias depois, a 27, retirou-se tambem o valoroso tenente-general visconde de Porto Alegre, que por doente, obtivera licença. Elle deixou no coração do exercito recordações indeleveis, e seu

nome escripto em Uruguayana, Curuzu, Curupaity e Tuyuty. Para substituil-o veiu o general Argollo, que passou o commando do 1° corpo do exercito ao general Victorino Carneiro Monteiro, depois barão de S. Borja.

No dia seguinte disse-me o general em chefe marquez de Caxias, que tinha nomeado para exercer effectivamente os cargos que eu exercia interinamente o tenente-coronel José Joaquim de Lima e Silva, sendo eu nomeado para os mesmos cargos que elle exercia no 2° corpo do exercito, declarando-me que esta permuta não era por não estar satisfeito commigo, e tanto que ia mandar elogiar-me em ordem do dia, como fez na de n. 189; porém, por ser aquelle tenente-coronel mais antigo do que eu, sobretudo por precisar de meus serviços em Tuyuty, nossa base de operações, e por saber das boas relações de amizade que reinavam entre mim e o marechal de campo Argollo, depois visconde de Itaparica.

No dia 31 acompanhei o general em chefe até Tuyuty, onde sabia que tinha chegado meu irmão Antonio, depois marechal, barão do Rio Apa, em attenção aos relevantes serviços que prestou nos combates de 8, 9 e 11 de maio de 1867, quando as forças expedicionarias a Mato-Grosso invadiram o territorio paraguayo, de onde fizera a famosa retirada da Laguna. [1] Commandava nessa occasião o batalhão 17 de voluntarios da patria, forte de mais de 700 mineiros, organizados e disciplinados por elle na cidade de Ouro Preto, e fazia a vanguarda da expedição no referido dia 11 de maio, a qual ao transpor o Rio Apa no Passo da Bella Vista, foi atacada por uma columna de cavallaria inimiga, gloriosamente rechassada com grandes prejuizos.

Meu irmão deu-me minuciosas informações sobre a expedição de Mato-Grosso, que o governo inutilizou, confiando afinal o seu commando ao brigadeiro José Antonio da Fonseca e Galvão, meu pai, que continuou a penosa marcha até o Rio Negro, onde falleceu em 13 de junho de 1866, martyr de sua dedicação pela patria.

O general em chefe marquez de Caxias, depois de conferenciar com o general Argollo, que acabava de assumir o commando do 2° corpo do exercito, dirigiu-se ao Passo da Patria, e ahi embarcando seguiu para Curuzu, onde estava fundeada a 2ª divisão

---

[1] Vide *La Retraite de Laguna*, escripta pelo illustrado visconde de Taunay.

de nossa esquadra. D'ahi dirigiu-se em uma lancha a vapor pelo arroio Piá, que corre no Grão Chaco, até o acampamento de nossas forças, sob o commando do bravo e illustrado coronel Gurjão, depois brigadeiro, e montando a cavallo foi até o porto Elisiario[1] no rio Paraguay, em frente ao qual estava fundeado o navio chefe de nossa esquadra, sob o commando do tambem bravo e illustrado barão de Inhaúma, depois visconde. Nesse porto achava-se acampada uma brigada sob o commando do valente coronel Barros Falcão, depois marechal de campo. Entre este acampamento e o do Piá estava em construcção um *tram-road*, mandado fazer pela marinha.

Transportando-se o general em chefe para o navio chefe, conferenciou com o commandante da esquadra sobre a operação que deviam realizar os nossos couraçados de forçarem as baterias da fortaleza de Humaitá, e regressou para Tuyu-Cuê, onde chegou no dia 2 do seguinte mez.

No referido dia 31 voltei para o mesmo acampamento de Tuyu-Cuê, onde cheguei ás 8 horas da noite com o mencionado tenente-coronel Lima e Silva, a quem passei a direcção da repartição de quartel-mestre-general e da commissão de engenheiros, junto ao commando em chefe e no dia 3 de fevereiro regressei para Tuyuty, onde assumi os cargos de chefe da commissão de engenheiros e de deputado do quartel-mestre-general, junto ao 2° corpo do exercito.

O general Argollo com o fim de concentrar a defesa do acampamento de Tuyuty ordenou-me, como chefe da commissão de engenheiros, que fizesse levantar uma outra linha de trincheiras, entre a que existia e o acampamento, augmentando e reconstruindo ao mesmo tempo o reducto central, o que a commissão de engenheiros cumpriu, levantando na frente uma linha artilhanada, e no flanco direito outra de caudas de andorinha; antes porém, de ficarem com a solidez necessaria tivemos de abandonal-as, por termos desalojado o inimigo de suas trincheiras em frente.

Enchia por esse tempo o rio Paraguay, e constava no dia 10 de fevereiro que a enchente era enorme, correndo que a esquadra

---

[1] Em homenagem ao chefe do estado-maior da esquadra Elisiario Antonio dos Santos, depois barão de Angra.

se preparava para forçar as baterias da fortaleza do Humaitá. Esta fortaleza, como se sabia, estava construida em uma volta muito pronunciada do rio e o cruzamento dos fogos de suas baterias era completo. Lopes, além disso, havia mandado atravessar na parte mais pronunciada da curva, quasi a meio, uma triplice corrente bastante grossa, de margem a margem do rio, collocado torpedos e levantado outros obstaculos. Artilhada, como estava a fortaleza com 84 bocas de fogo de grossos e varios calibres, e com algumas baterias casamatadas, era um passo muito ariscado, e mesmo para navios couraçados.

Com effeito era real o presentimento do exercito. No dia 17 recebeu o general Argollo communicação do general em chefe, que no dia 19 de fevereiro ás 2 horas da madrugada a esquadra ia forçar a passagem de Humaitá, e que com o fim de coadjuval-a distraindo a attenção do inimigo, o exercito faria uma demonstração de ataque ás suas posições, devendo elle portanto por sua parte fazel-a, contra as que lhe ficavam em frente de seu acampamento, logo que ouvisse o bombardeamento da esquadra contra Humaitá.

A divisão de couraçados que devia forçar a passagem, era composta do *Bahia, Tamandaré* e *Barroso* e dos monitores *Pará, Alagôas* e *Rio Grande*. Estes monitores, destinados a coadjuvar aquelles tres couraçados, tinham machinas de pouca força para vencer a corrente do rio, então muito caudaloso, e por isso seguiam a reboque delles.

Para commandar tão importante e arriscada empreza fôra chamado do Alto Paraná, onde se achava commandando nossa esquadrilha o intelligente e heroico capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, depois almirante, barão da Passagem. Constou que ao chegar a Curupaity, sendo logo rodeado por seus irmãos de armas, dissera-lhes, rindo-se—*Ecce homo*. E mostrou sel-o.

A's 3 1/2 horas da madrugada do dia 19 de fevereiro de 1868, a referida divisão de couraçados enfiava o canal de Humaitá. Immediatamente as baterias desta fortaleza romperam simultaneamente fogo contra ella. Os couraçados *Lima Barros* e *Silvado*, pertencentes a outra divisão,[1] estacionada entre as aguas dessa

[1] Faziam parte desta divisão os couraçados *Brazil*, *Colombo* e *Herval*.

posição e de Curupaity, procurando lugar conveniente, abriram fogo contra aquellas baterias; e por terra para coadjuvar a passagem fez o mesmo o nosso exercito. Desde as linhas occupadas por este até o rio, ficava toda essa parte illuminada por abobadas de bombas e granadas. Era um espectaculo novo e extraordinario!

A meio caminho do canal, já transpostas as grossas cadeias de ferro, as balas das baterias inimigas cortam os cabos de reboque do monitor *Alagôas*, que é levado aguas abaixo pela força da correnteza. O almirante, do ponto em que se achava ordena a seu commandante o 1° tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, hoje vice-almirante, que dê fundo. Não vendo o signal de seu chefe, e só escutando os estimulos do seu pundonor militar, o 1° tenente Maurity investe de novo o canal com o monitor movido pela sua fraca helice, debaixo de chuva de balas, enfiando lentamente as aguas do caudaloso rio; e ao alvorecer franqueava o arriscadissimo passo, quando os outros couraçados o haviam feito muito antes.

Apenas acabara tão grandioso feito o *Alagôas*, quando ainda o vagar de sua machina facilita o ataque de muitas canôas ou chalanas que o abordam de todos os lados. Apezar da forte correnteza do rio, o bravo 1° tenente Maurity manobra de maneira que mette uma chalana á pique, destroça outras a metralha, pondo o resto em fuga. Um pouco mais longe surge-lhe nova fortificação, de que até então não tinhamos conhecimento, é o Timbó, do lado do Grão-Chaco. Suas baterias de grosso calibre, assestadas sobre barranca menos alterosa que a de Humaitá, lançam bombas contra o monitor, mas segue elle avante. Essas baterias causaram mais damno aos couraçados do que as daquella fortaleza.

E a respeito do grande feito do monitor *Alagôas* transcrevo em seguida alguns topicos da parte que o bravo almirante barão de Inhaúma deu ao general em chefe marquez de Caxias:

« Vejo porém vir aguas abaixo um monitor. Era o *Alagôas* que, cortados pelas balas inimigas os cabos do seu reboque, quando já houvera ultrapassado as cadeias, fôra obrigado a separar-se do seu chefe e vinha receber ordens á esquadra. Ordenei-lhe que désse fundo. Mas seu commandante o 1° tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, ouviu tanto a minha ordem como Nelson viu em Copenhague pelo olho cégo o signal de retirada que lhe fez Parker: seguiu rio acima e lá foi em demanda de sua divisão.

Arrojos como estes só os pratica, um verdadeiro bravo, deixei seguir seu bello destino; Deus proteje actos tão nobres. Si me fosse dado lançar neste momento dragonas de official superior sobre os hombros do meu bravo camarada 1° tenente Maurity eu o faria com o maior dos contentamentos. »

Tambem passo a descrever o boletim que o destimido capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, dirigiu ao inclyto general em chefe marquez de Caxias, logo que ancorou com a divisão de couraçados, sob seu commando, no porto de Tayi, communicando a gloriosa e feliz passagem de Humaitá.[1]

« Boletim da divisão encouraçada, 19 de fevereiro de 1868.

Viva o inclyto general em chefe de todas as forças brazileiras contra o governo do Paraguay.

Viva o distincto vice-almirante, commandante em chefe da esquadra.

A divisão avançada forçou o passo de Humaitá ás 3 horas e 30 minutos da manhan com avarias de mais ou menos importancia. Poucos feridos, entre os quaes o bravo pratico Ethchebarne, levemente, e o chefe Delphim.

O *Barroso*, navio testa, com o monitor *Rio Grande* ao costado, só recebeu quatro balas.

O Timbó está fortificado do lado do Chaco. O *Barroso* recebeu mais de 20 ou 30 balas desta fortificação.

O ponto de Laurel parecia estar abandonado, mas não obstante foi bombardeado rigorosamente.

Sobre as correntes havia 12 ou 15 pés d'agua.

Os vapores inimigos não appareceram. Estão provavelmente dentro da lagoa contigua a Humaitá.

Viva Sua Magestade o Imperador ».

O signal convencionado para saber-se do exercito e da esquadra si a divisão de couraçados tinha vencido o famoso passo de Humaitá, era um foguete que cada couraçado com seu monitor ao costado, devia soltar. A's 4 horas e 10 minutos subiu ao ar o

---

[1] O insigne pintor brazileiro Victor Meirelles representou esta gloriosa passagem em uma téla de 4m sobre 2 1/2, já tendo feito antes, outra maior de 7m 3 sobre 1/2 representando o grande e glorioso combate naval de Riachuelo.

primeiro foguete, pouco depois o segundo e mais tarde o terceiro. Um contentamento foi a expressão do exercito alliado ao avistar o terceiro foguete, e mal sabia que o *Alagôas* ainda lutava!

Emquanto isso se dava no rio, os generaes Osorio, Gelly y Obes e Argollo faziam demonstrações de ataque, este em Tuyuty, e aquelles em Tuyú-Cuê, atacando o general em chefe o forte do Estabelecimento.

VISCONDE DE MARACAJÚ

O CLIMA DO BRAZIL

A estensão do Brazil é tal que, comprehendida entre os parallelos 5° norte, 34° sul, encontram-se ahi quasi todos os climas.

Sob o ponto de vista da temperatura póde dividir-se o paiz em tres grandes zonas: tropical, sub-tropical e temperada doce.[1]

A primeira zona comprehende a parte do Brazil, cuja temperatura média é superior a 25°. A linha que limita esta zona passa ao sul de Pernambuco, talvez por Alagoas ou Sergipe, corta uma parte de Goyaz, atravessa Mato-Grosso até abaixo de Cuyabá. Os estados de Pernambuco, Parahyba do Norte, Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará e Amazonas estão completamente situados nesta zona.

A segunda estende-se entre os isothermos de 25° e 20° que passam ao sul do Estado de S. Paulo, corta o do Paraná separando completamente os estados de Santa Catharina, Rio Grande do Sul e uma parte de S. Paulo, que compõem a terceira zona, onde a temperatura média annual oscilla entre 15° e 20°.[2]

Os isothermos não conservam, através do continente sul-americano, uma fórma regular, e, ao contrario, desviam-se sensivelmente dos parallelos geographicos. Assim, a partir do litoral do Atlantico os isothermos que encontram transversalmente os valles dos grandes affluentes do Amazonas e o valle do Paraná, apresentam uma inflexão para o sul, emquanto que a cordilheira dos Andes e o planalto Central da America lhes imprimem uma inflexão para o norte. Além disto, o traçado desses isothermos, baseando-se em um numero relativamente limitado de observações, não póde dar uma idéa bastante aproximada de seus caracteres

---

[1] H. Morize. *Esboço de uma climatologia do Brazil.*

[2] H. Morize, *loc. cit.*

geraes. E' mais provavel que com o tempo e quando se possuir numero sufficiente de dados, o traçado dos isothermos de grau em grau, offereça muitas particularidades ignoradas hoje, e directamente relacionadas com a orographia do continente sul americano.

E', pois, bem difficil, sinão impossivel, fazer-se uma idéa exacta do clima desta região pelo exame das zonas thermicas, cujos limites são imperfeitamente conhecidos.

Assim preferimos citar alguns factos fornecidos pela observação e que, embora em pequeno numero, permittirão, todavia, fazer-se uma idéa dos caracteres de conjunto do clima do Brazil, o qual exceptuadas algumas regiões quentes e pouco salubres, possue em compensação estensões consideraveis de territorio, absolutamente comparaveis ás regiões as mais salubres e de clima temperado da Europa.

* * *

Nas regiões do Alto Amazonas, o anno meteorologico póde dividir-se em duas épocas: uma das grandes e outra das pequenas chuvas, produzindo ambas uma enchente deste rio.

A grande enchente estende-se de fins de fevereiro até junho; a pequena enchente de meiados de outubro a principio de janeiro. Essas enchentes são ás vezes consideraveis e podem attingir a 14 metros entre a estiagem inferior de setembro e a superior de abril ou maio.

Entre essas duas enchentes intercallam-se dois periodos de secca, uma grande e outra pequena que se produzem, a primeira de julho a meiados de outubro e a segunda de janeiro a fevereiro.

Ao termo da grande enchente produz-se um abaixamento de temperatura, que dura apenas alguns dias e que occasiona, annualmente, dizem, a morte de uma grande quantidade de peixes no rio Teffé.

Conforme o Sr. Dr. Pinkas, engenheiro encarregado dos estudos da estrada de ferro do Madeira ao Mamoré, a temperatura média do alto Madeira seria de 26° e a temperatura mais elevada que foi ahi observada não excedeu de 39°,5. Todavia, a sensação do calor é ahi bastante forte por causa da humidade da atmosphera, sempre muito elevada.

O abaixamento de temperatura de que falamos anteriormente seria occasionado pelo aquecimento rapido da columna de ar, que cobre essas regiões, e que elevando-se sobre as partes altas da atmosphera produz uma chamada energica, preenchida pela brusca chegada do ar glacial, vindo dos altos cumes dos Andes; porque cumpre notar que os ventos que dominam em toda esta região, são os do sudoeste.

Em Mato-Grosso, os ventos dominantes são os de noroeste e do sudeste: os primeiros são quentes e humidos, emquanto que os ultimos são geralmente frios.

Quando esses ventos se succedem bruscamente, ha uma baixa pronunciada da temperatura. A temperatura média do verão ahi seria de 26° e a minima de 7°,5. (18 agosto 1877.)

A maxima temperatura observada em Cuyabá foi de 41° c. á 1° de setembro de 1888. Em nossa opinião, é a maxima temperatura observada no Brazil.

Na cidade de Corumbá (Estado de Mato-Grosso) as variações de temperatura são igualmente bruscas. Todavia existem neste estado planaltos elevados, que gozam de um clima temperado e secco, e onde as geadas, no mez de junho, não são raras.

No estado do Pará as differenças entre as temperaturas médias dos diversos mezes do anno são pouco pronunciadas. O mesmo dá-se no estado do Maranhão, onde as chuvas torrenciaes dos mezes de março e abril são dignas de ser citadas, especialmente em S. Luiz (capital), onde recolheram-se 1040 millimetros de agua da chuva em 21 dias. As temperaturas extremas, que têm sido ahi observadas, são 33°,8 e 21°,1.

Na cidade de Belém (Pará) as temperaturas extremas, observadas pelo almirante Ladario são de 34°,5 e 22°,0.

Em Therezina, capital do estado do Piauhy, as condições climatericas são quasi as mesmas, assim como na cidade de Amarante (lat. 6°, 13', sul) cujos extremos thermicos são de 35°,5 e 18°.

Na Fortaleza, capital do estado do Ceará, as temperaturas extremas são 30°,6 e 23°,1, e, em Icó no mesmo estado tem-se para essas mesmas temperaturas 30°,8 e 26°,6.

Na capital do estado de Pernambuco (latitude 8°, 4' sul) os extremos absolutos são 37°,7 e 16°,3, e na Victoria (latitude 8°, 9' sul) elles são respectivamente 39° e 11°,6. No mesmo estado as observações feitas na Colonia Isabel (latitude 8°, 45' sul) forneceram para temperaturas extremas 35°,5 e 11°,6.

Na Bahia (12°,58' latitude Sul) tem-se para essas mesmas temperaturas 31°,5 e 21°.

Considerando agora o sul do estado da Bahia, os estados do Espirito Santo, Rio de Janeiro e uma parte do de S. Paulo, acha-se para as temperaturas maxima e minima os seguintes valores:

	MAXIMA	MINIMA
Rio de Janeiro (Capital do Brazil).....	39°,0 (*)	10°,2
Nova Friburgo (Estado do Rio de Janeiro)...	29°,0	+ 1°,0
Queluz (Estado de Minas Geraes).....	32°,4	+ 1°,0
Uberaba (Estado de Minas Geraes).....	33°,0 (?)	— 2°,5
S. Paulo (Capital).....	33°,1	— 2°,0

Entre as cidades de Barbacena e Ouro Preto observou-se em junho de 1870 um abaixamento extraordinario de temperatura que attingiu 3°,5 e notou-se mesmo em Barbacena um minimo de 6°,0. A latitude desta cidade é de 21°,10' sul e sua altitude de 1000 metros. A 19 de junho de 1843 houve, em Ouro Preto (latitude 20°, 28' sul) uma forte geada (Dr. J. Hann) Os extremos thermicos em Barbacena são assaz afastados, observando-se ahi 30°,2 em janeiro e 0° em junho.

Nos estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul reinam as temperaturas, que caracterizam a zona temperada doce. Tem-se observado ahi, por diversas vezes, geadas em Palmeira (latitude 27°,45' sul); em Passo Fundo e Vaccaria, assim como no Rio Grande, Bagé, Corityba, etc., cujas altitudes não excedem de 1000 metros.

Eis aqui algumas temperaturas extremas observadas:

	MAXIMA	MINIMA
Rio Grande (Capital)	32°,4	+ 1°,0
Corityba	37°,8	— 4°,4
Passo Fundo	34°,0	0° 0
Santa Cruz	30°,0	0°,0
Pelotas	37°,5	— 0°,5

* * *

A maior parte dos dados numericos, que precedem, extraimos do *Esboço de uma climatologia do Brazil*, por H. Morize, já anteriormente citada e merece ser assignalado que elles foram fornecidos por observações realizadas quasi todas não longe do litoral, pelo menos no que diz respeito ás zonas tropical e sub-tropical.

Não percamos, comtudo, de vista que penetrando-se mais pelo interior do Brazil, o relevo do terreno accentua-se e que não tarda em elevar-se sobre planaltos, que gozam de climas comparaveis aos das regiões temperadas.

Não será fóra de proposito citar aqui os resultados de nossas proprias observações feitas durante a exploração começada em 1892 e que prosegue ainda hoje em consequencia dos estudos da mudança da capital do Brazil para o planalto central numa região proxima das cabeceiras do Paraná, S. Francisco e Tocantins, entre os parallelos 15° e 16° sul.

(*) O maximo annual da temperatura, no Rio de Janeiro, não excede geralmente de 37°,5. Entretanto, a 8 de dezembro de 1889, elevou-se a 39°,0, temperatura absolutamente excepcional e que nunca fôra observada depois de 1850.

Esta região, cujo clima lembra, conforme as expressões do botanico Glaziou, a do sul da França e por sua physionomia parece-se com o Anjou, com a Normandia, e, melhor ainda, com a Bretanha, é uma das mais salubres que se póde imaginar. Não ha necessidade de acclimação para o immigrante, vindo da Europa, porque a temperatura ahi é das mais regulares e das mais doces, não excedendo as maximas, no verão, de 33° e as minimas, raramente, descendo abaixo de zero. O ar é ahi, em geral, secco, e as aguas abundantes e puras.

A altitude desta região, onde acabámos de demarcar um rectangulo de 14,400 kilometros quadrados (isto é, 90 kilometros sobre 160) é, na média, de 1,100 metros, com alguns planaltos mais elevados, de 1,200 e 1,300 metros, sobre os quaes se destacam os picos dos Pyrineus cuja altitude é de 1,380 metros.

Em 1892, por occasião da nossa primeira viagem, verificamos por quasi 18°,20' de latitude sul e 800 metros de altitude — um minimo de — 2°.5, que produziu-se na noite de 12 para 13 de julho.

Assignalamos o facto, porque elle parece-nos digno de ser conhecido.

***

Posto que, na verdade, muito incompletos, os dados, que acabámos de apresentar permittem, todavia, fazer-se uma idéa quasi exacta dos caracteres geraes da climatologia brazileira e julgamos ter demonstrado a improcedencia de opiniões mui facilmente aceitas e que só podemos attribuir á ignorancia ou a má fé de alguns autores, segundo os quaes o clima do Brazil seria pouco salubre, não convindo a colonização européa.

Nós pensamos ao contrario que, em geral, a maior extensão do vasto territorio do Brazil é absolutamente favoravel ao immigrante, porque elle encontra ahi climas completamente comparaveis aos das zonas temperadas da Europa, emquanto que as partes do paiz menos salubres, e que são pouco numerosas, podem ainda convir-lhe havendo o cuidado de recorrer á hygiene apropriada.

***

Acabavamos de escrever o que precede, quando recebemos as observações meteorologicas, feitas de tres em tres horas durante o anno de 1895, no Observatorio montado na zona demarcada no planalto de Goyaz para a mudança da Capital (altitude 1.020 metros, latitude 15°,45' sul).

A média annual da temperatura C. a sombra é ahi de 19°,49' o maximo 32°,3, e o minimo 0°,7.

L. Cruls

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Cada vez melhores os fructos da bella creação do Museu paraense, confiada como foi, desde principio, sua direcção ao illustre Sr. Dr. E. A. Goeldi. Parece-nos ainda mais interessante o presente numero IV do que os anteriores, já pela variedade dos assumptos, já pelas provas da incansabilidade do redactor-chefe, cujo portuguez vai se apurando cada vez mais. Dahi tambem involuntario movimento de estranheza e pezar por parte do leitor, quando ainda se lhe deparam um ou outro erro de syntaxe, incerteza na collocação de palavras encliticas, o que aliás acontece a muitos escriptores nossos, ou então gallicismos que, aqui e acolá afeiam a frase. Para que, por exemplo, sem insistirmos no caso, aquella impertinente preposição, *procuramos de fortalecer*, á pag. 402, e a cada passo o pronome ás claras quando a pessoa do verbo o denuncia logo — uma das elegancias do nosso portuguez? Não ha duvida, porém, com mais algum esforço, o Sr. Dr. Goeldi mauejará a lingua vernacula com muita segurança, sobriedade e elegancia. Neste ponto, os annaes do Museu paraense levam grande vantagem aos boletins do Museu paulista, embora tambem lá figure um scientista de reconhecido valor o Sr. Dr. von Ihering.

Compõe-se este numero dos seguintes capitulos I — *Contornos da avifauna do Pará e da Amazonia interior*, lista numerica das collecções de passaros reunidos por Natterer, Wallace e Layard. O primeiro enriqueceu o Museu de Vienna com 187 exemplares, o segundo levou para o de Londres nada menos de 282, o terceiro 120.

O segundo artigo *A fauna do Pará* é da lavra do Dr. Fr. Dahl, vertido a portuguez e annotado pelo Dr. Goeldi, trecho de uma larga obra (A expedição Plankton) e excellente repertorio de observações e estudos *sur place*. Estranha o autor a deficiencia, quasi ausencia de typos caracteristicos da natureza animada no meio dos esplendores florestaes, o que Bates já tornara bem sensivel nas suas magistraes descripções. Em 11 annos de estada no Amazonas, a percorrer-lhe os magestosos recantos, nunca vira uma onça. Igual reparo fiz eu nas minhas dilatadas viagens pelo interior do Brazil e por lugares absolutamente invios. Do meu lado, jamais tive ensejo de vêr uma onça na mata, em liberdade, embora, em 1865, ás margens do barrento e lugubre rio Negro confluente do Taquary (Mato Grosso), nós e a nossa pequena comitiva, rodeados de fogueiras activamente mantidas pelos soldados, dormissemos ao som dos seus constantes uivos e roncos. Em mamiferos

de mais vulto só pude entrever, ao longe, um magnifico cervo e um não menos bello tamanduá-bandeira. Mesmo em aves, não tive occasião de notar nenhuma particularmente notavel pelo tamanho ou plumagem, com excepção de uma formosissima *alma de gato*. Vivi, entretanto muitos dias no interior das matas ribeirinhas do Aquidauana e a quantidade de caça que os camaradas nos traziam era positivamente estupenda. Objecta com razão, o Sr. Dr. Goeldi, que a observação do Dr. Dahl só é exacta, até certo ponto. Para encontrar abundancia de animaes torna-se necessarios «certa experiencia e algum tino venatorio». Parecem-nos bem justas as explicações que o autor allemão dá acerca do trabalho em commum das formigas *saúvas*. Aliás, hoje ha monographias completas cheias de agudas e curiosas explanações sobre esses valentes e destruidores insectos pelos Drs. Moller e von Ihering.

O artigo *Macacos da Amazonia* de Alfredo Wallace é de 1854, portanto já um tanto antigo, mas o Dr. Goeldi com fundamento julgou dever traduzil-o para o inserir nas paginas do *Boletim*. Notei que as matas dos rios de Mato Grosso, na sua grande zona meridional, são bem pouco povoadas de *simios*. No largo sertão de Camapoan a Sant'Anna do Parnahyba não vi um unico. Em certa occasião, apanhamos um *sahui* avermelhado num cerrado, em pleno chapadão, bem longe portanto de qualquer aguada. Que fazia lá o pobresinho desgarrado?

O artigo IV *Contribuição á geographia botanica do littoral da Guyana entre o Amazonas e o rio Oyapoc* é em extremo valioso e tem o sabor da actualidade, pois se refere á região de posse controvertida entre o Brazil e a França, a que chama ella simplesmente *o contestado*, trabalho do botanico do Museu paraense, Dr. Jacques Huber. Foi uma excursão feita a vapor da ilha de Marajó ao rio (Counany porque não Cunany?) e d'ahi ao Amapá. Saidos os viajantes a 7 de outubro, estavam a 10 de novembro (tudo de 1895) de volta ao Pará. Muito interessante a descripção dos banhados e alagadiços, aformoseados pelas bellissimas *podostemaceas*, de que nos dá deslumbrante idéa uma gravura colorida, que é positivamente o *clou* deste *Boletim*. Imagine-se a representação fiel e muito artisticamente feita de um trecho do rio Counany — a corredeira da Chocolateira — uma superficie de agua esverdeada da qual emergem aqui e acolá e em plano mais distante alinhados compridos caniços ornados de penninervios de um cor de rosa delicado, como que vistosas flechas fincadas n'agua e desferidas de arcos dos nossos selvicolas, paizagem de feição absolutamente nova, graças a essa *mourera fluviatilis*, que a população indigena chama *uapé das cachoeiras*.

Extasiado ante a belleza excepcional desse trecho da natureza equatorial, declara-o o articulista «digno do pincel de Raphael.» Ora, como em publicações e assumptos scientificos tudo deve ser da maior exactidão e expresso em linguagem rigorosamente adequada, observaremos que ahi o nome de Raphael é perfeitamente descabido. Si se tratasse de uma figura humana, do rosto, por exemplo, de formosa indigena, vá lá, pois o inspirado artista foi ahi insigne, inexcedivel, mas como paizagista se mostrou sempre desageitado, infantil e rechupado. A citar algum pintor antigo, antes Ticiano, Nicoláo Poussin, Claudio Loreno, ou então os admiraveis hollandezes Ruysdael e Hobbema. Melhor fôra, porém, não lembrar ninguem, mesmo porque a natureza intertropical com a sua exuberancia esmagadora não achou ainda artista que a pudesse devidamente fixar na téla.

O artigo V, *Lancear de olhos sobre a fauna dos reptis no Brazil* é o capitulo inedito que serve de introducção á neonographia relativa a essa ordem de animaes e em continuação aos dois livros já publicados pelo Sr. Dr. Goeldi sobre *Mammiferos e aves*. Por estes, hoje conhecidos e apreciados, bem se póde inferir do valor do novo contingente annunciado

E', com effeito, actualmente impossivel a qualquer que se occupe com zoologia brazileira dispensar aquelles excellentes e concretos guias, que tão bem desvendam e analysam a nossa fauna mammifera e aviaria, condensação de largas apreciações scientificas e de accôrdo com as mais modernas idéas e collectanea de argutas observações proprias. Todas estas qualidades bem se salientam neste capitulo preliminar — « *Não ha duvida possivel*, diz o autor, *o periodo de esplendor, pujança, força e preponderancia qualitativa e quantitativa da fauna reptileana já se foi* » e adiante, resumindo muitos dados : «*No Brazil propriamente dito, ha um total de 236 especies, actualmente descriptas de reptis*», e adiante : « *Conforme o estado actual da sciencia, os reptis do Brazil representam um pouco mais de* $\frac{1}{12}$ *do total da terra inteira* ». Ainda mais : « *Ao passo que entre as aves achamos 25 familias exclusivamente brazileiras (isto é, neotropicas) não ha, entre reptis, uma unica familia que se possa qualificar de propriedade exclusiva do Brazil* ».

Os artigos VI e VII são dos dois collaboradores do Museu paraense, Drs. Jacques Huber, botanico, e Frederico Katser, geologo. O VIII trata do curiosissimo peixe *lepidosiren paradoxa*, tão raro e tão procurado pelos colleccionadores. Desta feita foi achado um na fóz do Amazonas, junto á ilha do Marajó. Ha delle só sete exemlares em museus de historia natural—2 no de Vienna, 1 em Pariz, 2 em Florença, 1 em Berlim e agora este no do Pará, medindo 59 centimetros de comprimento. Ao artigo acompanha um mappazinho das localidades em que até agora foram encontrados *lepidosiren*—rios Madeira, Ucayale, Antas, Tapajóz, Guaporé e Paraguay, formando o deste ultimo especie nova.

Completa o boletim IV, que finda o volume I dos *Annaes do Museu Paraense*, uma boa noticia bibliographica. V. DE T.

— Em junho foi publicado em Buenos-Ayres o primeiro numero de *La Bibl oteca*, revista encyclopedica mensal, editada pela livraria Felix Lajouane, dirigida pelo Sr. P. Groussac, e collaborada pelos mais distinctos escriptores, não só argentinos e uruguayos, mas hispano-americanos. Sai a 15 de cada mez em elegantes e nitidos fasciculos de 160 pags.

Os numeros apparecidos trazem notaveis artigos, alguns firmados por Bartholomeu Mitre, Domingo Sarmiento, Fidel Lopez, Cané. O que temos á vista, o 5°, de outubro, enceta a publicação de um estudo do Sr. Garcia Merou sobre a nossa vida intellectual *El Brazil intelectual, Impressiones e notas literarias*, é a digna continuação dos excellentes trabalhos do Sr. Merou sobre as literaturas sul-americanas. Comquanto sympathico e benevolo, o Sr. Merou não sacrifica os seus direitos de critico, e o seu juizo sobre a obra do Sr. Sylvio Roméro, por exemplo, é um modelo de apreciação justa e elevada. São agentes de *La Biblioteca* nesta cidade os Srs. F. Briguiet & C.

— O 3° fasciculo (julho a setembro) da *Revista do Archivo Publico Mineiro* traz o seguinte summario : *Festas do despotismo* (supplicio de Tiradentes).—*Memoria sobre a extracção do ouro na capitania de Minas Geraes* (escripto inedito por Antonio Pires da Silva Pontes Leme).—*Creação de villas no periodo colonial* (Autos das creações das villas de Baependy e Jacuhy). — *Um poeta desconhecido* (o padre Manoel Xavier),— *Pessoas illustres da capitania mineira*.—*Memorias municipaes*.

A *Revista* é bem feita e deve prestar á historia de Minas e do Brazil bons serviços, parece-nos entretanto, que não deve desviar-se do seu objectivo e da sua indole e ser rigorosamente uma publicação do Archivo mineiro, que deve ter de sobra com que enriquecel-a.

A POLITICA

A interinidade de praso incerto do Sr. Dr. Manuel Victorino Pereira na presidencia da Republica dá origem a uma situação especialissima. S. Ex. é, pelo temperamento, pela educação, pelos habitos, e até pela idade e pelo vigor, o contraste vivo do Sr. Dr. Prudente de Moraes. Tendo chegado quasi ao fastigio das posições politicas, deseja naturalmente supprimir o *quasi*, e comprehende que acima da vontade de todos os partidos a nação avalia os serviços prestados, e o homem que bem governar póde ter certeza de que ha de governar outra vez.

Collocado em posição de conhecer os homens e as coisas do paiz, acompanhando de perto todas as questões com solicitude de quem póde ser chamado a resolvel-as, a sua ascensão ao poder não o apanhou de surpreza, e S. Ex. mostrou que, só consultava os chefes do seu partido para que lhe indicassem nomes de ministros, e não os consultava para traçar o programma de seu governo.

Esse programma attende a algumas das necessidades mais proclamadas pela opinião, e foi geralmente recebido com confiança e applauso. Sómente já houve tempo para um tal ou qual arrefecimento porque se receia, ou que o Congresso não conceda tudo o que o poder executivo pede, ou que este não tenha tempo de executar o que pediu, ou mesmo que na execução não haja um proposito tão firme como o que presidiu á elaboração do programma.

E' que se sente que S. Ex. não está agindo no circulo aliás amplissimo que a lei fundamental lhe traçou; é que se percebe que não ha só tres poderes no Estado, e que aos tres de direito acresce um de facto, que tem sobre o inconveniente de não ser legitimo, o inconveniente ainda maior de ser irresponsavel.

Comprehende-se que um chefe de Estado não possa governar si lhe falta o apoio do unico partido que tem alguma organização, e o partido republicano federal tem pelo menos a organização que consiste em ter-se apoderado de todas as posições. Sómente os factos demonstram que, apezar de estar occupando as posições, o partido não tem cohesão, não tem homogeneidade, e conta quasi tantos programmas e tendencias como cabeças de chefes.

Um chefe de Estado que quizesse governar por si só acharia sem muita difficuldade, sem sair do seu partido, um grupo de homens influentes capazes de lhe fornecerem o ponto de apoio de qne elle necessitasse, sem ter de amolgar-se a exigencias, antes exercendo as suas funcções com a amplitude que a Constituição lhe concede.

E' que evidentemente na escolha dos novos ministros não se sente o programma do Sr. Dr. Manoel Victorino. A sua acção, a sua escolha, o seu fino tacto, percebem-se na escolha do Sr. Dr. Joaquim Murtinho, que não é um medalhão de partido, nem o representante de uma bancada influente, que são o criterio habitual da nomeação de ministros. A nomeação, porém do Sr. Dr. Bernardino do Campos obedece a outra ordem de considerações inteiramente diversas. S. Ex. representa no governo o fetichismo da supremacia paulista, e, sem desconhecer os seus meritos pessoaes, a sua inexcedivel dedicação ao serviço publico, e a sua brilhante fé de officio, ninguem contestará que o ex-governador de S. Paulo não será na pasta da fazenda o homem de pulso livre que ha de ser na da industria e viação o Sr. senador por Mato-Grosso.

E a razão é que o Sr. Dr. Bernardino tem intimas ligações com um grupo de influencias, e tem de pautar os seus actos pelas conveniencias da politica desse grupo. Não ha esperar que S. Ex. mande para as alfandegas, por exemplo, homens como o que o Sr. Dr. Murtinho descobriu logo ao primeiro lance de olhos para dirigir a Estrada de Ferro Central. Homens como o Dr. Paulo de Frontin são utilissimos para o serviço publico,

mas não são o ideial dos partidos, para quem as repartições publicas são elementos de victoria eleitoral. E esta escolha é tanto mais significativa quanto o Dr. Frontin é, em principio, contrario á idéa de arrendamento, pela qual se bate o ministro o o nomeou. E' certo que S. S. declarou que o aceitava como fazendo parte de um plano financeiro; mas, em todo o caso, a sua administração com a actividade, competencia e energia, que todos lhe reconhecem, póde ser utilissima para qualquer das hypotheses, ou demonstrando que a Estrada é administravel, mesmo em mãos do governo, contanto que seja dirigida por quem não faça della ninho de eleições, ou provando aos que pretendem arrendal-a até que ponto ella póde ser melhorada. Ainda mais, a administração de um homem como o Dr. Frontin, póde aplainar o caminho para a solução de uma das maiores difficuldades do projecto de arrendamento, a que diz respeito aos empregados actuaes. Ha quem diga que estes são em numero excessivo, que alguns não são competentes, que nem todos são zelosos. A empreza, que tomasse por arrendamento a Estrada, incorreria em grande odiosidade quando tivesse de fazer a escolha; tal odiosidade não tem a mesma razão de ser em relação a um administrador nacional, nomeado pelo governo, e cujo unico intuito é e nem póde deixar de ser melhorar o serviço e tirar todo o proveito possivel, não tanto em favor do governo, como do commercio e lavoura que ella tem de servir.

Póde agir do mesmo modo na repartição a seu cargo o honrado Sr. Dr. Bernardino de Campos? De certo que não. S. Ex. é um dos vultos mais eminentes do partido republicano federal, e não ha muito se dizia que o bastão do commando bem poderia passar das mãos do Sr. general Glicerio para as suas. S. Ex. está intimamente ligado á politica do Sr. Dr. Prudente de Moraes, mais ainda que o Sr. general Glicerio, pois entre o ex-governador de S. Paulo e o Sr. Presidente da Republica ainda não houve choque comparavel ao que o Sr. Dr. Prudente de Moraes teve com o Sr. general Glicerio, quando se tratou da pacificação do Rio Grande do Sul. Em todos os seus actos S. Ex. tem de attender ás influencias da politica paulista, prever a possibilidade de não estar o acto de accordo com o modo de vêr do presidente effectivo, condescender, contemporisar, e a situação reclama

medidas energicas postas em pratica sem hesitação. Taes medidas não podem deixar de ferir muitos interesses, e mesmo a do arrendamento das estradas de ferro já está provocando reclamações. E' que em algumas estradas ha homens politicos, cuja influencia repousa principalmente sobre a faculdade de que gosam de distribuir empregos, e retiradas das mãos da administração publica essas estradas, elles ficam sem ponto de apoio para as suas pretenções pessoaes.

E como se introduziu nas normas do regimen o antigo uso das conferencias ministeriaes e das resoluções tomadas em commum, talvez mesmo por maioria de votos, a presença de um ministro prestigioso, como o Sr. Dr. Bernardino de Campos, mas sujeito a todas essas dependencias, póde influir de modo consideravel nas deliberações a tomar, desvirtuando o programma tão largamente traçado pelo Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, e que tão boa impressão causou no espirito publico.

Não fosse interino e de prazo incerto o governo do Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, e talvez uma luta aberta se estabelecesse entre S. Ex. e o dominio occulto e irresponsavel do quarto poder do Estado, luta em que estamos certos que este seria vencido, se ella se travasse no terreno de fazer vingar o plano de governo do chefe do Estado; mas, como tentar S. Ex. a aventura, arregimentar contra si, contra as suas legitimas ambições, uma legião de inimigos rancorosos, sem a convicção de que o paiz chegará a tirar proveito da luta pela fiel execução do programma?

Esta incerteza tira ao governo do Sr. vice-presidente todo o caracteristico que lhe podiam imprimir as suas qualidades pessoaes, que fazem de S. Ex. um homem que bem poderia minorar algumas das difficuldades da situação.

FERREIRA DE ARAUJO

NÃO CONSULTES MEDICO...

COMEDIA EM UM ACTO

PESSOAS..... D. LEOCADIA, D. CARLOTA, D. ADELAIDE, CAVALCANTE, MAGALHÃES

Um gabinete em casa de Magalhães, na Tijuca.

SCENA I

MAGALHÃES, D. ADELAIDE

(Magalhães lê um livro, D. Adelaide folheia um livro de gravuras)

Magalhães

Esta gente não terá vindo?

D. Adelaide

Parece que não. Já sairam ha um bom pedaço; felizmente o dia está fresco. Titia estava tão contente ao almoço! E hontem? Você viu que risadas que ella dava, ao jantar, ouvindo o Dr. Cavalcante? E o Cavalcante serio. Meu Deus, que homem triste! que cara de defunto!

Magalhães

Coitado do Cavalcante! Mas que quererá ella commigo? Falou-me em um obsequio.

D. Adelaide

Sei o que é.

Magalhães

Que é?

D. Adelaide

Por ora é segredo. Titia quer que levemos Carlota comnosco.

Magalhães

Para a Grecia?

D. Adelaide

Sim, para a Grecia.

Magalhães

Talvez ella pense que a Grecia é em Pariz. Eu aceitei a legação de Athenas porque não me dava bem em Guatemala, e não ha outra vaga na America. Nem é só por isso; você tem vontade de ir acabar a nossa lua de mel na Europa... Mas então Carlota vai ficar comnosco?

D. Adelaide

E' só algum tempo. Carlota gostava muito de um tal Rodrigues, capitão de engenharia, que casou com uma viuva hespanhola. Soffreu muito, e ainda agora anda meia triste; titia diz que ha de cural-a.

Magalhães, *rindo.*

E' a mania della.

D. Adelaide, *rindo.*

Só cura molestias moraes.

Magalhães

A verdade é que nos curou; mas, por muito que lhe paguemos em gratidão, fala-nos sempre da nossa antiga molestia. « Como vão os meus doentesinhos? Não é verdade que estão curados? »

D. Adelaide

Pois falemos-lhe nós da cura, para lhe dar gosto. Agora quer curar a filha.

Magalhães

Do mesmo modo?

D. Adelaide

Por ora não. Quer mandal-a á Grecia para que ella esqueça o capitão de engenharia.

Magalhães

Mas em qualquer parte se esquece um capitão de engenharia.

D. Adelaide

Titia pensa que a vista das ruinas e dos costumes differentes cura mais depressa. Carlota está com dezoito para dezenove annos; titia não a quer casar antes dos vinte. Desconfio que já traz um noivo em mente, um moço que não é feio, mas tem o olhar espantado.

Magalhães

E' um desarranjo para nós; mas, emfim, póde ser que lhe achemos lá na Grecia algum descendente de Alcibiades que a preserve do olhar espantado.

D. Adelaide

Ouço passos. Ha de ser titia...

Magalhães

Justamente! Continuemos a estudar a Grecia. *(Sentam-se outra vez, Magalhães lendo, D. Adelaide folheando o livro de gravuras).*

SCENA II

OS MESMOS, D. LEOCADIA

D. Leocadia *(pára á porta, desce pé ante pé e mette a cabeça entre os dois)*

Como vão os meus doentesinhos? Não é verdade que estão curados?

Magalhães, *á parte.*

E' isto todos os dias.

D. Leocadia

Agora estudam a Grecia; fazem muito bem. O paiz do casamento é que vocês não precisaram estudar.

D. Adelaide

A senhora foi a nossa geographia; foi quem nos deu as primeiras lições.

D. Leocadia

Não diga lições, diga remedios. Eu sou doutora, eu sou medica. Este (*indicando Magalhães*) quando voltou de Guatemala, tinha um ar exquisito; perguntei-lhe si queria ser deputado, disse-me que não; observei-lhe o nariz, e vi que era um triste nariz solitario...

Magalhães

Bonito! Já me disse isso cem vezes.

D. Leocadia, *voltando-se para elle e continuando.*

Esta *(designando Adelaide)* andava hypocondriaca. O medico da casa receitava pilulas, capsulas, formulas, uma porção de tolices que ella não tomava porque eu não deixava; o medico devia ser eu.

D. Adelaide

Foi uma felicidade. Que é que se ganha em engolir pilulas?

D. Leocadia

Apanham-se molestias.

D. Adelaide

Uma tarde, fitando eu os olhos de Magalhães...

D. Leocadia

Perdão, o nariz.

D. Adelaide

Vá lá. A senhora disse-me que elle tinha o nariz bonito, mas muito solitario. Não entendi; dois dias depois, perguntou-me si queria casar, eu não sei que disse, e acabei casando.

D. Leocadia

Não é verdade que estão curados?

Magalhães

Perfeitamente.

D. Leocadia

A proposito, como irá o Dr. Cavalcante? Que exquisitão! Disse-me hontem que a coisa mais alegre do mundo era um cemiterio. Perguntei-lhe se gostava aqui da Tijuca, respondeu-me que sim, e que o Rio de Janeiro era uma grande cidade. «E' a segunda vez que a vejo, disse elle; eu sou do Norte. E' uma grande cidade, José Bonifacio é um grande homem, a

rua do Ouvidor um poema, o chafariz da Carioca um bello chafariz, o Corcovado, o gigante de pedra, Gonçalves Dias, os *Tymbiras*, o Maranhão. Embrulhava tudo, a tal ponto que me fez rir. Elle é doido?

Magalhães

Não.

D. Leocadia

A principio, cuidei que era. Mas o melhor foi quande se serviu o perú. Perguntei-lhe que tal achava o perú. Ficou pallido, deixou cair o garfo, fechou os olhos e não me respondeu. Eu ia chamar a attenção de vocês, quando elle abriu os olhos e disse com voz surda: «D. Leocadia, eu não conheço o Perú...» Eu, espantada, perguntei: «Pois não está comendo?» «Não falo desta pobre ave; falo-lhe da republica do Perú.»

Magalhães

Pois conhece o Perú.

D. Leocadia

Então mentiu.

Magalhães

Não, porque nunca lá foi.

D. Leocadia, *a D. Adelaide.*

Mau! teu marido parece que tambem está virando o juizo (*A Magalhães*). Conhece então o Perú, como vocês estão conhecendo a Grecia... pelos livros.

Magalhães

Tambem não.

D. Leocadia

Pelos homens?

Magalhães

Não, senhora.

D. Leocadia

Então pelas mulheres?

Magalhães

Nem pelas mulheres.

D. Leocadia

Por uma mulher?

Magalhães

Por uma mocinha, filha do ministro do Perú em Guatemala. Já contei a historia a Adelaide. (*D. Adelaide senta-se folheando o livro de gravuras*).

D. Leocadia

Ouçamos a historia... E' curta?

Magalhães

Quatro palavras. Cavalcante estava em commissão do nosso governo, e frequentava o corpo diplomatico, onde era muito bem visto. Realmente, não se podia achar creatura mais dada, mais expansiva, mais estimavel. Um dia começou a gostar da peruana. A peruana era bella e alta, com uns olhos admiraveis. Cavalcante, dentro de pouco, estava doido por ella, não pensava em mais nada, não falava de outra pessoa. Quando a via ficava extatico. Si ella gostava delle não sei; é certo que o animava, e já se falava em casamento. Puro engano! Dolores voltou para o Perú, onde casou com um primo, segundo me escreveu o pai.

D. Leocadia

Elle ficou desconsolado, naturalmente.

Magalhães

Oh! não me fale! Quiz matar-se; pude impedir esse acto de desespero, e o desespero desfez-se em lagrimas. Caiu doente, uma febre que quasi o levou. Pediu dispensa da commissão, e, como eu tinha obtido seis mezes de licença, voltamos juntos. Não imagina o abatimento em que ficou, a tristeza profunda; chegou a ter as idéas baralhadas. Ainda agora diz alguns disparates, mas emenda-se logo e ri de si mesmo.

D. Leocadia

Quer que lhe diga? Já hontem suspeitei que era negocio de amores; achei-lhe um riso amargo... Terá bom coração?

Magalhães

Coração de ouro.

D. Leocadia

Espirito elevado?

Magalhães

Sim, senhora.

D. Leocadia

Espirito elevado, coração de ouro, saudades... Está entendido.

Magalhães

Entendido o que?

D. Leocadia

Vou curar o seu amigo Cavalcante. De que é que vocês se espantam?

D. Adelaide

De nada.

Magalhães

De nada, mas...

D. Leocadia

Mas que?

Magalhães

Parece-me...

D. Leocadia

Não parece nada; vocês são uns ingratos. Pois se confessam que eu curei o nariz de um e a hypocondria do outro, como é que põem em duvida que eu possa curar a maluquice do Cavalcante? Vou cural-o. Elle virá hoje?

D. Adelaide

Não vem todos os dias; ás vezes passa-se uma semana.

Magalhães

Mora perto daqui; vou escrever-lhe que venha. e, quando chegar, dir-lhe-ei que a senhora é o maior medico do seculo; cura o moral... Mas, minha tia, devo avisal-a de uma coisa; não lhe fale em casamento.

D. Leocadia

Oh! não!

Magalhães

Fica furioso quando lhe falam em casamento; responde que só se ha de casar com a morte... A senhora exponha-lhe...

D. Leocadia

Ora, meu sobrinho, vá ensinar o *padre-nosso* ao vigario. Eu sei o que elle precisa, mas quero estudar primeiro o doente e a doença. Já volto.

Magalhães

Não lhe diga que eu é que lhe contei o caso da peruana...

D. Leocadia

Mas si eu mesma adivinhei que elle soffria do coração. *(Sai; entra Carlota).*

SCENA III

MAGALHÃES, D. ADELAIDE, D. CARLOTA

D. Adelaide

Bravo! está mais corada agora!

D. Carlota

Foi do passeio.

D. Adelaide

De que é que você gosta mais, da Tijuca ou da cidade?

D. Carlota

Eu, por mim, ficava mettida aqui na Tijuca.

Magalhães

Não creio. Sem bailes? sem theatro lyrico?

D. Carlota

Os bailes cançam; e não temos agora theatro lyrico.

Magalhães

Mas, em summa, aqui ou na cidade, o que é preciso é que você ria; esse ar tristonho faz-lhe a cara feia.

D. Carlota

Mas, eu rio. Ainda agora não pude deixar de rir vendo o Dr. Cavalcante.

Magalhães

Porque?

D. Carlota

Elle passava ao longe, a cavallo, tão distraido que levava a cabeça caida entre as orelhas do animal; ri da posição, mas lembrei-me que podia cair e ferir-se, e estremeci toda.

Magalhães

Mas não caiu?

D. Carlota

Não.

D. Adelaide

Titia viu tambem?

D. Carlota

Mamãi ia-me falando da Grecia, do céu da Grecia, dos monumentos da Grecia, do rei da Grecia; toda ella é Grecia, fala como si tivesse estado na Grecia.

D. Adelaide

Você quer ir comnosco para lá?

D. Carlota

Mamãi não ha de querer.

D. Adelaide

Talvez queira. *(Mostrando-lhe as gravuras do livro)*. Olhe que bonitas vistas! Isto são ruinas. Aqui está uma scena de costumes. Olha esta rapariga com um pote...

Magalhães, *á janella.*

Cavalcante ahi vem.

Carlota

Não quero vel-o.

Adelaide

Porque?

Carlota

Agora que passou o medo, posso rir-me lembrando a figura que elle fazia.

Adelaide

Eu tambem vou. (*Saem as duas; Cavalcante apparece á porta, Magalhães deixa a janella*).

SCENA IV

CAVALCANTE, MAGALHÃES

Magalhães

Entra. Como passaste a noite?

Cavalcante

Bem. Dei um bello passeio; fui até o Vaticano e vi o papa. (*Magalhães olha espantado*). Não te assustes, não estou doido. Eis o que foi: o meu cavallo ia para um lado e o meu espirito para outro. Eu pensava em fazer-me frade; então todas as minhas idéas vestiram-se de burel, e entrei a ver sobrepelizes e tochas; emfim, cheguei a Roma, apresentei-me á porta do Vaticano e pedi para ver o papa. No momento em que Sua Santidade appareceu, prosternei-me, depois estremeci, despertei e vi que o meu corpo seguira atráz do sonho, e que eu ia quasi caindo.

Magalhães

Foi então que a nossa prima Carlota deu comtigo ao longe.

Cavalcante

Tambem eu a vi, e, de vexado, piquei o cavallo.

Magalhães

Mas então ainda não perdeste essa idéa de te fazeres frade?

Cavalcante

Não.

Magalhães

Que paixão romanesca!

Cavalcante

Não, Magalhães; reconheço agora o que vale o mundo com as suas perfidias e tempestades. Quero achar um abrigo contra ella; esse abrigo é o claustro. Não sairei mais nunca da minha cella, e buscarei esquecer diante do altar...

Magalhães

Olha que vás cair do cavallo!

Cavalcante

Não te rias, meu amigo.

Magalhães

Não; quero só acordar-te. Realmente, estás ficando maluco. Não penses mais em similhante moça. Ha no mundo milhares e milhares de moças iguaes á bella Dolores...

Cavalcante

Milhares e milhares ? Mais uma razão para que eu me esconda em um convento. Mas é engano ; ha só uma, e basta.

Magalhães

Bem ; não ha remedio senão entregar-te a minha tia.

Cavalcante

A tua tia ?

Magalhães

Minha tia crê que tu deves padecer de alguma doença moral,—e adivinhou,—e fala de curar-te. Não sei si sabes que ella vive na persuasão de que cura todas as enfermidades moraes.

Cavalcante

Oh ! eu sou incuravel !

Magalhães

Por isso mesmo deves sujeitar-te aos seus remedios. Si te não curar, dar-te-á alguma distracção, e é o que eu quero. (*Abre a charuteira, que está vasia*) Olha, espera aqui, lê algum livro ; eu vou buscar charutos. (*Sai ; Cavalcante pega num livro e senta-se*)

SCENA V

CAVALCANTE, D. CARLOTA, *apparecendo ao fundo, após um instante.*

D. Carlota

Primo... (*vendo Cavalcante*) Ah ! perdão !

Cavalcante (*erguendo-se*)

Perdão de que ?

D. Carlota

Cuidei que meu primo estava aqui ; vim buscar um livro de gravuras de prima Adelaide ; está aqui...

Cavalcante

A senhora viu-me passar a cavallo, ha uma hora, numa posição incommoda e inexplicavel.

D. Carlota

Perdão, mas...

Cavalcante

Quero dizer-lhe que eu levava na cabeça uma idéa séria, um negocio grave.

D. Carlota

Creio.

Cavalcante

Deus queira que nunca possa entender o que era ! Basta crer. Foi a distracção que me deu aquella postura inexplicavel. Na minha familia quasi todos são distraidos. Um dos meus tios morreu na guerra do Paraguay, por causa de uma distracção ; era capitão de engenharia...

D. Carlota (*perturbada*)

Oh ! não me fale !

Cavalcante

Porque ? Não póde tel-o conhecido.

D. Carlota

Não, senhor; desculpe-me, sou um pouco tonta. Vou levar o livro a minha prima.

Cavalcante

Peço-lhe perdão, mas...

D. Carlota

Passe bem. *(Vai até a porta).*

Cavalcante

Mas, eu desejava saber...

D. Carlota

Não, não, perdôe-me. *(Sai).*

SCENA VI

Cavalcante (*só*)

Não comprehendo; não sei si a offendi. Falei no tio João Pedro, que morreu no Paraguay, antes della nascer...

SCENA VII

CAVALCANTE, D. LEOCADIA

D. Leocadia, *ao fundo, á parte*

Está pensando. *(Desce)*. Bom dia, Dr. Cavalcante!

Cavalcante

Como passou, minha senhora?

D. Leocadia

Bem, obrigada. Então meu sobrinho deixou-o aqui só?

Cavalcante

Foi buscar charutos; já volta.

D. Leocadia

Os senhores são muito amigos.

Cavalcante

Somos como dois irmãos.

D. Leocadia

Magalhães é um coração de ouro, e o senhor parece-me outro. Acho-lhe só um defeito, doutor... Desculpe-me esta franqueza de velha; acho que o senhor fala trocado.

Cavalcante

Disse-lhe hontem algumas tolices, não?

D. Leocadia

Tolices, é muito; umas palavras sem sentido.

Cavalcante

Sem sentido, insensatas, vem a dar na mesma.

D. Leocadia, *pegando-lhe nas mãos.*

Olhe bem para mim. *(Pausa)* Suspire. *(Cavalcante suspira).* O senhor está doente; não negue que está doente, — moralmente, entenda-se; não negue! *(Solta-lhe as mãos).*

Cavalcante

Negar seria mentir. Sim, minha senhora, confesso que tive um grandissimo desgosto...

D. Leocadia

Jogo de praça?

Cavalcante

Não, senhora.

D. Leocadia

Ambições politicas mallogradas?

Cavalcante

Não conheço politica.

D. Leocadia

Algum livro mal recebido pela imprensa?

Cavalcante

Só escrevo cartas particulares.

D. Leocadia

Não atino. Diga francamente; eu sou medico de enfermidades moraes, e posso cural-o. Ao medico diz-se tudo. Ande, fale, conte-me tudo, tudo, tudo. Não se trata de amores?...

Cavalcante, *suspirando.*

Trata-se justamente de amores.

D. Leocadia

Paixão grande?

Cavalcante

Oh! immensa!

D. Leocadia

Não quero saber o nome da pessoa; não é preciso. Naturalmente bonita?

Cavalcante

Como um anjo!

D. Leocádia

O coração tambem era de anjo?

Cavalcante

Póde ser, mas de anjo máu.

D. Leocadia

Uma ingrata...

Cavalcante

Uma perversa!

D. Leocadia

Diabolica...

Cavalcante

Sem entranhas!

D. Leocadia

Vê que estou adivinhando. Console-se; uma creatura dessas não acha casamento.

Cavalcante

Já achou!

D. Leocadia

Já?

Cavalcante

Casou, minha senhora; teve a crueldade de casar com um primo.

D. Leocadia

Os primos quasi que não nascem para outra coisa. Diga-me, não procurou esquecer o mal nas folias proprias de rapazes?

Cavalcante

Oh! não! Meu unico prazer é pensar nella.

D. Leocadia

Desgraçado! Assim nunca ha de sarar.

Cavalcante

Vou tratar de esquecel-a.

D. Leocadia

De que modo?

Cavalcante

De um modo velho; alguns dizem que já obsoleto e archaico. Penso em fazer-me frade. Ha de haver em algum recanto do mundo um claustro em que não penetre sol nem lua.

D. Leocadia

Que illusão! Lá mesmo achará a sua namorada. Ha de vel-a nas paredes da cella, no tecto, no chão, nas folhas do breviario. O silencio far-se-á boca da moça, a solidão será o seu corpo.

Cavalcante

Então estou perdido. Onde acharei paz e esquecimento?

D. Leocadia

Póde ser frade sem ficar no convento. No seu caso o remedio naturalmente indicado é ir pregar... na China, por exemplo. Vá pregar aos infieis na China. Paredes de convento são mais perigosas que olhos de chinezas. Ande, vá pregar na China. No fim de dez annos está curado. Volte metta-se no convento e não achará lá o diabo.

Cavalcante

Está certa que na China...

D. Leocadia

Certissima.

Cavalcante

O seu remedio é muito amargo! Porque é que não manda antes para o Egypto? Tambem é paiz de infieis.

D. Leocadia

Não serve; é a terra daquella rainha... Como se chama?

Cavalcante

Cleopatra? Morreu ha tantos seculos!

D. Leocadia

Meu marido dizia que era uma desmiolada.

Cavalcante

Seu marido era talvez um erudito. Minha senhora, não se aprende a amar nos livros velhos, mas nos olhos bonitos; por isso, estou certo que elle adorava a V. Ex.

D. Leocadia

Ah! ah! Já o doente começa a adular o medico. Não, senhor, ha de ir á China. Lá ha mais livros velhos que olhos bonitos. Oh não tem confiança em mim?

Cavalcante

Oh! tenho, tenho. Mas, ao doente é permittido fazer uma careta antes de engolir a pilula. Obedeço; vou para a China. Dez annos, não?

D. Leocadia

Dez ou quinze, si quizer; mas antes dos quinze está curado.

Cavalcante

Vou.

D. Leocadia

Muito bem. A sua doença é tal que só com remedios fortes. Vá; dez annos passam depressa.

Cavalcante

Obrigado, minha senhora.

D. Leocadia

Até logo.

Cavalcante

Não, minha senhora, vou já.

D. Leocadia

Já para a China.

Cavalcante

Vou arranjar as malas, e a amanhan embarco para a Europa; vou a Roma, depois sigo immediatamente para a China. Até daqui a dez annos. (*Estende-lhe a mão*).

D. Leocadia

Fique ainda uns dias...

Cavalcante

Não posso.

D. Leocadia

Gosto de vêr esta pressa, mas emfim, póde esperar ainda uma semana.

Cavalcante

Não, não devo esperar. Quero ir ás pilulas, quanto antes; é preciso obedecer religiosamente ao medico.

D. Leocadia

Como eu gosto de ver um doente assim! O senhor tem fé no medico. O peior é que d'aqui a pouco talvez não se lembre delle.

Cavalcante

Oh! não! Hei de lembrar-me sempre, sempre.

D. Leocadia

No fim de dois annos escreva-me; informe-me sobre o seu estado, e talvez eu o faça voltar da China. Mas não minta, olhe lá; e si já tiver esquecido a namorada, consentirei que volte.

Cavalcante

Obrigado. Vou ter com seu sobrinho, e depois vou arranjar as malas.

D. Leocadia

Então, não volta mais a esta casa?

Cavalcante

Virei d'aqui a pouco, uma visita de dez minutos, e depois desço, vou tomar passagem no paquete de amanhan.

D. Leocadia

Jante, ao menos, comnosco.

Cavalcante

Janto na cidade.

D. Leocadia

Bem, adeus; guardemos o nosso segredo. Adeus, Dr. Cavalcante. Creia-me; o senhor merece estar doente. Ha pessoas que adoecem

sem merecimento nenhum: ao contrario, não merecem outra coisa mais que uma saude de ferro. O senhor nasceu para adoecer; que obediencia ao medico! que facilidade em engolir todas as nossas pilulas! Adeus!

Cavalcante

Adeus, D. Leocadia! (*Sai pelo fundo*).

SCENA VIII

D. LEOCADIA, D. ADELAIDE

D. Leocadia

Com dois annos de China está curado. (*Vendo entrar Adelaide*). O Dr. Cavalcante saiu agora mesmo. Ouviste o meu exame medico?

D. Adelaide

Não. Que lhe pareceu?

D. Leocadia

Cura-se.

D. Adelaide

De que modo?

D. Leocadia

Não posso dizer; é o segredo profissional.

D. Adelaide

Em quantas semanas fica bom?

D. Leocadia

Em dez annos.

D. Adelaide

Misericordia! Dez annos!

D. Leocadia

Talvez dois; é moço, é robusto, a natureza ajudará a medicina, comquanto esteja muito atacado. Ahi vem teu marido.

SCENA IX

OS MESMOS, MAGALHÃES

Magalhães, *a D. Leocadia.*

Cavalcante disse-me que vai embora; eu vim correndo saber o que lhe receitou.

D. Leocadia

Receitei-lhe um remedio energico, mas que ha de salval-o. Não são consolações de cacaracá. Coitado! Soffre muito, está gravemente doente; mas, descancem, meus filhos, juro-lhes á fé do meu grau, que hei de cural-o. Tudo é que me obedeça, e este obedece. Oh! aquelle crê em mim. E vocês meus filhos? Como vão os meus doentinhos? Não é verdade que estão curados? (*Sai pelo fundo*).

SCENA X

MAGALHÃES, D. ADELAIDE

Magalhães

Tinha vontade de saber o que é que ella lhe receitou.

D. Adelaide

Não falemos disto.

Magalhães

Sabes o que foi?

D. Adelaide

Não; mas titia disse-me que a cura se fará em dez annos. (*Espanto de Magalhães*). Sim, dez annos; talvez dois, mas a cura certa é em dez annos.

Magalhães, *atordoado.*

Dez annos!

D. Adelaide

Ou dois.

Magalhães

Ou dois?

D. Adelaide

Ou dez.

Magalhães

Dez annos! Mas é impossivel! Quiz brincar comtigo. Ninguem leva dez annos a sarar; ou sára antes ou morre.

D. Adelaide

Talvez ella pense que a melhor cura é a morte.

Magalhães

Talvez. Dez annos!

D. Adelaide

Ou dois; não esqueças.

Magalhães

Sim, ou dois; dois annos é muito, mas ha casos... Dez annos! Vou ter com elle.

D. Adelaide

Si titia quiz enganar a gente, não é bom que os estranhos saibam. Vamos falar com ella, e talvez que, pedindo muito, ella diga a verdade. Mas não leves essa cara assustada; é preciso falar-lhe naturalmente, com indifferença.

Magalhães

Pois vamos.

D. Adelaide

Pensando bem, é melhor que eu vá só; entre mulheres...

Magalhães

Não; ella continuará a zombar de você; vamos juntos, estou sobre brazas.

D. Adelaide

Vamos.

Magalhães

Dez annos!

D. Adelaide

Ou dois (*Saem pelo fundo*).

SCENA XI

D. Carlota, *entrando pela esquerda.*

Ninguem! Afinal foram-se. Esta casa anda hoje cheia de mysterios. Ha um quarto de hora quiz vir aqui, e a prima Adelaide disse-me que não, que se tratavam aqui negocios graves. Pouco depois, levantou-se e saiu; mas antes disso contou-me que mamãi é que quer que eu vá para a Grecia. A verdade é que todos me falam de Athenas, de ruinas, de danças gregas, da Acropole... Creio que é Acropole que se diz (*Pega no livro que Magalhães estivera lendo, abre e lê*) «Entre os proverbios gregos, ha um muito fino: Não consultes medico; consulta alguem que tenha estado doente.» (*Falando*) Consultar alguem que tenha estado doente! Não sei que possa ser. (*Continúa a ler em voz baixa*).

SCENA XII

D. CARLOTA, CAVALCANTE

Cavalcante, *ao fundo.*

D. Leocadia! (*Entra e fala de longe a Carlota, que está de costas*) Quando eu ia a sair, lembrei-me...

D. Carlota

Quem é? (*Levanta-se*) Ah! doutor!

Cavalcante

Desculpe-me, vinha falar á senhora sua mãi para lhe pedir um favor.

D. Carlota

Vou chamal-a.

Cavalcante

Não se incommode; falar-lhe-ei logo. Saberá por acaso si a senhora sua mãi conhece algum cardeal em Roma?

D. Carlota

Não sei, não, senhor.

Cavalcante

Queria pedir-lhe uma carta de apresentação; voltarei mais tarde. (*Corteja, sobe e pára*) Ah! aproveito a occasião para lhe perguntar ainda uma vez em que é que a offendi?

D. Carlota

O senhor nunca me offendeu.

Cavalcante

Certamente que não ; mas ainda ha pouco, falando-lhe de um tio meu, que morreu no Paraguay, tio João Pedro, capitão de engenharia...

D. Carlota, *atalhando.*

Porque é que o senhor quer ser apresentado a um cardeal ?

Cavalcante

Bem respondido ! Confesso que fui indiscreto com a minha pergunta. Já ha de saber que eu tenho distracções repentinas, e quando não caio no ridiculo, como hoje de manhan, caio na indiscrição. São segredos mais graves que os seus. E' feliz, é bonita, póde contar com o futuro, emquanto que eu... Mas eu não quero aborrecel-a. O meu caso ha de andar em romances (*indicando o livro que ella tem na mão*) talvez nesse.

D. Carlota

Não é romance. (*Dá-lhe o livro*).

Cavalcante

Não ? (*Lê o titulo*) Como ? Está estudando a Grecia ?

D. Carlota

Estou.

Cavalcante

Vai para lá?

D. Carlota

Vou, com a prima Adelaide.

Cavalcante

Viagem de recreio, ou vai tratar-se ?

D. Carlota

Deixe-me ir chamar mamãe.

Cavalcante

Perdoe-me ainda uma vez ; fui indiscreto, retiro-me. (*Dá alguns passos para sair*).

D. Carlota

Doutor ! (*Cavalcante pára*) Não se zangue commigo ; sou um pouco tonta, o senhor é bom...

Cavalcante, *descendo*.

Não diga que sou bom ; os infelizes são apenas infelizes. A bondade é toda sua. Ha poucos dias que nos conhecemos, e já nos zangamos, por minha causa. Não proteste ; a causa é a minha molestia.

D. Carlota

O senhor está doente ?

Cavalcante

Mortalmente.

D. Carlota

Não diga isso.

Cavalcante

Ou gravemente, si prefere.

D. Carlota

Ainda é muito. E que molestia é ?

Cavalcante

Quanto ao nome, não ha accordo : loucura, espirito romanesco e muitos outros. Alguns dizem que é amor. Olhe, está outra vez aborrecida commigo !

D. Carlota

Oh ! não, não, não. (*Procurando rir*) E' o contrario. Estou até muito alegre. Diz-me então que está doente, louco...

Cavalcante

Louco de amor, é o que alguns dizem. Os autores divergem. Eu prefiro amor, por ser mais bonito, mas a molestia, qualquer que seja a causa, é cruel e terrivel. Não póde comprehender este *embroglio* ; peça a Deus que a conserve nessa boa e feliz ignorancia. Porque é que me está olhando assim ? Quer talvez saber...

D. Carlota

Não, não quero saber nada.

Cavalcante

Não é crime ser curiosa.

D Carlota

Seja ou não loucura, não quero ouvir historias como a sua.

Cavalcante

Já sabe qual é.

D. Carlota

Não.

Cavalcante

Não tenho direito de interrogal-a; mas ha já dez minutos que estamos neste gabinete, falando de coisas bem esquisitas para duas pessoas que apenas se conhecem.

D. Carlota, *estendendo-lhe a mão.*

Até logo.

Cavalcante

A sua mão está fria. Não se vá ainda embora; hão de achal-a agitada. Socegue um pouco, sente-se. (*Carlota senta-se*). Eu retiro-me.

D. Carlota

Passe bem.

Cavalcante

Até logo.

D. Carlota

Volta logo?

Cavalcante

Não, não volto mais; queria enganal-a.

D. Carlota

Enganar-me porque?

Cavalcante

Porque já fui enganado uma vez. Ouça-me; são duas palavras. Eu gostava muito de uma moça que tinha a sua belleza, e ella casou com outro. Eis a minha molestia.

D. Carlota, *erguendo-se.*

Como assim?

Cavalcante

E' verdade; casou com outro.

D. Carlota, *indignada.*

Que acção vil!

Cavalcante

Não acha?

D. Carlota

E ella gostava do senhor?

Cavalcante

Apparentemente; mas, depois vi que eu não era mais que um passa-tempo.

D. Carlota, *animando-se aos poucos.*

Um passa-tempo! Fazia-lhe juramentos, dizia-lhe que o senhor era a sua unica ambição, o seu verdadeiro Deus, parecia orgulhosa em contemplal-o por horas infinitas, dizia-lhe tudo, tudo, umas coisas que pareciam cair do ceu, e suspirava...

Cavalcante

Sim, suspirava, mas...

D. Carlota, *muito animada.*

Um dia abandonou-o, sem uma só palavra de saudade nem de consolação; fugiu e foi casar com uma viuva hespanhola!

Cavalcante, *muito espantado*

Uma viuva hespanhola!

D. Carlota

Ah! tem muita razão em estar doente!

Cavalcante

Mas que viuva hespanhola é essa de que me fala?

D. Carlota, *caindo em si*

Eu falei-lhe de uma viuva hespanhola?

Cavalcante

Falou.

D. Carlota

Foi engano... Adeus, Sr. doutor.

Cavalcante

Espera um instante. Creio que me comprehendeu. Falou com tal paixão que os medicos não têm. Oh! como eu execro os medicos, principalmente os que me mandam para a China.

D. Carlota

O senhor vai para a China?

Cavalcante

Vou, mas não diga nada; foi sua mãi que me deu esta receita.

D. Carlota

A China é muito longe!

Cavalcante

Creio até que está fóra do mundo.

D. Carlota

Tão longe porque?

Cavalcante

Boa palavra essa. Sim, porque ir a China, si a gente póde parar na Grecia? Dizem que a Grecia é muito efficaz para estas feridas; há quem affirme que não ha melhor para as que são feitas pelos capitães de engenharia. Quanto tempo vai lá passar?

D. Carlota

Não sei. Um anno, talvez.

Cavalcante

Crê que eu possa sarar num anno?

D. Carlota

E' possivel.

Cavalcante

Talvez sejam precisos dois, dois ou tres.

D. Carlota

Ou tres.

Cavalcante

Quatro, cinco...

D. Carlota

Cinco, seis...

Cavalcante

Depende menos do paiz que da doença.

D. Carlota

Ou do doente.

Cavalcante

Ou, do doente. Já a passagem do mar póde ser que me faça bem. A minha molestia casou com um primo. A sua (perdoe esta outra indiscrição; é a ultima) a sua casou com a viuva hespanhola. As hespanholas, mormente viuvas, são detestaveis. Mas diga-me uma coisa. Si uma pessoa já está curada, que é que vai fazer á Grecia?

D. Carlota

Convalescer, naturalmente. O senhor, como ainda está doente, vai para a China.

Cavalcante

Tem razão. Entretanto, começo a ter medo de morrer... Pensou alguma vez na morte?

D. Carlota

Pensa-se nella, mas lá vem um dia em que a gente aceita a vida, seja como fôr.

Cavalcante

Vejo que sabe muita coisa.

D. Carlota

Não sei nada; sou uma tagarella, que o senhor obrigou a dar por paus e por pedras; mas como é a ultima vez que nos vemos, não importa. Agora, passe bem.

Cavalcante

Adeus, D. Carlota!

D. Carlota

Adeus, doutor!

Cavalcante

Adeus. (*Dá um passo para a porta do fundo*). Talvez eu vá a Athenas; não fuja si me vir vestido de frade...

D. Carlota, *indo a elle*.

De frade? O senhor vai ser frade?

Cavalcante

Frade. Sua mãi approva-me, comtanto que eu vá á China. Parece-lhe que devo obedecer a esta vocação, ainda depois de perdida?

D. Carlota

E' difficil obedecer a uma vocação perdida.

Cavalcante

Talvez nem a tivesse, e ninguem se deu ao trabalho de me dissuadir Foi aqui, a seu lado, que comecei a mudar. A sua voz sai de um coração que padeceu tambem, e sabe falar a quem padece. Olhe, julgue-me doido, si quizer, mas eu vou pedir-lhe um favor; conceda-me que a ame. *(Carlota, perturbada, volta o rosto)*. Não lhe peço que me ame, mas que se deixe amar; é um modo de ser grato. Si fosse uma santa, não podia impedir que lhe accendesse uma vela.

D. Carlota

Não falemos mais nisto, e separemo-nos.

Cavalcante

A sua voz treme; olhe para mim...

D. Carlota

Adeus; ahi vem mamãi.

SCENA XIII

OS MESMOS, D. LEOCADIA

D. Leocadia

Que é isto, doutor? Então o senhor quer só um anno de China? Vieram pedir-me que reduzisse a sua ausencia.

Cavalcante

D. Carlota lhe dirá o que eu desejo.

D. Carlota

O doutor veiu saber si mamãi conhece algum cardeal em Roma.

Cavalcante

A principio era um cardeal; agora basta um vigario.

D. Leocadia

Um vigario? Para que?

Cavalcante

Não posso dizer.

D. Leocadia, *a D. Carlota.*

Deixa-nos sós, Carlota; o doutor quer fazer-me uma confidencia.

Cavalcante

Não, não, ao contrario... D. Carlota póde ficar. O que eu quero dizer é que um vigario basta para casar.

D. Leocadia

Casar a quem?

Cavalcante

Não é já, falta-me ainda a noiva.

D. Leocadia

Mas quem é que me está falando?

Cavalcante

Sou eu, D. Leocadia.

D. Leocadia

O senhor! o senhor! o senhor!

Cavalcante

Eu mesmo. Pedi licença a alguem...

D. Leocadia

Para casar?

SCENA XIV

OS MESMOS, MAGALHÃES, D. ADELAIDE

Magalhães

Consentiu, titia?

D. Leocadia

Em reduzir a China a um anno? Mas elle agora quer a vida inteira.

Magalhães

Está doudo?

D. Leocadia

Sim, a vida inteira, mas é para casar. *(D. Carlota fala baixo a D. Adelaide)*. Você entende, Magalhães?

Cavalcante

Eu que devia entender, não entendo.

D. Adelaide, *que ouviu D. Carlota.*

Entendo eu. O Dr. Cavalcante contou as suas tristezas a Carlota, e Carlota, meia curada do seu proprio mal, expoz sem querer o que tinha sentido. Entenderam-se e casam-se.

D. Leocadia, *a D. Carlota.*

Devéras? *(D. Carlota baixa os olhos)*. Bem; como é para saude dos dois, concedo; são mais duas curas!

Magalhães

Perdão; estas fizeram-se pela receita de um proverbio grego que está aqui neste livro. *(Abre o livro)*. « Não consultes medico; consulta alguem que tenha estado doente. »

MACHADO DE ASSIS

PREFACIO A UM LIVRO DE VERSOS

«MYRTOS» POESIAS DE THEMISTOCLES MACHADO

Meu bom Themistocles Machado.

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1896.

Ha mezes que tenho sobre a minha secretária, posto em lugar mais evidente como trabalho de mais urgencia, o rolo dos originaes de seus versos, dos seus verdes «Myrtos», lidos com cuidado e deleite, para escrever-lhe o promettido prefacio. Cada manhan, cada noite em que posso sentar-me, para trabalhar com algum socego, tenho de adiar mais uma vez o prefacio para attender a coisas que não podem esperar — o folhetim para a *Noticia*, o meu romance, umas provas a rever, preparar a conferencia que tenho de pronunciar no mesmo dia ou no seguinte, um livro que sou forçado a ler ou varios que tenho de folhear para delles escrever, um monte de cartas a responder... que sei eu? E o rolo de papeis — meias folhas azues, em que sua noiva, hoje esposa, copiou carinhosamente os seus carmes, fica resignadamente á espera sem um queixume, aliás, diga-se em honra á verdade.

Além dessas, outra razão tem havido para esta demora excessiva e que eu não tentarei justificar — e é o desejo de escrever um trabalho regular, de algum folego, digno do seu talento e da

sympathia que tenho a V. Mas estou desanimado; partiu-se o ultimo fio de esperança — e bem fragil era — a que me agarrava. E escrevo-lhe para dizer-lhe, meu amigo, que não pude, apezar da melhor vontade, escrever o prefacio ao seu livro, a não ser que V. considere tal, na sua bondade, esta carta descosida e rapida, com que me allivío, emfim, do compromisso tomado e liberto a V. de esperar-lhe a execução.

Mas, afinal, bem pesadas as coisas, que perde V. em lhe eu não dar o proemio? Nada. Não vou reeditar as velhas facecias contra os prologos. Mas penso que elles são inuteis, quando não são nocivos, porque si o livro é deveras bom, o prologo não o torna melhor e ao seu lado empallidece, fica insignificante, e si é mau, sendo o prologo bom, este abafa o livro, torna-o peior. Um prejudica ao outro. Por outro lado, acontece uma destas coisas: ou o prefaciador faz a critica do livro, e isso não é razoavel, porque é collocar o carro adiante dos bois, nem o critico, lisongeado com o convite se sente livre inteiramente para julgar a obra, ou o prefaciador limita-se a digredir vaga e romanticamente sobre poesia, poetas, natureza, amor, sentimentos, sem utilidade para ninguem ou ainda e por fim, despeja sobre o autor do livro um cesto de elogios floridos e excessivos, emphaticamente mentidos, collocando-se e ao outro em posição ridicula.

Por isso vão caindo de moda os prefacios. Sei que V. convidando-me para escrever um ao seu primeiro livro, quiz significar-me o seu reconhecimento fidalgo e generoso pelo pouco que pude fazer pelo seu nome, acolhendo-o na *Semana* com sympathia e dando aos seus primeiros ensaios o apoio e o conselho da minha experiencia. O seu caso é tão raro; tão poucos têm sido os moços que, havendo solicitado a apresentação ao publico pela minha mão, disso se lembram depois, que a fidelidade do meu caro Themistocles áquelle sentimento, para mim o mais nobre da natureza humana, sensibilisou-me ao ponto de não poder recusar-lhe tão pequeno serviço.

Pareceu-me que havia em V. um poeta, desde que li os seus primeiros versos, *O Viatico*, lembra-se?

« Deixa que á sombra morna e carinhosa
Do teu pequeno e carinhoso leito,
Descance a minha fronte angustiosa
Sobre a pelucia branca de teu peito

Trago os pés lacerados dos espinhos,
O coração das urzes lacerado,
Dá-lhes a luz de teu olhar magoado,
O calor baptismal de teus carinhos.

Venho de estranhos climas foragido,
Das remotas paragens da Saudade,
Sósinho, triste, exanime, ferido,
Pedir conforto á tua mocidade.

Etc... »

Impressionaram-me a singeleza e a sinceridade desses versos, e, inserindo-os na *Semana*, verifiquei que essa impressão se repetia em quantos dos meus companheiros os leram tambem. Do novel poeta não primavam os versos pela correcção severa da fórma, nem pelo perigrinismo das rimas, nem pela originalidade das idéas ou estranheza das imagens. Mas havia nelles isso que era a unica fortuna dos de Musset — alma; isso que a arte não ensina, que o esforço acurado não consegue, que não se adquire porque é innato, ingenito, doado pela mão intelligente e generosa da Providencia ou pela força inconsciente e incontrastavel da Natureza.

Pegue alguem, (sensivel aos encantos da poesia e esperto no seu manejo) de um volume qualquer de versos, abra-o ao acaso, leia alguns. Si ali não está uma alma de poeta, póde a metrificação ser perfeita, a rima opulenta, os conceitos bizarros, a fantasia heteroclita... o leitor achará encanto, interesse, curiosidade; mas, lidas algumas paginas, fechará o volume com fastio ou indifferença. Mas si o livro fôr de um verdadeiro poeta!... Póde a fórma claudicar, ser pobre a rima, serem velhos os themas... esse leitor, passadas pelos olhos algumas estrophes, *sentirá* logo alguma coisa de ineffavel por subtil e indefinido, não na cabeça, mas no coração, que entrará de palpitar em unisono com o do poeta; e está feita a communhão do autor e do leitor.

Ora este é justamente o caso seu, meu caro Themistocles. Você é ainda um artista incompleto, timido, inseguro do seu instrumento. Não talha ainda o verso com o vigor e a largueza de um Olavo Bilac, nem o burila com o carinho e o cuidado minucioso de um Raymundo Corrêa... Que importa, porém, si V. sabe e póde vasar nos seus versos ingenuos e simples a sua alma, e si a sua alma é de poeta?

Olhe, lembra-se bem, não é assim? — daquella maravilhosa composição dos *Versos e Versões* intitulada *Versos a um artista*? Aconselhando-o a que tome Nissia, como modelo de belleza antiga para o seu quadro, diz-lhe o poeta:

« Pinta-a. Esse ignobil, rustico tamanco
Tira-lhe ao branco pé; e, por seu turno,
Calça-lhe o pé tão branco
(Mais digno de um cothurno) de um cothurno. »

A sua poesia é como o pé de Nissia: digno de um cothurno, mas apenas calçado do tamanco rustico. Mas, sabe? prefiro-o assim, o pé de Nissia, porque com um movimento leve o tamanco saltará fóra e esse mimo branco e delicioso mais facilmente estará patente aos meus olhos e proximo de meus labios. A sua inspiração calça ainda o tamanquinho sertanejo... Que importa? E' tão alva, tão fresca, tão delicada!... O cothurno estreito e ceremonioso do parnasianismo iria talvez deformal-a...

Os livros de versos requintados, sem uma ruga na chlamyde, sem um fio rebelde nos cabellos, sem um descuido nas attitudes, são salões nobres e ricos, alcatifados a primor, atapetados de quinquilharias preciosas. Agrada-me passar nelles algumas horas, scismando, vivendo com distincção... Mas, por isso mesmo, encanta-me ainda mais sair algumas vezes de pés nús pela veiga matinal, sentindo nas palmas o contacto fresco do gramado humido e surprehender a Natureza na sua divina simplicidade.

E, si V. deseja ter todo o meu pensamento e o conselho delle decorrente, dir-lhe-ei que os poetas como V. e o seu patricio velho Juvenal Galeno e o seu patricio moço Alvaro Martins, são necessarios, indispensaveis, nesta adiantada hora da vida mental contemporanea, porque são elles que mantêm o prestigio da Poesia, que a impedem de morrer na alma popular, nas camadas intellectualmente inferiores. O apuramento da fórma, o seu requintar artistico — afasta, leva a Poesia muito para longe e para cima do povo, o qual, não encontrando quem nelle se inspire nem para elle escreva, acredita que os bellos e simples sentimentos não vivem mais na alma humana por os não ver cantados e celebrados como outr'ora.

Catulle Mendés — o fino e numeroso poeta que V. como eu admira — escreveu algures que « quanto mais a democracia invade e conquista os costumes, tanto mais a arte tende a ser o apanagio

de uma *élite*, de uma aristocracia bizarra, doentia e encantadora »: E entre nós, como já tive ensejo de observar na conferencia acerca da obra poetica de Raymundo Corrêa, tem se verificado perfeitamente o asserto do poeta francez. Ao passo que a arte de escrever, acompanhando o progresso das outras, se aperfeiçôa, se requinta, se vai tornando mais fina e mais nobre, o gosto literario da população nenhum signal de adiantamento apresenta, mostra-se estacionario, si não retrogrado. Porque? A razão será a democratização dos costumes, como observou Mendés? Entre nós, não o creio.

Inclino-me a crer que a explicação se encontrará no incremento espantoso que tem ultimamente assumido a politica, incremento absorvente da attenção e dissolvente de todas as tendencias para a Arte. A politica tem confinado os escriptores a ella adversos em um culto mais assiduo e rigoroso da Arte, sobretudo a da palavra escripta, ao passo que tem desinteressado della completamente a massa, alimentando-lhe a curiosidade mental com a actividade febril das voltas, reviravoltas e... revoltas da nossa politica, cada vez mais triste e mais desgraçada. D'ahi a necessidade de escriptores ao alcance da intelligencia e do preparo do povo, capazes de fornecer-lhe o pão espiritual de que elle carece, de fazel-o commungar a hostia do Ideal.

E, não cuide V. sem maior exame que vá nisso alguma inferioridade para taes escriptores. Olhe que é o contrario. A grande superioridade, o cunho de primazia de um escriptor ou de qualquer artista consistem em obter a admiração dos profissionaes e a dos leigos, da critica e do povo, em ser comprehendido por todas as classes. Ahi estão Dante, Camões, Shakespeare, Cervantes, Moliére, Dickens, Musset, o velho Dumas, Balzac, Zola, que são admirados e *entendidos* pelos mestres das letras e pelo vulgo. Ahi estão as telas immortaes e as immortaes estatuas.

Escrever para uma centena, para uma duzia de espiritos apenas, é uma aspiração doentia. Todos os sinceros a repellem, e a Arte é feita principalmente de sinceridade. Além de que não ha trabalhador intellectual que não sonhe com a gloria, que não almeje a immortalidade para o seu nome, e tal não se consegue com os applausos de uma *côterie*, com a admiração, geralmente facticia, de uma roda estreita de filiados, de uma seita literaria...

Você é um simples, um sincero, um natural. Conserve-se tal; não obstante, aperfeiçôe a sua fórma, enriqueça o seu vocabulario e o seu rimario, varie os rhythmos, as fórmas metricas e, creia-me, ver-se-á, em breve, conseguido isso, consagrado um dos nossos primeiro poetas. Não lhe faço nenhum favor, creia-me, dizendo-lh'o e proclamando-o um poeta *de verdade*. Seus versos têm o tal *quid* a que me referi no começo. E, a quem possa duvidar de que V. o seja, dou a ler o seu soneto

CONSOLATIO MISERIS

Eu escrevo versos para os desgraçados,
Falando ao coração dos infelizes,
Pelas garras do tedio lacerados
Sangrando como rubras cicatrizes.

Talvez no leito vil das meretrizes,
Na masmorra onde gemem condemnados,
Possam cortar as soffregas raizes
De cancerosos tedios ignorados.

Eu canto para allivio dos que choram,
Para os que, como eu, de joelho, imploram
Na treva a luz bemdita de um carinho;

Canto para espancar as maguas; canto
Para enxugar ao som do verso o pranto
Que vejo derramado em meu caminho!»

Sim, é essa a mais bella missão do poeta e quem tão bem o comprehende e tão finamente o exprime, é poeta. Chateaubriand escreveu que a poesia é propria dos povos na infancia como a historia lhes é na velhice. O Brazil é um povo de hontem — é ainda impubere. Assim se explica sua fecundidade assombrosa em poetas, em muitos dos quaes, no emtanto, não concorrem as qualidades essenciaes — sensibilidade, imaginação, inspiração, isto é, eloquencia. Em V. porém, meu caro amigo, parece-me concorrerem ellas num conjunto natural e harmonioso.

Continue; que as preoccupações do ninho abençoado que acaba de construir e a aridez das lides forenses, em que, como promotor publico, está empenhado, lhe não amorteçam o fogo sagrado, e lhe não sequem a limpida corrente da inspiração.

Cante! Não lhe importe que Platão haja expellido os poetas da sua ideial republica e que Edmundo de Goncourt lhes haja fechado o ingresso na sua academia dos dez. Um e outro eram poetas, mas só admittiam a poesia em prosa — por não saberem fazel-a em verso. Cante!

E, por fim, não me chame estulto por lhe dar este conselho... castigo que eu, aliás, merecia bem. Ao escrever-lhe esta carta estou ouvindo, do meu calmo gabinete, forrado de livros, um gaturamo cantar na varanda, dentro da gaiola, vibrando e esparzindo no ar da manhan esfusiadas de notas de crystal... e para isso não foi preciso que lhe eu fosse, antes, aconselhar: — Canta, gaturamo!

Muito seu,

VALENTIM MAGALHÃES

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza; seus factores pre-historicos e historicos

VII.—ROMANOS [1]

(Continuação)

Depois das lutas internas em que foram admittidos ao direito de cidade os plebeus, porfiada foi a pendencia para o obterem os habitantes do Lacio. E' muito significativo o horror manifestado pelo Senado, quando os Latinos mostraram tal pretensão. Todavia, os Romanos não o concederam sem muitas restricções e crearam o famoso *jus latinum*, bem diverso do *jus civile*, o *jus romanorum*, *jus quiritium*. Este, que era o pleno direito, elles o reservaram para si. O outro era lacunoso, pois os Latinos não tinham o direito de suffragio na ordem politica, e na civil não possuiam o direito de casamento, nem eram contados no censo. Mais tarde os habitantes da Italia reclamaram tambem o direito de cidadãos, e os

[1] Veja a *Revista* de 1 de janeiro, 1 e 15 de fevereiro, 1 de abril, 1 de junho, 15 de julho e 15 de novembro de 95 e 1 de outubro e 15 de novembro de 96.

Romanos recorreram a uma nova ficção, creando o que chamaram o *jus italicum*, inferior ao *latinum* e ainda mais ao *jus civile romanorum*, referindo-se mais ao solo de que ás pessoas, segundo opina o douto Fustel de Coulanges, o homem que melhor conheceu a organização interna dos Romanos.[1]

A victoria dos Latinos só veiu depois do aniquilamento da sua Liga e da sua completa sujeição. A dos Italianos foi o resultado da celebre *guerra social* que Roma venceu, mas teve de satisfazer, a seu modo, as aspirações dos Italianos. Quando, mais tarde, os Romanos, agglutinado o Lacio e conquistada a Italia, começaram de submetter povos estrangeiros, como Carthago, Grecia, Hespanha, Gallia, o Oriente, transportaram para essas regiões, como meio de dominar, a sua triplice categoria de direitos, que graduava conforme as circumstancias e conveniencias de mando.

Raramente concedia o *jus civitatis*, mais a miudo outorgava o *italicum* e em varios casos o *latinum*.

Qual a razão? Roma não fez colonias, ao gosto dos Gregos; fez conquistas. Não desbravou terras incultas, creando focos de cultura, novas nacionalidades; submetteu povos já cultos, em maior ou menor escala, aos quaes, para os amesquinhar, e mais facilmente dominar, tratava como seres inferiores, indignos de compartilhar de suas leis privilegiadas. Não se diga, pois, que esse modo de agir era um producto do tempo; porque, antes dos egoistas Romanos, os Gregos e até os Phenicios procederam por modo diverso.

A acção dos Romanos, neste sentido, é comparavel á dos modernos Italianos, e a dos Gregos á dos Inglezes, Portuguezes e Hespanhoes, porquanto, ao passo que estes foram se collocar entre selvagens, nos continentes incultos, e crearam nações novas a datar do seculo XVII de nossa éra, os curiosos Italianos deixaram-se ficar por perto de quatro seculos no *dolce farniente* e agora depois de desbravadas as terras, fundadas as cidades, policiadas as nações vêm elles immiscuir-se no trabalho alheio, perturbando-o quasi sempre.

« Quando se comparam, escreve Laurent, as colonias de Roma com as da Grecia, é-se levado a crer que aquellas prestaram menos serviços á Tarraconense.

---

[1] Idem, *Ibid.*, 451.

As colonias gregas estabelecidas por um povo civilizado em meio de nações incultas, eram essencialmente focos de buddhismo: como bem dizia Cicero, parecia que um cinto despregado da Grecia viera circular todos os paizes barbaros.

As colonias romanas jamais eram enviadas a paizes estrangeiros; vinham após as legiões occupar os territorios conquistados e pois, já habitados. Este caracter era da essencia mesma da colonia, que os antigos jurisconsultos definiam uma reunião de homens, mandados juntos a um lugar guarnecido de edificios que devem possuir debaixo de certas condições. As colonias romanas parecem fundamentalmente inferiores ás gregas. Estas edificavam cidades e creavam novos centros de civilização; Roma não fazia mais do que expellir, quanto podia, os antigos habitadores para collocar sua gente no lugar delles. A colonização grega devia a origem a emigrações voluntarias; os emigrantes iam fundar em paragens longinquas cidades que vieram a tornar-se quasi todas centros commerciaes, ainda quando o commercio não tinha sido o movel da emigração. A colonização romana, ao contrario, era systematica; seus juristas recusavam o titulo de colonia a qualquer emigração occasionada, *verbi-gratia*, pelas discordias civis; o estabelecimento de uma colonia era decretado pela autoridade publica com um alvo exclusivamente militar. Os colonos partiam de Roma, bandeiras soltas aos ventos, como exercito que fosse guarnecer cidades fortificadas; em vez de soldo recebiam terras em paga. Nada de espontaneo e livre em seus movimentos; eram sentinellas avançadas das legiões; dependiam de Roma; eram como membros destacados da metropole. As colonias gregas eram independentes, e esta liberdade favorecia o surto das idéas, e fez das colonias o elemento progressivo da vida hellenica. As colonias romanas ficaram a imagem fiel da metropole. »[1]

Mas esta mesma imagem é apenas um modo de dizer; no fundo não havia tal; porque as conquistas, as chamadas provincias não eram cobertas de colonias, a ponto de terem geralmente a mesma physionomia.

O genio chicanistico e cavilloso do romano fazia ahi vinte distincções: havia gentes de direito romano, outras de direito latino, outras

---

[1] Laurent, *Ibid.*, pag. 90 e 91.

de direito italico, outras alliadas, outras tributarias, outras municipaes, outras contributas, umas senatoriaes, algumas imperiaes, estas patricias, aquellas togadas, estas civis, aquellas militares...

A razão de todo esse machiavelismo juridico administrativo anda bem esclarecido na *Cité Antique*, que tantas vezes temos já citado. E' a notação mais instructiva que conhecemos sobre o genio e o proceder dos Romanos. E ella nos demonstra ser uma das singularidades notaveis da politica de Roma, o attrair todos os cultos das cidades visinhas, tomal-os para si com o mesmo empenho porque se apoderava das cidades mesmas. Mas o que era nomeadamente exquisito é que a velha lôba do Lacio conquistava os deuses dos vencidos e não lhes dava os seus.

Guardava, assevera sempre Coulanges, para si os protectores, procurava até augmentar-lhes o numero ; caprichava em possuir mais cultos e mais deuses tutelares do que qualquer outra cidade.

E não era só isto : não era só na ordem religiosa que se ostentavam a ambição e o exclusivismo romano, ambição em tomar o alheio e exclusivismo em monopolizar o proprio.

Na esphera juridica a coisa era ainda peior. Roma suffocou por toda a parte o velho espirito autonomo e municipal.

Este desapparecia dentre todos os povos alliados e conquistados, conservando apenas os primeiros as fórmas exteriores. Destruindo systematicamente as instituições alheias, nada collocava no lugar. Aos povos espoliados de seu regimen, não dava o vencedor nada em troca ; nem procurava siquer crear instituições novas que as substituissem. Nunca fez, prosegue o autor francez, uma constituição para os povos de seu imperio, e não soube estabelecer regras fixas para os governar. Sua propria autoridade sobre elles nada tinha de regular.

Como não faziam parte de seu Estado, de sua cidade, não tinha sobre elles nenhuma acção legal. Seus subditos eram para ella como estrangeiros, e, dest'arte, tinha em face delles esse poder illimitado e irregular que o antigo direito municipal deixava ao cidadão a respeito do estrangeiro e do inimigo. Todo povo sujeito não entrava para o Estado romano *in civitate*; cahia apenas sob o dominio, *in imperio*.[1]

---

[1] Fustel de Coulanges, *La Cité Antique*, pag. 431, 441, 443, 444.

O modo mesmo de apoderar-se de um territorio era caracteristico da parte do Romano. O Senado enviava um dos cidadãos da republica ao paiz conquistado ou que se pretendia subjugar e fazia dessa região a *provincia* desse homem, a saber, seu encargo, seu negocio particular, seu cuidado pessoal e conferia a esse proconsul, o *imperium*. [1] D'ahi as malversações de todo o genero, com que os Hespanhoes foram em particular flagellados. Ali o famoso regimen municipal, creado pelos conquistadores, a despeito dos elogios da escola romantica, não passava da caricatura do velho municipalismo, irremediavelmente destruido. Não era mais que um systema administrativo, moldado nas fórmas externas do antigo, porém sem seu espirito. As cidades hespanholas, como as da Gallia, tiveram seus senados, seus magistrados electivos, imagem dos da metropole. [2] Na ausencia de direitó proprio, na qualidade de desclassificados, todos os homens das *provincias* não tiveram outro recurso sinão romanizar-se cada vez mais, submetter-se, sujeitar-se em absoluto e mendigar insistentemente o famoso *jus civile*.

Essa posição de solicitantes durou para a Hespanha por quatro dilatados seculos, que tantos são os decorridos entre o anno de 205 antes da éra vulgar, em que foi ella declarada *provincia* da republica, o de 211 em que subiu ao throno o celebre Caracalla, que a todos os subditos do imperio conferiu a grande naturalização.

Por igual caminho andaram todas as outras provincias do mal organizado colosso imperial, e causa certa magoa aos espiritos emancipados de ruinosos preconceitos o espectaculo da insistencia com que antigas populações livres disputavam o favor de se deixarem mais e mais escravizar, abrindo mão completamente de seus direitos originaes e estendendo os pulsos ás correntes do romanismo. E' verdade que este, na sua longa evolução milenaria, como já se advertiu, mudou consideravelmente ; mas foi só na superficie e sob o influxo barbaro. Mas já era tarde para a expansão natural do genio iberico. A Hespanha estava latinizada até ás raizes; e foi sempre pelos Romanos a mais maltratada de suas provincias; foi

---

[1] Idem, *ibid*, 441.

[2] Ginoulhiac, *Histoire Générale du Droit français*, pag. 60 e seg.

para o conquistador insaciavel, na frase de Herder, o que a America foi mais tarde para os Hespanhoes, *mina a explorar, terra para a pilhagem.*

Escusado é, depois de tudo o que fica dito, insistir em indicar a enorme influencia do Romano na peninsula. Lingua, costumes, direito, tudo tomou certos moldes que nunca mais foram quebrados, deixando no genio iberico marca inapagavel. E essa marca é bem conhecida para ser preciso avival-a.

SYLVIO ROMÉRO

UM SONETO CELEBRE

Não ha homem de letras, que não conheça a tão falada poesia de Felix Arvers. Alguns fanaticos chegam a proclamal-a o mais formoso e mais commovido soneto da lingua franceza.

Jules Janin, que foi quem o pôz em voga num dos seus scintillantes folhetins criticos de 1854, [1] o capitulou — nada menos —*sem defeito*. Desde então, não ha desmerecido no favor publico e é, a cada passo, citado e transcripto, alem de traduzido com mais ou menos felicidade.

Embora na memoria de todos, reproduzamol-o aqui, como base deste ligeiro estudo — méra e fugaz nota impressionista.

« Ma vie a son secret, mon âme a son mystère :
Un amour éternel en un moment conçu ;
Le mal est sans espoir ; aussi j'ai dû le taire
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas, j'aurai passé prés d'elle inaperçu
Toujours à ses côtés et pourtant solitaire,
Et j'aurai, jusqu'au bout, fait mon temps sur la terre
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

---

[1] Jules Janin reuniu esses brilhantes e tão apreciados folhetins, em que tratava de tudo, até politica, nuns seis volumes (1855 a 1858) que denominou um tanto impropriamente — *Historia da Literatura Dramatica.*

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,
Elle ira son chemin, distraite, et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sous ses pas.

A l'austère devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tout remplis delle:
« Quelle est donc cette femme ? » et ne comprendra pas. » [1]

Não ha duvida, o soneto é bello, cheio de adoravel singeleza, vivido, como se costuma dizer; mas, por certo, não tem a impeccabilidade, que lhe outorgou o abalisado critico. Em minuciosas monographias já o estudaram de todos os pontos de vista.

Ha repetição abusiva e monotona das mesmas palavras — por exemplo, o auxiliar *avoir* nos seus varios tempos ou até no mesmo tempo num simples verso. Quão disgracioso e ingenuo o *j'aurai* em tão curta distancia um do outro! Do mesmo modo em relação ao verbo *faire*. Quanto ao pronome-*elle*-reproduz-se nada menos de cinco vezes, duas das quaes no segundo verso do ultimo tercetto. As rimas, demais, não são de grande riqueza, apenas aceitaveis—duas então positivamente más—*taire* e *terre*—ao passo que a mesma assonancia nas segundas e terceiras syllabas, logo após os hemistichios do primeiro tercetto-*l'ait faite* e *distraite*-deve causar reparo aos puristas do verso.

---

[1] Graças á gentileza do nosso collaborador, o Sr. Lucio de Mendonça, que é mais uma prova de que não fazem mal as musas aos doutores, podemos dar aqui a traducção por elle admiravelmente feita deste celebre soneto. E' a seguinte e vem nas *Canções do Outomno* que, como já esta *Revista* annunciou, devem apparecer em breve:

Tenho um mysterio n'alma e um segredo na vida:
E' um eterno amor nascido em um momento.
E' mal que não tem cura: assim, nenhum lamento
Jamais o revelou á candida homicida.

Por ella passarei, sombra despercebida,
Sempre a seu lado, sempre, e em mudo isolamento!
E ha de expirar assim meu derradeiro alento,
Sem nenhuma ventura ousada ou recebida!

Creou-a meiga Deus, e boa e carinhosa,
Mas ai! segue, discreta, e surda á voz anciosa
Deste amor que murmura a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever, que austeramente zela,
Dirá talvez, ao lêr meus versos cheios della:
« Que mulher será esta? » e não comprehenderá.

(N. da R.)

Apezar, porém, dos indiscutiveis senões, basta elle para salvar do esquecimento o nome de Arvers, que, por algum tempo, se suppôz mero pseudonymo de passageira fantasia, attribuida, como foi, a autoria, já a Alfred de Musset, já ao grande Victor Hugo, o que não pouco concorreu para prestigial-o.

Hoje, não ha mais equivoco possivel.

Felix Arvers existiu; foi bom, senão fecundo poeta e sobretudo cultor meticuloso e aprimorado da lingua patria. Tão sómente são quasi de todo ignorados quaesquer pormenores sobre essa existencia, um tanto enigmatica. Não se sabe ao certo onde nasceu, si em Saint-Julien du Sault, a duas leguas de Cesy (departamento de Yonne) na casa dos antepassados maternos, si em Nanterre ou outra localidadesinha mais chegada a Pariz. Do mesmo modo em relação ao dia e mez de 1850 ou 1851, em que veiu a fallecer. Dezesete annos antes, em 1833, publicara um livro de 352 paginas — *Mes heures perdues*—onde se acha esse soneto acclamado hoje pela fama, e muitos outros versos, que vão agora emergindo da obscuridade.

Força é confessar, vem tarde a justiça para o pobre do Arvers.

Escreveu tambem dramas e comedias em collaboração com autores esquecidos, Avrécourt entre outros, e afinal foi tabellião, conforme elle proprio nos diz :

« Je me croyais poète, et me voici notaire !
.....
Je dois être cortent ; c'est un très bel office,
C'est magnifique, à part même le bénéfice.»

Naquella collecção de 1833 ha tão sómente dois sonetos ; o tão falado de ha uns quarenta annos para cá e outro que merece ser tambem conhecido, pois nelle reinam a mesma fluencia e elegancia do verso, mais limado talvez até.

Eil-o :

« J'avais toujours rêvé le bonheur en ménage
Comme un port, où le cœur trop longtemps agité
Vient trouver, à la fin d'un long pélerinage,
Un dernier temps de calme et de sérénité :

Une femme modeste, à peu près de mon âge
Et deux petits enfants, jouant à son côté ;
Un cercle peu nombreux d'amis du voisinage
Et de joyeux propos dans les beaux jours d' été.

J'abandonnais l'amour à la jeunesse ardente,
Je voulais une amie, une âme confidente,
Où cacher mes ennuis, qu'elle seule aurait lus ;

Le ciel m'a donné plus que je n'osais prétendre.
L'amitié par le temps a pris un nom plus tendre,
Et l'amour arriva, qu'on ne l'attendais plus ! »

Como se vê, a obra prima de Arvers não póde ter o qualificativo que lhe deram, de *solitario*; tem condigno *pendant.*

Jules Janin [1] o fez morrer aos 25 annos: « *L'auteur de ce sonnet,* sans défaut, *est mort à vingt-cinq ans, au moment où il allait prendre sa place au soleil, il s'appelait Félix Arwers* (com w). »

Tudo isto é menos exacto. O proprio autor nos conta que attingira os 50 annos, tempo de sobra para *prendre sa place au soleil* — coisa que elle jamais conseguiu.

No mez de setembro deste anno, o escriptor Adolfo Brisson [2] que escreve no *Figaro*, o jornal tão finamente literario de Pariz, a apreciada secção *Choses vues*, foi fazer piedosa romaria ao tumulo de Felix Arvers, *o homem do soneto.* Descansa elle em Césy, aldeóla do departamento de Yonne, perto de Joigny. Sem vacillar, mostrou-lhe o coveiro do cemiterio o tumulo, uma pedra marmore já partida, com letras e algarismos apagados e coberto de musgo e plantinhas selvagens ; ao lado esguio cypreste. « Não morreu aqui, informou o velhote, trouxeram-no de Pariz, isso em 1850 ou 51. Puzeram-lhe uma bella lousa em cima, mas ninguem cuidou della — tudo está abandonado ! » Brisson foi ter com um tal Mr. Buchotte, muito sabido em coisas da terra, para ter informações exactas sobre o poeta e este o remetteu a Mme. Tissier, uma velhinha de 95 annos, tagarella valente que fôra amiga intima de Felix Arvers. Põe-se logo a falar mais de si do que delle, mil pormenores sem valor.

« Procure então Mr. Crédé, aconselhou Buchotte, o sabichão da localidade—mora d'aqui a duas leguas, parente até do nosso homem.» O tal Crédé forneceu, com effeito, algumas informações curiosas, relativas, porém, mais ao caracter de Arvers, do que á sua existencia literaria e social. Mme. Crédé, então, se mostrava impressionada

---

[1] *Histoire de la litterature dramatique*, tomo III, pag. 115.

[2] Genro do conceituadissimo critico dramatico Francisque Sarcey.

ainda pela jovialidade perenne do primo. « *C'était un vrai régoui-bon-temps,* » trocista a valer. Até no dia do enterro da propria mãi contára historias bem engraçadas. Força é convir, não era o ensejo dos mais adequados. Outros, comtudo, o tinham em conta de concentrado e sorumbatico. Parece que fôra tudo isso a um tempo, verdadeiro bohemio e de genio inconstante, a desperdiçar as mais bellas aptidões do mundo, « tendo, por sua culpa, perdido todos os amigos e guardando, no meio de violentos soffrimentos, um bom humor, uma despreoccupação inalteraveis e, acima de tudo, a paixão da arte e o respeito das bellas letras. »

Tal o homem, diz Adolfo Brisson, que a posteridade só vê atravéz dos « quatorze languidos versos, que o salvaram do esquecimento. »

No espolio literario de Arvers, recolhido pelo primo, havia uma folha destacada com uns formosos versos intitulados *Ressemblance*, cheios de estro e muita distincção de fórma, consagrados ao amor venal de uma pobre mulher de occasião. Julgamos dever tambem inseril-os aqui, nesta pagina da *Revista Brazileira*, a excitarem o empenho de algum dos nossos poetas em vertel-os á lingua vernacula que temos não poucos cinzeladores do metro muito bons, fluentes, espontaneos, varios, bem novos, mas felizmente sem eiva de nephelibatismo. Na especialidade, lembremos a preciosa versão das *Fabulas de Lafontaine*, repassada de tanta naturalidade, graça e elegancia, feito pelo barão de Paranapiacaba, e, sem contestação superior á tão apregoada de Felinto Elysio.

Eis aquella poesia até ha pouco inedita :

Ce n'est point que mon cœur soumis à ton empire,
Au charme décevant que ton regard inspire,
Incapable de résister
A' cet appât trompeur, se soit laissé surprendre
Et ressente un amour que tu ne peux comprendre,
Ma pauvre enfant ! — ni mériter.

Non ! ces rires, ces pleurs, ces baisers, ces morsures,
Ce cou, ces bras meurtris d'amoureuses blessures,
Ces transports, cet œil enflammé :
Ce n'est point un aveu, ce n'est point un hommage
Au moins. C'est que ces traits me rappellent l'image
D'une autre femme que j'aimai !

Allons, regarde-moi de ce regard si tendre,
Parle-moi, touche-moi, qu'il me semble l'entendre
Et la sentir à mes côtés !
Prolonge mon erreur ! Que cette voix touchante
Me rende des accents si connus, et me chante
Tous les airs qu'elle m'a chantés !

Hâtons-nous ! hâtons-nous ! Insensé, qui, d'un songe
Quand le jour a chassé le rapide mensonge,
Espère encore le ressaisir !
Qu'à mes baisers de feu ta bouche s'abandonne !
Viens, que chacun de nous trompe l'autre et lui donne
Toi le bonheur, moi le plaisir !

Quem fôra, porém, a — *ella* — do celebre soneto ?

Diziam ter sido a esposa de Victor Hugo, e o proprio Crédé no *interview* com Brisson, ainda aventa esta hypothese. Sabe-se, porém, sem mais duvida possivel, que a poesia foi escripta no album de Mme. Mennessier-Nodier, mulher de Carlos Nodier, em cuja casa era Arvers intimo e senhora notavel pela peregrina belleza e intangivel virtude.

Mais se levanta agora a ponta do véu — e a este ponto é que queriamos chegar, tornando os leitores da *Revista* sabedores de inesperado achado literario — com a resposta dada pela mysteriosa pessoa a quem foi dedicado o soneto, communicação feita em dias de outubro passado, a Adolfo Brisson por um velho amigo dessa *ella*, Mr. Louis Aigoin. [1]

Parecè-nos impossivel, que no nosso mundo de letras, limitado, é certo, mas de tão bella orientação e elevados instinctos, não desperte interesse esta novidade, pois, além de tudo, a contestação é muito bem feita, tendo sido respeitadas as rimas dos versos primitivos e conservados até quasi integralmente alguns delles.

« Ami, pourquoi nous dire avec tant de mystère,
Que l'amour éternel en votre âme conçu
Est un mal sans espoir, un secret qu'il faut taire
Et comment supposer qu'Elle n'en ait rien su ?

---

[1] *Figaro* de 5. As declarações positivas, porém, que traz a *Revue de la France moderne* desse mez de outubro, de que a tal resposta e umas variantes são da lavra deste Luiz Aigoin tiram muita valor á pretendida resposta.

Non, vous ne pouviez point passer inaperçu
Et vous n'auriez pas du vous croire solitaire,
Parfois les plus aimés font leur temps sur la terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

Pourtant Dieu mit en nous un cœur sensible et tendre,
Toutes dans le chemin nous trouvons doux d'entendre
Le murmure d'amour élevé sur nos pas.

Celle qui veut rester à son devoir fidèle
S'est émue en lisant vos vers tout remplis d'elle...
Elle avait bien compris, mais... ne le disait pas. [1]

VISCONDE DE TAUNAY

---

[1] A nosso pedido o Sr. Lucio de Mendonça traduziu especialmente para este artigo o soneto acima, e para não se afastar da idéa do seu A. usou das mesmas consoantes da traducção do de Arvers que atraz transcrevemos das *Canções do Outomno* :

Por que has de assim dizer, ó naufrago da vida,
Que o teu eterno amor nascido em um momento
E' mal que não tem cura, occulto sem lamento,
E quem diz que o não sabe a candida homicida ?

Não, não has de passar, sombra desperceb́ida,
Nem te deves cuidar em mudo isolamento;
E ha de expirar assim meu derradeiro alento
Sem nenhuma ventura ousada ou recebida !

Toda alma de mulher é meiga e carinhosa,
E gostará de ouvir, discreta, surda e anciosa
Voz de amor que murmure a seus pés, onde está.

A mesma que o dever austeramente veja
Leu com viva emoção teus versos cheios delis...
Não n'o dirá talvez, mas bem comprehenderá.

(N. do R.)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

DOS ESTADOS UNIDOS

VII

WASHINGTON

Washington élégamment assoupie dans ses verdures et son fonctionnairisme—diz-se da capital americana num livro francez sobre os Estados-Unidos, publicado recentemente e intelligentemente observado. [1]

Com effeito é o que mais se vê em Washington: verdura e funccionarios, além dos pretos que formigam, que inundam as praças e avenidas, que occupam quarteirões inteiros, enchendo-os de jovialidade e de catinga. Quando aqui cheguei, em maio, a vegetação offerecia real esplendor e uma apparencia singular, a de uma flora de paiz temperado com todo o viço, toda a pujança tropical. As ruas sem excepção tão sombreadas como as classicas alamedas, tunneis de buxo, frequentissimas nos jardins do seculo passado. Do terraço do Capitolio não se descortinava uma habitação ou um edificio. Sumiam-se todos em folhagem, cujo lençol verde se estendia sobre a cidade, como que a resguardal-a do contagio da febre de outras cidades americanas. De facto Washington deveria

---

Veja a *Revista* de 15 de julho, agosto, setembro, 1 de outubro e novembro e 15 de novembro.

[1] M. Dugard—*La société américaine*, Pariz, Hachette, 1896.

ser considerado nos Estados Unidos como um lugar de repouso para os nervosos, uma estação de cura para os agitados si elles aqui coubessem. No paiz inteiro não creio que possa existir outro agglomerado humano com igual calma, com tamanho ar de festa pacata, com um aspecto menos *americano*. A Casa Branca, copia de uma *villa* italiana do seculo findo, a discreta elegancia da qual sorriu tanto ao espirito singelo de Jefferson numa de suas viagens que elle a desenhou no intuito de dal-a por modelo da residencia presidencial, harmoniza-se mesmo muito mais com a tranquillidade bucolica do lugar de que os sumptuosos edificios que servem de abrigo ás repartições federaes e que emprestam a Washington alguma coisa da grandeza melancolica de Munich.

Justamente defronte do Capitolio, terminou-se neste momento a construcção do mais soberbo edificio dos Estados-Unidos, a livraria do Congresso. A lei de propriedade literaria determina neste paiz que, para garantia dos seus direitos, os autores ou editores depositem na bibliotheca do Capitolio um exemplar de cada nova producção ou publicação. Dado o enorme movimento das letras nos Estados Unidos, é facil de comprehender quão rapidamente e em que proporções tende essa bibliotheca a augmentar. O numero dos volumes já sóbe a perto de um milhão. No palacio porém que a munificencia do Congresso levantou pelo custo de 8 milhões de dollars, ou 40 milhões de francos, aos fructos da intelligencia humana, haverá lugar para 4 milhões de volumes.

Observou-me a proposito o Sr. Garcia Mérou, o ministro argentino que tão vivas saudades deixou no Rio de Janeiro e que agora representa com summa distincção o seu paiz em Washington, o quanto encerrava de nobre e levantado tal estima pelos livros, quanto adiantamento moral revelou similhante veneração.

A impressão ainda cresce quando, entrando no edificio, cuja prodigiosa massa de granito se destaca quasi leve no centro de um tapete de relva, deparamos com a admiravel dupla escadaria de marmore, decorada com graciosos baixo-relevos e elegantes estatuas de bronze, e logo com a admiravel sala central, *sous la coupole*, onde a riqueza dos marmores só é comparavel á da capella dos Medicis em Florença. Marmore azulado da Italia, marmore escuro de Tennessee, marmore fulvo da Numidia, todos os tons

do marmore cazam-se num conjunto harmonioso nesta sala octogona em que com as alterosas columnas, descanço da cupola, alternam espaçosas *loggias* amparadas por balaustradas airosas.

Toda a decoração da livraria foi confiada a artistas americanos e si aqui ou além, apparece certa falta de moderação nos doirados que o tempo ainda não poude de resto amortecer, ou transparecem certas demasias de luxo, o geral no emtanto é de uma correcção e de um gosto que não offerecem duvida. Ha umas pinturas muraes do genero pompeiano de excellente execução, e o trabalho do Sr. Van Ingen, com quem tive o prazer de visitar o edificio, denota verdadeiro talento.

O edificio que, mercê da disposição de largos pateos interiores, recebe todo luz abundante, possue algumas alas exclusivamente destinadas á collocação dos livros em umas estantes de ferro que sobem da base ao topo da casa, divididas em nove andares. Nas alas restantes existem doze amplas salas ou galerias, ricamente decoradas, duas para servir de retiro aos senadores e representantes estudiosos, as demais sem applicação immediata.

Em uma destas salas incumbiram o Sr. Van Ingen de symbolizar a fresco os oito departamentos federaes—estado, interior, guerra, marinha, thesouro, agricultura, justiça e correios.

Tomando como modelos senhoras da sociedade de Washington, algumas dellas typos de formosura, o pintor concebeu uma composição imaginosa comquanto sobria, á qual emprestou o colorido mais pastoso e ao mesmo tempo mais suave sobre que os meus olhos têm descançado desde que me encontro em terras americanas. As vestimentas particularmente são tratadas com uma largueza de factura combinada com uma doçura de tons quentes que indicam uma palheta tão opulenta quanto discreta. Van Ingen é um discipulo de Bonnat, isto é, completou no *atelier* do eminente pintor parisiense a sua educação artistica iniciada em Nova York sob a direcção de Leforje, o mestre a quem elle declara dever o que sabe e o que vale. E' um exemplo, entre mil que este paiz nos proporcionou, do muito que póde realizar uma inclinação servida por uma vontade tenaz. Ha pouco regressou elle do Japão, onde por conta de um ricaço de *Fifth Avenue* fôra estudar motivos de decoração, vivendo perto de um anno no meio dos naturaes, da vida delles, habitando uma das suas frageis e encantadoras habitações, alimentando-se

das suas comidas, dormindo sobre esteiras, sem conviver siquer com europeus, todo entregue á penetração daquelle viver estranho, á comprehensão daquella arte feita de gracilidade e de paciencia, de delicadeza e de fantasia. O exotismo não pesou todavia sobre a obra recente de Van Ingen. Os seus frescos, que não procuram absolutamente imitar a já espalhada maneira transparente e subtil de Puvis de Chavannes, si lembram alguma escola, é a dos antepassados dos Reynolds e dos Gainsborough, o colorido brilhante mas como que diluido pela humidade dos nevoeiros, destes grandes representantes da pintura ingleza, tornado mais vigoroso sob o céu americano.

Washington não consta entretanto só de edificios magestaticos. Consta, e não é esse o seu menor attractivo, de ruas inteiras das mais sympathicas, das mais conchegadas, das mais pittorescas residencias, isoladas todas, de tijolo vermelho umas, outras de pedra branca ou escura, com a sua alfombra de relva diante da porta, os seus torreões presumidos, os seus porticos garridos, os seus frescos alpendres e terraços. Calçadas de asphalto, largas e planas, as ruas e avenidas de Washington devem ser o ideal dos bicyclistas. A velocipedia constitue aliás o divertimento capital de uma cidade onde os theatros, os concertos, as exposições d'arte não primam pelo numero nem pela qualidade.

Em todos os Estados-Unidos é mesmo commum esta supremacia das distrações physicas sobre as intellectuaes. A vida americana offerece boa dose de conforto e maior dose de unidade, mas, muito mais *activa* e muito menos *cerebral*, não dispõe daquelle encanto, daquelle refinamento da vida européa, que são os attributos de uma civilização velha e requintada. Ao cabo de alguns mezes de estada no paiz, tal observação vai-se precisando em um grande numero de campos.

No literario, por exemplo. Lê-se muito, muitissimo, nos Estados-Unidos, a qualidade do que se lê é comtudo inferior. Não falando de um circulo restricto de profissionaes e de dilettantes de sciencias e de artes, o que o publico vulgarmente lê são novellas, não raro sem merecimento, e os excellentes *magazines*.

Estes, muito numerosos, muito espalhados e muito interessantes, têm a vantagem de numa centena de paginas tratar de dez assumptos os mais diversos e dar de cada um uma idéa

sufficientemente clara e completa a quem não dispõe de tempo para aprofundal-o, immerso em outros cuidados, absorto em outras preoccupações. As controversias meramente literarias é evidente que não podem apaixonar similhantes leitores.

O publico não se deixa prender como acontece *do outro lado*, pelo lado puramente artistico das coisas. Trata-se, por exemplo, de uma estatua erguida numa praça publica a qualquer vulto notavel da historia nacional. Contenta-se o americano com que a estatua lá esteja, com ver mais uma vez honrado o nome de Lincoln, Garfield ou Grant. O francez ou o allemão considerará a estatua tambem sob o ponto de vista do gosto. Requer que além da intenção, haja merecimento na execução, que a physionomia seja similhante, a postura nobre, os accessorios apropriados, o conjuncto gracioso, que a obra seja d'arte, não sómente de patriotismo. No theatro captiva o americano o melodrama de paixões fortes, de scenas ruidosas. Que o autor possua fraco ou real talento de escriptor, que a interpretação seja correcta ou apenas procure sel-o, pouco se lhe dá. Pelo contrario, o europeu, educado numa longa tradição de theatro, o italiano que no seculo passado ria com Goldoni ou chorava com Alfieri, o inglez que ha tres seculos ria e chorava com Shakspeare, exige muito mais da producção dramatica e do desempenho. As primeiras representações são verdadeiras batalhas em que a plateia e o paraizo confirmam ou rejeitam a sentença dos criticos, decidindo do pleito. Um livro como a *Cabana do Pai Thomaz* consagrou nos Estados Unidos um escriptor porque arrastava para o debate um assumpto, o mais palpitante da vida economica americana. Um livro de psychologia todavia, a observação mais penetrante da alma humana, digamos um romance de Balzac ou de Bourget, não estabeleceria pelos dotes unicamente literarios a fama do escriptor, não o collocaria *ipso-facto* entre as glorias nacionaes: Grant tem dezenas de monumentos, Lincoln, centenas ; Cooper, Edgar Poe, Longfellow creio que esperam ainda os seus.

Nestas differenças que são quasi nuanças, e não num contraste forte, immediato, brutal, é que devemos procurar a confirmação do refinamento europeu a que alludi, e que falta aqui. Talvez haja para isto contribuido a carencia de uma capital no sentido moral da palavra, tendo como Pariz, como Vienna, no antigo imperio germanico

ou hoje Berlim, o crysol das aptidões locaes. Washington não é um centro propulsor. Vive de vida artificial que lhe empresta a burocracia federal.

Os politicos que a ella affluem não recebem influencia de classe alguma importante do paiz, não estão em contacto com os industriaes, como estariam em Philadelphia, nem com os banqueiros, como em Nova York, nem com os professores como em Boston, nem com os negociantes como em Chicago. Não soffre de certo com a distancia a influencia do dinheiro. Tem sempre meios de fazer-se sentir. Soffre porém com o isolamento a influencia diaria, imperceptivel, salutar de convivencia e de educação. Repotreados nos *halls* e nos *bars* dos hoteis, rodeados por um cortejo de admiradores e de clientes, os politicos, mórmente os do Sul e os do Oeste, conservam todos os prejuizos e todas as vaidades que transportaram e cujo peso nas discussões da causa publica é frequentemente apreciavel.

OLIVEIRA LIMA

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO. — O satellite de Procyão. Obras de Saneamento da cidade de Buenos Ayres. Uma chuva salgada. O acido carbonico da atmosphera. Aspecto do céu durante o mez de janeiro de 1897.

No dia 16 de novembro, recebia o Observatorio do Rio de Janeiro um telegramma communicando que o astronomo Schaeberle, dos Estados-Unidos, descobrira ao lado da estrella de 1ª grandeza Procyão, da constellação do Cão menor, um companheiro, ou satellite, de 13ª grandeza, afastada apenas daquella 4″,6.

Segundo as convenções em vigor, já ha muitos annos, transmittimos logo o telegramma para os observatorios de Cordoba e de Santiago. Infelizmente, com a luneta mais poderosa de que dispomos no Observatorio do Rio, e cuja objectiva mede 24 centimetros de diametro, só se torna possivel distinguir estrellas até a 13ª e meia grandeza, estando estas porém isoladas, e não na vizinhança de outra de maior brilho. Portanto, os meios opticos de que dispomos não nos permittem tentar a observação do companheiro de Procyão; pois que este acha-se completamente mergulhado no brilho da estrella maior, o que o torna visivel sómente para poderosos instrumentos, e uzando, além disso, de certos artificios, consistindo, por exemplo, em occultar a estrella principal mediante uma lamina de metal, collocada no foco principal da luneta.

Embora seja-nos inhibido, por falta de meios apropriados, contribuir com as nossas observações para a elucidação das questões que se prendem ao systema binario de Procyão, julgamos que talvez não seja fóra de proposito informar ao leitor de algumas das mais interessantes particularidades que lhe dizem respeito. Esta estrella apresenta no seu movimento proprio, grandes irregularidades, que só se podem explicar pela existencia de algum astro vizinho, como é o caso para Sirio. Na realidade, em diversas

épocas, foram encontradas na vizinhança immediata de Procyão, pequenas estrellas que talvez fossem as causas perturbadoras dos movimentos irregulares notadas nessa estrella. Mas a insufficiencia de observações, devida ás grandes difficuldades em ver nitidamente esses satellites, impedia que se chegasse á absoluta certeza de que elles e a estrella Procyão constituissem um systema physico, regido pelas leis da gravitação universal.

O que, porém, está fóra de duvida, é que, pela discussão das posições observadas dessa estrella, durante um longo periodo de annos, chega-se á seguinte conclusão: as irregularidades que se notam no movimento proprio de Procyão, só se podem explicar, admittindo que esta estrella descreve uma orbita, num plano perpendicular ao raio visual, e de um periodo de cerca de 40 annos. As tentativas feitas por diversos astronomos, com o fim de descobrir algum satellite que justificasse tal conclusão, deram lugar a um singular engano por parte de um astronomo, aliás muito distincto, Otto Struve, durante longos annos director do Observatorio de S. Petersburgo.

Em 1873, o Sr. Struve annunciou ter feito a descoberta de um satellite, do qual dava a posição. Um anno depois publicava nova observação do mesmo satellite, e outra posição, que mostrava um movimento orbital. Infelizmente de 1873 a 1877, os astronomos americanos, munidos de poderosos instrumentos, não conseguiram descobrir o mesmo satellite, e finalmente verificou-se que este *não existia*!

Grande fôra a decepção. Procurou-se saber o que déra lugar ao equivoco, e achou-se que por um effeito de reflexão dos raios luminosos sobre as superficies das proprias lentes do telescopio, produzia-se, em certas e determinadas circumstancias, uma imagem falsa no fóco principal da luneta e ao lado da imagem da estrella, de modo a simular as apparencias de um satellite desta. Quanto á sua mudança de posição, ella ainda póde explicar-se pela mudança de posição da luneta, trazendo como consequencia uma alteração nas posições relativas das superficies reflectores.

Seja como fôr, sirva este facto como exemplo de quanto são subtis e delicados os phenomenos de optica, que facilmente podem dar lugar á illusões imprevistas.

E' de supppôr que o Sr. Schaeberle, utilisando-se da mais poderosa luneta actualmente existente, e ainda lembrado do caso do astronomo Struve, só annunciou a descoberta do pequeno companheiro de Procyão, após absoluta certeza e prova incontestavel de sua existencia.

Para concluirmos o que sabemos a respeito dessa estrella, daremos a conhecer alguns dos dados mais interessantes sobre ella.

A parallaxe de Procyão é de 0"26, isto é, visto dessa estrella, o raio da orbita terrestre apresenta-se sob esse angulo infinitamente pequeno. A sua distancia é tamanha que o numero de kilometros que a exprime

excede o que o nosso espirito póde conceber. Para distancias dessa ordem a unidade kilometrica já não serve; por isso, mais vale adoptar o que os inglezes denominam *light-years*, literalmente *annos de luz*, isto é, o numero de annos que a luz emittida por esses astros infinitamente longinquos, necessita para, a razão de 300000 kilometros por segundo, vencer a distancia que os separa da Terra. Para Procyão esta distancia é vencida em 26 annos.

Como é sabido, as estrellas, embora denominadas *fixas*, acham-se todas animadas de movimentos proprios, os quaes são da ordem de grandeza do movimento com que o nosso proprio sol se desloca no espaço.

O movimento proprio de Procyão é de cerca de 24 kilometros por segundo.

A questão do saneamento do Rio de Janeiro tem preoccupado seriamente a opinião publica nestes ultimos tempos, e, por iniciativa do Sr. vice-presidente da Republica, organizou-se uma commissão de profissionaes, que depois de acurados estudos apresentou ha pouco um circumstanciado relatorio. Quer nos parecer pois, que não estará fóra de proposito dar algumas informações sobre as obras que em Buenos-Aires, tem se executado para o estabelecimento de um systema de esgotos e de abastecimento d'aguas.

Incumbidos dessas obras os Srs. La Trobe Bateman e Parsons, ellas foram começadas em 1874 e devido a diversas circumstancias politicas e financeiras, necessitaram nada menos de 18 annos antes de ficarem completamente concluidas.

Não dispondo a capital platina de ricos e abundantes mananciaes, como os com que a natureza dotou a capital brazileira, a agua que serve para o abastecimento daquella cidade é tirada do rio da Prata, em um ponto situado a 5600 metros rio acima. As aguas do rio são turvas, e contém em suspensão argila finissima e areia, o que, para tornal-as potaveis, necessita submettel-as a uma apuração e filtração em filtros de areia. Por outro lado, a insufficiencia de differença de nivel entre o ponto da tomada das aguas e o em que se deve effectuar a sua distribuição, obrigou o emprego de machinas e de bombas de elevação.

Facil é conceber, pois, o quanto dispendiosas tornaram-se aquellas obras, si a isso se acrescentar a falta de materiaes de construcção apropriados, e que fez com que, devido a essa circumstancia, os constructores empregaram como pedra exclusivamente o tijolo; e que a madeira veiu das florestas do Uruguay.

A despeza d'agua diaria e por habitante é de 90 litros, o que é muito inferior á distribuição na capital brazileira onde regula de 270 a 300 litros.

Os filtros de areia por onde passa toda a agua, têm uma superficie total de 16,800 metros quadrados e a velocidade de filtração, regulada por apparelhos especiaes, é de 15 centimetros por hora.

Quanto aos esgotos, as obras realizadas tambem foram importantes. Antes destas, as materias fecaes ajuntavam-se em poços sem o menor revestimento.

Estes poços, quando cheios, eram esvasiados por meio de apparelhos apropriados, mas isso tão sómente nos quarteirões ricos. Nos outros, o processo adoptado era mais simples: construia-se outro poço, que era posto em communicação com o primitivo afim de esvasial-o. Encontraram-se casas onde por esta fórma existiam até onze poços!

No primeiro projecto de esgotos, os empreiteiros quizeram utilisar-se das marés para lavagem da canalização. Infelizmente, verificaram que os ventos ahi reinantes, principalmente os pampeiros, tem uma acção energica sobre o movimento das aguas do rio, de fórma que, ás vezes, nas vazantes, as materias provenientes dos esgotos eram novamente impellidas para a cidade. Resolveram pois recorrer a um systema de esgotos com declive continuo, e levando as aguas residuarias a um ponto do rio, situado 20 kilometros abaixo da cidade.

Além da rêde de esgotos, propriamente dita, construiu-se outra especialmente destinada a dar vasão as aguas meteoricas, as quaes, antes disso, davam lugar ás vezes, nas occasiões das chuvas torrenciaes, as enxurradas que causavam enormes estragos. Será bom que, quando se tratar nesta cidade de obras de saneamento não seja descuidado este lado da questão.

Gastaram-se em Buenos-Ayres com as obras do abastecimento d'agua e dos esgotos as seguintes quantias:

Abastecimento d'agua.....	63	milhões	de francos
Esgotos.....	75	»	»
Ao todo.....	138	»	»

A despeza, pois, para o conjunto dessas obras regulou a cerca de 200 francos por habitante. Comparando-as com obras similares executadas em outras grandes cidades, verifica-se que aquellas custaram caro. Embora assim seja, como entendemos que em assumptos de hygiene publica nãs se deve olhar para despeza, fazemos votos para que um dia a capital brazileira possa ter um systema de esgoto tão perfeito quanto nos parece ser o que a capital platina possue actualmente.

Os periodicos scientificos norte-americanos trazem a noticia de um phenomeno singular que se produziu, ha pouco tempo, nos Estados de Utah

e do Wyoming. Numa extensão de cerca de 180 kilometros, caiu uma chuva salgada, que deixou todos os objectos, depois de seccos, cobertos com uma camada de sal. So na cidade de Almy, de uma superficie de 23.5 kilometros quadrados, a quantidade de sal depositada póde ser avaliada em 28 toneladas.

Segundo informações fidedignas, o caso das chuvas salgadas no estado do Wyoming, não é phenomeno raro, e produz-se sempre quando o vento sopra de oeste, isto é, quando passa primeiro sobre o *Salt Lake*, ou Lago Salgado.

Como é sabido, este lago de uma superficie de 5.300 kilometros quadrados, tem as suas aguas muito carregadas de sal, sendo a sua densidade superior á das aguas do Mar Morto.

A nossa atmosphera contém uma diminuta quantidade de acido carbonico, que varia entre 4 e 6 decimillesimos em volume. Segundo recentes pesquizas, deve-se attribuir a esse gaz e ao vapor d'agua contido no ar, a absorpção do calor solar.

Baseado nos estudos do physico Langley, o Sr. Svante Arrhenius procurou determinar quaes as variações que experimentaria a temperatura si a proporção de acido carbonico mudasse. Pelos resultados a que chegou, vê-se que a influencia dessa variação seria bastante sensivel. Assim, por exemplo, si a quantidade de acido carbonico fosse o duplo do que é actualmente, a temperatura annual augmentaria de 5° a 6°; e no caso de se tornar tres vezes maior, o augmento da temperatura seria de 9°.

Accrescenta a *Meteorologische Zeitschrift*, donde extraimos esta noticia, que a temperatura elevada das épocas anteriores á época quaternaria, teria explicação, admittindo que o acido carbonico fosse outr'ora mais abundante do que na época actual. Esta hypothese nada tem de inverosimil, pois que antes da formação das massas enormes de calcarias que se encontram na crosta terrestre, o acido carbonico que nellas se acha fixado, achava-se espalhado na atmosphera.

No dia 15 de janeiro, cerca das 8 ½ horas da noite, as principaes constellações visiveis sobre o horizonte do Rio de Janeiro e com alguma differença, em toda a estensão do Brazil, serão:

Quadrante S. W. Eridano. Aquario. Peixe austral. Grou. Tucano. Indio. Pavão. Phœnix. Baleia.—*Quadrante S. E.* Argos. Cruzeiro, Peixe voador. Pintor. Cão maior. Lebre.—*Quadrante N. E.* Orion. Gemeos. Cão menor. Cocheiro.—*Quadrante N. W*, Perseo. Aries. Andromeda. Pegaso.—No meridiano, entre o zenith e o horizonte norte, encontra-se o Touro.

As estrellas de 1ª grandeza são:

Sirio (alpha do Cão maior). *Betelgeuse* e *Rïgel* (alpha e bêta do Orion) *Aldebarão* (alpha do Touro). *Capella* (alpha do Cocheiro). *Pollux* (bêta dos Gemeos). *Procyão* (alpha do Cão menor). *Canopus* (alpha do Argos). *Achernar* (alpha de Eridano). Alpha Cruzeiro. *Fomalhaute* (alpha do Peixe austral).

O planeta *Mercurio* segue a principio o Sol, e do dia 23 em diante passa do lado occidental deste astro. — *Venus* acha-se sempre em excellentes condições de visibilidade, após o occaso do Sol.—*Marte* passa pelo meridiano das 8 ás 10 horas da noite.—*Jupiter* começa a apparecer em horas mais commodas para ser observado, e passa no meridiano entre 2 e 4 horas da madrugada.—*Saturno* sómente é visivel em alta noite, sua passagem meridiana effectua-se das 7 ás 9 horas da manhan.—*Urano* encontra-se proximo a Saturno, pouco ao oeste e ao sul deste ultimo.—*Neptuno* acha-se em boa posição para ser observado, e sua passagem meridiana effectua-se das 3 1/2 ás 10 1/2 horas da noite.

L. Cruls

A POLITICA

No correr da quinzena o *Jornal do Commercio* publicou um telegramma de Londres em que se dizia que causara assombro a noticia de que o governo pensava em contrair um emprestimo, que o restabelecimento do nosso credito dependia de uma larga politica de economias, severamente executada, e que só depois de dada tal prova, poderiamos pensar em bater á porta dos capitalistas inglezes.

No emtanto, poucos dias depois os fundos brazileiros começaram a subir, e têm continuado a melhorar de cotação, apezar de, por ora, apenas haver noticia das boas intenções do governo. E' que o jogo da bolsa usa descontar os effeitos das noticias boas ou más, e, quando o facto se realiza, a baixa ou a alta já tem dado o que tinham de dar.

Parece que a medida, cuja adopção melhor effeito produziu nas praças estrangeiras, foi a do arrendamento das estradas de ferro. O capitalista vê esta questão por aspectos multiplos. Sabe que a administração particular é mais barata, mais activa, mais reproductora que a administração publica. Sabe que uma boa estrada, bem dirigida, é um elemento de grande prosperidade para todas as regiões que atravessa, levando-lhes os generos de que necessitam, e dando facil escoamento aos que ellas produzem. Sabe que em um paiz novo e rico de recursos como o nosso o capital empregado em meios de transporte ha de ser forçosamente bem remunerado, e sabe-o porque tem a prova provada do facto nas estradas particulares que assim prosperam.

Por outro lado, elle vê a folga que em seus recursos financeiros vai ter o governo, fazendo tão larga operação, e sabe que a folga do Thesouro é a alta do cambio, e a alta do cambio é a expansão do commercio internacional, o desenvolvimento das emprezas de navegação transatlantica, os fornecimentos de machinas e material para as industrias, a vida, emfim, em toda a prodigiosa exuberancia de que é capaz um paiz riquissimo e inexplorado.

Si o Brazil conseguir o que ainda governo nenhum aqui conseguiu, o que bem poucos conseguem no velho mundo, ter orçamentos equilibrados durante dois ou tres annos, não serão os aventureiros que virão ao novo El-Dorado sondar as entranhas da terra, será o capital cauteloso que virá semear o ouro nas nossas terras fertilissimas. E para isso basta um pouco de energia no querer e de perseverança no executar, o que seria facillimo, si não fosse o demonio da politica.

Por exemplo, nos largos córtes que a commissão do senado se decidiu a fazer no orçamento do ministerio da industria e viação, lá está escondida a serpe traiçoeira na emenda que o Sr. Quintino Bocayuva apresentou a contragosto autorizando o governo a realizar algumas das despezas condemnadas. Não faltarão á argucia dos chefes politicos argumentos e algarismos para demonstrar que suspender as obras de tal ou tal estrada, deixar sem emprego o material já adquirido ou encommendado, representa um prejuizo maior que a economia realizada com a suspensão das obras. E como essas razões serão apresentadas por amigos, amigos que podem ser uteis em um momento dado, o espirito de partido facilmente attenderá aos seus clamores, e os bellos projectos ficarão em projectos.

Comprehende-se que não basta arrendar uma ou mais estradas de ferro e recolher o dinheiro do arrendamento, que folgará o Thesouro, emquanto não fôr gasto. E' preciso que a esse dinheiro se dê destino util, quer resgatando parte dos nossos encargos, quer empregando-o em melhoramentos necessarios.

Não nos parece que seja preciso depositar ouro nas arcas da rua do Sacramento, para que o nosso papel-moeda se valorize. Desde que o publico saiba que com esse papel adquire os generos de que precisa, e entre elles o ouro, quando tiver de o remetter

para o estrangeiro, pouco se lhe dá de saber que ha uma certa quantidade de metal a dormir em um estabelecimento publico para garantir o valor do papel que circula. O lastro metallico é uma das crendices que as gerações se transmittem. O que garante o valor do papel do governo é o equilibrio orçamentario, é o excesso da receita sobre a despeza, é a producção nacional augmentada. Veja-se o que se está passando ha dias na nossa praça. Em que melhoraram as condições do mercado? ha mais café do que havia ha um mez? diminuiria a importação? foi reduzida a remessa do papel-moeda? entrou para o Thesouro ouro em barra ou amoedado? Nada disso. O que ha apenas é a confiança que renasce, porque acredita que as medidas adoptadas presagiam um futuro mais ou menos remoto de effeitos beneficos. Os homens que conhecem o nosso mercado dizem que, na baixa inesperada a que chegámos, tres *pence* pelo menos representam simples desconfiança, a incerteza do dia de amanhan, a necessidade de estar precavido contra um accidente possivel.

Desde que esta hypothese se arreda, a confiança restabelece-se e o cambio passa a obedecer ás leis naturaes que o regem.

O Brazil já deve ao Sr. Dr. Prudente de Moraes um grande serviço. Durante dous annos tivemos plena e completa paz, vimos findar a luta civil no sul, e embora se não tenha dado impulso á vida nacional, não surgiram embaraços novos. Sem esse preparo, si podia ser possivel a politica de largos córtes nas despezas, não era possivel a politica activa de emprehendimentos que o seu substituto quer inaugurar, e que o Sr. Presidente da Republica, quando voltar ao poder, naturalmente continuará. Tudo tem o seu tempo e só a seu tempo póde ser feito.

Quanto aos partidos politicos, ou antes ao partido unico que domina a situação, os factos demonstram que elle vive de alternativas de arrogancias e condescendencias, conforma-se com todos os programmas, comtanto que tenha o seu quinhão nas posições e possa dispor das mesas eleitoraes. E' um mal, e mesmo um grande mal, mas que se ha de ir pouco a pouco remediando, com a organização de partidos novos, de programmas e intenções bem definidas, e menos pessoaes. E' que o publico já viu, com verdadeiro desgosto, que os nomes dos homens que nos dirigem não tem significação alguma. Um homem é nomeado ministro, e

ninguem sabe o que elle vai fazer, porque foi deputado, foi senador, e não houve uma ordem de idéas pela qual se batesse, não arvorou uma bandeira, não teve um programma politico. Ora, isto é que não póde continuar. Não sabemos como, pelos processos actuaes, hão de vir ás camaras homens capazes de agir por si, e congregar em torno de suas pessoas ou antes de suas idéas um grupo bastante importante para impor-se e fazel-as vingar; mas, as circumstancias fazem surgir os homens necessarios, e elles hão de apparecer, mau grado e com sorpreza dos que se enganarem escolhendo-os.

Em que pése aos que tanto malsinam a republica, é enorme o caminho percorrido nestes sete annos de governo, em que aliás tem avultado mais os erros que os actos acertados. Despertou o caracter nacional, toda a gente mais ou menos se interesse pela causa publica, sente-se palpitar a vida. Desde que haja quem trace com firmeza e criterio o caminho a seguir, não lhe hão de faltar dedicações, como não faltaram nas tremendas provas a que as instituições têm sido submettidas. Já tem custado muito sacrificio o novo regimen, para que possa estar longe a época da colheita. O terreno está preparado, e estamos em plena paz. A paixão partidaria politica, que os movimentos armados excitaram, está evidentemente acalmada. De toda a parte surgem protestos de apoio á ordem constitucional, de respeito ás leis e ás instituições que a nação livremente adoptou. Que importa que ainda se commettam erros, que ainda um partido unico use e abuse do poder? Elle mesmo sente que o seu tempo está a findar, e aquillo que lhe era facil em épocas anormaes tornar-se-á impossivel desde que a nação se sinta senhora de si e disposta a caminhar para os seus brilhantes destinos.

FERREIRA DE ARAUJO

NOTAS E OBSERVAÇÕES

A PLANTA DA RESURREIÇÃO

Ao nosso collaborador Sr. Dr. Garcia Redondo, escreveu o Sr. Carlos Euler, a seguinte carta:

«Vivamente interessado pela sua bella noticia, na *Revista*, sobre a nova Selaginella, peço a V. permissão de chamar a sua esclarecida attenção sobre um ponto fundamental, qual é a causa da singular faculdade de revivescencia ao contacto da agua, persuadindo que interessar-se-á por este lado da questão.

O professor A. Kerner, de Vienna, na sua magnifica obra *Pflanzenleben*, quando trata dos diversos meios de trasladação e propagação dos frutos e das sementes das plantas, enumera entre elles a agua da chuva e exprime-se do seguinte modo: «A primeira vista a agua da chuva, que escorrega das plantas e corre pelo terreno, póde parecer um meio de transporte muito efficaz para os frutos e sementes; verifica-se, porém, em ulterior exame que este meio constitue uma excepção relativa, e que nos casos onde elle se produz existe sempre um outro meio, como sendo de precaução.

Salientaremos duas plantas que se acham neste caso, conhecidas sob o nome de *rosa de Jerichó*, que já no tempo das cruzadas foram importadas do Oriente na Europa por causa do seu singular comportamento, que as fez rodear de diversas fabulas e superstições.

A primeira é a *Anastatica Hierochuntica*, uma crucifera, espalhada pelos desertos do Egypto, Arabia e Syria. Caracteriza-se pelo phenomeno que faz que os seus galhos, no tempo de maturação dos frutos, curvam-se em arco concentrico, fechando deste modo as numerosas vaginhas collocadas nas extremidades dos galhos, dentro de uma grade solida que as protege contra todos os perigos e assaltos. Nesta phase a planta toma as fórma de um novello, ou de uma rosa fechada e persiste nella emquanto secca.

---

(1) Lembramos aos leitores da *Revista Brazileira* que segundo declarámos em o nosso primeiro numero (1 de Janeiro de 1895) a *Revista* aceitará e publicará com muito prazer communicações originaes, breves e exactas, sobre toda a ordem de factos que possam esclarecer ou interessar questões de historia natural, politica ou literaria, biographia, etc. Não recusaremos tambem observações sobre os nossos proprios artigos, quando uteis e convenientemente feitas.

Mas assim que fica humedecida, a rosa abre-se, isto é, os galhos separam-se e tomam a sua posição primitiva. Os frutinhos tambem abrem-se e então a agua póde apoderar-se das sementes e transportal-as. Na natureza a Anastatica conserva-se fechada durante a prolongada secca que segue o tempo da maturação, e abre-se sómente na occasião das chuvas do inverno, que espalham então as suas sementes. A segunda rosa de Jerichó, *Arteriseus pygmaeus*, tem a sua patria no Sahara norte até a Palestina, e encontra-se principalmente nos arredores de Jerichó. São, porém, as suas folhas de envolucro, grupadas em roseta, e não os galhos, que se fecham sobre os frutos na época da sua maturação. No mais comporta-se exactamente com a primeira.»

Por ahi vê-se que o singular habito destas plantas não é outra coisa do que uma *adaptação* aos rigores do clima da sua patria, e partindo deste ponto de vista é evidente que identicas condições do ambiente, como abundam no norte do Brazil, devem ter dado a luz a especies como as do que occupa-se V. na sua interessantissima noticia, e cuja existencia, espero-o, não tardará a ser revelada depois do seu eloquente appello.

O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL

Do nosso collaborador, Sr. Dr. Licinio Cardoso recebeu o director da *Revista* a seguinte carta:

« Lembrai-vos certamente de que alguns dias após haver-vos eu enviado o meu escripto « O Positivismo e o Ensino Official» para ser publicado na *Revista Brazileira*, da qual sois muito digno director, dissestes-me que conveniencias de administração vos haviam induzido a traduzir para o portuguez os trechos de Augusto Comte por mim transcriptos na propria lingua franceza, contando com o meu assentimento.

Expondo-vos as razões que me haveriam aconselhado a não passar para o vernaculo a prosa do philosopho francez, acabei finalmente por approvar o vosso procedimento, tendo em vista as considerações que o motivaram.

Sabendo-vos, muito mais do que eu, conhecedor das linguas franceza e portugueza tranquillo fiquei a respeito da traducção, que só havia ter tido a ganhar com a troca de traductor.

E que effectivamente assim foi, vejo-o pelo que está publicado: a traducção faz honra aos creditos literarios do traductor. E' pena que algumas faltas escapadas á revisão tentem afeal-a; das quaes faltas tenho por principaes: um *por* em lugar de *para*; *a familiar* em lugar de *já familiar*; *escola positivista* em lugar de *escola positiva*; *do educador* em lugar *da educação*; *imitação* em lugar de *iniciação*.

Leitor habitual, entretanto, das obras de Augusto Comte, tenho aprendido a conhecer o sentido especial no qual emprega elle certos termos, e por isso não teria traduzido *essor* por *surto* como o fizestes. (1)

---

(1) Traduzindo *essor* por surto não fizemos mais que cingir-nos a traducção invariavelmente dada áquelle vocabulo pelos directores do positivismo entre nós nas suas publicações.—N. DA R.

Essor significa literalmente em francez, como o sabeis, o esforço que faz o passaro para alar-se na occasião do vôo (Larousse — *Dictionnaire Universel*), e surto significa tambem literalmente em portuguez *vôo* (Aulete) ou *vôo arrebatado, que a ave toma para o alto, em que se remonta muito* (Moraes).

Claro, pois, parece-me, que literariamente póde-se traduzir o *essor* francez pelo «surto» portuguez; mas não é no stricto sentido literal que Augusto Comte emprega um tal substantivo: emprega-o no sentido figurado, quando, entre outras significações, tem as seguintes, encontradas no Diccionario já citado, de Larousse: *libre développement, progrès: Les arts, l'industrie, prirent bientôt leur essor* (Acad). *L'arbre des forêts, entier dans son essor, végète plus longtemps que l'arbre étêté de nos jardins* (Virey) « *mouvement, impulsion, activité. Libre élan, libre carrière, etc.*

Ora tomando-se um trecho qualquer de Augusto Comte, vê-se logo que o termo *essor* representa muito mais, em seu espirito, a imagem de desenvolvimento que a de vôo. Abro ao acaso um dos volumes das suas obras; seja o 3º da *Politica Positiva* — capitulo 4º. Logo nas primeiras linhas encontro: Or, elle-même (trata-se da evolução affectiva) se résume toujours dans *l'essor graduel* de la sociabilité, vers lequel concurrent spontanément tous nos instincts sympathiques. Ainsi, cet *essor* fourni naturellement la meilleure mesure de *l'ensemble du développement humain*, pourvu qu'on ne méconaisse jamais sa double source. (evoluções activa e especulativa). En effet, il caractérise directement le *progrès continu* de notre veritable unité ».

Si, pois, por um lado o nosso *surto* portuguez não admitte o qualificativo *gradual*; não me constando pelo menos que algum classico o tenha assim empregado, ainda que figuradamente, e si, por outro lado, aquelle *essor* gradual fornece a melhor medida de conjunto do desenvolvimento humano, caracterizando o progresso continuo da verdadeira unidade, claro fica que para o philosopho *essor* não significa *surto*.

E si quizermos, ainda, coisa não menos clara é no mesmo capitulo pag. 301: « Tel fut le premier *essor* de la science abstraite d'après l'élaboration grecque, essentiellemente instituée par Thalès et son école ».

Ora, este *essor*, da sciencia abstracta, devido á Escola jonica, quando a sciencia e a philosophia estavam, ainda, confundidas, é simplesmente secular, pois que o periodo de maior florescencia dessa escola vai de meiados do seculo VII antes J. C. (Thales) até o seculo V (Democrito).

Ainda aqui o sentido de *essor* é o de um longo desenvolvimento e não o de *surto*.

E mais não é preciso, parece-me, para que bem justificado fique o meu modo de pensar a este respeito.

Abri ao acaso, como vos disse, um dos volumes das obras de Augusto Comte e encontrei logo frases bem elucidativas do meu designio, o que parece indicar correrem ellas a flux da penna do autor, e effectivamente assim é.

No proprio capitulo citado, da pag. 252, na qual começa, á pag. 301 d'onde tirei a 2.ª transcripção, diversas vezes emprega o autor o termo *essor* na construcção de frases não menos carecteristicas quanto ao sentido do vocabulo: ora fala de uma *população entregue ao «essor» militar* pag. 265, ora diz que nosso *essor* industrial constitue o resultado mais geral e mais precioso do regimen theocratico, pag. 279, etc.

Devo agora acrescentar, após este arrazoado, que não pretendo absolutamente accusar-vos de um *peccado* como traductor, e si o pretendesse, faltava-me, para tanto, a competencia.

As duas frases nas quaes encontrastes o vocabulo *essor* não eram claramente demonstrativas para o mister de vos fazerem notar a conveniencia de preferir-se á significação literal do termo o seu sentido translato.

Nada se póde razoavelmente increpar a quem diante de frases isoladas teve que cingir-se fatalmente ao seu sentido grammatical, sem ater-se de modo algum a quaesquer vistas philosophicas: é o vosso caso. Traduzistes como emerito literato que sois; eu teria traduzido consoante ao meu caracter de aprendiz de philosophia.

Muito me obrigareis, portanto, si quizerdes levar ao conhecimento dos leitores da *Revista* este meu modo de pensar.

Pedindo-vos mil desculpas pela impertinencia, sou etc.

LICINIO CARDOSO

Rua S. Clemente, 205.

INDICE DO TOMO VIII

Outubro a Dezembro de 1896

Pags.

HENRIQUETA RENAN, por Machado de Assis..... 5
A PENA ENTRE OS HEBREUS, por Arthur Orlando..... 19 e 92
O MINISTERIO PARANÁ, por Joaquim Nabuco..... 25
PLENILUNIO, poesia, de Raymundo Corrêa..... 41
HISTORIA DO DIREITO NACIONAL, por Sylvio Roméro... 43, 212 e 358
PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS ESTADOS-UNIDOS, por Oliveira Lima, 49, 142, 205..... e 371
AGARENO, romance, por Coelho Netto..... 65, 161 e 257
O PADRE JOSÉ MAURICIO, pelo Visconde de Taunay..... 72 e 196
O RISO, por Urbano Duarte..... 81
O ADVOGADO NA LITERATURA E NA VIDA REAL, por J. C. de Souza Bandeira..... 103
O VISCONDE DE PEDRA-BRANCA, pelo Barão de Loreto. 129, 221 e 265
AS ESTRADAS DE FERRO FEDERAES, por J. Pandiá Calogeras..... 148
FUNCÇÃO DO SUPREMO TRIBUNAL, por Lucio de Mendonça..... 170
A PLANTA DA RESURREIÇÃO (com estampas) por Garcia Redondo.. 176
IN EXCELSIS, poesia, por Magalhães de Azeredo..... 193
CANTORES DOUTRO TEMPO—HENRIQUE TAMBERLICK, por Escragnolle Doria..... 228 e 277
SETE ANNOS DE REPUBLICA NO BRAZIL, por Medeiros e Albuquerque 237
O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL, por Licinio Cardoso..... 286
EPISODIOS DA GUERRA DO PARAGUAY—A OCCUPAÇÃO DO TAYI—A PASSAGEM DE HUMAITÁ, pelo Visconde de Maracajú..... 296
O CLIMA DO BRAZIL, por L. Cruls..... 309

Pags.

NÃO CONSULTES MEDICO, por Machado de Assis..... 321

UM SONETO CELEBRE, pelo Visconde de Taunay..... 364

PREFACIO A UM LIVRO DE VERSOS, por Valentim Magalhães..... 351

REVISTA SCIENTIFICA, por L. Cruls..... 117, 244 e 377

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES..... 55, 187 e 314

BIBLIOGRAPHIA: José Verissimo: *As Regiões Amazonicas*, pelo Barão de Marajó, 58; *Livro das Noivas*, por Julia Lopes de Almeida, 59; *Chorographia do Brazil* e *Historia do Brazil* por R. Villa-Lobos, 185; *Estudos Sobre o Amazonas Limites do Estado*, por Torquato Tapajós, 187; — Escragnolle Doria, *Contos da Minha Terra*, por Armando Erse, 123; — Raul Villa-Lobos: *O Descobrimento do Brazil*, por Augusto de Carvalho, 124; — Marcio Nery: *Tratado de Hypnotismo*, pelo Dr. F. Fajardo, 250; — Silva Ramos: *Vida Burgueza*, por Antonio de Oliveira, 251; — *Livros e folhetos*, 60, 188 e 252.

A POLITICA, por Ferreira de Araujo... 61, 127, 189, 253, 319 e 383

NOTAS E OBSERVAÇÕES: A PLANTA DA RESURREIÇÃO: Carlos Euler — O POSITIVISMO E O ENSINO OFFICIAL: Licinio Cardoso..... 387

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 675

Stanford University Library
Stanford, California

In order that others may use this book, please return it as soon as possible, but not later than the date due.